

REVISTA ACADEMICA

JORNAL MENSAL.

DEZEMBRO DE 1853 A MARÇO DE 1854.

N.º 1-4.



Coimbra

IMPRENSA DA UNIVERSIDADE

1855.

10
7
14
6A

Sala
Gab.
Est.
Tab.
N.º

INDICE DOS ARTIGOS

CONTIDOS NOS SEGUINTES NUMEROS.

Srs.	N.º 1 — Dezembro de 1853.	Pag.
Os RR	Introdução	1
J. A. Santos e Silva	Associação	2
S. José de Carvalho	Liberdade do commercio	6
Alexandre Meyrelles	Paginas de vida intima	7
D. L.	Romances	12
	Poesia. Au pent suspendu de Porto	16
T. A. Ribeiro	Adeus, (<i>poesia</i>)	<i>ib.</i>
J. S. da S. Ferraz	Noites d'outomno (<i>poesia</i>)	<i>ib.</i>
Manoel Alves Guerra	Uma viagem ao Fayal	17
	Correspondencia	20
 N.º 2 — Janeiro de 1854. 		
S. José de Carvalho	Liberdade do commercio	21
Torres e Almeida	Fragmento	23
A. A. Giraldes	Instrucção publica	25
Santos e Silva	Uma hora de meditação	29
	Epitre à * * *	33
J. G. de Barros e Cunha	Saudades (<i>poesia</i>)	<i>ib.</i>
F. Soares Franco Junior	Passado e presente (<i>poesia</i>)	34
Alexandre Meyrelles	Paginas de vida intima	35
M. A. Guerra	Uma viagem ao Fayal	37
A. J. Teixeira	Typos populares	39
 N.º 3 — Fevereiro de 1854. 		
J. C. Harcourt	Estudos historicos	41
F. Soares Franco Junior	Recordação	44
Santos e Silva	Physiologia	46
Alexandre Meyrelles	Paginas de vida intima	49
Maria C. de C. C. de V.	Rosa de maio (<i>poesia</i>)	52
	A une branche de lilas	53
Ernesto Marecos	Morte do Corpo (<i>poesia</i>)	<i>ib.</i>
J. S. da S. Ferraz	Noites d'outomno (<i>poesia</i>)	54
T. A. Ribeiro	O amor d'um rei (<i>poesia</i>)	55
S. de C.	Cartas a Laura	56
A. Ayres	Ao meu anjo (<i>poesia</i>)	57
Torres e Almeida	Theatro Academico	59
	Publicações Litterarias	60
 N.º 4 — Março de 1854. 		
Augusto Philippe Simões	Raças humanas	61
Alexandre Meyrelles	Necrologio	63
S. A.	L'amitié	<i>ib.</i>
A. A. Giraldes	Aerostação	65
	Bibliographia	68
	Meditation	<i>ib.</i>
T. A. Ribeiro	O Castello de Pombal	69
G. de Queiroz B. d'A. e V.	Ao meu amigo J. J. de S. Torres e Almeida (<i>poesia</i>)	70
Alexandre Meyrelles	Paginas de vida intima	<i>ib.</i>
J. Teixeira de Queiroz	Do credito e dos bancos	72
Alexandre Meyrelles	Discurso	78

REVISTA ACADEMICA

PUBLICAÇÃO MENSAL, LITTERARIA E SCIENTIFICA.

INTRODUÇÃO.



Ainda não ha muitos annos, que uma robusta e briosa geração academica cruzava, ebria de prazer e contentamento, as ruas de Coimbra, lendo, escrevendo, publicando peças d'eloquencia e de poesia, que fariam inveja aos mais famosos litteratos da época, e passeando ao longo das margens do Mondego, ora curtindo saudades da patria, ora bebendo na suave melancholia de suas crystalinas aguas as torrentes de poesia, com que depois inundava os prelos da Revista Academica. E longe não vai tambem a época, em que o Theatro Academico parecia vergar de baixo do peso das cordas, com que os filhos de Minerva costumam adornar as frentes dos predilectos das musas. Era uma festa perpetua do coração, que embriagava os mancebos d'aquelle tempo, geração benemerita, em cujo peito Deus havia depositado o germen da sabedoria, e que caminhava, altiva a frente e com a mão sobre o coração, ao fim sublime, a que aspiram as almas escolhidas, os corações ardentes e as intelligencias elevadas. Profundas são porém as alterações que o tempo deixa após si na sua veloz carreira.

Que é feito d'esses mancebos, cujo peito batia sempre ao pronunciar os doces nomes d'amor e liberdade? Onde estão esses soldados valentes, que corriam para o combate com o peito descoberto, e o rosto erguido para o céu, que elles tomavam por testemunha de sua lealdade e firmeza?

Mais altos misteres lhes prendem agora o espirito e o coração; d'antes, neophitos da sciencia, possuíam apenas esse desejo ardente das pelejas, sempre precursor de acções heroicas; hoje muitos d'elles, veteranos da imprensa, consagram-lhe todos os instantes da sua vida.

Seus nomes ficaram com tudo registrados nas paginas gloriosas da litteratura d'aquelle tempo.

Quem é que não conserva de cor muitos

trechos do livro d'Elisa, d'esse bello poema do coração, aonde o poeta da *Lua de Londres* vasava todos os moldes da sua alma apaixonada?

Muitos ainda se lembram de o ver passar, radiante a frente, o rosto accendido e allumiado pelo fogo do enthusiasmo e da poesia, dirigir-se ao penedo da *meditação*, e sentar-se n'aquelle pincaro terrivel, qual propheta inspirado, a conversar com os elementos.

Quem n'esta formosa terra do Mondego esqueceu já as melodiosas trovas do auctor da poesia *Torres-Vedras*, tão doces, tão sentidas, que ao lel-as experimenta a alma um deleite suave, voluptuoso e meigo, como o sorriso da virgem, quando seus labios descobrem pela vez primeira sob a pressão de um estreito e phrenetico abraço!

Quem não inclina hoje a cabeça deante das palavras, graves, severas, mas eloquentes, do escriptor que a Universidade contou sempre entre os seus filhos os mais distinctos? Não vos parece que a sua voz majestosa, levantando as cortinas do passado, quer remontar comvosco n'um rapido vôo até ao throno do Eterno?

Que mais diremos d'outros tantos, cujas palmas estão ainda virentes, e cujos nomes são um estímulo para presentes e vindouros?

Tudo quanto vos dissessemos seria pouco, que não bastam as estreitas dimensões d'este artigo, para enumerar seus triumphos no dominio da sciencia e da litteratura.

Não! elles não profanaram as sublimes crenças de Deus e do amor! Não! elles não calcaram aos pés os seus juramentos, que os vimos sempre firmes ao lado da bandeira que hastearam em defesa da liberdade.

Mas deixaram-nos um legado precioso, uma herança gloriosa, um nome sagrado pela immortalidade: deixaram-nos a *Revista Academica*.

E havemos de desprezar a herança, e man-

char o nome, conservando-nos n'uma inercia vergonhosa! ? E não havemos d'abrir os sellos que fecham esse testamento de gloria? E consentiremos que o jornalismo nos continue a arremessar ás faces essa ironia pungente, com que por vezes tem vilipendiado o nome academico « vós não sois dignos de trajar as vestes da sciencia que vos cobrem! »

Ahi vem pois sentar-se de novo nos arraiaes da imprensa a Revista Academica; vem religiosamente cumprir a sua missão no mundo litterario; se lhe minguarem as forças, se lhe fallecer o ingenho, não lhe hão-de faltar, querendo Deus, nem a fé que vivifica, nem a esperança que regenera.

Os Redactores da Revista conhecem a immensa responsabilidade, que hoje pésa sobre seus hombros, e que entre elles e os que immortalizaram as suas antigas paginas ha talvez um abysmo; mas ainda assim não ignoram tambem, que não podem, nem devem esquivar-se a todos os sacrificios e vigalias, para um dia bem merecer das gerações futuras.

É excusado dizer que as columnas da Revista Academica tornam a ser abertas franca e lealmente para todos os amigos das letras, Academicos e não Academicos, talentos ainda em germen, e ingenhos já floridos e provados nas batalhas da intelligencia: a Revista, surgindo das ruínas do passado, não faz mais do que levantar um pendão sympathico á mocidade e á patria, que exulta sempre em ver reunida em roda d'elle a flor de seus filhos os mais caros.

A Revista discutirá sempre pacifica e lealmente, e o seu verbo será o da sua antiga irmã — justiça para todos, e amor e compaixão para esta terra, que hoje, mais do que nunca, há mister de todos os esforços da intelligencia, de todos os recursos do coração, para um dia tomar o logar que lhe compete no grande banquete das nações, que marcham na vanguarda da civilização.

Os RR.

ASSOCIAÇÃO.

I.

Não será talvez desassisado, no meio da frieza universal, com que os velhos caudilhos da democracia encaram, hoje entre nós, o mais sancto dos dogmas sociaes, escrever para ahi

quatro linhas, que levem o convencimento ao espirito das classes laboriosas, de que se não extinguiram ainda as crenças d'alma, em todos os filhos de Portugal; de que o astro brilhante do progresso ainda allumia a razão, e fortalece a consciencia dos que se votaram, por uma vez e sem reserva, á mais justa das causas — á emancipação da classe proletaria.

Sómos filho legitimo da eschola democratico-social. É n'esta religião da humanidade, que hemos aspirado os mais sublimes mysterios da regeneração social; é para ella que hão convergido todos os esforços isolados das nossas ardentes convicções. Não renegamos o credo democratico, nem nos deslumbriamo os grotescos ouropes dos privilegiados da época. Temos fé e esperança no futuro, e sobra-nos a resignação para aguardarmos, na mystica adoração do nosso culto, a hora da resurreição universal.

Os phenomenos politicos, que, ha cinco annos a esta parte, se teem succedido na Europa, com a espantosa velocidade do fluido electrico, hão feito oscillar o pendão da liberdade, entre o individualismo e o socialismo. A victoria pertence de facto e interinamente ao egoismo obscurante; mas de direito, mas no campo da philosophia e da justiça, ha muito tempo que os tropheos hão sido preza dos regeneradores do seculo 19.

A liberdade d'imprensa, apesar da atroz perseguição, com que ha sido fustigada pelos lictores d'um *governamentalismo* despotico, tem sido felizmente a vara de Moysés, fazendo brotar de rochedos aparentemente estereis o liquido vivificante, que vae hoje animando, pouco a pouco, o cadaver, outr'ora extenuado, d'uma sociedade, que miraculosamente se transforma.

Eia pois, filhos do povo! Trabalhae e espreae! Escutae, attentos e convictos, a doutrina evangelica dos vossos sacerdotes e apóstolos! Retemperae a vossa fé desfallecida, no culto mysterioso d'uma austera moralidade! Remodelaе a vossa vida, infelizmente embaciada, pela pestifera contagação dos *judeus reis da época*, nas paginas edificantes do grande *Martyr da Democracia!* Abraçae-vos com a cruz de Christo, e soletrae, n'esse livro ensanguentado dos destinos da humanidade, o grande principio synthetico das theorias sociaes — a Associação!

II.

Antes de desinvolvermos concisamente o

principio synthetico das theorias sociaes — a associação — ou de analysarmos rapidamente o modo de realização do fim social, cumprenos traçar duas linhas sobre as diversas escholas, onde se discute a natureza, origem e leis da sociedade em geral.

A eschola theologica, fascinada por uma facil theoria, que a dispensava de penetrar philosophicamente nas graves meditações das leis, que regem a evolução progressiva da humanidade, chegou desgraçadamente a ser blasphema! *De Maistre e de Bonald, Adam Muller e Van Haller*, torcendo a seu modo os principios fecundos da religião christã, encastellando-se no baluarte intangivel das tradições e revelação, dogmatizam, com o entono d'uma *infallibilidade papal*, as abstrusas premissas dos mais extranhos syllogismos: ouçamol-os.

A sociedade não deve ser considerada como instituição humana, mas sim como obra divina, estabelecida por Deus, por meio de leis immutaveis, e com um fim religioso. Por conseguinte a sociedade existe e desinvolve-se, segundo leis superiores ás forças e faculdades humanas. Toda a mudança, que o homem quizesse operar n'ella, segundo as idéas da sua razão, seria um ataque á obra de Deus, uma revolta do orgulho humano contra a vontade divina. A sociedade não é dependente da razão humana, nem lhe é sujeita no seu desinvolvimento. Deus, para não expôr as primeiras condições da existencia humana ás vicissitudes d'uma faculdade variavel, e sujeita ao erro, deu á sociedade leis, collocadas acima da liberdade, tão sagradas, como a propria vontade de Deus. O homem não póde penetrar estas leis, que são para elle incompreensiveis, como Deus de quem dimanam. Todas as tentativas do homem para descobrir, determinar, formular, e resumir as dictas leis n'um codigo de legislação, são infructiferas, sacrilegas, e inspiradas pelo demonio, e pela fatuidade orgulhosa do espirito humano. Para que o homem, incapaz de conhecer estas leis, possa com tudo conformar com ellas suas acções, e tornal-as justas, deve seguir em tudo a tradição, que é a transmissão viva da revelação, da vontade, e das leis divinas: tradição que se exprime, na vida civil e politica, pelos habitos e costumes, que se devem religiosamente observar.

São estes os topicos d'uma eschola, que renega as conquistas da razão; que desconhece as lentas transformações, por que a sociedade ha passado; que esconde, nos pro-

cessos da sua logica irracional, uma heretica accusação á Divindade — imbecil e impotente, que não tem sido capaz de fazer respeitar as suas leis immutaveis e eternas, que a moderna civilização vai desmoronando!!! Uma eschola que assim legisla, apunhalá-se com as suas proprias armas. O *crê* ou *morre* é doutrina relegada no cego fatalismo do Koran, que não é de certo a orthodoxia dos catholicos da eschola theologica.

III.

A eschola de Hugo e Savigny, conhecida pela devisa d'eschola historica, e que tantos pontos de contacto tem com a precedente, considera a sociedade como producto do instincto natural do homem, e desinvolvendo-se por conseguinte, não segundo as leis da razão e liberdade, mas segundo o instincto infellectual. Comparando o desinvolvimento da sociedade ao da linguagem, que progredde, sem que os homens tenham d'isso consciencia, é fatalmente arrastada a consideral-a como um ser organico, vivendo sob as leis necessarias e imperiosas da natureza, a que devem ser sujeitas a razão com a liberdade. Segundo Hugo e Savigny, o desinvolvimento organico e instinctivo opera-se, *logica e racionalmente*, nos usos e costumes, que são os que exprimem genuinamente o estado de cultura d'uma nação. Não devem pois haver leis escriptas; porque ou não são mais que a fórmula vaga e abstracta das venerandas usanças d'um povo culto, ou retêem a desinvolução progressiva da sociedade, sopeando o livre exercicio dos costumes, encadeados, por est'arte, no seu genio, e na sua espontaneidade instinctiva e natural. As legislações são ordinariamente o toque d'alarma do desmoronamento social; são a trombeta do valle de Josaphat, que vai reduzir ao chaos, de que saíra, a obra prodigiosa dos seis dias. — São estas as idéas resumidas dos chefes da eschola que discutimos.

Não seremos nós os que neguemos, que na sociedade e no individuo, o instincto se manifesta, se desinvolve, e se eleva. Os estudos philosophicos sobre a natureza da sociedade, tão intimamente ligados com a anthropologia, ou doutrina philosophica do homem, não podem de certo renegar as verdades, que a sciencia conquistou com as armas victoriosas da physiologia. Mas na sociedade, bem como no individuo, a razão vae sempre ganhando sobre o instincto, a reflexão sobre a

espontaneidade natural. As manifestações da philosophia são quem vão constituindo o reinado da liberdade. É esta a característica da nossa especie; é isto que constitue no homem o progresso. Desconhecer esta verdade, é negar pertinazmente as leis fundamentais do progresso social. É rasgar na fronte do homem a sua carta de privilegios de ente livre e racional. É affrontar as doutrinas incontroversas do livre arbitrio. É, por mais que se contorçam n'uma esteril escolastica, reduzir o homem á condição de bruto.

IV.

A terceira escola, a escola encyclopedica do seculo 18.º, funda-se n'um grande e fecundo principio — a liberdade. A sociedade é o effeito da vontade collectiva dos homens, seres essencialmente livres e independentes. A liberdade é a fórmula mais extensa da verdadeira theoria social. A sociedade, moldando as suas leis no principio do direito, que é a expressão do justo, traça as diferentes esferas, dentro das quaes o homem tem inteira independencia, para obrar ou deixar d'obrar. As suas linhas de respeito param, onde começam as esferas dos outros entes sociaes. Os seus deveres, as suas obrigações correlativas são unicamente negativas.

As abstracções philosophicas d'esta escola liberal, a pesar d'acobertadas com o manto inviolavel da liberdade em tudo e para todos, não teem podido resistir aos golpes despidosos, que lhes tem descarregado a escola racionalista, ou, mais propriamente dicta, socialista. Uma doutrina, puramente critica e destructiva, não podia deixar de ser desautorada perante uma sociedade, a quem não podia ministrar os elementos necessarios para a sua organização.

A doutrina encyclopedica é uma paraphrase pomposa do principio egoista do velho testamento: *não faças a outrem o que não quererias que te fizessem* (Liv. de Tobias, 4, 16.). A doutrina socialista é a traducção litteral do generoso principio do novo testamento: *faze constantemente aos outros o bem que quererias que te fizessem; isto é que é a lei e os prophetas* (S. Mattheus, 7.º 12.). A doutrina encyclopedica responde aos clamores angustiosos do proletario, com a indiferença imperturbavel do scepticismo, ou com as travessuras pharisaicas do cynismo. Ao sitio — eu tenho sede — da humanidade, per-

sonificada na augusta victima do Calvario, responde com o fel e o absyntho dos judeus, irreprehensivelmente compendiados nesse novo feudalismo, que tem por brazão o egoismo, por armadura de ferro os seus thesouros, e por campo de façanhas a usura, a agiotagem, e o monopolio. A doutrina socialista diz aos homens: vossos direitos são eguaes na sociedade; não só tendes direito a exigir dos outros, que vos ministrem as necessarias condições para a realização do vosso fim racional, ou para o inteiro desinvolvimento das vossas faculdades phisicas, moraes, e intellectuaes; mas a sociedade, ou vossos irmãos teem restricta obrigação de vos dispensar todos os meios que tendam a estabelecer o equilibrio e a harmonia entre os diferentes mistéres, a que vos heis votado na sancta tarefa da religião e da moral, da instrucção e do trabalho. A seita immoral do individualismo responde ao — *esurivi, et non dedistis mihi manducare* — tive fome e não me destes de comer — com a phrase sarcastica d'um convite malicioso — *trabalhae!* Disfarça a philosophia aristotelica no jugo iniquo do salario! A escola humanitaria escreve nas suas bandeiras o principio da fraternidade, e proclama como leis sociaes os deveres positivos da moral. A seita immoral do individualismo preconisa, como dogma, as suas inspirações malthusianas, e lavra no ferrolho das suas burras o epitafio da mais negra desmoralização: *Um operario em Economia Politica, não é mais que um capital fixo, accumulado pelo paiz que o sustentou, durante o seu apprendizado, e o completo desinvolvimento das suas forças. Em relação á producção da riqueza, deve de ser considerado como uma maquina, em cuja construcção se empregou um capital, que começa de ser embolsado, e de pagar o juro, desde o momento que se torna um auxiliar util para a industria.* (Cours eclectique d'economie politique).

A escola humanitaria stigmatiza as theorias degradantes d'um brutal materialismo; eleva o homem á sua nobre posição d'ente livre e racional; e remodela, sobre as ruinas do atheismo doutrinario, o majestoso edificio das theorias da egualdade, liberdade, moralidade, e associação.

V.

Não cabe de certo nas proporções limitadas d'um artigo, passar em revista as diferentes escolas sociaes, que se teem succe-

dido, no seculo 19.º, desde *S. Simon e Fourier*, até *Louis Blanc e Proudhon*. Todos os generosos esforços d'estes nobres athletas do progresso teem sido inspirados pelos gemidos clamorosos do operario agonisante. Se todos, ou parte d'elles teem errado, nas leis e condições vitaes da verdadeira e livre associação, nem por isso a humanidade tem perdido; da discussão livre e conscienciosa, da mesma controversia das eschololas, do chaos e da anarchia, se quizerem, ha de um dia sair a ordem universal.

Nenhum d'elles porém renegou ainda o grande principio da associação, modo unico e verdadeiro de todos os fins importantes da sociedade. Alistados sob este principio universal, os apóstolos da nova religião tractam de desbravar o terreno inculto, e arvorar a bandeira sympathica da humanidade, que acolha debaixo das suas pregas todos os homens, e apague na frente de muitos d'elles o rotulo affrontoso de filhos prodigos, rebeldes, e relapsos!

VI.

O exame dos sóffrimentos das classes laboriosas, nas nações, em que o systema exclusivo de liberdade individual, descercado de todos os elementos, que ao mesmo tempo que o vivificam, lhe soffrêam as tendencias perigosas, e lhe matam os abusos execrandos, levou finalmente a convicção ao espirito dos homens pensadores, de que a sociedade fora predestinada, nas suas regras de direito e de moral, para commettimentos mais transcendentos e honrosos, que aquelles em que no momento se acha empenhada — a exploração do homem pelo homem!

Os individualistas no proseguimento das suas doutrinas egoistas e immoraes, teem semeado a discordia na sociedade, teem arvorado em potencia social a doutrina vandalica de Hobbes; teem estabelecido a lucta cruenta da fome com a superabundancia; teem feito desinvolver a guerra immoral dos interesses; teem reduzido a um estado de sitio permanente o asylo inviolavel da liberdade; teem suspendido o *habeas corpus* da democracia; teem finalmente, como a serpente enregelada, envenenado o peito, que os acalentou, sopeando e matando em seus irmãos, a liberdade, que em luctas sanguinosas lhes remiram!

A associação é a nova alavanca da actividade humana. É o anel da cadêa, que um dia ha de harmonizar todos os esforços indivi-

duaes. É a estrella brilhante, que guiará, ao porto commum de salvação, todos os naufragos perdidos, no oceano das guerras fratricidas. A associação é o emblema que enlaça fraternalmente as tres graças — a divina trilogia — a intelligencia, o sentimento, e a vontade — que representa artisticamente o progresso. É a panacêa para todos os males sociaes, que teem transtornado o equilibrio, e desmantelado pela base todas as esferas da actividade social. É a bandeira conciliadora, que fraterniza o interesse individual com o geral; que harmoniza a theoria dos direitos e obrigações individuaes com os direitos e deveres sociaes. A associação é a synthese de todas as brilhantes conquistas da philosophia e da razão. Associação livre, pois, para todos os fins racionaes! Associação, na vida physica, moral e intellectual do homem e da sociedade! Seja esta o novo pendão, que reuna em torno de si todos os amigos do progresso, e da liberdade racional.

VII.

Aos evangelizadores da eschola democratica cumpre dirigir o povo n'esta sancta cruzada do progresso. É necessario primeiro que tudo, que a familia dos proletarios penetre conscienciosamente as regras fundamentaes das theorias socialistas. Que não venham as heresias dos espiritos desvairados, e dos cerebros morbidamente escandecidos, assustar a timida cohorte dos burguezes! Que os fanaticos da propriedade e capital não despreguem do alto das mesquitas o sancto estandarte do propheta, e não chamem os turcos para a guerra, motivada pela nova lei agraria dos *Grachos* do seculo 19.º!

A democracia social, não pede os *phalansterios* de *Fourrier*, nem as *communas-modelos* de *Considerant*; não pede a *Icaria* de *Cabet*, nem a *Constituição trinitaria* de *Leroux*.

A democracia social não adopta as proposições mysticas, theogonicas, e transcendentaes, d'um socialismo extravagante e impossivel; não vae deduzir dos escriptos de *Proudhon* a anniquilação da propriedade; não ajoelha com *Louis Blanc* nos degraus da dictadura disfarçada; nem vae prestar preito e menagem ao governo, que absorva, e concentre em si, toda a actividade e independencia das differentes esferas sociaes.

A democracia social quer que se garantam o sustento ao proletario; quer trabalho, in-

strucção, e moralidade para todos; quer a extinção do pauperismo; quer a emancipação industrial; quer que acabe a exploração do homem pelo homem, motivada pela exaggerada accumulção dos capitães. A democracia social quer o equilibrio dos interesses, fundado n'uma nova organização das forças economicas — o trabalho, a força collectiva, o crédito, a propriedade, etc. —; quer a solução livre e pacifica de todos os problemas, que agitam hoje a sociedade.

A democracia social quer a emancipação politica, pela organização do suffragio universal; pela descentralização dos poderes do estado; pela lenta abolição da auctoridade; pela simplificação do governo; e pela centralização independente das funcções sociaes. A democracia social quer independencia e eleição para todos os encargos sociaes; responsabilidade e publicidade para todos os actos; quer fazer sair toda a sciencia do governo e administração da sociedade d'um unico principio — do mandato. — A democracia social quer que a religião e a moral sejam os laços espirituaes, que retenham os homens na practica das virtudes. A democracia social quer a paz, a liberdade, e a fraternidade universal.

Santos e Silva.

LIBERDADE DO COMMERCIO.

Les révolutions opérées par le génie dans le monde des principes se terminent toujours par une révolution dans le monde actif et populaire.

AIMÉ MARTIN.

L

Hoje que os obreiros da moderna civilização vão demolindo e derrocando o velho edificio social, caíndo aos golpes do camartello reformador essas instituições anômalas e absurdas, que fariam muito embora a gloria de seus instituidores na época que as viu nascer, mas que á face do mundo actual não ha fim que as justifique, nem razão que as legitime: hoje que as theorias banaes, que os processos ronceiros, que os preconceitos pueris, vão cedendo campo ás theorias luminosas, aos inventos maravilhosos e aos principios philosophicos: hoje finalmente, que a par do edificio que se desmorona e desconjuncta, se profundam os alicerces, se sondam as bases onde a nova mole social deva assentar: é de interesse para todos, veteranos, ou noveis na cruzada da civilização, Gregos, ou Troianos

nos arraiaes d'essa cruzada, o meditar profunda e tenazmente sobre o plano que ha á seguir na execução da obra que Deus lhes confiou.

As linhas d'esse plano admiravel traçou-as já o dedo mysterioso da Providencia: são as idéas d'ordem e harmonia, que transluzem em todas as obras da criação, e que se revelam ao homem, nas leis que regulam e determinam os phenomenos do mundo physico, e nas que devem regular e determinar tambem os factos da ordem moral.

É na investigação d'essas idéas, e na descoberta d'essas leis, que consiste o fim principal da sciencia humana.

As lucubrações profundas do sabio, a contensão d'espirito n'essas aturadas vigalias a que se dedica, não podem ter fim mais elevado, nem aspiração mais grandiosa.

Foi essa a gloria, a que aspiraram os nomes, que a sciencia, com mais orgulho, registra nos seus annaes; e sempre que a fortuna coroou taes esforços com um resultado feliz, se alargou a área dos conhecimentos humanos, plantando-se mais um marco miliario no caminho da civilização.

Não basta porém ter descoberto um principio, applaudil-o, incensal-o nas elevadas regiões da theoria; em sciencias sociaes onde a applicação é tudo, a contemplação extatica d'um principio, seria a mais banal das homenagens que lhe prestassemos; convertel-o n'uma realidade practica, seria a mais evidente das demonstrações, que lhe dessemos. A sciencia rejeita como frivolos e pueris, esses entes de razão creados pelas aberrações do genio, aliás tão frequentes, quando a argucia e o sophisma, cruzando-se na lucta d'uma argumentação esteril e ingloria, reservavam para si as honras da dialectica.

Longe vai porém essa época, e felizmente! Hoje a idéa, que só em theoria merecer applauso, desesperando-se porém da sua applicação practica, caducou por natureza.

Será porém esta a condição do grande principio da liberdade de commercio? Creemos que não.

As questões sociaes, tomando o vulto e importancia, que legitimamente lhes concede este seculo de philosophia experimental, são o thema privilegiado das discussões scientificas.

Os systemas succedem-se aos systemas, condemna-se hoje como erro, o que hontem ainda se applaudia como verdade; e não será este perpassar successivo d'opinões diver-

sas, pelos já cansados prélos da imprensa, o seguro prognostico d'uma revolução grande nos fastos sociaes?

E não deverá por ventura essa revolução ser a traducção fiel dos principios, que a sciencia proclama, e que impressos já na consciencia da opinião publica, se converteram n'uma necessidade, cuja satisfação ella imperiosamente exige?

Entre esses principios porém o que mais radicado está na convicção geral, o que mais afaga as esperanças, dos que ainda sinceramente crêem no futuro, é o principio da liberdade do commercio, principio justo como a lei da egualdade, cuja expressão elle é, sublimo como o pensamento que lhe deu o ser — a liberdade.

Por isso tambem, quando deixar de ser uma aspiração, para se tornar uma realidade, quando essa idéa incarnar no código das nações civilizadas, ter-se-ha escripto a mais brilhante pagina da historia moderna. *Proclamar a liberdade commercial, é proclamar tambem a paz universal; estabelecê-la, é ligar entre si, pelos vinculos do interesse reciproco, todos os povos do mundo*; exclamava Cobden, o protagonista d'esse pomposo drama, de que acaba de ser theatro a Inglaterra; o orador que pela viveza da linguagem, pelo colorido do estylo, pela nervosa argumentação de seus discursos, tanto contribuiu para o completo triumpho da celebre Liga contra a lei dos cereaes — (*anti — corn — lawr — league*).

É que Cobden comprehendêra bem as tendencias e espirito da época. O trecho que apresentamos, não é uma asserção vaga do illustre orador, é antes uma sentença sublime devida ao estudo philosophico da sociedade actual.

As nações livres, como que partindo o cinto de ferro, que as algemava, e opprimia, apresentam-se hoje com toda a energia da sua força, mostrando ás nações barbaras o que póde a liberdade. Com o orgulho da superioridade offerecem, ainda assim, o abraço fraterno em vez do repudio fatal. É o predominio da civilização sobre a barbaria d'outras eras. Roma, a cidade por excellencia, não fazia tanto; offerecia a paz, apontando orgulhosa para a massa de suas legiões. Queria a centralização, era esse o seu pensamento politico; mas a centralização pelo predominio da força, a unidade pelos vinculos do respeito e do terror.

O proprio systema de colonização era ape-

nas, para os politicos d'esse tempo, o meio de fazer alastrar, pelo sólo estrangeiro, as raizes d'essa arvore immensa, que tantos povos cobria já com sua sombra.

Pensavam, entroncando assim raças diversas, fazer predominar, pelos laços de sangue o pensamento d'unidade.

A idéa era altamente politica; faltava porém a Roma o conhecer, que os vinculos de parentesco, são, entre povos distinctos, laços que pouco prendem. As nações, como o individuo, emancipam-se da auctoridade tutelar, uma vez que pelo seu desinvolvimento cheguem a ter consciencia de sua propria força.

Roma desconheceu esta verdade; a politica de hoje reconhece-a, e proclama-a como um principio salutar. Quer-se a centralização, sob o predominio da liberdade; a unidade, pelos vinculos do interesse reciproco; a emancipação, pelos foros do trabalho livre.

O *panem et circenses*, a mais odiosa das maximas dos antigos *contemporisadores* politicos, esqueceu-se hoje; como tambem o principio barbaro, que fazia considerar inimigas duas nações distinctas, pelo simples facto de sua diversa nacionalidade.

A verdadeira philosophia prégando a egualdade entre os homens, abolindo a realza do privilegio, e a distincção vergonhosa das raças, tende a fazer de cada povo, uma só e mesma familia; de nações diversas, uma só e mesma nação.

É esta a lei da egualdade, que se traduz, no mundo politico, pela egualdade formal, no mundo economico pela liberdade de commercio.

(*Continúa.*)

Sebastião José de Carvalho.

PAGINAS DE VIDA INTIMA (1).

AO MEU AMIGO JOSÉ BENSABAT.

Tinha eu outr'ora na minha infancia, meu cara Bensabat, um velho amigo que amava muito, e cujos cabellos brancos inspiravam respeito e veneração; sua imagem, nas horas vagas da solidão e da melancholia, nos amargos instantes do padecer e da angustia,

(1) Havendo cessado a publicação das *Paginas de vida intima* no jornal — Instituto, por motivos ponderados por mim, e que é ocioso agora referir, resolvi-me a cumprir a promessa que então havia feito, de dar remate a este meu trabalho litterario; o que agora faço, aproveitando este ensejo, em que a Revista Academica, torna a ver a luz do dia, para dar testemunho dos desejos ardentos e nunca desmentidos, de progresso e instrucção, que brotam nos animos da mocidade Academica.

Alexandre Meyrelles.

erguia-se deante de mim risonha e pura, e parecia apontar-me para o futuro e para Deus.

A fronte espaçosa e larga, os olhos cheios de fogo, o garbo majestoso, davam a sua phisionomia um aspecto verdadeiramente sollemne; era uma d'essas almas de rija tempera, por onde não havia ainda passado nem o tufão das tempestades humanas, nem o halito impuro das paixões violentas.

Ahi, n'essa terra (1) em que nascemos, e cujo nome só por si é um padrão glorioso que ha de durar em quanto durarem os negros penhascos que a cercam, víra elle apenas accenderem-se ás labaredas do incendio que havia d'abrazar depois o nosso bello paiz; saudára com enthusiasmo o futuro risonho que parecia erguer-se para a patria, e exultára de contentamento, ao lembrar-se de que o ferrete da oppressão fa finalmente ser riscado da frente dos que tinham direitos a invocar no banquete de homens livres.

Quantas vezes não achára regado com lagrimas o campo lavrado pelo braço robusto do operario Açoriano? Como se lhe não confrangia de dôr o coração, quando assentado sobre algum elevado cabeço, das immensas campinas, que cultivava, extendia os olhos pelo horizonte dos mares, e via ao longe despontar um navio, que se dizia transportar para as regiões da America, homens, mulheres e crianças, para alli serem vendidas n'um bazar infame!!

N'esse dia voltava triste e pensativo para casa, mas esperando sempre que o futuro trouxesse dias mais risonhos.

Todavia o tempo, esse cavalleiro incansavel, que nunca pára, veiu em breve ceifar as flores que elle cultivava com tanto desvelo e amor; e assim como a vaga que varre as areias da praia, apagou na frente do ancião a aureola de suas mais viçosas esperanças.

Vi-o quando a descrença lavrára em sua alma sulcos tão profundos, como os que deixa na terra o ferro do arado, e conheci que a perversidade dos homens havia lançado n'aquelle terreno, outr'ora cheio de seiva e exuberante de vida, a semente destruidora da duvida.

As minhas crenças não eram, comtudo, como as d'elle. Amava com muita fé, com muito ardor; e esse amor profundo, immenso, absorvia por assim dizer todo o meu ser. Detestava a duvida, porque a reputava uma enfermidade moral, que devora a intelligen-

cia e suffoca todas essas nobres aspirações, que encaminham o espirito para Deus.

Era a elle que deviam ser offerecidas estas paginas. Quando emprehendi este trabalho, lembrei-me sempre com prazer, de que as vistas d'esse amigo generoso se fixariam um dia sobre os caracteres escriptos pela mão do mancebo, que elle amava estremosamente, e a quem dava muitas vezes o nome de filho.

Não o quiz Deus assim. Paixões de homens, que não crêem na generosidade dos affectos humanos, ergueram entre mim e elle uma barreira, e poderam destruir n'um instante o que os annos não haviam podido fazer até alli.

Ao velho amigo, que amava como filho, succedeu porém outro, mas joven, e que amo agora como irmão.

É a ti, meu caro Bensabat, que pertence por tanto esta dadiva da amizade. Os laços que nos unem, são os de uma sincera e profunda estima. Filhos de religiões differentes, o Deus que tu adoras, é tambem o Deus de meus páes. Irmãos em fim pela patria, hemos-lhe votado todas as forças da nossa intelligencia, para um dia lhe grangearmos engrandecimento e poder: nossos esforços hão de convergir sempre para esse ponto, porque nosso coração bate unisono e alegre, só ao pronunciar o doce nome do rochedo batido das vagas, que chamam com razão o rochedo da liberdade.

Sim, sejamos d'ella, e só d'ella, porque a patria encerra todos os sentimentos humanos, mesmo os mais deliciosos; é a mulher que amamos com todo o fogo do amor, com todo o fervor das crenças juvenis; é a cruz que se ergue nos campanarios das aldéas, e nas torres das cidades; é o lar domestico em que repousámos a cabeça nos dias da infancia; é o templo onde ajoelhamos, é o cemiterio onde jazem os ossos de nossos irmãos.

Alexandre Meyrelles.

I.

A partida.

Adieu, adieu! my native shore
Fades o' er the water blue.
The night-winds sigh, the breakers roar
And shrieks the wild seam-ew.
Yon sun that sets upon the sea
We follow in his flight;
Farewell awhile to him and thee,
My native Land—Good Night!

LORD BYRON

Navega no Oceano, meu lindo brigue S. Bernardo, com as tuas velas de fino linho,

(1) Angra do Heroismo.

com as tuas cordas tão delgadas, com os teus mastros de rico cedro, aparelhados nos estaleiros da Figueira, onde nasceste á claridade suave d'um dia de verão. Espreguiça teu liso costado na superficie azulada das vagas, que te cercam para te acalentarem no seu ninho de brancos folhos d'escuma: a tormenta, que te ha de rasgar os pannos e quebrar os mastros, ainda está longe. Dorme socegado, meu bello navio, á luz das estrellas, que allumiam o firmamento. As pallidas tintas, que vestem aquella parte do horizonte, escondida entre duas nuvens, apagaram-se com os ultimos raios do sol. É a hora do remanso. Ouvem-se vozes confusas, que augmentam, diminuem, recrescem e finalmente morrem no silencio. O horizonte está bordado de nuvemzinhas diaphanas, côr da espuma dos mares.

Deixamos assim atrás de nós as montanhas do archipelago, que se erguem, como sombras gigantescas, no meio do Atlantico.

Apenas se divizava ao longe um vulto negro, que se debruçava nos rochedos, devassando o seio das nuvens, com seu capacete de bronze, com seus braços de ferro extendidos para o mar, com a cortina azul de mil oiteiros, que fecham seu largo horizonte. Era o cadaver d'um velho castello dos Açores.

As oscillações, que faz o navio n'aquelle chão limpido e sereno, dão a esta scena um character languido e triste. Poucos minutos depois o leme era amarrado a um cabo; e os balanços cessaram. Tudo dormia, menos o homem do quarto, que murmurava uma canção maritima do cabo da Boa Esperança. Ouvia-se porém de vez em quando um pequeno rumor, que um observador mais attento tomaria por gemido mal contido. Agoiro ou presentimento, aquelle gemido parecia vir banhado em lagrimas.

Ao pé d'uma lampada, a arder no fundo da camara, está um joven, pallido, mudo, tristemente immovel. São negros seus cabellos. Seu olhar brilha n'um d'esses pensamentos, que lançam faiscas. Sua voz era doce: mas o franzido da sobrancelha indicava alguma cousa de singular e inexplicavel.

Absorto em profundo pensar, a cabeça pendia-lhe sobre o peito, agitado d'um tremor convulsivo. Um simples movimento dos labios é muitas vezes signal de paixões ardentes. Ergueu-se poucos momentos depois, e subiu á amurada do navio. Perguntei-lhe a causa de seu soffrimento. Estremeceu, quando viu que alguém o observava.

Depois, approximando-se de mim com gesto admirado:— Pois não sabeis, me disse elle, o que são as aguas, que reflectem o raio do sol, que se levanta nos rochedos da patria: o que é deixar o berço natalicio, e a sancta mulher, que nos embalou nos braços, como filho de suas entranhas e de sua alma? Vêdes além, continuou, aquelle ponto sombrio no espaço? É o paiz dos meus amores de menino, dos folguedos da minha infancia. Aquellas cintas escuras, que de vez em quando surgem no céu, são as minhas montanhas, cercadas de musgo e verdura. As nuvens negras, que passam ao longe, sacudidas talvez pelo vento da tempestade, são os frondosos pinheiros, que corôam a casa em que nasci. E ainda me perguntaes o que eu faço aqui, a estas horas, quando a vaga, a que succede a vaga, não tarda a arrojarnos para longe d'aquella terra da patria?

E, dizendo estas palavras, virou-me as costas, com os olhos sempre cravados no horizonte. Debalde quiz ter com elle uma explicação, foi insensivel a tudo. No dia seguinte, quando me levantei, perguntei-lhe se estava já restabelecido do seu pesadello: respondeu-me com um leve sorriso. Encostado a um cabo do navio, divertia-se a vêr a onda despedaçar-se n'aquelle fragil lenho, fabricado por mãos dos homens contra a furia dos elementos.

Cinco dias porém eram passados, desde que tinhamos perdido de vista as costas do archipelago. O norte começava a encrespar a superficie das aguas, e as ondas espreguiçando-se na prôa do navio, reflectiam, a espaços, nas toalhas d'escuma a luz indecisa dos céus. Nunca me hão d'esquecer aquellas noites do Atlantico. Uma tarde fui encontrar o joven açoriano adormecido á prôa do navio.

Atravéz do véu de muda tristeza, que lhe escurecia a fronte, divagava-lhe nos labios um rizo de contentamento; em sonhos, ou desenhada no vapor do crepusculo, sorria-lhe talvez a patria.

Desde a scena da partida não nos tinhamos ainda encontrado, ou fosse por elle andar desviado de mim, ou por desleixo meu em o procurar. Sou naturalmente brusco e sombrio. Com tudo amo a juventude, que me recorda os dias mais felizes da minha vida.

D'esta vez, porém, quando o joven acordou, fui sentar-me a seu lado.

—Vejo, que ainda não perdestes o costu-

me de dormir ao murmurio das vagas, lhe disse eu, dando á minha voz uma inflexão doce e suave, e procurando afagar o affecto sublime e ardente do joven pelo seu bello paiz.

— Assim é, me respondeu elle, que, quando inclino a cabeça para ver perpassar as ondas, recorda-me a fortaleza, que está de frente da Candelaia; e que, semelhante a um cão raivoso, que mostra os dentes ao inimigo, que o vem atacar, deita para o mar dez enormes bôccas de fogo. Se a visseis de longe, toda borrifada d'escuma, com sua artilheria de polido bronze, dissereis, que ou zombava dos elementos, ou se mirava ufana no espelho das aguas, para admirar seus enfeites n'aquella costa bravia. Por isso a nobre fortaleza é sempre saudada pelos habitantes da costa, pelos vivos dos pescadores, quando a avistam do alto mar, pequeno ponto negro no meio de seus dous penedos.

— Visto isso, lhe respondi, a vossa infancia passou assim desaparecida e ignorada ao pé d'essa fortaleza? E a vossa familia não vivia ahi tambem?

— Meu pae n'esse tempo achava-se ausente, victima da guerra civil, que então assolava nossa infeliz patria. Lembra-me ouvir dizer a minha mãe, que elle andára muitos dias errante e fugitivo; que fôra depois uma noite arrastado para o castello de **, e quarenta dias depois deportado para Inglaterra. Eu tinha pouco mais de dous annos. A revolução deixava-me órphão de pae; e eu fui crescendo no collo de minha mãe, mal sabendo as dôres que curtia aquelle nobre e generoso coração. Só depois me lembrou, que nunca lhe vi nos labios um sorriso; sempre terna, sempre affavel e meiga, mas nunca alegre.

— Certamente pertenceis a alguma das primeiras familias do archipelago?

— A minha familia, me respondeu, é um tronco partido d'esses Tavoras, que foram a morrer no patibulo por crime de rebellião, ou por causa dos amores da marquezia de Tavora, como quer um velho, que temos em nossa casa, e que sabe muitas d'essas historias interessantes de cavalleiros. Minha mãe pertencia a esta infeliz familia; mas como houve um decreto, que proscreeu para sempre esse nome, foi elle desaparecendo pouco a pouco, e converteu-se n'outro não menos nobre, segundo diz o bom do meu criado velho. Com tudo nos primeiros annos de seu casamento meu pae prohibiu, que se falasse

em Tavoras; porque pertencia a outra familia. Depois, quando elle emigrou, minha mãe, que sempre conservou amor aos de sua linhagem, contava-nos as scenas que precederam a morte dos Tavoras. E não achões que tinha razão?

— Sem duvida, lhe respondi; porque elles morreram innocentes do crime, que lhes imputaram. Hoje acredita-se, que os tiros foram mui de proposito encommendados pelo proprio marquez de Pombal, que fiel ao seu proposito d'anniquilar a nobreza, não queria deixar em pé uma só corôa de conde.

— Mas se os Tavoras não erão criminosos, por que motivo os mandaram matar?

— Foi porque o marquez era um terrivel inimigo de nobres e cavalleiros. Um dia sabereis, que vastos e immensos projectos concebêra a alma d'este grande ministro; que se tivessem havido mais dous homens como elle, Portugal, essa pequena lingua de terra, collocada na extremidade da Europa, seria ainda uma das primeiras nações do Occidente. Com tudo este facto da morte dos Tavoras foi uma nódoa, de que, dizem, o marquez se envergonhava nos ultimos annos da sua vida.

— E com razão, accrescentou o joven, pois que mal tinham feito aquellas pobres senhoras, cujos membros foram esquartejados pela mão do algoz no meio dos gritos ferozes da populaça (1)? E a scena da prisão, em que, abusando-se dos mysterios da religião, propinaram veneno aos Tavoras ajoelhados? Nunca vos contaram isso? E depois, quando o marquez de Pombal soube que a filha da marquezia de Tavora, que elle queria salvar, fôra realmente envenenada, como não ficou enfurecido? Isto não foi com tudo obstaculo para se erguer no dia seguinte na praça de Belém, um cadafalso, a que assistiu a côrte com todo o esplendor, e o marquez com semblante impassivel e severo.

— Os homens são sempre assim (respon-di eu, encantado da viveza e intelligencia do joven): uma vez no poder esquecem-se da virtude e da honra, e só dão ouvidos ás suas paixões. Mas deixemos esta negra historia,

(1) Na historia das Revoluções de Portugal pelo Abbade Vertot, e que foi depois continuada por Luiz de Boisgelin, se acha circumstanciadamente descripta a historia do supplicio dos Tavoras. O duque d'Aveiro soffreu o supplicio horrivel da roda, pela primeira vez usado em Portugal, e transplantado de França; o marquez de Tavora, seus dous filhos, sua mulher, e o conde d'Atouguia foram degolados. Conservaram geralmente até ao ultimo suspiro uma firmeza heroica, e um sangue frio inalteravel.

e dizei-me o destino, que pretendeis seguir, terminada a nossa viagem: vindes só, ou vem convosco mais algum?

— Em minha companhia vem mais dous irmãos e um criado velho, que ha de acompanhar-nos até ao Havre de Grace. Devemos aproveitar a safda do brigue Rosa do Téjo, a elle fazer-se de véla por todo o mez que vem. Meu pae, que durante a emigração percorreu quasi toda a Europa, escolheu na Belgica um collegio de jesuitas, onde pretende educar-nos.

— De jesuitas!... Pois vosso pae não teve medo de confiar a vossa educação a uns homens, que dizem ser tão máus e hypocritas?

— É verdade que tambem tenho ouvido algum mal d'esses padres; mas bem sabeis que elles foram perseguidos e expulsos, porque eram os amigos e confidentes (1) dos

(1) Entre os factos de que abunda a nossa historia, condemnados talvez a nunca ser devidamente apreciados, nem julgados, é sem duvida este, que deu causa á morte dos Tavoras. A imaginação e a politica, o espirito de familia e a religião, combinaram-se para fazer d'este triste episodio, ou uma d'essas vinganças terriveis, que deslustram um reinado, por mais brilhante que elle seja; ou um d'esses actos rigorosos, mas energeticos e necessarios, que salvam muitas vezes um throno ou uma dynastia. Não faltou tambem, quem involvesse os jesuitas n'este fatal negocio; e, sem remontar a outras causas, viu-se nas provas arranjadas pelo marquez de Pombal, que sabemos era empenhado em derrubar não só a nobreza, mas aquella sociedade, cujo poder na America, na Asia, e na Europa, tomava então dimensões gigantescas, um documento irrefragavel da cumplicidade dos jesuitas na conjuração contra a vida do rei.

Quizeramos porém nós, que prezámos primeiro que tudo a verdade, e rejeitámos com indignação esse principio, de que tantas vezes se tem feito alarde, mesmo n'este seculo de progresso e illustração, *que todos os meios são bons, com tanto que se consigam os fins*, que antes de se lançar o odioso d'um crime ou sobre um homem, ou sobre uma corporação, se investigassem primeiro os artigos do processo e se ouvissem os accusados; que se folheassem as paginas da historia d'aquelle tempo, e meditando depois no remanso do gabinete, se proferisse então a sentença. Não o fizeram porém assim os nossos sabios e profundos pensadores; que, cerrando os ouvidos aos gritos do réo, que invocava o seu direito de legitima defesa, sentenciaram-no sem provas; e deram, quanto a nós, um signal evidente da ignorancia e má fé.

Não se julgue porém, que pretendemos votar-nos a um trabalho, para a execução do qual, confessamos, são sobremaneira escassas as nossas forças: limitamo-nos aqui tão sómente a protestar contra a sentença, que envolveu os jesuitas no mesmo processo dos Tavoras. Mas os jesuitas eram os confessores dos Tavoras! Que significa porém isso para o caso em questão? Não o eram elles tambem de muitas outras familias nobres, que não se acharam involvidas na conjuração?

Parece-nos, que, procurando mais longe a causa d'esse odio da nobreza, que no reinado de D. José I. subiu ao seu maior auge, se poderiam apanhar os fios d'este mal-aventurado processo. Porque não seria a sentença, que no reinado de D. João V. expulsou muitos nobres para o interior do reino, a principal causa d'esse odio? Para quem vê os factos através do prisma das preocupações;

Tavoras... Mas que vos parece? São elles tão máus, como dizem?

— Máus e hypocritas, lhe respondi, são os que atiram uma pedra ao rosto de seus irmãos, que se elevaram á altura da sua missão; que creram na grandeza do genero humano, e na providencia de Deus; que ergueram os olhos para um horizonte tão vasto como o seu coração, onde foram plantar a cruz, sublimes de coragem, de fé e dedicação. Com tudo sempre direi, que, entre os membros d'esta sociedade poderosa, homens houve, que ultrapassaram a medida; por isso o cedro gigante, batido pelos golpes repetidos das gerações, que agitava a vaga da revolução, estalou com horrivel fragor. Deixai porém passar esta geração inquieta e ardente; e a sociedade de Jesus ha de continuar a sua obra de regeneração.

Já mesmo os encontrareis, não só na Belgica, mas na França, na Allemanha, na Inglaterra, na America, na Asia, por quasi todo o mundo; e n'esse mesmo Portugal, aonde vamos aportar, não ha muitos tempos, que uma colonia de jesuitas, extranhos a luctas de partidos, envergonhava por sua ardente caridade e zelo apostolico a tibieza e corrupção do clero nacional. O pensamento de vosso pae parece-me acertado.

Ides porém entrar n'um mundo novo, em que o vosso coração tem de ser assaltado por violentas paixões. Ao vosso lado não estará já a carinhosa mãe, que vos acompanhou nos dias felizes da infancia: encontrareis mancebos, que vos dirão, com o rizo nos labios, palavras doces e affectuosas; mas attentae bem, que n'essas palavras lisongeiras está muitas vezes encoberto um negro veneno. Escolhei d'entre elles um, ou quando muito dous, a quem confiareis os segredos de vosso coração. Amestrado nas longas horas d'intima agonia, acostumado a devorar a soberba dos homens, conheço os arcanos d'esse mundo, em que ides entrar, bello de can-

para quem não sabe o que é este longo e penosissimo trabalho de escrever a historia, isto não passará d'uma méra supposição, que desaparece diante do facto nú, palpitante, incontestavel, e comprovado talvez por documentos authenticos.

Mas, os que, como um grande escriptor do nosso paiz, sacrificam a longas e áridas investigações todas as faculdades do espirito, quasi todas as horas da vida, para darem á sua patria uma historia sincera e verdadeira, esses nunca reputarão infructuoso qualquer trabalho, por mais pequeno, que seja, nenhuma supposição, por mais estranha que pareça. Não nos temos em conta de historiador: apontamos simplesmente um facto, que nos parece poder explicar a catastrophe, que levou os Tavoras ao patibulo e a nenhuma parte, que n'ella tomaram os jesuitas.

dura e d'esperança. Quando chegardes a França, deveis fazer um pequeno jornal dos successos da vossa vida; e podeis escrever-me de vez em quando. Vêde em mim um homem, que nunca atraiçou a confiança d'um amigo. Espero porém encontrar-vos em Lisboa mais vezes.

O joven, enternecido, apertou-me a mão, e separámo-nos. Dous dias depois, da verga d'um mastro, o gageiro descobriu terra. Uma massa informe e escura ergueu-se então do meio das vagas; lá nos extremos do horizonte vimos depois os cerros escaldados do cabo da Roca.

Estreito, comprido e irregular, o cabo offerece a cabeça nua, e os flancos descobertos aos assaltos de uma furiosa corrente.

Coberto de uma herva curta e espessa, o promontorio vem pouco a pouco mingando, até converter-se n'uma pequena lingua de terra.

Deisavam-se os vôos, ora rapidos, ora vagarosos, das aves aquaticas, que, poisando ao pé umas das outras, nos pareciam ao longe, soldados em ordem de batalha.

N'aquella aspera penedia o mar balouçava-se, e precipitava-se com um estrondo semelhante ao rebombar do trovão, e as vagas, elevando-se em golfadas d'escuma, formavam um contraste sublime e grandioso.

A alvorada começava a repintar a terra. O vento soprava rijo das bandas do norte. Poucas horas depois os marinheiros gritavam, batendo as palmas:— Lisboa! Lisboa!

E o navio entrava o porto, soberbo, como a aguia nos campos do céu. (Continúa).

Alexandre Meyrelles.

ROMANCES.

REDGAUNTLET.

CARTA PRIMEIRA.

Darsie Latimer à Alan Fairford.

Cur me querelis exanimas tuis? — Porque me ensurdeces com tuas choradeiras? O accento de tristeza, com que te despediste de mim em *Noble-House*, ao montar no teu lazarento cavallo d'aluguel para regressares aos teus estudos de direito, ainda resôa a meus ouvidos. Parecia dizer: Feliz magano! tu podes correr á vontade por montes e vales, pretender todo e qualquer objecto curio-

so, que se te offereça, desistir d'elle, quando te não agrada; não assim eu, teu veterano, tanto na idade, como na sciencia, que tenho, n'esta brilhante estação, de voltar ao meu quarto estreito e aos meus livros boforentos.

Era este, se me não engano, o sentido das reflexões, com que tu entristecestes a nossa derradeira garrafa de Bordéos, nem posso interpretar de outro modo teus melancolicos adeuses.

E por que ha de isto ser assim, Alan? porque não estás tu agora assentado defronte de mim n'esta estalagem do rei Jorge, com os calcanhares sobre o guarda fogo, e com esse teu rosto magistral, onde começam de desaparecer as rugas á medida, que te acode ao espirito algum dito chistoso? Porque razão, quando encho o meu copo de vinho, não posso eu passar-te a garrafa a exclamar: « agora tu, Alan. » Porque não comprehende Alan Fairford a amisade n'um scutido tão verdadeiro como Darsi Latimer, e não quer que se ponham nossas bolsas em commum, do mesmo modo que nossos sentimentos?

Bem sabes que sou sósinho no mundo; o tutor, cujas cartas me annunciam uma immensa fortuna, que deve pertencer-me, logo que tenha completado vinte e cinco annos, é a minha unica protecção. Sabes tambem que o meu rendimento annual satisfaz mui largamente as minhas necessidades; e todavia, tu, que és um traidor á causa da amisade, privas-me da tua companhia e condemnas-te a privações, com medo que minhas excursions vagabundas me custem mais alguns guinéos! É por contemplação á minha bolsa, ou por satisfazer o teu orgulho? Não é isto tão absurdo como desarrazoado, qualquer que seja o motivo? porque, certifico-te, que tenho e terei mais do que é mister para nós ambos. O proprio e methodico Samuel Griffiths d'Ironmonger-Lane, Guil-Hall em Londres, cuja carta me chega tão pontual, como o dia do trimestre, enviou-me, como já te disse, dobrada mezada para este vigessimo segundo anniversario de meu nascimento, assegurando-me, em sua linguagem concisa, que a somma seria dobrada nos annos seguintes, até que eu entre na posse de meus bens. É mister ainda, que me abstenha de visitar a Inglaterra, até expirarem os meus vinte e cinco annos. Por em quanto recomendam-me que não faça pesquisa alguma á cerca da minha familia.

Se me não recordasse de minha pobre

mãe, quando estava de lucto pesado, e que nunca se ria, senão quando olhava para mim, e ainda era um sorriso fraco e doloroso, como o sol quando scintilla através d'uma nuvem d'abril; se suas feições e nobres maneiras, não repellissem similhante suspeita, julgar-me-ia filho d'algun director da companhia das Indias, d'algun rico burguez, que possuísse mais dinheiro do que honra, d'algun libertino hypocrita, que, ás escondidas, quizesse educar e enriquecer um ente, de cuja existencia se envergonhava. Mas, como já te tenho dicto, ainda me lembro de minha mãe, e tenho a certeza, como a de que existo, que nem a propria sombra de deshonra se pôde ligar a tudo, que lhe diz respeito. Todavia, sou rico e só: por que razão o meu unico amigo escrupuliza de participar das minhas riquezas?

Não és tu realmente o meu unico amigo? não tens por ventura adquirido o direito de possuires parte dos meus bens? Quando troquei a solidão da casa paterna pelo tumulto do collegio de *High School*, quando fui apupado por causa do meu accento do sul; salgado com neve como um porco de Inglaterra, e estendido n'um lameiro, recebendo o epitheto de *morcella Saxonica*, quem com bons argumentos e melhores murros ainda, ouzou arvorar-se meu defensor? Foi Alan Fairford. Quem me socou devéras, quando transportei para os bancos da pequena republica, a minha arrogancia de filho unico, e conjunctamente com uma pessima indole? Foste tu tambem, Alan. E quem me ensinou a atirar ao alvo, a sapatear, e a dançar na corda bamba? Ainda foste tu, Alan. Se me tornei o orgulho das escholas e o terror dos mercadores na passagem d'*High School*, foi sob o teu patrocínio, e se não foras tu, ter-me-ia contentado com passar humildemente pela porta *Cowgate* (1) sem trepar por ella acima, e nunca teria visto o *Kittle-Nine Steps* de tão perto, como da tapada de *Bareford*. Ensinaste-me a defender os fracos, a não poupar os fortes, a não trazer nada das escholas, a portar-me como homem, a obedecer á terrivel ordem d'um *pande manum*, e a supportar a dôr das ferulas sem pastenejar, como estudante resolvido a não mudar de systema.

(1) Trepar pela porta *Cowgate*, sobre tudo em tempo de neve, era um dos divertimentos predilectos dos estudantes do collegio d'*High-School*, porque offercia uma posição inacessivel d'onde se podia impunemente arrojare bolas de neve sobre os que passavam. A porta já hoje não existe, e provavelmente o maior numero dos combatentes tambem desapareceu.

Em fim, antes de ter conhecimento contigo, não sabia nada. O mesmo foi na Universidade. Quanto a minha preguiça parecia ser incorrigivel, o teu exemplo e exhortações excitaram-me a tentar um esforço, e abriam-me o caminho dos gozos intellectuaes. Fizeste de mim um historiador, um metaphisico (*invicta Minerva*), até mesmo me tornaste um advogado tão distincto como tu és. Sim, Alan, foi para não me separar da tua companhia, que passei um anno fastidioso a estudar direito patrio, e um outro mais fastidioso ainda a estudar direito civil. E não existe ainda o meu caderno d'apontamentos, cheio de caricaturas dos professores e dos condiscipulos, para prova dos grandes progressos que fiz? Até ao dia de hoje andámos junctos, e para dizer a verdade, unicamente com o fim de seguirmos a mesma carreira. Mas eu já não posso acompanhar-te, Alan. Palavra d'honra, quizera antes ser um d'esses engenhosos mercadores, que da outra banda do pateo roubam o pequeno mestre *Jacques*, vendendo-lhe piões, pélas, voadores e raquetas, do que algum dos confrades de toga comprida, impondo aos simples camponeses com sonoras citações de leis.

Abstem-te de ler isto a teu digno pae; julgo que elle préza muito a minha companhia n'uma tarde de sabbado, mas penso que a reputa inutil em outro qualquer dia da semana. E desconfio que é este o motivo da tua obstinação em recusares n'uma tão deliciosa estação, o fazeres comigo uma digressão pelos condados do sul. Sei que o digno *gentleman* não me perdôa o meu estouvamento em deixar Edimburgo antes do *ponto*; ou talvez que me veja assim com tão máos olhos por causa da minha carencia absoluta, não digo já d'antepassados, mas de progenitores. Considera-me como um ser isolado n'este mundo, Alan, e de feito não se engana; e é a razão por que não quer que te prendas a mim, que não tenho a reclamar interesse algum na grande familia do genero humano.

Não supponhas que me esqueço do que lhe devo, por me ter concedido licença para residir quatro annos debaixo das suas telhas: não são menores para com elle as minhas obrigações, antes pelo contrario, sobem de ponto, se é verdade, que nunca me amou cordealmente. Elle está tambem escandalizado de eu não querer, ou não poder ser homem de leis, e pelo que te diz respeito, considera a minha pouca inclinação para esta carreira, como *pessimi exempli*, no seu modo de fallar.

Mas elle não deve recear, que um rapaz tão forte, como tu és, possa ser influenciado por um arbusto tão fraco como eu, e que se curva ao sopro de todos os ventos.

Tu, continúa a duvidar com Dirleton, e a resolver as tuas duvidas com Stewart (1) até que chegue o dia em que has de pronunciar o famoso discurso *more soluto* na ponta do banco, e em que com a cabeça descoberta, has de jurar defender as liberdades e privilegios do collegio da justiça, em que a toga negra ha de cobrir teus hombros, em que te has de tornar tão apto como qualquer outro membro da faculdade *para accusar ou defender*. Apresentar-me-hei então em campo, Alan, n'um papel que teu proprio pae ha de confessar servir-te mais do que se eu attingisse contigo o alvo brilhante de teus estudos legislativos. Finalmente, já que não posso ser advogado, estou resolvido a ser cliente, especie de personagem, sem o qual um processo seria cousa tão ridicula, como um caso hypothetico. Sim, estou resolvido a fazer-te ganhar os teus primeiros honorarios. Póde-se facilmente intentar um processo, tenho certeza d'isso; sair bem d'elle, é que ás vezes é cousa difficilima. Ora, tendo eu teu pae por meu procurador, e a ti, que és tão lido em jurisprudencia, por meu advogado, e tendo de mais a mais o respeitavel mestre Samuel Griffiths por detraz de mim, estou certo que algumas sessões não hão de esgotar o meu reforço. Em fim apresentar-me-hei na audiencia, ainda quando me seja preciso commetter *um delicto*, ou pelo menos *um quasi delicto*. Já vês que os escriptos de Erskine e as lições de Wallace (2) não ficaram de todo baldadas para mim.

Eis aqui realmente uma longa serie de choarrices, e todavia, Alan, no fundo, não estou completamente satisfeito. Incomoda-me a idéa de meu isolamento, e a minha solidão é tanto mais penosa, quanto me parece privativa da minha pessoa. N'um paiz, onde todos têm um circulo de parentela, que se estende até ao sexto gráu, pelo menos, sou eu um individuo isolado, conhecendo apenas um ente, cujo coração fere as mesmas pulsações, que o meu. Se fôra condemnado a ganhar o pão de cada dia, parece-me que não faria tanto caso d'esta privação. As relações entre o senhor e o servo, seriam pelo menos um laço, que me prenderia ao resto dos homens;

(1) Jurisconsulto Escossez.

(2) Erskine jurisconsulto, e Wallace professor em Edimburgo.

realmente a independencia do meu character parece augmentar ainda a singularidade da minha posição. Vejo-me no mundo, como um estrangeiro n'um café mui frequentado; entro, peço os refrescos de que hei mister, pago a despesa, e ninguem mais se lembra de mim, depois que o criado pronunciou a palavra sacramental de — obrigado, meu senhor. Eu sei que teu bom pae chamaria a isto ser ingrato aos beneficios de Deus e perguntar-me-ia de que natureza seriam as minhas queixas, se me visse obrigado a acalmar a cólera do estalajadeiro, por ter consummido o que não podia pagar. Não posso realmente explicar isto; mas com quanto se offereça a meu espirito esta mui razoavel reflexão, e que não possa deixar de confessar, que 400 libras esterlinas de pensão annual, de que até ao presente tenho gozado, e que acabam de ser dobradas, e além d'isto, alguns extraordinarios que não metto em conta, não seja cousa em extremo agradável; todavia não se me daria de ceder de bom grado a metade, só para dar o nome de pae a teu pae, ainda quando elle houvesse de reprehender-me, por causa da minha preguiça, a todas as horas do dia, e para te chamar meu irmão, ainda mesmo que o merecimento d'esse meu irmão houvesse de escurecer o meu.

Uma idéa confusa, mas que não é de todo inverosimil, muitas vezes se offerece ao meu espirito, e é que teu pae sabe ácerca do meu nascimento e condição real, mais do que está disposto a dizer. Parece-me pouco provavel, que me deixassem em Edimburgo, sem outra recommendação além do pagamento regular da minha despesa diaria ao velho M... d'High School.

De tudo quanto posso recordar-me, anterior a esse tempo, como já te disse, é da indulgencia excessiva de minha mãe, bem como das minhas exigencias verdadeiramente tyrannicas.

Lembra-me ainda de como ella suspirava amargamente procurando debalde socegar-me, quando eu, com todo o despotismo d'uma creança creada com muito mimo, berrava como dez bezerros por uma cousa que ella não me podia dar.

Morreu, essa mãe tão boa e tão mal recompensada! Ainda me recordo das figuras alongadas, do quarto escuro, das tinturas pretas, da mysteriosa impressão que produziu no meu espirito o carro funebre, os coches de lucto, e da difficuldade que expe-

rimentava em conciliar tudo isto com o desapparecimento de minha mãe.

Creio que, antes d'este acontecimento, nunca tinha formado uma idéa da morte, e que até nunca ouvira fallar d'este termo necessario a toda a existencia.

As primeiras relações que tive com ella, roubaram-me toda a minha familia, porque me deixaram sem mãe.

Depois d'este acontecimento um ecclesiastico de certo respeitavel, nossa unica visita, foi meu guia e companheiro n'uma viagem d'uma extensão consideravel; fui depois não sei como nem porque, confiado aos cuidados d'um homem idoso, que o substitui e com quem terminei a minha viagem á Escocia; — eis em resumo todas as minhas recordações.

Repito esta pequena historia, como já cem vezes a repeti, unicamente para ver se posso tirar d'ella alguns esclarecimentos.

Applica por tanto o teu espirito penetrante, o teu genio d'advogado a esta missão; trabalha na minha historia, como se tivesses de coordenar os estúpidos arrazoados d'um cliente muito tapado e bronco, com o fim de harmonisar os factos e as circumstancias, e serás não o meu Appollo, — *quid tibi cum lyra?* — mas o meu lord Stair (1).

No entanto eu já me despi da minha melancholia, das minhas negras visões, só em ter lançado mão d'este assumpto para a minha carta. Vou por tanto conversar com Robin, o cavallo ruço; o maroto já me conhece, e rincha quando me vê assomar á porta da estrebaria.

O cavallo preto que tu montavas hontem, promette ser um admiravel servidor, e trota tão facilmente com Sam e com a mala, como trotaria contigo e a tua jurisprudencia. Sam promette ser um domestico activo, porque o tem sido até ao presente. Prova de curto espaço, dirás tu. Elle attribue ás más companhias suas primeiras faltas. *As pessoas que elle frequentava na cavallariça eram sem duvida mui seductoras.* Sustenta que nunca se descuidou de tractar do cavallo, porque teria, diz elle, preferido antes não jantar. E eu dou-lhe credito, porque os costados e o pello de Robin não offerecem prova do contrario.

Todavia, como elle não ha de encontrar sanctos nas estalagens que frequentarmos, e como muitas vezes a cevada se converte em cerveja, eu não perderei de vista mestre Sam. O imbecil! Se não houvesse abusado do meu

bom genio, eu teria podido conversar com elle, para exercitar a lingua, quando pelo contrario preciso de o conservar a distancia.

Lembras-te do que me disse um dia a este respeito Mr. Fairford? «Que não convinha ao filho de meu pae o fallar assim ao filho do pae de Sam.» Perguntei-te o que teu pae podia saber á cerca do meu, e tu respondeste-me — tanto quanto sabe do de Sam; é uma expressão proverbial.

Esta explicação não me satisfaz, apesar de que, com certeza, não posso dizer o porquê. Mas volto outra vez a este assumpto esteril e esgotado.

Não te admires se entro de novo n'este campo de conjecturas, tantas vezes percorrido e explorado. Não conheço nada que seja nem tão inutil, nem tão ridiculo, nem tão desprezível, como enfasiar com vãs-lamurias os ouvidos dos nossos amigos.

Queria poder prometter-te que as minhas cartas hão de ser tão interessantes, quanto é certo, que estou resolvido a escrevel-as compridas, e a enviar-as com regularidade.

Nós temos uma superioridade sobre os pares d'amigos famosos na antiguidade: David e Jonathas, Oreste e Pyladas, Damon e Pithias. Apesar de que para estes ultimos em particular, uma carta pela posta seria cousa em extremo util; elles nunca tiveram correspondencia, porque provavelmente não sabiam escrever, e certamente não tinham nem posta, nem faculdade de franquear as cartas para se trocarem suas expressões reciprocas, em quanto que nós, graças ao sello que te deu um nobre par (1), e que podemos, fechando-o com cuidado e abrindo-o com cautela, fazer passar mil e mil vezes, escaparemos aos direitos de posta de Sua Majestade, todo o tempo que durar a minha digressão.

Por tanto, Alan, exulta de alegria.

Quantas cartas te não passo a escrever, sem omittir nada de tudo quanto póde reunir de divertido e curioso a interessante digressão que vou emprehender.

Só o que estipulo contigo é que não hão de ser communicadas ao *Scotch Magazine*, porque supposto tenhas o costume de cumprimentar-me d'um modo mui pouco gracioso á cerca dos meus triumphos no mais ligeiro ramo de litteratura, á custa da minha capacidade nas materias mais graves da jurisprudencia, eu nunca serei tão atrevido que

(1) Os membros do parlamento tem porte franco para as suas correspondencias.

(1) Celebre juriscousulto Escossez.

pretenda entrar sob o frontespicio que o sábio Rudiman abriu tão caritativamente aos acolytos das Musas. — *Vale, sis memor mei.*

D. L.

P. S. — Dirige as tuas cartas ao escriptorio da posta. Eu darei ordem para me serem pontualmente entregues.

Recebemos uma collecção de poesias francezas, que promettemos publicar; todavia sentimos que a excessiva modestia de seu auctor não consentisse, que lhe soubessemos, do nome, nem ao menos as iniciaes: a poesia que abaixo transcrevemos merecia sem dúvida um throno mais subido, aonde a gloria se assentasse ao lado da sua irmã predilecta — a immortalidade.

POESIA.

AU PONT SUSPENDU DE PORTO.

Pont gracieux suspendu dans l'espace!
 Tu fûs créé pour le plaisir des yeux,
 Et chaque jour à celui qui te passe
 Tu dois donner un souvenir des cieux!
 Presque lancé entre le ciel et l'onde!
 Charmant travail qui fixe le regard,
 Tu fais songer que le maître du monde
 A l'homme un jour a révélé son art!
 Tu réunis à jamais les deux rives
 Que le beau fleuve avait presqu'exilé
 Comme l'amour joint deux âmes captives!
 Que trop long temps le sort a séparé!!
 Mais, jamais tes attraits ne pourront me séduire
 Mon âme avec tristesse admire ta beauté,
 Car, hélas! je le sais tu ne peux me conduire
 Où ma pensée habite, où mon coeur est resté!

Porto, 8 d'Abril de 1853.



ADEOS,

NO ALBUM DO MEU AMIGO

F. S. N. Pousão.

Meiga florinha do prado
 Offrece em calix rosado
 Ao ingrato insecto alado,
 Nectarios perfumes seus
 Gosa e foga a mariposa,
 Mas olhae... doudinha a rosa,
 Baloçando-se chorosa
 Ainda lh'envia um *adeos*.

Sobre o prado, sobre o monte,
 Rei altivo do horizonte,
 Nobre o cypreste ergue a fronte
 Soberbo mirando os céos,
 Mas se uma aura na passagem
 Vem affagar-lhe a ramagem,
 Elle, — curvando a plumagem,
 Lhe tributa um grato *adeos*.

Se deixando o porto amigo,
 Onde gosou paz e abrigo,
 Corre a não sorrindo ao p'rigo
 A devassar escarcéos,
 Do horizonte mesmo á beira,
 Lá tremula uma bandeira,
 É que á praia hospitaleira
 Ella envia extremo *adeos*.

Tal no triste apartamento
 No derradeiro momento,
 D'amisade o sentimento
 Ninguem o traduz... só Deus!
 Cala a voz, mas na saudade
 D'esse abraço d'amisade,
 Na convulsão, n'anciedade
 Vae o mais sentido *adeos*.

Tu que da amisade a rosa,
 Guardaste sempre viçosa,
 Guarda em memoria saudosa,
 Estes pobres versos meus.
 Se ao paterno sancto abrigo
 Meu coração vai contigo,
 Tu, lembra d'um teu amigo
 O leal sincero *adeos*.

T. A. Ribeiro.

NOITES D'OUTOMNO.

I.

D'onde vindes, brandas auras,
 Que accendeu ha pouco o estio,
 Cujos sópro o inverno frio
 Inda não arrefeceu?
 D'onde vindes, baças nuvens,
 Que passaes por sobre a lua,
 Qual o mar passa e fluctua
 Pela rocha no escarceu?

De correr cessae um pouco,
 Brandas auras, doces brisas!
 Parae, fórmas indecisas,
 Que os espaços percorreis!
 Oh! dizei-me d'onde vindes:

Vindes lá da minha terra,
Que minha alma toda encerra,
Que me dáes — que me trazeis ?

Talvez auras perpassasseis
Inda ha pouco uma janella,
Onde minha amante bella
Suspirava com paixão ;
E talvez consigo diga
Que é sósinha na saudade . . .
Oh ! mal sabe que anciedade,
Que tristezas cá não vão !

Talvez, nuvens, enlutasse
Vossa sombra tenebrosa
O astro bello que saudosa
Ella olhava a meditar ;
E talvez cresse aziago
Vosso manto tão escuro ;
Vendo a luz de seu futuro
Com as sombras pelejar.

Se é assim, volvei ó brisas
A aspirar-lhe nos ouvidos ;
E dizei-lhe que gemidos
De saudades são os meus !
Ide, ó nuvens, para longe,
E brilhante a lua diga,
Que um porvir ditoso abriga
Nosso amor contra escarceus.

II.

La bella creatura bianco vestita.

DANTE.

É assim que tu és bella,
Elevando o rosto mudo
Sobre os montes, quando tudo
É silencio sepulchral !
Vens tão tarde, amiga lua !
Vae a noite em mais de meio,
E pareces ter receio
De transpôr co'a luz o val ?

És qual virgem que amorosa,
Prometteu menos modesta
Ao amante, ir á floresta,
Para um beijo só lhe dar :
Só um beijo . . . não é culpa . . .
Mas hesita e não se apressa
A cumprir sua promessa ;
Vem callada e de vagar.

Eu tambem ha já bem tempo
Que ancioso te esperava,

E as mil côres contemplava —
Por que o céu passando vae,
Té que a orla do horizonte
Vem franjar tua luz viva,
E que a sombra fugitiva
Quasi toda em fim se esvae.

Mas é só por estas horas,
Meiga lua, que eu te espero ;
Entre as nuvens ver-te quero
Pura e candida surgir :
Como antigo cavalleiro
N'uma gothica janella
Queria a sua bella
Entre os vidros ver sorrir.

Não te espero quando, ó lua,
Tu vens ver morrer o dia,
E inda os montes allumia
Do astro-rei a extrema luz.
Tu então me causas tédio,
Tua luz é-me importuna,
Tua face, então mais bruna,
Como agora não seduz.

Não, se á luz do dia junctas
Tua luz, de ti não gosto :
Julgo ver um puro rosto
Em festiva bacanal.
Mas agora — assim és bella,
Como a virgem de ar risonho
Que apparece em casto sonho
A travéz de alvo sendal.

(Continúa.)

J. S. da S. Ferraz.

UMA VIAGEM AO FAYAL.

Fragmento.

Ha momentos na vida em que o homem,
entregue ás expansões do coração, se esquece do mundo e das misérias que o cercam.

Habitado a traduzir no intimo d'alma os sentimentos que o inspiram, é immenso o prazer que experimenta ao reproduzir as agradaveis impressões do passado.

Depois d'uma longa ausencia, tornei a ver finalmente o céu da patria, que outro não ha mais bello no mundo.

N'um soberbo dia de Maio, eram quatro horas da tarde, estava de véla para os Açores.

Passeava pensativo sobre a tolda do navio, quando um panorama delicioso me attrahiu de repente a attenção ; — eram as margens

do Têjo, — eram esses edificios grandiosos, que se elevam altivos sobre o mar, — eram esses jardins viçosos e cheios de vida: — era, n'uma palavra, a majestosa Lisboa, theatro de tão variadas scenas, mas sempre risonha e bella, como o rio, em que a sua imagem se reflecte.

Ao lançar a vista sobre esta cidade, afomoseada pelos trabalhos prodigiosos da arte, lembrei-me do Ministro de D. José I, cuja memoria ha de durar em quanto existir Portugal. Lembrei-me com dôr pungente de que já havíamos occupado um lugar respeitavel na lista das nações.

Pareceu-me ver sobre as ondas o quadro triste d'uma esquadra, conduzindo a seu bordo um monarcha indolente, que acabava de abandonar o reino aos estrangeiros, e ia procurar refugio em dominios longinquos. As aguias francezas fluctuavam orgulhosas e radiantes no castello de S. Jorge! Também me não esqueceu o valor patriótico de Gomes Freire, victima d'uma conspiração contra a regencia.

O escuro manto da noite começava a desdobrar-se no firmamento, e a cidade a desaparecer, quando me recolhi ao meu beliche, depois de reflectir um pouco nas glorias do passado e na árida mesquinhez do presente.

Vinte e sete dias depois, passados a maior parte d'elles em contemplar a majestade do Oceano, que se estende illimitado nas profundezas do abysmo, — ouvi uma voz, que bradava em altos gritos — Terra! Terra! — Nunca voz alguma me pareceu tão suave e harmoniosa. Entregue apenas a um ligeiro somno, que só assim o permittia um balanço contínuo, levantei-me sobresaltado, corri ao convés do navio, senti que me tocavam levemente no hombro, — era um marinheiro, que descobrindo a muito custo as fórmas da ilha do Pico, pedia-me alviças. — Nunca as tinha dado de tão bom grado, como na presente occasião. Na manhã do seguinte dia, seriam sete horas, estávamos no canal de S. Jorge, que separa esta ilha da do Pico. — Veiu depois a noite. O céu puro e sereno, a lua scintilando no mar em listras prateadas, occultava com perfidia a borrasca, que desabou mais tarde. As estrellas sumiram-se de repente cobertas pelo véu da tempestade, o scintillar da lua foi substituído pelo escuro das trévas, e uma trovoadá acompanhada de innumeros relampagos, acabou de coroar este lugubre espectáculo.

A noite foi tempestuosa e violenta, mas em recompensa succedeu-lhe um dia claro e lindo; e o cabeça do Pico, ordinariamente envolto em estensas nuvens, desenhava-se agora perfeitamente no horizonte. Mais um dia de calmaria veio demorar a viagem no canal de S. Jorge.

Toda a minha attenção, o meu viver, a minha existencia, iam concentrar-se n'um objecto dos mais caros ao homem; elevado pelo sentimento mais puro ao sublime da felicidade, uma só idéa me occupava a mente — a idéa suprema da patria. Do outro lado do Pico, occulta pela elevação d'este, existia outra ilha; era impossivel vê-la, e todavia separava-nos uma curta extensão de mar; carecia d'uma coragem superior para suportar esta separação.

Ao cair da tarde, o céu começava de escurecer; a chuva caía em abundancia, e o vento, tornando-se favoravel, veio-nos trazer uma esperança.

No dia seguinte, ao despontar d'aurora, começávamos a ver distinctamente a ponta da Esplamaca; ás oito horas fundeávamos na bahia da Horta.

Foi então que experimentei mil sensações diversas. . . . Essa vida da infancia, que agora me parecia um sonho, esses dias de ventura, que tinham decorrido mais velozes que o pensamento, eram para mim objecto da mais grata recordação.

O encantador aspecto d'uma comprida linha de casas, na maior parte elegantes, entremeiadas por algumas torres de modesta apparencia; o grande numero de quintas e pomares de laranjeiras, exhalando sempre mil aromas em torno de si; os alcantilados rochedos, que poderosos subjugam o furor das vagas; esses contrastes que a natureza a cada passo apresenta debaixo de mil fórmas diversas, prendem e enleiam o espirito na muda contemplação de tantas maravilhas!

Qual arrogante e bem-talhada nau, que se recosta com languidez sobre as ondas, brandamente agitadas pela brisa, assim se me affigurava a patria querida do meu nascimento. . . .

Foi depois de ter gosado essas horas de prazer, infindo em que o homem, d'um jacto, eleva a alma ás sublimes regiões do deileite, que pude comprehender em toda a sua extensão, o pensamento de Chateaubriand: « *C'est lorsque nous sommes éloignés de notre pays, que nous sentons surtout l'instinct qui nous y rattache.* »

Antes porém de descrever algumas scenas doces e pacificas da vida nos Açores, remontarei, n'um breve e rapido esboço, aos primeiros tempos da historia açoriana.

Todos sabem que a morte de D. Fernando trouxe consigo graves questões de successão, e que foi D. João, Mestre d'Aviz, auxiliado pelo Condestavel, quem alcançou a victoria, depois da celebre batalha d'Aljubarrota contra os hespanhões.

Firme no throno, occupou-se das grandes emprezas, e Ceuta, refúgio de piratas africanos, caíu aos golpes da sua espada.

Esta conquista veiu animar as expedições maritimas. O infante D. Henrique, apaixonado pelo progresso da navegação, cheio de enthusiasmo patriótico, bastante conhecedor das sciencias mathematicas, para a época em que vivia, renunciou ao matrimonio, e na extremidade meridional do reino, juncto ao promontorio de Sagres só cuidou nos meios de levar a effeito planos, que a sua elevada intelligencia havia traçado. O estudo da Geographia foi a mira de seus esforços. — Tomando por companheiros homens sabios e illustrados, retirou-se ao seu palacio, para melhor deliberar sobre o destino futuro da navegação. Os grandes cabedaeas, que constituíam sua fortuna, serviram-lhe para premiar aquelles que se dedicavam com ardor ás descobertas da costa d'Africa.

A origem da descoberta dos Açores está por tanto associada a esta gloriosa quadra de expedições e de conquistas, e o nome do infante D. Henrique symbolisa todo esse grande movimento maritimo do seculo quinze n'esta parte occidental da Europa. Seu génio emprehendedor e atrevido transpõe os mares, e Gonçalo Velho Cabral, mandado por elle, inceta o caminho da navegação açoriana, com a descoberta da ilha de Sancta Maria a dezoito leguas de distancia da hoje opulenta ilha de S. Miguel. Mais tarde é descoberta a ilha Terceira, que constituiu depois a sede do Archipelago Açoriano.

E será certo que os primeiros colonos aportados á ilha do Corvo, encontraram n'ella uma estatua, que chamava os viajantes áquelle ponto, quando anhelassem pela proximidade da terra? Já alguém affirmou, que a vista d'este colosso tivera uma parte muito importante na descoberta immortal de Christovam Colombo. A fabula, companheira inseparavel da origem das nações, seria talvez a base d'uma tradição similhante.

As ilhas dos Açores, de natureza vulcani-

ca, tem experimentado frequentes vezes as consequencias deploraveis d'um terremoto. Não ha decorrido muito tempo, que os jornaes de S. Miguel, nos apresentavam uma serie de acontecimentos d'estes, bastante notaveis.

Á vista mesmo do que temos presenciado e ouvido, não se passa um só verão nos Açores, em que se não dê este facto em maior ou menor escala. Os edificios, bem como o socego de seus pacificos moradores, resentem-se ás vezes d'estes terriveis flagellos.

São porém tantos e tão variados os bens com que a mão liberal da Providencia enriqueceu o sólo açoriano, que nunca lhe tem faltado habitadores, mesmo nos logares mais sujeitos a essas convulsões da natureza.

Ha paizes, que collocados em sitios amenos, possuem qualidades privilegiadas, que o Omnipotente não quiz prodigalizar a todos, mas que apenas reservou para alguns.

Essas campinas sempre verdes, essas céaras vecejantes, esses prados melancholicos e cheios de poesia, n'uma palavra a belleza sem igual, que offerece o climia dos Açores, não tem inveja a qualquer d'essas famosas paysagens da Andaluzia, nem aos decantados Tempes da formosa Italia.

Ao perfume suave d'uma atmospherá quazi unica, no centro d'uma natureza tão meiga, quem não achará lenitivo ás affecções moraes, quem, no ultimo occaso da vida, não encontrará um alento e uma esperança?

Ha organizações porém tão débeis e franzinas, que definham ali mesmo, onde a vida é tão bella e aprazivel.

Que seductoras idéas me não corriam pela mente, ao ver essa longa enfiada de collinas, ornadas de faias sempre verdes, que o proprio calôr do estio de balde tentaria murchar.

Que valem esses prazeres mentidos, essas festas ruidosas, esse fausto brilhante, que pisa continuamente as ruas de Lisboa, comparados com o socego ineffavel da vida passada nos Açores.

É ao correr da tarde, n'um dos mais deliciosos sitios da cidade. Qual odalisca orgulhosa, que se reclina com moleza em seu coxim de brocado, cuidadosamente guardada por atalaias fieis, — a cidade da Horta recosta-se sobre uma cadeia de pequenas montanhas defendida ao Norte e ao Sul pelos dois montes Guia e Esplamaca, fechando estes a vasta enseada, que fórma a bahia. A cidade jaz mergulhada no mais profundo silencio. Apenas se percebe, a espaços, o leve susurro

da aragem, sacudindo brandamente as folhas do arvoredo. O mar parece tranquillo, e só a viração do norte agita dôcemente a superficie das aguas.

Grande numero d'embarcações atravessam continuamente o canal, e cruzam-se em diferentes direcções. A bahia da Horta está ricamente guarnecida d'uma alluvião de navios baléiros, quazi todos de grande lote e magnificamente construidos, que ora fundeiam para refrescos, ora velejam contiguos ás bordas do horizonte, assimilhando-se a um bando d'aves, que enfraquecidas pelos seus excessivos vôos, nas regiões do espaço, vem procurar alimento nos socculentos fructos de um bem cultivado campo.

A esta paisagem encantadora faltam comtudo as graciosas nymphas cujos meigos olhares despertam o amor e a poesia. É que a maior parte das fayalenses foram além gosar na ilha fronteira a liberdade doce e suave, que lhes permite a estação. Alli na frescura de um elegante desalinho, ora sentadas sobre a relva, ora suspensas sobre as pontas dos escarpados rochedos, parecem esperar de seus adoradores o culto que ainda ninguem soube negar-lhes.

Mas como deixar aquelle interessante Pico, no chamado tempo das *vendimas*, em que a verdura das parras se enrosca nos negros penhascos da ilha, em que a vista pitoresca e o perfume de delicados vergeis, enfeitam os sentidos e extaziam a alma.

Ao longo das quintas, as vagas, involvendo-se em turbilhões d'espuma, vem quebrar-se sobre as areias da praia, e a cidade ao pôr do sol, reflectindo mil côres, parece um oasis no meio do deserto.

(Continúa).
M. A. Guerra.

CORRESPONDENCIA.

Srs. Redactores. — Quando em 1849 sahio das fileiras academicas um grito de compaixão, em favor d'aquelles de nossos irmãos, que os reveses da fortuna collocassem na dura necessidade de interromper seus estudos, esse grito proferido primeiro por um mancebo da ilha da Madeira, repetido depois por muitos outros, deu origem á fundação d'uma sociedade, que se intitulou *Sociedade Philantropico-Academica*.

Em breve redigidos e publicados os estatutos, em que a sabedoria se mostra a par da prudencia e da caridade, a Sociedade, poderosamente fecundada pela seiva gene-

rosa de muitos mancebos, e pela coadjuvação d'alguns professores da Universidade, que de bom grado vieram associar-se a esta civilisadora empresa, viu augmentar seus recursos e teve a grata consolação de principiar a prestar mui valiosos soccorros.

Com tudo, fraca em seus principios, mal poderia talvez prolongar sua existencia, se não fosse a avultada esmola com que a dotou a munificencia real. Triste fragilidade porém das cousas humanas! Aquella que ha pouco vimos passar deante de nós, com todo o brilho e majestade da terra, e que estendendo a mão á mocidade academica, que a saudava, lhe dizia: Ide, filhos da Patria, até que um dia, columnas do meu throno, possais engrandecer-o e abrihantal-o — hoje dorme o derradeiro somno em S. Vicente de Fóra! Mas a memoria dos Reis, quando é associada a actos de beneficencia, fica gravada no bronze, como uma recordação eterna.

O estado actual da sociedade não é com tudo tão li-songeiro, como desejavamos. Com grandes difficuldades tiveram de lutar todas as Direcções passadas, e a parte que coube á actual Direcção não foi talvez menor.

Do mappa estatistico, que o digno Thesoureiro da Sociedade enviou á Direcção da Revista, se pôde deprender a verdade d'esta nossa asserção. Felizmente, com o apparecimento d'este jornal, resurge outra vez o amor pelas cousas academicas, que ha muitos annos yemos quasi em completo esquecimento, sendo para notar que a imprensa periodica de Coimbra ainda não reservasse um só artigo para recommendar a conservação d'esta Sociedade.

Graças porém ao generoso impulso de muitos mancebos, tem augmentado ha dias consideravelmente o numero dos socios.

Sem nos querermos arrogar a missão de avaliadores do merito dos outros, e sem fazer offensa aos que continuamente se affadigam em promover com a esmola e com a palavra o melhoramento da Sociedade, seja-nos licito mencionar aqui alguns nomes.

São no primeiro anno juridico os meus amigos José de Menezes Toste, Francisco Pereira Lopes de Bettencourt, e Augusto Soares Franco; Antonio Ayres de Gouvêa, no segundo; Manoel Alves Guerra, no terceiro; José Tibério de Robredo, no quarto; Camillo Candido Maria da Silva, no quinto. Na faculdade de Theologia Manoel Bernardo de Sousa Ennes, e João Manoel Cardoso Napolés. E em Philosophia e Mathematica, Ernesto do Canto, Francisco Ricardo Botelho, Joaquim José Coelho, e José Coelho da Gama e Abreu.

A Revista d'ora em diante deverá consagrar uma de suas columnas, para tractar dos meios de dar a esla Sociedade mais desenvolvimento. A creação d'um hospital e d'um cemiterio academico é de extrema necessidade.

Appellaremos por tanto para essa mocidade philantropica, que hoje nos ouve, e dir-lhe-hemos, — séde uma sentinella vigilante d'esse thesouro que vos foi confiado, evangelisae o credo social n'esta terra, onde o orgulho, o egoismo e a corrupção lançaram raizes tão profundas, e dae finalmente ao paiz, que confia em vós, um exemplo vivo e moralizador de quanto presaes o principio de associação, que vos reuniu, em roda d'este triplice paladium de *liberdade, egualdade e fraternidade*.

Rogo-lhes, Srs. Redactores, o favor de publicarem na Revista Academica esta minha correspondencia, pelo que lhes ficará muito obrigado o seu

Collega e amigo
Alexandre Meyrelles.

Coimbra, 12 de Dezembro de 1853.

MAPPA do movimento da receita e despesa da Sociedade Philantropico-Academica, desde o 1.º de Fevereiro até 30 d'Outubro de 1853.

RECEITA.	
Saldo effectivo no ultimo de Janeiro.....	403\$945
Mensalidades.....	122\$345
Productos do bazar.....	54\$760
Emprestimos recebidos.....	56\$185
Somma.....	637\$235

DESPESA.	
Mezadas.....	134\$400
Matriculas, empréstimos, despesas com o expediente, e outras.....	224\$820
	359\$220
Saldo effectivo em 30 d'Outubro.....	278\$015
Somma.....	637\$235

Coimbra 30 d'Outubro de 1853.

O Thesoureiro, Francisco Fernandes Costa.

LIBERDADE DE COMMERCIO.

II.

A liberdade de commercio tem sido olhada as mais das vezes sob o duplicado ponto de vista economico e politico.

É porém de notar, que os argumentos mais graves que contra ella se produzem, partem sempre do lado d'aquelles, que a encaram sob o ponto de vista politico, com quanto muitos d'estes, e a maior parte, abraçam em theoria o principio a que depois recusam o dominio da realidade. A par d'este facto citaremos outro não menos significativo: a liberdade de commercio é geralmente acceita pelos economistas como o legitimo corollario de todos os principios economicos.

Ambos estes factos, a nosso ver, depõem bastante em abono do principio que sustentamos.

Quando uma idéa qualquer se impõe por tal fórma á convicção geral, é que a verdade lhe imprimiu o selo que todos guardam e respeitam.

Dir-nos-hão porém: se esses mesmos que applaudem a liberdade de commercio como principio, são os primeiros a contestar-lhe a realidade possivel como facto, se dizeis que em sciencias sociaes a applicação é tudo (1), como podeis por ventura ver na homenagem, que traiçoeiramente vos prestam ao vosso principio o testemunho authentico de sua verdade? Dizei antes, que a sciencia que professaes é uma chimera, por isso mesmo que o legitimo corollario de seus principios é uma creação abstracta, engenhosa talvez, mas estéril, mas inutil, como a sciencia que a perfilha. Comprometteis a vossa causa. Se no enthusiasmo com que abraçam o vosso principio vêdes a verdade impondo-se á convicção geral, por que razão nos milhares de argumentos de vossos antagonistas não vêdes mais que o desdouro de tantas intelligencias, confusas e desvairadas, porque não pensam como a vossa?

Pondo de parte uma maior energia de pensamento, e talvez tambem uma maior vehemencia d'expressão, contrafazendo-se hypocritamente n'uma disfarçada ironia, a objecção seria esta.

Acceitamol-a como tal.

Na solução d'esse problema — a liberdade de commercio — está com effeito empenhada

(1) Vid. pag. 6 do 1.º numero.

a existencia da Economia Politica; pensamos convosco. — Provae-nos, que esse problema é insolúvel (que a liberdade de commercio é uma chimera) e dir-vos-hemos com Proudhon (1), que não consideramos sciencia esse complexo de theorias decoradas ha perto d'um seculo com o rótulo pomposo, mas official, de sciencia.

Cautela porém! Se nos responderdes com o argumento da objecção, se nos repetirdes que o testemunho de milhares de opiniões val para vós o rigor d'uma demonstração, nada vos concederemos, porque nada tereis provado.

Se, continuando n'uma mais rigorosa analyse, nos apontardes as razões em que cada uma d'essas opiniões se estriba, se nos indicardes os factos em que seus auctores as apoiam, se trazendo a campo a estatística, recorrerdes á estrategia de pôr a coberto d'algarismos os argumentos em que menos confiardes, nada ainda vos concederemos, porque vos negamos o direito de navegardes por essa esteira.

Precisemos a questão. Quereis saber porque se combate o principio da liberdade de commercio, porque o combateis vós, porque o combatem aquelles mesmos, que desertam de nossas fileiras para se alistarem sob o pendão de vossa cohorte — transfugas que o fulgor da victoria trará ainda ao nosso campo chejos de enthusiasmo, mas pungidos de remorso?

A razão é facil; é porque se desconhece a distancia que vae da concepção d'um principio á sua realização na sociedade, distancia immensa, sempre difficil de transpôr. Difficil, dizemos, porque os elementos d'essa sociedade que ha de reagir sempre contra a nova acção, que se lhe quer imprimir, teem, se não de ser substituidos por outros, ao menos de passar por tantas e taes modificações, successivas sim, mas por tal fórma moçosas, que por mais valente e robusto que fosse o imperio d'essa acção havia de quebrar primeiro contra a força dos obstaculos, que vencer-lhes inopinadamente a resistencia.

O homem, ennobrecido por Deus com o privilegio do genio, pôde, pela descoberta d'um principio, dotar a sociedade com mais uma aspiração, lançando na historia do progresso humano os primeiros traços de mais uma pagina gloriosa; mas o que nunca po-

(1) Proudhon, Contradictions économiques.

derá o genio, nem mesmo o mais transcendente, o que nunca conseguirá a intelligencia, nem mesmo a mais activa e creadora, é fazer com que a idéa, robustecida pelo viver de muitos seculos, ceda d'improviso o campo a um principio novo; é fazer com que as instituições, a que essa idéa deu o ser, com que os monumentos em que essa idéa se traduziu, baqueiem como os muros de Jericho, ao simples clangor da trombeta fatidica.

As revoluções, tanto no mundo moral, como no mundo physico, não são obra do acaso, para que as improvise o momento.

Preparam-nas a combinação de elementos heterogeneos, a acção e reacção de forças contrarias, de interesses antinomicos, actuando-se no tempo e no espaço.

É isto porém o que parecem desconhecer os antagonistas da liberdade de commercio. Tomando de cada um dos interesses, que o novo principio vai deslocar, o ponto de partida para dissertações sentimentaes, sobrecarregam-nas de argumentos, tirados de circumstancias, que aliás não desconhecemos, mas de que não podemos, nem devemos tomar conta.

Que nos importa com effeito, que um ou outro facto, que uma ou outra instituição se insurja contra o principio que a razão applaude como justo, e que a sciencia reconhece por verdadeiro?

Ouvimos as imprecações, que os apologistas do *statu quo* desprendem dos labios no accesso de zelo pharisaico pela causa que advogam. Prezamol-as, porém, mais que o seu silencio. — Se o principio da liberdade de commercio lhes não merecesse os apódos biliosos d'uma ira concentrada, desconfiaríamos sempre, ou que esse principio era a sanctificação do seu credo social, e então rejeitáramol-o, ou que a consciencia dos detractores da liberdade de commercio teria hypocritamente adormecido, e então muito mais desconfiaríamos d'essa hypocrisia, que das imprecações desafogadas, com que dão largas á sua ira.

A applicação d'um principio novo, cumpre confessal-o, tem necessariamente de ser dolorosa para os interesses que vai ferir, e que pelo proprio instincto de conservação hão de necessariamente reagir contra a força que os supplanta.

A conservação (1) é a primeira das neces-

(1) Falando da conservação do homem não a restringimos apenas á propria vida, primeira e principal das condições para o conseguimento do seu fim; mas com-

preensões que Deus imprimiu na consciencia do homem, porque sem ella a perfectibilidade, que é tambem a primeira das leis que Deus lhe marcou, seria impossivel.

Acima, porém, dos interesses particulares estão os interesses geraes; superior á conservação d'alguns está a salvação de todos.

Que não venham pois argumentar-nos com especialidades, contra a generalidade do principio que proclamamos; á luz dos principios rigorosos da sciencia a individualidade desapparece sempre.

A Economia Politica tem por base, como todas as sciencias, certos elementos constitutivos, certa somma de principios geraes, que lhe marcam o centro na periphéria de seu desinvolvimento progressivo. É por esses principios que se devem aferir todas as questões, que depois se ventilarem no dominio d'essa sciencia.

Algumas ha porém, que em mais de um campo poderão ter lugar e cabimento, de que mais d'uma sciencia poderá tractar, sem que por esse facto nenhuma d'ellas abdique os seus fóros de sciencia livre e independente.

A liberdade de commercio, e em geral todas as questões economicas, com quanto olhadas theoreticamente, sejam do dominio exclusivo da Economia Politica, têm depois, logo que se considerem pelo lado práctico, de se sujeitar a modificações relativas ás diversas circumstancias de tempo e de lugar: circumstancias que a Economia Politica propriamente desconhece, e que todavia fazem objecto especial d'uma outra sciencia — a Politica.

Mas dever-se-ha seguir d'ahi, que se rejeite como principio de pura abstracção a theoria que a sciencia formúla absolutamente? Será a politica como sciencia o crisol porque hajam de passar todas as theorias das sciencias sociaes?

Sêl-o-ha talvez; mas quando, desprendendo-se de considerações acanhadas, se elevar ás idéas d'ordem e harmonia universal.

Em quanto assim não for, a liberdade de commercio será para nós, como principio, o symbolo de regeneração social; será mais uma aspiração grandiosa do progresso, mas aspiração que convém robustecer, demonstrando á face da sciencia economica o que é, e o que val esse principio; e á face da phi-

prehendemos n'esse termo todas as outras condições de desinvolvimento, que elle poderá ter adquirido, e cuja propriedade zelará tanto ou mais talvez, que a propria vida.

losophia da historia, o que significa essa aspiração, quando é a sciencia que a dicta, e o sentimento universal que a applaude.

Serão estes os pontos que faremos por desinvolver.

Cumpré porém marcar mais precisamente qual o campo que de direito nos pertence.

A questão da liberdade de commercio, dissemos nós, tem sido olhada as mais das vezes sob o duplicado ponto de vista economico e politico.

Nós examinal-a-hemos tão sómente sob o primeiro d'esses dous pontos de vista; e considerada d'esse modo, por mui encontradas que sejam as opiniões sobre a solução d'esse problema social, corre-nos a obrigação de as pesar devidamente, aferindo-as sem distincção de escola, sem preferéncia de systema, pelos rigorosos principios da sciencia economica.

Considerada, porém, sob o ponto de vista politico, é claro, pelo que levamos dicto, que a apreciação dos argumentos, que sob tal fórma se nos apresentarem, não importa para nós, mesmo quando hajamos de os combater, a restricta obrigação de transpormos a méta que a sciencia nos marcou.

Sabemos que as sciencias sociaes, com quanto ligadas pelos laços d'uma affinidade proxima, reconhecem entre si as raias d'uma nacionalidade diversa.

Não seremos pois nós quem lh'as desconhecamos.

O que fora desculpavel, quando as sciencias sociaes seguiam uma marcha irregular e indecisa, devida ao impulso que lhes imprimiu a revolução philosophica do seculo passado, não o é hoje de certo, quando a independéncia reciproca de cada uma d'essas sciencias é o primeiro dos fructos, que ellas colheram de tão celebre, como benéfica revolução.

(Continúa.)

Sebastião José da Carvalho.

FRAGMENTO.

A lua espreita curiosa pela fenda d'uma nuvem; ao longe, muito ao longe, vê-se o horizonte franjado por uma longa fimbria de prata; as torrentes gemem docemente por entre as rochas, que lhes estorvam a passagem, e a sua voz melancholica resôa na espessura dos bosques, como o som d'um órgão em distancia; as flores dormem tranquiilas

no seu calice virente; os rouquinos cantam em gorgeios divinos algumas novas strophes d'um rimance d'amor; os homens, uns dormem socegados e com a consciencia immaculada n'um leito de rosas, outros estorcem-se dolorosamente n'um leito d'espinhos, porque o remorso os corrôe, implacavel como o abutre de Prometheu; e eu, Beatriz, eu, condemnado talvez á sorte fatal de Werther, passo uma noite d'insomnia, desfolhando petala por petala a flor mimosa da esperanza!

Esta dôr, que me devora como a lava, empallidece minhas faces; dos meus olhos encovados nas orbitas foge o somno, porque no coração dois sentimentos oppostos luctam n'um duello de morte.

Mulher, que és tu senão mentira? És inconstante e voluvel como a borboleta do prado, adejando sempre de folha em folha, de ramo em ramo, de flor em flor!

Beatriz! Tu és mais formosa que uma virgem de Rafael, mais seductora que uma *hourí* do paraiso de Mahomet; mas a tua alma é negra como a propria traição; e eu, que a supuz tão candida como a d'um anjo, tão pura como a brisa, que ao nascer da aurora sopra do norte!

Mas quem poderá agrilhoar o coração, e dizer-lhe—não ames—, contemplando aquelles fios d'ouro, que lh'exornam a fronte, aquelles olhos d'um azul celeste, que fazem lembrar os genios celebrados nos cantos populares dos povos do norte, aquella pelle lascivamente assetinada, aquelles dentes tão alvos e tão subtilmente fendidos, aquella seio d'alabastro em suaves ondulações, aquella cintura delicada, amoldada a um elegante vestido de gaze verde, aquella corpo flexivel como o ramo do salgueiro das viçosas margens do Mondego?

Não vêdes aquelle rosto angelico, ora melancholico como uma elegia de Lamartine, ora risonho como um idylho de Gessner?

Maldição! A flor que veveja louça e se espanje ridente aos raios vivificadores do sol de primavera, occulta traçoira na sua corolla perfumada o veneno mais subtil!

Essas desgraçadas que vagueiam de noite pelas ruas, esmolando o escasso preço da sua honra, mendigando o obolo infamante da prostituição, conhece-as o mundo e estampa-lhes na fronte o ferrete odioso e indelevel da ignominia e do opprobrio.

Mas vós, que alimentaes o odio no coração e a mentira nos labios, porque sabeis occultar as ulceras debaixo do manto hypocri-

ta das *conveniencias sociaes*, immolaes impunemente a crença e o amor d'um mancebo nas aras do orgulho, arrastáel-o sem piedade, por uma vaidade estulta, a um abysmo de desespero e de ruina!

E a sociedade vê um *Stenio*, como o pintou George Sand, recalcar a paixão com o vozear da orgia, abafar o sentimento com os gemidos lubricos das baccantes, e passa, e sorri indifferente, sem se lembrar que é mais uma alma votada a Satanáz!

Beatriz! Beatriz!. . . Fizeste-me molhar a penna em fel; mas se soubesses quanto eu soffro, perdoavas-me.

Olha: fulgiu-me a esperança no horizonte da vida, mas passou rapida como um pensamento de Deus n'uma alma contaminada pela corrupção do seculo.

As minhas illusões, que o amanhecer risonho da vida aljofarava com as pérolas da ventura, sacudiu-as nas suas azas o tufão da desesperança. E agora, com um passado que detesto, com um presente que me tortura, com um futuro que receio, sinto ás vezes um pensamento do inferno roçar-me a mente em delirio, e lembro-me de quebrar os grilhões, que me prendem á vida, mas não posso — fallece-me a coragem, — e succumbo extenuado depois d'este reluctar íntimo entre o desespero e a morte, depois d'esta agonia plangente, que me estala uma por uma as fibras do coração.

Mas para que hei de eu tentar contra a vida, Beatriz, se ainda te amo tanto? Queres saber? Quando á hora mystica do crepúsculo ouço a brisa da tarde cieciar, suave como o respirar da innocencia, por entre a garça da campina, supponho ouvir a tua voz repetindo-me em segredo um juramento de eterno amor; quando, á noite, contemplo as estrellas que seintillam trémulas no firmamento, affigura-se-me vêr os teus olhos fitos nos meus, cheios de sentimento e d'esperança; quando me acho debaixo d'esses carvalhos annosos, onde dissemos um ao outro meigas fallas d'amor, parece-me, que tudo o que me cerca pronuncia respeitoso o teu nome, e brado em alta voz — Beatriz, eu te amo, — e os echos dos valles repetem melancolicamente — eu te amo.

Uma das noites passadas lá estava eu encolado tristemente n'um meditar íntimo e acerbo sobre a vida.

Para uns é a vida serena e limpida como a superficie de lago em tardes d'estio reflectindo o azul claro do céu, aprazivel como o

esmaltado da campina, o cambiante das flores em extenso e variegado jardim.

Para outros é tumultuosa e agitada como a superficie encapellada do mesmo lago em dias de medonha procella, carregada e sombria como esses panoramas de desolação e nudez, que a natureza offerece ás vezes á nossa contemplação, por um contraste que talvez encante as almas robustas, mas que sem duvida atterra as organizações débeis.

Uns recebem em partilha a taça da felicidade, outros o calice da amargura.

Para aquelles o passado, o presente e o futuro resumem-se n'uma palavra magica — ventura. A sua vida é um idyllio.

Para estes não! A sua vida é toda um horto d'agonia! O homem, que a fatalidade comprehende n'este numero, volve os olhos para o passado, e dá um profundo suspiro, um suspiro de magoa e de saudade — pára no presente, e contempla-o immovel de braços cruzados sobre o peito, como o indeciso viandante, que n'uma encruzilhada ignora a senda, que deve seguir — pretende levantar com mão ousada o mysterioso véu do futuro, e deixa escapar dos labios convulsos um grito medonho; como o despertar d'um homem nas bordas d'um abysmo insondavel! A sua vida é um poema de Byron.

Estas pungentes reflexões me occupavam a mente, quando ouvi, como que saíndo do seio da floresta, os sons docemente melancolicos d'uma harpa. Estremeci.

A lua girava preguiçosa no firmamento cravejado d'estrellas. Fitei os olhos n'ella, e senti coar-me nas veias a voluptuosidade da harmonia.

O genio da noite continuava dedilhando as cordas da harpa, e os sons, espalhando-se pelos valles, rumorejando pelas coroas dos pinheiros, iam diminuindo gradualmente, até morrerem languidos no espaço.

E sabes, Beatriz, pensei que Deus escolhêra aquelle momento para lá do alto do seu throno, abençoar a nossa união — e surria contente, antevendo já um porvir todo d'amor e de ventura, quando um mocho, occulto nas ruinas do templo vizinho, deu um vôo, e cortou os ares, soltando agoureiro um pio lúgubre.

N'este instante a harpa calou-se, uma nuvem empanou a lua, e eu, Beatriz, caí fulminado com o agouro fatal e pavoroso.

Foi uma ligeira syncope.

Em breve recobrei os sentidos. A nature-

za operou inopinadamente uma reacção tão subita como a vertigem que eu acabava de soffrer.

Era a scena em harmonia com o drama.

Uma chuva miuda, açoutada pelas lufadas do vento sul, começou de fustigar-me as faces.

Procuréi um lugar aonde me acolhesse. O lampear d'um raio fez-me descobrir n'aquelle ermo as ruínas do templo e do mosteiro, donde o mocho tinha ha pouco desprendido o vôo.

Com repugnancia dirigí para lá meus passos. A chuva engrossava, e as gottas, caindo ruidosamente sobre a folhagem do arvoredó, atterravam-me, como se foram rugidos de feras!

O vento, susurrando ao longe nos pinhaes, similhava ao recitativo funebre, psalmodiado a meia voz, juncto ao leito do enfermo, na hora extrema do passamento.

Entrei no templo. Aquellas grossas muralhas, solidamente reunidas e cimentadas pelo zelo e piedade de tantos seculos, tinham sido quasi demolidas pelo camartelo da politica.

No campanario falta o sino que reunia os monjes para orarem ao Eterno; nas gothiccas arcadas da immensa crasta não sôam as vozes lugubres do bronze; nas altas abobadas não reboam os canticos religiosos; o vasto côro está deserto; o orgão emmudeceu; ninguém vem hoje offerecer n'este recinto, outr'ora sagrado, o sacrificio incruento da hostia; do thuribulo do levitha não sobem para o céu columnas d'incenso; os mortos dormem tranquilllos em suas campas; apenas o vento ruge ás vezes iracundo no atrio, ou passa sibilando pela porta sempre patente da entrada.

Sentado sobre o capitel d'uma columna tombada, exclamei:

Quanto mais felizes não são os que agora dormem o somno eterno debaixo d'estas lazes estreitas selladas para sempre pela mão inflexivel da morte!

Ha momentos na vida do homem, disse um poeta, que resumem a eternidade n'um minuto e o infinito n'uma sensação.

E poderei eu dizer outro tanto; eu, que ainda não colhi uma só flor entre tantos abroghos, que na senda espinhosa da vida me tem lacerado?!

Sim... Eu quero o tumulo, porque o tumulo é a paz.

Que importa ao cadaver gelado, que os vermes o corróam, se além da campa está um Deus todo d'amor para acolher benigno

a alma d'aquelle que a dôr expeliu do mundo?

Insensato, que julguei a sociedade tão pura com o meu coração, que ousei, pobre dos bens da terra, aspirar á filha do opulento, orgulhosa com o seu ouro, fabricado com as lagrimas de milhares de infelizes.

Eu te amaldiçôo, mulher, que me envenenaste a existencia, quando ella me sorria mais fagueira e esplendida.

Eu conheço, Beatriz, que o sôpro das angustias me vae extinguindo pouco a pouco a flama da vida.

Folga descuidada lá nos salões dourados de teus paes; ri-te, e escarnece do homem que te offertou um amor sem limites, que eu desço á campa murmurando um anathema sobre o cynismo da sociedade em que nasci, e onde se mercadeja vilmente com os affectos mais puros, com os sentimentos mais nobres, que Deus plantou no coração.....

Torres e Almeida.

INSTRUÇÃO PUBLICA.

I.

Aristoteles foi um homem universal, e as suas palavras eram dogmas.

O mestre d'Alexandre, a par dos dotes litterarios que o ennobreceram, e que a posteridade pôde avaliar pelos fragmentos dos seus escriptos, possuia tambem não menos avultados conhecimentos sobre as sciencias physicas, a cujo estudo se entregava com pertinaz assiduidade, e fervoroso empenho. Em mais ou menos subido gráu, não é este o unico exemplo que a antiguidade nos offerece de homens de semelhante esphera. Crêmos, porém, que esses philosophos cuja memoria as posteriores gerações acataram respeitosas, não eram dotados de mais feliz intelligencia do que os homens da epocha actual. — É que era tão resumido, n'esses antigos tempos, o quadro de todas as sciencias, que não era impossivel, nem difficil talvez, comprehender uma só cabeça todos os humanos conhecimentos.

Não é hoje assim — e um homem universal é absolutamente impossivel. É por isso tambem que as maiores intelligencias dos seculos modernos teem dirigido as suas lucturações para o estudo das especialidades.

Ehrenberg passa annos inteiros debruçado

sobre o microscópio; Bichat, verdadeiro martyr da sciencia, não larga o escalpello, e só abandona com a vida os seus estudos anatomicos; Arago e Gay-Lussac, aliás versadissimos em todos os ramos das sciencias naturaes, estudam com especial predilecção, aquelle a astronomia, este a chymica e as leis dos corpos gazosos. É d'este modo que a área dos conhecimentos humanos se tem dilatado progressivamente, e as sciencias se tem elevado ao ponto em que as hoje vemos, e que não houveram attingido sem os esforços isolados, mas convergentes dos grandes homens d'este seculo.

Por outra parte é incontestavel tambem a natural aptidão para estudos especiaes, revelada ou não por manifestações organicas: e se á natureza juntarmos a educação e mil circumstancias diversas, por sem duvida poderemos ter a verdade das vocações. E este principio, sancionado já pela antiguidade, vem ainda em favor da proficiencia e necessidade dos estudos especiaes. *Non omnes possumus omnia.*

E assim é. Mal póde applicar-se ás sciencias d'observação o que nasceu para divagar em imaginosas concepções do espirito; e aquelle, a que a natureza concedeu uma feliz memoria, negando-lhe superior atilamento, irá melhor applicando-se ás sciencias positivas, do que se aspirar a resolver os problemas difficeis da mathematica.

A verdade do principio não obriga porém á subserviencia. Em objectos d'esta ordem a demasiada austeridade tem tambem inconvenientes. As sciencias, como as nações n'um mappa geographico, tem muitos pontos de contacto, multiplas relações. É difficiloso, se não impossivel ás vezes, prescrever bem os limites d'uma sciencia, e determinar rigorosamente os factos que pertencem a esta ou aquella. As sciencias, e ainda as artes, ajudam-se mutuamente; e o conhecimento d'uma facilita o estudo das outras, quando não é uma condição indispensavel para dar o primeiro passo n'esse estudo.

O conhecimento das mathematicas puras é d'absoluta necessidade para o estudo da mechanica e astronomia. O pintor deve saber anatomia e botanica, e ao anatomico e botanico é util o desenho. O physico deve aprender a escala musical, e o musico não deve ignorar os principios elementares da acustica.

É por esta razão sem duvida que em todos os paizes se tem estabelecido escolas

publicas em que se ensinam todas as disciplinas, que devem figurar como elementos d'uma boa educação litteraria, e como preparatorios indispensaveis para os estudos superiores. É com este fim tambem que foram creados os nossos lyceus, e especialmente para ministrarem aos alumnos os conhecimentos necessarios para cursarem as aulas superiores da nossa Universidade.

II. Estarão porém os nossos lyceus regularizados de maneira, que satisfaçam ás necessidades, que reclama o estado actual da civilisação? Certamente não.

Primeiramente por menos necessarias, dispensaveis talvez, havemos algumas das disciplinas hoje lidas nos lyceus, ao passo que outras se omittem com manifesto prejuizo dos alumnos; — terminam muitos a sua carreira litteraria, sem alguns conhecimentos exigidos pelo estado da epocha actual; além de que a difficuldade e aridez d'algumas d'essas disciplinas de verá de guardar-se para edades mais adiantadas.

Importa pois escolher outras materias mais ao alcance da grande maioria, se não da totalidade dos alumnos dos lyceus, por via de regra, demasiadamente novos para poderem entregar-se a serios e profundos estudos.

As cadeiras estabelecidas actualmente são: Philosophia Racional e Moral, Rhetorica, Historia e Geographia, Arithmetica e Geometria, Grammatica Latina e Latinidade, e em fim as linguas Hebraica e Grega, e algumas das modernas.

Não negando absolutamente a importancia de qualquer d'estas disciplinas, é certo que, afóra o estudo das linguas, da historia e geographia, pouco ou nenhum proveito de todas as outras colhem os alumnos, ainda os mais applicados; e mormente do estudo da rhetorica e philosophia racional.

Eu bem sei que não faltarão classicos severos, que hão-de alcunhar a proposição de arrojada, heretica talvez.

Mas não é assim. A eloquencia precedeu a rhetorica: o primeiro poema é mais antigo do que as poeticas, e os homens raciocinaram antes de haver a dialectica. Demosthenes não aprendeu em Quintiliano, Homero não leu Horacio, e Euclides foi mais logico do que todos os que se chamaram taes. Hoje acontece o mesmo. Camões e Victor Hugo nasceram poetas; Mirabeau e Lamar-

tine são mais eloquentes do que os mestres que lhes ensinaram a rhetorica.

Exemplos quotidianos confirmam esta verdade. O homem dos tropos e figuras, o rhetorico, fará um discurso regrado, com exordio, narração e epilogo; mas promove o boçêjo irresistivelmente, e será remedio infallivel contra a insómnia mais pertinaz. As excepções, por pouco numerosas, vem confirmar a regra.

Não se cuide, porém, que a natureza se deva tudo; muito pôde tambem a arte: — mas é preciso estudal-a em idade, e circumstancias congruentes.

O alumno de onze annos dá as definições de tudo com rigoroso escrupulo; mas se lhe pedirem um exemplo, repete o do compendio. Regeite este, e a sua loquacidade converter-se-ha em mudêz embaraçosa. Fazeilhe a mesma pergunta por palavras differentes, responderá cousas diversas. Se lhe falha a memoria, repete do principio, como repete a oração que aprendeu ao sair do berço. Em fim, quando naturalmente emprega uma palavra, por vezes mais propria que a do compendio, emenda-se a si mesmo, e emittê textualmente a expressão auctorizada.

É certo que muito pôde concorrer para isto a má direcção dos professores. Aquelle que preferir a lição papagueada, com bonitas mas alheas expressões, ás phrases menos alindadas, mas proprias do discipulo, não sabe nem deve ensinar. Mas é tambem certo que nem tudo está na mão do mestre: nem este pôde remediar absolutamente o que é proprio do verdor dos annos, da falta d'applicação, ou pouca capacidade do discipulo.

É preciso, pois, attender a todas as circumstancias na escolha das disciplinas que hão de ensinar-se, e não principiar pelo mais util, se não pelo que mais accomodado for á capacidade dos alumnos.

É por isso que julgámos muito mais conveniente guardar o estudo da Rhetorica, da Logica e Methaphysica para cursos especiaes de Litteratura e Philosophia, comprehendidos no ensino superior. O estudo da Logica principalmente, não pôde hoje reduzir-se a um compendio de cincoenta paginas, cujas definições se repetem de cór n'um exame de cinco minutos. Este estudo exige livros de maiores ensanchas, outras edades e mais diuturnidade.

O estudo da philosophia transcendente é tambem inutil, impossivel até, sem um certo grau de desvolvimento da parte dos alumnos.

Subjeitar, logo ao principio, uma intelligencia formada apenas, ao que a sciencia offerece de mais espinhoso e difficil, é o mesmo, conforme diz Balmès, que começar o desvolvimento physico pelos exercicios mais violentos da gymnastica. Além de que é preciso não dar ás opiniões dos philosophos uma importância demasiada: não são elles, como observa o citado auctor, os unicos representantes legitimos da razão. A originalidade é muitas vezes o idolo em cujas aras sacrificam o bom senso: e da multiplicidade e contradicção dos systemas sae triumphante o scepticismo.

Não é assim nas sciencias naturaes. Lavoisier, com a demonstração irrecusavel da experiencia, negou o phlogistico, descobrindo o oxigenio — e a sua theoria foi confirmada. Galileu demonstrou o pêso do ar e o movimento da terra, — e a terra move-se, e é pesado o ar. Newton descobriu a lei geral da attração — e a attração é um facto.

A fórma e a linguagem da moderna philosophia é sobre tudo repugnante; e a moda, influindo nas altas regiões da sciencia, obriga a exprimir o pensamento mais trivial por um modo verdadeiramente apocalypticico (1).

Salvae, pois, o pequeno estudante dos Lyceus do abysmo da metaphysica, aonde os systemas se multiplicam, e o chaos reina por toda a parte. Não lhe ensineis, aos doze annos, essa algaravia scientifica, que elle não pôde comprehendê. Deixae-o fallar a lingua portugueza, e que possa ler Camões sem dicionario. Não lhe digaes que o *espaço e tempo* são condicções subjectivas do *eu*, e que nenhuma vareda pôde conduzir-nos ás altas verdades da philosophia (2): que muitos tem por falsidade o que para outros passa por sem duvida: que este affirma, aquelle nega a mesma cousa. Não lh'o digaes — que a sua intelligencia, cedendo á tortura das contradicções, ha-de vacillar e perder-se. Não lh'o

(1) Les philosophes allemands ont philosophé si longtemps entre eux seuls, que peu à peu ils ont banni de leurs idées et de leur langage les formes universellement intelligibles, et en son venus à prendre, pour mesure du talent philosophique, le degré d'éloignement de la manière commune de penser et de s'exprimer...

Ils ont renoncé à se rendre intelligibles aux autres nations, s'habituant à se considérer comme les élus de la philosophie... Une incapacité absolue de s'exprimer avec clarté est regardée comme le signe du talent et de l'inspiration philosophique.

É o proprio Schelling que acabámos de citar. Depois d'isto não é preciso dizer mais: repetiremos sómente com o auctor d'onde extrahimos estas linhas, referindo-se ao mesmo Schelling — *Mutato nomine, de te fabula ista narratur*.

(2) Hegel e a Phil. Allemã. A. Ott. pag. 54.

digaes—que essa linguagem vae confundil-o, fazendo-o descrever da sciencia, e suscitando-lhe o aborrecimento do estudo.

E a moral? A moral não se aprende de cór nos cathecismos escolasticos. Ensinae-a, se a quereis fazer comprehender no Genio do Christianismo, nos Martyres, no Telémaco, e em Paulo e Virginia. Lêde Chateaubriand, Fénelon, e Bernardin de Saint-Pierre. Não a demonstreiis, mas persuadi-a; porque a moral bebe-se com o leite da mãe, aprende-se n'estes livros, apura-se nos exemplos da familia, robustece-se nas boas companhias, e practica-se em fim por obedecer aos dictames da propria consciencia.

III.

A logica escolastica é inteiramente dispensavel (1). A logica natural suppre todas as necessidades. O talento não applica minuciosamente as regras da dialectica, mas descobre sem demora o vicio d'uma demonstração. Sem essa dialectica, estamos vendo todos os dias que se podem comprehender as abstracções da analyse transcendente, nas mathematicas puras, e as applicações mais difficeis, nas sciencias de observação; ao mesmo tempo que a mais simples proposição de geometria embaraça muitas vezes o estudante, cuja memoria está obstruida com os multiplicados preceitos da logica. Elle dirá sem difficuldade o principio fundamental em que assentam as leis sylogisticas: *duas cousas eguaes a uma terceira, são entre si eguaes tambem.* — Mas reduzi o syllogismo á sua mais simples expressão: $a = b$, $b = c$; perguntae qual é essa terceira cousa; — e ouvireis um disparate.

Se multiplicaes os estudos preparatorios como meio de desinvolvimento, ensinae pois a geometria; porque, ensinando-a, os alumnos aprenderão a logica, logica a mais rigorosa de quantas poderdes imaginar, e alcançarão, no discurso se não eloquencia, pelo menos clareza e precisão.

N'esses livros escolasticos, diz-se que o que bem se concebe, claramente se exprime; e Genuense reconhece a inutilidade de muitas das suas regras para os que são versados na geometria, e nas demonstrações da mathematica.

(1) Tout le monde raisonne, . . . Sans art nous distinguons le vrai du faux, le sophisme de l'argument qui conclut. . . Les dialecticiens, eux mêmes, ont-ils toujours les regles de la logique sous les yeux?

Philosophia Fundamental. — Tradução de Maucci (Edouard).

É pelos elementos d'estas sciencias que deve pois começar a instrucção secundaria, depois o estudo das linguas, e, quando muito, da historia e geographia. Estas disciplinas, até certo ponto, quasi unicamente dependentes da memoria, são por isso mais accomodadas á tenra idade dos alumnos. Mas depois, sigam-se no estudo a chymica e physica experimental, e os differentes ramos da historia natural, ate onde o permittirem as circumstancias dos ouvintes.

A falta de conhecimentos d'esta ordem, ainda nas pessoas da mais elevada cathegoria, é, entre nos, tão geral e verdadeira, quanto prejudicial e vergonhosa.

O negociante, ou abastado proprietario, que emprega as machinas a vapor, cujo serviço o inriquece, não tem a mais pequena idéa da causa de tão extraordinarios effeitos.

O alto funcionario, que lê uma participação official, communicada pelo telegrapho electrico, ignora completamente a natureza d'este agente.

Discutem finalmente famosos antropologistas sobre os instinctos, faculdades, e sensibilidade humana; mas ignoram as leis da organização, a importancia do systema nervoso e as suas iminentes funções.

Será porque o estudo das sciencias naturaes é mais arido e difficil? Serão menos uteis as leis que nos revellam a formação do raio e das nuveus, do que as leis do Digesto, ou as subtilizas dos casuistas? Não é, nem são.

Se não é dado ao homem descortinar todos os mysterios da natureza, nem por isso a contemplação dos seus maravilhosos phenomenos, e o conhecimento das leis geraes por que se rege o mundo material, offerecem menos attractivos ou menos utilidade.

Unido mysteriosamente ao organismo, o espirito soffre quando padece o corpo, a intelligencia enfraquece quando os órgãos se debilitam, succede muitas vezes o delirio a ligeiras alterações organicas. A morte, como diz um grande naturalista, é o triumpho absoluto das leis physicas sobre todas as leis vitas. Não será, pois, sobre todos proveitoso, necessario até, o conhecimento d'essas leis physicas?

IV.

Lançaê um rapido olhar sobre a vastidão dos continentes, ou a immensidade dos mares, ou a magnificencia e firmamento. Acompanhae o naturalista ao pincaro das montanhas, á planura dos vales, juncto á cratera

dos yulcões. Vêde a impetuosidade das torrentes e catadupas, contemplaê as côres do Iris, e admiraê o esplendor dos astros. Subi, como Gay-Lussac, em magestosa ascensão até á região das nuvens, e vereis, sobranceiro a ellas, todas as maravilhas da natureza.

Mas nem tanto é preciso; a cada passo topareis com objectos que prenderão a vossa attenção. Visitae sómente os campos e collinas da vossa aldêa: ahi achareis ainda muito para ver e admirar, e que o naturalista vê e admira tambem, mas que elle comprehende e vós ignoraes. Deixae os jardins e fabricas grandiosas das cidades, cujos ornatos e symetria vos desviam a attenção. Segui, nos prados, o vôo flexuoso da borboleta, que adeja de flor em flor, esmaltando com o brilho das suas côres esses tapêtes de verdura. Pensaes talvez que a sua vida passou sempre entre as boninas do campo, e por ventura lhe invejaes a sorte e a vivacidade dos movimentos. — É porque não sabeis que a mariposa morre ao sol posto, e nasce poucas horas antes.

N'esse verme, cuja vista vos repugna, e na chrysalida que julgaes sem vida, prevê já o naturalista o futuro destino da borbolêta que vos encanta, e cuja origem ignoraes.

Aqui, pela inspecção d'um pouco de marfim, elle advinha a índole e costumes do animal desconhecido a que pertencia. Além de pára com uma concha petrificada — algarismo com que a mão do Creator datou nas entranhas da terra uma época notavel do mundo. Elle sabe como o cedro collossal, que já foi mais rasteiro do que a relva que pizaes, subiu e cresceu de pequena cellula até ás dimensões de gigante. Em fim, no *malme-quer*, que tantas vezes consultaes á cerca dos vossos amores, vêdes apenas uma flor aonde elle descobre mil.

¿Não tem assim o que estuda a natureza mil gócos especiaes, de que os outros estão privados? ¿Não é para elle uma preciosidade o objecto aparentemente mais insignificante? Não será pois sobre todos agradável esse estudo?

Nem todos porém hão de applicar-se ás sciencias naturaes com exclusivo empenho; mas é preciso tambem que os seus elementos não sejam inteiramente ignorados, como hoje acontece, por via de regra, em quasi todas as classes. Hoje que todos salam em *fomento* e melhoramentos materiaes, é vergonha até não possuir algumas idéas sobre muitos pontos theoricos, em que assentam os importan-

tes descobrimentos da época hodierna. É por isso que indicámos a direcção dos estudos secundarios n'este sentido, como meio adequado para remover, em parte ao menos, tamanho inconveniente.

É esta, crêmos nós, a verdadeira e mais elevada missão da imprensa litteraria. Já que não ha interesses creados para os que se habilitam com os cursos superiores de philosophia e mathematica — o que fôra optimo meio de fazer subir a frequencia n'esses cursos, e propagar o conhecimento dos differentes ramos d'aquellas sciencias — pelo menos haja nos lyceus algumas cadeiras, em que se lêam os seus primeiros elementos.

Nem obsta a difficuldade d'estas sciencias; dos seus rudimentos pelo menos. Em vista das pezadas regras quintilianas, e dos preceitos austeros da logica, será muito mais facil fazer distinguir as folhas simples das compostas, os estames e pistillos d'uma flor, e demonstrar o pezô do ar, ou a reflexão dos raios calorificos.

Além d'isso o que se aprende n'essas escholas classicas, de côr quasi sempre, esquece-se passado um dia. Mas a memoria seria menos infiel, quando os alumnos, em vez de dormitarem nos bancos, vissem a luz da *harmonica chimica*, as côres variadas dos *precipitados*, ou a faisca da machina electrica.

Em comparação dos estudos classicos, hoje adoptados, mais facil e agradável para os alumnos, e mais util inquestionavelmente, é pois o estudo, se não profundo, pelo menos elementar, dos differentes ramos da Historia Natural, da Chymica e Physica experimental; — além d'isso accommodado tambem ás edades dos ouvintes, e finalmente mais em harmonia com o estado da actual civilização.

Continuaremos ainda, desinvolvendo mais d'espaco alguns pontos, que, n'este artigo, apenas indicámos.

A. A. Giraldez.

UMA HORA DE MEDITAÇÃO

OFFERECIDA A *****

I.

O homem, apparecendo na face da terra, bafejado pelo sopro da vida, que a Providencia lhe marcara no degráu mais elevado da criação, é actuado nas variadas determinações do seu proceder pelas diversas influencias, que vão lentamente estabelecendo um

dominio imperioso sobre as suas acções, a despeito das sublimes theorias das escholas philosophicas, que, com tanto afan quanto enthusiasmo, preconizam da cuspide do seu throno inviolavel, como Moysés do alto do Synai, os principios absolutos e imprescriptiveis da independenciã e liberdade humanas.

Quando lêmos tranquilos no livro da nossa fria consciencia; quando, guiados por um raio da intelligencia infinita de Deus, prescrutamos audaciosamente os escusos arcanos da organização moral do homem, não podemos deixar de duvidar da omnipotencia da razão; nem podemos enthronizal-a como força unica, suprema e reguladora de todos os actos da nossa vida.

Desconhecer que ha principios mysteriosos, que soberanamente influem sobre nós; negar o magico influxo dos sentimentos do coração, nem eu o quero, nem mesmo que o quizera, o pøderia fazer. Porque vejo diante de mim, desenhado com traços bem sensiveis, o quadro do que realmente sòmós; porque vejo, n'esse quadro, feita pedaços a aureola deslumbrante do orgulho do homem; porque vejo, n'esse quadro, avultando imperturbavel a imagem tremenda da verdade, apontando para as pequenezes do homem, quando despe os trajos emprestados, com que se pavonêa pela terra, e se ostenta vaidoso, empunhando o ridiculo sceptro da força e da vontade.

II. Celebrando a sua entrada no mundo com vagidos dolorosos, que arrancados pelo instincto parecem uma precoce e pungente accusação a essa sociedade, que o colhe, como cordeiro em fraco redil, em grilhões retemperados na mais crua escravidão, os primeiros sons que o homem articula, as palavras que primeiro balbucia, no descuidoso vegetar d'uma vida amesquinhada, é para bradar que soffre! Pranto e soffrimento são o cruento baptismo, são a sua iniciação nos mysterios tenebrosos d'um viver todo martyrio!

Entregue aos influxos horoscopicos da sua boa ou má estrella, passa os primeiros annos da obscura existencia, repartidos entre os mimos pueris d'uma familia carinhosa, e as occupações automaticas da educação litteraria e scientifica, confiada de ordinario a summidades officiaes, já gastas nas tortuosas veredas d'uma vida temulenta e licenciosa.

— Para elle apenas então existem em germen as elevadas virtudes, os affectos generosos, que a mão de Deus plantára no coração do homem.

Chega a quadra romanesca da vida, toca a idade turbulenta da juventude: é então que, fragil baixel, ora soçobrando nos abysmos da tormenta, ora elevando-se no dorso acuminoso d'uma onda alterosa; debil flor, ora açoitada pela furia de horrisono furacão, ora erguendo as verdes sepalas de seu calix cambiante aos raios animadores do sol do meio dia; pomba innocente, ora acoçada pelas garras de abutre insaciavel, ora acolhendose triumphante ao asylo inviolavel de seu ninho protector: é então, que brota da sua alma a graciosa florescencia da mais robusta vegetação. É então que aquelle oásis luxuriante irradia viridente nas mais delieadas evoluções. É então que aquelle jardim de poesia exhala em torno de si os aromas suaves das inspirações mais innocentes.

— Mas é então que uma lucta sangrenta vem cravar o seu negro estandarte nas intimas fibrillas do coração.

É a lucta da alma com o corpo. É a lucta do espirito com a materia. É a lucta frenetica do amor — é a vehemencia dos affectos — são as dôres excruciantes d'um sentimento exagerado — illidindo-se fatalmente nos escolhos perigosos d'um cynismo revoltante.

É a educação mal dirigida, e a intelligencia pervertida, e a bruteza, e a ignorancia, revelam então as suas grosseiras tendencias, e esforçam-se por embotar na alma do homem a espiritualidade das suas nobres affeições. Então tambem o fogo dos sentidos pretende crestar as faculdades do espirito. Então tambem as potencias da natureza conjuram as forças do organismo, e n'um transe momentoso, desesperado, querem atrophiar a sensibilidade do coração.

É n'este duello de morte, ou sobrevive a alma, ou triumpho o corpo!

III. É a vida da alma é o amor!

Então o homem sente-se impellido por uma vaga tempestuosa, para uma vertiginosa voragem, em que tem talvez de se sumir. Então sente minar-lhe o peito uma lava ardente de sentimentos novos, confusos e turbulentos. Então o homem vê levantada deante de

espírito, me elevo acima da terra, e encaro Deus como manancial perenne do verdadeiro amor; quando prendo no viver innocente dos anjos a mulhier, que Deus mandára á terra para convencer o homem que fôra por aquelle typo, que elle moldára na mente eterna os entes increados, que entõam hymnos de gloria, que cantam em sentidas endeixas a sublime poesia do amor, que dedilham em redor do seu throno resplendente o alaúde sonoro, que lhes eleva o espirito ao sentimento do bello, extasiando-lhes, n'um rapto sublime, todo o poder da sua essencia divina; quando vejo depois o homem como que embevecido n'um extatiço contemplar, como que desprendido da terra, elevar-se pela imaginação á adoração d'aquella, que não é mais que o reflexo de todas as maravilhas de Deus, então não posso deixar de crer na mulhier, porque creio em Deus, porque creio em mim mesmo!

Então a mulhier, sobresaindo em todo o brilho da sua majestade, só vive pela intelligencia e pelo amor. Repelle, nos accessos solemnes da sua dignidade, a taça de veneno, que a sociedade lhe offerta. Aspira para o homem como o representante de Deus na terra. Crê convicta na triadé mysteriosa de Deus, homem, e amor. Eleva-se como um anjo, nas azas da innocencia, acima dos vícios da terra.

E o homem, nos deliriosos transportes de poetico enthusiasmo, estremece então a mulhier, que arvôra o symbolo sacrosanto d'uma vida toda venturas. — E ama-a. — E jura guardal-a no sacrário inviolavel da sua alma, como lá guarda a pureza das suas crenças; como lá guarda o sentimento de familia; como lá guarda a fé em Deus; como lá guarda a amizade pelos homiens, como lá guarda o amor da liberdade.

Mas quando o corpo triumpho, a vida do homem é medonha!

D'um lado ergue-se irosa a imagem lascivá dos gozos materiaes, e nos esgares asquerosos de seus olhos enturyados, ulcêra o coração da virgem com o negro presentimento d'uma infamia imminente. E ella, terrificada pelo aspecto sinistro da morte, véla o rosto com o manto da innocencia, abraça-se com a cruz da sua redempção, volve os olhos aos céos e brada no ardor das suas crenças — soccorro, meu Deus

D'outro lado ergue-se o quadro vultoso das ambições humanas, e as riquezas da terra, e as vaidosas pretenções d'uma elevada posição social, e a gloria ephemera d'um renome; muitas vezes embaciado pelas mais torpes acções, figuram ahi com o falso brilho das flammias do inferno; e a mulhier jaz calcada nos traços sombrios do quadro, como desprezível pedestal, sobre que o homem quer encastellar os phantasmas vaporosos do seu escandecido imaginar.

Então a mulhier é apenas para o homem um elemento material, que só entra, nas lubricações phantasiadas dos seus voluptuosos pensamentos, como odalisca libidinosa no harem do Grão-Senhor.

Então a mulhier não é o elo da cadeia que prende o homem á Divindade. Não é a commissionada de Deus cá na terra. Não é uma parte integrante da existencia moral do homem. Não é o amor e a intelligencia personificados em angelicas fórmas. Não é o verbo de Deus annunciando ao mundo as sacrosantas leis da fraternidade humana.

A mulhier é então uma cousa. É um triste instrumento d'impudicos prazeres. É o remorso. É a maldicção. É a sentença da condenação do homem, escripta em caracteres de fogo, na fronte tiszada do réprobo, pelo deo inflexível da justiça do Senhor!

VII.

Passa a quadra imaginosa das illusões; vem depois nas asperas fragosidades da vida o negro desengano, trazendo em cada dobra do seu manto um pungente remorso, que era va, como ponta acuminada de punhal; em cada fibra do coração do homem, um agudo espinho, como salario bem merecido dos rastos de lagrimas e de sangue, que arrancou da mulhier, no seu viajar doidejante pelo mundo.

É então que o tigre, manso como o cordeiro, volve os olhos para Deus. É então que chama, em sons plangentes de clamoroso sentimento, pela mulhier, que até alli esquecêra, no lidar vertiginoso d'uma torpe libertinagem. É então que, presentindo o castigo do céo, desprende os vãos da terra, amaldiçoa o passado em nome do futuro, e tenta retemperar no baptismo do amor a alma, até alli ensurdecida aos sentidos lamentos da sua victima resignada.

É este o viver do homem, n'este eden delicioso, a que dão o nome de terra!

Que folgue e ria o rei da criação, quando levanta entusiasticos *hosanas* ao sentimento e á razão!

Que folgue e ria o rei da criação, quando nivela os sentimentos da sua alma pelos instinctos brutaes dos outros seres da natureza!

VIII.

Mas em frente das feras, nutridas pela peste do cynismo, erguem-se os privilegiados da terra, sobranceiros e altivos, como outra a cruz de Christo nos campos da Palestina.

São os homens para quem o amor é uma crença. São os homens para quem a mulher é a religião do céu, annunciada á terra pelos mellicos sons de divino alaúde.

Para estes a mulher é a vara magica, que faz mover o homem ao impulso grandioso de arrojados sentimentos. Para estes a mulher é o talisman poderoso, que protege o homem nas perigosas evoluções d'uma vida toda espinhos. Para estes a mulher é a estrella da manhã, que allumia ao homem todo o horizonte da sua vida, como o suspirado pharol allumia ao marinheiro o porto de salvação, que o vae subtrahir ao furor da tempestade.

A vida é então uma sublime abstracção, em que as leis do sentimento são o evangelho sacrosanto, onde o homem vae sorver o nectar delicioso, que lhe embriaga os sentidos, n'um delirioso anhelar. A vida é então um aspirar continuo para o engrandecimento da mulher.

As altas concepções da intelligência, os calculos phantasiados, nas profundas meditações, os fructos espinhosos, colhidos no campo da sciencia, da gloria, e dos combates, são os florões resplendentes da corôa de diamantes, com que o homem cinge a fronte da mulher a quem adora.

O homem só então vive pelo amor e para o amor, pela mulher e para a mulher, pelo sentimento e para o sentimento.

E em troca de tantos sacrificios, dispendidos por toda a vida, o homem só pede uma palavra: só exige da mulher, que não faça tombar o astro, que o guia, nos sonhos fogosos da sua mente illuminada.

J. A. Santos e Silva.

Epitre à ***

Ne me demandes pas de beaux vers sur la gloire
Je ne le puis, enfant! cherches un plus grand talent
Ma muse toute en pleurs, rappellé la mémoire
De tout ce que j'aimai, absent, mort ou vivant!
Il me sera plus doux, cher enfant, de te dire
Ce que je ressentis en te pressant la main,
Que chanter des héros qu'à peine je sais lire
Qu'on célèbre aujourd'hui, qu'on oubliera demain!
Toi! qui de mon exil fût la première aurore!
Le premier doux rayon qui réchauffa mon cœur
J'aime à te répéter... Je veux te dire encore
Que ta vue à l'instant fit taire ma douleur!
Tu fus comme l'anneau d'une chaîne brisée
Renouant pour nous deux le présent au passé
Les jours de ton jeune âge à l'heure fortunée
Qui nous réunissait sans l'avoir espéré.
Dès que tu m'apparus, tes yeux et ton sourire
Me rendirent l'enfant que j'avais tant aimé!
Sur ton front noble et fier ma tendresse sût lire
Ce que ton cœur contient d'honneur, de loyauté!
La douleur a gravé dans ce cœur trop sensible
Le constant souvenir des malheurs du passé...
Où tu perdis hélas! dans un moment terrible
Une mère! une sœur... que la mort a fauché!...
Oh souviens toi toujours! de ces âmes si belles!
Qui furent les soutiens de tes pas chancelants...
Elles vivent au sein des splendeurs éternelles
Et suivent les progrès de tes rares talents!
C'est encor leur amour qui bien souvent t'inspire
Ces généreux élans qui sortent de ton cœur!
Et quand dans ton sommeil un ange vient sourire
C'est ta mère qui veille, ami, sur ton bonheur!...
Viens donc cher orphelin! viens quand ma voix t'appelle
Toi! l'enfant que mon cœur n'a jamais oublié!
Prends ta place au foyer, range toi sous mon aile
Tes frères et tes sœurs l'en offrent la moitié...
Jadis, j'eus deux enfants! trop parfaits pour la terre!...
Et, sur leur front brillait la marque des élus!
L'un a fait mon bonheur! consolé ma misère
Sa beauté rayonnait de ses douces vertus!
Son nom vivra toujours! et son ombre chérie
M'entoure comme un voile, inaperçu de tous...
Son souvenir remplit les heures de ma vie,
Et, comme un ange hélas! Je l'invoque à genoux!
L'autre fut pour nos cœurs comme un songe ineffable!
Qui enivre nos sens! que l'aube voit finir!
En passant, il laissa sa trace ineffaçable!
Puis... au ciel s'envola! pour ne plus revenir!...
S'il vivait!... il aurait ton regard et ton âge!
La foi, qui de ton âme épure les ardeurs...
De cet archange! enfant, rends moi la chère image,
Sois mon fils bien aimé!... rends la joie à nos cœurs!...

Porto, 10 Novembre 1853.

SAUDADES.

Aqui, juncto do Mondego,
Sob os salgueiros sentado,
Vou contar minhas saudades
À corrente, ao bosque, ao prado.

Vou, que os échos, que escutaram
D'Ignez os tristes amores,
Talvez leyem aos do Têjo
Uma só das minhas dôres.

Quando a aragem docemente,
Com mui branda viração,
Vem por entre os arvoredos
Beijar as folhas no chão;

Quando as aves madas, tristes,
Sem a meiga voz soltar,
Pelas balseiras fechadas
Vem um abrigo buscar;

Quando á serra sobranceira
Alveja a fronte nevada;
Quando ao longe, muito ao longe,
Pastoril frauta é tocada;

Que saudades vem n'essa hora
Sobre minh'alma pousar!
Que saudades! ai! nem d'ellas
Posso á corrente falar.

E depois, mais tarde, quando
Assomando ao horizonte
Vem a lua pouco a pouco,
A surgir detraz d'um monte.

E quando o céu se recama,
D'estrellas, que não tem fim,
Umás côr d'oiro fulgentes,
Outras, de prata, e marfim;

Quando a voz d'ignota virgem,
Com agreste vibração,
Modulando tristes queixas,
Vem quebrar a solidão;

Que saudades vem nessa hora
Sobre minha alma pousar,
Saudades de que nem posso
Sómente ao bosque falar.

Se estas aguas, estes freixos,
Tem seductora lindeza,
Se a negra sombra da serra
Tem majestade e grandeza!

Se a brisa canta seus hymnos,
Se o abrasado arrebol
Desce do céu ás alturas.
Ás horas do pôr do sol!

Se em longa fila os salgueiros
Lançam as folhas no chão;
Se também elles murmuram
Saudosa triste canção;

Se a doce voz da donzella
Vem o silencio quebrar;
Se vem o mocho mais tarde
Lúgubre pio soltar;

Se a candidez das estrellas
Vem juncto á lua fulgir;
Se entre toda essa tristeza
Os céos parecem sorrir:

Porque será que em minh'alma
Vem as saudades pousar,

E que uma lagrima triste
Vem pelas faces rolar?!

Ai!... Porque?... Tenho saudade
D'outras aguas, d'outras flores,
Do cicio d'outra aragem,
D'outro vale, d'outros pastores.

Porque tudo me recorda
Outro canto, outra harmonia,
D'outra serra, d'outro outeiro,
Que tem mais melancholia.

Tenho saudades do tecto
Sob o qual vivem os meus!
Saudades da minha terra!
Saudades d'aquelles céos!

Do som da pobre sineta
Das trindades da manhã,
Do cypreste que dá sombra
Ás cinzas de minha irmã.

Inda tenho uma saudade,
Que jámais hei de deixar;
Mas essa nem mesmo os anjos
Podem siquer soletrar.

Coimbra, 12 de Dezembro de 1853.

J. G. de Barros e Cunha.

PASSADO E PRESENTE.

Triste mortal, que suspira,
Sempre o futuro abraçar...

Pobre pó!.. constante gyra

Até na lousa findar!...

Vaguêa ao grão da sorte,

Quer louco sorrir da morte,

Passando a vida a chorar!...

Como á flor vão os insectos,

Assim ao pobre os affectos

Lhe vão a vida roubar.

Ora sorri descuidado

Do seu incerto porvir,

Ora deslembra o passado

D'amor fagueiro a fulgir:

Descanta em seu alaúde

Mil grinaldas de virtude,

Cingindo a fronte á mulher;

Depois sceptico lhe brada

Que por ella foi calcada

Toda a crença do seu crer.

Folga então de ver imperios

A morrer d'esforços vão,

Calca aos pés nos cemiterios

As cinzas de seus irmãos;

Das illusões nos destróços,

A sua alma nos seus ossos
 Julga o pobre ver findar,
 E das aguas do baptismo
 Elle ri, porque o cynismo
 Lhe vem o *nada* apontar.

Mal haja a louca vaidade
 De não ter já coração,
 De descreer da eternidade,
 De crer Deus uma illusão!
 Por vaidades, por loucuras,
 A c'róa das desventuras,
 Eu já na frente cravei;
 Era força que brilhasse
 Um astro que despertasse
 D'alto Deus a sancta lei.

E surgiu, lindo e brilhante,
 No brilhantismo do céo;
 D'aquella noite constante
 Formosa aurora rompeu;
 Morreram trévas passadas,
 As crenças desmoronadas
 Vi uma a uma voltar;
 A vida eterna com ella
 No gozo da minha estrella
 Deus eterno me ha de dar.

Quem me déra a nobre lyra,
 Do Petrarcha a descantar!
 Minha mente me delira
 Por ser o Dante a cantar;
 Porque então, em noite amena,
 Da soidão á voz serena
 Já meus cantos junctar;
 A virgem d'amor a palma
 Já dar, qual a minha alma
 Á sua alma fui casar.

Dar-lhe o beijo, que o poeta
 Sem crime pôde offertar;
 E como Deus ao propheta
 Mil venturas lhe fadar.
 Seu olhar de luz immensa
 Me deu vida como crença
 Ao mundo Christo legou;
 Deus lhe deu amor intenso,
 Como o seu poder immenso,
 Que nas soidões estampou.

Vem, donzella, no deserto
 Juncto a meu peito sorrir;
 Meu futuro vago... incerto...
 Vem d'amor todo cingir...
 Fujámos!... Se a sociedade,
 Ou por loucura, ou vaidade,
 Desdenha, sorrí d'amor,
 Cumpre, virgem, meus desejos:

Vem trocar pelos teus beijos

As c'róas da minha dôr.

Dezembro 1853.

F. Soares Franco Junior.

PAGINAS DE VIDA INTIMA.

II.

Lisboa.

Quando has de ser quem foste, oh terra de
 D. João I?

A. HERCULANO — *Monge de Cister.*

Arrebatado por uma brisa deliciosa, o S.
 Bernardo ía deixando atraz de si as torres
 do Bugio e S. Julião.

— A nossa direita prolongava-se n'uma lon-
 ga enfiada de casas alvacentas uma pequena
 povoação de pescadores, cujas embarcações,
 mais ligeiras que o vento, se cruzavam em
 differentes direcções.

É um espectáculo soberbo, quando os pri-
 meiros raios do sol alumiam as cumiadas das
 montanhas, ver, como a cidade despiendo seu
 manto de vapores, majestosa como uma fa-
 da, grande como um gigante, se mostra de
 repente aos olhos deslumbrados dos que vem
 demandar repouso em seus muros.

— Vêdes aquella embarcação, que avança ar-
 rogante pela barra dentro, e que lá vai fun-
 dar defronte da torre de Belém? É um va-
 por que a soberba Albion manda alli com
 ordens superiores á Soberana de Portugal.
 Além desinquieta e altiva, a bandeira france-
 za fluctua nos ares, invejosa talvez do imperio,
 que a sua rival soube alcançar nas Hes-
 panhas.

— Avistámos depois as vidraças do convento
 dos Jeronymos, onde os raios do sol batiam
 com brilhante reflexo.

— Cingida d'um largo manto de verdura,
 cercada de palacios magnificos, Lisboa não
 parece a capital d'um pequeno povo, mas a
 cabeça d'um vasto imperio. Viam-se ao lon-
 ge os mastros de muitos navios mercantes, e
 de dez ou doze vasos de guerra. Defronte do
 palacio de Belém estavam ancoradas duas
 náus inglezas. Entrando depois no quadro,
 divisa-se a estatua de D. José I, n'uma das
 mais bellas praças da Europa. Mas a illusão
 não dura muito, e esse corpo gigante toma
 bem depressa as dimensões de pygmeu.

— Ah! não! já não é essa Lisboa formosa,
 dormindo voluptuosamente nas aguas do seu
 rio, ou mirando-se altiva, como uma rainha;

é a Lisboa mercenaria e corrupta, que se arrasta no lodo, sorrindo aos insultos, que lhe atiram ás faces. A desgraçada revê n'um pensamento devorador, n'uma synthese atroz, seu longo e glorioso passado, seu triste e negro futuro. Pela alta noite de seu viver de seculos, lá lhe desponha por vezes um rapido reflexo d'alegria.

Mas que importa isso, depois que, esmagada debaixo do peso dos tributos, dilacerada pelas luctas de bandos civis, prostituida ás paixões desregradas dos grandes, trocou os seus loiros de mil batalhas por um pobre ramalhete de flores?!

Engolfado n'estas cogitações dolorosas, estendi os olhos para o firmamento, aonde nem uma só nuvem corria. Pelas faces senti depois deslizar uma lagrima. Férvida e ardente foi a oração que murmurei, antes de pisar essa nobre terra de Portugal.

Um dia, pensava eu comigo mesmo, esses enredos ambiciosos serão desmascarados á face do povo; correremos todos a rodear os pendões da independencia da patria; e ao grito d'essa guerra sancta esta nação-cadaver ha de resurgir de seu negro sepulchro.

Mal pensava eu, que não estava longe a hora, em que se abria para este maldado paiz uma longa carreira de desventuras.

Ao desembarcar no terreiro do Paço despedi-me do meu joven companheiro de viagem. Os acontecimentos, que se seguiram, embaraçaram-me de o tornar a ver tão cedo, como desejava. Soube depois, que morava n'uma hospedaria ingleza na rua de S. Francisco.

O adeus melancholico do joven, no momento em que ia deixar a terra natal, não se me riscava da lembrança. Sua alma innocente e pura derramava na minha, já crestada pelas tempestades do espirito, suas mais sanctas aspirações, suas crenças fervorosas em Deus e no futuro; e eu, homem solitario e triste, habituado a sentar-me sobre ruinas, ou sobre a pedra dos sepulchros, sentira outra vez a esperança esaldar-me a fronte, como nos bellos dias da minha juventude.

A resolução e energia das almas fortes e apaixonadas revelava-se-lhe nas feições. Crença, embalada ao som das tormentas da costa, não seria um sopro de vento, que a deitaria no chão, mesmo assim fraca, debil, e apenas na infancia da vida. Aquella imaginação de onze annos creára-se no meio de scenas terriveis e majestosas. Mas o que tinha um poder immenso para elle, o que era capaz de o

fazer curvar, como o ramo d'uma arvore, quando das bandas do norte surge um golpe de vento, que derriba tudo, era a saúdade que o affligia, que o opprimia d'amores, por sua mãe.

Porque não estava alli, me dizia elle muitas vezes, a companheira de seus brincos da infancia — a sua Margarida? o anjo, que Deus tinha posto a seu lado para lhe sorrir na aurora de seus primeiros dias? Quantas vezes não passearam junctos na praia? Quantas noites se não assentaram nos torreões da Candelaria, a admirar a belleza do céu, o brilho das estrellas, e os esplendores do mar? Não tinham elles junctos abençoado o nome de Deus n'aquelles momentos d'ingenua fé e sublime adoração?

Na noite da minha chegada fui visitar o meu nobre amigo o conde de ***. Sabia que elle era o alvo de grandes e poderosos inimigos; e desejava ouvir o seu juizo á cerca d'esse estado d'oscillação e de crise, que infundia tão graves receios pela segurança do throno e da liberdade. Sinceramente affeçoado ao governo representativo, sempre deplorei essa cegueira dos partidos, dos que trocam a paz d'um povo livre pelo tumultuar das praças publicas. Parecia-me, que aos sanguinolentos combates da guerra civil, e aos desastres e perdas, que d'ahi tinham resultado, devia succeder uma longa paz, que reanimasse a industria e a agricultura abatidas, que assentassem em fim o edificio das liberdades publicas sobre bases solidas e estaveis.

O conde estava só quando entrei.

Conversámos largo tempo, primeiro sobre recordações do exilio, depois sobre a revolução, que se dizia imminente.

— Julgaes, me disse elle, que em o povo se acostumando a gritar nas praças, como um furioso, será facil depois reprimir-lhe as iras, ou deter-lhe a carreira, se um dia elle se lembrar de pôr as mãos n'esse throno, que levantámos sobre a ponta de nossas espadas?

— Creio, lhe respondi, que á similhaça da nação franceza, a mania das revoluções o ha de arrojara ao campo da guerra civil, a esse campo maldicto, que priva a patria de seus filhos mais queridos. Vergonha porém aos que accendem o brandão da discordia, quando as cinzas dos que morreram ainda estão quentes; quando o lucto cobre ainda o rosto das viúvas e dos orphãos!

Mas que querem esses homens, continuou elle? repetir as luctas do povo e da realeza, que fizeram de Luiz XVI um martyr? inau-

gurar aqui o governo republicano, quando não é possível quebrar as cadeias, que nos prendem a esse passado da monarchia, sempre forte, robusto e glorioso, que fez de Portugal uma das primeiras nações da Europa?

— Se é verdade o que hoje tenho ouvido, a revolução conta com algumas cabeças que lhe tornarão facil o triumpho.

— E quem são esses miseraveis conspiradores?

— Ha entre elles almas inflammadas do mais sancto patriotismo, e que acreditam sinceramente nas promessas dos chefes; o mais não vale a pena que se lhes dê esse nome. Ávidos de dinheiro e de empregos, pensam que o estado lhes deve riquezas e poderio, uns porque andaram ali alguns mezes com as armas ao hombro, outros porque visitaram as margens do Tamisa e do Sena, em quanto nós affrontavamos nos campos de batalha as balas inimigas.

— Covardes! replicou elle.

E seguiu-se depois uma longa pausa.

Conheci que não era este ensejo para longas prácticas. Despedi-me desejando-lhe uma noite socegada e tranquilla. Negra ía porém a noite. Os mil lampeões da cidade brilhavam nas trevas, como diamantes; e o brado das sentinellas do velho castello de S. Jorge resoava na praia, triste, sombrio e lúgubre, como o canto d'uma ave d'agoiro. E quem áquellas horas visse Lisboa, recostada nas aguas do seu rio, como uma donzella pensativa e triste, sentiria um d'esses apêrtos de coração, que gelam o sangue nas veias.

Ouviram-se dez badaladas, sonoras e melancolicas.

Vêdes aquelle monumento, que se ergue no meio da cidade, como o esqueleto d'um morto? É a velha cathedral de Affonso Henriques. Sete seculos lhe passaram já pela cabeça. O grito d'Allah ressoou primeiro nos seus muros de pedra; mas veio depois a espada dos guerreiros de Christo, arrazando muros, assolando cidades, e decepando cabeças. E a bandeira christã se erguera triumphante no alto de suas torres. Então as suas columnas se vestiram de flores, seus altares de loiros: todos os dias vinham pregar-se-lhe nos doirados tectos bandeiras conquistadas sobre o inimigo á ponta da espada. Era um viver de glorias e de pompas, como não tem havido, nem ha de haver. Mas agora, em lugar de festas e alegres canticos, sua oração do dia e da noite é um *dies irae* sombrio, implacavel e terrivel...

A essa hora agitavam-se em roda do velho templo vultos de homens, escuros, negros, e horrendos. Um murmurio de vozes, que se interpellavam, que se interrompiam, que se enfureciam; e um tinir d'armas, que a luz dos lampeões ás vezes atraçoava...

Que singular mysterio seria aquelle?...

O sino da cathedral bateu outra vez, compassado e triste; era meia noite. Então aquelles vultos dispersaram-se á voz de um homem. E ouviu-se depois uma infernal vozeria, que espantava e atroava tudo. Batalhões armados apoderavam-se das posições mais fortes da cidade. O Terreiro do Paço via trinta mil cabeças moverem-se no seu vasto recinto, como espigas n'um campo de searas. Uma selva de lanças e baionetas guarnecia todas as ruas.

Sabeis o que aquillo significava em phrase moderna, pomposa, suave, elegante e harmoniosa?... Uma revolução!

(Continúa.)

Alexandre Meyrelles.

UMA VIAGEM AO FAYAL.

Fragmentos.

Continuado da pag. 20.

Pela tarde, o sol, transpondo os alcantãs das serras, desce afogueado para as bandas do mar, e vae dourar com seus ultimos reflexos os edificios da cidade.

Com os pés n'um tapete de musgo, respirando a frescura dos rochedos, e o ar balsamico das flores, a ilha parecia-me um jardim phantastico, todo luxuriante de vegetação, e recamado de mil pomos de oiro, que deslumbram a vista.....

Era n'um domingo. A natureza, que parecia ter-se esmerado além do costume, apresentava-se ainda mais risonha e prasenteira; os passarinhos, saltando e voando doidejantes d'um a outro ramo de copado arvoredado, symbolisavam a candida innocencia dos anjos, casando o seu doce trinar com os exaltados canticos dos filhos do povo. Os sinos parochias chamavam á oração, e os camponezes entravam respeitosos o atrio d'um templo. Cheguei no momento em que o padre subia ao pulpito. Era um homem de cabellos brancos e de nobre aspecto. Seu discurso tinha por objecto as vãs esperanças dos homens, que collocaram seu futuro nas cousas da terra, e que não contaram para regular sua vida com os decretos da Providencia. Lamentava a cega presumpção

da creatura, que não póde comprehender nem as causas nem os motivos dos mais simples acontecimentos; que nada sabe do passado nem do futuro.

E todavia, accrescentava elle, que é a vida para que deis tão grande importancia ás suas mais sérias vecissitudes? Que é a pobreza? A desgraça? A morte? Senão pequenos accidentes na immensidade dos seculos, que vos pertencem? Provas necessarias d'uma alma mal fortalecida pela fé, ou condições irrevogaveis da ordem universal, esses accidentes, que indignam vosso orgullo, que mortificam vossa constancia, devem concorrer talvez no plano sublime da creação ao complexo de sua maravilhosa harmonia.

As palavras do sacerdote, echoing pelas abóbadas do templo, inculciam veneração e respeito.

Continuando a minha digressão cheguei ao bello sitio dos Flamengos. — É uma d'essas paisagens ricas de fórma, de gosto, e de elegancia. São torrentes que descem das montanhas, e que mixturam seu ruído severo e majestoso ao susurro da folhagem; são mil vozes cantando os segredos da creação; é a poesia dos campos em todo o seu brilho, em toda a sua luz.

Depois de atravessar uma ponte arruinada, subi uma íngreme ladeira, para gosar d'um ponto mais elevado toda a prespectiva da scena.

Grupos de colinas em fórma de amphitheatro coroavam um pequeno mas formoso valle, e as casas brancas de neve, graciosamente dispersas, faziam realçar o verde escuro dos campos.

Frondosas ramadas enchiam de pompa este delicioso Eden, e as flores, cingindo-o do mais vivo matiz, acabavam um panorama, que seria egual mas nunca inferior a tantos outros, que traçara o pincel artistico d'um Horacio Vernet.

Descançando á sombra d'um velho castanheiro, n'uma completa abstracção d'espírito, cuidou ver em pavilhão ornado de sumptuosos relevos e ricas bordaduras, a rainha d'aquelles logares, a fada de tantos prodigios — a Natureza.

O camponez açoriano é intrepido, affavel e hospitaleiro. Como todos os povos insulanos, mede altivo a immensidade dos mares, e mui poucos são os que não trocam o socego doce e pacifico da vida campestre, ou pelo viver arriscado dos combates, ou pelos atrevidos azares da vida maritima.

Quando D. Sebastião, de infausta memoria, foi sepultar nos areaes d'Africa a gloria das quinaz portuguezas, acompanhava-o uma phalange de açorianos, que lá ficaram mortos ou captivos, como outros que nunca mais voltaram á patria.

O habitante dos Açores é religioso de coração. Mencionarei especialmente as festas do Espirito Sancto, que allí se celebram com grande pompa e solemnidade. Resentem-se talvez das fórmas do paganismo, mas a honestidade dos fins apaga inteiramente a singularidade dos meios.

O domingo do Espirito Sancto é, inquestionavelmente, o dia mais solemne do anno.

N'um pequeno edificio chamado o *theatro*, procede-se á eleição do *imperador* da festa, no meio de estrepitosos foguetes; as danças succedem-se ás danças; e o novo *imperador*, seguido d'uma côrte de *foliões*, dirige-se a sua casa, aonde o espera um lauto e esplendido banquete.

N'esse dia as lagrimas do pobre são enchugadas pela caridade dos ricos; fóra as muitas esmolos, que o *imperador* liberalisa, repartem-se alguns milhares de pães pelas familias necessitadas. São porém os pequenos proprietarios quem mais concorrem com seus modicos haveres para esta obra de beneficencia.

Acontece nos Açores o mesmo que em toda a parte, em que a grande propriedade se alongou pelo sólo; as classes baixas tendem a succudir o jugo que as opprime, e a elevarem-se depois pelo trabalho e pela industria a condições de maior prosperidade.

Mas é preciso que os governos auxiliem essa tendencia, aliás seria tentar o impossivel.

Assim nos Açores a propriedade do sólo pertence exclusivamente aos morgados. Os morgados são os *Lords* das ilhas.

Mollemente recostados em seus sofás, lo-cupletam-se com as fadigas do operario, cuja substancia devoram sem dó nem piedade.

Ignorando todos os processos agronomicos, e encastellados na myope vaidade de seus velhos pergaminhos, sem se importarem com as revoluções que todos os dias se operam no mundo economico, definham no abatimento, e preparam a sua ruina futura, porque o braço, que lhes cultiva a terra, irá fecundar outros terrenos na America, para onde afflue todos os annos a povoação açoriana.

Este mal carece porém de prompto remedio. E julgámos n'esta questão estar empe-

nhada a sorte de uma das mais importantes provincias portuguezas. Já alguns Deputados no Parlamento propozeram, como remedio, a obolição dos vinculos.

A cultura do tabaco seria tambem por ventura outro meio de elevado alcance, e que occuparia os braços, que a emigração nos rouba todos os annos.

Mas é tempo de deixar a minha bella ilha e de partir para o continente, até que um dia volte de novo e para sempre repousar na terra em que nasci.

Este fragmento que ahi deixo escripto, é um traço fugitivo de impressões que então lancei no papel; são folhas dispersas de dois dias da minha vida, passados alegremente em descuidoso remanço, placidos e suaves, como o raio da lua que alumia as serras do meu paiz.

E se o passado me surri ainda ao entrever as nuvens do futuro, porque não hei de eu offerecer-lhe um tributo de saudade e d'amor?

M. A. Guerra.

TYPOS POPULARES.

A REGATEIRA DE COIMBRA.

D'entre os diferentes typos, em que avulta a nossa sociedade, nenhum por certo merece ser estudado com preferencia ao da regateira da praça. De todos os typos conhecidos, a regateira é o mais saliente pelos recursos naturaes que possui, pela sua residencia constante nos logares mais publicos da cidade, e pelo mysterio em que parece envolta a sua vida complexa e contradictoria.

Mais popular que o carvoeiro da serra, de quem sempre zomba nos seus momentos de folgança, a regateira excede muito em originalidade o barbeiro das sanefas verdes. Tão versada, como este, nas leituras *rançosas* do *Carlos Magno*, tem ás vezes acalorados debates com elle sobre pontos intrincados da *Historia da Carochinha*. É n'estes momentos de enthusiasmo que a regateira desinvolve todos os seus recursos oratorios; e se nem sempre deixa convencido o seu tenaz adversario, mais de uma vez acontece, n'um improvisado digno d'um deputado da maioria, deixal-o confundido e pasmado, sem poder retorquir-lhe.

Nas crises mais melindrosas da sociedade nunca faltou a regateira. Testemunha ocular de todos os acontecimentos que se passam na rua, porque ahi é a sua casa, a regateira toma logo parte n'elles. Se é uma revolução popular

que se agita, entra irremediavelmente n'ella, e torna-se tribuno furioso. Á falta de polvora e balla, servem-lhe ás pedras da rua. A regateira apedreja os aristocratas, e fala ás turbas. Com o enthusiasmo de proletario, não lhe esquece nunca que está privada dos seus direitos politicos, e torna-se um terrivel amotinador. A regateira é essencialmente democrata, e tem pesadellos horriveis quando sonha com a sua emancipação. Não póde levar á paciencia, porque tem consciencia do que vale, que os homens lhe usurpassem todos os direitos, e reduzissem a mulher quasi á condição de escrava. A regateira é humanitaria por indole e observação; repelle com nobre orgulho uma esmola, mas quer o direito ao trabalho. Conhece a mesquinhez do salario, e por instincto acha imperfeita a philosophia do direito, que julga responsavel por todas as suas consequencias. Quer ter um talher no banquete social; condemna, sem saber, a theoria immoral de Malthus, e exige a realisacão do seu sonho doirado — a emancipação da mulher.

Por uma consequencia logica d'estes principios, a regateira é muito condoída dos males alheios. Se um *garoto* por acaso quebra a cabeça a alguem, ou se succede na praça qualquer outro desastre, ella toma logo o partido do mais fraco, apresentando contra o agressor os mais fortes argumentos de fraseologia *chula*, não esquecendo uma grande dóse de insultos, acompanhada dos mais injuriosos nomes da sua giria. Como todas as suas obrigações e cuidados se resumem em *vender na rua*, ella, substituto nato do juiz de paz, interpõe logo o seu juizo em qualquer desordem, inculca o seu valimento, e em columna cerrada com as companheiras, muitas vezes chega a espulsar do seu territorio algum turbulento, principalmente se elle é da aldéa.

Algumas vezes tambem a regateira tem furiosas altercações com as companheiras; é quando alguma se esquece do preceito democratico da egualdade, e que compra só para si algum genero, que as outras não teem; porque a regateira (sublime contradicção da sua vida!) a par dos principios que defende em theoria, costuma na practica fazer de vez em quando o seu monopolio. É interessante então ver como todas as que não entraram no negocio combatem a desgraçada, que ousou profanar os sanctos preceitos. É bello ver como esta defende com os principios da Economia Politica o contracto que ultimou. E depois, esgotadas as razões, lá se chega por fim ao insulto; vem então todos os actos licitos e illicitos de que

ellas tem noticia; não fica nada por dizer; e quando Deus quer é ainda o sócco, este terrível argumento, que vem terminar a pendencia, que o interesse offendido suscitára. É uma guerra terrível a que tem logar por estas causas. Arranham-se, mordem-se, beliscam-se, arrancam o cabello umas ás outras; dão tractos horriveis á sua victima.

Quando a questão chega a estes pontos, o *tertius luit* é o pobre administrador do concelho, a quem ellas não largam um momento, contando as suas queixas, e pedindo vingança. Algumas, as mais sabias, já não procuram a administração. Tem cabal conhecimento dos artigos da reforma judiciaria, e arranjam logo uma policia. É então o juiz de direito que tem de aturar as consequencias d'aquella pendencia, que ordinariamente termina pagando-se as custas a meio.

A regateira é essencialmente murmuradora; não lhe escapa a mais leve fragilidade humana; sabe de cór a vida de todas as raparigas da cidade; lamenta o infortunio d'uma, tem inveja da posição d'outra, e só d'uma cousa se considera feliz, — é quando á noite váe passar em colloquios amorosos, a vida que a outras tem criticado. Preguiçosa por indole, a regateira, acabados os seus entretenimentos diurnos de má lingua, váe á noite aquecer-se á chaminé, acocorada com a cabeça entre os joelhos, ou enroscar-se n'alguma esteira, por ventura de palha, mas que os tractos cazeiros transformaram em massa informe e sem nome. Companhia inseparavel da sua róca, não para fiar, mas para improvisar de trabalhadeira, por *esquecimento* imperdoavel nunca tracta de a vestir de novo; e se no fim do anno lhe virdes algumas téas, estae certos que nem um fio foi por ella arranjado: comprou-as, porque a regateira faz consistir o seu thesoiro em téas e cordões.

Nos domingos e dias de festa é que a regateira apresenta o seu luxo; é verdade que algumas vezes vel-a-heis sem meias mettida n'uns tamancos de dimensões consideraveis; mas sem o classico cordão d'ouro ao pescoço, e sem as inseparaveis argolas nas orelhas, nunca ella apparece em dias de festa.

A regateira é doida por café; café de todas as qualidades, tomado a espaços de meia, ou quando muito uma hora. Por isso tambem os botequineiros nunca dizem mal das regateiras: seria escandalisar o seu melhor freguez; e um botequineiro sabe guardar as conveniencias da sua profissão. Quem observar a regateira á tarde, ha de admirar-se ao vêr a enorme quantidade de vezes que ella leva um caneco á bóca. Dir-

se-hia que a regateira arrebeta de sêde, e haveria receio de que a sua vida terminasse por algum caso de hydropisia. Pois não é assim: o liquido que tão frequente ella sorve, é vinho, — porque para a tarde a regateira, vendo diminuido o concurso dos freguezes, é que começa a pensar na sua triste sorte, e á imitação de seus irmãos proletarios, vae esquecer na embriaguez o desgosto da sua mal aventurada posição.

A maior picardia que podiam fazer a infeliz regateira, foi mandarem-na levantar da praça ao meio dia nos domingos e dias sanctos. Darnou-se, desesperou-se, definiu, e por conselho provavel do compadre barbeiro, requereu á camara para ficar até á uma hora da tarde. É esta a hora a que finda a ultima missa na egreja de S. Thiago, e a regateira ficaria para sempre inconsolavel se a privassem do divertimento de dizer mal de todas as pessoas que saem da egreja, e lhe tirassem a garantia d'esta analyse, que é a sua vida.

Rigorosa executora do decalogo, vel-a-heis comprar por tres o que depois vende por excessivo preço; e se indagardes as medidas pelas quaes compra, vereis que são muito maiores que aquellas por que vende. Enthusiasta do sublime, a regateira applaude com frenesi uma farça de cordel, representada *sem-saboricamente*; e, se lhe perguntardes do que mais gostou, se do drama ou da farça, responder-vos-ha innocentemente que d'esta, porque se riu, e não teve ataques de sensibilidade.

A regateira é habitante forçado dos mais immundos bêccos da cidade. Pela proximidade em que fica da praça, o Romal é quasi exclusivamente o bairro da sua habitação. Da praça ao Romal vão dois passos; e a regateira póde assim, sem risco de cafr, transportar para casa a tenda, que ao romper do dia vae logo outra vez collocar no seu logar. É por isso que a regateira é hoje opposição. Ha o projecto de fazer uma praça regular em Sancta Cruz, e a regateira tem muito amor ao seu ninho para gostar d'estas innovações.

A regateira morre como viveu. Esses pequenos haveres, fructo das suas economias, consomem-lh'os a usura do boticario, e as multiplicadas visitas do medico. Miseria na vida, miseria ainda na morte. Entre quatro paredes d'um escuro sotão deixa a existencia este ser incomprehensivel e mysterioso, que só tem por mortalha uns farrapos, que a caridade lhe ministra, e por oração as pragas das victimas da sua terrível maledicencia.

ESTUDOS HISTORICOS.

INTRODUCCÃO.

Quando se observam á luz da philosophia os caracteres fundamentaes da civilisação, o espirito concentra-se n'uma abstracção mystica, para descobrir o genio do progresso, seguindo a humanidade nas suas evoluções successivas no tempo e no espaço. Ávido de sciencia, como ebrio d'orgulho, impellido por um desejo ardente de conhecer, o homem pretende descobrir o principio latente, d'onde procedem os complicados phenomenos do mundo moral, sensivelmente revelados na marcha incessante do espirito humano, evidentemente realisados no espantoso melhoramento da sociedade moderna.

O homem aspira a conhecer tudo sem tentar explicar essa aspiração, porque a sua razão de ser, existe, como diz Pelletan, no facto de querer, e tanto basta.

Achando-se no mundo sem outra causa mais do que a propria existencia, pretende conhecer o laço mysterioso que o prende aos seres e a lei suprema do seu destino.

Colocado entre um passado aterrador e um futuro nebuloso, de que apenas começa a levantar-se uma orla; vacillante no meio do vertiginoso tumultuar d'uma epocha de transição, lança-se no campo da historia, evocando as sombras que vaguêam por entre as ruinas das velhas sociedades.

Pretende interrogar as gerações, que passaram, e achar no pó dos tumulos o verbo do passado; e a habitação dos mortos responde-lhe com o silencio do nada! Contristado pela mudez pertinaz dos tumulos, interroga a historia, como testamento unico das gerações passadas. Devora em silencio a chronica dos povos que se sumiram no meio dos cataclysmos, fugitivos como o relampago, e que cederam o passo ao espirito do futuro, encarado, como verbo regenerador, n'esse Protheu de mil formas, chamado progresso. Tomando a civilisação no berço do genero humano, segue—a passo a passo por entre as magestosas ruinas dos imperios collossaes, que dominaram o mundo, e de que apenas resta uma pagina de historia. Incaçavel Ashaverus, caminha sempre até descobrir a formula unica e progressiva, o principio eterno immutavel, permanente, o centro da acção, donde partem os raios luminosos da intelligencia. Esse principio é o progresso; lei constante é geral no portentoso caminhar da humanidade.

A sociedade, reflectindo o homem, este resumindo-a, seguem os mesmos periodos na existencia, passam pelas mesmas alternativas, até cumprirem a sua missão providencial na grande obra do progresso.

Cada geração é destinada a realizar no espaço e no tempo uma parte do principio superior que domina a humanidade—cada sociedade é o resultado do progresso anterior, e o instrumento providencial d'uma nova idéa. As nações succedem-se como legatarias d'uma herança social, adquirida á custa de gloriosos e pungentes sacrificios. Assim a Grecia é um resumo dos progressos anteriores; a successora da Persia, da India, e do Egypto. Roma, concentra os progressos do mundo antigo, e é como um abysmo lançado entre o mundo pagão e a civilisação moderna.

As sociedades reflectem sempre um principio, que as anima, que lhes dá uma individualidade na historia, para não morrerem sob o peso da impotencia e nullidade.

As sociedades sem principio, que não obedecem a uma idéa, desapparecem da terra, sem que a humanidade se recorde da sua existencia inerte e sem vida moral.

Estudar a historia das sociedades é seguir o desinvolvimento do progresso através das gerações que se succedem na realisação da grande obra humanitaria.

Observar como a lei suprema do mundo moral, como o verbo do progresso se fez carne, eis em ultima analyse a missão da historia. Lei immutavel, idéa absoluta e eterna, como a intelligencia que lhe serve de typo, o progresso não tem termo, é infinito como Deus. Traçar-lhe um limite, seria negal-o; suppôr-lhe um termo, seria o suicidio da intelligencia.

Cada sociedade, sendo o representante finito d'uma idéa infinita, cumpre a sua missão de iniciadora d'um novo progresso, e baixa ao pó dos tumulos, cedendo o logar a uma idéa nova.

Cumprido o fim, a existencia cessa, á falta d'uma razão, que a justifique; e uma nova geração vem tomar o logar que lhe compete na conquista gloriosa d'uma formula superior, e que mais se aproxime do ideal, apresentando á humanidade como uma luva de desafio, que apparece tanto mais longe, quanto mais rapido é o seu caminhar.

É esta a marcha social; foi esta a missão das sociedades passadas; é esta a missão da sociedade presente, como será a de todas as sociedades futuras.

Mas o passado será para nós apenas um

facto que existiu, e sem alcance no presente? Os nomes de Cesar, Attila, Tamerlão e Bonaparte, serão apenas phantasmas que vagueiam no campo da historia? Serão apenas recordações, vazias de interesse, sem resultado no presente?

— Será tudo passageiro na historia? A inscrição do seu templo será a decadência e o nada? Não o cremos, porque a historia não é a lenda grosseira e material dos factos — é mais: é o reflexo d'uma luz immutavel, da realisação do destino providencial, da aproximação do homem para o ideal da perfeição; é a evolução de Deus na humanidade. É certo que o Egypto, a Persia, a Grecia e Roma fogem deante de nós como sombras; os imperios devastados e mudos, as instituições esquecidas erram no espaço, como astros que fulgiram successivamente; mas as sombras de todas essas sociedades levantam-se para apparecerem no tribunal da historia, deante do juiz implacavel da philosophia.

— Acima da dissolução profunda de todos os seres, acima do involucro material e pulverulento de que se compõe o homem e as sociedades, existe um *quid* inalteravel e incorruptivel, immortal e immaterial, que revive sempre, e que sobrenada á superficie da hecatombe de todas as gerações.

— Acima d'estas fragilidades está a essencia, que anima sem se esgotar, porque é infinita como o seu auctor. A razão universal, esse principio impessoal, que é Deus na essencia, acompanha successivamente a humanidade de geração em geração, transmittindo-se, puro como a sua origem, a todas as sociedades e a todos os homens.

— Existindo virtualmente em cada individuo como em cada sociedade, segue sempre o seu desinvolvimento progressivo, a sua realisação fatal e necessaria através dos obstaculos imperiosos das circumstancias exteriores, que podem suspendel-o, mas que jamais poderão aniquilar a sua acção. Transmittido ao homem pela intelligencia, é a alampada suspensa no espaço por um elo que prende na divindade.

— Os factos não são mais do que o resultado da acção constante d'esse principio; a realisação sensivel dos planos da providencia; um degrau levantado no portico gigante do templo, cuja inscrição será *Deus e humanidade*, fundindo e reflectindo n'um brilhante complexo a unidade fundamental da essencia. A

— Herder — *Idées sur la phil. de l'hist.*
— A. Esquiros — *La vie future.*

— harmonia d'esses factos com o principio, é a ordem; o contrario é o mal, a deslocação dos elementos fundamentaes da organização humana — é a anomalia, a inversão da ordem natural, como diz Altmeyer.

— Embora exista o mal, como um facto incontestavel, não cremos, como Pierre Leroux, que seja fatal, inherente ao homem; antes cremos que procede unicamente da inversão primitiva do bem, originada pela ignorancia infantil das sociedades primarias, e que tende a aniquilar-se pelo progresso do bem.

— Assim a historia não é mais do que a revelação do espirito divino ao homem e á humanidade.

— Realisar esse principio livre e plenamente no espaço e no tempo, eis a missão d'ambos — observar o modo como a emersão do principio se realisou, eis a missão do philosopho historiador.

— Mas o homem será um instrumento cego nas mãos da Providencia, para a grande obra da civilisação?

— Não o cremos, porque teriamos de concluir pela negação do livre arbitrio.

— Embora a historia seja o espirito universal na sua effectividade completa, o homem, a quem cumpre realisar-o, é livre e espontaneo; o contrario seria negar á historia o direito de julgar o representante de uma idéa. — A humanidade é submettida a leis constantes, mas nunca fataes, porque obrigam sem coacção. As sociedades então representam uma historia, uma idéa exclusiva, como preparação para outra formula mais perfeita.

— Uma idéa só apparece no mundo por uma vez, n'um momento dado; a epocha d'um povo é passageira e rapida, como a transformação dos principios secundarios, filhos do principio geral — a *razão universal*.

— O progresso, por consequencia, não é mais do que a victoria d'um principio novo succedendo a uma idéa caduca e sem vida; a civilisação não tem sido mais do que um esforço gigante, uma lucta vigorosa e sangrenta contra os preconceitos, contra os interesses, que a nova idéa não sanctifica.

— Quando se estuda a vida social das gerações, que jazem no pó, e se lança a vista para o caminhar lento e vagaroso da civilisação, é impossivel deixar de verter uma lagrima sobre as cinzas dos martyres que exhalaram

— Altmeyer — *Phil. de l'Hist. de l'humanité.*

— Hegel *Phil. de l'hist. Ott.*

— Buchez *Introd. à la science de l'hist.*

o derradeiro suspiro, sem que affrouxasse a crença nas suas aspirações grandiosas, e crearam no progresso como o credo vivo do genero humano. O sangue é quasi sempre o baptismo regenerador das idéas, a iniciação de um novo progresso, a data d'uma civilisação.

Os interesses d'uma sociedade não são compensados nunca pelos novos principios, dizia João Jacques Rousseau. É por isso que o progresso no seu lento caminhar tem achado obstáculos, que teriam aniquilado a sua acção, quando fosse possível vencer uma idéa generosa e justa. É por isso que o primeiro ecco de reforma tem sido em todos os tempos abafado com o sangue dos apóstolos no cadafalso ou na fogueira.

As idéas novas são sempre a aniquilação d'outra idéa, e a sociedade, que ou não a comprehende, ou a escarnece, obriga Socrates a beber a cicuta, bate as palmas com entusiasmo frenetico e satanico em volta das fogueiras de João Huss, Jeronimo de Praga, Giordano Bruno. Mas o sangue d'esses martyres não mata a idéa, que é immortal; e o Concilio de Constança não previa que das cinzas ainda tepidas de João Huss renasceria a revolução grandiosa, que devia mais tarde, á voz gigantesca de Luthero, arvorar o estandarte da liberdade em frente das pretensões injustas do passado, e lançar os cimentos d'uma epocha nova.

Mas essa lucta gigante e nunca interrompida; esse esforço potente d'uma geração destinada a representar uma idéa, resume-se n'uma individualidade syntetica, representando o espirito social, a razão impessoal, por uma especie d'incarnação mystica. Os grandes homens exprimem a substancialidade do espirito na forma subjectiva, são por assim dizer, o *eu* pensante, cujo corpo existe na massa geral da humanidade.

No meio dos grandes abalos sociaes, quando as nações se revolvem pelos cimentos, ar-

rastando comsigo idéas, instituições e costumes, insurgindo-se tremendas contra a impotencia d'um principio condemnado pelas novas tendencias; quando a humanidade, agitada e impellida por uma séde devorante de mudança e progresso, pretende erguer-se como um gigante para derrocar velhos preconceitos; quando essa aspiração para o futuro rebôa como um ecco tremendo e sinistro até ás ultimas camadas, fazendo estremecer o coração dos opprimidos; quando finalmente esse ecco longinquo se tornou um brado em nome d'uma idéa, no meio d'esse tumultuoso acordar da prostração moral, ergue-se sempre um vulto superior, que se impõe magestoso ás turbas, como o verbo, que retumba na multidão. É a alma do movimento; é o pensamento de muitas intelligencias; é a vontade de muitos homens, impondo-se em nome de uma idéa commum. A multidão segue-o fascinada, atrahida por um impulso magico, arrastada pela força intima, que o domina.

O que é então que possui de sobrenatural esse homem? Que extraordinario poder é o seu, que pôde subjugar a força de milhares de homens, quando um só d'elles poderia aniquilal-o?

É que esse homem possui a *alma do movimento* — é o mandatario da Providencia, é o apóstolo d'uma idéa, que as turbas presentem indefinida e vagamente, mas que elle só pôde definir e explicar.

Esse homem é a synthese d'uma sociedade, que pensa pelo seu pensamento, que vive da sua vida, que quer pelo seu querer, que lhe põe na frente o sello do propheta, annunciando a ruina da velha Jericó.

Esse vulto sobranceiro, que domina pela palavra concisa e pelo movimento calculado; que traduz, no mover convulsivo dos labios contraídos, toda a energia de pensamento que o domina, — que deixa trasluzir n'um volver d'olhos, rapido e fuzilante, o fanatismo de uma crença, esse genio, então, symbolisa a magestade d'uma civilisação nascente, e hastêa a bandeira immortal do progresso nas ruinas da sociedade, que se esborôa em volta do seu pendão, para dar logar ao novo edificio social. Esse homem então é o genio da providencia, encarnado na personalidade humana.

O laço mysterioso e providencial, que liga essas individualidades, succedendo-se na vasta *necropole* humana a que chamam historia, revela-nos a marcha do progresso das sociedades, e as causas das revoluções humanas,

Não podemos aqui dar um completo desinvolvimento ás idéas que professamos sobre philosophia da historia, se bem que deixemos entrever o systema, que seguimos, e que servirá de baze á continuação d'estes *Estudos*.

Nem se estranhe a phraseologia philosophica em que não achamos as grandes difficuldades, que costumam horrorisar os *inimigos das abstracções*.

Depois do que ultimamente se tem escripto em França sobre philosophia, não é dado ignorar estes termos que s'esclarecem com uma pouca de reflexão. A leitura d'Wilm, Prevost, e Remusat seria talvez bastante para desvanecer o medo, que muita gente mesmo esclarecida, confessa ás obras dos philosophos d'além do Rheno.

selladas quasi sempre com o sangue dos martyres.

Estudar o genio dos reformadores, é estudar a historia da humanidade — a synthese em vez da analyse. Interrogar esses martyres do progresso; evocar do tumulto as sombras venerandas dos precursores de uma epocha nova, é um dever da posteridade, que se curva reverente diante das sinzas dos apóstolos, que não venderam por um prato de lentilhas o mandato divino, de que se achavam revestidos; que entre a vida e a morte escolheram o martyrio, preparação da immortalidade.

Embora o cinzel do artista não tenha escripto no marmore a epopéa de muitos heróes; embora as chronicas não tenham muitas vezes repetido o nome de alguns; embora os grandes do mundo não vejam n'esses vultos historicos mais do que um nome sem sentido, a historia democratica e verdadeiramente social traçará indelevelmente os seus nomes, e levantará da esquecida valla dos plebeos muitos gigantes na obra do progresso. A historia hoje é philosophica e social: tende a investigar a idéa — os nomes são apenas signaes.

É sem duvida uma das maiores glorias do seculo o ter dado á historia o seu verdadeiro character social — explicar o progresso, a aproximação da humanidade para Deus, traçar o drama sanguinolento da civilisação, embora os auctores se chamem Spartacus ou Cesar, Jacques Bonhome ou Luthero, Robespierre ou Napoleão. As estatuas e os obeliscos sumptuosos, erguidos ao genio da devastação e do crime; os mausoléos em que se occultam as cinzas dos carrascos humanitarios, dos barbaros da emancipação social começam a desmorronar-se, para dar logar á lousa modesta e simples dos martyres obscuros, que iniciaram a humanidade no austero sacerdocio da intelligencia e do progresso. A verdadeira historia segue a idéa aonde ella se encontra — é a historia philosophica, estudada nos seus representantes. É a unica verdadeira e possivel n'um seculo essencialmente democratico, tendendo a derribar as ultimas barreiras impostas á intelligencia e á acção — é a historia para o povo, a historia racional do martyrologio humano, em que o passado apparece negro e funebre, sacudindovigorosamente o jugo da tyrannia da força, e aspirando sempre á realização do ideal do progresso.

J. C. Harcourt.

REGORDAÇÃO.

A um amigo¹

I.

A ti mais, do que a ninguem, devo eu dedicar esta lembrança íntima do meu coração, assim como em nossos colloquios d'amisade te dei parte dos meus puros affectos.

Só tu conheceste o meu soffrer, só tu quizeste dar-lhe o lenetivo unico, forçando prender-me á vida pelo derradeiro élo d'esperança, que me restava ainda; por isso quero votarte a descripção d'esse canto sentido da minha lyra magoada, essas paginas sagradas da minha vida, esse alvorecer brilhante d'esperanças, esse radiar constante de mil estrellas d'amor.

Como louco, poderiam talvez stygmatisar-me os homens, se devassassem meus occultos segredos; mas estas linhas d'amor e sentimento nunca serão comprehendidas por elles: só tu as poderias dar em pasto ao scepticismo brutal das nossas éras; é este porém o segredo da minha alma, e tu... tu nunca soubeste atraçoar.

II.

N'esta quadra viçosa da idade, em que o coração dicta a lei, e a intelligencia se curva diante das paixões, tive eu a aspiração grandiosa d'encontrar pelas carreiras do mundo, um ente em que reflectisse todo o meu amor imaginario.

Era uma noite formosa de verão, em que o perfume dos bosques, o rolar manso das agoas, o hymno do cantor das noites, formavam um cantico d'amor, era uma d'essas noites que ficam impressas na memoria, como um sonhar do paraíso; era uma noite, que o Rei do mundo tinha mandado á terra para marcar o meu destino.

Tinham decorrido duas horas depois do occaso do sol; a face da lua ostentava-se radiante, trilhando manso e manso a sua estrada d'azul, reflectindo melancolica, ora na extensão das agoas, ora na solidão das campinas; era o mundo bonançoso esocegado, como deve de ser o sorriso dos anjos; silencio d'encanto, que o homem admira, fitando os céos, como querendo penetrar até ao throno do Eterno; silencio

¹ Thomaz A. Ribeiro.

interrompido apenas pelo canto das aves nocturnas; era o momento de meditação profunda, em que o homem não sabe o que deseja, em que as estrellas do ceu; reunidas todas, lhe parecem descrever o sonho encantado do mancebo, o fulgurar brilhante dos seus pensamentos amorosos, o luzir fagueiro das suas illuzões—a mulher!

Quem me diria, meu Deus, que um instante depois estaria julgado o meu porvir?!...

III.

Um clarão se levantou das orlas do horisonte; ante essa facha de fogo fugiram as estrellas trémulas, e esconderam-se.

Era um anjo, que descendo do céu, vinha com sua luz cegar-me na terra; era um propheta de Deus, que vaticinava á minha alma um eterno amor; aspiração divina, que mal posso descrever!... Negras eram as vestes que trajava, como negros os cabellos que sobre o collo lhe pendiam; seus olhos aveludados scintillavam, como devêra de brilhar a luz ao sair das mãos de Deus nas horas da criação; sua pallida fronte tinha o sello da sublimidade e do mysterio.

Loucura, capricho, vaidade, amei com todo o vigor do meu potente sentir.

IV.

A liberdade do homem, tu o sabes, não é mais do que um sonho chimerico, para os sentimentos do coração; homem livre, teria despedaçado as algemas que ameaçavam apertar-me os pulsos; escravo, curvei-me deante do meu senhor na terra, e só pude supplicar-lhe a esmola compassiva d'um suspiro amoroso.

Mas o anjo surriu e calou.

Um ramo d'arvore murcho e secco veio cair-me aos pés, e eu estremeci, porque o accreditei o symbolo do meu porvir vazio de toda a esperança. Já tinham sido verdes aquellas folhas, como viçosas as minhas aspirações; eram agora murchas e desfeitas como a minha derradeira esperança.

E eu fiquei só, e d'aquelle anjo só me restará a imagem gravada no coração.

E eu quizera morrer então, porque sem ella me seria a vida um cahos, porque um futuro indefinido e vago me atterrava, porque vale mais ver desabar a existencia sobre um tumulo, do que sentir estalar o coração aos pés de uma mulher.

Depois affugentei aquella idéa, como se fôra um sonho mas era a morte somente o meu pensar de cada dia; mas os tempos voltavam, e eu vivia, apenas. . . .

V.

Só quem tem supportado terriveis dores moraes, é que pôde comprehender todo o refrigerio sublime da idéa de Deus! A religião em meu conforto fallava-me d'uma paz eterna; a esperança de tornar a encontrar no céu o anjo da minha guarda, era para mim um balsemo consolador; o dormir aos seus pés um sono eterno, a minha ultima esperança.

Os umbraes da eternidade eram para mim um apogêo de gloria; os mysterios que não comprehendia, cria-os com a fé viva dos martyres; a morte não era para mim, como para Byron, o anniquilamento, e o nada, — era a barreira que me separava d'um ente idolatrado, era o caminho de Deus.

E eu cri e orei, e a Joelhei constricto, e trouxe resignado o calix da amargura; mas não quiz Deus guardar para a mansão dos justos a recompensa da minha crença viva; o anjo que havia fugido, appareceu, surgiu de novo: só fugira para dar força á minha crença quasi morta, para salvar a minha alma, que talvez se perdêra.

E fulgiu, e brilhou de novo, e por elle me avultariam crenças, se crenças me faltassem ainda; e nos seus olhos leria Deus, se o não tivera lido na extensão dos ceus.

VI.

E agora estas lagrimas d'amor, que me vem do coração, que te offereço repassadas d'um sentimento profundo, guarda-as, bem guardadas, dentro da tua alma; e se algum dia souberes, que aquelle anjo quer deixar-me na terra sózinho, dize-lhe, que me arranque a existencia, que sem ella é um peso inutil para mim; e que por eu não poder dar-lhe um digno presente, que não regeite ao menos a minha vida, pobre feudo que todo lhe consagro.

Dize-lhe, que Deus não creou dous amores eguaes ao meu: se assim fôra ser-lhe-hia o mundo um carcere limitado; e duas affeições indenticas, é pequeno o pensamento do homem, para que possa comprehendel-as.

F. Soares Franco Junior.

«Abaixo publicamos uma dissertação do nosso collega e amigo Santos e Silva, que nos foi dirigida pelo sr. Jeronymo José de Mello.

O illustre Professor de Physiologia, accusando a recepção d'uma carta que lhe haviamos dirigido, convidando-o a coadjuvar-nos n'esta nossa empresa litteraria, promette-nos a sua cooperação, e saúda com expressões tão benevolas e lisongeiiras a apparição da REVISTA, que não nos podemos furtar ao desejo de as reproduzir aqui.

«Inspira-me confiança este 1.º numero. Não serci indifferente ao muito honroso convite, que a modestia da Redacção dictou. Em quanto não puder offerecer cabedal proprio, remetto esse da collecção por mim feita das melhores dissertações de meus alumnos, lembrado do valor e significação que n'um jornal academico devem de alcançar as distinctas produções dos filhos da Academia. A publicação d'ellas fará honra aos seus auctores, emulação nobre aos seus collegas, e gloria ao estabelecimento, em que são educados e instruidos.»

PHYSIOLOGIA.

Existem differenças caracteristicas entre vegetaes e animaes, ainda mesmo nas especies inferiores d'um e outro reino?

I.

Se ouvirmos Leibnitz predizendo nas suas inspirações philosophias, a apparição do polypo, colheriamos do entõno dogmatisante, a que arrasta o fanático convencimento d'uma doutrina, uma cadêa de proposições, em que está magistralmente sentencçada parte do ponto doutrinal, que discutimos.

«O homem prende nos outros animaes; os animaes prendem nas plantas; as plantas prendem nos fosseis. A lei de continuidade exige que todos os entes naturaes não formem senão uma cadêa em que as differentes classes, a modo d'outros tantos anneis, prendam tão estreitamente umas nas outras, que seja impossivel fixar com precisão o ponto em que qualquer d'ellas começa ou acaba; visto que todas as especies, que se col-

«locam nas regiões chamadas d'inflexão, são equivocas, e dotadas de caracteres, que igualmente pertencem ás suas vizinhas. D'este modo a existencia dos Zoophytos, ou animaes plantas, não só nada tem de monstruoso, mas é conveniente á ordem da natureza.»

O principio de continuidade tinha de tal arte fanatisado o espirito do philosopho, que admittia, por intima convicção, a existencia necessaria d'entes, que em relação a certas qualidades importantes, v. g. a nutrição e multiplicação, tanto podessem ser chamados animaes como vegetaes; individuos que derrocariam pela base a pretendida separação, perfeita e absoluta, das differentes ordens de seres que povoam o universo.

E' que Leibnitz, perscrutando audaciosamente os mysterios da natureza, e voando depois, nas azas da intelligencia ás sublimes regiões da metaphysica, esforçara-se, com a tenacidade que se funda na consciencia do proprio merito, por descubrir as leis immutaveis e constantes, com que a mão da Providencia sellara os productos da sua maravilhosa criação.

E' que o philosopho da Allamanha, presentindo a tendência irresistivel do espirito humano para o progresso indefinito da sciencia, preconisára o principio universal da unidade e simplicidade, como padrão glorioso, em que quizera registrar as lides afonosas do pensamento.

Assim como para o philosopho, que se embrenha hoje nos escusos arcanos das sciencias moraes, desaparece a contradição apparente entre a these e antithese; assim como a synthese é o laço harmonico que lhe explica a existencia da variedade na unidade; assim fôra revelado a Leibnitz, que a unidade e simplicidade são os traços essenciaes do quadro, em que se moldam os phenomenos do mundo material.

A natureza porém, que zomba muitas vezes dos trabalhos momentosos, em que o homem se contorse nos mesquinhos recursos da sua existencia finita, nem sempre se presta a demonstrar na materia, o que o homem concebêra no espirito.

O prurido insoffrivel dos methodos e sistemas aniquila-se, quazi sempre, em presença dos argumentos invenciveis dos factos; e as theorias que succedem constantemente ás theorias, chegam a introduzir, senão o cahos, pelo menos a anarchia nos campos da sciencia e da rasão.

II.

O precursor da descoberta do polypo foi contudo justificado, nas suas predicções, pelos fructuosos estudos de Trembley.

Bonnet, ferido vivamente pelo feliz *inveni* de Trembley, quiz logo transformar, n'uma escala real e material, as concepções metaphysicas de Leibnitz. Os sêres foram todos dispostos em uma linha unica, e por toda a parte continua, partindo do mais simples para o mais complicado, do mineral para o vegetal, do vegetal para o animal, e d'estes para o homem, como o ponto culminante da escala ascendente.

O principio do celebre naturalista — *natura non facit saltus* — foi levado ás extremas consequencias; em quanto que a velha theoria dos saltos, das interrupções, dos hiatos, foi vigorosamente anathematisada.

Se os principios expostos tivessem o cunho material da verdade; se a anatomia comparada não fizera progressos espantosos, desde Cuvier até Erhemberg, teriamos resolvido uma parte do nosso problema, negando a separação real entre animaes inferiores, e vegetaes inferiores, e affirmando mesmo pertinazmente a impossibilidade d'uma linha divisoria. Á outra parte da questão seria facil responder — que ninguem nos contestaria a distincção característica antre um animal superior, e um vegetal superior.

São duas as idéas principaes sobre que assenta o edificio theorico de Bonnet. A primeira é que os sêres não formam senão uma unica linha. A segunda é que esta linha é por toda a parte continua.

O estudo anatomico do sistema nervoso; os dados que nos ministra a mysteriosa trigonia da innervação, respiração, e circulação; as idéas que temos sobre secreções, são armas poderosas contra o primeiro theorema de Bonet. Em lugar d'um desnvioolvimento gradual, vemos fazer-se a gradação, ora por uma ordem organica, ora por outra. E segundo consideramos uma ou outra ordem d'órgãos e funcções, assim tambem o individuo pôde collocar-se, n'um ponto mais alto ou mais baixo da escala.

O segundo theorema, a continuidade, tambem se não estêa em base mais solidamente cimentada. O illustre naturalista chama ao polypo a passagem do reino vegetal para o animal. Se nos restringíramos aqui só á consideração da simplicidade d'estructura, diriamos que o polypo é um dos individuos ani-

maes, que mais se approxima das plantas. Mas se nos quizerem dizer, que o polypo é uma especie media, equivocada, metade animal, metade vegetal, redarguiremos que o polypo é somente um animal, que sente, que se move, come, e digere; e que a sua reproducção, identica com a das plantas se encontra tambem nos individuos, cujo caracter exclusivo d'animalidade nunca foi seriamente contestado. Apresentamos o exemplo das lombrigas.

Temos por tanto concluido, que as idéas de Bonnet são deficientes: este philosopho contemplou mais que dissecou.

III.

Blainville, com as suas definições de vegetal e animal, parece á primeira vista elucidar vantajosamente a questão. Infelizmente, os unicos dous caracteres positivos, que apresenta a definição de vegetal, não são exclusivamente do dominio das plantas; porque ha individuos d'este reino, que exhalando constantemente ammoniaco, contêm azote em predomínio, em quanto que por outro lado ha animaes, em que se não pôde verificar o predomínio do azote sobre o carbonio. O caracter de ser complexo, attribuido aos vegetaes, é tambem commum aos polypos.

Vejamos agora como os outros caracteres, negativos para as plantas, e positivos para os animaes, tambem nos não dão uma verdadeira distincção.

A existencia de cavidade digestiva nos animaes, a sua ausencia nas plantas, fôra para Cuvier, Recherand, Blainville, o caracter essencial para a separação dos individuos dos dous reinos. E se nós o poderamos virificar nas esponjas, e nos spermatozoários, individuos que em nada se assemelham ás plantas, teriamos achado uma solução para o nosto problema, solução que teria o caracter affirmativo.

Mas Ehremberg abdicou a sua omnipotencia microscopica em presença dos individuos que citámos.

O caracter tirado da existencia de fibras nervosas é tambem fallivel; porque individuos ha, que consideramos animaes, v. g. muitos polypos, em que nunca se encontraram as ditas fibras. E respeitando nós muito a opinião de Muller, fundada n'uma inducção, entendemos todavia, que só a demonstração directa da existencia d'um caracter material nos poderá servir de guia, n'uma questão tão momentosa.

Pelo que respeita á sensibilidade, pouco

mais nos alumia ella n'um ponto tão controvertido no campo da physiologia. A difficuldade, que tem o homem de não poder julgar da sensibilidade senão em si, e nas especies animaes, que mais d'elle se approximam, é um grave obstaculo, para que se possa servir com vantagem do character em questão. Negando nós a sensibilidade ás plantas, porque lhe negamos systema nervoso, a despeito das pretensões exaggeradas de Dutrochet, também não podemos concedel-a a certos individuos, que, considerados animaes, não apresentam todavia este systema, e parecem irresistivelmente arrastados, a modo dos vegetaes, áquellas relações exteriores, que começam a nutrição e reproducção d'estes seres.

Para completarmos a analyse critica da definição de Blainville resta-nos considerar o character da motilidade. Se entendermos por motilidade a faculdade que um ente tem de se mover, e transportar em massa d'um para outro lugar, se a consideráramos como character exclusivo d'animalidade, riscariamos do catalogo de animaes muitos individuos considerados como taes, em razão d'outros muitos caracteres, não obstante nascerem, viverem, e morrerem no mesmo lugar.

Mas a motilidade na nossa questão diz respeito somente aos movimentos parciaes. E segundo Dujardin estes movimentos encontram-se em todo o reino animal, ainda mesmo nas esponjas. Dirijámos agora o nosso estudo sobre a vida das plantas; e sem ser preciso que nos embrenhemos n'uma lucta porfiosa, depararemos com phenomenos, que, pela sua analogia, farão perder á motilidade o prestigio de character exclusivo d'animalidade. Sirvam-nos de exemplo os movimentos da sensitiva da *dionæa muscipula*; os de certas plantas, que fecham suas folhas á approximação d'um insecto; os órgãos sexuaes dos vegetaes, allegoricamente designados por Linneu, sob o titulo gracioso de casamento das plantas.

Alguem ha, que tem querido constituir differença na natureza do movimento, e discriminar entre irritabilidade vegetal e animal; não obstante as experiencias de Macario Princep, que mostram a destruição, pelo veneno, d'uma e outra irritabilidade.

A explicação dada por Dutrochet sobre a direcção dos caules para a luz; as suas memórias sobre o mecanismo do movimento das sensitivas, e sobre o somno e vigilia das plantas, legariam á sciencia uma theoria utilissima, se as suas idéas podessem ser confirma-

das, e não fossem antes contestadas por philosophos de nome respeitavel.

Lamarck, fallando da irritabilidade nos animaes, considera-a como o character mais constante da animalidade, superior ao da faculdade de sentir, do movimento voluntario, e da digestão. O movimento nos animaes renova-se tantas vezes, quantos são os contactos d'um estimulo sobre uma parte irritavel. Outro tanto não acontece ás plantas, que precisam sempre d'um certo tempo para que seus órgãos possam responder de novo aos estimulos. Lamarck tinha descoberto a pedra philosophal n'esta questão physiologica se a natureza caprichando quasi sempre em burlar as tendencias do genio do homem para tudo methodisar, nos não exhibisse, no reino vegetal, movimentos identicos aos de muitos animaes. Trentepohl estudando a *conferva dilatata*, Treviranus observando a *conferva limosa*. Paul Laurent, dirigindo os seus trabalhos sobre os granulos elementares das plantas, contam-nos movimentos de locomoção, semelhantes aos que caracterisam os animaes.

IV.

De tudo o que temos arazoado, e do que pudemos acrescentar, em harmonia com as idéas que por ahí deixamos expostas, só é logica a seguinte conclusão: — em vez de caracteres que nos marquem uma separação entre vegetaes e animaes, os individuos d'um e outro reino confundem-se pelo contrario nas suas especies, as menos desinvolidas, ou antes as mais simples.

Em apoio d'esta doutrina appellamos para as controversias sobre a esponja e outros seres. Dujardin colloca-as nos animaes, porque vê n'ellas movimentos alternados de contracção e dilatação, muito embora as suas vesiculas, onde se passam estes movimentos, encerrrem uma materia verde, analoga á dos vegetaes. Hog quer que as esponjas sejam vegetaes, por que a materia verde se desinvolve n'ellas pela acção da luz, e por outras razões que omittimos. Em resposta a Hog dar-lhe-hemos para estudar o *euglena viridis*, infusorio incontestado, que contém a materia verde, e que desinvolve o oxigenio, sob a influencia da luz.

Muitos naturalistas, querendo a todo o transe terminar as questões zoologicas ácerca da collocação de certos individuos neste ou n'aquelle reino, soccorreram-se a um alvitre, que está bem longe de solver um problema tão embaraçoso das sciencias naturaes. Phantasia-

ram um reino intermediario ás plantas e aos animaes, denominado planti-animal, ou vegeto-animal. É mais logico olharmos este recurso como uma ingenua confissão official, do atrazo em que estão e estarão por muito tempo, certos pontos, antes mysterios, de tão vasta sciencia da natureza.

Se é factó que os animaes e vegetaes se confundem, como já dissemos, n'alguns caracteres, que lhes são communs, está bem longe esta verdade de sancionar os desejos de Buffon e de Bonnet, quando admittem a escala gradual dos seres; porque n'este caso, era preciso que o vegetal mais perfeito se confundisse com o mais simples animal. O que aliás parece incontestavel, é que os dous reinos, depois de terem partido d'um ponto commum, vão sempre divergindo, á proporção que a sua organisação se vae complicando.

V.

Se lançarmos mão d'um animal e d'um vegetal, ambos eles n'um grau adiantado de desinvolvimento, será facil achar caracteres bem profundos, bem importantes, bem essenciaes, que os distingam. Enumerêmos alguns dos principaes.

Os vegetaes em contacto com a luz solar absorvem ainda carbónico, e exalam oxigenio. Os animaes, independentemente da luz solar, absorvem oxigenio, e exalam acido carbonico. A circulação dos liquidos nutritivos nos vegetaes, é principalmente influenciada pela acção da luz e calor, sobre os vasos. Os liquidos nutritivos nos animaes movem-se pela acção d'um ou mais corações, órgãos contracteis. O vegetal é um laboratorio, onde se preparam as substancias alimentares animaes; todas as que elle assimila são anorganicas; qualquer adubo, que se lança á terra, é primeiramente reduzido á cathegoria anorganica, para que possa ser assimilado. O animal, pelo contrario, não assimila senão materia organica, com raras excepções.

Alóra estes caracteres, outros ha, que marcam tambem differentes characteristics entre os individuos, que actualmente estamos estudando. Nas plantas existe a tendencia á expansão peripherica; os animaes concentram-se em si mesmos. As plantas têm no exterior os seus mais importantes órgãos, v. g. folhas, flores, e fructos; o contrario acontece aos animaes: lá estão os pulmões, o cerebro, o coração, que attestam uma verdade de tão simples intuição. Os animaes (entende-se, como se sabe, o grupo

dos superiores) têm órgãos, que conservam debaixo da sua dependencia o resto da economia: tal é o eixo cerebro-spinal. Não assim as plantas.

O canal digestivo e a funcção da digestão, que aos porfiosos estudos d'Erhemberg devem hoje a gradação d'um dos mais geraes caracteres do reino animal, são dados que não podemos menosprezar na resenha, senão perfeita, pelo menos sufficiente para levarnos á evidencia o ponto doutrinal, que forma uma parte da these que discutimos. Na structura dos individuos dos dois reinos tambem temos a notar algumas differenças. Depois de perfeito, o desinvolvimento dos órgãos, o tecido fibroso, entendendo aqui todo o tecido que apresenta a disposição por fibras, predomina no animal, em quanto que o areolar, é que se torna mais sensivel nas plantas. A symetria parece tambem uma lei da conformação animal; a mesma cousa não podemos nós dizer ácerca dos vegetaes.

Lancemos agora a vista de golpe sobre os quadros mais característicos da vida animal e vegetal; concluamos, sem medo de errar, que todo o animal se assemelha a todo o vegetal, na origem por geração, na conservação por nutrição, e no seu fim pela morte.

O desinvolvimento primordial dos elementos anatomicos parece tambem offerecer-se nos um ponto commum para toda a natureza viva. Todavia a theoria dos cellulos, sustentada por Silhleyden, Schwan, Raspail, e outros, tem sido vivamente combatida, por Mandl, Muller, e Berard, nomes não menos respeitaveis: Coimbra, Dezembro de 1850.

J. A. Sanctos e Silva.

PAGINAS DE VIDA INTIMA.

III.

AS RUINAS. O CONVENTO DOS JERONIMOS. A DESPEDIDA.

Quinze dias depois, fui visitar o meu joven companheiro de viagem á rua de S. Francisco. Uma tarde, que decorriamos ambos as cercanias da cidade, fomos alargando mais o passeio, até que deparámos com as ruinas d'um velho edificio; e embrenhados em arcadas fendidas, columnas derribadas e enfileirados montes de pedra, algumas horas nos perdemos na muda contemplação d'aquellas grandesas passadas. A noite veiu colher-nos no meio das ruinas. O clarão baço da lua penetrava no recinto dos muros derrocados, com luz sepulchral.

As folhas d'hera sussurravam com a brisa perfumada. E o mocho, pousado no mais alto das cupulas fendidas, saudava com seus lúgubres pios a hora dos finados. Deante de nós estendia-se uma esplanada calva e resequida, como um areal do deserto, e ao cabo viam-se as sombras dos cyrestes dansarem aos raios da lua.

—Quem sabe, me disse o joven, apontando-me para uma lapide quebrada, que se enxergava ao longe, se aquella lousa encerra as cinzas d'um heroe?

—Fazeis lembrar-me, lhe respondi, que ha muito tenho em vista procurar o tumulo do infeliz amante de Catharina d'Athaide, o bardo guerreiro, que escrevia, na gruta de Macau, a immortal epopéa dos Lusíadas.

Tomou-nos então a curiosidade, e entrámos no meio das ruinas. No alto da pedra estavam esculpidas em meio relevo, d'um lado, uma lyra quebrada, do outro, um punhal partido. No meio havia uns caracteres romanos já carcomidos pelos annos, e que a muito custo pudemos decifrar; que diziam: —*Ingrata patria*. O resto estava fanado e desfeito.

Pareceu-me então ver levantar-se deante de mim o vulto magnanimo de Camões, com a mão descarnada apontar-me para o peito, coberto de feridas, e exclamar como Scipião ou com o Mario sobre as ruinas de Carthago: —*Ingrata patria non possidebis ossa mea*.

Eu tinha porém ouvido fallar d'uma casa, que lhe servira d'asylo, depois da sua gloriosa peregrinação pela India.

Mas foi debalde que para a achar nos embrenhâmos nas tortuosas veredas da capital, desde a Mouraria, receptaculo immundo de todas as miserias, que ainda não perdeu as suas feições mouriscas até aos logares mais remotos da cidade velha. O poeta havia passado, como o relampago, n'essa terra arida e secca como a palha, que o fogo devora.

Sua voz triste como o adeus do cysne nas horas da morte, preludio a batalha d'Alkacer Kivir. Ainda viu afogar-se no horisonte o derradeiro raio d'esse sol, que allumiou nossas victorias, não havendo mares que não partissem as nossas quilhas, elemento com que não luctassem os nossos braços.

Sabe-se apenas que expirou n'uma pobre enxerga d'um hospital de Lisboa, e que um escravo chamado Jáu assistiu á derradeira hora de seu passamento.

Porque estranho acaso o poeta e o escravo se encontraram nos palmares da India, para depois se junctarem no leito da morte? Não o diz a historia. Sobreviveria esse nobre filho dos de-

sertos á perda de Camões? É problema que não nos consta ninguem resolvesse, que a vida obscura do pobre Jáu não mereceu que lhe levantassem o véu mórtuario que a cobre.

Um seculo depois, no mesmo hospital, nas mesmas palhas talvez, debatia-se nas garras da morte um d'esses homens que a Providencia faz surgir do nada para servir de pasto a todas as miserias.

N'uma meza de pinho encostada á cabeceira da cama em que jazia, havia depositado todos os seus haveres, um volume dos Lusíadas e alguns pinceis. Á cabeceira do moribundo um padre psalmodava as poesias dos prophetas, e um joven de nove annos misturava a espaços sua voz argentina com as preces do sacerdote.

—Padre, exclamou de repente o moribundo, dá-me os meus pinceis: eu quero que n'este palacio do opprobrio e da miseria, os derradeiros traços do meu genio se unam para sempre aos derradeiros suspiros de Camões.

O padre ficou immovel. Mas o joven tirou do seio um pincel, e com os olhos brilhantes de inspiração seguia o braço descarnado do moribundo. E á medida que o velho se apagava, o joven crescia. O neophyto da arte recebia o seu primeiro baptismo de gloria, ao pallido clarão d'aquella lampada de morte.

Um relampago d'alegria alumiu depois as faces do ancião; elle acabava de comprehender que deixava mais um digno herdeiro de seu genio.

Seguiu-se depois o silencio da desesperação e da dôr. O immortal Zurbaran acabava d'expirar nos braços do joven Murillo.

.....

Afóra alguns porticos derribados, alguns traços semi-apagados da meia idade, a cidade baixa nada offerece que admire o viajante. Póde ser comtudo que das alturas que a dominam, o braço de ferro dos Godos e dos Arabes tivesse alevantado alguns d'esses monumentos do genio, que desafiam os seculos.

Situado n'um ponto delicioso e quazi de frente da torre de Belem, o convento dos Jeronymos ainda conserva de sua antiga magnificencia um portico d'estylo gothico. Nos tempos de sua gloria, D. Manoel o venturoso fizera construir este monumento em memoria dos feitos practicados por esses Argonautas Portuguezes, que foram desfraldar a bandeira das quinas nos campos do oriente.

Suas enormes abobedas, seus capiteis derribados harmonisam-se n'uma desordem sublime. Seus variados arabescos, seus infinitos relevos perturbam os sentidos e abysmam a alma

na mais profunda contemplação; dirse-hia que não é aquelle o templo do Christo, mas a habitação silenciosa do mysterio.

A revolução, que matou os frades á fome, e atirou com suas cinzas ao vento, respeitou este velho monumento nacional.

E se a voz robusta do monge está hoje calada no fundo da louza, que o cobre, a essa voz sonora succedeu uma outra, harmoniosa e suave — a da creança desvalida, que a caridade christã mandou educar n'esse sancto e philantropico asylo, que chamam a — *casa pia*. —

Depois de precorrermos os edificios mais notaveis de Lisboa, preparámo-nos para sofrer o golpe de uma separação, que prometia ser duradoura. Que triste adeus não foi o de 6 d'outubro de 1836? N'esse dia o brigade Rosa do Tejo appareceu todo embandeirado. Era o dia da partida.

A dona da hospedaria da rua de S. Francisco era ingleza, e tinha uma filha que se chamava Elisabeth. Muitas vezes pela tarde iam ao labyrintho de S. Pedro d'Alcantara, que depois converteram n'um lindo jardim. A joven miss chorava, porque lhe levavam o seu pequeno companheiro.

Porque ha de tudo passar como um sonho? Miss Elisabeth está hoje na Escossia com sua mãe.

O tempo desfolha todas as flores no arido jardim da vida.

(Continúa.)

Alexandre Meyrelles.

Tribuamos sinceros agradecimentos á illustre cantora da — *Rosa de Maio* — que, dando honroso acolhimento ás nossas instantes sollicitações, se dignou ennobrecer as paginas d'este jornal, com uma das suas mimosas e brilhantes produções. O nome da Ex.^{ma} S.^a D. Maria Candida de Carvalho é já hoje, para os que sabem avaliar o seu talento, e conhecer do merito incontestado, que têm as suas poesias publicadas, um padrão glorioso nas letras amenas da nossa terra. Possa elle servir d'estimulo a futuros committimentos. Possa elle arrancar da obscuridade muitas intelligencias nascentes, a quem o receio pueril d'uma censura desauthorisada condemna quasi sempre a fanar á nascença os louros viçosos, que lhes deveram ennastrar as fronte. Possa o exemplo da nobre poetiza concitar nas senhoras portuguezas os brios de instrução, em que prende de certo, no futuro, uma parte dos nossos destinos sociaes.

Á EXM.^a SNR.^a D. IZABEL G. M. O
D'ALBUQUERQUE.

Tu sabes, minha querida Izabel, como eu amo a poesia. Sabes com que fanatica adoração me curvo perante esse idolo, que symbolisa as mais puras aspirações da mocidade. Sabes que viva fé eu tenho na actividade constante, energica, juvenil da verdadeira poesia, que nunca envelhece, que não morre, porque tem as suas raizes profundamente enlaçadas nos mais reconditos mysterios do pensamento, do coração e da imaginação creadora. Conheces-me emfim, e por isso não admiras que eu, compromettida a concorrer para uma empreza litteraria, pensasse logo no meu idolo querido, a poesia, e associasse com esta uma recordação do tempo que vivemos junctas — uma saudade para ti — que eu considero como a minha melhor amiga.

Offereço-te pois a minha *Rosa de Maio*; escolhi esta poesia; porque, entre muitos versos que tenho escripto, são estes talvez os unicos, em que a minha pobre lyra se não enramasse de pallidos goivos. A minha primeira idéa, o meu primeiro empenho foi modular em singelas harmonias aquelle passeio, que junctas démos o anno passado; mas todas as notas que pude deferir eram apenas frouxo reflexo, das vivas emoções que trasbordavam d'alma, ao recordar as horas que tão agradavelmente passámos. Lembras-te? — foi n'uma bella tarde dos fins de março. A natureza começava a levantar as orlas do seu pezado manto; deixava-nos ver, só a furto, as gallas formosas com que se toucava, para hospedar a viridente primavera. E era magnifico aquelle quadro que, ao mesmo tempo gracioso e severo, risonho e melancolico, mergulhava os sentidos n'um suave adormecimento, e elevava o espirito, concentrado em mystica contemplação, e possuido do mais profundo sentimento religioso, até o throno do Senhor.

No ciciar da aragem, que adejava caprichosa por entre as folhas dos alamos; no canto das aves, que se animavam com os primeiros raios do sol, despídos das espessas nuvens do inverno; no murmurar das aguas do Mondego, que lá em baixo se espreguiçavam vagarosas entre o seu leito de verdura; escutava-se, sentia-se a mais suave harmonia, que subia ao céu no puro incenso das flores, cujas petalas, voluptuosamente abraçadas pelos seus calices ainda tenros e mimosos, pediam a cada raio de luz, que as protegesse das auras inquietas que passavam.

O ouvido, ao escutar esta deleitosa harmonia da natureza, não podia desprender-se d'ella. Os olhos, fascinados pelo luxo d'aquelle formozo panorama, não podiam receber impressão alguma, que lhe fosse estranha. E o espirito vagava livre pelas regiões do pensamento, e dominava desassombrado todo o vasto horisonte, que enquadrava aquella magnifica paisagem.

Confesso-te, minha Izabel, que raras vezes tenho experimentado tão vivamente o poder magico, a influencia suave, que a natureza risonha e tranquillã exerce sobre nós. Raras vezes tenho sentido tão distinctamente a profunda differença, que vae das obras dos homens, ainda as mais elevadas, á grandeza, á magestade das obras da creação.

O meu espirito parecia querer conceber o infinito, e deslumbrado, por uma esperança, que vaga lhe sorria nas campinas do céu, voar, fugir, confundir-se, perder-se no seio do Ser immenso, unico, omnipotente, que regula a harmonia dos mundos.

E eu era então poeta. Porque a verdadeira poesia são os grandes sentimentos. Não fallava, não escrevia. Qual é a lingua, quaes os versos, em que póde caber o infinito? Mas era poeta, porque lia, porque entendia alguns dos traços do maior, do mais sublime de todos os poemas — aquelle que a mão do Creador desenrola todos os dias, todas as horas, ante os olhos dos que vivem cá na terra.

E eu esquecia-me alli a scismar; e tu minha boa Izabel, com essa voz tão melancolicamente sonora, com essa voz tão parecida, tão irmã, tão cazada com as purissimas melodias, que lá se escutavam, quizes-te acordar-me. Lembras-te?

Vimos descançar ao Penedo da Saudade, com a alma ainda cheia das mais vivas emoções. Deparámos, quasi de repente, com aquelle estenso valle, tão sombrio, tão triste como o seu nome; — que contraste! Aqui já a natureza não sorria, affagada pelos raios vivificantes do sol; ostentava-se triste, envolta no escuro manto d'um quazi crepusculo. Aqui as auras não doidejavam alegres por entre as flores; gemiam, soluçavam, e iam esconder-se no fundo do valle. Aqui as aves não desprendiam suaves hymnos; apenas soltavam tristes suspiros, que os échos, por lá escondidos, répetiam melancolicos, e que fracos e snmidos se espalhavam depois pela solidão do espaço. Aqui as arvores despresavam as gallas louças da primavera, e guar-

davam, como crepê luctuoso, as suas vestes de escura folhagem. E o vulto negro da noite, que começava de elevar-se por detrás das cumiadas das montanhas, tornava mais carregado e funereo o aspecto d'este sombrio quadro: — era monotonico e triste, e tanto mais era alegre e accidentada a vasta paisagem, que ha pouco deixáramos.

Fujamos d'aqui depressa. Não queiramos alterar as suavissimas impressões do nosso passeio, com a tristeza d'estes logares.

Preciso hoje ver-te satisfeita, minha boa amiga: — vem conversaremos muito, fallaremos muito de versos. Oh! agora por versos... has-de ouvir-me a minha

ROSA DE MAIO.

I.

Era uma tarde de Maio,
Tão amena, tão formosa,
Que eu quiz ir colher nos campos
Uma linda e fresca rosa.

Murmurava docemente
Entre as folhas dos rosaes
Uma aragem tão suave
Como nunca ouvi jámais.

Aragem embalsamada
D'essa risonha estação,
Que nos dá rebate ao seio,
Acordando o coração.

E era bello estar alli
Entre o perfume das flores;
O ar que lá se aspirava
Enlouquecia d'amores.

Foi então: colhi a rosa,
A mais linda que lá vi;
E nas petalas mimosas
A medo um nome escrevi.

Era um nome que eu ha muito
Trazia no coração,
Sem mysterio, nem receio,
Sem idéa de paixão.

Muitas vezes, esse nome
Á vontade repetia;
Mas se elle era o d'um amigo,
Escondel-o que valia?

Escrevia-o sem mysterio,
Lia-o alto sem tremer,
E beijava-o muitas vezes
Sem p'ra isso me esconder.

Nada mais: aqui o juro
Com sincera devoção,
Que o mancebo d'este nome
Não me inspirava paixão.

Era bello estar no campo
Entre o perfume das flores;
O ar que lá se aspirava
Enlouqueceu-me d'amores.

II.

Foi n'essa tarde de Maio,
Quando fui colher a flor,
Que eu senti nascer no peito
Não sei que chama d'amor.

Senti que as faces coravam
Quando esse nome escrevi;
Tive medo que me ouvissem,
Quando alto o repeti.

Peguei na rosa gentil,
Affagueia-a com paixão,
Imprimi-lhe um d'esses beijos,
Que só vem do coração.

Porque ao colher essa rosa
Com a ventura sonhei?
Quando lá gravei o nome
Porque de pejo corei?

Porque tremi d'assustada
Quando o nome repeti,
Eu que d'antes ao dizel-o,
Nunca tal medo senti?

Porque foi que aquelle beijo
Me yeiu os labios queimar,
Tendo tanta flor beijado
Sem nenhuma me escaldar?

Não o sei; mas senti logo
Dentro do peito nascer
Mil esp'ranças, mil receios.
Que me fizeram tremer.

Desfolhei depois a rosa,
Lancei as folhas ao vento;
Julgava que assim podia
Esquecer um pensamento!

Louca idéa! O pensamento
Mais na mente se gravou,
E o nome escripto na flor
Dentro d'alma me ficou.

Era o que antes repetia
Sem mysterio, sem paixão;
Hoje é só quem me atormenta
O viver do coração.

Quem quizer viver isento,
Não visite aquellas flores;
Porque o ar que lá se aspira
Enlouqueceu-me d'amores.

Maria C. de C. C. de Vasconcellos.

'A UNE BRANCHE DE LILAS.

Première fleur du printemps qui commence
Lilas charmant qui tu me fais souffrir!
'A ton aspect je retrouve la France!
Dont j'ai gardé le vibrant souvenir!
Tu vas fleurir sur la chère contrée,
Où son restés mon coeur et mon espoir!
De loin hélas! Je te vois en pensée,
Courbant ta tête aux doux rayons du soir,
De ton parfum, si l'haleine embaumée
Pouvait encore arriver jusqu'à moi,
Rois des buissons! Je serais consolée
Et l'âme en paix, je mourrais près de toi!
Porto, 30 d'Abril — 1853.

MORTE DO CORPO.

AO MEU AMIGO J. A. SANTOS E SILVA.

Au monde des esprits je monte sans effort.

LAMART. Médit.

Oh! alma expande-te altiva,
Não te confranja aqui;
Parte os laços de captiva
Eleva... eleva-te assi.
Ergue-te n'um vôo immenso,
Vôa, sobe, que é intenso
Do frio aqui o turpor.
Sê livre, adeja n'altura,
Não gemas co'a creatura,
Folga aos pés do Creador!

Não deixes que a flor da vida
S'esfolhe ainda em botão;
Procura-lhe outra guarida,
Porque a d'este mundo, não.
Aqui se o pranto gotteja
Um sorriso, morde a inveja
Cad'alma, de paixões vis
Cada peito se repassa.
Por socia existe a desgraça,
A maldade por juiz.

Perdem-se n'este desterro
A gloria, nobreza e amor;
Alma, desfaz mais um erro:
Dá-me vida, e tens fulgor.

Fóge o mal que gera o crime,
E n'um mundo mais sublime
Brilharás pura, sem véu.
Não será teu brilho escasso,
Que tanto sangue verteu!
Por imperio tens o espaço,
Páras ás portas do céu.

As sombras do meu passado
Evoca-as, se podes; lê
N'esse livro salpicado
Dos prantos que a mágoa vê.
Soletira ahí amarguras,
Cada uma das torturas,
Que um pobre peito estorceu,
Olha manchados de sangue
Os restos d'um corpo exangue,
Que tanto sangue verteu.

Lembras-te?! ha pouco provava
Do esteril terreno amor;
É amargo; amargo trava,
Não se olvida o seu sabor.
Amor inosso ... maldito!
Nasce ás raias do finito,
Para alli — não tem fanal!
Não vem d'alma; a alma ... ferea:
Vive apenas na materia
No appetite brutal!

Vive lá; há folga e mora;
Lágrimas?... sorve-as também;
Offerta prazer? embora!
Que tantas dores contém!
Não posso ... esse amor é nada;
Abate, avilta, degrada,
E punge ... não quero mais ...
Vou do inferno ao paraíso;
Páre o pranto; e n'um sorriso
Mágoas s'esqueçam e ais.

Ao paraíso! ha amores
Que como este amor não são;
Que se o aroma tem das flores,
Os espinhos não tem, não.
São reflexo da ventura.
Do céu tem nobresa e dura,
Nobresa o céu lhes fadou!
Compenetram-se da essencia
Do auctor d'est'existencia,
Que o mundo ao espaço lançou!

D'esse amor, mulher, provemos:
Terá encantos p'ra nós!
Com elle o mundo esquecemos,
N'outro mundo somos sós!

E duas acmas s'enlaçam,
Entrelaçadas devassam
D'outros sóes o esplendor,
D'uma luz que não abrase
E d'um brilho em que se case
A suavidade ao fulgor!

E' morto o corpo! se é nada,
Qu'importa morresse já?
Não passa de fria ossada,
Que pó em breve será!
Qu'importa que ao cemiterio
O levassem? e no imperio,
Dos mortos entrasse alfim?
Ou que a uma valla arrojado
Durma o somno descansado
O somno que não tem fim?

Qu'importa?! mas vive ó alma,
Pelo amor e pela fé!
Na frente ajusta-me a palma
Do que as crenças tem de pé!
Vamos! sobe! a terra deixa,
E não soltes uma queixa,
Que a meu desterro pões fim.
Tira-me d'este jasigo,
Leva-me ó alma contigo,
Torna-me digno de mim!

Ernesto Marecos.

NOITES D'OUTOMNO.

III.

Além a terra e o céu.
J. DE LEMOS.

No paiz do grande Tasso,
Do romantico Ariosto,
Dizem vates, que o desgosto
Tem um rapido viver.
Pois debaixo d'um sol bello
São eternos os verdores,
E do sul meigos rumores
Fazem mágoas esquecer.

Eu não sei; mas quando vago
Nas soidões da minha terra,
Quando tudo a noite encerra
Do mysterio em castos véos;
Contemplando a azul esphera,
Vejo tantas — taes estrellas,
Que não sei que possa havelas
Mais formosas n'outros céos.

Não invejo então a patria
Ao Petrarca, nem ao Tasso,
Que eu felizes horas passo

Sobr'o sólo portuguez.
A belleza que o Eterno
Deu ás noites do meu clima
D'um Camões o genio anima,
E os affectos d'uma Ignez.

Vós, estrellas feiticeiras
Inspirastes taes amores.
Pobre Ignez, que dissahores
Lhe custou o seu amar! —
Mas, vagando nestas noites
Pelos campos do Mondego,
Quem sentir pôde socego?
Quem não ha de suspirar?

Dize-o tu, infeliz bardo,
Trovador enamorado,
De saudades magoadado...
Dize-o tu, ó Bernardim!
Quantas vezes estes astros
Te fallaram com meiguice!
Que segredos te não disse
Sua luz, brilhando assim!...

Sua luz, que, delicada,
Pelos valles não se espalha,
Qual phantastica mortalha,
Envolvendo a creação...
Que não é como a da lua,
Que visões no chão estende
E o imaginar accende,
Mas não falla ao coração.

Eu por mim, quando minh'alma
Despenhar terrestres gozos,
Hei de vir, astros formosos,
Conversar comvosco a sós.
Vossa luz me diz mil coisas,
Que me dão um crer profundo;
Pois se existe a dor no mundo,
Um allivio existe em vós!

J. S. da Silva Ferraz.

O AMOR D'UM REI.

Alta noite!... O céu formoso
Não toldam cerrados véos;
Da lua o pallôr saudozo
Esmalta limpidos céos!
E na terra... dorme tudo!
O vento jaz quedo e mudo,
São horas de solidão...
Dorme a virgem descuidosa,
Dorme entre espinhos a rosa,
Dorme tudo? —Ai, tudo não!

Por entre as viçosas flores
De lindo ameno jardim,
Trajando virgineas côres
Em vestes d'alvo setim,
Vagueia, virgem formosa...
Parou juncto d'uma rosa
E a branca mão lh'estendeu:
A meiga flor encantada,
Sob a pressão delicada,
Oscillou, e em fim cedeu!

Oh! não exultes doidinha
N'essa ingrata nivea mão;
Olha, a donzella, florinha,
Colheu-te por distração...
Não veio por vêr as flores;
A vaidosa tem amores,
Bem o diz no suspirar,
Bem o diz a mão ardente,
O seu arfar eloquente,
Seu tremer... seu escutar!...

E a donzella temerosa
Attenta prosegue alem,
Como a Driade formosa
Que dos céos á terra vem;
Té que entre os ramos tecidos
De mil arbustos floridos
Um negro vulto assomou!
Entre o temor e o desejo
A pobre de gôso e pejo,
Cubriu as faces... córou!...

Ai donzella, o cavalleiro
A que déste o coração,
É senhor d'um reino inteiro,
Que as vestes bem ricas são!
Negro cinto prateado
Sustém um punhal cravado
Por esmeraldas sem fim!!
E sob o manto ondeante
Avulta adaga brilhante
Com punho d'oiro e marfim.

N'esse mancebo tão bello,
Era bello o contrastar
Das faces o branco gello
Co'as chammas do seu olhar;
D'olhos fitos na donzella,
Na virgem candida e bella,
Sorrindo a mão lhe apertou:
Ella tímida, innocente,
Ao sentir-lhe a mão ardente
Vacillou... sorriu... chorou!

— Porque choras, virgem pura,

D'olhos pregados no chão?
 Vim eu roubar-te a ventura,
 Enlutar-te o coração?
 Em vez d'ardentes amores,
 Dás-me pranto, angustias, dores
 No tremer, no suspirar?
 E não tens um igneo beijo,
 Que me farte um só desejo
 E acalme o meu delirar?

— Choro... chorei de contente,
 Não pude reter meus ais:
 São loucuras d'innocente,
 Que eu não terei nunca mais.
 Não te offendes?... tenho medo,
 Que uma rival, em segredo
 Te arrebate ao meu amor!
 Tu não sorrís? olha, ingrato,
 Já te dei o meu retrato,
 Hoje, vês... dou-te esta flor.

— Só molduras primorosas,
 Só florinhas de jardim!...
 Não são retratos nem rosas
 Que me contentam a mim!
 — Pois que mais queres?—Sê minha:
 Eu sou rei, serás rainha;
 Ou dize, tenho um rival?
 Dize... termina este aneio!
 Quero cravar-lhe no seio
 Mil vezes este punhal!

— Justo Deus! enlouqueces-te?
 Não crês no meu coração?
 Oh! mas tu não attendes-te
 Ao que disseste, pois não?!
 Aqui me tens em teus braços,
 Deixa dar-te mil abraços...
 Olha... vê... estamos sós!...
 Este momento é tremendo,
 Mas um crime... um crime horrendo,
 P'ra que ha de havel-o entre nós?

Elle jurou-lhe venturas
 Affagando o rosto seu!...
 Fallou-lhe magas ternuras...
 A pobre não respondeu!...
 A lua por entre as flores
 Quiz roubar-a aos seus amores,
 E mandou um raio alli...
 Ella prostrada sem tino...
 Elle em pé d'olhar ferino
 Os braços cruza e sorri!!

Singela, pallida rosa
 Tão desbotada no chão!

Ha pouco virgem formosa...
 Agora... mulher... mais não!...
 No teu amor tinhas crença,
 E tão leal, tão intensa,
 Como não teve ninguem!
 Era um rei o teu amante,
 Tu... ficaste agonisante,
 E elle?... sumiu-se além!...

Viu calçada aos pés do ingrato
 A mimoza debil flor!
 Elle só quiz o retrato,
 Duravel trophéu d'amor.

Não mais vagou a donzella
 Por noite serena e bella
 Aspirando o alvo jasmim:
 Pouco e pouco immurchecidos
 Foram por ella esquecidas
 As flores do seu jardim....

T. A. RIBEIRO.

CARTAS A LAURA.

Quizera que estas linhas, inspiradas pelo sentimento nobre e grandioso do amor, fosse a expressão fiel do muito que sinto, escrevendo-te, do muito que soffro, amando-te.

Quizera que estas phrases, trechos perdidos d'um poema vago e indefinido como o sentimento que as dicta, ferissem teus ouvidos como a nota branda, suave, e voluptuosa d'um suspiro d'amor, d'um d'esses suspiros, Laura, que morre nos labios como o sorriso de ventura, que o precede!

Oh! se assim fosse! Se estas phrases vibrassem na tua alma como uma d'essas notas mysteriosas, então... podia exaltar-se-me a intelligencia com orgulho de felicidade, porque amava e era amado.

E porque não hei de eu crê-lo? Eu, que no volver languido e adormecido de teus olhos tenho por tantas vezes soletrado amor? Eu, que creio n'esses protestos como nos dotes elevados de tua intelligencia?

Perdôa-me, Laura, se fallo d'intelligencia, a quem só devêra fallar de sentimento e de amor; mas é que se para amar basta o sentimento, para comprehender o amor, elevando á altura d'affectos sublimes as sensações, que desperta, não basta o sentimento — é tambem necessaria a intelligencia.

E é por isso, é porque vejo entre os encantos com que Deus ornou a tua belleza, um e outro d'esses dons, que acreditei em ti como mulher, e que te idolatrei como amante.

Laura, tão nobre, tão interessante belleza como a tua, nunca a desenhou pincel d'artista na tella de quadro algum; nunca a sonhou poeta apaixonado n'esse anhelar ansioso, ardente e delirante da phantasia de poeta; mas não tivera illuminado Deus a tua alma com o reflexo da luz divina — o sentimento — e olharia para ti como para um d'esses typos, que só o estro improvisa, e que a arte, apenas traduz, como para uma d'essas creações phantasticas do genio, projectadas na tella de Raphael ou Murillo; serias a belleza correcta, mas fria, majestosa, mas inerte do cinzel de Canova. A arte encontraria em ti a ultima expressão do bello; o poeta, porém, ao ver-te sentiria calar-se-lhe n'alma a desesperança, e pela mente abrazada de enthusiasmo passar-lhe-hia incerto o pensamento sacrilego do Prometheu da fabula.

Laura! Mas tu não és o vulto inanimado da belleza, nem deves teus encantos ao capricho da arte; és a mulher que ama, que pensa, que sente, que nutre no seio o fogo sagrado do amor, porque és a obra d'um Deus.

E que amas, que pensas, que sentes, que ouse negal-o o impio que te não traduzir no rosto o sentir do coração: mas o poeta, mas o homem, que Deus votou neste mundo ao culto da mais nobre religião, que se professa na terra, a poesia, esse advinhal-o-ha na expressão melancolica de teus olhos, no timbre apaixonado de tua voz, e n'essa como que vaga abstracção, que toda te absorve e enamora a phantasia, que todo te prende e enleia o pensamento, Laura; n'essa phrase sempre interpolada, porque uma idéa constante lhe distráe o sentido; n'esse interessante não cuidar de ti mesma; n'esse desdem aristocratico por uma sociedade, que te admira e te exalta, e te cerca d'um prestigio, que fascina, que embriaga, que enlouquece toda a mulher, que não pensar como tu pensas, que não sentir como tu sentes, que não amar, como tu amas.

Porque... e hei de dizer-t'o com o desespero nos labios, tu amas, Laura; mas é um amor, esse, que em vez de me nutrir no coração a flor d'esperança que eu creára, vem crestal-a no peito com o fogo do ciume.

E eu que o presentia, que o sonhava, quando seria loucura o sonhal-o, e vaidade mesmo o presentil-o!

Não te lembras, Laura?...

Foi n'um dia de primavera, ao pôr do sol d'uma bella tarde de Maio; a brisa perfumada pela fragrança das flores, aquecida ainda pelos raios ardentes do Sol

Nas folhas seccas do chão

Já cantava o fim do dia.

Era n'esse Eden de Portugal, no luxuriante jardim da nossa terra, n'esse momento caprichoso da natureza; era na nossa Alhambra, Laura, na nossa Cintra.

Fallava-se do infeliz poeta que, alli, aos echos da solidão tantas vezes repetira o nome de Beatriz.

E pensativa e distraída, e sempre enfeitada pelo brilho da tua phantasia, tu, só tu, deixavas voar desaparecidos os ultimos momentos d'uma tarde tão bella!

Não te lembras? Foi então que eu te disse no accento concentrado e breve da paixão: Laura, a natureza creando-te, symbolisou em ti o amor; mas o homem, amando-te, creou para si um inferno, em vez do céu que sonhára!

E tu... não respondêste. Desenhava-se no teu rosto a mesma expressão de melancolia; sorriste, mas era o sorriso forçado, era a amabilidade estudada da mulher, e nunca o sentir do coração, que morre vagaroso nos labios da virgem enamorada.

Foi então que percebi, que uma só das flores que me déras, ficára verde e viçosa.

D'essa, eis a primeira folha que se desprende; ha de ser triste como ella, porque a flor é a saudade, e a saudade é triste tambem.

AO MEU ANJO.

She was born to be fair; I to die for her love.

SHAKSPEARE.

Ai, como soffre a minha'alma!

Como do martyrio a palma

Custa lagrimas e dôr!

Dizem que é grato o martyrio...

Sêl-o-ha... eu não o creio,

Que fundo me vae no seio

Seu espiño ralador.

Ai! d'este infernal delirio

D'amor quem me ha de salvar?...

— Quem não vae colher o lyrio

Antes do tufão passar?

Ella . . . não ; ella indiff'rente
 É fria estatua ante mi ;
 Parece um anjo, dormente
 Em casto leito de flores,
 Vivendo a matar d'amores
 Quem o vê. Oh ! porque o vi
 N'essa languida postura,
 Toda delicia e ternura,
 Que mata, que, depois, cura
 C'um só suavissimo beijo
 Doce, doce qual d'Houri :
 — Mais doce, que tem mais pejo . . .
 Os d'estas nos labios param,
 Não descem ao coração ;
 Mas os d'ella . . . se ao passarem
 Tremeu o labio abrazado,
 Tem um balsamo encantado,
 Que faz perder a razão
 N'um arroubo delicado
 Que o peito sente e não diz
 — Porque é feliz.

Mas, louco ! para que traçar na mente
 Tão gratos sonhos de ventura e gozo . . .
 Se hei de sentir depois no labio ardente
 Converter-se-me em fel pranto saudoso ?

Meu Deus ! meu Deus ! porque ao poeta d'este
 Um coração de fogo e amor composto ?
 Se, entre as flores da vida, o cardo agreste
 Ha de de sangue salpicar-lhe o rosto ?

Porque este inferno n'alma, este desejo
 Insaciavel d'amor que o peito sente . . .
 Se ha de nos labios que entre-abriu c'um bejo,
 Ver passar um sorriso indifferente ?
 E depois viver só ! não ter na vida
 Outra alma que co'a nossa se confunda ;
 Sempre a anhelar, sempre a scismar perdida . . .
 Atéque o tempo no passado a funda !

Quando a vida assim é triste !
 Coração que lhe resiste
 Devéras d'homem não é.
 O roble não fica em pé
 Se, da tormenta no seio,
 Em fogo o raio lhe veio
 No tronço a seiva heber,
 — Depois que resta ? morrer.

E o homem morre. O desgosto
 Tolda-lhe a face em negrume :
 Extingue-se n'alma o lume,
 Que lhe gravou do seu rosto, —
 Ao nascer, o Creador.

Ácre sente só o espinho,
 Mas nunca, nunca o perfume
 De candidissima flor.
 Gelado, falso presume
 Esse arroubado carinho
 Da mãe, que em divino amor
 Aperta ao seio o filhinho.
 Tudo, tudo lhe resume
 Frieza. No coração,
 Se sente vida, é em vão,
 — Quando não vem o ciume . . .
 O ciume . . . ai que agonia
 Esta idéa em si não tem !
 Que fel aos labios não vem,
 Inda entre os brindes da orgia,
 Ao que amou e foi trahido !
 Como lhe bate insoffrido
 O coração ! Como passa,
 Aos novos brindes alheio,
 Illibada a aurea taça
 Do voluptuoso licor —
 Para outra mão, e no seio
 Aperta o punhal . . . e a dor.

Mas, anjo, que mal fiz ? Porque me deixas
 Vogar sósinho n'este mar d'angustias ?
 Fragil baixel, das ondas combatido,
 Que porto ha de acolher-me, se o teu peito
 Para mim se fechar ? Eu, que te adoro
 Com tanto, tanto amor, serei indigno
 Hoje, do nome que me d'este outr'ora ?

Anjo, que mal fiz eu ? Quando sentia
 Mais fundo o nobre orgulho d'adorar-te,
 Quando anhelava um nome que offertasse,
 Qual tenue grão d'incenso em ara sancta,
 A ti, a ti sómente, aos teus encantos,
 Quando esperava a flórida grinaldá
 De candidas boninas e d'amores,
 Cinges-me á frente a c'roa de martyrios ?

E fitas-me depois. Mas que me dizem
 Teus olhos no volver ? . . . amor ! quem sabel . . .
 Desdem . . . talvez — esta incerteza afoga,
 Ai, como a corda ao condemnado. — O pranto
 De não-dormidas noites como é ácre
 Mais que o travo d'absintho em boca infante :
 Cofre de rico balsamo é o pranto
 Se o sol na face o bebe. Anjo, não posso
 Viver sem o teu amor : vem dar-me vida.
 Sinto no peito o coração em trevas,
 Sinto fundo, bem fundo o crú tormento
 D'este viver, que á campa me conduz . . .

N'um raio de teu talento
Vem, vem, anjo, dar-me luz.

Coimbra — 1854.

A. Ayres.

THEATRO ACADEMICO.

MARIA APIARDINI.

Revelar só agora ao publico o nosso conceito sobre o drama representado no Theatro Academico no dia 13 de Dezembro, parecerá aos olhos exigentes do escrupulo ocioso talvez um pouco extemporaneo. Todavia perdõem-nos a demora, pelas causas que a originaram.

As poucas linhas que se seguem, foram escriptas no dia immediato ao da récita. Estavamos resolvidos a mandal-as para a imprensa, quando alguem nos disse que o Sr. C. Harcourt se havia encarregado de fazer uma crítica litteraria, a instancias do proprio auctor. Então, como era natural, mudámos logo de parecer, porque cessavam as rasões, que nos tinham levado a lançar mão da penna para escrever este singelo annuncio, rasões que não omitiremos e em que se envolve a nossa ingenua justificação.

Além de termos de cumprir o legado, que accetitámos da antiga *Revista Academica*, a qual nunca deixára de formular o seu juizo sobre os dramas representados no Theatro Academica, accrescia a ponderosa rasão de que o auctor da Maria Apiardini era, como ainda é, nosso companheiro nas lides affanosas de Minerva, e collega na redacção d'este jornal.

Hoje porém, que o Sr. Harcourt recusa, pelo menos já, a sua crítica á luz da publicidade, e que subsistem portanto as rasões que ponderámos, damos á estampa esses poucos periodos, em que haviamos vasado a nossa humilde opinião.

A generalidade do drama agradou á plateia, que por vezes aplaudiu o joven dramaturgo. A locução é facil e pura, e ao perpassar pelos labios d'Antonio José, personagem historico, poeta que viveu no tempo do Marquez de Pombal, quasi sempre florida sem affectação.

Porém, pondo de parte o entono pretencioso de critico, e usando da affabilidade e franqueza d'amigo, rogamos ao Sr. Soares Franco permissão de lhe irrogar algumas leves censuras.

A acção pareceu-nos muito complicada. As

scenas succedem-se ás scenas, as peripecias accumulam-se umas sobre as outras, sem que muitas vezes o expectador perceba á primeira vista o seu nexa e deducção.

Quando se pretende suspender a curiosidade do publico por meio de lances inesperados, por meio d'uma intriga laboriosamente tecida, é mister renunciar ao desinvolvimento das paixões e ao bem desenhado dos caracteres — condições essenciaes d'um drama perfeito, e que grangearam laureis immarcessiveis a Racine, Molière e Shakspeare. Aquelle systema é optimo para essas plateias, que soffrem uma crispação nervosa deante do punhal de papelão d'um tyrannete de melodrama, e que expandem o riso em gargalhadas estridulas com as truánices duvidosamente engraçadas d'um polichinello de farça.

Mas para o publico academico, que lê e sabe apreciar os grandes modélos, que lhe subministra a historia litteraria de todos os povos, que é por ventura o mais illustrado de Portugal, tal systema não é, em quanto a nós, o que mais convém adoptar.

E será, além d'isto, o fim unico da arte dramatica oferecer aos expectadores um meio de passarem uma noite medfocemente agradável? Servirá o theatro apenas como antidoto contra a sensaboria, que os os devora lentamente, ou quando, sentados á meza d'um café, lêem as paginas soporiferas dos jornaes, ou quando *passeiam* uma contradança franceza nos salões perfumados d'um baile esplendido?

Julgamos que não.

Desinvolver o sentimento esthetico, cujo germen Deus lançou no coração de todo o homem, ainda no do selvagem, é o seu *desideratum*; e esse sentimento pode desinvolver-se por um drama em que a acção corra simplice e natural, sem que por isso provoque os expectadores a um bocejar pouco lisonjeiro ao talento do poeta.

Nós, infelizmente, ainda não lêmos o drama. Avaliamol-o, por tanto, apenas pela representação, a que tivemos o prazer d'assistir.

Apontaremos, coordenando as impressões que então sentimós, as scenas, que principalmente o sr. S. Franco deve reformar, antes que a Maria Apiardini compareça perante o tribunal da opinião publica, que se não deixa com facilidade seduzir pelos atavios feiticeros d'uma fraze melodiosa.

Maria ama extremosamente Antonio José, a quem o destino arrojou ao seio das florestas virgens da America. Espera ansiosa a cada

momento a regressão do amante, que a estre-
mece com o delirio de poeta. Chegado das
praias do novo mundo, este entra em scena,
onde Maria se achava, e em vez de correr
para juncto d'ella, de a estreitar contra o peito,
d'esquecer com um osculo frêmente, n'um sua-
ve arrombamento de ternura, toda a saudade
que a ausencia lhe accumulára no coração,
volta-se tranquillo para os criados, a quem
ordena alguns serviços, como faria qualquer
burguez obêssio, casado ha vinte annos, de-
pois d'um curto passeio ao campo, que a
hygiene bucolica do seu medico de partido
lhe houvera recommendado!

O terceiro acto principia pelo julgamento
de Maria Apiardini por tres juizes togados,
de longas e venerandas cabelleiras d'estopa
frizada, que fariam morrer de inveja um de-
sembargador da extincta casa da Supplicação,
se este sabio tribunal ainda hoje existira.

Esta scena é d'uma insipidez inferior a
toda a censura, apezar do methodo ingenhoso
de que o auctor se serviu para fazer um proces-
so a vapor. Alli decretam-se duas sentenças
de morte, e revoga-se uma d'ellas, com muita
maior velocidade, do que um *wagon* percorre
no carril de ferro a distancia, que separa Pa-
ris de Versailles! E que necessidade tinha o
sr. S. Franco de nos obrigar a *presencear* o
desgraçado suicidio do irmão do marquez de
Apiardini, d'aquelle pobre marquez, que, pe-
zarosos vimos cambaleiar e cair desairosamen-
te sobre o tablado, quando o punhal fraterci-
da se lhe embebia no coração?

O dialogo do *Deus philosophico* deve apro-
veitar-se, porque a luta das crenças religio-
sas dos dois amantes, que vacillam entre a
apostasia e o amor, é essencialmente drama-
tica. Porém é mistér reformal-a, dando á fraze
a valentia, que lhe não achámos, e que o
pensamento e a situação reclamam.

O desenlace carece tambem indubitavel-
mente de mais desinvolução, porque não tor-
na frisante o remorso do frade, com grave
detrimento da moral publica, para a qual
nunca são demasiadas todas as considerações.

São defeitos sempre inherentes aos pri-
meiros ensaios.

Acceite o sr. S. Franco os nossos sinceros
parabens, e prosiga na estrada brilhante, que
já havia encetado com o *Hermitão da Caba-
na*, e que desgraçadamente para as letras pa-
trias, tem sido tão pouco trilhada pelos nos-
sos litteratos.

Quando depois da regeneração politica
principiou em 1838 a regeneração litteraria,

fulgiu no horisonte uma estrella d'esperança
para o theatro portuguez. Então, deslum-
brados por tão subito esplendor, julgámo-
nos seguros d'um futuro glorioso para o
nosso proscenio. Foi um engano.

O Sr. Garrett, adormeceu á sombra dos
louros colhidos por entre salvas de freneticos
applausos, com o Fr. Luiz de Sousa, com o
Alfageme, e com o Auto de Gil Vicente.

O Sr. Mendes Leal, em quem a arte dra-
matica tanto confiava, illudiu as suas espe-
ranças, para esterilizar o espirito nas paginas
inglorias, na polemica descabellada do nosso
jornalismo politico! É fatalidade!

Torres e Almeida.

Recebemos ha dias o *Ensaio sobre a cho-
lera epidemica*, producção dos Srs. Francisco
José de Cunha Viana e Antonio Maria Bar-
bosa.

Nada diremos sobre o bem merecido va-
lor d'esta obra; porque estamos convencidos
que, por menos modesta que fosse a nossa
apologia, pouco ou nada iria engrandecer os
encomios lisongeiros, que por pennas reco-
nhcidas e habeis lhe foram dirigidos.

PUBLICAÇÕES LITTERARIAS.

OBRAS DO PADRE ANTONIO VIEIRA.

EDITORES — J. M. G. SEABRA E T. Q. ANTUNES.

Vai começar-se uma publicação, que é um
grande serviço para as letras: é a reimpres-
são das obras do padre Antonio Vieira, n'uma
edição correctá, completa e commoda no pre-
ço. Estas condições não eram até hoje preen-
chidas. Os que queriam estudar este mestre
indispensavel da nossa lingua, tinham a lu-
tar com a difficuldade de encontrar as obras
todas d'este classico: uma grande parte esta-
vam incorrectamente impressas; e comprar
toda a collecção torna-se muito despendioso.
A todos estes inconvenientes obvia a nossa
publicação. O modico preço da assignatura e
a publicação periodica, convidam os assignan-
tes. Os editores, vulgarizando obras de tama-
nho valor litterario, fazem um incontestavel
serviço á lingua portugueza.

RAÇAS HUMANAS.

Nous ne connaissons point d'objets sur la terre, quelles que soient leur grandeur et leur importance, qui nous intéressent de plus près que notre étude.

VIREY.

I.

O calôr é o elemento da vida, assim como o frio é o principio da morte. Estimuladas pelo calôr, as sementes germinam nos prados e nos montes; e os vegetaes com as suas côres variadas, formas elegantes e exhalações odoríferas não aformoseariam de certo a natureza; se os vivificantes raios do sol os não aquecessem.

É o calôr, que anima os innumeraveis animaes, que correm na superficie da terra, que nadam nos raios e nos mares, ou que vôm rapidos na atmosphera.

Habituados a vêr a terra servir constantemente de theatro aos phenomenos vitaes, mal podemos concebê-la, sem que a cubra a verdura das florestas, sem que a animem os moyimentos e as vozes dos animaes.

Toda esta vida, toda esta actividade, propria dos sêres vivos, enfraquece, e acaba até em parte, durante o inverno.

N'esta terrivel estação o vento frio do norte, açoitando as corollas, o gêlo amontuando-se em volta dos caules, definha as delicadaservas, e paralisa a circulação das robustas arvores, que á mingua de calôr e nutrição deixam cahir mortas as folhas e as flores.

Os animaes sentem da mesma sorte os effeitos destruidores do frio. Uns invernam semimortos no interior da terra, outros procuram regiões longinquoas, onde o rigor do inverno os não persiga; e aquelles, que não invernam, nem emigram, resistem com difficuldade á acção prolongada de um frio excessivo.

Quando no mundo organico tudo é entorpecimento, tudo é morte, a natureza inorganica agita-se com excesso, vive desordenadamente.

As correntes descem impetuosas pelas encostas dos montes; o mar quebra-se nos rochedos com o estridor do trovão; os rios, sahindo de seus leitões, inundam os campos e os valles; e o furacão sibilla medonho por entre os ramos resequidos das arvores, ou pelas fendas dos penhascos, que se erguem tristes e despidos nas cumiadas das montanhas.

Mas a primavera vem substituir uma suave animação a tão rude actividade. Os raios solares, cahindo menos obliquamente sobre as zo-

nas temperadas, reanimam os sêres, que o inverno deixára quasi mortos.

Os animaes correm alegres nos bosques, cedendo todos ao doce impulso do amor; os prados cobrem-se de relva, e as arvores de verdes folhas.

Todavia em muitos paizes da zona torrida reinam continuamente os ardentes calores do estio ou a moderada temperatura da primavera dos nossos climas. O sol, não passando nunca além dos tropicos, emite os seus raios a estas regiões mais perpendicularmente, que a qualquer outra parte da terra, e não deixa por isso, que a temperatura desca a tão baixo gráu, como nas proximidades dos pólos, ou nas zonas temperadas, durante a estação invernososa.

É nos tropicos, que a natureza mostra maior riqueza de organização, mais abundancia e fertilidade. É ahi, que se contemplam os sublimes e grandiosos quadros da criação. Ao lado das extensas florestas, cujas arvores são revestidas e enfeitadas por muitas e diferentes plantas trepadeiras, vê-se o mar coberto das maravilhoas ilhas de coraes, ou as montanhas gigantes coroadas de neve, e povoadas inferiormente de palmeiras, de bambús e de fetos arborecentes.

De dia estas scenas magnificas, os deleitosos cantos das aves, e os delicados perfumes das flores arrebatam os sentidos; de noite admira-se a poesia majestosa do mar, que, agitando-se languidamente, e como temendo perturbar o repouso da natureza, reflecte a frouxa luz planetaria da bella constellação da *Cruz do sul*, das *Nebulosas de Magalhães*, e de milhões de estrellas, que brilham, mas não scintillam.

Não havendo nos tropicos o frio inimigo da vegetação, as plantas manifestam sempre a vida em toda a sua actividade, adquirem um desinvolvimento extraordinario, e offerecem aos olhos do europeu um espectáculo, que os seduz não menos do que as brilhantes e desconhecidas constellações, que fulguram no céu austral; não menos do que as bellas e admiraveis côres das aves e dos quadrupedes, que povôam a America equatorial.

A força organica e a vida augmentam gradualmente dos pólos para o equador, mas a vegetação não apresenta o mesmo aspecto em cada zona da terra; varia muito no mesmo paralelo de latitude. Alegre e virente nas margens dos regatos, elegante e graciosa nos valles, rica e majestosa nas grandes planicies, differe essencialmente, quando veste as rochas

ardentes das faldas do Chimborazo, ou quando lucha com as neves e com os gelos que cobrem o cume do mesmo monte.

O augmento gradual de vida, variedade e belleza dos typos dos seres organicos, dos pólos para o equador, é um facto observado, e que se explica pela influencia do clima na organização.

De todos os animaes um só faz excepção a esta regra; um, cuja perfeição decresce tanto mais, quanto mais perto vive do equador. É o homem que exclusivamente não segue a regra geral imposta a todos os seres.

Esta excepção não é rigorosamente verdadeira. O homem do norte não é tão desinvolvido, como o do centro da Europa; o que habita na America meridional mesmo debaixo do equador, excede muito, physica e moralmente, o cafe ou o hottentote, que vive a 30 grãos de latitude. Mas em geral podemos dizer, que, dentro de certos limites climatologicos, a especie humana não obedece á lei, seguida pelas outras especies animaes.

Ao philosopho, que além de observar e conhecer os phenomenos, que se passam no mundo material, estuda as condições e dotes sublimes da rasão humana, não será difficil averiguar a causa de tal excepção.

O espirito e a organização do homem estão em reciproca dependencia. Não soffre o espirito, sem que o corpo dê sinais de soffrimento, nem é o corpo impressionado, sem que o espirito sinta a impressão.

N'estas duas naturezas que constituem o homem, essencialmente differentes, mas ligadas entre si, está a solução do problema.

O homem, sendo cosmopolita, vive tanto nas regiões abrazadoras da Africa, como nos gelados paizes da Siberia. Porém não affronta impune o calor ardente da zona torrida, ou o frio excessivo das terras polares. As suas duas naturezas resentem-se sempre da influencia climatologica, que regula as causas das quaes depende a diversidade de caracteres, que distingue todos os povos.

São essas causas o desinvolvimento moral e o exercicio da organização.

As raças, cuja intelligencia é mais desinvolvida, são tambem aquellas, que apresentam a organização melhor proporcionada. Os antigos bustos dos gregos e dos romanos revelam-nos na regularidade das feições o subido grau de desinvolvimento physico e moral, a que estes povos haviam chegado.

É inquestionavelmente na parte da zona terrestre comprehendido entre as costas occiden-

taes da Europa e as margens do mar Caspio, que existem os typos mais perfeitos da nossa especie. O solo, exigindo o trabalho da cultura para produzir os alimentos de que o homem necessita, faz nascer a actividade do commercio, da industria e das artes, e com ella o desinvolvimento physico e moral.

Não assim nos tropicos. A contínua e abundante vegetação prodigalisa espontaneamente ao homem os fructos das arvores, ou as plantas nutritivas.

O habitante do equador não tem mais, digamos assim, do que estender a mão para colher o doce cacho da bananeira, o saboroso annaz, ou o fresco fructo do coqueiro.

Podendo deixar de trabalhar para se alimentar, o homem vive em uma certa indolencia, da qual não sahe, por que não é estimulado, nem pelo frio, nem pela fome. Estes dois excitantes não apparecem nas quentes e fer-teis regiões tropicas.

Assim as duas condições essenciaes á perfeição da especie humana — o desinvolvimento moral, e o exercicio da organização — são impedidas pela indolencia, que a abundancia determina, e que o clima favorece. É por isso que o indigena de Guiné ou do Perú differe tanto do europeu.

Nas proximidades dos pólos a belleza dos typos diminue muito. A intensidade do frio enfraquece as funções nutritivas, e embota a sensibilidade. Ahi duas forças oppostas actuam incessantemente na organização do homem.

Induzido ao somno e á indolencia pelo rigor do frio, é ao mesmo tempo obrigado a um grande trabalho, a fim de prover ao seu sustento, porque nas zonas frigiditas apenas vegetam os musgos, os lichens, e algumas arvores enfezadas, como para obstem unicamente ao horrór de uma esterilidade eterna.

O corpo disforme e acanhada estatura dos esquimós, e de outros povos do norte, manifestam o resultado da lucha prolongada das forças vitais com as circumstancias exteriores. O systema nervoso destes povos dá bem claras mostras da influencia do frio excessivo na economia animal. Os seus sentidos, fracos e obtusos, não recebem senão fortes impressões. As bebidas mais violentas mal lhe impressionam o paladar, e todos os outros órgãos estão em debilidade extrema.

Podemos agora avaliar até que ponto, ou em que circumstancias se deve considerar verdadeira a lei de que fallamos, relativa ao decrescimento da perfeição da especie humana.

O facto geral é, que partindo do centro da

Europa para o equador, a degradação do homem augmenta progressivamente. Mas o mesmo acontecerá, se, em lugar de marcharmos para o equador, caminharmos para o pólo. Por tanto a zona mais favoravel ao desinvolvimento da nossa especie é aquella, onde a moderação do clima e a mediana fertilidade do solo deram origem á civilisação dos povos que a habitam, e que estes levaram depois ás mais remotas partes do globo. Os colonos europeus têm vencido pelo desinvolvimento da intelligencia a poderosa influencia do clima das regiões equatoriaes. Oppondo a força moral á força physica, conseguiram já introduzir em alguns d'aquelles paizes a doçura dos nossos costumes, e a perfeição typica da nossa raça.

(Continua)

Augusto Philippe Simões.

NECROLOGIO.

Que me importa a mim a ingratidão dos homens na hora extrema da vida? ... foi com o pensamento em Deus que andei sempre por este mundo..... a justiça de Deus me julgara.

Alves da Silva.

(REVISTA ACADEMICA, Vol. I. pag. 57).

Como são nobres e eloquentes estas palavras! Como é grande o pedestal que para si ergeu esse homem, cuja vida se passou, segundo elle mesmo nos diz, *entre os infermos e agonisantes*, restituindo o filho ao pae, a esposa ao marido, o irmão ao irmão! Que sanctidade no soffrer! Que resignação no expirar! Que vida tão pura, que os homens não haverão que chorar outra igual! Quem exerceu melhor do que elle a missão sublime do medico, que a sua penna descreveu com tão sublimes traços nas paginas da Revista Academica? Quem de dia, de noite, a toda a hora, sem dar trégoas ao corpo, nem allivio ao espirito, caminhou mais direito para o leito do infermo? Quem com mais obstinação trocou o repouso pela fadiga, o somno pela vigilia? Quem, mais do que elle, enxugou as lagrimas ao pobre, derramou a abundancia e a paz no seio das familias?

Conhecido e honrado entre os presentes, seu nome ha de chegar aos vindouros coroado da unica gloria, que não perece, porque tem as suas raizes no céu! Chamava-se Alves da Silva: bacharel na faculdade de medicina pela universidade de Coimbra, doutor na mesma faculdade pela universidade de Paris, socio do Instituto da Academia Dramatica de

Coimbra, foi antigo redactor da Revista Academica.

É o auctor das singelas e tocantes palavras, que acima transcrevemos, e que são para nós como um testamento sagrado onde recolhemos reverentes as lições do verdadeiro amor e caridade evangelica.

Depois que aquellas palavras foram escritas, umas poucas de gerações academicas passaram por sobre este solo, que pizaram os pés do generoso martyr, que agora baixou ao tumulo.

E assim como o arbusto, açoitado pela furia do vendaval, se despenha na torrente deixando apoz si algumas raizes apegadas ao sólo, assim nos ficaram gravados n'alma os sublimes preceitos, que ennobreceram aquella existencia tão formosa de virtudes e de crenças.

Academicos! Possa este tributo de lagrimas, que vimos hoje pagar á sua memoria, perpetuar o nome nunca assaz querido, nunca assaz chorado d'aquelle, *que para curar os outros se deixou morrer a si.*

Alexandre Meyrelles.

L'AMITIÉ.

Lorsque Dieu fit l'homme à son image et à sa ressemblance, il créa dans son cœur deux affections distinctes, et pourtant principes et mobiles de toutes les autres: l'amour et l'amitié. L'amour, le premier des deux, parce qu'il est le plus fort, le plus puissant des sentiments de l'homme, celui qui brave tout, qui peut tout, qui ose tout, qui suave tout!... Quoique moins forte et moins courageuse, l'amitié, dérive immédiatement de l'amour, elle est sœur de l'amour; pourtant l'amour brule le cœur, il le consume, le réduit en cendres, tandis que l'amitié est calme; le feu qu'elle répand autour d'elle, est doux, consolateur, charmant! Tout homme est capable d'aimer d'amour; mais il n'est pas donné à tous de posséder une âme assez élevée, pour ressentir, dans toute sa plenitude, le doux sentiment de l'amitié.

Oh! il n'y a qu'un homme noble et loyal que l'amitié puisse juger digne de le visiter; mais lorsqu'elle a trouvé un autel, sur lequel elle pense pouvoir se reposer, elle reste, demeure, et répand autour d'elle mille fleurs détachées de sa couronne; ces fleurs pures et embaumées tombent mollement sur le cœur de l'homme qu'elle possède; l'amitié est exi-

geante, elle veut des sacrifices, elle exige le dévouement, aussi est-ce pour cela qu'il est si rare de rencontrer un ami sincère, et l'homme qui l'a trouvé, doit s'estimer heureux! mille fois heureux! . . . et tout faire au monde pour conserver cet ami.

Comme les plantes délicates, suaves et odorantes, riches de couleurs et de formes, qui ne croissent que dans certains climats, aux chauds rayons d'un soleil d'orient, l'amitié vraie est aussi une fleur rare, que l'homme parfois cherche bien long-temps sans pouvoir découvrir! Souvent il se trompe, et ses regards s'arrêtent sur une plante belle, éclatante, ouvrant ses larges pétales pour recevoir les gouttes de rosée et les baisers du zéphyr; il ne considère d'abord que les apparences, il s'empresse de cueillir la fleur, mais aussitôt de sa brillante corolle, que tout à l'heure encore recérait les parfums les plus doux, s'échappe une liqueur vénéneuse et empoisonnée, qui force celui qui l'a saisie à la jeter loin de lui avec dégoût; telle est la fausse amitié.

Cependant Dieu a parfois pitié de ses enfants, et lorsqu'ils ont souffert bien de souffrances, pleuré bien de larmes, soupiré bien souvent! il sèche leurs pleurs par la voix douce et consolante d'un ami! . . . Oh! douce amitié! Fleur céleste éclore au paradis, en tout temps les poètes t'ont chanté! aux brillantes époques de la chevalerie, le troubadour, pauvre oiseau voyageur, errant et sans asile, célébrait tes vertus, en même temps que la beauté de la dame de ses pensées, que la vaillance de son coursier, dont les pieds fouillent le sol! dont le regard dévore l'espace!

En tous les âges les héros t'ont considérée avec déférence, toujours, ils respectèrent les larmes causées par ton pouvoir!

Oh! amitié! amitié! sœur des anges, ne pleures pas! ne caches pas ton visage dans les replis de ton aile! Ton règne n'est pas éteint encore! . . . Les sceptiques du jour ont voulu t'anéantir; les hommes dans leur fureur aveugle contre le ciel, ont tout voulu détruire! tout ce qui rattache l'âme à Dieu, tout ce qui fait espérer des jours meilleurs, mettait des entraves à leurs coupables projets; aussi ils t'ont renié! oh! vertu! ils t'ont repoussée détruite jusque dans ta base! Ils ont essayé de démontrer aux peuples assemblés, que tu n'étais qu'un nom! qu'une ombre, vaine et insaisissable! Aussi André Chenier, ce poète du cœur, cette pure victime, immolée comme on le sait aux fureurs de la République Française de 1893, s'écria-t-il dans un moment désespéré:

«Toi vertu! pleure si je meurs! . . .» Or en détruisant le corps, ne brisaient ils pas les membres? En tuant la vertu, ne voulaient ils pas arrêter d'un seul coup toutes les sources, qui en découlent! L'amitié, l'honneur, la probité, la loyauté! Mais non! en vain l'essayèrent ils! on la reconnaît encore quelques fois dans des âmes d'élite, réfugiée et craintive, montrant sa tête blonde et pâle! triste et découragée, mais jamais vaincue! et un éclair de triomphe brille un moment dans ses longs yeux voilés de pleurs, lorsqu'elle reconnaît dans un homme un sublime cœur! une belle âme!

Jeune homme! vous possédez de nobles qualités! Le vent du malheur, du crime, du péché n'a pas encore soufflé autour de vous! Votre cœur est resté neuf et digne des temps antiques! Le mal n'a pas d'accès près d'une âme comme la vôtre!

Soyez béni, soyez heureux! O vous qui avez écoutée au dedans de votre cœur cette douce voix de l'amitié, qui vous parlait et vous disait d'aimer! et vous désignait entre tous un jeune homme comme vous, enfant chéri de Dieu, plein d'honneur et de foi, accessible à tout ce qui est beau, à tout ce qui est bon, à tout ce qui élève l'esprit et la pensée! Sous son enveloppe fière, triste et belle, vous l'avez deviné, vous l'avez choisi pour être votre frère, le confident de vos joies et de vos peines. Au dedans de vous même vous éprouviez le besoin vif, pressant de pouvoir exercer les trésors de votre âme, pure de toutes les puretés célestes!.. Oui, vous l'avez trouvé! oh! aimez vous toujours. L'ami qui renie son ami, se rend coupable d'un crime infâme! son chatiment l'attend ou dans ce monde ou dans l'autre! Il ne mérite plus rien! ni la protection de Dieu! ni le bonheur sur terre! ni l'estime de ses pères, ni la tendresse de sa mère! Sa conscience le condamne! c'est en vain qu'il cherche le repos! il ne le retrouvera pas! le remords est là qui le tourmente à toute heure, et lui dit sans cesse qu'as tu fait?....

Non! de cette faute sans nom, vous ne vous rendrez coupable! La vertu brillera toujours dans votre cœur, comme la beauté sur votre front! Vous vivrez heureux et honoré, entouré d'égards et de respects, et bien long temps après vous, votre mémoire vivra encore! Et le soir près du soir, le père contera à son fils comment un homme pratiqua toujours, durant sa vie, les doux préceptes de l'honneur, de la vertu, de l'amitié!

AEROSTAÇÃO.

O problema da navegação aérea, de cuja definitiva solução mal podem aventar-se os resultados, tem sido objecto de repetidas experiências, thema para largas discussões nas academias, e alvo sublime de aspirações grandiosas.

Nem podia deixar de ser assim. — O homem, a cuja vontade obedecem os elementos, destinado, por sua intelligencia e perfeições, a exercer um imperio absoluto sobre todos os seres da criação, — o homem, que precorre audacioso a superficie encapellada dos mares, que tem explorado a origem dos vulcões e as profundezas da terra, e a cujos pés o leão, rugindo de despeito, vem depôr homenagens de vassallo, sujeitando ao pesado grilhão a cerviz mal soffrida, — o homem enfim, que prende n'uma equação o movimento dos astros e planetas, que giram nos confins do espaço, não podia satisfazer ao seu orgulho, e parar em seus committimentos, sem ir devassar as regiões superiores da atmosphera, que a sua vista apenas lograva alcançar.

Obedecendo porém ás leis geraes do mundo physico, mal pôde o homem por si elevar-se a algumas pollegadas, e por poucos instantes, acima da superficie da terra, para cujo centro, como os demais corpos da natureza, pende irresistivelmente; e por isso elle não pôde exemptar-se d'um sentimento profundo de inveja e despeito, que a sciencia revella em suas classificações, chamando *despresivel* á rainha das aves, quando a aguia, desprendendo seu vôo altaneiro, paira sublime acima das mais elevadas montanhas.

É assim, que os mais energicos sentimentos, que podem aguilhoar o espirito humano, concorrem á porfia para dar á invenção de Montgolfier um extraordinario interesse, que o enthusiasmo e admiração universaes têm manifestado em todas as occasiões. O assombro, que causaram as primeiras ascensões aerostaticas, e os applausos, com que foram acolhidos os intrepidos navegadores, que primeiro ousaram confiar-se no fugitivo elemento dos ares, mostram com effeito a importancia de tão brilhante descobrimento, e as consequencias, ainda

Nas classificações ornithologicas acham-se as aves divididas em diferentes familias, tribus, secções, etc. O genero *aguia* está comprehendido na secção das aves de presa *despresiveis*. Ha tambem uma secção das aves de presa *nobres*.

mal calculadas mas instinctivamente previstas, que forçosamente havia de produzir em todos os ramos, em que pôde exercer-se a humana actividade.

Com a invenção da polvora modificou-se apenas a arte da guerra; — a applicação do vapor á navegação e a telegraphia electrica offereceram novas condições de progresso; — a illuminação a gaz trouxe mais uma commodidade; — a descoberta d'um novo planeta pôde enfim concorrer para o aperfeiçoamento da astronomia: mas, resolvido uma vez o problema da aerostação, a sociedade tem de transformar-se, e mal se pôde antever actualmente, a que ponto chegariam as consequencias da conquista dos ares, o mais indocil dos elementos da natureza. Infelizmente, no estado actual dos nossos conhecimentos, o problema não offerece uma proxima solução, relativamente á direcção dos aerostatos, ponto capital e condição indispensavel para as applicações practicas e verdadeiramente proveitosas.

Mas nem por isso devemos condemnar desde já todas as tentativas, que se fizerem n'este sentido, quando não sejam reguladas segundo principios, manifestamente contrarios ás demonstrações da mechanic. Se pelos meios, de que actualmente a sciencia dispõe, a navegação atmospherica é incerta e perigosa, não tardará talvez, que o progresso das sciencias physicas traga consigo a solução do problema. A descoberta d'um novo agente motôr, que possa empregar-se sem os pesados apparatus das machinas actuaes, tornará a navegação aerea, se não mais facil, talvez menos perigosa do que a navegação maritima. D'esta descoberta depende unicamente a possibilidade dos sonhos romanticos de E. Souvestre, que podem realisar-se ainda antes do anno 3000. Seja como fór, os ensaios já effectuados na mira de obter estes resultados, o emprego dos aerostatos na arte da guerra e nas investigações scientificas, a magnificencia e brilhantismo do simples facto de uma ascensão, dão á historia da navegação aerea tão subido interesse, que o nome dos seus primeiros inventores será sempre illustre e celebrado a par dos homens, que por intelligencia e coração têm merecido um lugar eminente nos fastos da humanidade.

Mas a quem hade conferir a historia o titulo glorioso de primeiro inventor?

Quando em qualquer epocha o talento se revella por uma aspiração grandiosa, que a intrepidez e constancia vem realisar depois, nem sempre a geração contemporanea, eivada por mesquinhos sentimentos, faz justiça inteira

ao genio, que engrandeceu a sciencia com um novo descobrimento, ou dotou a humanidade com novos meios de desinvolvimento e civilização. Mas, quando depois as concepções do espirito se materialisam no facto, e a experiencia vem confirmar o, que pouco antes era apenas um sonho dourado,—então morrem as contestações, o applauso geral faz emmudecer os detractores, e as nações e as cidades reclamam para si a gloria de ter alimentado dentro em seus muros o genio illustre que honra a humanidade.

Foi Socrates accusado de atheu e corruptor, Christovão Colombo alcunhado de aventureiro e visionario, Galileu fulminado e abatido pelos raios do Vaticano, e Christo escarnecido e crucificado;—mas Socrates é o principe dos philosophos, Christovão Colombo descobre um mundo novo, Galileu faz girar o globo em seus eixos, e Christo regenera a humanidade.

Exemplos d'estes revella cada pagina da historia— a historia das sciencias principalmente.

A invenção da polvora, da imprensa, da etherisação, das machinas a vapor tem dado margem a largas contestações; e ainda hoje se discute sobre saber, a que nação e a que cidade cabe a gloria da prioridade destas descobertas. É assim tambem, que a invenção dos ballões aerostaticos, cujo emprego assenta em principios, que a sciencia demonstra rigorosamente, tem sido objecto de encontradas opiniões na historia das sciencias phisicas, opiniões mais ou menos favorecidas pelo espirito de nacionalidade.

II.

Aos irmãos Montgolfiers, fabricantes de Annonay, se attribue geralmente a invenção dos aerostatos. Não falta porém quem diga que a descoberta é anterior, e que já muitos tinham concebido a idéa de subir aos ares, construindo para isso diferentes apparatus, de que se obtiveram resultados mais ou menos vantajosos. N'esta contenda d'emulação nacional entrámos tambem nós, os portuguezes, offerecendo o nosso Padre Gusmão, por autonomia o voador, como inventor das machinas aerostaticas.

Dando porém a cada um o, que é seu, e pondo de parte o espirito de nacionalidade, que nos induzira a seguir esta opinião, julgamos que os factos não a favorecem, e tudo nos leva a crêr, que é franceza a descoberta, e não d'outro paiz.

É certo, que um Padre portuguez, por nome Bartholomeu Lourenço de Gusmão, irmão do ministro d'estado Alexandre de Gusmão, teve a lembrança de viajar pelos ares, o que pôz em practica, ao que parece, no anno de 1709, como se deprehende da data do privilegio, que ElRei D. João V. lhe concedeu, junctamente com uma conezia, e o titulo de lente de prima da faculdade de mathematica. Mas se attendermos a que não é possível fazer idéa da machina empregada pelo padre Gusmão, na sua viagem aerea, pelas descripções, que d'ella se acham em alguns manuscritos, e ao mesmo tempo ao mau exito da expedição, pouca importancia poderemos dar a este successo em relação á descoberta dos ballões aerostaticos. Que o nosso Gusmão foi mal succedido na sua tentativa se deprehende claramente, já porque apenas pôde passar voando d'um para o outro lado do Terreiro do Paço, e descendo do alto d'um torreão, circumstancia muito para attender, já tambem porque a experiencia não deixaria de ser repetida, se da primeira vez obtivesse feliz successo.— e tanto mais por ser o padre Bartholomeu Lourenço, como consta, dotado de vivo engenho e ardentes qualidades.

Parece pois, que ao physico portuguez apenas cabe a gloria de conceber a idéa arrojada de viajar pelo ar, e tental-o pôr em obra o, que porventura não conseguiu completamente. Que esta idéa porém occorresse primeiro ao padre Gusmão do que a outro qualquer, é o que não parece exacto.

Pondo de parte o, que a fabula conta a respeito de Icaro, que tentou fugir do labyrintho de Creta, voando com azas de cera, *pennis non homini datis*, na phrase do lyrico romano, é sabido que nos principios do seculo passado a possibilidade de fazer voar na atmosphaera diferentes machinas, capazes de transportar gente, foi discutida pelos mechanicos d'esse tempo, que se occuparam muito d'este objecto, já theoreticamente, já executando com essa mira diversas tentativas.

E com effeito ainda antes de 1700, e por consequente anteriormente ao ensaio do padre Gusmão, o padre Lana, jesuita de Brescia, concebeu o projecto d'uma navegação atmospherica, cuja possibilidade, em 1755, outro religioso, o padre Galiano d'Avinhão, pertendeu demonstrar, ainda que fundando-se para isso em principios, que a sciencia não admitte, e que sómente existiam nos delirios da sua imaginação.

Em 1678 um mechanico francez, Le Bes-

nier, fez tambem em Paris algumas experiencias d'uma machina de voar, composta de quatro azas, e de que obteve algum successo.

Em fim um certo Bernon fez em Francfort uma experiencia semelhante, de que todavia tirou maus resultados.

Antes pois do padre Gusmão, outros tinham concebido a mesma idêa, e tentado pô-la em practica; o que por outra parte não é para admirar, se considerarmos que a maneira, por que as aves se elevam e sustentam na atmosphera em todos os tempos, deverá ter excitado a curiosidade e admiração, e inspirado ao homem o desejo de as imitar.

Se ao nosso Gusmão porém não cabe a gloria de inventor ou de executor, nem por isso a sua tentativa deixou de grangear-lhe alguma reputação; pois, além da recompensa e honras que lhe concedeu D. João V., o seu nome ficou sendo conhecido ainda fóra de Portugal, como se vê no seguinte trecho d'uma obra de Julião Turgan, citada por Luiz Figuier na sua exposição e historia das descobertas scientificas modernas, quando tracta dos aerostatos: — «N'uma experiencia publica feita em Lisboa, diz Turgan, em presença do rei D. João V., um certo Gusmão, physico portuguez, elevou-se n'um cesto de vimes coberto de papel com um braseiro aceso debaixo. Quando esta machina chegou á altura dos telhados, batendo na cornija do palacio real, quebrou-se e cahiu. A quéda porém foi muito devagar, e Gusmão ficou são e salvo.»

O auctor acrescenta depois que o padre Bartholomeu Lourenço foi preso, como feiticeiro, ás ordens do sancto officio, valendo-lhe a intercessão do rei, que salvou o infeliz aeronauta das fogueiras da inquisição.

Cumpra além d'isso não esquecer que a tentativa do padre Gusmão, bem como todas as que a precederam e seguiram até Montgolfier em 1783, mui pequena ou nenhuma influencia tiveram sobre a invenção dos aerostatos, deduzida de principios inteiramente diversos das bases scientificas, em que assentam aquellas experiencias.

Funda-se a theoria dos ballões no famoso principio d'Archimedes: *que um corpo, mergulhado n'um fluido, perde uma parte do seu pezo, equal ao pezo do fluido, que desloca.*

Este principio, que em physica se demonstra, já directamente, já por meio de verificações experimentaes, foi descoberto pelo geometra syracusano, quando, estando no banho, observou que o seu corpo fluctuava e vinha á tona d'agua; e conta-se que tão grande fóra

o seu contentamento n'esta occasião, que, pondo de parte a gravidade e compostura que a tal homem competia, elle correria, meio nu, pelas ruas de Syracusa, exclamando entusiasmado: *inveni, inveni.*

Decorre d'este principio que um corpo mergulhado na atmosphera deve elevar-se, cair para a terra, ou ficar em equilibrio, conforme o seu pezo fôr menor, maior, ou equal ao pezo do ar, por elle deslocado.

Diversa porém é a theoria de todos osapparelhos empregados pelos aeronautas até Montgolfier, theoria que tem por fundamento o principio de mechanica, que achamos formulado pelo Sr. Antonio Sanches Goulão da seguinte maneira—todo o fluido oppõe ao movimento dos corpos uma resistencia dependente da sua densidade, e que deve tambem variar segundo a velocidade do movel e a extensão da superficie, exposta directamente á acção do fluido. Mostra a experiencia, que a existencia d'um fluido é proporcional á sua densidade, ao quadrado da velocidade do corpo que se move, e á extensão da superficie, que este offerece directamente á impulsão do fluido.

Com effeito, qualquer que seja a sua natureza, todos os corpos caem no vazio com a mesma velocidade; e se não acontece o mesmo no meio da atmosphera, em que vivemos, é isto devido á presença do ar, que oppõe á queda dos corpos uma resistencia, variavel segundo as leis, que acabamos de apresentar.

Vê-se pois, que a tentativa do padre Gusmão, assim como todas as experiencias do mesmo genero anteriores a Montgolfier, ministraram, quando muito, a idêa para a construcção do aparelho conhecido geralmente hoje pelo nome de pára-queadas, e de nenhum modo concorreram para a descoberta das machinas aerostaticas, descoberta, que, em nossa opinião, não póde attribuir-se, com justiça, senão aos irmãos Estevão e José Montgolfier.

¹ Principios Geraes de Mechanica, impressos na typografia da Universidade — anno 1852.

² Consta-nos, que o nosso abalisado litterato o Sr. Francisco Freire de Carvalho publicou nas Memorias da Academia das Sciencias um escripto, que tem por fim reivindicar para a nação portugueza a invenção das machinas aerostaticas. Não podemos haver á mão esta memoria, e por isso seria arrojado temerario, impossivel até, dar aqui a sua refutação, mas em presença das considerações, que apresentamos, não será permittido accreditar, que, zeloso pelo engrandecimento das coisas patrias, o illustre academico se deixasse illudir por este, aliás tão generoso, quanto desculpavel sentimento?

Amamos tambem esta nossa patria de Portugal, e quizeramos para ella os mais viçosos ramos de gloria; mas por sobre tudo está o amor da verdade, de que nos não fará desviar um falso pundonor nacional; além de que, como escreve o Sr. A. Herculano, — se não tivermos o generoso animo de dizermos a nós próprios a verdade, os estranhos nol-a virão dizer com mais cruel franqueza.

Assim dêmos embora aos francezes a gloria da invenção dos aerostatos, que lhes pertence; que a terra que viu nascer o infante D. Henrique, Pedro Nunes, e José Anastacio da Cunha, não pôde receber honras maiores; e quem tantas façanhas commetteu por mares, nunca d'antes navegados, não precisa, para engrandecer-se, de roubar estranhas glorias.

(Continúa) A. A. Giraldes.

BIBLIOGRAPHIA.

Um livro, de subido interesse acaba de sahir dos prelos da Imprensa da Universidade. São as Taboas auxiliares para o calculo das ephemerides astronomicas, publicadas pelo Sr. Jacome Luiz Sarmiento, lente substituto ordinario da faculdade de Mathematica.

Para aquelles, que sabem o, que são umas taboas, trabalho sempre impertinente mas utilissimo, basta o annuncio do livro para se verem as difficuldades, com que o Sr. Jacome teve de luctar, e o serviço, que com essa publicação prestou. Mas estas taboas, além das vantagens, communs a toda esta especie de trabalhos, têm outras muito especiaes, e que as tornam por isso muito mais recommendaveis.

Contêm aquelle trabalho do Sr. Jacome 5 taboas differentes; as 4 ultimas, ainda que de menor importancia, introduzem todavia consideraveis simplificações no calculo das ephemerides; a 1.^a serve para achar as distancias lunares. São muitas e consideraveis as vantagens d'esta taboa.

Em primeiro logar o calculador encontra já formadas as partes proporcionaes, o que lhe poupa um grande trabalho, sem que por isto seja menor a approximação; porque o A. demonstra rigorosamente, que o erro, que se possa commetter, tomando as differenças medias pelas verdadeiras, é pequenissimo, e sem influencia no final do calculo, que se tem em vista.

Além disto as quantidades, que entram na formula, dependentes da somma ou differen-

ça das latitudes do astro e da lua, acham-se sempre na taboa muito proximas uma da outra, e tornam pela sua pequenez muito facil a multiplicação indicada na formula. O mesmo acontece com as quantidades, onde entra a differença das longitudes e a distancia procurada, pois que se acham quasi sempre na mesma pagina.

Ainda mais: a equação, que o Sr. Jacome reduziu a taboa, não contém senão quadradinhos, e por isso temos sempre a fazer as mesmas operações independentemente dos signaes, sendo só necessario attender aos das latitudes para a formação da sua somma ou differença, que entra na formula.

Já se vê pois a grande utilidade, que resulta ao astronomo do uso destas taboas. Em calculos tão laboriosos, como os das ephemerides, toda a simplificação é sempre um grande serviço, que faz. O Sr. Jacome torna-se digno dos maiores elogios por comprehender e concluir um trabalho desta ordem, onde, a par da difficuldade da redução da formula a numeros, teve talvez outra não menor — o lembrar-lhe deduzil-a de maneira, que produzisse todas estas vantagens.

MÉDITATION.

Fais silence, ó mon âme, écoute de la mer!
Ce bruit profond et sourd, que rend le flot amer,
Vois la vague sans but, qui s'élève et qui tombe!
Cet horizon sans fin, qui s'efface dans l'onde!
Cette image de Dieu par son immensité!
Ce chaos incompris comme l'éternité!
Eh! que suis-je, Seigneur, devant ces grandes choses?
Un être qui se meurt, sans espoir et sans causes,
Qui naît pour admirer, s'étonner et souffrir!
Un étranger qui passe, et s'assie pour mourir!
Et vous, Dieu tout puissant, de ce triste passage
Vous n'avez nul souci... ah! si l'homme était sage,
Il saurait apaiser l'orage de son cœur,
Comprimer ses élans, écraser sa douleur!
Briser tous ses liens, et deriver ses chaînes,
Il trouverait la paix, sans veilles et sans peines!
Mais il marche au hasard, trébuche à chaque pas,
Court après le bonheur et ne le trouve pas,
Il interroge tout! se heurte à chaque chose...
L'insecte vit joyeux! et meurt dans une rose!...

5 Setembro 1853, Porto.

O CASTELLO DE POMBAL.

Eis o fim de quanto existe,
Sobre um seculo outro corre,
E o mortal sempre illudido
Assim nasce e vive e morre.

No topo de erguido monte,
Guardando a amena Pombal,
Serena a rugosa frente
C'os olhos presos no val,
Senhor de veigas e prados,
De collinas e montados
Que se perdem tanto além...
Mas sem o pendão d'outr'ora,
Quem pôde temer-te agora?
Quem dar-te preito?.. ninguém.

N'outras eras, que passaram,
Dominaste como rei,
Dos heroes, que te habitaram,
Diz-me os nomes, que os não sei;
Não sei, não, que nestas fendas
Vejo pedras sem legendas,
Vejo ruínas fataes,
E essa torre desabando,
E este vento sibilando,
Ruínas diz... nada mais!

Ruínas só! que mais pôde

Ler o poeta?— não sei:..

Eis o vento, que saccode

Pó dos sonhos, que eu sonhei!

Attenta bem, viandante:

Neste castello gigante

Não vejas ruínas só,

Vê, que os sonhos, que sonhaste,

Grandezas que immaginaste,

Sonhos são, ruínas... pó!!

Eis d'esses muros fendidos

A luctuosa inscripção

Cantado em hymnos descritos

Miseria e pó que mais, não!...

Castello: se neste mundo,

N'um scepticismo profundo

As crenças queres fundir,

Se d'alma singella e pura

Queres murchar a candura,

Mal haja o teu existir!

Esta poesia foi inspirada pela gratidão, e devida ao benevelo acolhimento, que fizeram os habitantes de Pombal aos Academicos, por occasião dos infaustos acontecimentos do carnaval.

Morre, soldado, não queiras
O teu brazão deslustrar,
Cobre de pedra as caveiras,
Que te mandaram guardar.
Mas... não, vive, que na terra
Do tempo sorrindo á guerra,
Tens uma nobre missão,
— Mandar ao mundo presente
Que respeite reverente
As eras, que já lá vão;

Pedir ás gentes descritas
Não pizem no seu lidar
As ossadas carcomidas,
Que se não podem vingar;
Pedir aos olhos um pranto,
Pedir ao poeta um canto
De triste recordação;
E n'um supplicar plangente,
Pedir lembranças á mente
Saudades ao coração!..

Mas quando morto, prostrado,
Findar teu longo estertor,
Quem, vigia do passado,
Bradará — respeito e dor?! —
E o tempo trabalha... ancia;
Cada anno tira uma areia
Da campa que abre a teus pés;
Cada seculo que passa
Não rouba á tua couraça
Uma seteira? talvez!

Tens de morrer!.. mas distante
Longe ao longe vem teu fim,
Que o sepulcro d'um gigante
Não se abre tão breve assim;
Podes pois sorrir do mundo
Que te julgar moribundo,
E dizer-lhe sorrindo — «vê...
Nessas pedras, que desceram,
Conta os seculos, que volveram,
E eu... resisto de pé—».

Resistes; — perdeu a historia
A lenda do teu pendão?
Terá d'olvidar-se a gloria
De que és vetusto padrão?
Embora, tambem o mundo
Morrerá; — somno profundo
Dormirão todos os seus,
Tu... podes morrer vingado;
Diz-lhe em teu extremo brado
Que a gloria vive nos Ceos.

Castello, que ouviste os cantos
Da lyra do trovador,
Que viste correr-lhe os prantos,
Minora mata-lhe a dor,
Eleva a rugosa fronte,
Vê... procura no horisonte,
Ao norte, mais... inda mais,
Alli... vê... á minha terra —
Leva a dor, que est' alma encerra
Traz-me a benção de meus pais!

Inda um pedido, e que seja
O derradeiro, como é;
Attenta n'aquella Igreja
Que alli defronte se vê;
Lá, quando o bronze sagrado
Tanger triste e compassado
Sentinella de Pombal,
Acorda ao funebre dobre,
Que alli jaz um grande, um nobre,
Que deu nome a Portugal.

E repete ao viandante
N'essa mystica inscripção,
Que, se a gloria vive constante,
Tambem vive a gratidão —
— Gratidão a quem amigo
Conforto nos deu e abrigo —
São nossos brados leaes,
Que as vaidades deste mundo
São egoismo profundo,
Ruinas, pó!... nada mais.

T. A. Ribeiro.

Pombal: 4 de Março de 1854.

AO MEU AMIGO J. J. DE S. TORRES E ALMEIDA.

Oui, la gloire t'attend, mais arrête et contemple
A quel prix on pénètre en ces parvis sacrés;
Vois l'infortuné, assise à la porte du temple
En garde les degrés.

LA MARTINE.

Amigo, se leres um dia meus versos,
Não culpes a magoa, que triste os dictou;
São echos bem frouxos nascidos do peito,
Aonde a ventura jamais fulgurou.

Se podes escuta meus cantos sentidos,
Mysterios da vida te quero ensinar;
Que as rosas, que brilham d'encanto cercadas
A aspide occultam capaz de matar.

Um sol radioso mostrou-te infinito
Extenso horisonte de gloria e d'amor,
Do ceu esse genio colheste em torrentes
Que o peito te inundam da vida na flor.

Mas ai! não procures, amando este mundo,
Em troca d'afagos senão maldições!
Ovidio te lembre morrendo no exilio,
O Tasso recorda, recorda o Camões!

Qu'importam d'um anjo promessas mentidas
Mil crenças formosas, mil sonhos d'amor?
Nas aras da patria, qu'importa o incenso
Em votos queimado d'intenso fervor?

Se crêres d'um anjo promessas mentidas,
Surrizos, encantos, ventura e prazer,
Na taça da vida, que o mel te offertara,
Só prantos amargos virás a sorver.

Se á patria querida contente votares
D'envolta co'a vida presente e porvir,
A patria querida, que tanto adoraras,
Alfrontas no rosto te ha de cuspir.

Não creias portanto, não creias no brilho,
Que a vida nos cerca d'ephemera luz;
Expande teus vãos, porém não te illuda
O facho enganoso, que a tantos seduz.

Coimbra: Março de 1854.

Gaspar de Queiróz B. d'A. e Vasconcellos.

PAGINAS DE VIDA INTIMA.

IV.

A Rosa do Tejo. Vista dos Pyreneus. Chegada ao Havre de Grace. O meu Jornal.

Quatro annos tinham volvido, depois que o
brigue francez Rosa do Tejo se fizera de vela
para França; desd'então nunca mais tinha
sabido do joven açoriano, e essa incerteza af-
fligia-me em extremo.

Algumas vezes, assaltado d'um triste pres-
sentimento, receava, para aquella organização
ainda debil e nascente, os terriveis effeitos dos
climas do norte. Não tardou porém, que meus
receios se convertessem na agradável certeza
de que elle vivia contente e feliz n'uma aldeã
de França distante de Paris uma legoa.

Fiel á promessa que nos havia feito, o jo-
ven podera lançar sobre o papel a historia
das suas impressões de viagem.

Eram folhas dispersas e truncadas, traços
fugitivos, colhidos aqui e alli no seu rapido
transito pelo mundo — viver de mancebo, que
em dourados sonhos passa o tempo descuidoso
e alegre, n'essa ditosa quadra, em que o ho-
risonte da vida costuma vestir-se de risonhas
côres; — viver todo poetico e romantico,
como costuma ser em taes idades.

Arrebatada por um impulso superior sua alma se debate no desejo ardente de resolver os problemas, que agitam a humanidade, e com os olhos fitos em Deus adora o Ente supremo no maravilhoso complexo das obras da criação. Seu coração palpita d'entusiasmo, e exulta de prazer, quando vê diante de si um vasto panorama, uma planície toda cuberta de verdura, aquecida pelos últimos raios do sol.

«Alli, me dizia elle, no meio dos bosques e dos campos minha alma se dilata, e se extasia! E penso em Deus e no futuro! oh! o futuro! accrescentava depois com gesto inspirado, a quem pertence senão a Deus? E é por isso que eu creio e espero. Sim, vi-o passar diante de mim com todo o seu cortejo d'alegrias e de dores, de triumphos e revézes, de dias bons e de dias maus, e não desfaleci, porque sei, que aquelle, que alimenta as hervinhas dos campos vela sobre mim e sobre todos.»

No meio do deserto sombrio e arido das crenças d'este seculo é doce ver abrigada em peito joven a flor modesta, que outr'ora era o mais bello attributo dos filhos do christianismo.

O MEU JORNAL.

Fontenay-aux-Rose. Setembro de 1839.

De noite, o mar rugia em roda do navio, como um leão antes d'engulir a sua preza. O vento era da proa. Muitas vezes batia com a cabeça nas taboas do bélixe. O capitão francez era um homem alto e robusto; com o portavoz na mão parecia desafiar o furor das vagas. A primeira noite foi angustiada. Os perigos do presente, as incertezas do futuro occupavam já um lugar nas minhas meditações, e a dôr de me ver separado de tudo, quanto tinha de mais caro no mundo, pezava sobre mim com todo o imperio das mais vivas saudades.

De manhã, quando a tempestade serenava, subia os degraus da escada da camara, e ia sentar-me no convés do navio. Quantas vezes a escuma me burrifou as faces!

Pobre creança que eu era! Mas já acostuada áquelles folguedos do mar. Lembra-me, que na minha ingenua fé olhava de vez em quando para o horisonte, como se nas suas extremidades divisasse as montanhas do archipelago.

As nuvens negras, que a tempestade varria diante de si, ás lufadas do vento, que agitava a superficie dos mares, ás estrellas, que brilha-

vam a espaços no firmamento e rapidas se sumiam nas trevas, a todos esses mysterios emfim do dia e da noite, andava sempre associada no meu espirito a idéa risonha da patria. E com os olhos devorava aquella perspectiva encantadora, que o destino erguia diante de mim para depois me lançar um triste e cruel desengano.

«Não! aquillo não eram senão sombras, que a mão de Deus lança no espaço para cubrirem com seu véu diaphano os oceanos da sua gloria e da sua grandeza.»

O homem, que nasce no meio das terras, rodeado sómente d'alguns pedaços d'agoa estagnada, estremece quando em logar d'aquella poesia suave e campestre vê deante de si uma poesia grandiosa, impenetravel, poderosa, horrivel! Mas eu habituei o meu ouvido, desde o berço, a escutar essa grande voz do oceano, essa voz sublime e profunda, que faz tremer os continentes.

O vento sibilava porém com força por entre as enxarcias do navio, as velas batiam desencontradas umas sobre as outras, e a Rosa do Tejo, cercada d'um vasto lençol de escuma, parecia aguardar o momento, em que teria d'enterrar a quilha, e desaparecer no turbilhão das vagas.

De joelhos balbuciava as orações, que minha mãe me tinha ensinado, e já interiormente me despedia da minha mocidade, dos meus sonhos doirados, da vida, da esperança! Algumas vezes imaginava estar no fundo do mar, e obrigado a dormir eternamente n'um leito d'arêa.

A Rosa do Tejo continuava porém resistindo aos repelões da vaga. Ora açoutada das ondas saltava até ás nuvens, ora rasgada a immensidade das agoas se via submergir no abysmo. Escondeu-se o sol sem nos ficar mais luz, que a dos relampagos e raios. Não havia esperança de remedio humano. Todos com lagrimas clamavam ao ceu, pedindo misericordia.

Duas vezes, desesperando de salvar o navio, o capitão francez bradara com voz de trovão — *ferrai as velas*; mas nem o vento nem o mar deixavam, que o navio obedecesse.

Felizmente com o despontar do dia a tempestade foi serenando pouco e pouco, e não permittiu Deus, que acabassemos alli a vida.

Outros perigos porém nos esperavam dias depois; foi quando nos achámos em frente d'um navio, que nos pareceu ser, e que era effectivamente, d'um pirata americano.

Uma tarde vieram dizer ao capitão, que a duas milhas de distancia um bello navio de

tres mastros fendia as ondas com a prôa voltada para nós. Esta noticia causou grande alvoroço, e passageiros e marinheiros, com os olhos fitos no capitão, que examinava com o oculo os signaes do navio, aguardavam ansiosos o desfecho d'este drama.

O capitão francez não dava mostras a principio de quem se arreceava da visita; mas quando o navio, approximando-se cada vez mais da Rosa do Tejo, pareceu querer tentar a abordagem, o capitão mandou collocar todos nos seus postos, e preparar para uma defeza, que promettia ser desesperada.

Duas pequenas peças e algumas pistolas compunham todas as nossas munições de guerra; e não era de crer, que, com tantas diminutas forças, podessemos resistir a um ataque d'abordagem. Valeram-nos porém, em tal conjunctura, o esforço e sangue frio do intrepido capitão; porque, depois d'uma breve explicação entre os dous capitães, o pirata julgando mais prudente a retirada, despediu-se como um relampago, deixando-nos com vento em pôpa, mais surprehendidos da ligeireza com que partia os mares, do que accommettidos pelo terror de cahirmos em seu poder.

A retirada do pirata foi saudada por um grito unanime de — viva a França!

Mais dois dias de vento contrario e estamos defronte dos Pyreneus. Aqui o vento acalmou, e pudémos admirar á vontade as bellezas agrestes, mas poeticas e magestosas, d'essas soberbas montanhas, que separam a Hespanha da França.

Algumas pobres cabanas dispersas aqui e alli; alguns pastores conduzindo rebanhos de cabras; grandes e sombrias massas de rochedos, que suspensas no alto das montanhas nos pareciam pedaços d'estatuas, ou os bustos mutilados dos guerreiros, que tingiram com seu sangue aquella boa terra de Hespanha, terra — mais que nenhuma — de heróes. Não é todavia uma paisagem amena, agitada pela aragem perfumada dos climas do meio dia, são ásperas e incultas serranias cobertas de neve, aonde apenas se avista o intrepido montanhez galgando as penedias d'arcabuz ao hombro, e com terrivel *cuchillo* ao lado.

O vento, soprando-nos favoravel, em breve perdemos de vista os Pyreneus. Entrámos no canal da Mancha.

O Havre de Grace apparecia-nos em fim como uma estrella brilhante depois da tempestade. Estavamos em terra de França.

(Continúa.) Alexandre Meyrolles.

Extrahimos, com muita satisfação, do *Porto e Carta* o seguinte communicado, em que se recommenda á estima e gratidão do publico o procedimento philantropico e cavalleiroso do sr. Commendador Manoel Pinto da Fonseca, em favor d'um Academico nosso amigo; e de bom grado nos associamos a este testimonho de reconhecimento por um acto de beneficencia, que honra sobre maneira o individuo, que o practica.

Sabemos, que o sr. Manoel Pinto da Fonseca concedera a um amigo nosso, que lhe fez conhecer a falta de recursos em Coimbra, onde deseja formar-se, uma mezada para este fim. Rasgos de tal natureza não devem passar desaperecebidos entre nós, tão pouco costumados a similiaes sentimentos de philantropia. O sr. Fonseca chama por este modo sobre si as vistas agradecidas de todos os amigos das letras; e o paiz todo não pôde deixar de render-lhe o tributo, que merece por tão louvavel procedimento, e pelo entusiasmo, com que recebeu as supplicas do nosso amigo; o que tudo nos faz agourar que não será este o unico acto de generosidade, que teremos de apreçoar, agradecendo-lh'o do coração.

Oxalá que o sr. Fonseca, com tão honroso exemplo, vá estimular todos os, que dispondo como elle de grandes fortunas, não se atrevem a distrahir d'ellas uma pequena parte em favor de tantos jovens, que nós todos conhecemos, dotados d'um talento raro, mas que, por insufficiencia de meios, não podem attingir o fim para que vieram ao mundo, desaparecendo d'elle sem que seus nomes sequer cheguem a ser conhecidos.

DO CREDITO, E DOS BANCOS.

Em especial o desinvolvimento do credito industrial pelo conceito de probidade e capacidade dos industriaes, e não menos do acerto das leis, e da exactidão na administração da justiça, é a condição indispensavel da maior e mais constante applicação dos valores economizados nos empregos productivos.

A. FORJAZ. *Estudos d'Economia Politica.*

Quando analyticamente discernindo os elementos progressivos das sociedades modernas, procuramos por uma investigação singular conhecer, quaes os primitivos e mais poderosos, somos obrigados, como em primeiro trabalho, a separar a parte material da moral civilizada.

A primeira vemos ser expressa no seu maior

desenvolvimento pela applicação do vapor, como motor, assim como ser o credito o ultimo termo, que na escala do progresso representa a segunda na sua phase mais brilhante.

Mas todo ideal, e dependente sempre de mais ou menos complicadas combinações intellectuaes, tem sido o credito, de resultados egualmente felizes para a prosperidade, menos applaudido, que o vapor, cuja existencia, só devida á boa direcção das leis phisicas e materiaes, penetra mais accessivel nas intelligencias vulgares.

Porém, se comparando-os, reconhecemos, poder ser o vapor pelo facto de seu nascimento extranho á civilisação, como conquista do acaso, que tantas vezes ludibria a intelligencia, inutilizando seus esforços pelas honras da invenção, mais forçados somos a respeitar o credito, como filho legitimo da civilisação, pertencendo-lhe em todos os seus periodos, vivendo sua propria vida.

Nascido da primeira condição social a — troca —, sua idéa devia suggerir-se com as primeiras necessidades, assim como a sua applicação effectuar-se, desde que ao simples contacto se substituiu uma mais intima communhão social.

Estabelecido com as primeiras sociedades dizemol-o por isso tão antigo como ellas. Concebendo-o desenvolvido como seu progresso, fazemos dependente a elevação e perfeição de sua idéa da illustração social.

Fundado na confiança reciproca, apoiado na moralidade, intelligencia e actividade dos povos, sua idéa é a propria civilisação, e até segundo o vimos mais ou menos admittido n'uma epocha, nos podemos servir d'elle, como indicio historico de maior ou menor desenvolvimento. É pouco assegurar ao homem, quando isolado, o limitado futuro, que o espera porque nem existiria, se fosse só. Impellido á convivencia pelas supremas necessidades da vida, que os instinctos da sociabilidade lhe fazem espontanea, por uma feliz combinação da providencia, as condições da sua existencia são ao mesmo tempo as da sua felicidade.

Conhecendo sua impotencia individual, convence-se não poder ser feliz, como principal, mas como membro do grande todo, a — humanidade, centralizada pela intelligencia no dominio uniforme da idéa, — a felicidade commum. Collocando por isso sua felicidade em razão directa das alianças, que o unem a maior numero de povos, é por isso que através dos seculos e das reformas o vemos ten-

der para esse alvo de todas as suas esperanças, e tornar-se mais perfeito quanto mais proximo a conseguil-o.

Se d'aqui podemos deduzir, que uma idéa é tanto mais civilisadora, quanto mais facilitar o grandioso projecto da associação, tambem ella serve a convencer-nos da excellencia do credito. Que é elle senão o resultado da associação? Quaes são seus efeitos senão torna-a progressivamente mais desenvolvida e natural? Como combinar no individualismo a unidade com a variedade, sem a assistencia d'essa grande idéa, que nos ensina a satisfazer nos alheios nossos proprios interesses?

Só por elle se estabelece espontanea a união de esforços.

Só por elle se realisa, como por um modo natural, a repartição dos lucros.

Só por elle o mais humilde associado do mais pobre reino, se torna objecto da attenção dos homens de todas as raças, climas e paizes. Porque tambem só por elle ficam nossas necessidades satisfeitas, tendo como em primeiro empenho satisfazer as dos outros.

Com tudo, apesar de tão provadissimas vantagens, nem por isso se exceptou o credito da sorte das grandes descobertas, que antes de admittidas, são primeiro acrisoladas na critica publica, pela inveja da novidade, ou fundada em erros de applicação, quasi sempre injusta em suas primeiras decisões.

Estava destinada esta materia, forçoso é dizelo, mas vergonha é confessal-o, a ser depreciada pelos philosophos economistas de primeira intelligencia.

É verdade, que as falsas idéas de seus exaggerados defensores ameaçavam de ruina os mais poderosos reinos da Europa; e que por uma escala gradativa d'erros, se Melon, em França, assegurava que a divida pública nem augmentava nem diminuia a riqueza nacional; e Berceley, em Inglaterra, considerava a divida do estado como uma fonte de prosperidade, Pinto, na Hollanda, chegava a pretender, que os debitos accresciam a riqueza do estado do montante de seus capitães.

É verdade, que estes grosseiros prejuizos, dominando os homens de maior influencia, preparavam a quêda da Europa. Não negamos, que o credito, como a maior parte das instituições humanas, se funda sobre ruinas. Mas tambem é certo, que, sendo estes tão tristes successos da ignorancia desculpa natural aos espiritos communs de acanhadas idéas no futuro, e incapazes de avaliar um phenomeno pela sua natureza, o não eram

para intelligencias esclarecidas, destinadas por sua fecundidade a fazer epocha na sciencia.

Mas appresentem-se muito embora as theorias de Say em sonhos de um mais feliz estado social, ou as allucinadas censuras de Bonald e Sismondy em diatribes ao progresso; venham os frios calculos de Mac-Culloch, pretenciosos á rigidez mathematica e exactidão arithmetica, dizer-nos, que o credito é uma pura creação phantastica, mediocre, prejudicial ou inutil; todas essas idéas filhas de uma contradictoria ignorancia, ou de um egoismo profundo cahem desarmadas perante a realidade do credito. Pois felizmente existe elle hoje; ainda mais, existiu sempre e como um facto inevitavel na sociedade. Combatel-o é por tanto impossivel, porque é elle uma consequencia natural dos factos, e não uma creação accidental da theoria; dirigil-o com vantagem, eis a mais proveitosa conducta. Assim o homem, mau grado seu, caminha para o progresso; se por um movimento de ignorancia ou de orgulho se revolta ou desconhece o imperio imprescriptivel de uma ordem superior, que o domina, sua influencia nunca se perde, mais se revela. A contradicção de suas acções com seus pensamentos é o primeiro facto a demonstral-o, e o ridiculo, de que os cobre, o primeiro castigo ás theorias abstractas da natureza.

João B. Say depois de ter analysado com o seu prodigioso talento as vantagens do credito; depois de ter provado ser elle o mais facil distribuidor de capitaes, e o meio mais commodo a passal-os da mão do capitalista ocioso ou impossibilitado, para as do operario pobre e sem recursos, impedindo assim a industria de se paralyzar á falta de instrumentos, e estes de se esterilizarem á falta de trabalho; depois de ter levado á evidencia as necessidades do emprestimo, sua mutua vantagem, proporcionando ao credor o desempate de suas mercadorias sem consumo, e ao creditado a approximação de capitaes com independencia da usura; depois de nos ter dito, que o credito emancipa o operario, facilitando-lhe um brilhante futuro com o unico auxilio de sua intelligencia e seu trabalho, J. B. Say desconhece-se e contradiz-se com suas phantazias de imaginada prosperidade. O commercio e a industria, diz elle, serão mais favoravelmente desinvolvidos, quando sem dependencia de favores alheios, ajunctar o operario tal somma de riqueza, que o tornem superior ás necessidades do credito. Deste modo (continua), nem rejeitará a perdas im-

merecidas a fortuna alheia, poupar-se-ha a sacrificios, que augmentam o custo da producção, e não elevará pela concurrencia os juros ás proporções da usura. Foi este absurdo arrasado, á primeira vista capcioso, que no nosso conceito abateu uma brilhante intelligencia até ás humildes proporções de um charlatão vulgar. J. B. S. foi illudido pelas apparencias; só um analyzador superficial faria a injustiça de attribuir ao credito tão pequenas vantagens, e tão damnosos effeitos. É verdade, que á analyse deste escriptor escapou ainda uma de suas maiores vantagens, qual é a de reunir todas as pequenas economias, junctas pela classe pobre e laboriosa, incapazes, quando divididas, de uma empreza lucrativa, condemnadas á esterilidade por sua propria impotencia, e utilizadas pela sua concurrencia a um ponto dado.

Porém a sua, ainda que incompleta, analyse devia ser-lhe garantia já sufficiente a preserval-o de prejuizos, que ainda são do nosso tempo. É vulgarissima até a vaidosa satisfação, com que a maior parte dos nossos negociantes jactanciosos louvam o feliz estado de negociar cada um seus próprios fundos, mas em breve a natural direcção dos negocios vem demonstrar o abstracto de suas decantadas theorias, e o prejuizo de seus circumscriptos resultados. É uma falsidade asseverar, que o credito motiva o augmento do preço dos productos. Acontece exactamente o contrario, pois que o negocio com emprestimo produz tão avultados lucros, que não só, pagas as despezas da producção, egualam os do negocio sem credito, mas até o excedem com menor preço no mercado. Supponhamos, diz Coquelin, um negociante, que limitado á direcção de sua particular fortuna, obteve 100 de excedente com 10 de ganho, se pelo credito quadruplicar seus fundos, deduziria o mesmo proveito, vendendo suas mercadorias por um terço do preço anterior.

Quanto aos incommodos, que na opinião de Say tanto sobrecarregam a industria pelos emprestimos, são puras apparencias. Se o droguista empresta ao negociante seu trabalho e suas tintas, para nos servirmos de seu exemplo, estampando-lhe seus panos, o negociante em alternativa empresta ao droguista materia, em que se empregue sua actividade. Por tanto o effeito do credito n'este caso é a troca de serviços, e aonde os favores são reciprocos não ha sacrificios. O capitalista ficará, é verdade, privado por algum tempo de sua fortuna e de suas mercadorias, mas tambem estas lhe

não dariam maior proveito, antes grande perda quando empatadas em sua mão por falta de de concorrência. Ficando assim infinitamente compensado pela certeza de um empréstimo em occasião de necessidade, e pela possibilidade de augmentar sua industria pelo maior numero de seus consumidores.

Se attendermos porém ás theorias de Bonald, Sismondy e Mac-Culloch, reconhecemos não ser Say o mais injusto dos depreciadores do credito. Se este lhe attribue poucas vantagens, aquelles negam absolutamente uma hypothese, em que ellas se dêem. Na opinião de Mac-Culloch uma letra de cambio, quando emittida, garante a seu possuidor o alcance de um valor igual ao representado, e como se torna um puro instrumento de troca entre dous productos já existentes, que por isso não creou, a letra de cambio é inutil. Este paralogismo tantas vezes repetido, discutido, e combatido depois, que se funda na ideia — o credito — não é uma instituição de producção, mas de circulação —, consiste na má applicação de um principio, que ha toda a utilidade em reconhecer. Não somos levados por um falso enthusiasmo a desejar á sociedade os terribes males, motivados pelos exaggerados defensores do credito, que em reacção o negaram. Queremos ao contrario affirmar-o. D'elle se derivam todas as vantagens, que formam seu verdadeiro elogio. O credito não cria directamente capitaes, só ao trabalho com economia compete este nobre privilegio. Seu unico effeito é deslocar-os. Mas para colher a argumentação de Culloch seria necessario nos provasse, que essa deslocação é inutil. É inutil, diz elle, porque os valores trocados tanto podiam ser fertilizados pelo cedente, como pelo cessionario. Mac-Culloch quando assim pensou, foi um máo observador. A maior parte das trocas realizam-se em objectos, que não podem ser proveitosos aos cedentes; já porque os não alienavam, se os podessem sujeitar a uma administração lucrativa, já porque, como elle em outro lugar muito bem expôz, aquillo, que serve de instrumento a uns, não pôde ser por outros fructificado. E um simples exemplo practico nol-o fará comprehender melhor, que a extensa exposição de uma longa theoria.

Existe um arado em venda precizo a um agricultor, que tem, por sua falta, seus campos incultos. Sobram-lhe desejos de o comprar, mas só pôde offerecer como garantia de seu pagamento os lucros de seu futuro trabalho.

É-lhe este indispensavel instrumento concedido, e em breve o, que até ahí eram incultas

campinas, se converte em pingues searas. Com o producto de sua venda extrahiu o capitalista suas mercadorias, aliás empatadas, e o agricultor na miseria resgatou seu futuro. Poderão agora sustentar-se as theorias de Culloch, ou negarem-se as vantagens do credito?

Esta questão, a que deu causa uma das idéas mais civilisadoras da sciencia, controvertida pelas suas maiores intelligencias n'uma epocha tão propria já pelas luzes derramadas a avaliar e adoptar com enthusiasmo todas as verdadeiras doutrinas, é bastante a fazer-nos suppôr as contestações, que soffreu em tempos mais remotos e menos illustrados. E como a historia do credito é não só interessante pelas preciosas experiencias, de que nos enriquece, e pelas revoluções por elle occasionadas no viver das sociedades, como por nos mostrar as necessidades humanas gradativamente engrandecidas, conhecendo mais claramente por ellas o fim do credito, que as veiu satisfazer, resumiremos como em principio de materia as relações sociaes, que lhe foram anteriores, assim como seus estabelecimentos mais notaveis.

II.

Os limitados conhecimentos geographicos, circumscrevendo o mundo á parte dos continentes europeu, asiatico e africano; as acanhadas proporções da navegação em principio, animando só o triste commercio de cabotagem de curto transitio; o systema guerreiro dos primeiros povos; o exercicio da pirataria, tirando toda a segurança ás excursões longinquas por paizes desconhecidos; as pequenas necessidades do infeliz viver d'aquellas edades, e a facilidade da sua satisfação nos productos elementares da natureza; quando outras provas nos faltassem, são indicios sufficientes a accusar-nos a profunda miseria, em que se passa a existencia das primeiras associações. Por longo espaço de tempo se protrahiria este penozo estado de cousas, se um povo destinado pela Providencia a uma grande missão na terra; assignalada na posição geographica de seu paiz, limitrophe ao mesmo tempo de dois continentes differentes por seu clima, costumes e moralidade; na indicação de suas praias apontando para os mais ricos e precisados climas europeus, se não fizesse cargo de transmittir á europa a civilisação, de que o velho mundo estava proximo a abdicar. Esse povo era o phenicio.

Estabelecido nas costas orientaes do mediterraneo, protegido pela sombra de florestas ainda primitivas em sua criação, embalado desde o berço pelo constante rugir das vagas,

e pela furia dos ventos a inclinar irados os troncos gigantes dos cedros, que seculos tinham permitido occultassem o Lybano na perpetua noute de sua sombra, e que no embate da tormenta pareciam aspirar já aos perigos da navegação; pela aproximação das florestas para construção de seus navios; do mar para ensaio de suas empresas arriscadas; do oriente e occidente, que com as amostras de seus preciosos fructos os provocavam ao commercio, pela promessa precedente dos mais proficuos resultados, os mesmos accidentes physicos pareciam educar este povo, para um dia se entregar ao acaso *na fé do desconhecido*.

Se grande era a missão, que lhe cumpria, maior é o elogio; asseverando, não a illudiu. Em quanto seus vazos conduzidos ao principio á força de braços pelos remos, e depois por um progresso natural entregando suas velas ao vento, rasgam as agoas do Mediterraneo, e atam, como n'um laço de aliança, na prateada esteira de suas quilhes seus portos mais accessiveis, o commercio Phenicio associa já pelo sul suas empresas com as tribus errantes do dezerto, que até ali nada respeitavam, além da voz de seu emir commandando á carnagem e ao latrocínio.

Já não são os Europeus entregues a uma perigosa confiança, que se entranham pela Arabia em procura do seu commercio, mas Idumeos submissos aos dictames da civilização, que vem por Hadramuth e Sedochar depor no emporio de Tyro as mais ricas produções de Cachemira e Cadoart.

Em quanto o Nylo espontaneo offerece suas agoas para receber e transportar no Egypto o azeite e os perfumados cachos da Palestina, os Phenicios comprehendendo faltar á sua missão se sua industria, além de seu commercio, não desse a seus transportes, um valor propriamente seu, começam a talhar o marfim do deserto, a tecer a lã syrica, e a transformar-a com as tinturas da purpura, o mais precioso inyento de suas fabricas. Se por um lado as vastas relações extendidas até á industriosa Kabout, que demarcam seu commercio do sul, ou indico-arabe, solidamente os constituem felizes rivaes de Babylonia, por outro lado a Numidia, o Caucaso e as metropoles do mediterraneo facilitam e asseguram seu commercio até ás columnas de fabulosa inscripção, que o reflexo do oceano fazia respeitado e que elles foram os primeiros a desmentir. Por um progresso natural os conductores das cravanas de commissarios se fazem commercirntes, é assim que a opulenta Tyro orgulho-

sa do feliz successo de seus trabalhos, da vantagem de sua posição, e da segurança de seu porto, tão pacificamente accessivel ás embarcações de tracto ordinario, como propria a cepelir qualquer aggressão inimiga, vê amontoarem-se em suas praças os mais bellos e ricos productos da terra.

Porém a civilização motiva a civilização, e as necessidades mais amplamente satisfeitas criam mais amplas necessidades.

Se os primeiros trabalhos do homem deviam ser dedicados á producção — primeiro desejo natural occurrencia de suas necessidades; a circulação devia ser seu segundo empenho, como a mais obvia depois na exigencia. A variedade dos productos não encontrava já de prompto appetencia correspondente com offerecimento conveniente a pagar a mercadoria na quantidade e qualidade offerecida, collocando por isso seus productores na crise, ou de a darem com perda, ou de a partirem com estrago total ou parcial, ou de a demorarem empatada, com prejuizo para seus capitaes, e muitas vezes de sua fazenda de limitada duração. Era por tanto precisa uma materia de valor com facil reconhecimento, para se acreditar em todos, de pequeno pezo e volume para facilitar as transacções, divisivel com valimento para se proporcionar a todas as mercadorias, e sobretudo indestructivel á acção do tempo, para escrupulosamente guardar a fortuna de todos, e para realizar a lei indispensavel na producção — a economia. Feliz inyento da providencia humana, pela qual o homem desde o começo de seus trabalhos pôde chamar á partilha de suas riquezas seu ultimo descendente de mais prolongada existencia.

Em razão de ser esta a necessidade mais sentida, um meio que preenchesse estas condições, era a difficultosa solução do mais importante problema, que a sociedade, principalmente a d'aquelle tempo, pela difficultade em admitir outros meios de credito, podia agitar.

Mas o pedido era tão demasiadamente exigente, tão avultado nas condições, cuja singular satisfação era já difficil, que um *eureka* d'osta natureza era mais do que a solução de um difficil problema ero quasi um milagre.

Estava ainda reservado á boa estrella dos Phenicios resolver este embaraço.

Levados por seu caracter emprehendedor ao interior da Hespanha, na investigação incansavel d'alguma producção, digna pelo seu merecimento de compensar a immensa importação Asiatica, a que nenhum paiz europeu correspondia, são os primeiros a encontrar o or-

ro, e os primeiros a reconhecer o valor de suas qualidades.

Foi esta descoberta junctamente com a da escripta o digno remate de suas incalculaveis empresas. Uma nova civilisação começa depois a raiar; é a da Grecia.

Como natural sequencia da illustração Phenicia seus esforços ainda se dirigem a facilitar a circulação por um agente mais facil. É então, que o credito, cuja primeira expressão tinha sido o numerario, começa a desinvolver-se pelos bancos.

Com tudo o ponto de vista secundario, pelo qual os antigos encaravam as *na sua opinião deshonrosas occupações da paz*, occasiona comecarem muito cedo os tempos antehistoricos a este respeito. Houveram bancos em Athenas e depois em Roma; e é tudo quanto de positivo podemos dizer de mais apartado pela historia. Os primeiros além dos juros immoderadamente exigidos, não emprestavam com usura sem garantia de hypotheca, que embolsavam primeiro, ficando d'antemão com valores em caixa sob outra especie, maiores ou eguaes aos emprestados. As mais das vezes estes bancos, necessarios já ao limitado commercio d'aquelles tempos, desconfiando do despotismo barbaro e guerreiro, acolhiam-se nos templos, refugiavam-se na religião, que nem sempre era solida barreira contra a avidez do seculo. Provam-no Julio Cesar dando assalto aos templos de Saturno, as pilhagens aos mesmos no tempo de Augusto, e os attentados ao Catholicismo pelo hypocrita Luiz XI, despojando o thesouro de nossa Senhora de Paris. Apezar d'estes contratempos alguns estabelecimentos houve d'este genero na antiguidade dignos de menção.

Por isso se tornaram notaveis os templos de Delphos e Delos, onde os sacerdotes não como particulares, mas assumindo o character de agentes publicos, dispunham dos presentes aos deuses, para fazerem emprestimos aos occorrentes. D'outros meios imperfeitos se serviram ainda o commercio e a industria, pactuando uma moeda puramente nominal, como a de couro complementar em Carthago, e a de ferro de Byzancio e Clazomena.

O que era já uma applicação mas imperfeitissima do credito, porque não tendo um valor real, em que se apoiassem, eram de difficil uso no paiz e regeitadas no estrangeiro, aonde só podia servir a moeda commum de ouro ou prata. A esta falta de credito no mundo antigo deve ser attribuida, quasi com exclusão, a miseria constante do povo, aonde a maior parte dos capitaes ficavam improductivos por falta de combinação de umas para outras mãos, e dif-

ficuldade nas trocas, o que só é perfeitamente remediado por este poderoso motor da civilisação. Sendo mais ainda para lamentar esta imperfeita applicação do credito, por ser occasionada pelas embaraçosas circumstancias da epocha e não poder ser imputada com razão á falta de conhecimentos, pois já então havia inteligentes avaliadores de suas vantagens. Mecenas em Roma, á imitação de Xenophonte em Athenas, n'um plano geral de administração apresentado a Augusto, tinha já dado idéa de vender os bens publicos de pouco rendimento, e de seu preço estabelecer bancos, aonde com algumas seguranças, se emprestassem dinheiros a todos os, que os podessem fertilizar na industria. Foram porém tão esclarecidos desejos de pouco resultado. Era necessario se desmornasse toda uma civilisação, e com bases novas se construísse a moderna sociedade, para ser ouvido e entendido com respeito Law expôdo sua theoria — ao estado compete dar credito e nunca recebê-lo. — N'aquelle tempo tinham mais succésso as estultas declamações tribunicias aconselhando a guerra aos povos, o trabalho aos escravos, e erigindo, em sua alta prudencia, os despojos da guerra em fontes as mais seguras e rendosas da riqueza nacional. As mais esclarecidas intelligencias, que reconhecessem as miserias da sua epocha, tinham necessidade de contemporisar. Ao mesmo Augusto os fataes acontecimentos paternos deviam exemplificar da sorte, que espera sempre a maior parte dos reformadores. Páram por isso aqui os projectos a tal respeito. Só comecam a reviver depois com a florescencia da liga Hanseatica e desinvolvimento da Hollanda a primeira potencia commercial. Ainda assim foi preciso um heroico esforço para estabelecer o credito em epocha tão pouco segura, como a do dominio feudal, da qual o homem sómente então se emancipava em cima das vagas entre *o undique caelum undique mare*. É por isso, que as mais opulentas cidades foram as maritimas, primeiro asylo do credito, mais confiante entre os piratas e furia dos elementos, que no meio de nobres ávidos e ociosos. Em 1157 se estabeleceram bancos publicos em Veneza. É a primeira instituição, que a historia nos faz lembrada, e por isso mesmo com algumas dúvidas. Anderson (historia do commercio,) nos dá sua existencia em 1157 outros a fixam em 1171. Cleirac n'uma obra escripta em 1657 diz haver em Veneza trez estabelecimentos, creados em diferentes epochas para o mesmo fim, e pertencentes á mesma direcção. O que, segundo alguns, causa a diversão dos escritores, que apoiados em fortes argumentos affirmam só parte da verdade.

Instituído para recurso do estado em tristes circumstancias pela guerra do Oriente, no governo de Vitalis Michael, estes bancos não foram destinados a operações desinvolvidas de credito, que só depois vieram a usar. Pouco sabidas são as particularidades de sua administração.

Dupuynode acredita terem sido estes empréstimos, depois de solidamente garantidos, administrados pelos proprios offerentes, que recebiam do estado os juros de 4% distribuídos em proporção de seus creditos; transmitidos depois a terceiros, que se regulavam pela conducta dos substituídos. Mac-Culloch julga antes os certificados deste empréstimo emitidos pelo estado, que os negociava com juro, e livremente circulantes. Em 1377 foi publicado um edicto para regular suas operações, emprestando-lhe sem interesse cinco milhões de ducados.

Foi um seculo mais tarde, que appareceu o banco de Genova chamado S. Jorge. Nascido nas mesmas circumstancias, que o de Veneza, foi destinado pelos mesmos meios a obviar a eguaes necessidades. E de mais breve duração, ensinou-lhe pela prioridade de seu fim as causas de sua extincção, assim como o outro pela sua anterior existencia o tinha instruído dos meios de sua criação.

Como aproveitando já a experiencia do passado, mais perfeito se estabeleceu, posto que mais tarde, o banco de Amsterdam, primeiro que no mundo se destinou ao credito exclusivamente particular. A Hollanda achava-se então inundada por seu extenso commercio de moeda de todos os seculos e paizes, diminuída não só no valor do seu cunho, como pelo seu uso alterada no pezo do metal, de que era composta, e que representava seu valor nas praças estrangeiras. Convergida para alli de todos os lugares da terra, depois de introduzida era immediatamente depreciada nos mercados, aonde só era aceite moeda nova, por isso com alta de 9%. Esta era immediatamente exportada, deixando em falta o commercio, precisadissimo de um avultado numerario, para facilitar a rapidez de suas multiplicadas trocas.

Sendo esta a necessidade mais sentida, tambem foi o fim principal d'este banco o remedial-a. Para isso aceitava toda e qualquer moeda no seu valor intrinseco, prohibindo ao mesmo tempo podesse por ella ser trocada moeda nova sem o desconto da moedagem. As bases seguras, que o estabeleciam, e o offerimento da cidade de Amsterdam, como responsavel por seus pagamentos, foram causa

do favoravel acolhimento de suas letras, por isso elevadas dentro em pouco acima do valor representado. Porém como seu credito se apoiava nos valores em caixa, não podiam estes fructificar no commercio sem quebra do estabelecimento, obstando ao seu desvio d'ahi o custo da administração e moedagem, e a perda de seus interesses para os deponentes, não podendo por isso contar-se na classe mais perfeita dos bancos modernos.

Assumindo sómente as modestas operações dos bancos de deposito, não utilizavam todas as vantagens do credito, nem ficavam sujeitos ao perigo de suas lucrativas empresas, que uma adiantada civilização permite nos limites da prudencia.

Limitados á troca de especies de uns para outros paizes, ou emittindo letras com valor igual á somma em caixa, seus tímidos ensaios estavam bem longe das arriscadas empresas que tolera, usadas com moderação, o commercio de nossos dias. Para marcharem a passos seguros no solido campo do ouro e da prata, não faziam dependente a industria das azas de Icaro segundo as pittorescas expressões de Adam Smith. Os primeiros bancos de Veneza, Genova, Barcelona, e Amsterdam pouca importancia por isso nos merecem a não ser como baliza historica. Porém, se não os comparando com a perfeição do credito no nosso tempo, attendermos á sua organização e epocha, temos já a notal-os como expressão a mais sympathica do primeiro respeito tributado ao homem pelo homem.

A origem das riquezas sociaes monopolizadas até ahi em numerario nas mãos do usurario, e no trabalho, impostas ao homem pela escravidão, começa a ser confiada, sem imprudencia, á liberdade pelo interesse, e á moralidade pelo credito. Feliz e poderosa idéa, que nos dirige pela natureza, nos obriga pela espontaneidade. Demonstração a mais completa da inutilidade da tyrannia, e primeira revelação da harmonia social.

(Continúa).

José Teixeira de Queirós.

DISCURSO PRÓFERIDO EM SESSÃO SOLEMNE DA SOCIEDADE PHILANTROPICO-ACADEMICA, PELO DELEGADO ALEXANDRE MEYRELLES DO CANTO E CASTRO.

Meus Senhores!

Quando o anno passado erguia n'esta casa a minha voz, para vos agradecer, em nome da Direcção passada, os vossos generosos esforços para conservar, augmentar e consoli-

dar esta obra d'illustrada philanthropia, estava bem longe de pensar, que me seria ainda confiada a honrosa missão de representar n'este dia a Direcção, que tão dignamente preside aos destinos da nossa sociedade.

E na verdade, Senhores, se então me fallariam as forças, e vergava o animo, por não acostumado a tractar tão elevados pontos de virtude e caridade christã, hoje a que ponto não sóbe a minha fraqueza, vendo sentados n'esses bancos tantos professores distinctos, e a flor da mocidade academica acompanhada de um tão numeroso e esplendido concurso de cidadãos!

A vossa bondade porém, Senhores, e as vossas luzes fazem-me esperar, que não attentareis sómente para as pobres e singelas flores, com que pretendo ornar o meu discurso, mais para vos provar a sinceridade dos meus esforços em captivar a vossa attenção, do que para ostentar atavios emprestados, que quasi nunca fallam á intelligencia, muito menos ao coração, e que o vosso maior cuidado e applicação será empregado em conhecerdes dos fructos, que esta arvore nascente vai derramando com tão copiosa abundancia.

Vivemos, Senhores, n'um seculo, em que os perigos e as luctas de todo o genero se succedem n'uma escala tão rapida e progressiva, que, para não cahir debaixo do golpe, que o scepticismo e o egoismo tem premeditado, para redusirem a sociedade a um cahos, é preciso, que nos colloquemos em volta do unico pendão, que traz inscripto nas suas dobras a eterna alliança do homem com Deus, o laço mysterioso, que prende nos mais deliciosos affectos do coração, o typo sublime de todas as virtudes, a virtude por excellencia — a caridade.

E, se duvidaes da justiça e veracidade dos meus receios, permitti que, por um pouco, eu levante esse sudario de miserias e de crimes, de pranto e de ruinas.

Se abro, Senhores, as paginas da historia contemporanea, esse livro negro dos nossos dias, que viu já afundir, para muitos dos, que aqui se acham, ventura, mocidade e crenças, e que para alguns, poderá ser, que seja em breve uma folha destacada do livro da vida, uma folha morta; se me ponho a meditar nos elementos, que caracterizam esta epocha, e que serão o seu corpo de delictò, perante o juizo severo, e incorruptivel da historia, recuo espavorido deante das minhas proprias concepções, diante d'esse espectro nú e mutilado, que, divagando por sobre as ruinas

da sociedade, em que vivemos, brada a meus ouvidos, egoismo, impiedade, corrupção!

Que não sou eu só, que o digo, Senhores; de pouco ou nada valeria o meu testemunho, disse-o um dos oráculos da França, o padre Lacordaire, disse-o o abbade Laménais, antes que a sua rasão naufragasse nos escolhos do atheismo, disse-o Silvio Pellico, esse martyr da liberdade, que expiou nos calabouços de Veneza o seu amor pela patria, disseram-o enfim todos os, que se não deixaram embriagar pela devassidão do seculo, a ponto de perderem o uzo da razão, digo-o eu agora, dizeil-o vós todos, Senhores, que julgo tereis tambem meditado este difficil e obscuro problema.

E se quereis um exemplo vivo, ainda que triste para um coração portuguez, eu teréi coragem para ler o que por ahí vai escripto n'essa terra, em que, mau fado meu, vim á luz do dia, (perdoai-me, Senhores, se pareço esquecer-me do amor, que devo, e que tenho, á minha patria,) por que não teria agora a aguda e cruel dor de contemplar o seu abatimento e desolação.

Lançado n'um campo, onde a vista poucas vezes se recréa com alegres e vistosas paisagens, onde os cardos e os abrolhos se erguem aos mil sob o escalpelo de ferro do historiadador philosopho, qual é o homem, que deante de tão medonho e safaro deserto, não sente o chão tremer-lhe debaixo dos pés e a voz prender-se-lhe na garganta?

Nenhum, Senhores: que ha dores taes, que não é dado ao fraco poder humano subjugar, hão de corroer-lhe as entranhas, hão de minar-lhe o peito, hão de partir-lhe a existencia hão de porfim fazer d'elle um cadaver.

Triste do povo, que, parando um dia no marco tombado da sua existencia, como um velho encanecido, prestes a exhalar o derradeiro suspiro, se pergunta a si mesmo, pelos dias da sua robustez e juventude, pelas rosas frescas e viçosas, que lhe cresciam debaixo dos pés, pelos loiros, que lhe cingiam a fronte, pelas glorias, pelos canticos de triumpho, por toda essa serie de dias brilhantes e felizes, e que inclinando a cabeça para a terra, como para um tumulo, só teve que responder, — desfeitas e fanadas essas rosas, ephemerhas, e perdidas essas glorias, seccos e mirrados esses loiros, mudos e calados esses canticos, perdido, perdido emfim tudo, menos a recordação do que fui, que essa permanece viva e sangrenta no fundo da minha alma, porque é o meu castigo, o meu supplicio, o meu remorso!

E julgaes, que nós, pequeno povo do occidente, favorecido pela natureza, como nenhum outro da Europa, cercados de mares, de rios, de campos tão ricos e tão férteis, teremos chegado a essa pausa fatal, em que é preciso, para não morrer, invocar o passado e atirar com elle, como uma recordação severa, mas necessaria aos que tem olhos e não vêem, aos que tem ouvidos e não ouvem!

Ah! que se me fosse preciso, Senhores, invocar em apoio d'estas minhas palavras o testemunho dos homens mais distinctos do nosso paiz pelo seu saber, pelos seus talentos, pelas suas virtudes, o testemunho mesmo de muitos d'entre vós, que para salvação e honra da patria vos achaes hoje á frente do primeiro estabelecimento scientifico de Portugal, d'este venerando monumento, que só ha de morrer, quando nós deixarmos todos de ser portuguezes, não me faltariam documentos, onde encontrasse descripto com as cores da eloquencia e da poesia o sombrio quadro, que acabo de vos traçar.

Basta porém, Senhores, de vos magoar com a exposição de tão lamentavel estado, que infelizmente é o nosso, e que continuará a sê-lo, se o mesmo braço, que outr'ora se ergueu para conduzir nossos guerreiros á victoria, se não levantar outra vez para nos salvar.

E quaes hão de ser as sentinellas avançadas destinadas por Deus para resuscitar este corpo sem vida? Sereis vós, Senhores, que de balde não vos chamam as esperanças da patria, sereis vós, que abrindo o exemplo pela prática de todas as virtudes sociaes, ireis clamando de cidade em cidade, de terra em terra, d'aldeia em aldeia, de uma a outra extremidade do reino, por esse espirito de fraternidade, que outr'ora assistiu nossos avós, por essa generosidade cavalleirosa, que tornou proverbial em todo o globo o nome portuguez, por esses brios adormecidos, por essas virtudes esquecidas.

Senhores, o espirito d'associação, que produziu a criação da Sociedade Philantropico-Academica, cuja festa d'inauguração vimos hoje celebrar, revelava já essa tendencia, que para alguns é indício de que se poderão ainda curar no futuro as feridas, que nos dilaceram.

A mocidade academica, e a corporação universitaria pensaram na immensa responsabilidade, que sobre ellas pesava. Os professores intenderam, que a elles, mais do que a ninguém, cumpria mostrar ao paiz, que o professorado não é uma tribuna vazia e ôca, onde

sómente se apregôam theorias, mas um nobre e sublime apostolado de palavra e d'acção; e os mancebos academicos, em quem as inspirações nobres e generosas abundam como o sangue, que lhes pula nas veias, compreendendo a terrivel enfermidade d'este seculo, quizeram atalhar-a no nosso paiz, unindo-se, associando-se, para darem um exemplo solenne da grandeza da sua alma, e fundaram no anno, se bem me lembro de 1849, a Sociedade Philantropico-Academica.

Vós sabeis todos, Senhores, qual tem sido a vida desta sociedade, e os passos, que têm dado para poder um dia elevar-se a condições de maior bem star e prosperidade.

Não vos cançarei por tanto em o repetir, quando o relatorio, que a Direcção passada teve a honra de dirigir aos benemeritos socios d'esta sociedade, bem claramente mostra os tropeços, que tem encontrado todas as Direcções, não só para conservar, mas para augmentar este precioso deposito.

Permitti porém, Senhores, que vos lembre, que a essa Direcção deveu a sociedade o ter dado passos mais agigantados, como vereis do mencionado relatorio, não só conservando o capital, mas augmentando-o a ponto de poder accudir com seis mesadas a seis socios, que invocaram o seu auxilio, e emprestar a outros sommas assaz consideraveis.

Faço aqui esta confissão, que espero me tomeis em conta d'ingenua, leal e franca, não para vos lembrar os meus pequenissimos serviços, mas para prestar n'este dia solenne o testemunho da minha sincera admiração pelo constante zêlo, e fervorosa caridade, que distinguiram os meus illustres collegas no exercicio das suas funcções.

Agora, Senhores, julgo terminada a minha missão, e suppra o, que me faltou d'eloquencia e de sentimento, a vossa generosidade, que não ha mistér de ser excitada para continuardes a dar ao paiz este solenne testemunho da vossa civilisação.

Que esse obolo, que todos nós promettemos pagar, para enxugar as lagrimas de nossos irmãos, se succeda de geração em geração, até se realisar um fundo consideravel, que ponha muitos mancebos ao abrigo da miseria, dando-lhes um lugar no dominio da educação e nas fontes da intelligencia, e o pensamento dos illustres fundadores desta sociedade, dos quaes felizmente alguns ainda se assentam entre nós, saudado por milhares de infelizes, será o mais bello epithaphio gravado sobre a sua campa.

10

Report of the

Committee on the

State of the

of the

State of the

11

Preço da assignatura.

Por 1 anno	1:200 réis
Por 6 mezes.	600 »
Avulso	160 »

Pode-se assignar remettendo directamente a importancia da assignatura ao Redactor principal da REVISTA ACADEMICA, Alexandre Meyrelles, rua do Corpo de Deos n.º 31, em Coimbra. Toda a correspondencia deve ser franca de porte.

Subscreve-se para a REVISTA ACADEMICA—em Lisboa, na loja do Sr. Lavado, *Rua Augusta* n.º 8; no Porto, Braga e Guimarães, na loja do Sr. Moré; em S. Miguel, em casa do Sr. Manoel Cardoso d'Albergaria e Valle; na Terceira, em casa do Sr. José Bensabat; no Fayal, em casa do Sr. Rodrigo Alves Guerra.

REVISTA ACADEMICA

JORNAL MENSAL.

N.º 5—ABRIL DE 1854.

INDICE DOS ARTIGOS.

Srs.		Pag.
N. C. Pitta	Influencia do clima em geral.....	81
L. J. da Costa Junior	Socialismo	86
J. de Lemos	Coimbra (<i>Recordações</i>).....	88
T. A. Ribeiro	Um pedido ás damas.....	90
Alexandre Meyrelles	Paginas de vida intima	90
	Reflexões sobre o theatro Allemão.....	93
Ernesto Marecos	Zobeida.....	95
Alexandre Meyrelles	Sociabilidade	96
	Relatorio e contas da gerencia da Sociedade Philanthropico-Academica, no anno de 1854.....	98

Coimbra

IMPRESSA DA UNIVERSIDADE

1855.

Sala 10
Gab. 2
Est.
Tab. 14
N.º 6 A

REVISTA - JOURNAL

JOURNAL MENSAL

1914

1914

CONTENTS

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
11	12	13	14	15	16	17	18	19	20
21	22	23	24	25	26	27	28	29	30
31	32	33	34	35	36	37	38	39	40
41	42	43	44	45	46	47	48	49	50
51	52	53	54	55	56	57	58	59	60
61	62	63	64	65	66	67	68	69	70
71	72	73	74	75	76	77	78	79	80
81	82	83	84	85	86	87	88	89	90
91	92	93	94	95	96	97	98	99	100

REVISTA



INFLUENCIA DO CLIMA EM GERAL.

Muitos argumentos analogicos em prova da influencia do clima em geral se podiam deduzir das mudançãas, que ella produz nos animaes inferiores.

Com tudo, para illustrar este objecto bastará reportar-nos aos exemplos tirados da historia do mesmo homem, que são assás numerosos e conducentes para estabelecer esta verdade.

Toda a mudança characteristicamente em a natureza humana, é effectuada imperceptivel e gradualmente. Grandes e subitas alterações parecem mui violentas para a delicada constituição do homem; e de facto tendem a destrui-la. Mudanças porém, cujos effectos se ligam com as acções geraes do corpo humano, e que a final formam o character de um clima ou nação, continuam progressivamente pela escala das gerações, até que rematando a sua ultima operação, se tornam perfeitamente analogas ao systema.

É assim que as mais pequenas causas, pela sua acção constante e diurna, produzem grandes e notaveis differenças no genero humano.

Lançando uma vista de olhos pelo Globo, desde o Pólo até o Equador, observamos uma gradação no aspecto do homem, quasi na proporção da latitude, que elle habita. Logo abaixo do circulo arctico, predomina uma côr alva e sanguinea, que succede á trigueira, á esverdehada, á branca, e por fim á negra: á medida que subimos para a linha. Estas gradações, em côr são mais ou menos irregulares. As mulheres por exemplo, da Biscaia, são mui claras, entre tanto que as de Granada são fuscãs, a pezar da pequena differença de latitude.

Não é todavia a mesma distancia do sol que constitue, em cada região, a natureza do clima. Varias causas secundarias modificam aquella influencia. A elevação do terreno, a vizinhança do mar, ou de grandes lagos e rios, a natureza do chão, o estado de cultura, ventos periodicos, meteoros, electricidade, etc., devem entrar em linha de conta. Paizes montanhosos e elevados são frios á proporção da sua altura sobre o nivel do mar; a vizinhança do oceano produz effectos contrarios nas latitudes polares e equatoreaes; por quanto a sua superficie tendo uma temperatura mais equal que a

terra, n'um caso corrige o frio, e n'outro modera o calor.

Cordilheiras de montes, taes como os Appeninos na Italia, Tauro, Caucazo e Imaus na Asia, interrompendo o curso dos ventos frios, torna mais quentes os paizes em baixo, e os paizes em cima mais frios do que corresponde a suas respectivas latitudes. A differença de terreno e cultura, modifica tambem a indole do clima.

A arêa é mais susceptivel de calor que o barro, e uma região inculta, á sombra de florestas e pantanosa, é mais fria nas latitudes polares, e mais temperada nas do equador, do que um paiz aberto á constante e directã accção do sol.

Muitas outras circumstancias podiam enumerar-se, que mostram a influencia do clima na côr e superficie do corpo humano. Estas com tudo bastarão para dar uma idéa geral do objecto, deixando ao intelligente a applicação destas causas ao estado de cada paiz em particular. Assim tambem destas observações geraes concluiremos — que há uma razão geral de calor e frio, que forma principalmente o que chamamos clima; e por conseguinte uma similhança geral de nações, analogã ás latitudes em que vivem, sujeitas com tudo a variações immensas provenientes das mencionadas circumstancias.

Com effecto, vemos nos habitantes de certos climas um aspecto tão similhante e generico, que se pode chamar nacional; e é quasi impossivel podel-o attribuir a outra causa que não seja á influencia do clima. D'isto os Chinezes nos offerecem um exemplo, cuja face chata é tão characteristicamente entre elles, como a belleza symetrica e excellente dos Inglezes, e Majorcanos o é entre os Europeus, segundo o observou Blumenbach.

Referindo pois as feições geraes de cada nação a este principio, não poderemos inferir, que a differença que se acha entre ellas, é devida á mesma influencia? O Arabe em particular pode facilmente seguir-se em sua linhagem pelo Abyssinio até ao verdadeiro Africano de nariz chato, e protraidos queixos. Continuando n'esta progressão, acharemos sómente uma especie desde o equador até ao pólo? Mas deixando racionios geraes, não nos mostra a experiencia o poder do clima sobre a forma e côr dos animaes? A respeito do homem em particular, vemos que o verão escurece a sua pele, e o frio do inverno excita a sua côr sanguinea. Mesmo

o Etiope é branco ao nascer, e só se faz negro quando se expõe á luz.

Quando o calor ou o frio predomina em qualquer região, imprime proporcionalmente uma côr fixa e característica. Um clima frio e penetrante aquece constantemente a face, e aviva a côr. O clima quente e humido relaxa a constituição, e occasiona, principalmente nos valetudinarios, uma tendencia á côr biliosa. Pela mesma razão, a face sanguinea é perpetua nas mais altas latitudes da zona temperada; e sempre achamos a morena, esverdehada, bronzea, e a negra, á proporção que descemos para o sul. Não só a côr destes povos, mas as feições diversificam, como se vê em o Europeu e o negro, e nos Laponios e Pantagões.

Indagações philosophicas tem confirmado esta verdade. O genero humano mudando de habitação, já pelo commercio, já pela conquista, não só experimenta mudança pela acção do clima, mas aclimado em paiz diverso, chega pelo andar dos tempos a não distinguir-se entre naturaes.

É um facto reconhecido, que as manchas contrahidas na pelle exposta uma vez á acção do ar, requerem certo tempo para desfazer-se, e chegam mesmo a ser indeleveis.

O sol tem egualmente poder de alterar a côr da pelle: e não é impropria a observação de alguns escriptores, que dão á côr escura de muitas nações o nome de mancha universal.

Não há exemplo mais caracteristico da influencia do clima, que a historia dos Judeus. Descendentes de um só tronco, não se misturando por casamentos com as outras nações, e com tudo dispersos pelo globo, mostram a côr dos povos onde nasceram. São alvos em Inglaterra e Allemanha, louros em França e Turquia, morenos em Portugal e Hespanha, baços na Syria e Chaldaea, ou côr de bronze na Arabia e Egypto. Se os Judeus todavia tem ainda feições que os distinguem dos Europeus, é que ainda carecem de mais prolongada acção das causas que os alteram, as quaes nunca cessam de obrar.

Um exemplo ainda mais sensivel da influencia do clima, e mesmo inquestionavel se pôde ver nos habitantes dos Estados-Unidos da America. Uma certa pallidez de face, e brandura fere os olhos do viajante da Grã-Bretanha, no momento que chega áquellas praias, a qual todavia não é percebida pelos naturaes do paiz, em razão do habito, ou por falta de termo de comparação.

Este effeito é mais sensivel nos estados do sul que nos do norte, e mais nas infimas e trabalhadoras classes, que nas familias, que possuem meios para se abrigarem da influencia do clima. É innegavel que estas circumstancias apresentam uma similhança do Indio; nem o facto de serem os escravos domesticos d'America mais trigueiros que nos campos, se oppõe ao presente raciocinio. O excessivo trabalho, a fadiga e debilidade podem temporariamente contrabalançar a influencia do clima, produzindo não uma alvura sadia, mas uma palidez morbosa.

Os Creolos tambem de paes Inglezes ou antepassados das Antilhas, mudam d'algum modo a sua côr nativa ingleza pela dos naturaes d'America, e adquirem certos olhos encovados, e prominentes ossos na face, ou como Blumenbach lhe chama « *austrum quasi expirans vultus et color* ». É tão notavel esta mudança, que as mulheres créolas, aliás claras e formosas, podem facilmente distinguir-se por esta caracteristica das suas parentas nascidas na Europa. Isto se observa entre os Asiaticos nascidos nas Indias Occidentaes, e os seus parentes Persas e mongolicos. Se, como diz Hawkesworth, dois naturaes d'Inglaterra casam no seu paiz, e passam depois ás Indias Occidentaes, os filhos alli gerados e nascidos conservam a côr india, e os outros que nasceram fóra d'alli, voltando os paes, não tem aquella caracteristica.

A côr dos naturaes das ilhas aproxima-se muito á côr de cobre escuro. Os descendentes dos Hespanhoes no sul d'America tem egualmente assumido aquella côr.

Os Portuguezes de Mitomba, na Serra Leôa, em a costa d'Africa, misturando-se por casamento com os naturaes, e adoptando as suas maneiras, se tem tornado em poucas gerações, perfeitamente semelhantes aos negros em aspecto, figura e côr. Vemos tambem nações, que se consideram méramente coloniaes, e originalmente d'uma e da mesma raça, contrahirem, debaixo de um novo céu, uma côr nacional differente. Os Hungaros, por exemplo, dizem proceder dos Laponios; estes ultimos n'uma zona septentrional tem assumido as feições ordinarias das nações do norte, em quanto os primeiros habitando nas regiões temperadas da Grecia e Turquia, tem adquirido uma forma de rosto a mais elegante.

Que estas mudanças se não devem attribuir ao cruzamento das raças differentes, se

vê da mais pequena inspecção; por quanto nem os Judeus, nem os Anglo-Americanos, nem os colonos europeus das Antilhas casam entre os naturaes d'estes respectivos paizes. Logo ao clima e só ao clima se devem attribuir taes mudanças.

O effeito do clima se augmenta pelo estado selvatico, e é corrigido pelo da civilisação. Effectivamente, muitas variedades se formam na especie humana por certo estado de sociedade. Realmente todas as feições do semblante humano se modificam, e o que propriamente se chama a sua expressão, radicalmente se forma pelo estado de sociedade. Toda a mudança notavel de feições que se tornou habitual no corpo se transmite aos filhos, assim como outras qualidades pessoaes. As feições grosseiras da gente que trabalha nos campos, em razão da fadiga e exposição ao tempo tambem se communicam. O grande pé do rustico que assim cresceu por andar continuamente descalço sobre o terreno, ou pelo muito exercicio; os braços e grossas mãos dos trabalhadores se observam nas suas creanças. —

Parece, comtudo, difficil assignar a razão por que um clima produz taes feições, e outro outras diversas. Philosophos muito engenhosos tem pretendido explicar a diversa côr das nações; taes como Kant e Volney nas suas viagens á Syria e Egypto.

Se attendermos porem aos effeitos d'um frio extremo, veremos que elle contrahe a pupila, e encrespa as sobrancelhas, levanta a face, pela pressão do queixo inferior contra o superior, diminuindo o comprimento do semblante, e alargando o dos lados, constitue a final este aspecto permanente das nações do norte.

O clima possui grande e manifesta influencia no cabello, não só do homem, mas de todos os outros animaes. O cabello geralmente segue a lei da côr; por quanto as suas raizes plantadas na pelle, derivam a sua nutrição e côr d'aquella substancia. Esta côr pode resultar em parte do calor externo, e em parte da natureza da substancia ou recreação que a nutre.

Um calor externo violento, torrando as extremidades do cabello, tende egualmente a encrespal-o.

A côr das varias nações pode talvez explicar-se pela influencia directa que o ar em differente temperatura e a luz d'intensidade diversa exercita sobre o sangue. Blumenbach é d'opinião, que a causa proxima da cor es-

cure da pele deve procurar-se na abundancia do elemento carbonico do corpo humano que junctamente com o hydrogenio, sai em excreto pela verdadeira pelle, mas sendo alli precipitado pelo accesso de oxygenio atmosferico, se fixa sobre a sede da substancia mucosa que existe debaixo da cutis.

— *Facies non omnibus una
Nec diversa tamen.*

OVID, MET. L. II.

Agora passarei a referir os particulares effeitos do clima sobre a varia estrutura externa, ou differente configuração do rosto humano.

O plano de Camper é mais extenso, que o de Blumenbach; envolve todas as ordens superiores de animaes, assim como o homem. A forma do craneo é a caracteristica dos differentes individuos da mesma especie, e decorrendo por uma gradação insensivel e uniforme constitue as feições particulares de cada nação.

Guiados deste principio os anatomicos tem pretendido estabelecer uma escala de dimensões, para determinar as varias configurações do craneo, e classificar-as. A linha facial de Camper pareceu o methodo mais adequado para aquelle fim. Para se dar uma idéa desta linha facial, deve suppor-se o craneo posto lateralmente, e tirarem-se duas linhas imaginarias sobre a sua superficie, de maneira que se interceptem n'um ponto; uma correndo horizontalmente de um a outro meato auditivo externo, e a outra, a chamada facial, da parte mais prominente da testa até á margem alveolar da maxilla superior. O angulo formado pelo encontro destas duas linhas chama-se tambem angulo facial; e a sua differente grandeza tem servido de caracterizar a differença não só entre o homem e os animaes da sua classe, mas até entre os seus semelhantes.

Á proporção que este angulo diminue, nós vemos a diminuição da quantidade cerebral, e das faculdades da intelligencia: de maneira que serve de escala na gradação dos animaes contando do homem. N'este o angulo facial se approxima do recto, isto é no homem Europeu é de 80, em o negro de 70, sendo a differença destes numeros a marca intermediaria que caracteriza as variedades dos seres humanos. Um angulo mais pequeno que o ultimo constitue uma approximação ao macaco.

Applicando estes factos ás variedades da especie humana, diz Camper, « Seria impraticavel desenhar todas as variedades characteristics que existem em a natureza; faremos por tanto tres divisões geraes. »

A primeira variedade, que elle admitte é a Calmuca, relativamente á forma de cabeça, como o representante de toda a Asia, desde a Siberia até á Nova Zelandia, e igualmente da America do Norte, sendo provavel que os povos deste ultimo paiz descendessem dos Asiaticos do norte.

A segunda constitue a cabeça do Europeu, que pode considerar-se como geral em toda a Europa, e estende-se á maior parte da Arabia até ao Indostão.

A terceira forma a cabeça do Reto Angolista, que é a de toda a Africa comprehendendo os Hotentotes, que pouco differem dos Negros, os Caffres e os naturaes de Madagascar.

Blumenbach reduz a forma de semblante humano a cinco variedades distinctas, a media das quaes constitue a mais perfeita e symetrica. Estas cinco variedades posto que notavelmente diversas, constituem uma escala de gradações insensiveis e se referem a uma só especie. Ellas são a Caucasia, a Mongolia, a Ethiopica, a Americana e a Malaia. É a Caucasia que Blumenbach considera como primitiva; desta elle deriva logo as mais divergentes, a saber a Mongolia e Ethiopica; as outras duas tem o meio entre a primitiva e estas duas ultimas. A America entre a Caucasia e Ethiopica.

A variedade Caucasia é d'uma côr branca — faces rosadas — cabello sub-fusco ou castanho — cabeça quasi globosa — semblante oval, direito e moderadamente distincto em suas partes — a testa grande — nariz pequeno, ás vezes aquilino — bocca pequena — beiços, especialmente o inferior, um pouco roliços, a barba cheia e redonda. Em geral aquella forma de semblante, que segundo as nossas idéas de symetria, se julga a mais formosa e bella.

Os Europeus (á excepção dos Laponios, e o resto da raça Filandica), os habitantes da Asia menor até ás margens do Obi, do mar Caspio e Ganges e norte d'Africa; n'uma palavra, todos os povos do mundo, conhecidos dos antigos, pertencem a esta variedade. Ella deriva o seu nome do monte Caucaso, tanto porque nas suas vizinhanças habita a mais bella das raças Georgiana e Circassiana, como porque algumas razões physiologicas

concorrem a provar que alli fora a residencia dos primeiros progenitores da raça humana.

A variedade Mongolia é d'uma cor amarelada — cabello preto, aspero, liso e raro, — a cabeça como se fosse quadrada — cara larga ao mesmo tempo plana e deprimida; as suas partes pouco distinctas — a testa grande e larga — o nariz pequeno e chato — as faces globosas e prominentes e a barba um pouco aguda.

Esta variedade abraça os outros habitantes da Asia (á excepção dos Malaio da Peninsula transgangetica), os Filandrios Laponios, e a nação dos Esquimois amplamente espalhada pelas partes septentrionaes da America desde o estreito de Bering até á Groelandia, conhecida outrora debaixo do nome de Pastasos.

A variedade Ethiopica é de uma cor escura, cabello negro e crespo, cabeça estreita e lateralmente comprimida — testa gibbosa e arqueada — ossos das faces muito elevados — olhos prominentes — nariz grande e confundido algum tanto com os protrahidos queixos — os dentes anteriores fronteiros obliquamente agudos — os beiços principalmente o superior tumidos — barba curta — e muitas vezes pernas tortas. Os Africanos, excepto os do Norte, pertencem a esta variedade.

A configuração da cabeça do Negro, que é um meio termo entre o Europeu e o Orangou-tango; a existencia dos ossos intermaxilares n'uma idade, em que os vestigios da sua separação desaparecem completamente no Europeu, a posição alta e pequenez da barbiga das pernas, que lhes é natural, que se tem avançado como provas, e na verdade correctas, da sua inferioridade mental, não podem servir de pretexto para degradar esta consideravel porção da especie humana, e auctorizar a escravidão a que a tem reduzido nações civilisadas.

A variedade Americana é de uma cor de cobre — cabello preto corredio e pouco — testa curta — olhos encovados — nariz um pouco chato, e ao mesmo tempo levantado. Em geral o semblante largo, com eminentes ossos das faces — as suas partes lateraes como excavadas — a forma da testa muito artificialmente construida. Os habitantes da America pertencem a esta variedade, exceptuando os Esquimois.

A variedade Malaia é de uma cor morena — cabello preto macio, denso e encaracolado — a cabeça um pouco estreita, a testa sub-

tumida — o nariz grosso, largo e rombo — a bocca grande — a maxilla superior um tanto prominente — as partes da face, vistas lateralmente, assás proilientes e distinctas umas das outras.

Esta ultima variedade inclue as ilhas do mar Pacifico, os habitantes de Mariana, Philippinas, Mollucas, ilhas de Sunda e Peninsula de Malaca, os quaes todos fallam o idioma Malaio, e por isso chamada propriamente Malaia.

De tudo isto Blumenbach conclue, que não obstante os limites que tão particularmente distinguem as variedades do homem nas diversas nações, a philosophia não descrepa da Religião em assignar o mesmo berço ao genero humano.

Sem pretendermos impugnar o systema d'estes dous tão celebrados auctores, parece-nos que ainda não temos sufficientes dados para determinar se o clima pode só fazer na especie humana mudanças tão sensiveis e tão diversas alterações como as que se allegam, vista a identidade da sua origem. O clima pode produzir e effectivamente produz grandes alterações no corpo humano, assim como em todas as substancias organizadas; mas que estas mudanças tenham produzido pela sua acção diuturna as diversas configurações do rosto humano em diversos paizes, e entre diversos povos, é o que de nenhuma sorte podemos admittir segundo as idéas que temos do modo de obrar dos agentes externos sobre os corpos organicos. Não duvidamos que o clima encerre em si os agentes mais energicos da natureza. O calor, a luz e a electricidade são em geral os principios que constituem o clima; e em particular as substancias aeriformes que se desinvolve dos destroços de animaes e sobre tudo vegetaes. Assim chamaremos clima aquella parte de uma região ou logar, onde certo predomínio daquelles principios opera regularmente. O calor e a luz, sendo os estímulos mais naturaes da fibra organica viva, pela sua intensidade ou defecção devem produzir alterações em todo o systema vital e principalmente naquelle organo mais proximo á sua acção, como a pelle, que podemos considerar como a barreira entre os seres organicos e inorganicos. Qualquer porem que seja a acção destes agentes em órgãos vitales, elles não mudam a sua forma original sem que degenerem. A pelle porém distinguindo-se dos outros órgãos em estar sujeita á acção immediata da luz, deve receber de uma

maneira analogá, a sua impressão e modificar-se segundo elles, isto é, apresentar as diversas cores que resultam da sua decomposição. Isto e junctamente o calor mudando o estado da secreção cutanea podem explicar até certo ponto a varia cor da pelle no corpo humano. Mas uma cor como a preta resultante de uma organização particular não se muda por nenhuma acção destes agentes, em quanto se não muda pela mistura de diversa organização.

Assim os pretos serão pretos em todos os climas, em quanto se não cruzarem com os brancos. Se o que é organico ainda mesmo em cor se não muda a variação nenhuma dos agentes externos, como poderemos suppor que esta variação produzisse a differente estructura do systema osseo, que se não desinvolve, senão pela immediata reacção do principio vital obrando do centro para a periferia? Alem disso se a força dos agentes externos, como calor, luz, electricidade, etc., dessem a forma primitiva á substancia dos ossos, ou das partes solidas organicas, por que razão no mesmo clima, isto é, com os mesmos agentes, temos diversas d'aquellas estruturas?

Se a identidade de agentes desse identidade de organização, como se poderiam conservar as differentes e quasi semelhantes especies de substancias animaes e vegetaes? O citado exemplo dos Judeus dispersos por todos os climas, e não obstante a varia cor, conservando certas feições primitivas da sua raça, sobre tudo entre aquelles que se não misturam com outras, vem a favor do que avançamos, isto é, que o clima só por si não transtorna organizações primitivas, mas que altera grandemente os seus incidentes.

Não satisfeitos por tanto com as doutrinas de Camper e Blumenbach, n'este ponto, admittimos com tudo a grande influencia do clima sobre o corpo humano a muitos outros respeito.

Sem fallarmos da acção morbosa dos principios constitutivos de um clima doentio, que essa não só vicia, mas até destroe o systema vital, produzindo infinidades de molestias eudemicas; mas simplesmente considerando os effectos da temperatura e da luz em differente grau, não só explicaremos o differente habito physico das nações, como o seu character moral. Sem dar tudo ao clima como Montesquieu, e sem nada lhe darmos como Filangieri, poderemos estabelecer como principio, que todo o ser organico para regular

o exercicio de suas funcções precisa de uma dada temperatura; que o seu excesso demasiado ou grande falta, perturba o equilibrio daquellas funcções, e os effeitos que d'aqui resultam, não sendo contrabalançados, devem produzir no ente vivo a sua deterioração, ou acabamento.

Bas a olhar para os differentes povos da terra nos seus respectivos climas, para reconhecer a força já vivificante, já depressora do calor. Vigorando as potencias de um e relaxando as de outro, segundo a sua intensidade, elle desinvolve o athleta que affronta a morte sem a pallidez do medo; e forma o poltrão, que infiando á vista d'ella, cede inteiramente aos impulsos da dor.

N. C. PITTA.

SOCIALISMO.

Amae-vos uns aos outros, diz
J. C., e conhecereis meus
discipulos por esta divisa.
(EVANG. S. JOÃO—12, 35).

As columnas d'um jornal, attento a variadissimos assumptos que as ornam, tornam-se sempre acanhadas para se tractar com aquelle desinvolvimento preciso uma materia de tanta importancia, e de tamanho vulto, como é a do socialismo: não desceremos por tanto á sua historia, apresentando as differentes modificações, por que tem passado com a marcha progressiva dos tempos: o fim que temos em vista, é mostrar a bondade, e justiça deste sublime systema; os seus signaes caracteristicos e differenciaes, que o separam do Communismo, com que dolosamente o tem confundido alguns escriptores, para desse modo cantarem com mais facilidade a victoria quando tractam de o combater: predispondo assim o animo do povo contra um systema, que não tem por fim mais que a felicidade do mesmo povo.

É um facto incontestavel (desgraçadamente!) que uma grande parte da raça humana geme sob o péso da desgraça, em quanto a outra, muito diminuta, folga alegre nos braços da opulencia, embriagando os sentidos a ponto de olhar com um cynismo revoltante seus irmãos, que cáem dizimados pelas soffregas garras da miseria. A pretensão de se curar a humanidade desse flagello não é nova: entre os regeneradores que tiveram os

mais vastos designios, cada um segundo o seu systema, contamos a triade gigante: Saint-Simon, Charles Fourier e Robert Owen. Estes homens, symbolo da verdadeira caridade, que souberam traduzir perfeitamente o sublime pensamento do Divino Mestre.—*Todos os homens são irmãos*—; que não tinham outro pensamento mais do que a vida actual, e a vida futura; Deus e o homem; o Ceo e a terra; e por theatro das suas experiencias o globo inteiro; estes homens, que queriam quebrar o circulo estreito e egoista da nacionalidade, para fazer safr d'elle a unidade terrestre, e constituir a humanidade n'uma só familia, merecem com justiça, ainda que os seus systemas fossem irrealisaveis, attento aos meios com que queriam chegar ao fim, um logar distinctissimo entre os grandes pensadores.

O Socialismo é um systema realisavel; por que a sua base é a razão; o Socialismo é realisavel porque nunca foi Communismo, posto dirigir-se ao mesmo fim; cada um segue o seu rumo, porque divergem inteiramente nos meios. O Communismo quer a communhão de bens, e que uma communiidade composta d'um certo numero d'individuos, se arrogue a si o poder de dispor do fructo da actividade dos cidadãos, distribuindo a cada um tão sómente o que ella julgar necessario, apontando-lhes o uso que devem fazer d'elle.

Um systema baseado nestes principios, não pôde de maneira nenhuma deixar de ser condemnado aos olhos da boa razão, porque os principios, sobre que assenta, são revoltantes, por serem exclusivos: este systema condemna o que na ordem moral se chama *egoismo*, e na das idéas philosophicas, *individualismo*; porém ao passo que condemna o individualismo, vem justamente basear-se em uma communiidade, que não é outra cousa mais que o individualismo moral, ou um ser colectivo mais geral; e por tanto refuta o que implicitamente abraça.

Além dessa contradicção tão palpavel, poderíamos apresentar muitos argumentos contra semelhante concepção, que não passa d'uma utopia encantadora, uma poetica divagação do espirito humano. Mas o *Socialismo* não é um systema exclusivo; não tem por fim dividir igualmente a propriedade segundo se diz; e nem tão pouco pretende privar a cada um da liberdade, que tem de exercer a sua actividade dentro da sua esphera, e gozar os productos, que por ventura houver alcançado em virtude da mesma actividade:

o *socialismo* é o systema, que sabe conciliar perfeitamente o principio da liberdade humana, cuja origem está no individuo, com o principio da humanidade: o seu fim é o melhoramento moral, intellectual, e com especialidade o material, da humanidade, tendendo mais á extincção do pauperismo; o *socialismo* não faz mais que proporcionar aos homens os meios de poderem exercer a verdadeira caridade, dispensando o superfluo ao desgraçado.

O *socialismo* prepara o homem, para se verificar o *desiderandum* de S. AGOSTINHO, quando diz com aquella bondade fraternal: *É melhor meu irmão, que não haja nenhum miseravel, e que tu não exerças a misericordia; porque aquelle que para exercer a misericordia, deseja que hajam miseraveis, a sua misericordia é cruel.* E eu direi: a sua misericordia é cruelissima, quando o necessitado depois de muito soffrer, chega a alcançal-a: senão, que o diga a desesperação que sente o desgraçado, victima da fome e da miseria, quando dirige seus debeis passos movidos pela fome ao palacio do rico abastado, pedindo-lhe, não carinhos, mas um bocado de pão, do seu sobejo, para saciar a fome! Que o diga o miseravel, quando depois de muito esperar lhe dizem com caridade pharisaica: *Não pode ser hoje irmão, como se a fome pudesse esperar!* Que o diga o desgraçado, quando, recorrendo á caridade d'outro qualquer irmão, além d'ouvir mil imprecações, vem retumbar-lhe por fim a eterna phrase: *tem paciencia!* Que quereis pois que elle faça? A sociedade, esta sociedade tão prompta em castigar os delictos de que ella é causa primária, como ávara em premiar a virtude, responde-lhe: *soffre com resignação, que é legado do pobre!* Quando o infeliz tiver esgotado o calix do soffrimento até as fezes, acha consolo ao canto d'uma rua, aonde deposita o seu pesadissimo fardo.—

A sociedade, como se acha hoje organizada, é dividida em duas classes, *ricos e pobres*, aquelles tiveram em patrimonio a abundancia, o repouso, os gozos, todas as delicias da vida—estes, encanecidos pelo jugo da indigencia—a vigilia, a fome, a miseria e todos os dissabores deste mundo. Haverá algum principio aos olhos da Philosophia, que possa justificar uma desigualdade tão excessiva? Acaso o Auctor da natureza quiz que o homem fosse dependente da sociedade, para n'ella encontrar, em vez d'uma desvelada mãe, uma perversa madrasta? De certo que

não. A Natureza providente sempre em suas obras, conhecendo a nossa fraqueza, isto é, que, abandonados a nós mesmos, nada conseguiríamos, determinou, por sua alta providencia, que o homem nascesse na sociedade, em cujo seio acharia os soccorros beneficos e gratuitos de todos os seus semelhantes.

O homem só entregue a si proprio, sem o soccorro da primeira sociedade, onde bebe todas as illusões deste mundo, que para elle se apresenta radioso e ameno; onde um terno sorrir d'uma desvelada mãe para elle é ventura, que seria d'elle? A sua entrada para a vida, era a sua saída para a morte. Na edade já adulta, sem convivencia com outros homens, não disputaria a ferocidade até ás proprias feras? Se a sociedade é de tanta importancia, porque não satisfará o fim da sua instituição? Por que volta as costas ao orpham desvalido, que mendiga um bocado de pão? A miseria é uma vergonha, é uma injustiça, é um perigo para a sociedade: todos os homens são seus filhos—todos elles tem necessidades—a natureza em todos é igual—o fim geral é o mesmo em todos—e portanto os meios de o conseguir, devem ser subministrados igualmente a todos, *em relação aos fins particulares*, todos igualmente importantes, que, reunidos, tendem todos ao fim geral. Nós porém o que vemos? O egoismo predominando em todas as acções do homem; é elle a causa da miseria, e esta, a dos males que gangrenam a sociedade. Todos conhecem ou a *priori* ou a *posteriori* as funestas consequencias da miseria; ella torna os homens escravos de suas paixões; do seu seio nascem ladrões, assassinos, e mais principalmente prostitutas como meio de cevar brutaes appetites a quem mais der!! E que será do menino, do velho, do paralytico, que por suas forças nada podem produzir? Não terão direito aos meios de sua subsistencia? O homem fraco, mudo, ou aleijado, não terá senão a mesquinha porção de productos, que houver tão sómente creado? Em que mereceram estes infelizes desastados, que culpa nenhuma tiveram de vir ao mundo, a desgraça de morrer á fome, e os fortes, favorecidos da natureza, a posse de todos os gozos? As boas ou más qualidades organicas do homem devidas ao acaso, serão quem deve regular a sorte dos mesmos? O homem forte produzirá em virtude da sua robustez productos como *cem*, e o mais fraco em proporção ás suas forças, como *dois*, não

terá este intrinsicamente o mesmo merecimento que aquelle? Cremos que sim.—

Vós outros que deveis as vossas riquezas á felicidade de terdes nascido em uma casa opulenta, onde ao despontar da aurora da vida vos achastes envolvidos em pannos de alva brancura, acalentados n'um rico berço, perfumado de ambar e d'outros cheiros esquisitos, não vos julgueis, com direito de salpicar de lama os vossos irmãos, que não fazem mais que implorar a vossa caridade: Não! não cuideis que sois mais que o desgraçado que ganha o negro pão á custa do seu trabalho! O acaso que vos accumulou de bens, não vos dá nunca o direito de desprezar o vosso irmão, só porque o mesmo acaso o não favorece.

Os cabedaes, que achastes amontoados, pertencem ao colono a quem vossos antepassados extorquiram usurariamente o fructo de seus trabalhos, aos laboriosos, que noite e dia, trabalhavam para ganhar um mesquinho salario muito desproporcionado á actividade de seus serviços; elles votados a trabalhar, porque o trabalho é honra; e vós locupletando-vos com os seus suores, porque sois ingratos! Eis em que se cifram os vossos cabedaes, a que uma sociedade mal organizada vos garante um direito exclusivo.

Um similhante estado é impossivel que se mantenha. O pauperismo tem feito um progresso extraordinario; a ambição dos egoistas torna-se excessiva; uma lucta, quicá terribilissima para a sociedade, deve acabar estas desigualdades excessivas.

Á vista do exposto, facilmente se vê que há uma grande necessidade em remediar um tal estado. De que meio porém deve a sociedade lançar mão? Será o da força? Esta longe de estabelecer paz e harmonia entre os homens, iria dar guarida ao despotismo, que manteria por algum tempo a reforma; porém logo que cessasse este constrangimento, as cousas iriam pouco a pouco cobrando o seu predominio. Só o Socialismo, que assente como base a liberdade individual, e a moralidade, é que pode operar uma tal redempção; porque diz ao homem: *Tu guardarás a tua propriedade para a consecução dos teus fins; e lembra-te que acima do direito de propriedade, acharás um outro mais importante o da humanidade.*

Eis a linguagem do Socialismo. Estes principios palpaveis e incontestaveis, que acabamos de expor, formam a sua base.—Por tanto este systema não é impossivel de se

realisar, só porque os meios até hoje empregados não sido gorados; não é injusto, como pretendem os seus antagonistas; e nem tão pouco é espoliação de ninguem.

Leandro José da Costa Junior.

COIMBRA.

(RECORDAÇÕES.)

Coimbra!... Terra de incanto,
Do Mondego alegre flor,
Venho pagar-te em meu canto
Tributo d'antigo amor;
Não m'o engeites porque é pobre,
Porque tens o canto nobre
Do cantor da linda Ignez;
Não m'o engeites desdenhosa,
Não, que esta alma saudosa
Se inflamma ao ver-te outra vez.

Sou quasi teu filho; amei-te
Da vida no alvorecer;
De Minerva o sacro leite
Por tuas mãos vim beber;
Foi nestas margens virentes
Que co'as azas incipientes
Meu estro voar tentou;
Foi aqui que me sorria
O mundo, a vida, a poesia;
Sou quasi teu filho, sou.

Andei lá por longes terras,
Tantas cidades que vi,
Outros climas, outras serras,...
E ás vezes scismava em ti!
De Londres vi a grandeza,
Vi o incanto de Veneza,
De Paris a seducção;
Vi de Roma os monumentos,
E mesmo n'esses momentos
Foi fiel meu coração.

O Rheno com seus castellos,
Vienna, Milão, Berlim,
Da Suissa os Cantões bellos
Não me fallavam a mim;
Não fallavam como fallas,
Coimbra, nas tuas gallas
Que eu sei, que apprendi de cór,
Não diziam o que dizes
Nesse extenal de matizes,
Que tens de ti ao redor.

Se não contas tantas glorias
 Quantas por lá querem ter,
 E's um livro de memorias
 Que um portuguez sabe ler;
 Eu, por mim, n'essa tua fronte,
 N'essas collinas defronte,
 No teu rio de crystal,
 Na tua *Fonte dos amores*,
 No ar, na terra, nas flores,
 Leio em tudo—Portugal!

Aos que pedirem façanhas
 D'audaz, guerreiro valor,
 Tu as podes dar tamanhas
 Que os façam mudar de côr;
 Se quizerem da cidade
 Provas d'antiga lealdade
 Apontas-lhe o teu Martim;
 Tens sobeja, altiva gloria,
 Mas não é, não é tua historia
 O que só me falla a mim.

Tudo aqui me falla, tudo,
 D'esse tempo que lá vae,
 Quando nas lides do estudo
 Tive em cada mestre um pae;
 Falla-me o sino da torre
 Com um som que nunca morre
 Nos echos que a vida tem;
 Fallam-me os dias d'outrora
 C'um folguedo em cada hora,
 Com horas que mais não veem.

Lembram-me aquelles passeios
 Lá baixo no *Salgueiral*,
 Ou na *Lapa dos Esteios*,
 Ou no fulgente *Areal*;
 Lembram-me as idas a *Cellas*,
 As suaves tardes bellas,
 Passadas da ponte no *O'*;
 E quando, já n'essa idade,
 No *Penedo da Saudade*
 Saudades gemia só.

Nem me ficaes esquecidos,
 Antigos socios de então,
 Que a esses dias volvidos
 Vossos nomes nome dão;
 Foi vida de irmãos a nossa,
 Aqui o palacio e a choça
 Eram por dentro eguaes;
 Crenças vivas, rosto puro,
 Olhos fitos no futuro,
 No amor da patria rivaes.

Esta mesma casa... oh! quantas,
 Quantas lembranças me traz!
 Palco amigo, tu me incantas
 Co'as imagens que me dás;
 Compõe-me inteiro o passado,
 E d'esse viver sonhado

Deixa-me agora enganar...
 Mas não... logar ao presente,
 Que eil-o se ergue nobremente
 Com novos loiros sem par.

Quaes fomos, sois hoje a esp'rança,
 Mancebos, da patria a flor,
 Do futuro segurança,
 Das nossas lettras penhor;
 Entre vós o rei da lyra
 Bem vedes que vos inspira,
 Brandindo um facho de luz,
 Bem vedes o immenso brilho
 Com que o nome de Castilho
 Em nossas glorias reluz.

Eia, mancebos, ávante,
 Vencei-nos, vencei-nos, vós;
 Seja a patria triumphante,
 Que é o que importa a todos nós;
 Tendes crença, fogo e vida,
 Tendes a alma despida
 Do lodo das vis paixões;
 Levae ao mundo essa aurora,
 E sobre os braços d'outrora
 Levantae novos braços.

Eia, pois, COIMBRA seja
 Primavera do porvir,
 E n'ella, mau grado á inveja,
 Portugal sempre a florir;
 Oh! possa eterno este solio,
 Este augusto capitolio
 Das patrias lettras, brilhar,
 Que eu, tomado de respeito,
 Eu sempre, dentro do peito,
 Hei-de seu nome guardar.

Coimbra, 25 de Novembro de 1854.

J. de Lemos.

Quando não houve jornal litterario, e mesmo politico, que se não honrasse de transcrever a poesia, que acima publicamos, do Snr. *João de Lemos*, recitada por elle no ultimo saráu poetico, a REVISTA ACADEMICA, de que elle foi um dos mais illustres Redactores, não podia, nem devia ficar silenciosa.

Os louros que o poeta legitimista colheu n'aquella noite de saudosa recordação para todos os que tiveram a fortuna de o ouvir, assentaram é verdade sobre uma fronte já familiarizada com estes triumphos; mas temos fé que os brados d'enthusiasmo que o Snr. *João de Lemos* arrancou de todos os que n'aquella noite anciosos e estaticos o escutavam, fazendo-lhe conhecer a mina

inexgotavel que possui de poesia e de sentimento, hão de abrir-lhe novos horizontes, e dar-lhe um logar distincto entre os grandes poetas do seculo.

Recitada no mesmo saráu foi a poesia que abaixo transcrevemos do nosso collega e amigo, o Snr. *T. A. Ribeiro*, que revela tambem muito genio, e faz-nos crer que teremos mais um poeta digno d'este nome.

Alexandre Meyrelles.

UM PEDIDO ÀS DAMAS.

RECITADO NO ULTIMO SARÁU POETICO,

E OFFERECIDO AO SNR.

Antonio Feliciano de Castilho.

Se eu fôra mulher formosa...
Uma de vós que me ouvís,
Do meu toucado uma rosa
A de mais vivo matiz
Desprendera,—e sem receio
Fôra depôl-a no seio
Do genio!—do trovador,
Que da rosa—aroma—encantos,
Traduzem-se em magos cantos,
Em hymnos de casto amor.

Soldado, se na batalha
Por entre balas sem fim
Fosse o meu genio, a metralha
Esvoaçando em torno a mim,
Dera-lhe o pranto magoado,
Que do amigo trespassado
Juncto ao cadaver chorei;
Não lhe ofertára a victoria
Não quer o vate essa gloria,
Venci, quer dizer—matei!...

Desse-me ouro a sorte avára,
Que eu daria ao trovador
Cit'ra d'ouro, onde cantára
Patria, crenças, Deus, e amor;
E ella por elle pulsada
Branda—solemne—sagrada
Causaria inveja ao Céu,
Escutal'o-hiam archanjos!!
Roubassem-lha embora os anjos!
Mas tinha-lha dado,—eu!!

Não dera um throno ao poeta!
P'ra quem dá ao mundo a lei,
D'um reino é mesquinha a méta...

Dera mais, se fosse um rei!
Dera-lhe prados e montes
'Onde cascatas e fontes
Rios—aves—terra, e mar,
Casando em nobre harmonia,
Lhe dessem crenças, poesia
E inspirações p'ra cantar.

Se Deus me desse um momento
A lyra de Salomão,
Bem casada ao sentimento
Que aviventa o coração,
Como elle, eu fôra grandioso,
Meu cantico majestoso
Revoara da terra aos Ceus
Como o seu canto divino,
Tangera eu sómente um hymno
P'ra elle!... outro, ... só p'ra Deus!!

Mas que val' um vão desejo,
Se eu não vejo
Como hei-de provar-lho?!... assim?!...
Vós sois da terra os archanjos
Fadas! anjos
Oh! dizei-lh'o vós por mim.

Vai deixar-nos, vós, levae-lhe
Offertae-lhe
Os vossos votos, e os meus!
Dizei-lhe, ó anjos, comigo
Que aceite, e leve consigo
Um triste sentido adeus.

T. A. Ribeiro.

PAGINAS DE VIDA INTIMA.

V.

O HAVRE.

Continuado de pag. 72.

Terra da Normandia! Tu foste a primeira, que meus olhos viram, d'esse bello paiz de França, que fazia derramar lagrimas de saudade á infeliz *Maria Stuart*, e lhe inspirava este canto tão triste da despedida.

Adeus, ó risonha França,
Adeus, ó patria querida!
Levo na minha lembrança
Doce vida em ti vivida!
Adeus plainos venturosos,
Adeus dias jubilosos!

A nave, que nos separa,
Leva de mim só metade!
A outra, muito mais cara,
Confia á tua amizade;
E porque da outra parte
Tu possas sempre lembrar-te.

Tão joven e tão formosa, que parece não havia peitos humanos, que se lhe não rendessem, captivos de tantas perfeições! E tão cedo viu a sua corôa de rainha rojada no pó, seu sceptro partido por mãos de amigos e irmãos, e atraçoada, e vilipendiada, e por fim encarcerada como uma criminosa nas sombrias fortalezas da Escossia, seu paiz natal, cerrou os olhos á luz da vida, longe do povo, que a adoptara por filha, e de quem ella fôra rainha por todos os direitos reunidos n'uma só cabeça, mas principalmente pelo da formosura!

E o tempo havia passado quasi indifferente e mudo por sobre esta grande catastrophe, como se o destino de uma princeza, que fora rainha de dois povos e requestada pelos mais poderosos monarchas da Europa, não valesse outra cousa que o olvido!

Mas que importa a esse ceifeiro implacavel de annos e de vidas, os gemidos d'uma mulher, protestando do fundo do sepulcro contra a vingança ignobil e atroz de uma outra mulher, rainha como ella, mas rainha hypocrita e infame? O sangue derramado não foi por ventura calcado pelas gerações que seguiram o crime? E Isabel, a rainha *virgem*, não viveu e não morreu cercada das honras, que sempre acompanham o assassino poderoso e rico?

Seu cadáver não repousa em Westminster na capella dos reis? Honras durante a vida; honras depois de morta. Embora. O sangue de *Maria Stuart*, a mártir, ha de bradar em toda a parte contra Isabel a criminosa.

O estrangeiro ao pôr o pé sobre a terra por onde ella passou, e d'onde partiu para o desterro e para a morte, ha de lançar a todos os ventos do ceo, o nome aborrecido da que mandou degollar a mais bella cabeça de mulher, que houve talvez na Europa.

Por isso, eu, o mais obscuro d'entre todos os que se assentam a este sublime banquete da intelligencia, *onde muitos são os chamados, e poucos os escolhidos*, tocado de compaixão por tão grande infortunio, quiz, sem embargo do riso escarnecedor dos que não comprehendem o sublime viver do coração, o commercio dôce e pacifico do pensamento de hoje com o pensamento de outras éras, legar tambem aqui, sobre esta pagina, o meu odio ao matador, e a minha compaixão á victima de tantos rigores e crueldades.

Não! Nunca me hão de esquecer os primeiros dias, que passei no Havre, tão engol-

phado, e tão perdido no meio das suas maravilhas. Suas casas brancas de neve, e cobertas de árdosia dão-lhe um aspecto risonho.

Seu porto accessivel e seguro está sempre guarnecido de uma espessa floresta de navios. De vez em quando algumas velas brancas, torcendo-se ao vento, tentam, mas debalde, evadir-se ao negro veo de fumo que projectam de redor d'ellas as altas chaminés dos barcos de vapor, que avançam a toda a pressa de todos os portos de Inglaterra. Os marinheiros com suas vestias e bonnés vermelhos estrugem os ares de mil gritos, quando se tracta d'íçar as velas d'algum navio prestes a partir.

Situado n'uma das mais bellas provincias da França, o Havre, possui deliciosos panoramas. É aqui que a Normandia derrama com mais profusão as bellezas da sua agricultura.

A cidade está cercada de outeiros plantados de arvores gigantes. E tudo isso aquecido pelos raios ainda tepidos de um sol de outomno, tornam este quadro arrebatador e sublime.

Mas se o Havre visto de dia faz scismar, como a natureza reuniu em ponto tão pequeno tantas bellezas, que vos direi do Havre, a horas silenciosas da noite, quando a abobada celeste é apenas allumiada pelos pallidos raios da lua, que, estacionaria no meio da sua carreira, parece perguntar-se, se deve ou não apparecer n'esses paizes civilizados, em que os homens cansados de não ver tambem de noite, como de dia, imaginaram essas phosphorentes luzes, que n'um instante, e como se obedecessem a um poder sobrenatural, allumiam uma cidade, de mil fogos, e permitem a seus habitadores o circular pelas ruas, á meia noite, com a mesma facilidade com que o fazem ao meio dia? Então, quando a cidade resplende de mil luzes, quando no porto silencioso e triste, não se ouve nenhum rumor, a não ser o do pescador ao recolher o barco, ou a dobrar a véla, quando o marinheiro dorme a somno solto sobre o convez, quando os ricos palacios, que bordam o caes, abrem as suas portas e janelas ás picantes brisas do mar, é doce, os olhos cravados no oceano, seguir esse languido balancear da vaga, que passa ao acaso, sem razão e sem fim, escutar no mais profundo silencio seu mudo rugido, quando se precipita sobre o rochedo e que depois recua para voltar outra vez com mais furia.

Lembravam-me n'estes passeios os meus folguedos da infancia sobre a praia de *** brincando com as ondas, e rindo-me da sua furia impotente. Oh! mas quantas vezes, quando o ceo se repintava de nuvens negras, quando a custo a estrella rompia a nuvem, não pensava eu e a mais joven de minhas irmãs, companheira inseparavel de minhas pequenas digressões d'então, nos pobres marinheiros expostos ou a ser engolidos pelas vagas, ou despedaçados sobre os rochedos.

Foi talvez n'um dia semelhante, que, perturbada a imaginação por tão lugubres sonhos, Victor Hugo, o grande poeta lyrico da França, escreveu estes versos tão simples, mas tão suaves e tão bellos.

E o poeta dirigindo-se ás vagas exclama assim:

Où sont ils ces marins sombrés dans les nuits noires
 Ó flots! que vous savez de lugubres histoires?
 Flots profonds redoutés des mères à genoux
 Vous vous les racontez en montant les marées,
 Et c'est ee qui vous fait ces voix désespérées
 Que vous avez le soir quand vous venez vers nous.

Mais alguns dias passados a visitar os principaes edificios da cidade, e deixamos o Havre, essa patria de Bernardim de Saint Pierre, e aonde elle escreveu esse delicioso romance de Paulo e Virginia, historia pathetica e sublime de dous amantes, victimas do amor e da fidelidade. É que ha escriptos immortaes, assim como ha obeliscos de granito que ficam de pé no meio das cidades em ruinas, para attestar aos seculos futuros, que alli, onde o simoun do deserto se revolve irado, arrojando, de vez em quando, do seu seio inflammado, as arêas para o interior das terras, se erguera outrora uma cidade opulenta.

Supprimi todas essas glorias da intelligencia, todos esses monumentos que o genio deixa após si, semeando-os, aqui e alli, de perolas mimosas para abrilhantar o mundo, e da espada do conquistador, d'essa espada que deixa por toda a parte os campos talados, as cidades incendiadas, e milhares de familias submergidas na tristeza, que resta? Apenas um vão nome e o echo maldicto d'essas batalhas d'exterminio. Mas do philosopho, e do poeta, restam a saudade e a gloria, que eternizam a memoria dos que desceram ao tumulo cercados de loiros, loiros bemquistos e sagrados, que não custaram uma só gota de sangue. A virtude não é uma palavra sem sentido, como afirmou esse Ro-

mano sem fé, antes de misturar seu derraideiro suspiro com o da Republica agonizante.

Na vespera da minha partida fui agradavelmente surprehendido pela chegada d'um irmão meu que se achava estudando em Paris, e que sabendo da nossa chegada ao Havre, deixára immediatamente aquella cidade para vir ao nosso encontro. Tinha-o visto nos meus primeiros annos, mas delle não conservava senão uma mui remota lembrança. A fortuna que lhe havia dado o logar de primogenito na nossa familia, não lhe fôra tambem avára dos dotes do espirito e do coração.

Joven ainda, contando apenas 15 annos, havia jurado bandeiras nas tropas que na Ilha de *** combateram pela monarchia constitucional. Seu coração inflammado por estas palavras magicas — patria e liberdade, — voára, como outros muitos, ao appello, que então se fazia, a todos quantos sentiam bater-lhe no peito um coração portuguez.

Mas a nova e rapida face que tomaram os acontecimentos, e circumstancias domesticas, não lhe permittiram acompanhar a divisão Açoriana, que fôra jogar, no continente, em pleito sanguinolento, a sorte da dynastia. Uma carta de meu Pae, vinda de Napoles, mandára-o partir para Paris; para onde elle em continente se dirigira. Eil-o pois agora correndo comnosco a estrada que vae do Havre a Paris.

Paris! Essa cidade dos meus sonhos da infancia, essa fada de tantos prodigios, essa Babylonia da Europa, aos bazares opulentos, aos ricos monumentos de bronze e de granito, arrancados pela mão d'um conquistador ás arêas de fogo do Egypto, essas praças onde um povo em delirio havia feito correr rios de sangue, essas pontes sobre o Sena, essa torre de Vendome feita com as peças ganhadas nos campos de batalha da Europa agitando nos ares a estatua de Napoleão, tudo isso em fim que faz de Paris a cidade por excellencia, a terra da civilisação e das luzes, fa offerecer-se a meus olhos em poucas horas.

A diligencia puxada por oito cavalles arrebatava-nos no espaço, mas era pouco ainda para a minha imaginação de fogo, para o meu desejo insaciavel, para a minha inquietação infantil.

Ainda me lembro do effeito magico, que produziu no meu espirito a vista d'essa grande cidade, que n'um raio de sete legoas

extende seu corpo gigante, banhado pelas aguas pacificas do Sena, e encostada sobre algumas collinas que lhe dão um aspecto verdadeiramente grandioso.

Os peregrinos e viajantes da Terra Sancta sentem vergarem-se-lhe os joelhos, quando avistam as torres de Jerusalem.

O que eu senti porem, foi respeito e admiracão, quando avistei a antiga igreja de S.^{ta} Genoveva, hoje tumulo dos heroes—Pantheon, que guarda em suas vastas catacumbas as cinzas e os nomes dos benemeritos da patria.

(Continua.)

Alexandre Meyrelles.

REFLEXÕES SOBRE O THEATRO ALLEMÃO.

A guerra de trinta annos é uma das epochas mais notaveis da historia moderna. Esta guerra rebentou primeiro n'uma cidade da Bohemia; porém estendeu-se bem depressa por sobre a maior parte da Europa. As opiniões religiosas que lhe serviam de principio mudaram de forma. A seita de Luthero substituiu quasi geralmente a de João Huss; mas a memoria do supplicio atroz applicado a este ultimo continuou a animar os espiritos dos innovadores, mesmo depois de se afastarem da sua doutrina. A guerra de trinta annos teve por movel, nos povos, a necessidade d'adquirir a liberdade religiosa; nos principes, o desejo de conservar a sua independencia politica. Após uma longa e terrivel luta, estes dois fins foram alcançados. A paz em 1648 assegurou aos protestantes o exercicio do seu culto, e aos pequenos soberanos d'Allemanha o gozo e augmento de seus direitos. A influencia da guerra de trinta annos durou até ao nosso seculo.

O tratado de Westphalia deu ao imperio germanico uma constituição muito complicada; porém esta constituição, dividindo esse corpo immenso em uma multidão de pequenas soberanias particulares, importou para a nação allemã, com algumas excepções, um seculo e meio de liberdade civil e de administração pacifica e moderada. Do facto de se acharem trinta milhões de subditos repartidos pela auctoridade d'um consideravel numero de principes independentes uns dos outros, e cujo poder, na apparencia illimitado, era-o de facto pela insignificancia de seus

dominios, resultou para esses trinta milhões d'homens uma existencia quasi sempre socegada, uma não diminuta segurança, uma liberdade d'opiniões quasi completa, e para a parte esclarecida d'esta sociedade, a possibilidade de se entregar á cultura das lettras, ao aperfeiçoamento das artes, á indagação da verdade. Em virtude d'esta influencia não admira que a guerra de trinta annos tenha sido um dos objectos favoritos dos trabalhos dos historiadores e dos poetas da Allemanha. E debaixo de mil formas diversas, elles se applaudiram de mostrar á geração actual qual tinha sido a energia de seus antepassados: e esta geração, que no ocio recolhia o beneficio da perdida energia, contemplava com curiosidade, na historia e na scena, os homens dos tempos passados, cuja força, determinação, actividade, e coragem, revestiam, aos olhos d'uma raça enfraquecida, os annaes germanicos, de todo o encanto do maravilhoso.

A guerra de trinta annos é ainda interessante debaixo d'um outro ponto de vista.

Depois d'esta guerra, diversos monarchas apprehenderam expedições belicosas, illustraram-se pela gloria das armas; mas o espirito militar, propriamente dicto, tornou-se cada vez mais estranho ao espirito dos povos. O espirito militar não pôde existir, senão quando o estado da sociedade é proprio para o fazer nascer, isto é, quando ha um numero consideravel d'homens que a necessidade, o desassocego, a falta de segurança, a esperança e a possibilidade do bom exito, a agitação continua, tem lançado fóra da sua situação natural. Estes homens amam então a guerra pela guerra, e vão procural-a n'um lugar, quando a não acham n'outro. Na actualidade, o estado militar é sempre subordinado á auctoridade politica.—Os generaes não se fazem obedecer pelos soldados que commandam senão em virtude da missão que receberam d'aquella auctoridade: não são chefes d'um exercito seu, por elles pago, e prompto a segui-los, sem que tenham a approvação de soberano algum. Pelo contrario no principio e até ao meado do seculo dezeseete, viram-se homens, sem outra missão mais que o sentimento de seus talentos e de sua coragem, assoldadarem corpos de trópa, reunirem, em roda de seus estandartes particulares, guerreiros que dominavam unicamente pelo ascendente de seu genio pessoal, e ora venderem-se com seu pequeno exercito aos soberanos que os compravam; ora tentarem, com a espada em punho, tornarem-se elles mesmos

soberanos. Tal foi, na guerra de trinta annos, esse conde de Mansfeld, menos celebre ainda por algumas victorias, que pela desreza que manifestou continuamente nos reveses. Taes foram, ainda que descendentes das casas imperantes as mais illustres da Allemanha, Christiano de Brunswick e mesmo Bernardo de Weymar. Tal foi finalmente Wallstein, duque de Trierland, o heroe das tragedias allemãs, que me fiz cargo de fazer conhecer ao publico.

Este Wallstein, na verdade, nunca pegou em armas senão a favor da casa d'Austria; mas o exercito que elle commandava pertencia-lhe, reunido em seu nome, pago por sua ordem, e com as contribuições que levantava sobre a Allemanha, por sua propria auctoridade. Fazia negociações como um potentado, dentro nos arraiaes, com os monarchas inimigos do imperador. Quiz finalmente, com direito apoderar-se, da independencia, de que de feito gozava; e se a sua empresa foi infructifera, não se deve attribuir a sua quèda á insufficiencia dos meios que tinha á sua disposição, mas ás faltas que lhe fez commetter um mixto extravagante de superstição e d'incerteza. O modo d'existir dos generaes do seculo 17.º imprimia-lhes no seu character uma originalidade, de que não podemos já formar idéa. A originalidade é sempre o resultado da independencia; á medida que a autoridade se concentra, os individuos desaparecem. Todas as pedras talhadas para a construcção d'uma pyramide, e amoldadas ao logar que devem occupar, tomam um exterior uniforme. A individualidade desaparece no homem, por isso que elle deixa de ser um fim, e se torna um meio. Todavia a só individualidade pôde inspirar interesse, principalmente ás nações estrangeiras; porque os Francezes, como observarei logo, omittem a individualidade nos personagens de suas tragédias, mais facilmente que os Allemães e os Inglezes.

Compreende-se pois facilmente o motivo por que na Allemanha os poetas, que tentaram representar na scena epochas da sua historia, preferiram aquellas em que nos individuos apparecia um certo cunho de personalidade, e onde transluzia facilmente o seu character natural. É assim que Goëthe, o auctor de Werther, pintou, em Goetz de Berlichingen, a lucta entre a cavallaria moribunda e o poder do imperio; e que Schiller quiz tambem traçar em Wallstein, os ultimos esforços do espirito militar, e essa vida independente e quasi selvagem do campo

de batalha, á qual os progressos da civilização fizeram succeder, no mesmo campo, a uniformidade, a obediencia e a disciplina.

Schiller compoz tres peças sobre a conspiração e morte de Wallstein. A primeira intitula-se o *Campo de Wallstein*; a segunda, os *Piccolomini*; a terceira, a *Morte de Wallstein*.

A ideia de compôr tres peças, que se succedem e constituem entre si um todo, é derivada dos Gregos, que denominavam este genero uma trilogia. Eschylo deixou-nos duas obras semelhantes, o seu *Prometheu* e as suas tres tragedias da familia de Agamemnon. O *Prometheu* d'Eschylo era, como se sabe, dividido em tres partes, formando cada uma sua peça em separado. Na primeira apresentava-se *Prometheu*, bemfeitor dos homens, trazendo-lhes o fogo do céo, e fazendo-lhes conhecer os elementos da vida social. Na segunda, a unica que chegou até nós, *Prometheu* é punido pelos deuses, invejosos dos serviços que elle prestou á humanidade. A terceira mostrava *Prometheu* libertado por Hercules, e reconciliado com Jupiter.

Nas tres tragedias que se referem á familia dos Atridas, a primeira tem por assumpto a morte d'Agamemnon; a segunda, o castigo de Clytemnestra; a ultima, a absolvição de Orestes pelo Areopago. Vemos que entre os Gregos, cada uma das peças que compunham suas trilogias, tinha sua acção particular, que acabava na propria peça.

Schiller quiz ligar mais estreitamente entre si as tres peças do seu Wallstein. A acção só começa na segunda e acaba na terceira. O *Campo* é uma especie de prologo sem acção nenhuma: Toma-se n'elle conhecimento dos costumes dos soldados, dentro nos seus acampamentos; entregam-se uns aos cantos, outros ao vinho, voltando alguns com os despojos da pilhagem. Contam-se mutuamente as suas façanhas; fallam do seu chefe, da liberdade que elle lhes concede, das recompensas que lhes prodigaliza. As scenas succedem-se umas ás outras, sem que nada as encadeie; mas esta incoherencia é natural; é um quadro transitorio, onde não existe nem o passado nem o futuro. Todavia o genio de Wallstein preside a esta desordem apparente. Vive no coração de todos; celebram todos seus louvores, inquietam-nos os boatos espalhados do descontentamento da cõrte, jurando entre si não abandonar o general que os protege. Percebem-se todos os symptomas d'uma insurreição prestes a rebentar, se o signal para ella for dado por Wallstein.

Decifram-se ao mesmo tempo os motivos occultos, que modificam em cada individuo a sua dedicação; os temores, as suspeitas, os calculos particulares, que vem conter o impulso geral. Vemos esse povo armado, entregue a todas as agitações populares, arrastado pelo seu enthusiasmo, tomado de receios, esforçando-se por discorrer, e não o conseguindo, por falta d'habito; arrostando a auctoridade, e fazendo por tanto consistir a sua honra em obedecer ao seu chefe; ultrajando a religião, e abraçando com avidéz todas as tradições supersticiosas; mas sempre altivo de sua força, sempre cheio de desprezo para qualquer outra profissão, que não a das armas, sendo a coragem sua unica virtude, e o seu fim o prazer do momento.

Seria impossivel transportar para o nosso theatro esta singular producção do genio, da exactidão, e direi mesmo da erudição allemã; porque foi necessaria erudição para reunir em um corpo todas as feições que distinguem os exercitos do XVII.º seculo, e que hoje não convem a exercito nenhum. Nos nossos dias, assim no campo como nas cidades, são regulares e obedientes os exercitos. A disciplina substituiu o desenfreamento; se ha desordens parciaes, são excepções que se tracta de prevenir. Na guerra de trinta annos, pelo contrario, estas desordens eram o estado permanente, e o gozo d'uma liberdade grosseira e licenciosa, o desforço dos perigos e fadigas.

(Continua.)

Sobeida

CONTO DE FADAS E DUENDES, QUE NÃO TEVE PRINCÍPIO NEM HA DE TER FIM.

Ao meu amigo

JOSÉ EDUARDO DA SILVA PEREIRA.

Meu caro Silva Pereira.

Por que não nascemos nós n'outra época, nós, que temos a loucura de tentar reagir contra a tendencia pronunciada do seculo, possuindo a convicção de que a alma se alimenta mais com a esperança do que com a duvida, com a fé do que com a descrença?

Porque não vivemos antes quando o ultimo canto do poeta era um hymno perfumado e suave, e não um brado de desesperação e blasphemia? Porque não viemos ao mundo, n'esses dias em que a civilização não significava a apothese da immoralidade, e em que o progresso não substituiu a aspirações nobres e grandiosas, a aridez do scepticismo e a torpeza do calculo? Por que?! Ignoramol-o; é triste; mas a nossa infelicidade não é completa; compete-nos a resignação sem queixumes, visto que hoje ainda temos paixões, e que algum dia teremos saudades.

Unidos agora pelos laços de uma convivencia quasi fraterna, baseada da tua parte n'uma funda sympathia, e da minha na consciencia de quanto vales, tu não tens, penso eu, um amigo que me prefiras, e eu sinto apenas não ter mais amizade para te dar, e não ser mais digno da tua; com tudo esta phase da nossa vida é uma transição, e onde nos conduzirá ella? Forçar-nos-ha a uma separação breve, longa, ou eterna? Quem sabe?! O que é certo porem é que reconheço a impossibilidade de nos esquecermos mutuamente, e que tenho a certeza deque uma recordação minha te será sempre agradável—é isso que te offereço.

Este *Conto*, que escrevi sem outro fim mais do que o de me subtrahir durante algumas horas á monotona insipidez, que ás vezes aqui nos devora lentamente a existencia, este *Conto*, que te dedico, não assumirá de certo o menor gráu d'importancia aos olhos do mundo litterario, possuirá algum aos teus, a idéa que me levou a offertar-to? Confio muito em ti para suppôr que sim.

Se tu não fosses quasi tão preguiçoso como intelligente, se, conscio do teu merecimento, não fosses d'elle tão egoista, pedirte-hia que á minha lembrança retribuisses com outra igual; mas sei que não devo atrever-me a esperal-o,—tão grande como a tua amizade, só conheço a tua indolencia.

Se o meu *conto* é do dominio da critica, esta carta não o é; escripta só para ti, prolongal-a, seria repetir o que dizemos mil vezes nas expansões d'uma conversação intima; o que para os outros, que me não comprehendessem, seria tão fastidioso, como inutil para nós; resta-me por tanto afirmar-te ainda uma vez que sou

Teu do C. am.º verd.º

Ernesto Marecos.

I.

— E amas-me? — continuou ella.

— Amo-te como a flor ama o sol que lhe deu vida, como o sol ama Deus que o accendeu no espaço — amo-te porque te vi nos meus sonhos de criança, e nas minhas aspirações de homem, sempre triste e pallida como a imagem da melancholia, serena e candida como a estatua da pureza — amo-te e quero-te — e has de ser minha, porque és parte do meu ser.

E eu amava-a então! e ella parecia ceder ao magnetismo de uma influencia inexplicavel, o sangue estuava-lhe nas veias, cada olhar que despedia, fusilava paixão, cada palavra que proferia lhe escaldava os labios.

— Tambem eu te quero tanto, disse ella, que nunca medirás a extensão do meu amor — ainda te não vira, e vivias comigo, é eu presentira a tua existencia, porque me vibrou no coração uma corda de que até alli não escutára um som — e no centro da minha solidão soffria o inferno, porque temia perder-te, antes de me haveres pertencido; — o meu amor tocava o delirio, e a minha dor a desesperação; — não partia a cadêa de ferro que me prendia ao isolamento, porque a minha força era impotente para reagir contra outra força superior, que não conhecia, mas que me subjugava; — e se me subtrahi por momentos a esse poder fatal — não hesitei — corri como louca — aonde?! — ignorava-o; sabia apenas que, no fim da estrada que seguia, existia para mim a felicidade, e vite, e amei-te — e quero a tua alma identificada com a minha, e quero a minha existencia fundida na tua.

Comecei a crer que era victima da illusão dos meus sentidos — e julguei que esse anjo que me fascinava, era apenas uma appareção enganosa; é que eu havia sonhado mil vezes as *houris* do propheta, e não lhes attribuir tanta belleza; é que eu scismára sozinho n'um poema de amor, e não calculára a intensidade de tanta paixão! — Timido e irresoluto, concentrava em mim todas as minhas faculdades, receiando anniquilar a visão que suppunha ter creado, ao proferir de uma palavra, ao fazer de um movimento — e com tudo momentos antes havia-lhe fallado com todo o enthusiasmo de uma verdadeira impressão — mas o prazer embriagou-me, permaneci estático... immovel.

— Falla-me — o teu silencio esmaga-me.

E ao accentuar estas palavras com uma expressão apaixonada e triste, pousou a sua mão de neve entre as minhas e continuou:

— Não vês que o tempo foge? não te disse que ha parte da minha vida que me não pertence? — que existe um poder sobrenatural, que por vezes me opprime a intelligencia, paralyzando-me a vontade! — não receias, como eu, que o algoz reclame a victima?

E não sabes, respondi eu, a quem o contacto d'aquella mão despertára em sobresalto, que tenho força para te disputar ao destino, e coragem para não ceder sem encontrar na lucta a ventura ou a morte?!

— Custa tanto a vêr só lagrimas no passado, a duvidar no presente e a temer no futuro!

O passado vê-lo-hemos fugir, como um pesadello de que se acorda aos raios scintillantes de um sol puro e vivificante — ha em nós bastante amor, para que possamos crear o Eden na terra.

Enlaçámo-nos estreitamente — o seu coração repercutia as pulsações do meu — o meu halito impregnava-se dos perfumes do seu halito — quantos annos de prazer resumidos n'um momento! — quantas sensações experimentadas n'um instante! —

O gozo mata como a dôr — eu teria morrido, se não visse desfazer o encanto!

A noute já adiantada, senti no ar um ruido surdo e inclassificavel — estremecei, porque sentira estremece-la juncto a mim — olhei-a — estorcia-se convulsamente — ouvi-lhe um suspiro, talvez um adeus, e o ruido cessou, e achei-me só! —

A respiração tornava-se-me difficil! e soffria espantosamente — perdi os sentidos.

(Continua.)

Ernesto Marecos.

SOCIABILIDADE.

Il faut à l'homme des compagnons
et des rivaux; il lui faut une ville,
un pays, une patrie, un monde.

(AIMÉ-MARTIN. Educação das
mães de familia, Cap. XIV.)

O homem não póde, de fraco tornar-se forte, de ignorante tornar-se sabio, d'escri-

vo tornar-se livre, de pygmeu tornar-se gigante, senão por um unico meio, pela coexistencia pacifica com os seus semelhantes; pela associação. Porque embora, considerando-o isoladamente, lhe não possamos negar na essencia estes tres predicados, *intelligencia, liberdade e moralidade*, é com tudo incontestavel que elle não os poderia dilatar nem desinvolver sem o influxo do elemento social.

O homem isolado seria um aborto da natureza, uma degradação da especie, uma excepção em fim, mas nunca uma regra geral.

O destino do homem cifra-se n'estas duas palavras, *lucta e conquista*, porque é n'esse trabalho constante que lhe vemos usar todas as forças da sua organização. Ora timido e fraco, ora arrojado e forte, assim imprime ás suas obras o sello da sua vontade rica ou pobre, da sua natureza esteril ou fecunda.

Para preencher porém os diversos fins, para que foi creado, dotou-o Deus de magnificos dons, que todos comprovam a sua tendencia para a sociabilidade.

O primeiro, e o mais eminente de entre todos, principio gerador de todas as luzes e de todos os progressos, é a linguagem.

Quando não tivéssemos outro argumento para provar a sociabilidade humana, e como consequencia que d'ella necessariamente se deduz a fraternidade humana, bastava-nos este — o da linguagem, que resume dois modos distinctos, e cuja influencia foi poderosissima no destino das sociedades civís, a *palavra falada, e a palavra escripta*.

A linguagem! Principio de luz e de vida que se manifesta nas obras da criação, mysterioso e mudo, e que só ao homem foi dado penetrar e desinvolver pela palavra! É pela palavra que elle sobe da terra ao céo em magnificas evoluções do pensamento, traduzidas em sons harmoniosos, sons arrebatadores e sublimes!

Mas quereis saber o que é a palavra, e o seu poder immenso, poderoso e irresistivel? Supprimi-a do mundo. Fazei com que o homem não fale nem com Deus, nem com os entes que o cercam? Que esse instrumento docil e obediente resista á sua vontade? Tornai-o mudo.

Á luz succedeu a escuridão, á vida a aniquilação e a morte, á harmonia a discordancia, o chaos, a confusão e a desordem. Supprimido o organ da justiça, quem havia de defender o fraco contra o forte, o opprimido contra o oppressor? O homem perdia o unico meio que tem de provar a sua personalidade e intelligencia.

Teria de nascer, viver, morrer sem dizer os sonhos que lhe doiraram a infancia, as glorias que lhe inflammaram a juventude, e as virtudes que depois tornaram veneravel sua campa.

D'antes exprimia os sentimentos de seu coração, projectava as chammas do seu genio; derramava em redor de si os thesouros da sua imaginação. Poderosa alavanca da civilização, a palavra governava o mundo, e sujeitava tudo ao seu imperio.

Gloria a vós, genios brilhantes que ideastes sons harmoniosos para cantar os heróes, a patria, os sentimentos nobres e a grandeza do Eterno! Gloria a vós, cujas palavras eloquentes e sabias resoaram como o trovão aos ouvidos dos povos e dos reis!

Se vós não fosseis, a liberdade espavorida, teria ido refugiar-se nas brenhas e nas solidões do deserto, ou teria sido para os povos o supplicio de Tantaló, que ardendo em séde no meio da agua, a via escapar-lhe quando a ia chegar aos labios. Quando tudo porém tremia, vós arrostaveis impavido a colera dos tyrannos e os gritos das multidões.

A voz de Cicero no meio do Senado de Roma levantava os animos abatidos, desafiava o poder de Catilina á frente de suas cohortes armadas, e salvava a Republica.

Demosthenes, quando era prohibido, sob pena de morte, o erguer a voz contra Philippe rei da Macedonia, sóbe á tribuna e incita os animos para a guerra.

Não, cidadãos, dizia elle antes da batalha de Cheronea, não, combattendo Philippe, não vos vai d'ahi nenhum erro. Eu vol-o juro pelos manes dos grandes homens que combateram pela mesma causa nos plainos de Marathona.

Nos fins do seculo passado, quando a realza em França se debatia convulsa nas agonias da morte, e disputava palmo a palmo a tunica ensanguentada do despotismo, Mirabeau, vinha, sacudi-a ao vento, feita pedaços, e arrastava-a consigo ao tumulto.

Mas supprimida a palavra, a tribuna das liberdades publicas ficava vazia e erma como um sepulcro. E o orador longe de discutir os destinos do homem e os da patria, os graves interesses da liberdade e da vida, cruzaria os braços no meio do povo, silencioso e triste como uma estatua.

Já vedes que sem a palavra a sociedade seria impossivel, porque sem ella seria impossivel a ordem, seria impossivel a vida, seria impossivel a harmonia.

Mas quando arrebatado por essa força de vontade que o caracteriza, á força de vigílias e meditações, depois de ter combinado em sua vasta intelligencia o systema da linguagem, o homem, da palavra falada chega á palavra escripta, quem ha ali que conteste a este segundo meio de progresso humano seus grandiosos resultados para a civilisação è para a liberdade?

Quem se atreverá a negar a este supremo motor da associação, grávido n'um aço que resistê á lei destruidora do tempo, esse character de solidariedade, que transmite ás gerações futuras a herança do passado, herança de lagrimas e de sangue, que passa inviolavel e sagrada de paes a filhos, como um testamento solemne aonde vem exaradas todas as conquistas, todas as luzes e todas as verdades?

(Continua.)

Alexandro Meyrelles.

RELATORIO

E

CONTAS DA GERENCIA

DA

SOCIEDADE PHILANTHROPICO-ACADEMICA

NO ANNO DE 1851.

SENHORES:

A Direcção da Sociedade Philanthropico-Academica, tendo findado o tempo da sua gerencia, vem hoje depositar nas vossas mãos o honroso mandato de que a encarregasteis, e satisfazendo ao mesmo tempo ao dever que lhe impõe os Estatutos, vem dar-vos conta da sua administração.

A Direcção, summamente interessada em ver os progressos e o engrandecimento de uma Associação tão meritoria, e digna de ver no seu gremio todos os mancebos que se dizem academicos, experimenta n'esta occasião um vivo sentimento de não vos poder deixar em cofre um saldo bastante avultado, para que a Direcção que tendes agora d'eleger, podesse dar á Sociedade mais expansão, e uma esphêra de vida mais larga, que a que ora tem. Sobram-lhe porém os bons desejos, e tem além d'isso a frança vaidade de sen-

tir, e de vos declarar, que, conscia da missão elevada e espinhosa que lhe fôra incumbida, não se poupou a esforços, não se esquivou a trabalhos e diligencias tendentes a melhorar e engrandecer o estado da Sociedade, a augmentar os seus recursos, e a dar-lhes a applicação mais justa, e mais conforme com o espirito dos Estatutos. A Direcção porém na sua gerencia encontrou, e teve infelizmente de capitular com grandes embaraços e difficuldades que não poderão deixar de mallograr até certo ponto os seus desejos, e de lhe obstruir o passo.

A maior e mais sensivel d'aquellas difficuldades, aquella com que todas as Direcções tem luctado, e que nenhuma pôde ainda até agora vencer, é sem duvida a de um systema de cobrança perfeito, ou pelo menos satisfactorio, com quanto tenha incontestavel superioridade sobre os outros que se tem posto em practica o adoptado já pela ultima Direcção, em que a cobrança é feita pelos proprios academicos, encarregando-se cada um dos delegadôs de receber as mensalidades do seu curso, ou de mais nos cursos pouco numerosos. E ainda assim, senhores, a pezar da vantagem relativa d'este systema, os resultados mostram que elle é deficientissimo; realmente custa até a crer que sendo 400 os socios d'esta Sociedade, devendo por consequencia dar uma receita mensal de 48\$000 rs., raras vezes excedeu ella a metade d'esta somma, e algumas nem passou da quarta parte. Esta verdade tornou-a ainda mais triste, e mais palpavel um Relatorio apresentado pelo sr. Thesoureiro á Direcção, onde se vê que a receita mensal liquida da Sociedade desde a sua instituição até Maio proximo passado foi de R.^o 10\$800, devendo por outro lado ainda attender-se á circumstancia de que de todo o anno lectivo em seis mezes só (de Novembro a Abril inclusive) é que a cobrança é mais activa, e mais regular; nos outros quatro, quando não é de todo esteril, é ao menos muito deficiente.

São razões de sobejo estas para vos levar a crer, senhores, que se a Sociedade Philanthropico-Academica tivesse de viver exclusivamente das mensalidades que constituem a sua receita ordinaria, se não tivesse mais nenhuns recursos de que lançar mão, teriamos ha muito já deplorado a sua anniquilação completa, porque com aquelles meios insufficientissimos de modo nenhum poderia conseguir os fins da sua instituição. O principal elemento de vida pois d'esta Sociedade, o seu

mais poderoso sustentaculo, e o que lhe tem dado algum impulso, tem sido inquestionavelmente essas verbas extraordinarias provenientes dos bazares, e d'alguns beneficios, que as Direcções todas tem sido sollicitas em promover a favor da Sociedade.

Mas bem sabeis, senhores, e ninguem o ignora, quanto é contingente aquella fonte de receita; todos sabem que aquelles meios extraordinarios, em si tão eventuaes, estão muito longe de poder ser um apoio firme, uma garantia segura da existencia e conservação da Sociedade. Seria pois muito para desejar que a vida da Sociedade Philanthropico-Academica não estivesse tanto á mercê de uma alimentação, que, com quanto lhe seja muito proficua, é por outro lado também muito fallivel; seria muitissimo conveniente que nos seus recursos se fosse estabelecendo o mais possível a fixação e a certeza, e que a Sociedade podesse tirar dos seus rendimentos ordinarios os meios de satisfazer também ás suas despezas ordinarias, ficando intacto, e por assim dizer vinculado no cofre um fundo destinado exclusivamente a emprestimos, e a remediar necessidades mais urgentes dos prestacionados, ou de qualquer outro Socio, como um caso de molestia grave, etc. A Direcção tem uma fé mui viva em que se ha de conseguir brevemente aquelle desideratum, porque este está dependente em primeiro lugar do numero dos Socios que tem crescido é verdade, mas não tanto quanto devera n'uma associação d'esta natureza, destinada exclusivamente a exercer entre academicos desvalidos a mais nobre e mais sublime das virtudes—a caridade; e em segundo lugar do systema de cobrança que tem melhorado já, e irá progressivamente melhorando. Vencidas que sejam estas duas difficuldades, verá a Sociedade abrir-se deante de si um largo horizonte, e poderá então, forte e vigorosa, practicar em grande escala os elevados fins da sua instituição, e mesmo até dar a estes muito maior latitude do que a que é concebida nos Estatutos.

A Direcção conhece que muitos mancebos, que não podem deixar de sentir as immensas vantagens d'esta Associação, e de ter uma grande sympathia por ella, ignoram completamente o seu movimento e a applicação que se dá aos seus fundos, ou formam a este respeito juizos menos exactos por más informações que recebem. E por isso deliberou n'uma das suas sessões que se publicasse todos os mezes uma conta circumstanciada da

sua receita e despesa, e effectivamente começou isto já a observar-se em Novembro passado. Mas como por alli não é possível adquirir-se um conhecimento cabal do estado da Sociedade, nem da distribuição dos seus meios pelo modesto escrupulo que tem tido sempre as Direcções em publicar os nomes dos academicos prestacionados, aquelle conhecimento só poderá conseguir-se, consultando-se os livros e documentos da Sociedade, que se acham patentes na Secretaria, e cujo exame, podendo por um lado illucidar quaesquer socios que tenham formado juizos menos bem fundados da administração da Sociedade, pôde também por outro lado suscitar alguns conselhos e esclarecimentos uteis que vão illustrar a Direcção, e que esta receberá sempre com reconhecimento, como uma prova d'interesse pelo bem da Sociedade.

De certo, senhores, podereis conhecer pela conta corrente juncta, e ainda melhor pelos livros e documentos existentes na Secretaria, as differentes verbas de receita e despesa d'esta administração; ahi vereis que nas primeiras figuram principalmente as de tres bazares que a Direcção promoveu em beneficio da Sociedade, e em que obteve resultados satisfactorios; e nas segundas as prestações mensaes, e matriculas que ella deu durante todo o anno a seis academicos.

A Direcção, conformando-se com a prudente deliberação tomada já pela Direcção antecedente, de deixar sempre que fosse possível em cofre um saldo de 300\$000 rs., para occorrer ás suas despezas extraordinarias, teve sempre muito em vista esta ideia na sua gerencia, e compraz-se ao menos em vos deixar effectivo em cofre a quantia de 388\$645 rs., não contando aqui as dividas activas da Sociedade que se acham legalmente garantidas, e que sommam em 73\$885 rs.

A Direcção conclue pedindo-vos, lhe releveis quaesquer omissões e erros que involuntariamente commettesse no exercicio das suas attribuições, e retira-se fazendo os mais ardentes votos pelo engrandecimento e prosperidade da Sociedade Philanthropico-Academica.

Coimbra, Sala da Direcção da Sociedade Philanthropico-Academica, 15 de Janeiro de 1855.

Doutor Joaquim José Paes da Silva, *Presidente.*

” José Manoel Ruas, *Fiscal.*

José Eugenio da Silva Ramos, *Procurador.*

Manoel Pinto d'Araujo, *Vogal ordinario.*

Manoel José da Fonseca, *Secretario.*

1881
1882
1883
1884
1885

1886
1887
1888
1889
1890

1891

1892
1893
1894

1895
1896
1897

1898
1899
1900

1901
1902
1903
1904
1905

1906
1907
1908
1909
1910

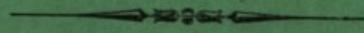
1911
1912
1913
1914
1915



Preço da assignatura.

Por 1 anno	1:200 réis
Por 6 mezes.	600 »
Avulso	160 »

Pode-se assignar remettendo directamente a importancia da assignatura ao Redactor principal da REVISTA ACADEMICA, Alexandre Meyrelles, Rua do Corpo de Deos n.º 34, em Coimbra. Toda a correspondencia deve ser franca de porte.



Subscreve-se para a REVISTA ACADEMICA—em Lisboa, na loja do Sr. Lavado, *Rua Augusta* n.º 8; no Porto, Braga e Guimarães, na loja do Sr. Moré; em S. Miguel, em casa do Sr. Manoel Cardoso d'Albergaria e Valle; na Terceira, em casa do Sr. José Bensabat; no Fayal, em casa do Sr. Rodrigo Alves Guerra.



REVISTA ACADEMICA

JORNAL MENSAL.

N.º 6—MAIO DE 1854.

INDICE DOS ARTIGOS.

Srs.		Pag.
	Testamento politico	101
	Collegios de educação	104
Alexandre Meyrelles	Necrologio	107
J. de Lemos	Victoria linda	108
Maria C. de C. C. de V.	A rosa dos amores	110
Alexandre Meyrelles	Paginas de vida intima	ib.
	Reflexões sobre o theatro Allemão	112
Alexandre Meyrelles	Sociabilidade	113
"	Discurso	115
	Theatro Academico	117
	A infancia e mocidade dos grandes homens	119
	Maximas e pensamentos	120

Coimbra

IMPRESSA DA UNIVERSIDADE

1855.

Sala 10
Gab. 7
Est. 7
Tab. 14
N.º 64

MEMORANDUM FOR THE RECORD

DATE: _____

TO: _____

1. _____

2. _____

3. _____

4. _____

5. _____

6. _____

7. _____

8. _____

9. _____

10. _____

11. _____

12. _____



Quando os espiritos preocupados, e como aturdidos por uma fatal vertigem, retiram os olhos do passado, tão rico de tradições gloriosas, e os voltam para um futuro, em que esperam se ha de proclamar á face da Europa, que nós os Portuguezes que no seculo quinze e dezeseis assombrámos o mundo com grandes descobertas e conquistas, resignamos o lugar de povo independente e livre, para nos pôr-mos á mercê da Hespanha, julgámos, que fariamos um serviço ás letras e á patria transcrevendo na REVISTA ACADEMICA uma das peças mais preciosas, que conhecemos, de um dos nossos mais profundos diplomatas, D. Luiz da Cunha.

A liberdade com que o ministro de D. PEDRO II. fala ao principe D. JOSÉ, que depois foi Rei, honraria qualquer Republica, por mais livre que ella fosse. O espirito compraz-se em ver, desde tempos os mais remotos, o character Portuguez rivalisar sempre em nobreza, altivez e firmeza com o das nações mais civilizadas da Europa. As sabias medidas e conselhos propostos por Luiz da Cunha, mereciam ser vertidos em todas as linguas, e decorados por todos aquelles, a quem Deus confiou a governação dos povos.

Mas o que sobresáe, a nosso ver, entre todos, é a escolha, que Luiz da Cunha aconselha a D. JOSÉ dos seus ministros, sendo entre elles a d'esse celebre Sebastião José de Carvalho, a quem Portugal deveu o ter sido durante muitos annos uma potencia de primeira ordem.

Com que sagacidade Luiz da Cunha não desenha o genio arrojado e profundo do que foi depois Marquez de Pombal? E ao mesmo tempo que grandeza d'alma se não manifesta nos elogios prestados aos seus rivaes em gloria?

Admira-se a politica d'este grande homem em querer harmonizar entre si todas as altas funções administrativas, pondo á frente d'ellas homens de uma politica e character homogeneo. A este gravissimo erro da má escolha dos ministros, de que tem resultado a Portugal tantos males (e sirvam de prova as convulsões politicas por que temos passado, e o atrazo em que nos achamos, já em commercio, já em agricultura, já em sciencias, já finalmente em navegação), queria Luiz da Cunha obviar, dotando o paiz com bons e sabios administradores.

Finalmente para não enfastiar-mos os nos-

soz leitores com repetições, pallido reflexo d'este precioso escripto, que nada deixa a desejar tanto na belleza da forma, como na excellencia da materia, remataremos por observar que uma das idéas fixas e dominantes de Luiz da Cunha, era promover o progresso da navegação, convencido de que a natureza, collocando-nos n'uma tão pequena fita de terra, apontara-nos com o dedo para o mar.

Este pensamento, que o marquez de Pombal soube aproveitar em grande escala, fazendo respeitar a nossa bandeira em todas as partes do mundo, não foi depois proseguído com ardor, antes parece, que se varreu da cabeça dos nossos estadistas, mais occupados em engrossar o numero de seus partidarios e creaturas, do que em promover o beneficio do commercio e da navegação.

Paremos aqui. Mas mais de espaço voltaremos a este assumpto, que intendemos ser, permitta-se-nos a expressão, d'interesse *palpitante*, e em que se devem empenhar sem distincção de côres politicas, todos os que prezam a nossa independencia e liberdade, porque, se hoje ainda lhes podemos dizer, salvai a patria agonizante, amanhã não sabemos o que será de nós e da patria.

Alexandre Meyrelles,

TESTAMENTO POLITICO.

De D. Luiz da Cunha, nosso Embaixador em França, onde morreu, e Thio do Secretario d'Estado do mesmo nome, que falleceu no anno de 1775.

Senhor,

Na tristissima, e summamente dolorosa idéa, que naturalmente se póde fazer, de que El Rei Nosso Senhor, glorioso Pae de V. A. nos venha a faltar, que praza a Deus o não vejamos, senão depois de passados muitos annos; e na doce esperanza de que V. A. subirá ao Throno de seus Inclytos Avós, para d'elle gozar por seculos inteiros; tomo a liberdade de me pôr aos seus Reaes Pés, com a mais humilde e reverente submissão, para que, lembrando-lhe que sou o mais antigo Ministro, que o Senhor Rei D. PEDRO Heroico Avô de V. A. no anno de * * * frou da casa da Supplicação para o servir no Ministerio Estrangeiro, e que nelle me conservou El rei N. S. até agora, e que fundado nesta

antiguidade; e no zelo cuidadoso, com que sempre procurei cumprir com a minha obrigação, pego na pena para ter a honra não de lhe pedir algum premio pelos meus serviços, mas sómente para pôr na sua Real Presença quaes são os meus sentimentos com a liberdade, que o dicto Senhor muitas vezes não só me *permittiu, mas expressamenje me ordenou*; e assim me aproveito della para quando V. A. tome com a felicidade, que lhe desejo, as reideas do Governo dos seus reinos, e dilatadas conquistas, para o bem dos seus fieis vassallos.

Se me servir, Senhor, d'alguns exemplos não serão tirados da Historia, que faria larga e fastidiosa a sua leitura, que procurarei abreviar quanto me for possível, mas das maximas que vi practicar em Inglaterra, em Hollanda e França; ainda que nem todas se possam seguir pela differença dos climas, dos governos, dos interesses, dos tempos e pelos diversos genios das Nações.

Em primeiro lugar, Senhor, naquelle temido, infausto, e natural accidente (que não espero vêr) estou bem certo que V. A. não mostrará logo, que em certas cousas quer tomar o *contra pé* do Governo d'Elrei seu Pae; e que quando se vir obrigado a fazel-o, será mostrando, que são differentes occurrencias, que o forcãam a tomar differentes resoluções, porque se não diga, que V. A. as emenda, antes as venera. Estou igualmente certo que V. A. conservará por uma Mãe tão Sancta, como é a Rainha N. S. o mesmo respeito, e filial veneração com que até agora a tractou (effeito da admiravel e christã educação que ella lhe deu): que V. A. vivirá com a Serenissima Princeza do Brazil sua Amabilissima e Real Consorte, na máis cordeal e sincera confiança que se possa desejar: Que mostrará a SS. Altezas Irmãos e Thios, que a sua elevação ao Throno não lhe diminuiu em cousa alguma o amor e carinho devido ao sangue que lhe corre nas veias.

Estas obrigações são pessoas, e de um dever do homem; mas as de Rei, sem offender as que insinuo, são mostrar que V. A. é unico Senhor, e que todos, sem excepção de pessoa, são seus vassallos, e dependentes unicamente das suas Reaes Resoluções.

Debaixo pois d'estes principios, já se vê que não serei d'opinião que V. A. a titulo de descanso se sirva de um Primeiro Ministro, por duas, entre outras muitas razões. A primeira, *porque Deus não poz Sceptros nas mãos dos Principes para que descansem*;

senão para que trabalhem no bom governo de seus reinos, trabalho digo, que lhe será muito suave, se repartirem bem e inalteravelmente as horas; porque estou certo que sobejarão as que bastem para as empregar nos divertimentos que convém ao seu character, entre os quaes conto os da caça, não porque seja como alguns dizem a imagem da guerra; porque não ha armas, que menos se lhe pareçam; pois nella se não vê mais que muitos cavalleiros, e uma infinidade de cães, que correm atrás dos pobres animaes que fogem, e não se defendem; mas porque este divertimento serve a dissipar os grandes cuidados, de que o Principe está sempre preocupado.

A segunda, e ainda mais forte razão vem a ser, que o dicto Ministro ordinariamente tira ao Soberano o credito, que elle se arroga a si mesmo: desconsola os naturaes, e perde muito com os estrangeiros.

O Duque de Marlborough se levantou com o poder, que se devia á Rainha Anna de Inglaterra. O Duque d'Orleans, se arrependeu muito de haver dado a Luiz XV. por *Primeiro Ministro*, o Cardeal de Bois, que servindo-se daquelle eminente character concebeu mandal-o prender, havendo-o levantado do pó da terra; e por isso, logo que aquelle indigno Prelado falleceu, o substituiu no seu Governo; e se nelle lhe não succedesse o Duque de Bourbon, já mais a Princeza de Polonia seria Rainha de França; porque Madame de Priai, que o dominava, se deixou comprar; e em fim ninguem ousou applicar-se em direitura a Luiz XV. em quanto viveu o Cardeal de Fleury, sob pena de perder a sua pretensão.

Com tudo o Cardeal depois de reconhecer que o Governo de um tão grande Monarcha excedia as suas forças, achou Mr. Chauvelin, que tinha todas as qualidades necessarias para o poder alliviar, associou-o a *Primeiro Ministro*; mas vendo que dois Gallos não cantavam bem em um só poleiro, se viu precisado a desfazer-se de Chauvelin, antes que Chauvelin se desfizesse delle, pois que para isso começava a tomár as suas medidas. Isto que digo do *Primeiro Ministro* milita tão bem com o *valido* para que V. A. se não sirva do primeiro, nem se deixe enganar de quem procura ser o segundo, porque ordinariamente ambos cuidam mais em estabelecer o seu poder, do que em conservar a reputação do Principe de que só deviam ser zelosos; o que em Portugal é mais perigoso;

pois que por um intoleravel e impio abuso temos feito habito de nos esquecer-mos de Deus, para nos applicar-mos aos seus Sanctos, ou tidos por taes, costumando dizer que são os seus validos.

Mas, Senhor: Os validos do Céu são mui differentes dos validos da terra; porque os primeiros conforme o nosso proverbio *não rogam senão quando Deus quer; e os segundos, as mais das vezes, pelo que nem Deus, nem o Principe* querem. Deus me preserve de dizer, que a applicação que se faz aos Sanctos, como validos da Majestade Divina é supersticiosa, porque a Egreja definiu que ella era util, mas não necessaria; porém digo sómente que a que se faz aos validos da Majestade Humana é ainda mais necessaria, para ser util, que seja em grande prejuizo da independencia do Principe, e da mesma Monarchia. Em uma palavra, Senhor, todo o poder, que o Primeiro Ministro, ou valido se attribue não é outra cousa, senão uma pura usurpação, por não dizer escandaloso furto, que se faz á sagrada auctoridade do mesmo Principe.

Porém sem recurso a exemplos estrangeiros, V. A. tem de casa um terrivel, se quizer reflectir sobre o perigo a que nos expoz o Ministerio, e valimento do Conde de Castello Milhor, e na sua vizinhança o de PHILIPPE III. e PHILIPPE IV., que sem embargo de serem tão grandes Monarchas, como não viam as cousas dos seus dominios senão pelos olhos dos seus primeiros Ministros e validos; não só perderam no mundo a sua reputação, mas tambem a da mesma Monarchia. V. A. tambem se pôde lembrar do pouco caso que pessoalmente se fez de PHILIPPE V., porque se deixava governar pela Rainha sua Mulher, e esta pelo Cardeal Alberoni, até que concorreram muitas razões, para que aquella Princeza se cansasse da sua petulancia, e o mandasse sair de Hespanha.

Depois de ser o meu pensamento que V. A. fuja de ter um primeiro Ministro, ou um valido, não sei se lhe ajunctara que tambem se dispensasse de ter um Confessor, quero dizer, com este titulo; porque com elle auctoriza para querer ingerir-se nas cousas do Governo, e fazer-se respeitar, servindo-se do Confessionario para tirar, ou encher o Principe de escrúpulos, segundo convém aos interesses da sua ordem, de seus Parentes ou amigos, do que podera allegar muitos exemplos, se não temesse a diffusão d'este

papel: mas como seja preciso, que o Principe faça vêr aos seus vassallos, que regularmente practica os preceitos da Egreja, dissera que V. A. escolhesse para Cura da sua Freguezia um homem de boa vida e costumes, desinteressado, prudente, sem ser hypocrita, e com a sciencia, que baste, para tranquillizar a sua consciencia nos casos que lhe propoz, e que com elle se confessasse; porque tenho observado que a Theologia de Frades, principalmente a dos Jesuitas, que são os que mais a estudam, e por isso mais aptos para adoptarem as opiniões que possam agradar ao confessado, se fôr Principe, e não um pobre lavrador, é em geral perigosa.

Se alguém me accusar de que n'esta parte abraço as maximas de Machiavelo em quanto diz — que o Governo Monarchico seria o mais perfeito de todos, se o Principe não tivesse validos, nem confessor, confesso a minha culpa sem arrependimento algum, e ainda em silencio passo á Dama, de que aquelle refinado Politico quer que o Principe seja exempto: porque graças a Deus, que entre as muitas virtudes de que Deus dotou a V. A. tem a de não querer romper a fé conjugal, para não auctorizar com o seu mau exemplo a dissolução entre os dois sexos, como fez LUIZ XIV. de França e CARLOS II. de Inglaterra, não sem grandes prejuizos de seus Governos; de sorte que nas suas côrtes ainda hoje reina o espirito do *deboche por ser a unica moda, que se augmenta, mas não se muda*; e CARLOS II. que sem embargo de ser um Principe muito distrahido, tinha muito intendimento, costumava dizer, que *o governo das mulheres era o melhor, porque nelle governavam os homens; e que o Governo dos homens era o peor, porque governavam as mulheres*; do que em si mesmo tinha a experiencia, porque se deixou governar por Madame de Portsmouth, assim como LUIZ XIV. por Madame de Maintenon.

É verdade que S. Majestade teve uma especie de Primeiro Ministro, que foi o Cardeal Motta; especie digo de Primeiro Ministro, porque ainda que em certo modo fazia as suas funcções, nunca o dicto Senhor o revestiu d'aquelle character; e o que todo o mundo lhe deu (porque eu nunca pessoalmente o conheci) foi de ser muito bom homem, modesto, bem intencionado, e limpo de mãos, com muito pouco conhecimento dos negocios Estrangeiros, e ainda menos activo nos domesticos; dois defeitos irreparaveis

em quem se encarrega da direcção das cousas publicas, porque delles resulta demorarem-se as resoluções, que passam pelas suas mãos; e assim não vejo que em tantos annos de Ministro fizesse alguma cousa em beneficio do Reino, tanto a respeito do seu commercio, como da sua navegação, manufacturas e forças assim terrestres, como maritimas, passando o tempo em outros projectos, sem resolver algum, do que proveiu não deixar á posteridade saudade da sua memoria.

O que na minha opinião se lhe deve louvar são duas cousas—a primeira de haver sempre aconselhado a S. Majestade de conservar em paz e quietação os seus vassallos, quando toda a Europa ardia em guerra, e quando outros podiam inspirar que se aproveitasse da occasião em que a Inglaterra a declarára á Hespanha, a fim de forçar aquella corôa a que conviesse em cumprir exactamente o que com ella estipulámos no Tractado de Utrecht; pois uma diversão da parte de Portugal não lhe permittiria acudir á guerra de Italia com as forças que a França lhe propunha. A segunda foi concorrer com o seu arbitrio para que S. Majestade sendo instruido da confusão em que *Diogo de Mendonça Corte Real* deixára os papeis das Secretarias que servia, principalmente depois do incendio das suas casas, em que muitos se desencaminharam, e outros pereceram, lhe desse melhor providencia, repartindo entre tres Secretarias aquelle trabalho, a que um só, até aquelle tempo, não sem queixa das partes, dava tanta expedição, sem a poder evitar pela affluencia e variedade dos negocios, já estrangeiros, já domesticos e já ultramarinos; e nesta parte um animal, e tão grande animal, como é o camello, mostra mais juizo, e menos presumpção que o homem, pois soffre só a carga com que póde, por se não deitar com ella; de maneira que comparo a cabeça de cada individuo a um vaso, que, quando se lhe deita mais agua do que a que póde conter, trasborda, derrama-se e turva-se a que fica nelle.

Em fim V. A. sabe a divisão que Sua Majestade fez da Secretaria, e os Ministros que para ellas nomeou, todos muito dignos de servirem aquelles empregos com toda a satisfação, e só se reparou que todos fossem creaturas do Cardeal, principalmente a do Reino, que foi seu irmão, para que cada um obrasse conforme lhe infundisse. Não digo que esta foi a intenção, com que aquelle Prelado fez a inculca a sua Majestade; mas

mas é incontestavel que as apparencias foram taes.

(Continua.)

OS COLLEGIOS DE EDUCAÇÃO.

Eu sempre pensei que o genero humano seria reformado, se o fosse a educação da mocidade.

(LEIBNITZ.)

Tendo como causa unica da felicidade dos povos a instrucção pela intelligencia e pelo coração, não se consignou de balde o bem que de futuro resultaria a essa mesma instrucção, se se tractasse, com a seriedade que o assumpto reclama, de bem inspecionar, qual a organização, methodos e regulamentos, por que se dirigem em geral as escholae collegios *particulares*, que não o são tanto, como pretendem que elles sejam seus Directores e Chefes. Não nos incumbe de certo o projecto de regeneração para aquelles estabelecimentos; mas apontando alguns, em nosso vêr, defeitos, que alli se encontram, se ainda assim não temos o mérito da novidade, por serem da maior parte sabidos, avivamos a lembrança de lhes preparar a reforma, insistindo em pontos, talvez d'uma importancia capital. Convencemo-nos de que alguém virá, que, lido e competentemente versado na materia, concorra para a mais prospera execução de tão benefica e util empresa.

Analyzando, de passagem, os periodos principaes que percorre, no seu curto existir, a vida do homem, vemos que é justamente n'aquelle de que está dependente um bom ou máu futuro, que a sua educação é confiada a mãos extranhas, e ás vezes bem pouco zeladoras de tão importante missão.

Lançado no mundo pelo destino maravilhoso da Providencia, o homem, como se sabe, nem o seu ultimo fim poderia attingir, sem uma mão protectora que lhe guiasse os passos, sem uma força energica e poderosa que o dirigisse por sobre os milhares d'escolhos, que continuamente encontra na sua passagem. Na infancia, na adolescencia, na virilidade e na velhice, em cada uma d'estas épocas notaveis da vida, as difficuldades brotam incessantes, de toda a parte pullulam obstaculos, que o homem isolado, ainda que

mal, não poderia supplantar. Sublime porém em todos os seus resultados, mais que divina na sua origem, querida e apreciada por quem lhe sabe dar seu verdadeiro valor, a associação é um principio essencial, sem o qual todo o consequimento e aperfeiçoamento dos fins racionais se tornaria impossivel, principio cujos beneficios se reflectem no homem do berço ao tumulo, mas que o não exempta d'um penar acérbo, que tanto maior é, quanto mais descuidada foi a educação que lhe deram.

E na verdade, embalado pelos carinhos, que só dá o amor maternal, acalentado pela voz suave e harmoniosa da mulher, que assim se torna mais bella, o homem a par dos infantís folguedos, experimenta logo os amargores da vida, de que é vivo simulacro um grande numero d'incomodos physicos. Vem depois uma outra idade, que dizem de ventura, de crenças, de illusões, d'amor, em que a imaginação resplende d'um brilho immenso, em que tão facil é seguir os impulsos do coração, quanto custoso obedecer aos dictames frios e pausados do raciocínio. Combate desigual e terrivel, que tanto predomina e influe n'esta segunda phase da vida humana.

É no espaço que medeia entre o ultimo termo da infancia e os primeiros annos da adolescencia, que se recebe de ordinario a educação dos collegios: seguem-se depois os estudos superiores, que mal poderão ser proseguídos sem os elementares, que lhes servem de base. E se, por um lado, é para de-sejar que nos collegios se receba uma conveniente educação litteraria, a moralidade nos costumes é, por outro lado, digna da maior attenção. Falando assim, notaremos com tudo que ha uma differença sensivel entre aquelles em que predominou outr'ora um ou outro defeito, que a pouca reflexão fez nascer, mas que o tempo soube apagar, e os que só tem o desprezo e o abandono, por lhes não serem a principio dadas lições de doçura e agrado, exemplos de abnegação e generosidade, n'uma palavra, essas qualidades, que tanto elevam e abrilhantam o individuo, que as possui, quanto se tornam appeteciveis em quem as não tem.

E o que valem riquezas, honras, nobreza, a par do mais rico, mais honroso e mais nobre de todos os ornamentos do homem — a educação? Não é a riqueza um bem precario e muitas vezes inutil? Não são os titulos quasi sempre uma chimera sem significação nem sentido; as honras humanas, um jogo

de meninos, como muito bem lhes chamava o nosso Heitor Pinto? Não sei realmente que outro dote haja ahi que se avanteje áquelle, que sempre que acompanha o homem, lhe dá força e alento para supportar os revezes a que está sujeito nas crises delicadas e difficeis.

Deixae passar o opulento, altivo dos bens da terra, coberto d'estofo, recamado de ouro, no requinte da profusão; que tudo isso é tão ephemero, como o dar da esmola a que não preside a caridade evangelica, mas a simples ostentação; attentae que, assim como a lama das ruas não lhe respeita o elegante *tilbury*, a parte do mundo sensata, a quem não offuscam miserias mal *encobertas*, olhará para elle com escarneo e irrisão, se aquelles são os unicos documentos que attestam a sua existencia na sociedade; se todo aquelle fausto é o unico padrão por que se ha de afferir sua moralidade e engenho. Os titulos e honras, desprovidas do *dote essencial*, são ainda uma fraca garantia do merecimento do individuo, principalmente hoje que se mercadejam a cada passo, e que tudo é motivo para os requisitar e pedir, menos os sacrificios prestados em prol da patria e da humanidade. E tempo virá, e talvez não longe, digamos de passagem, em que á imitação do que fez, quasi em sentido identico, o immortal Cervantes, alguém queira occupar-se do grande serviço de caracterizar devidamente essa moderna phalange que aristocrata se appellida com orgulho impavido.

Nem se espere para o homem, na ultima quadra da vida, uma melhor sorte, se antecedentemente lhe faltarem com o poderoso estímulo da educação; vezes immensas terá de ser perturbado no repouso, que a idade, a todo o custo, lhe exigir.

A carencia, ainda que não absoluta, de conhecimentos, a ignorancia, por outra, é a chaga de que mais tem a recear a humanidade. A perfeição a que póde aspirar o intendimento humano, senão é illimitada, é digna da maior consideração; mas será nulla, e por tanto origem de venenosos fructos, se se não apresentarem os meios convenientes para a desinvolver e cultivar.

Tempo houve em que abortos da especie humana se não envergonharam em proclamar, como dogma, « que só póde ser bem governado, o povo que permanecer n'um estado de completa estupidez. » Hoje, no século em que vivemos, todo de progresso, illuminado como é, aquelle que tiver a peito

o bem estar da humanidade, que fôr devéras pensador e liberal, ha de forçosamente admittir que uma nação é tanto mais feliz, quanto mais se diffundir por ella uma boa educação moral. A civilização, com a illustração de todas as classes, subirá de ponto, e o povo que a possuir, não vegetará inglorio a um canto do mundo, entregue ao seu torpor e ignorancia, origem só de desprezo, mas occupará um logar honroso no grande banquete das nações. Toda a sua industria, artes e commercio serão empregados em objectos d'uma não facticia utilidade; as suas paixões e tendencias funestas hão de corrigir-se, ou pelo menos modificar-se; e o povo que assim fôr constituido, será um esteio de todo o governo recto, justiceiro e probo, como vigorosa alavanca para deslocar de seu mal cabido posto os que, longe de curarem dos sagrados interesses de seus governados, tem por unico fito o egoismo, e por devisa a desmoralização.

Se lançarmos um rapido olhar por sobre o catalogo de todos quantos homens celebres tem existido, acharemos que o maior numero saú das classes inferiores da sociedade: mas uma emulação nobre, um bem intellido desejo de preeminencia, foi o que quasi sempre os levou a sair da obscuridade, em que haviam nascido. Já se vê pois que se, n'um povo qualquer, as classes superiores forem as unicas que tiverem accesso a uma boa educação, bem fraca será a figura que poderá fazer esse povo nas sciencias e nas lettras. D'aqui a necessidade evidente de facilitar a todos os meios de se instruirem e illustrarem.

Em Portugal, porém, que só agora parece querer sair do lethargo em que, por tantos annos tem jazido, que ainda assim *tenteia*, na phrase d'um escriptor consummado, *as trevas d'uma ante-manhã silenciosa e regelada*, a educação deve ser sobre tudo esmerada nos que, possuindo as necessarias condições, tenham de presidir aos destinos publicos, na tribuna, no fôro, na imprensa; n'uma palavra, em tudo quanto possa promover o adiantamento dos que menos favorecidos da fortuna, possam um dia ter o logar que de direito lhes compete: é por isso que aqui nos occupamos d'uma classe especial, qual é a dos que frequentam de ordinario os collegios, já na côrte, já nas principaes cidades do reino.

Antes de entrarmos em considerações relativas ao que se passa, e devêra passar nos

collegios d'educação, faremos sobresaír a necessidade de intervir n'elles uma auctoridade superior. E de feito, se os homens pertencem mais á sociedade, que debalde os não chama para o seu gremio, do que aos entes de quem immediatamente receberam o ser; está demonstrado que todo o ensino, que se lhes der, longe de ficar ao inteiro e livre arbitrio da paternidade, deve ser, de mais alto, rigorosamente vigiado. Admittir nos paes para com os filhos uma indefinida liberdade d'educação, seria reconhecer n'elles uma omnipotencia, que manifestamente não têm. E com quanto se presuma nos paes, na qualidade de protectores innatos, um cuidado religioso sobre o desinvolvimento intellectual e moral de seus filhos, bem depressa nos certificaremos de que semelhante proposição soffre, por um concurso de causas, milhares de modificações. A sã vontade e a boa intenção que se suppõe presidir a todos os actos paternaes, não são ainda uma sufficiente garantia. Por mais adequados que nos pareçam os meios para a efficaz execução d'um fim, o resultado practico nem sempre nos é favoravel. Muitos e fervorosos desejos podem ser os d'um pae para que seu filho tenha a educação conveniente ao seu estado e posição; mas ou póde enganar-se na escolha dos mestres, ou não ter os conhecimentos que tal escolha requer. Ao Estado, como chefe da sociedade, compete pois, mais que a ninguém, evidenciar qual a excellencia dos methodos a seguir na formação dos dotes, que tanto caracterizam e distinguem cidadãos uteis e illustrados. Se a felicidade do individuo e das nações, do homem e da humanidade, está ligada a dois importantes pontos, *moralidade e saber*; a liberdade absoluta d'ensino é nimamente prejudicial. Sobre os governos pesa pois uma responsabilidade ilimitada, quando, longe de intervirem, abandonam entregues a si mesmas essas instituições, cujo fim muitas vezes, longe de ser o da educação da mocidade, não é mais que uma rede, lançada aos incautos, como meio de especulação de indolentes e ineptos.

(Continúa.)



NECROLOGIO.

..... Despedida
Solemne! E que expressão ha hi na terra
Em lingua d'homens, que traslade ao vivo
Todo esse accumular de sentimentos
Que em si de tal instante o adeus incerra.

(GABRET, Camões Canto II.)

Tristes dos que tem a lamentar a perda d'um pae, d'uma amante ou de um irmão, que ninguem virá depois encher-lhes o vazio, que a morte lhes deixou, nem desanuviar-lhes a frente carregada da dor profunda, *da dor como não ha na terra*, mas mais triste ainda, a mãe, que viu descer ao sepulcro a filha do seu coração, sem poder impedil-a de cair n'essa voragem, que uns chamam morte do corpo e do espirito, outros immortalidade!

O grito, que saíu das entranhas que conceberam a que vistes desaparecer da terra como uma visão celestial, e cuja passagem nem sequer tivestes tempo d'apreciar, tão rapida ella foi, não o podem pintar, nem descrever linguas humanas; só Deus sabe até onde elle chegou, só a sua omnipotencia penetrou o segredo d'essa dor,

Que longe cá nos desterra
Da vida do nosso amor.

Como o poeta, cujos versos abaixo se leem, venho eu tambem inclinar-me ante o augusto espectáculo d'uma mãe viuva de sua filha, d'um pae, e d'uma familia inteira coberta de mais negro lucto, que aquelle que recomendam os estylos e as pompas da terra — o lucto do coração.

Louco intento! dirá alguem, dirá talvez o

poeta, que em tão sublimes versos convidou a triste mãe a derramar copiosas lagrimas sobre a campa da filha, se pretendes erguer essa alma abatida, e fulminada pelas azas de fogo do genio da morte; mas mais louco ainda, se quando a dor se mitigou com o tempo, vens acordal-a ou provocal-a com teus cantos de tristeza.

Poeta! lhe responderia eu então. Se a tua lyra vibrou sons tão plangentes, que as faces da mãe, do pae e das irmãs, de lagrimas se regaram, esqueces-te com tudo, que para encher abysmo tão profundo devias primeiro remontar ao throno do Eterno, e ahí, curvados os joelhos, e attentos os ouvidos, escutar as palavras da Sabedoria Divina, para depois as vazares, sublimes de inspiração e de fé, no coração amargurado dos que a sós gemiam sem consolação nem remedio. Então, tu serias para elles, como um anjo que Deus lhes teria enviado para os consolar, vel-os-hieis de repente erguerem-se ao encanto da tua voz, e dizerem contigo « Que a paz seja comnosco porque Deus dignou-se de visitar seus servos, e cobril-os das suas misericordias.

Porque, ao contrario, choras-te, como Jeremias, sobre a louza coberta de flores da virgem que Deus chamou para si?

Ah! porque disseste?

Feliz! de certo, e não chores
Dirá tudo á triste mãe;
Porque a filha, seus amores
Melhor mundo agora tem:
Não chores lhe persuade
A christã conformidade
Não chores... mas a saudade
Rebenta do coração;
Se curva a frente ao tormento,
Se obedece o pensamento,
Vem rebelde o sentimento
E as faces regadas são?

E mais adiante:

Senhor! Senhor! não tinhas lá mais anjos?
Tão depressa, Senhor?!
Pois faltam-te no Ceu córos d'archanjos
A cantar teu louvor?

Não sabias, quantos rios de lagrimas haviam de fazer correr, esses teus versos, á pobre mãe?

Où cuidas-te que tão *negra pena* carecia antes de ser excitada, que alliviada pelo balsamo da religião e da fé, e que era preciso descer aos abysmos da dor, para d'ahi soltares teu canto de maldicção e de descrença?

Perdoa, poeta christão, se inspirado pelo desejo de restituir a uma mãe e a uma familia, que nadam na tristeza, a alegria, que depois de pago o primeiro tributo á natureza, seu coração deve sentir, eu accuso aqui teu funebre canto de descrito e maldicto.

Sei, que plantou Deus em tua alma a fé, com tão fundas raizes, que a não poderia arrancar um scepticismo igual ao d'esse poeta da descrença, de que tanto se gloria a orgulhosa Inglaterra. Mas não sabes que os labios que soltam uma queixa d'Aquella a cujo aceno se movem os ceos, a terra e o mar, são réos de lesa majestade divina, e que ao homem não é permittido o accusar de rigorosos ou injustos os decretos da Providencia?

Agora direi eu a essa mãe desconsolada.

Para que é chorar? Para que é gemer? Essa joven tão formosa, nascida á sombra do cedro tantas vezes ferido pelo raio, mas sempre de pé, e orgulhoso por ter ouvido as meigas salas que a linda *Ignez de Castro* falou a PEDRO I., essa flor tão viçosa que eu vi tantas vezes baloiçar-se em suaves ondulações ao sopro das brisas do Mondego, não tinha por ventura tudo do ceo? Os olhos, em que se retratava a celestial candura? Os cabellos, que em longas tranças lhe pendiam do collo d'alabastro? O rosto em que se lhe devisava a pureza dos anjos? No corpo em fim, complexo de graças e perfeições, vieis por ventura alguma cousa, que não fosse umas formas aerias, vaporosas e divinas? E quarieis que o anjo vivesse erradio e perdido cá no mundo, sem voar á sua patria primitiva?

Filha dos vossos amores, embalada no berço por vossas mãos, beijada mil vezes nos accessos da vossa ternura, querida, e idolatrada pelas virgens do Senhor no Real Col-

legio das Ursulinas, vossa filha, vossa irmã, antes de o ser da terra, era-o primeiro do ceo.

Deus chamou-a de direito para si. Sua voz poderosa do alto de seu throno retumbou no espaço, e quiz ver uma virgem do Mondego em todo o esplendor da belleza.

E ella partiu alegre e contente, como a andorinha, quando depois de longa ausencia, volta á sua terra natal.

Não lhe vistes o sorriso angelico adejando nas bordas do tumulo? E que sua alma caminhava já para Deus!

Suspendei pois vossas lagrimas, e adoraes a mão providencial, que visitou vossa morada, e vos pediu esse anjo.

Com estas palavras rematarei este modesto epitaphio á memoria da Ex.^{ma} Sr.^a D. *Maria da Victoria Osorio Pereira de Menezes*, filha do digno Par do Reino, o Ex.^{mo} Sr. *Antonio Maria Osorio Cabral* e da Ex.^{ma} Sr.^a D. *Maria da Conceição Pereira de Menezes*.

Se este tributo de sincera e grata amizade lhes servir de lenitivo, peço-lhes tão sómente que meditem as seguintes palavras de um dos maiores poetas da Inglaterra, *Alexandre Pope*, sobre a campa de de dois amantes.

« Que quando Deus faz baixar ao tumulo
« a innocencia, é egualmente justo, seja qual
« for o tempo em que descarrega a sentença
« de morte; porque a misericordia, que tira
« a vida, é a mesma que a conserva. »

Coimbra, 28 de Janeiro de 1855.

Alexandre Meyrelles.

VICTORIA LINDA.¹

Á EXM.^a SR.^a D. MARIA DA CONCEIÇÃO PEREIRA DE MENEZES.



I.

Sôpro de morte, em tua aurora ainda,
Victoria linda, desbotou-te a côr;
Voz do Senhor a outra vida infinda,
Victoria linda, te chamou em flor!

¹ Estes versos foram feitos por occasião da morte da Exm.^a Sr.^a D. *Maria da Victoria Osorio Pereira de Menezes*, que nasceu na Quinta das Lagrimas, junto a Coimbra, em 16 de janeiro de 1841, e falleceu na mesma

Nascida á sombra de formoso cedro,
Onde Dom Pedro meiga Ignez amou,
Como chorou a morta Ignez Dom Pedro,
Ao pé do cedro tua mãe chorou.

Fonte de lagrimas e amor chamada
Viu-te embalada na tua infancia ahi;
Do Ceu aqui tu vinhas já fadada
A ser chorada neste amor por ti.

Vento dá tarde te levou sem custo,
Qual tenro arbusto sem raiz no pé;
Mas vaes co'a fé enraizar sem susto,
Do throno augusto do teu Deus ao pé.

Como arribada d'outra praia á beira,
Ave estrangeira que por cá gemeu,
Do patrio ceu a suspirar fagueira
N'aza ligeira remontaste ao Ceu.

Anjo da morte a derradeira hora
Na torre agora que soou já diz,
O bronze quiz alli chorar . . . não chora,
Nem prece implora . . . só bradou — feliz!

II.

Feliz! de certo, e não chores
Dirá tudo á triste mãe;
Porque a filha, seus amores,
Melhor mundo agora tem:
Não chores lhe persuade
A christã conformidade,
Não chores . . . mas a saudade
Rebenta do coração;
Se curva a fronte ao tormento,
Se obedece o pensamento,
Vem rebelde o sentimento
E as faces regadas são.

Nem ha crime nesse pranto,
Dá Deus prantos para a dor;
Na amargura tem encanto,
Que nutre magoado amor;
As lagrimas são do homem,
Por privilegio lh'as tomem,
Que se a luz dos olhos somem,
Tambem nellas brilha luz;
Quando da Cruz já pendia
O Filho, que lhe morria,
Tambem a Virgem Maria
Foi chorar aos pés da Cruz!

Chora, pois, ó mãe saudosa,
Chora a filha que morreu,
Folha a folha d'essa rosa
Recorda o que já foi teu;
Pinta as graças na memoria,
Essas graças, doce gloria,
Que da formosa Victoria,
N'alma e corpo, podes ter;
Beija o nome—prophecia
Da victoria que a devia
Na vida, e na morte um dia,
C'roada sempre trazer.

Quinta em 15 de janeiro de 1855, sendo enterrada no dia 16 em que completava 14 annos de idade. Sua extremosa mãe, a quem os versos são offercidos, costumava charmar-lhe *Victoria linda*, e d'esta terna expressão do affecto maternal se tomou o titulo da composição.

Se vês triste o esposo ao lado,
Se os mais filhos tristes vês,
Se o teu anjo é tão chorado,
Tu mais na dor te revês;
Mais lembra então que voara,
Na falta mais se repara,
Mais viva se retratára
A pomba que andava alli;
Era a alegria de tudo,
Na mesa, no brinco e estudo,
E tudo agora vês mudo,
E a saudade cresce em ti.

Oh! não ha, não ha na terra
Outra dor como essa dor,
Que longe cá nos desterra
Da vida do nosso amor;
É das penas negra pena,
Toda a outra é mais pequena,
E se Deus não a condemna
Deixem a pena penar;
Se nos leva todo o riso,
Se ás vezes leva o juizo,
Do gozado paraíso
Possa a saudade ficar.

Chora, chora, alma pungida,
Pobre mãe, se allivio é teu;
Intendo-te a dor sentida
Que bem perto a vi já eu;
Tambem de filha formosa
Vi na face melindrosa
Desbotar nascente rosa,
E a morte em torno a rugir;
Da sepultura aos regêlos
Vi-lhe os pés ir a descel-os,
Quando Deus pelos cabellos
A suspendeu de caír.

Tu foste mais desgraçada,
Rôla viuva, bem sei;
Choras na campa fechada,
Na campa aberta eu chorei;
Mas nessa magoa que eu tinha
A tua bem se addivinha,
E por isso acceita a minha
Que contigo chorar vem!
Ah! dize, como eu dissera,
Se é anjo do Ceu . . . poderá,
Vivendo como vivera,
Ser anjo depois tambem.

III.

Mas lá vae . . . oh! lá jaz . . . inda fumegam
Mal extinctos brandões! . . .
Agora em volta os crepes se despregam . . .
E das sanctas canções
Nos já desertos muros da capella,
Só resta o echo a suspirar por ella!

Quatorze primaveras! . . . Falta um dia . . .
Dia do seu natal! . . .
Ai! mas nesse . . . infeliz! . . . a mãe fazia
Da filha o funeral!
E em vez de festa em honra da donzella,
Só resta o echo a suspirar por ella!

Senhor! Senhor! Não tinhas lá mais anjos?
Tão de pressa, Senhor?!
Pois faltam-te no Ceu córos d'archanjos
A cantar teu louvor? . . .
Roubando cá da terra essa voz bella,
Só resta o echo a suspirar por ella!

Eterna mágoa nunca interrompida
 Esta, ao menos, será;
 Entre a morte e a memória, espaço à vida
 Alegre não terá,
 Que da alegria da apagada estrella
 Só resta o echo a suspirar por ella!

J. DE LEMOS.

A ROSA DOS AMORES.

Linda rosa dos amores,
 Linda flor do coração,
 Symb'lo da minha ventura
 Nos dias que já lá vão.

Que é feito de ti? Murchaste,
 Fugiste, sonho fagueiro?
 Porque tão pouco duraste
 Doce engano lisongeiro?

Porque deixaste na terra
 A minha alma tão vazia,
 Porque findaste esse sonho
 Que a minha dita fazia?

Fugiste, foram contigo
 Doces enganos d'outr'ora;
 Das illusões que eu nutria
 Só restam cinzas agora.

Cinzas só, que não desenham
 N'esses campos do porvir
 As mil fagueiras esp'ranças
 Que antes lá via sorrir.

Fagueiras esp'ranças minhas,
 Que não mais as vi voltar,
 Illusões dos verdes annos
 Que entre prantos vi murchar.

Pobre flor! Tu eras minha,
 Mal podias resistir,
 Branda aragem da ventura
 Nunca te veiu sorrir.

Quiz dar-te a vida, aquecer-te,
 Dei-te um lugar no meu peito;
 Foi de balde, porque o gelo
 Da descrença te ha desfeito.

Foi de balde, o desengano
 Bem depressa te cortou,
 Das venturas que me deste
 Só a saudade restou.

Murchaste, murchou contigo
 Dos meus annos o verdor,
 Hoje em vez d'alegres hymnos
 Solto só cantos de dor.

Maria C. de C. C. de V.

PAGINAS DE VIDA INTIMA.

VI.

París.

Continuado de pag. 93.

O Leão.

Mais longe, aonde o Sena soluçando
 volta sobre seus passos, e faz mais
 de um rodeio para buscar no seu lodo
 a cidade que banhava, e que ainda
 hontem era sua companheira, mais
 longe, a riba chorava, a onda bra-
 mando dizia ao mar até onde sua
 vista o alcançava :

Ó mar, vem em meu auxilio, e entre-
 ga-me o que te resta do meu impe-
 rador de Sancta Helena. No mesmo
 logar, um povo tinha decepado uma
 cabeça de rei d'antiga raça. Este
 tronco de gigante, que jazia insepu-
 lto, levantava-se sempre nos joelhos,
 e gemendo procurava uma cabeça.
 Mas em quanto os que estavam em tor-
 no delle, e com elle choravam, lh'a
 arremessavam aos pés, elle sopesan-
 do-a, a deixava cair como um péso
 de mais para forças d'homem. Tres
 vezes isto aconteceu, tres vezes a
 cabeça lhe caíu, tres vezes o velho
 tronco pediu um chefe real, para co-
 roar a chaga que sangrava sobre
 seus hombros. Esta vista, dura de
 supportar, arrancou-me dos olhos
 lagrimas de leão.

S. Marcos.

Não achaste senão isso n'essa França
 tão temida?

O Leão.

Revolvi as areias do abysmo; varri
 com a juba a praia. A França não
 deixou nem ouro, nem vasos, nem
 braceletes custosos, nem preciosas
 arrecadas, nem variegados mosai-
 cos, nem marmoreas escadas. Nella
 só achei este tronco de roble calca-
 do nos combates, só este bico d'a-
 guia de bronze, e estes punhos d'es-
 pada sem mancha, que aqui vos tra-
 go para os guardardes com o vosso
 braço.

(EDGAR QUINET, AHAVERUS.)

Quem não tem ouvido pronunciar com
 assombro o nome d'esta cidade tão famosa,

centro da industria e do commercio, fóco luminoso d'onde partem para todos os pontos do globo a civilisação e a liberdade?

Quem, por mais limitado que seja o circulo em que tenha vivido, por mais obscuro que seja o canto de terra, em que nasceu, não tem desejado visitar esses monumentos, essas praças e essas ruas, aonde se representaram as tão variadas scenas d'esse pomposo drama da civilisação moderna?

Mas quantas vezes tambem, povos da Europa, não desejastes vingar a affronta de haverdes sido em cem batalhas subjugados por essa raça de heroes, por esses filhos de Paris? E com tudo é tal o prestigio que a cerca, tamanho o esplendor e magnificencia que a cingem como de uma triplice muralha de fogo, que os barbaros atravessaram, silenciosamente e como tomados de respeito, suas ruas, quando o imperador *Alexandre*, depois da batalha de Waterlow, foi descansar no soberbo leito em que *Luiz XIV.* havia recostado a cabeça, e depois d'elle, o maior homem dos tempos antigos e modernos, *Napoleão*.

Porque é que o rosto altivo d'esses guerreiros do norte perdia assim da sua rudeza e ferocidade, ao entrar as portas da grande cidade?

Porque se lhes abrandava assim a colera a ponto de se tornarem de leões, mansos cordeiros? Não fôra alli que a Assemblêa Constituinte, proclamando a egualdade do homem perante a pena, havia decepado a cabeça ao infeliz *Luiz XVI.*, e convidado a Europa a um duello de morte?

Não fôra do seio sanguinolento d'essa mãe das nações, que haviam saído essas legiões armadas, que leváram as aguias francezas até aos campos da Moskova?

Que! Já vos não lembra de quando o clarim das batalhas soava desde o Sena até aos Appeninos, desde o Tejo até ao Ebro? Que juras não fazieis então de não deixar pedra sobre pedra, se um dia vosso braço vingador podesse fazer sentir a esse inimigo terrivel os males que vos causára? Cumpristes acaso vossa promessa? Ahi a tendes; velha prostituta, cansada de satisfazer os caprichos d'esse Attila moderno, abre-vos os braços para se saciar comvosco de crimes e de infamias.

Que esperaes? Reis e imperadores, é chegado o momento de firmar sobre vossas cabeças essas corôas vacillantes, que um sopro do leão de Paris pôde lançar por terra. Autocrata de todas as Russias, lembra-te, ao

menos, das torres incendiadas do Kremlin! Representa-te Moskova, e seus bellos edificios devorados pelas chammas! Rei da Prussia, recorda em teu espirito o combate encarniçado de Iena! Tu, imperador da Austria, prepara-te para lavar a nodoa de teres sido tantas vezes vencido dentro da tua propria capital! E a ti tambem, orgulhosa Inglaterra, chegou a tua vez de humilhar a altivez da tua rival!

Palavras, que o vento leva, e que se desfazem como a néve aos raios do sol, quando se avistam, negrejando no horizonte, suas torres devassando as nuvens, quando ella vos mostra o seio palpitante de prazer, e vos fala meigas falas de ternura pela bocca de suas graciosas nymphas, quando em fim vos convida não á carnagem, não a scenas horriveis de morte ou de pilhagem, mas a que vos mistureis com o ruído sempre incessante de suas festas, a que danseis ao som dos seus mil instrumentos, e que por fim, quando cansados de festas e prazeres, vos deixeis adormecer em seus braços.

Roma, a loba das nações, na phrase eloquente d'um escriptor contemporaneo, não se pôde applaudir de tanto! Quando o estrangeiro entrava em seus muros, era sempre sacudindo sobre elles o facho do incendio. Mas não sabeis que Paris é ainda hoje o que foi Capua para esse general Carthaginez, o mais bello typo de guerreiro, que conhecemos na historia depois de Napoleão e de Alexandre?

Agora que vos tenho iniciado na parte mais intima das minhas reflexões ao entrar n'essa grande cidade, reflexões que vos teriam occupado outro tanto tempo, por pouco que tivesses folheado as paginas da historia, quero conduzir-vos á rua do *Bac.* Era ahi que morava, se a memoria me não engana, um homem de que tereis ouvido falar muitas vezes, porque o seu nome é hoje bem conhecido na Europa.

Em 1830, havia em Coimbra, terra de gloriosas recordações, e berço famoso das letras Portuguezas, um frade da ordem de S. Agostinho, a quem todos prestavam homenagens de respeito e um verdadeiro culto de admiração, porque nunca a uma tão nobre physionomia se unira alma mais pura, nem intelligencia mais elevada. Vendo-o subir ao pulpito com passo firme e resolute, como quem já se não preocupava dos pequenos interesses da terra, dissereis, que a eloquencia d'um Chrysostomó ou d'um Vieira,

era quem lhe dava tamanho esforço; e juro-vos que vos não enganaveis, porque quando sua voz trovejava do alto da tribuna Evangelica, não havia resistir-lhe.

Bello e sublime espectáculo (me dizia ainda não ha muitos annos um homem respeitavel, que o vira muitas vezes annunciar a palavra de Deus), quando o illustre missionario assomava ao pulpito; pois dos olhos se lhe despediam faiscas que deslumbravam, e dos labios torrentes de palavras, que caíam nos corações, como gotas d'orvalho!

Pois bem! Esse frade que assim attrahia aos seus discursos a população illustrada de Coimbra, esse cidadão benemerito, esse amigo da humanidade, esse sabio em fim, era o Doutor *José da Silva Tavares*, conhecido tambem em Portugal pelo nome de *Sacra Família*.

(Continúa.)

Alexandre Meyrelles.

REFLEXÕES SOBRE O THEATRO ALLEMÃO.

Continuado de pag. 95.

A segunda peça tem por titulo *os Piccolomini*. É aqui que a acção começa; a peça porém acaba sem que termine a acção. Atase o nó, *desinvolve-se os characteres*, vem a ultima scena do quinto acto, e cae o pano. Só na terceira peça, *a morte de Wallstein*, é que o poeta collocou o desenlace. As duas primeiras são verdadeiramente uma exposição que contém mais de quatro mil versos.

As tres peças de *Schiller* parece não se poderem representar separadamente; são-no todavia na Allemanha. Já se vê pois que os Allemães toleram ora uma peça sem acção, *o campo de Wallstein*; ora uma acção sem desenlace, *os Piccolomini*; ora um desenlace sem exposição, *a morte de Wallstein*.

Formando tenção de fazer conhecer ao publico francez esta obra de *Schiller*, conheci a necessidade de reunir em uma só as tres peças do original. Esta empresa offercia muitas difficuldades; tornava-se impossivel uma traducção, ou mesmo uma imitação exacta. Seria necessario comprehender pouco mais ou menos em dois mil versos, o que o auctor allemão apresentou em nove mil. O exemplo porém dos que tentáram

traduzir poetas estrangeiros em verso alexandrino, prova que este genero de versos carece de continuos circumloquios. O mais habil de nossos traductores em verso, o abade *Délille*, a pezar do seu prodigioso talento, não conseguiu, n'este ponto de vista, vencer de todo a natureza da nossa lingua. Traduziu em muitas partes *Virgilio* e *Milton*, por meio de periphrases d'uma elegancia e harmonia inimitaveis, mas muito mais extensas que o original; *Boileau*, traduzindo o principio da *Eneida*, poz em vez de dois, tres versos, como observa *M. de La Harpe*, e nem por isso deixou de omittir uma das circumstancias mais essenciaes com que o auctor latino quiz impressionar o espirito do leitor. Eu tinha pois de lutar, n'uma traducção, contra um primeiro obstaculo, e havia de encontrar um segundo no proprio assumpto. Tudo o que diz relação á guerra de trinta annos, cujo theatro teve logar na Allemanha, é nacional para os Allemães, e, como tal, conhecido de todos.

Os nomes de *Wallstein*, de *Tilly*, de *Bernardo de Weymar*, d'*Oxenstiern*, de *Mansfeld*, avivam, na memoria de todos os espectadores, lembranças que para nós não existem. D'este modo pôde *Schiller* apresentar uma multidão d'allusões rapidas que os seus compatriotas comprehendiam facilmente, mas que eram sem significação para os Francezes.

Entre nós ha geralmente um certo abandono para com a historia estrangeira, que se oppõe quasi inteiramente á composição de tragedias historicas, como as que se encontram na litteratura das nações vizinhas. As mesmas tragedias que se occupam de assumptos tirados dos nossos annaes correm o risco de caírem na obscuridade. O auctor dos *Templarios* teve de acrescentar á sua obra notas explicativas, em quanto que *Schiller*, na sua *Joanna d'Arc*, assumpto derivado da história franceza que elle apresentava a um publico allemão, tinha a certeza de encontrar nos seus ouvintes sufficiente massa de conhecimentos que o dispensasse de qualquer commentario. As tragedias que mais triumpho alcançaram em França ou são de pura invenção, porque d'este modo exigem poucas noções preliminares, ou são derivadas da mythologia grega, e da historia romana, porque o estudo d'esta mythologia e d'esta historia faz parte da nossa primeira educação.

A familiaridade do dialogo tragico, nos

versos jambicos ou não rimados dos Alle-mães, seria ainda, para um traductor, d'uma difficuldade consideravel. A linguagem da tragedia allemã não está subjeita a regras tão minuciosas, nem tão restrictas como a nossa.

O pomposo obrigado do verso alexandrino precisa sempre de sustentar certa grandeza na expressão.

(Continúa.)

SOCIABILIDADE.

Continuado de pag. 98.

Negae á palavra escripta a sua poderosa influencia, e podeis depois negar ao sol o brilhantismo de seus raios. Rasgae a epopéa de Homero, lançae ao fogo os versos sublimes da Iliada, da Odyssea, e a Eneida de Virgilio; supprimi os Luziadas de Camões, a Jerusalem do Tasso, e todo esse catalogo de obras luminosas e profundas; fazei que não existam Platão, Aristoteles, Cicero, Newton, Descartes e Leibnitz, e dizei-me depois se o mundo não recua seis mil annos d'existencia, e se não volta outra vez para a ignorancia, para a barbarie e para as trevas!

Agora será ainda mistér enumerar-vos todos os outros factos que provam a sociabilidade humana?

Será mistér dizer-vos qual o motivo, por que o homem parece no meio dos seres, que povôam o mundo material e sensível, como de uma natureza superior, como destinado a empunhar o sceptro e a dominar como rei? Será mistér dar-vos a razão d'esse privilegio sublime que lhe deu o Omnipotente sobre as outras creaturas, privilegio a que elle deve a sua preeminencia ou inferioridade sobre seus semelhantes, a sua celebridade ou olvido, as homenagens ou o desprezo, o odio ou a affeição da posteridade? Ah! tendes o seu passado, soletrae-o letra por letra no grande livro dos destinos da humanidade. Vereis que o espirito de Deus se manifesta nelle desde o primeiro dia da criação; e que é esse mesmo espirito quem ainda hoje o acompanha através dos seculos.

Será mistér dizer-vos que o homem não procura unir-se á mulher por laços indissolueis só para satisfazer os desejos dos sentidos, mas para obedecer a uma lei suprema da

sua natureza, constante e irresistivel, que lhe faz ter em horror o isolamento, que lhe faz desejar uma companheira que partilhe das suas alegrias e das suas penas, que seja testemunha sincera de seus triumphos, que o console nos seus revezes? Será preciso tambem accrescentar que o homem deseja perpetuar o seu nome, ainda mesmo alem da campa?

O homem nasceu para a familia; a familia é o seu estado natural, legitimo e necessario.

Se seu coração s'inflamma ao pronunciar os nomes de patria e liberdade, se como *André Chenier*, batendo na testa, sente que possui alguma cousa de grande e de sublime, conhece, comtudo, que ha um vazio que ninguem lhe póde encher, senão a voz meiga e terna da mulher.

É-lhe preciso encontrar no limiar da porta, ao recolher das suas luctas e fadigas um rosto puro e gracioso, que o venha receber com festas e carinhos, uma bocca seductora prompta a abrir-se para lhe entornar consolações.

O homem, como dizia o anno passado na Revista o meu nobre amigo *Santos e Silva*, *só então vive pelo amor, e para o amor, pela mulher e para a mulher, pelo sentimento e para o sentimento.*

Mas quantos terão experimentado o amor como elle o pintou, grande como o pensamento que o gerou, sublime como a imagem de Deus d'onde tira a sua origem?

Quantos terão conservado isolado e puro o germen que lhes inoculou Deus no coração?

N'este seculo de corrupção e de calculo, é licito duvidar que hajam muitas d'essas almas escolhidas ou predestinadas por Deus para continuar essa cadêa brilhante de gloriosos destinos. Uns votam-se aos frios prazeres do egoismo brutal e desenfreado. Outros desfallecem no caminho, porque pensam que é uma condição da humanidade, uma lei Providencial, que n'esta terra, em que tudo deve morrer, os sentimentos não podem escapar a essa lei fatal d'anniquilação. A dor, dizem elles, apaga-se; a alegria esquece-se... e a paixão extingue-se!...

Estes são dignos de compaixão, porque conservando o germen da sensibilidade, não tiveram com tudo bastante força para o fecundar.

Como o viajante que extenuado de fadiga, caminhando nos desertos da Africa, julga ver perfilarem-se sobre o azul dos céos os mil

contornos das Mesquitas e os ramos das palmeiras, e que depois de ter caminhado muito tempo, quando se acha no meio d'areas eternos, e debaixo d'um sol ardente, reconhece que era victima d'uma illusão dos sentidos, assim é para elles a illusão da alma, a mais cruel de todas.

O contrario d'estes são os que sacudiram o pó dos seus sapatos para se não mancharem ao contacto da corrupção, que pediram a Deus esperança e força, e que caminharam sós e intrepidos por entre os escolhos da vida.

Vêde esse homem, cuja vida se passou como a d'esse Herrmaan, de que nos fala Goëthe, e que caminhou sempre direito na estrada da honra, que teve sempre suas vistas inclinadas para Deus, acha-se um dia unido a uma mulher, a um anjo, que lhe converteu a vida n'um paraíso. Seus dias passam limpidos e serenos como o ribeiro que corre através dos campos. De manhã, quando o sol começa a dourar as montanhas, levantam-se e saudam-no com alegria e reconhecimento. De tarde, quando o sol se põe, seguem-no com a vista nos longos circuitos, que elle faz no horizonte, até que o vêem ou atufar-se nas ondas, ou sumir-se por detrás das montanhas; então, eil-os que abençoam a hora do repouso e da felicidade; seus filhos crescem em belleza e em virtudes; achaes por ventura esta pintura exaggerada?

Abailard amou Heloiza até á morte, e Heloiza sepultou-se nos muros d'um convento, porque, não podendo viver da realidade d'um amor que haviam tornado impossivel physicamente, quiz votar-se e sem reserva ao culto da sua generosa paixão.

Camões, esse nobre Poeta Portuguez, o typo da verdadeira honra e lealdade, amou *Catharina d'Athaide* até morrer; arrostou a morte em cem combates, compoz os *Lusidas*, e quando voltava para lhe offerecer o glorioso premio de seus generosos esforços, encontrou-se com o ataúde que levava ao sepulcro os restos da sua amante.

Pouco tempo depois definhava-se n'um hospital, e como Chatterton e como o Tasso morria de dôr e desesperação. Tudo isto prova que o coração do homem é mais poetico e sensível, do que muitos cuidam.

Hoje mesmo n'esta mesma hora em que estou escrevendo estas linhas, passam-se talvez scenas d'heroismo e abnegação.

Aqui é um mancebo que rejeita uma fortuna brilhante para se unir a uma donzella

pobre dos bens da fortuna, mas nobre de coração e de intelligencia; alli uma donzella que calca aos pés o oiro e as honras que lhe offerecem para se dedicar a um mancebo cujo coração é tão grande aos seus olhos, que por elle deixa sem pena, nem remorso, familia, patria, honras, tudo em fim, para lhe votar seu coração e partilhar seu destino.

Se eu não conhecesse n'este mundo almas como as de que acabo de falar, se eu não accreditasse profundamente n'esta obra divina, o homem, se eu não estivesse convencido, que em seu coração ha mais germens de bem do que de mal, seria mais que egoista, mais que avaro das affeições d'alma, seria como esse Stenio de que nos fala Eugene Sue no seu bello romance a *Salamandra*: seria cynico! O prazer seria o meu Deus; sacrificaria a essa bachante desganhada todas as alegrias puras da minha alma, seria em fim perjuro ou covarde, se tanto fosse preciso para saciar minhas paixões.

Mas eu creio no homem e na mulher, e afasto para longe de mim essa illusão cruel das imaginações infermas, que se comprazem muitas vezes em torturar o coração sem razão nem motivo, só para poderem ter o direito de se queixar do seu destino.

Acham um prazer occulto em julgar a sua posição sob um aspecto sombrio, porque a dor eleva o homem a uma altura quasi infinita. Lembra-se que Deus sanctificou o soffrimento, e querem imital-o. Louca presumpção! porque Deus quer que o homem seja feliz mesmo sobre esta terra, que não é senão um lugar de passagem para a eternidade.

Mais teriamos que dizer, se pretendessemos desinvolver todos os argumentos que provam a sociabilidade humana; mas tudo quanto vos dissessemos seria pouco, que não bastam as estreitas dimensões d'este artigo para tão vasto assumpto; ou seria talvez muito, porque uma verdade radicada na consciencia de todos os homens, e registrada nos livros da sciencia, como uma verdade mathematica, não carece de raios extranhos, brilha da sua propria luz.

Alexandre Meyrelles.



*Discurso pronunciado em sessão solenne da Sociedade Philanthropico-Academica pelo Procurador da mesma Sociedade, Alexandre Meyrelles do Canto e Castro, no primeiro de Maio de 1852.*¹

Meus Senhores:

A Direcção da Sociedade Philanthropico-Academica vem hoje collocar uma pequena pedra no grandioso edificio, em que trabalham tantos obreiros illustres. Não é porém uma flor que ella vem trazer ao templo; é o ramo d'um cardo ignoto e pobre, mas que foi colhido com devoção; é um anhelar ardente pelo bem da nossa terra, umas gotas de suor da fronte de mancebos.

Conta já a nossa sociedade dous annos de vida, e no meio deste seculo transitorio e ligeiro, que por nós vae correndo, largo viver é este. Carece todavia mal sazonado fructo de arvore moça, de quem lhe ampare os ramos, lhe regue o tronco, lhe dirija a nutrição.

Que seria da sociedade que sustentaes com tanto disvelo, se á caridade, que inspirou seus nobres fundadores, vós substituisseis o frio e gelado indifferentismo?

Morta em breve, dir-se-hia della o que de tantas outras se tem dicto no nosso mal-fadado paiz; assim como nasceu, assim morreu. O arbusto da montanha quando o vento o sacode, se o cedro gigante lhe não estende sua mão poderosa, inclina a cabeça para o chão, e despedaça suas raizes na terra. Vós, senhores, sois o cedro que abriga com sua sombra o pequeno arbusto. Retirae vossas vistas d'esta sociedade nascente, e tereis anniquilado o futuro de muitas familias, e talvez, as esperanças da patria; pois quem sabe quantos genios que ó sopro da desgraça ha amortecido, poderão ainda um dia abrigar-se debaixo do vosso tecto hospitaleiro? Quem vós disse, que a Providencia não destinou a algum nobre mancebo protegido por vós, arrancado por vós á miseria, á fome e á prostituição do corpo e do espirito, o salvar a nossa cara patria da ruina que

¹ A pedido d'alguns amigos, e por querer conservar de um modo mais duradouro as recordações da minha vida Academica, resolvi-me a publicar este pequeno discurso que pronunciei por occasião do anniversario da instalação da Sociedade Philanthropica, e que me não consta ter sido ainda publicado.

lhe está imminente? Quem ha ahi d'entre os filhos d'esta terra, por mais pequeno que seja, de quem se possa dizer: este tem uma voz cujos sons se perdem nos ares, um braço cujos golpes não tem força para defender o que ha de mais caro no mundo, um peito aonde o ferro do inimigo não ha de encontrar resistencia? Nenhum, senhores, porque na hora do perigo, velhos, mulheres e crianças só tem um coração unisono para offerecer em holocausto á terra da patria; nenhum, porque todos nos lembramos, que este ar que respiramos, é o ar que nos soprou nas faces nos dias da infancia, este sol que nos allumia é o sol que guiou nossos navios pelos mares do Oriente, este céu que se estende sobre nossas cabeças é o céu Portuguez, tão bello, como nenhum outro no mundo, e aonde nossos pensamentos se retratam com amor, aonde procuramos os oceanos do infinito, e os immensos horizontes que o braço da Providencia lançou no espaço.

Que felicidade, senhores, ter nascido n'esta terra, aonde as recordações são tantas, que hoje, que parece ter tombado para sempre o astro da nossa gloria, ainda nos podemos sentar ao sol das nações e dizer-lhes: como vós, nós tambem já fomos, mas em troco de nossas passadas grandezas deixounos Deus um ar tão livre, que não ha tyrannia que dure muito tempo nas nossas montanhas e terras e rios e mares, onde repousamos a vista adormecidos ao som de suas vagas.

Sabeis, o que deu a Portugal riqueza, independencia e liberdade no passado? Foi a união de todos os seus filhos, a associação livre e generosa de quantos braços então lavravam a terra, e sulcavam os mares.

Abraçados como irmãos fomos desenrolando pelo mundo as Quinas Portuguezas, e nem Moiros nem Christãos poderam derribar a terrivel muralha de peitos d'aço que nós lhe oppozemos. Diga-o Ourique, Aljubarrota e essa nunca interrompida cadeia de combates que fez restituir ao Evangelho esta boa terra de Portugal, terra mais que nenhuma de martyres.

Digam-no' as nossas façanhas no Oriente, e veja-se sobre as ruinas d'Ormuz o astro da guerra, Albuquerque, dilatando com seu sangue o imperio Portuguez.

Mas o que nós fomos, ainda podemos sê-lo. Vêde a Suissa, povo pequeno, respirando a liberdade nos seus rochedos brancos

de neve, encravada no coração da Alemanha, mas forte pela união de seus filhos, terrível no dia da peleja.

Somos pequenos na extensão, é verdade, mas na Europa, na Asia, na Africa, nos Açores, a nossa lingua ainda é falada por corações Portuguezes. Não são os vastos

¹ Hoje, que os partidarios da união Iberica manifestam tão abertamente o intento de fazer de Portugal e Hespanha uma vasta monarchia ou confederação republicana sob o titulo d'Iberia, estas idéas parecerão demasiadamente talvez retrogradadas. Com tudo os três annos que se seguiram á epocha, em que este discurso foi pronunciado, não me fizeram mudar de proposito, antes perseverar n'esta idéa, consagrada pela historia, que um povo pequeno, mas unido, ainda que a politica das nações não assente sobre o equilibrio constitucional, tem em si poderosos recursos para manter a sua independencia e industria.

Estes laços feitos á viva força entre nações que durante seculos tiveram sempre a lança em punho uma contra a outra, e cuja historia está assignalada por longas e cruentas batalhas, correm, por via de regra, o risco de serem annullados e dissolvidos, senão pela geração que os contrahiu, pelo menos pelas que se lhe succedem. Para não ir mais longe basta lançar os olhos para essa mesma Hespanha, que os Iberos Portuguezes chamam o jardim da Europa. Quantas provincias não estavam annexas á corôa de CARLOS V. e de PHILIPPE II? Unidas pela espada, ou por allianças de familia, mais tarde sacudiram o jugo, e esmagaram os seus oppressores. Nós mesmos depois d'esse ignominioso captiveiro principiado em 1580, arrancamos, sessenta annos depois, a librê d'escravos, e desfraldamos outra vez ao vento as cores da independencia. Todavia não eram nem montanhas nem rios que nos separavam de Hespanha, nem a differença do idioma, que é quasi irmão do nosso; as circumstancias que hoje fornecem tão largo assumpto aos pomposos discursos dos evangelisadores do Iberismo, eram as mesmas que então se davam, salvas as differenças que a civilização traz sempre consigo, mas differenças que nunca alteram a organização regular e peculiar de cada povo, a ponto de lhe fazer esquecer suas tradições, seus rancores e rivalidades. O character Castelhana era n'esse tempo, e é ainda hoje, orgulhoso e vingativo. O character Portuguez é altivo e generoso. Desculpem-nos a franqueza com que aqui, n'estas poucas linhas, expendemos a nossa opinião.

Não conhecemos o povo Hespanhol, senão pela historia; e por isso podemos enganar-nos; mas a historia confirma este nosso juizo.

Repugna com o nosso senso politico e moral uma assimilação ou feita a golpes d'espada, ou por tramas a *Christovam de Moura*, ou por pactos de familia, porque intendemos que a herança dos povos não deve ser nem patrimonio dos reis, nem brinco d'ambiciosos.

Á vista do que deixamos dicto, dirá alguém. « Vós quereis então que este povo viva eterna-

dominios quem tornam um povo feliz; vive-se mais contente na choça do pastor do que no palacio do rico.

A natureza foi prodiga connosco, deunos o pão que alimenta, o vinho que alegra o espirito, e os fructos deliciosos da America; todo esse manancial de prosperidade

mente na miseria, que a divida externa e interna lhe devore as suas ultimas migalhas, que venha depois a bancarrota lançal-o no abysmo da dissolução, vós quereis a escravidão em lugar da liberdade, a tyrannia em lugar da justiça, o privilegio em lugar da egualdade, a monarchia em lugar da republica. Não! nós não queremos nem a escravidão nem o privilegio, nem a tyrannia nem a monarchia, e logo que nos provardes que esses quatro flagellos das nações podem desaparecer com o vosso systema de monarchia ou confederação Iberica, iremos pedir-vos um lugar nas vossas fileiras, e a honra de combatter pelo triumpho da vossa causa.

Por em quanto permaneceremos no nosso posto, e se um dia ouvirmos o clarim das batalhas chamando as armas pela independencia, ali aonde essa bandeira tremular sem nos importar se são legitimistas ou republicanos os que querem defender a liberdade da patria contra o jugo do estrangeiro, havemos nós correr por vontade e coração.

É, que primeiro que as nossas aspirações está a consciencia e o dever; é, que primeiro que as nossas crenças politicas está o symbolo de todas as liberdades e de todas as crenças — a patria! É, que finalmente para dizer tudo em poucas palavras, não temos a louca vaidade de querer impôr aos nossos compatriotas o credo que professamos. Somos pela Republica, e seriamos contradictorios com o nosso systema, se para obter o pomposo título de reformadores, desprezassemos os maximos interesses do povo.

No meio d'essa lucta implacavel que arma os partidos e os povos uns contra os outros, uns, e é um grande numero, tem a liberdade nos labios e o despotismo no coração, outros porém defendem a liberdade do pensamento e a causa da justiça e da verdade.

Os ultimos são sempre os perseguidos e calumniados. São os martyres do seculo.

Quando os ferros se cruzam no chão da patria, não distinguem bandeiras; para elles todos são irmãos; mas quando o estrangeiro quer desapossal-os da herança honrada de seus avós, julgar-se-hiam réos d'infamia e covardia se com o ferro lhe não disputassem a posse.

Estes são os homens da cousa publica. Não recebem o santo de nenhum partido, não vendem a liberdade de seu pensamento por todos os interesses da terra. Se um dia uma d'essas idéas que passam rapidas no espirito como a centelha, que ora fulgem no espaço, coroadas de luz, ora se precipitam nas trevas, pôde, sem perigo para a patria, sem offensa para a liberdade ser defendida e apregoadada por elles, fazem-no com enthusiasmo e com fé, e abençoam a hora em que essa idéa se arreiçou no solo, e se transplantou nas instituições.

seria porém uma rapida chimera, se nos deitassemos no chão, como o Turco indolente, ou como o Arabe do deserto, e se o não augmentassemos pelo trabalho, pela industria e pela associação de todos os esforços.

Se desunidos e disseminados continuar-

Mas, esses homens, d'antes quebrar que torcer, odeiam e abominam o papel d'esses energúmenos traidores, que se estorcem em vãs declamações, promettendo a todos liberdade, egualdade e fraternidade, tres irmãs gêmeas, que nunca viveram junctas a não ser no cerebro escandecido de Platão, de Saint-Simon, Pierre Leroux e Robert Owen.

Terminaremos igualmente esta nota, que já vae demasiado longa, com uma confissão que quizeramos guardar no silencio do nosso coração, se a verdade não nos exigisse este sacrificio, e vem a ser que homens d'esta tempera, desassombrados de influencias, de partidos ou facções, escravos do dever e inimigos de todo e qualquer despotismo, conhecemos bem poucos no nosso paiz, e infelizmente não são os que governam essa nau do estado, batida de tantos ventos.

Palinuros perdidos no oceano das guerras fraccedidas, o vento das paixões arrojou-os sobre a praia do exilio, e o ostracismo politico, essa pena das republicas ainda na infancia, foi a recompensa de seus longos trabalhos, de seus serviços pela liberdade.

Não nos referimos aqui a nenhum bando politico em especial, que filhos da mesma patria são tanto os que combatem pela legitimidade, como os que combatem pela democracia.

Ha porém n'aquelles dois grandes partidos, e chamo-lhes grandes, não pelo numero de seus partidarios, mas pelas idéas que encerram, homens de coração, dos quaes, uns são votados a uma idéa consagrada por trinta ou quarenta seculos, outros a uma outra idéa, mas nova ainda, e com tudo já robustecida por um seculo de combates e triumphos.

Todos porém commungam no mesmo altar, e por isso, um dia, quando pela marcha incessante das idéas, e pelo progresso da civilisação, esses veteranos da antiga monarchia, olhando em roda de si, virem suas phalanges rareadas ou dispersas, ou que o solo da patria lhes treme debaixo dos pés, ameaçando tragal-os e a essa mesma patria que juraram defender, então hão de sepultar a sua velha e gloriosa bandeira tomando a Deus por testemunha de que o fizeram não por medo ou covardia, mas por julgarem um crime o lutar contra a lei providencial assignalada por Deus a cada povo na estrada do progresso, e só desde esse momento, que não será talvez em nossa vida, Portugal tornará a reconquistar o seu lugar entre as nações.

Que todos os que sentem bater-lhe no peito um coração Portuguez, meditem este pensamento de fusão, e nossos filhos poderão ainda ter uma patria, a liberdade um templo, e a justiça um altar em que todos hão de vir immolar seus interesses e paixões.

mos a rasgar as entranhas da patria, ella succumbirá depressa, e seus filhos nem sequer poderão prestar-lhe as derradeiras honras funebres, porque alguém virá depois lançar ao vento suas cinzas.

Então n'esta terra por onde passaram Romanos, Godos, Alanos e Suevos, se cruzariam novas raças, e a Europa teria de ver uma nova Polonia no occidente.

A vós, senhores, a quem serão um dia confiados os destinos d'este povo, incumbe o desviar para sempre tão medonho porvir. Continuae pois no vosso benefico empenho de derramar no paiz este salutar principio da associação, o unico, que nos pôde salvar, e que se diga por toda a parte que a Mocidade Academica é sempre a primeira nos nobres exemplos de dedicação e de gloria.

THEATRO ACADEMICO.

O Theatro, indubitavelmente, é o prazer predilecto de Coimbra. Em abrindo as suas portas, eis ahi o publico conimbricense a affluir á porfia, e a povoar profuzamente o salão; a platêa fica sem um lugar deserto, a galeria dos camarotes completamente, vistosamente, guarnecida. E, depois, tambem é o unico prazer n'esta terra o theatro: tudo folga, e se julga feliz de o gosar. Aqui os prazeres officiaes, e de cartaz são raros, e commemoraveis; são como a appareição meticolosa d'um cometa, ou como as formosas innundações do Nilo portuguez. Os bailes, concertos, *soirées*, qualquer festa emfim, são excepções da vida pautada e regrada da cidade. Um baile aqui, torna-se um acontecimento do dia, tem a sua historia, e merece os elogios do arrojo. Os obrigados circos-equestres, com os seus eternos e monotonos exercicios, pomposamente annunciados em cartazes hyperbolicos, em balde tentam attrair, e desfastiar, mesmo por algumas poucas horas. Algumas vezes, o fero combate de touros, tão gabado, e decantado de *divertimento nacional*, e essencialmente brutal e sanguento, vem levantar a poeira do circo, e encantar os amadores; mas estes combates são raros, e os amadores tambem não são muitos. Os prazeres reduzem-se, por fim, ás simplics reuniões familiares, aos passeios bucolicos, e ás impreteriveis e classicas practicas de amigós, e a pouco mais.

Eis a vida de gozos d'esta terra; eis as festas que a alegram, e lhe quebram a monotonia. Por isso, o theatro aqui é duplicadamente necessario, e triplicadamente apreciado. O Theatro Academico, portanto, deve ser querido n'esta terra, como o unico prazer possivel, como um antidoto do fastio e do *spleen*, — de que sempre se ha-de sentir roída uma sociedade ociosa, e erma de distracções. As suas recitas são sempre uma boa nova, não só para os que amam, e comprehendem a arte, senão para todos os que vão procurar na scena um recreio e uma diversão; pois n'este theatro tem sempre realçado o talento, e o gosto da mocidade academica, que lhe dá vida.

As ultimas recitas bem mostraram quanto é querido e desejado sempre um espectáculo: n'ellas a enchente foi real: a sala estava inteiramente apinhada. Ora, tambem é um motivo para apreciar o theatro o ser elle a exposição, o *rendez-vous* do mundo elegante de Coimbra:—lá vai mundo elegante em Coimbra, em que pese aos pessimistas d'esta terra. Mas aqui ha elegancia, ha *bom tom*. Isso ha. Veja-se. Entre-se no theatro,—já que n'outra parte não ha ver, nem admirar a elegancia e bom gosto conimbricense. Está tudo plenamente desdobrado, passe tudo em revista a porfiosa luneta, e o ponderoso oculo de punho. Quantos bustos elegantes se não debruçam por esses camarotes, quantas variadas formosuras não bordam aquella galeria! Alli as fórmas graciosas, e a mobilidade viva de palidas donzellas. Além um rosto oval e expressivo, typo singello de graça e poesia. Acolá uns gestos e ademanos distinctos, um *lunetar coquette* a cruzar-se incessantemente. Aqui a figura mais candida e *réveuse*, d'uma distracção e immobilidade adoraveis, a quem o dito mais provocante da scena não vale a abrir um sorriso na bôcca melancolica... Lá está uma virgem, joven, e suave, como um botão de rosa... e uma rosa, já aberta, e luxuriante, de gallas e perfumes, seductores... Vê-se um typo animado, moreno, bello das graças peninsulares. Descubrem-se typos gregos, romanos, britannicos, — bellos, artisticos, graciosos.

Na scena—o espectáculo no espectáculo—, na 1.^a das tres recitas, deu-se o Camões do Rocio. Esta comedia é do, fallecido, Sr. *Ignacio M. Feijó*; auctor de outra peça intitulada — *Carlos, ou a familia do avarento*, e habil traductor de varias peças do repertório do theatro da rua dos Condes, quando este

theatro mais floresceu, e possuia os nossos principaes talentos artisticos. As producções do Sr. *Feijó*, teem todas o sello do talento, e uma linguagem castiça, e appropriada. O Camões é uma engraçada comedia de costumes, e tambem de character; com um bello e terso estylo, fallada em portuguez, e com esses typos tão portuguezes, e tão da epoca, é digna de ser contada como uma das melhores comedias nacionaes, e, realmente, merece os triunfos da scena e da imprensa com que foi saudada no tempo da sua criação. Com tanta originalidade, tanta côr local, tantas feições characteristics, poucas comedias tem o theatro portuguez: n'elle, em grande parte, é quasi tudo imitação; as mais das vezes mescla contrafeita e repugnante de costumes estrangeiros, em que são os nacionaes amaneirados.

No Theatro Academico foi esta composição superiormente executada. Os actores, já conhecidos e estimados, deram novas provas de quanto podem, e quanto são apreciaveis seus dotes artisticos.

Os que fizeram as suas estreias revelaram os seus variados e proficuos talentos.

N'essa noite tambem, em obsequio, o Sr. Gasparini tocou, com o costumado gosto e mimo, algumas variações no seu *accordeon*.

Nas duas ultimas representações repetiu-se o Camões, e a Viuva, alternadamente, com duas comedias novas: — *Por causa de um algarismo*, e *O Juiz eleito*. Esta ultima, no seu genero, tem algum merito; aggrada ás platêas; faz rir, com esse sabor salgado de sal grosso.

São composições que deixam quasi tudo ao actor; mas este, embora encontre na platêa certos applausos, e estrepitosa hilaridade, prestando primeiro a arte, não se deve seduzir dos *claqueurs*, que estalam inoportunamente, e que quanto mais estão gosando parece que mais nada querem ouvir, affogando tudo com o impertinente entusiasmo, de que estão possuidos, com sensiveis interrupções para a scena. Os que mais teem o condão de fazer rir devem com cuidado livrar-se d'essa exaggeração que provoca, que tem perdido mais de um verdadeiro engenho comico, e que os despenha n'esse genero hoje do dominio das engenhosas livrarias ambulantes. E, depois, n'um theatro onde o actor só tem a temer os applausos, em nada deve sacrificar a arte, e a natureza, ao gosto e explosão de uma parte da platêa, que não deve ser a platêa da actualidade.

Os *couplets* e a musica eram proprios, e lo-
caes.

A outra peça foi a *Viuva*, do Sr. Gomes d'Amorim. Esta composição já foi devidamente avaliada por juiz competente: entra no numero das producções do talentoso poeta, auctor do *Ghigi*, e do *Odio de raça*, e outras mais. Egualmente, o seu desempenho agradeu, e foi applaudido.

Em quanto ao *Algarismo*, é uma *farça* de pouco merecimento, atada n'uns equivocos pueris, sem espirito, nem verosimilhança. Graças ao desempenho, pôde-se tornar supportavel.

A mocidade academica, que forma a actual companhia, não desmerece de quantas teem dado lustre, e verdadeiro renome á Academia Dramatica: cultiva uma arte, d'onde saem frutos com bellas flores.

Que o theatro não adoça de preguiça; e continue a alegrar os serões de Coimbra com os unicos prazeres de Coimbra.

A INFANCIA E MOCIDADE DOS GRANDES HOMENS.

Benjamin Franklin.

I.

Por variadas que sejam as formas com que se pretende multiplicar este livro eternamente instructivo da vida dos grandes homens, nunca serão demasiadas para tão util e elevado proposito.

Mas ha uma cousa a que nem sempre se tem attendido: é mostrar aos leitores d'este livro d'oiro da humanidade, como, desde os mais tenros annos, os homens, que conquistaram pela sua gloria a immortalidade n'este mundo, haviam preparado pela sua conducta e character, pelas tendencias de seu coração, e pela direcção de sua educação, o papel que depois vieram a representar. É o que hoje me fiz cargo provar, narrando a infancia e mocidade de Franklin, cujo nome é não só uma gloria para o paiz que o viu nascer, como para a humanidade inteira.

E na verdade, desde a mais tenra idade até ao momento em que depois de muitas luctas e privações a fortuna lhe sorriu, elle seguiu constantemente a carreira que se havia traçado, sem nunca se desviar d'ella uma

só linha. O spectaculo d'esta existencia é um dos mais excellentes livros que se podem offerecer aos olhos dos homens.

A applicação ao trabalho, o respeito pela familia, o ardor do estudo, a paciencia nos revezes da fortuna, o amor do bem, a caridade, a economia, todos os elementos em fim das grandes virtudes, e dos grandes talentos que mais tarde fizeram de Benjamin Franklin um homem illustre e util a seus semelhantes, um homem de bem e de sciencia, encontra-se nas menores circumstancias da sua vida de creança e de mancebo.

II.

Benjamin Franklin nasceu aos 17 de Janeiro de 1706, em Boston, capital da provincia de Massachussetts, então uma das colonias da America do norte sujeitas ao dominio inglez. Seu pae viera de Inglaterra estabelecer-se na America, aonde exercia a profissão de fabricante de sabão e de sebo. Estava mui longe de ser rico, e tinha sete filhos.

A familia de Benjamin, destinando-o, por ser o mais moço de todos, ao ministerio do Evangelho, collocou-o n'um estabelecimento aonde elle devia receber uma educação superior, que podesse um dia elevá-lo á altura d'um prégador instruido e distincto.

Franklin tinha então oito annos. Infelizmente seu pae, como já disse, não era rico, e bem depressa achando-se impossibilitado d'acudir ás despesas que necessitava tão brilhante educação, com grande pezar do pobre menino, que mostrava uma extrema assiduidade no trabalho, e notavel intelligencia, viu-se obrigado a retirá-lo do collegio.

Franklin foi então enviado para a escola gratuita de Boston, aonde apprendia tudo quanto era possivel ensinar-se n'um estabelecimento, em que a instrucção era sómente elementar.

Não tardou porém muito que seu pae o não chamasse para o ajudar na sua pequena fabrica de sabão e de sebo; mas Franklin mostrava uma invencivel repugnancia para semelhante mestér.

Então empregaram-no em casa d'um couteleiro. Aconteceu-lhe o mesmo que no collegio; os recursos da familia não foram ainda sufficientes para satisfazer o elevado preço que exigiam para a sua aprendizagem.

Franklin, filho obediente e respeitoso, soffria com paciencia estas continuas varia-

ções, conformando-se sempre com as ordens de seu pae, que não sabia a direcção que lhe havia dar.

Franklin, como se tivesse um occulto sentimento de seu futuro destino, não se tinha descuidado, durante este tempo, em continuar a instruir-se.

Falto de mestres, sem outros soccorros que os da sua firme vontade, trabalhava com assiduidade exemplar, lia bons livros, livros serios, e cultivava seu espirito em quanto seus braços estavam ociosos. Era precisamente n'algum d'esses livros que lhe tinham caído nas mãos, que elle havia bebido essa sabia resignação e prematura razão, de que nos offerece innumeradas provas a historia da sua mocidade.

Um de seus irmãos, operario typographo n'uma imprensa de Boston, obteve de o poder ter em sua companhia, e iniciou-o n'essa profissão que pareceu sorrir a Franklin, por demandar applicação da intelligencia, e por ser de feito a primeira das profissões manuaes. O tempo que seus camaradas consagravam aos prazeres e ás distracções proprias da sua idade, gastava-o elle em comprar livros. Todas as vezes que em algum livro achava algum preceito de moral, algum conselho sobre o modo de viver, de se alimentar, e de conservar a saude, fazia logo a experiencia, e em despeito do seu temperamento e da sua razão, adaptava-o a si, como regra de conducta ou de hygiene.

Era assim que desde a sua mocidade, elle se compuzera uma especie de código de que nunca se desviou, modificando-o sómente segundo as exigencias e condições da sua idade.

Por exemplo, tinha lido que o regimen dos vegetaes era mais sã para certas constituições, que não o das viandas; fez logo a experiencia, e foi sempre bem succedido; porque até morrer nunca tomou outro alimento. A grande vantagem que immediatamente lhe resultou, foi realisar uma economia notavel sobre o preço da sua alimentação, e applicou essas economias no augmento da sua bibliotheca. Tinha assim dous proventos ao mesmo tempo.

Franklin conservou-se cinco ou seis annos com seu irmão; mas este ultimo não foi sempre para elle o que devia ser. Resultou d'aqui uma desavença entre elles. Benjamin deixou a officina. Tinha podido aprender só e sem mestre duas sciencias mui difficeis, as mathematicas e a astronomia; o

que lhe inspirou não orgulho, porque nunca houve homem mais modesto, mas uma certa confiança mui legitima nas suas forças. O conhecimento que tinha das mathematicas e da astronomia inspirou-lhe a idéa de se fazer marinheiro. Seu pae não annuiu a este seu desejo. Franklin sujeitou a sua vontade á de seu pae, sem replicar; mas como se tractava d'achar em que se empregar, e n'essa epoca não existia em Boston senão uma só imprensa, a de que elle acabava de sair, viu-se obrigado a deixar a sua terra natal para ir procurar n'outra parte emprego para os seus braços e intelligencia.

Franklin tinha então quinze annos.

Embarcou para New-York; a viagem tirou-lhe a vontade que tinha d'abraçar a vida maritima. Não tendo achado emprego nas imprensas de New-York, poz-se a caminho para Philadelphia, e concluiu a jornada de uma a outra cidade quasi toda a pé. Só no fim, quando extenuado de cansaço, é que embarcou em um navio, e obteve a sua passagem por preço mui modico, com a condição de ajudar a tripulação nas manobras.

(*Continúa, e acaba no proximo numero.*)

Maximas e pensamentos.

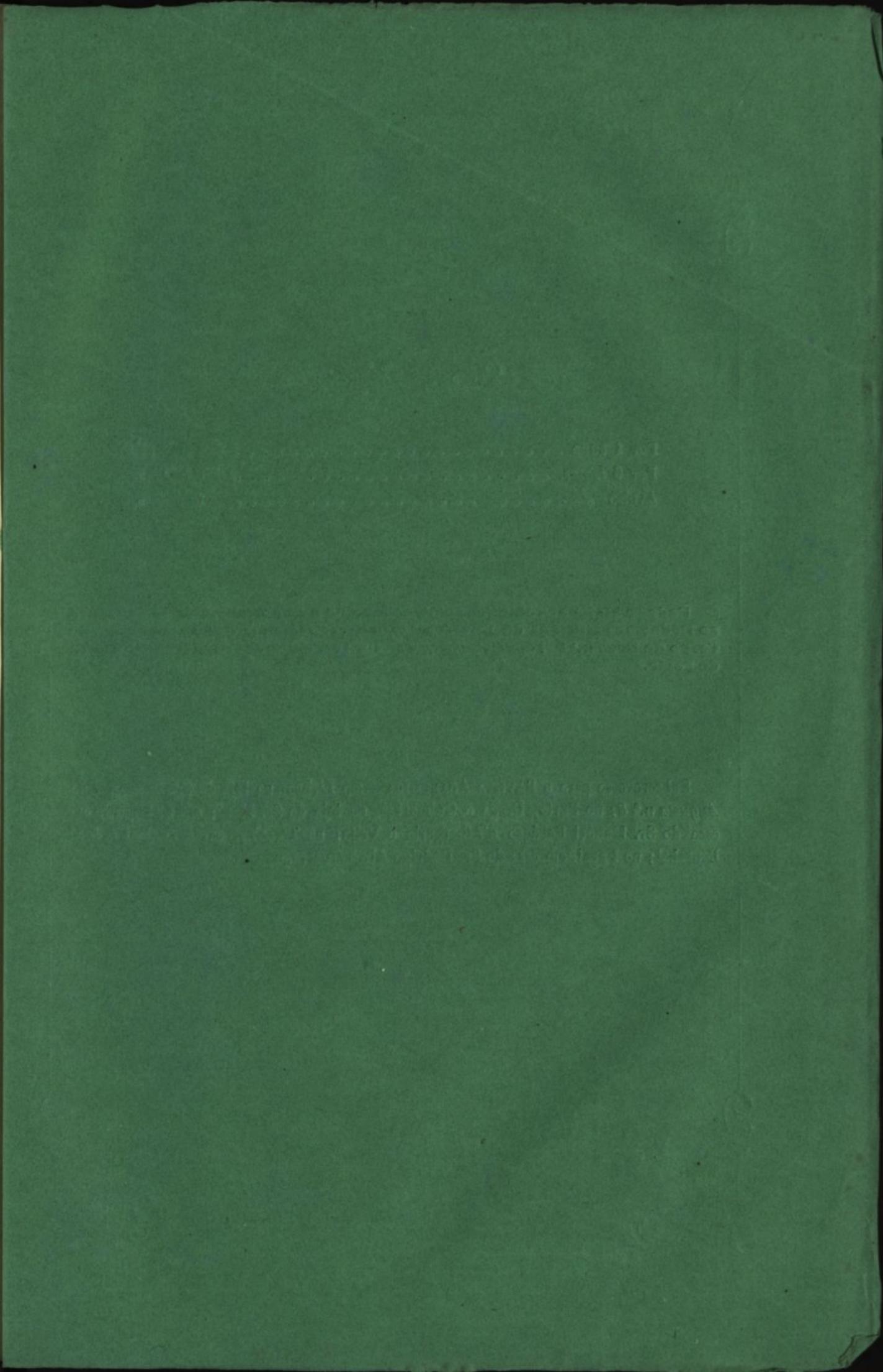
A pedra de toque serve para reconhecer o oiro; e o oiro é tambem a pedra de toque das consciencias e dos corações.

O principio de todas as más tentações é a inconstancia e a pouca confiança em Deos, porque do mesmo modo que um navio sem leme é arrojado aqui e alli pelas vagas, assim o homem covarde, e que abandona as suas boas resoluções, é agitado por differentes tentações.

Imitação de JESUS CHRISTO.

ERRATA. — No 3.º numero a pag. 50 linha 32, aonde se lê — torre de S. Julião — lêa-se — torre de Belem.

No ultimo numero da 2.ª serie irão as erratas dos doze numeros.



Preço da assignatura.

Por 1 anno	1:200 réis
Por 6 mezes.	600 »
Avulso	160 »

Pode-se assignar remettendo directamente a importancia da assignatura ao Redactor principal da REVISTA ACADEMICA, Alexandre Meyrelles, Rua do Corpo de Deos n.º 31, em Coimbra. Toda a correspondencia deve ser franca de porte.

Subscreve-se para a REVISTA ACADEMICA—em Lisboa, na loja do Sr. Lavado, *Rua Augusta* n.º 8; no Porto, Braga e Guimarães, na loja do Sr. Moré; em S. Miguel, em casa do Sr. Manoel Cardoso d'Albergaria e Valle; na Terceira, em casa do Sr. José Bensabat; no Fayal, em casa do Sr. Rodrigo Alves Guerra.

REVISTA ACADEMICA

JORNAL MENSAL.

N.º 7—JUNHO DE 1854.

INDICE DOS ARTIGOS.

Srs.		Pag.
Alexandre Meyrelles . . .	Vias de communicacão.....	121
José Joaquim d'Azevedo . . .	Correspondencia.....	123
	Testamento politico.....	127
	Reflexões sobre o theatro Allemão.....	128
Nicolau Xavier de Brito . . .	Portugal (<i>poesia</i>).....	130
H. Ferreira de Seabra . . .	Almira e Felizco.....	132
Hanoel Maria Barbas . . .	Dissertação physiologica.....	134
Alexandre Meyrelles . . .	A infancia e mocidade dos grandes homens.....	136
	Collegios de educacão.....	138
Hanoel Alves Guerra . . .	Correspondencia.....	140

Coimbra

IMPRESSA DA UNIVERSIDADE

1855.

Sala 10
Gab. 7
Est. 7
Tab. 14
N.º 14

VIAS DE COMMUNICAÇÃO.

A Revista discutirá sempre pacifica e lealmente, e o seu verbo será o da sua antiga irmã, justiça para todos, e amor e compaixão para esta terra que hoje, mais do que nunca, ha mistér de todos os esforços da intelligencia, de todos os recursos do coração para um dia tomar o logar que lhe compete no grande banquete das nações que marcham na vanguarda da civilisação.

Introdução ao 2.º volume da Revista Academica.

A questão, que hoje agita profundamente o mundo civilizado, e que todos os dias, pelas proporções gigantescas, que vai tomando, descobre novos horizontes para a civilisação e liberdade das nações, a questão que pela gravidade dos problemas, que tem a resolver, tanto politicos como moraes, preoccupa vivamente o sabio no seu gabinete, o ministro e o representante do povo no parlamento, o nobre e o plebeu, o rico e o pobre, é inquestionavelmente a questão das vias de communicação, cujo fim é approximar as nações umas das outras, já por mar, por meio da navegação a vapor, já por terra, por meio dos carris de ferro.

Sentindo todo o alcance e importancia d'esta materia, não pretendiamos occuparnos tão cedo d'ella, aguardando do tempo, da leitura e da experiencia os subsidios de de que hemos mistér. Forçou-nos porém a romper este silencio o artigo que abaixo publicamos do nosso estimavel amigo e compatriota *José Joaquim d'Azevedo*, não querendo que se attribua a indifferentismo ou a pouco cuidado pelas cousas patrias, o que não era senão effeito de bem cabida prudencia.

É por isso que vimos tambem hoje soltar um brado em favor dos interesses ainda esquecidos e ludibriados dos habitantes dos Açores.

Nem nos accussem d'extremo arrojo o vir enristar a lança contra adversarios tão poderosos, que a verdade lucra sempre com estas discussões; lucram com ella vencidos e vencedores, uns porque acharão mais um motivo para se conservarem firmes no seu posto, outros para se desviarem do que até alli haviam occupado.

De resto, quando não é um falso patrio-

tismo, quem guia o entendimento do escriptor, não ha, não deve haver para elle nem vencidos, nem vencedores; os crimes ou os erros por ventura commettidos, não lhe fazem assomar aos labios um sorriso irónico, nem proferir contra elles pungentes sarcasmos; antes seu coração lamenta esses erros e esses crimes, porque vão ferir o coração da patria; não tripudia sobre as ruinas que deixam após si os homens e os partidos, porque essas ruinas convertem-se depois em lagrimas de sangue. Eis aqui pois, porque fortes da nossa consciencia e boa vontade, vimos hoje repetir o que diziamos ha tres annos n'uma folha politica o *Observador* n.º 483.

« A situação financeira é por extremo delicada, porque ou havemos de soffrer uma banca-rotta, ou então tornam-se precisas grandes e importantes reformas. Mas a banca-rotta é a miseria de milhares de familias, é a mortalha lançada sobre o cadaver da patria; a banca-rotta é a oppressão e tyrannia, a ruina da industria e do commercio, o descredito da administração. Que os agiotas pronunciem esse nome maldicto; nós rejeitamos-o com horror! A banca-rotta, não, a reforma, sim. Mas a reforma conscienciosa e justa, reforma na lista civil, principian-do pelo throno; reforma na distribuição da propriedade, a abolição dos vinculos.

Se a arvore está secca, é porque algumas raizes estão podres; cortae-as, se quereis que da arvore nasçam ramos verdes. A accumulção da propriedade n'um paiz agricola, como o nosso, é uma calamidade.

Intendam-nos pois bem; a questão é suprema, é immensa. E aqui vos propomos o seguinte dilemma. Ou o credito ha de restaurar-se pela associação de todas as vontades, de todos os esforços, pela ruina de todos os elementos de corrupção; ou a sociedade Portugueza de queda em queda ha de ser victima d'uma grande catastrophe, a catastrophe da sua dissolução. Mette-vos dó a prophacia, sabios e profundos economistas, que inventaes todos os dias novos systemas d'amortisação, que nos atordoaes a todas as horas os ouvidos com os vossos elixires milagrosos, que dizeis hão de salvar o paiz da fome e da miseria. Ride, ride muito embora, que as nossas palavras não são para vós, que as não quereis entender, mas para o povo; a esse dizemos que esteja em pé, que preste o ouvido ao que se passa nas altas regiões do poder.

O paiz precisa sem duvida d'uma administração economica e severa.

Acabem-se por uma vez esses salvaterios mentirosos, que, longe de restabelecer o credito, lhe vão cada vez mais cavando a sepultura. O povo paga todos os dias um tributo de sangue; e quer saber o destino, que lhe dão. Se achaes que a despeza excede a receita, diminui a despeza. O thesouro está exausto, o credito abatido. Reformae; economicisae.

Mas não é a creação de tres mil contos de réis em notas, nem o novo decreto de 3 de Dezembro, que hão de restabelecer as finanças.

Homens do poder! Vede que não se tracta só d'equilibrar a receita com a despeza; tendes na vossa mão todos os interesses moraes e materiaes do paiz, precisaes d'atender á instrução publica, cujo estado é deploravel, e cujos defeitos mais salientes e de mais prompto remedio são obvios e palpaveis; precisaes d'estabelecer vias de comunicação, melhorar os nossos portos, e auxiliar a creação de novos ramos d'industria no continente, e nas provincias do ultramar.

A joia mais brilhante da corôa Portugueza, o Archipelago Açoriano, jaz escondida nas vagas do Atlantico, esperando que a mão industriosa do lapidario lhe accrescente um novo brilho; parte d'aquelle solo abençoado por Deus, e que produz o tabaco, o café, todas as producções d'Africa e da America, jaz inculto e entregue ao furor dos ventos. Quando deixaremos pois, nós Açorianos (vanglorio-me de ter nascido n'uma ilha, que os homens do continente appellidaram com justa razão baluarte da liberdade), de ser considerados parias da sociedade Portugueza? Lance o governo os olhos para aquelle formoso territorio, se quer entrar no caminho seguro e glorioso das reformas. »

De feito, quando então levantavamos nossa debil voz em favor d'esta bella porção de territorio Portuguez, o Archipelago Açoriano, esperavamos que o futuro viesse depois desmentir nossos receios, e realisar nossas esperanças. Transpunhamos com o pensamento as braças de mar que separam o continente das ilhas dos Açores, e viamos cortados por milhares de quilhas esses mares até alli tão pouco navegados.

Perdiam-se nossas vistas por ahi além a contemplar as infumeras velas que o vento entumecia, e conduzia a todos os portos do

mundo, e penetrando no interior das terras deslumbravam-se ao ver os prodigios que as artes e a industria haviam multiplicado no solo Açoriano.

Mentira tudo isso! Cruel illusão dos sentidos e do coração! O oceano está ainda deserto de navios n'aquellas paragens; o vapor não cobre de nuvens de fumo a atmosphera; a população não se apinha em roda das praças, recebendo e transportando os productos de todas as nações. O silencio reina alli aonde a imaginação julgára ouvir o ruido do commercio; a tristeza está pintada sobre o rosto pallido do operario Açoriano, silencio interrompido apenas pelo bater compassado dos remos dos escaleres dos navios da escravatura branca, e pelo grito d'angustia arrancado, a espaços, do coração das victimas da miseria, ao dizer o talvez ultimo adeus á terra, em que nasceram, adeus tão melancholico, e tão repassado d'amargura, que não ha pintal-o.

Triste cousa na verdade o espectaculo d'um povo debatendo-se com a fome, ou fugindo da sua terra natal, para ir vender-se em corpo e alma aos que se não pejam de fazer da carne humana, commercio illicito e infame! Sim, illicito e infame, exploradores sem coração, nem piedade, porque sobre as espadas servis dos escravos brancos dos Açores se patentêa o stygma ainda fresco dos golpes do açoite, porque nos seios alvos das donzellas Açorianas imprimiu a luxuria dos satrapas da America Portugueza beijo impuro e venal!

Miseria, vergonha, deshonra, eis o legado que teremos de transmittir a nossos filhos, se Deus se não apiedar de nós, se nos não levantarmos do profundo lethargo em que jazemos, se não extendermos os braços áquelles braços myrrhados, que das praias do novo mundo se voltam para nós; se arredarmos a vista d'outro espectaculo não menos cruel, que se representa todos os dias debaixo de nossos olhos em terra de Portuguezes, na Madeira, e que já se váe desdobrando sobre este continente avaro, que principia a fechar o seio á cubiça dos homens, como para lhes reprehender a dureza, e castigar o impio abandono em que tem tido seus irmãos d'além mar.

Quando pois, para desviar ou attenuar os perigos que o excesso da população acarreta comsigo, todas as nações dedicam á navegação e ás vias de comunicação seus mais serios cuidados, não era muito, que Portu-

gal, potencia creada pela natureza para a vida laboriosa e productiva do mar, as acompanhasse n'essa magnifica ascensão para o progresso e civilisação, por meio das vias de communicação, quer terrestres, quer maritimas.

Paiz dotado de mais proporções para tão grande e elevado destino, relativamente falando, não conhecemos nenhum outro na Europa, que além de ser banhado por mares e rios, que sendo todos navegaveis lhe facilitariam o commercio interior, é rico dos mais variados productos, e possui todos os elementos necessarios para se tornar não um pequeno povo, escravo da influencia estrangeira, definhando-se por falta de braços, de capitães, e de industria, mas uma nação independente e livre, abundante de capitães e de poderosos centros de população activa e laboriosa.

Quem quizer saber a influencia que tem a facilidade dos transportes sobre a reproducção da riqueza, não tem mais do que abrir as paginas da historia, que ha de ver, que em todas as epochas a industria e a população fazem progressos incomparavelmente mais consideraveis nos paizes situados á beira mar, ou perto dos grandes rios, que nas terras do interior. A historia do Egypto, da Grecia, da Phenicia, de Carthago, de Marselha, e das provincias orientaes da China nol-o attestam a cada passo. D'ahi vem o dizer-se que as sciencias e as artes chegam sempre pelo mar. Pelo contrario, os paizes da Africa central, não obstante recolherem os mais apreciados productos, têm vivido sempre sepultados n'uma pobreza e barbarie as mais abjectas, por não possuirem facilidade para o transporte dos productos da sua industria. É por tanto, antes á sua posição geographica, do que a outras causas, que se deve attribuir o estado miseravel em que se acham estes povos.

É uma verdade economica, que o transporte das mercadorias por máus caminhos, exige não só mais tempo, mas mais capital e trabalho. Quando ha grandes distancias a percorrer, o transporte é sempre mais custoso por terra, do que por mar. Se os productos da industria não podessem ser transportados senão por terra, que relações commerciaes podiam existir entre Lisboa e Rio de Janeiro? Que artigos de riqueza poderiam cobrir as despesas do transporte, se as mercadorias, que se trecam entre estas duas grandes cidades, não podessem chegar senão por

terra? Todavía pela facilidade que lhes proporciona o mar de communicarem uma com a outra, principalmente por meio da navegação a vapor, estas duas cidades fazem um commercio extenso, com que alimentam a sua industria.

Sem esta vantagem natural, como é que a Inglaterra, sem os seus caminhos de ferro, e o grande numero de seus canaes, sem a sua posição insular, poderia tornar-se a nação mais industriosa do mundo? Como é que uma povoação tão consideravel, como a de Londres, poderia subsistir? Mas a Inglaterra que ainda assim caminha para o abysmo por um plano inclinado, teria de ha muito, se não fossem as suas vias de communicação, dado ao mundo moderno o espectáculo que deu Carthago ao mundo antigo; teria caído com horrivel fragor no meio das maldicções e das iras de todos os povos.

Mas vêde como ella se sustenta ainda de pé no meio dos abysmos que a cercam! Quando a fome bate ás suas portas, como seus navios abrem suas azas ao vento e correm a demandar os cereaes estrangeiros para apaziguar o cancro que lhe róe as entranhas! E depois, admiraes, como ao terrivel cataclysmo que estava prestes a rebentar, succedeu um dia de quietação e repouso! Mas é um repouso sepulcral, esse, da fome saciada n'um dia; lá se levanta entre nuvens outro dia para o operario inglez; e notae que digo operario e não proletario, porque em Inglaterra estas duas palavras são quasi synonymas.

Eil-o que corre desvairado as ruas de Londres, pedindo trabalho, ou pão.—«Trabalho com o suor do meu rosto, e ainda que seja molhado com as minhas lagrimas» exclama a cada momento o infeliz habitante da soberba Inglaterra.

É por isso, que quando a este brado da fome contra a superabundancia succeder o silencio implacavel da indifferença, o solo inglez ha de tremer e esboroar-se debaixo dos pés da populaça desenfreada. Só então terá soado a hora fatal da quéda da Inglaterra.

No entretanto ella vive ainda, porque tem por si o mar, e milhares de navios para transportar a todos os portos do mundo os productos da sua industria.

Mas não é necessario ir tão longe para mostrar a influencia das vias de communicação sobre a industria e o commercio. Vêde o que agora se passa a sete legoas de

Coimbra, na Figueira. Eis ahí um porto de mar, que, estando em communição com Lisboa e outros portos do reino e ilhas, offerecia aos habitantes de Coimbra a preciosa vantagem de lhes trazer os productos de Lisboa ou do Porto por um preço muito mais modico do que se viessem por terra. Todavia não acontece assim; desde certo tempo, com grande prejuizo e quebra do commercio e commodidade d'estas duas povoações, a barra da Figueira está bordada de precipicios, inabordable; e é por isso que os negociantes de Lisboa, por elevado preço que lhe offereçam, não querem, ainda assim, arriscar suas fazendas e embarcações.

Aqui temos pois como o commercio da Figueira e de Coimbra se estagna completamente, arrastando após si a ruina de muitas familias. Então os generos que d'antes eram transportados por mar, são-no por terra, e se elevam a um preço quasi fabuloso, o que é um pesadissimo tributo imposto sobre a povoação. E não é só nos generos de primeira necessidade, como são o arroz, o café, o chá e o assucar: o mal sobe a todos os estabelecimentos de industria.

É assim que ha dias viamos o digno Administrador da Imprensa da Universidade, vivamente preoccupado d'esta falta de communições, já porque as fabricas de papel lhe não remettiam a tempo os seus productos, já porque tendo de os receber por terra, tinha de elevar o preço do papel segundo as despesas do transporte.

E já que tocámos n'este assumpto diremos de passagem, que são mui dignos de louvor o Governo e a illustrada Commissão que lhe representou a necessidade de reformar este velho estabelecimento, pela acertada escolha que se fez de tão benemerito empregado. Certamente, em tão pouco tempo, poucos homens teriam transformado um estabelecimento, em que dominava completamente a velha rotina, no estado em que hoje se acha. Mas quando os elementos se pronunciam contra todos os seus esforços, que ha de elle fazer? Mandar fechar as officinas, e despedir os empregados que n'ella trabalhavam.

D'esta arte o commercio paralysa-se, a industria fenece á mingua d'alimento, os salarios descem, e o pauperismo lavra por toda a parte. Terrivel responsabilidade a que pesa sobre os governos que desprezam este importantissimo ramo do serviço publico!

Posto isto, em forma de preambulo ás

nossas idéas em especial sobre a navegação a vapor entre Lisboa e os Açores, passaremos a examinar mui succinctamente as razões em que se funda o nosso collega *José Joaquim d'Azevedo*, para combater os argumentos que appareceram n'uma folha politica da capital, o *Progresso*, em opposição a este projecto de navegação, antes que se construa uma doca na ilha de S. Miguel. É sómente debaixo d'este ponto de vista que analysaremos o artigo, porque nos levaria mui longe, o descer a outras considerações á cerca d'outros pontos relativos a estê projecto, como é por exemplo o de não circumscrever esta empresa sómente aos Açores, mas extendel-a ás nossas possessões d'Africa.

De resto esta questão tem sido sabiamente discutida nos periódicos da capital, e a opinião publica já formou o seu juizo sobre a sua conveniencia e utilidade. Restringindo-nos por tanto sómente ao outro ponto, parecem-nos de mui valiosa ponderação as razões apresentadas pelo Sr. *José Joaquim d'Azevedo*; quando insta para que se dê prompto começo aos trabalhos da empresa, antes da construcção da doca; já porque esta construcção demanda grandes capitaes, e tem a luctar com grandes difficuldades e demoras, já porque não bastaria sómente uma doca, mas tres, uma em Ponta-Delgada, outra em Angra, e outra na Horta; empresas todas essas gigantes e que só se poderão realizar, quando a industria e o commercio houverem elevado aquellas ilhas ao grau de prosperidade que se lhes antolha, se o governo, como lhe cumpre, attender ás suas legitimas e justas reclamações.

A facilidade que tem os vapores na ilha do Fayal de se abrigarem contra os ventos oppostos, merece ser tida em muita consideração. E nós accrescentaremos que a mesma facilidade se encontra na Ilha Terceira, porque, em soprando o vento *carpinteiro* ou sueste, os vapores poderiam ir abrigar-se no porto das pipas.

Aqui temos pois como o principal inconveniente que se adduz contra a empresa, antes da construcção da doca, se não desaparece de todo em relação á ilha de S. Miguel, que não possui um ancoradouro, é innegavel que se não dá em relação ás outras ilhas. Quando porém manifestamos o desejo de que se progrida na execução de tão louvavel projecto, não queremos que se perca de vista a idéa de construir uma doca em S.

Miguel e nas outras ilhas, quando isso for possível. Pelo contrario intendemos que para ahi devem convergir todos os nossos esforços. A prosperidade da ilha de S. Miguel ha de reflectir necessariamente sobre as outras ilhas, e *vice versa*.

E já que abordámos esta questão, em que pese aos que não comprehendem qual o laço de solidariedade que deve prender todos os membros d'uma nação, não podemos deixar de lamentar que não estejam ainda de todo apagadas as sementes d'uma mal entendida rivalidade entre os habitantes das diversas ilhas do Archipelago Açoriano.

Desenganjem-se os que, longe de apagar essas faiscas de discordia, as atêam de continuo, porque assim como não deve haver privilegios odiosos de cidadão para cidadão, assim tambem os não deve haver de cidade para cidade, de provincia para provincia. Todos são membros d'um mesmo corpo. A ruína d'um ha de necessariamente arrastar a ruína dos outros.

Deixemos pois os vapores navegar, para essas regiões abençoadas, e em breve o impulso que elles hão de dar ao commercio Açoriano, ha de fazer com que as docas se construam, sem ser preciso fazer violencia aos capitaes, porque elles hão de apparecer, como por instincto, para se empregar n'esta e n'outras empresas uteis.

Alexandre Meyrelles.

CORRESPONDENCIA.

Sr. redactor. — Vieram-nos agora á mão os n.ºs 146 e 150 do jornal o *Progresso*, contendo dois extensos e, aliás bem elaborados artigos sobre a *Navegação entre Lisboa e Açores*, a que o nosso coração d'Açoriano, e o desejo da verdade em materias do bem publico, nos impõe o sagrado dever d'evidenciar-lhe as menos exactas razões que adduzem em seu prol. Na pena que os traçou, vê-se, além de inquestionada habilidade de exposição, sinceros desejos de concorrer solidamente para a prosperidade nacional, embora seja menos verdadeiro, o seu modo de vêr. Não seremos longo, nem nos fazemos cabedal de responder a um e um dos seus dizeres, senão que sómente buscaremos responder aos pontos principaes, que são o que mais importa.

O auctor no 1.º artigo, pareceu-nos encerrar como temerarios os empresarios da navegação a vapor Luso-Açoriana, bem como extranhar que respeitaveis negociantes da praça de Lisboa subscrevessem ao empenho ministerial; isto porque intende que primeiro que tudo deve garantir-se abrigo á navegação para que seja regular e segura, isto é, que deve começar por emprehender-se uma doca nos Açores, e não pela empresa de navegação, em virtude da pouca ou nenhuma segurança que offerecem os portos dos Açores.

Deve advertir-se, que a empresa de navegação precedeu a das docas: e em muitos portos se teem reconhecido desde ha muito as vantagens, que poderiam resultar para o commercio e agricultura da existencia de portos artificiaes, e, todavia, não tendo sido possível até ao presente realizar uma tal empresa, não tem por isso deixado de haver navegação. Entre nós por exemplo, ha muito que os inglezes pretenderam ser empresarios d'uma doca no Fayal, ilha que possui, naturalmente, duas semidocas, uma de fórma semielliptica, outra de fórma quasi parabolica, e foi esta disposição natural que os incitou á empresa, bem como a sua posição geographica, ponto intermedio e meridiano das navegações entre o velho e novo mundo pelo Atlantico, e por sua grande importancia em commercio; — não foi, pois, ávante tal empresa, porque o governo não assentiu ás garantias exigidas pelos empresarios, no que sentimos nos prejudicou, porque a doca no Fayal não estaria hoje na massa dos possíveis, mas seria para nós uma realidade. Mas á falta de porto artificial nos Açores, não tem descontinuado a navegação. De mais temos um facto, que prova a nosso favor, uma empresa ingleza de navegação a vapor funcionando actualmente, teve por porto de escala o Fayal até 49 ou 50, se bem nos recordamos; recebiamos mala de Londres todos os mezes, tanto de inverno como de verão, o vapor nunca deixou de communcar com a terra, e muitas vezes de receber carvão; desde 50, alterando a sua escala de contacto, só aborda no Fayal, por incidente a receber carvão, e isto de verão e inverno, e até ao presente não nos consta ter soffrido alli algum damno. Ora a doca necessariamente seria construída n'uma das ilhas, e supponhamos que era no Fayal, onde ha mais disposição natural e maiores dimensões; — quando o vapor abordasse a S. Miguel ou

Terceira, e fosse acommetido por uma tormenta, onde havia acolher-se, qual o abrigo possível? Não sei que outro fosse a não ser o mar alto o unico abrigo possível para as velas que se necessitam soccorridas; e por consequencia o vapor, tendo de seguir escala pelas tres ilhas principaes, e existindo uma doca n'uma dellas, corria o mesmo risco em duas dellas, como se a não houvesse, e para sua escala ser segura, era mistér que houvessem tres docas; mas como uma é para nós um problema indeterminado, quanto mais tres? Mas poder-me-hiam objectar: havendo uma doca nas ilhas, o vapor quando atormentado póde abrigar-se alli, para continuar sua derrota na bonança; é verdade isso: porém partindo da hypothese, que a doca é construida no Fayal, supponhamos que o vapor demanda primeiro S. Miguel, que o Fayal, o que muitas vezes acontecerá, e que a tormenta ahi se conspire contra elle?

Continua o auctor—*emprehender mesmo simultaneamente as duas obras, póde até certo ponto desculpar-se e prevenir futuros desapontamentos.*—Ora é aqui que o auctor nos ha de permittir, que tomemos demasiada liberdade para dizer, que esta idêa é que é extensivamente indesculpavel, e não é senão um completo desapontamento.

Como emprehender conjunctamente ambas as empresas, se sua realisação é tão facil n'uma, quanto difficil na outra? Se uma se acha quasi realisada, em quanto que a outra nem existe em projecto? Se uma, dependendo de contos, tem luctado com tanta difficuldade, sendo a maior a pecuniaria, em quanto que a outra depende de milhões? Se uma se realisa em mezes, em quanto que a outra só em annos?

—*E prevenir futuros desapontados.*—Confessamos, que não intendemos senão do modo seguinte. Supponhamos, que se emprehendem simultaneamente ambas as empresas, e se obtem o numero de acções necessarias. Para tudo ser simultaneo, destina-se o dia de inauguração, este em quanto á empresa de navegação, será aquelle em que o vapor navegar, e por isso neste dia ára o vapor o Tejo, com derrota para os Açores, e neste mesmo dia deita-se ao alicerce da doca o primeiro sacco de protoxido de calcio. Por um incidente qualquer, soffre o vapor algum damno neste ensaio em algum dos portos dos Açores; segundo o auctor, o desastre não foi por falta de doca,

porque a empresa, para prevenir esse desapontamento, tinha lançado o alicerce á doca, no mesmo dia em que despedia a navegação.

Parece-nos, pois, poder concluir que deve começar-se isoladamente pela empresa de navegação, e realisada esta emprehender a outra, é que é impossivel emprehender ambas simultaneamente, já pelo tempo que uma ha mistér construir, já pelo lado financeiro. E intendemos por consequencia, que os empresarios em vez de temerarios, teem sido em demasia prudentes, e são dignos de todo o elogio e de todo o nosso reconhecimento, e que o não são menos os negociantes da praça de Lisboa, a quem pedimos a continuação da sua cooperação para novas empresas.

No segundo artigo diz o auctor—*o governo garantindo o juro de 6 por cento traz á nação mais um encargo sem possível compensação.*

O governo, auxiliando a empresa com o juro de 6 por cento, obra dentro da esphera dos seus deveres, e não faz mais, que prestar um capital para receber juros mediatos. O thesouro publico é a nossa caixa economica, e por consequencia é ella que deve satisfazer as nossas necessidades, e uma das maiores é a facilitação de vias de communicação tanto por mar como por terra, porque nós prosperamos com o desinvolvimento do commercio, e progresso da agricultura, e sendo fáceis os nossos contactos reciprocos, em maior numero nos reunimos: as nossas trocas são tambem em maior grau, porque novas necessidades nos occorrem: augmentando o numero das trocas, a nossa vida torna-se mais activa e laboriosa e por consequencia avulta o commercio; e a agricultura, que é donde provém quasi todos os objectos de troca, marcha a passos gigantes. Na Europa, de todas as nações a que se acha com menos vias communicativas somos nós: felizmente para lá caminhamos, prouvera ao céu que não tropeçassemos!

Ora as nossas vias de contacto interno vão-se aperfeiçoando, e para isso emprega o governo certo capital de que não olha a juros directos, e póde dizer-se que este capital morre: porque qual a renda annual para o governo da somma esgottada nas estradas?

Parece á primeira vista que assim é, mas não é senão um capital vivissimo, de que resultam grandes juros, porque como já dissemos, das boas vias de communicação re-

sulta a prosperidade do commercio e agricultura, as duas principaes columnas que quanto mais fortes mais vergam debaixo da pressão na nossa caixa economica. Ora como o commercio e agricultura nos Açores deverá prosperar, como muito bem o disse o nosso *Progressista*, com a nossa empresa, o governo, auxiliando-a com o juro de 6 por cento, não prevê nem deve prever interesses immediatos, mas simplesmente facilitar a comunicação entre Lisboa e Açores, porque mesmo quando não colher juros da empresa, o que não opinamos, recebê-los-ha do seu fim, qual é—a prosperidade do commercio e agricultura dos Açores.

Por tanto parece-nos que o nosso progressista não fez senão censurar o governo n'um acto essencialmente progressista, contradizendo-se assim na sua convicção.

Continua o auctor—*acompanhemos em espirito uma viagem dos vapores em perspectiva.*—D'accordo; acompanhemol-a, dando-se o mesmo concurso de circumstancias mencionadas pelo auctor. Safu do Tejo o barco. Bom ou mau que o tempo esteja, o poderoso motor venceu os elementos, e no tempo prefixo houve vista da terra desejada. Entretanto o tempo está toldado, o sul ou o sudoeste não deixam acolher a embarcação em Ponta-Delgada, o leste ou o sueste em Angra, ou na bahia da Horta, mas a bahia de porto Pim d'esta ultima cidade a acolherá, e quando o sudoeste torne incommunicavel porto Pim, a bahia da cidade estará bonançosa, porque o monte da Guia estagna a bahia de porto Pim, reinando os ventos leste e sueste; os montes Guia, Queimado, e parte da cidade tornam pacifica a bahia d'esta soprando o sudoeste. E por consequencia o vapor carregaria e descarregaria na Horta com qualquer vento, e não seria condemnado ao supplicio de Tantalos em vista da terra. E como isto assim acontece, como se vê do facto acima mencionado do paquete inglez communicar e receber carvão na Horta quando d'elle necessita, segue-se que a Horta póde supprir o porto artificial. Mas dir-se-ha: e nas outras duas ilhas? E diremos nós; e havendo a doca n'uma dellas, as outras duas!? É necessario notar-se que por ser a navegação em questão a vapor, é que somos conduzidos a substituir o porto artificial pela Horta.

Diz mais o auctor—*a empresa não póde contar com 48 viagens annuaes.*—Quando assim aconteça, o que é de crer, a empresa

não poderá, porque, sendo os vapores os paquetes entre Lisboa e Açores, quando por qualquer incidente um vapor faça só uma viagem n'um mez, não deixará de ser compensada essa perda nas viagens seguintes, e o resultado da irregularidade se reduzirá a conduzirem mais passageiros, irem mais carregados n'uma, que n'outras viagens.

Em quanto á desanimação da companhia e á indifferença dos capitaes a outros convites para empresas insulanas, como estamos convencidos que a empresa não só terá ensaios felizes; mas ha de prosperar, as suas esperanças erradiar-se-hão n'uma periferia cada vez maior, e os capitaes não serão assim indifferentes a outras empresas por menos auspiciosas que pareçam.

Concluimos dizendo que, mesmo havendo nos Açores o grande porto artificial, as viagens não terão a regularidade desejada, e para a terem, seria necessario construir-se uma doca em cada ilha.

Coimbra, 19 de Novembro de 1854.

José Joaquim d'Azevedo.

TESTAMENTO POLITICO

De *D. Luiz da Cunha*, nosso Embaixador em França, onde morreu, e thio do Secretario d'Estado do mesmo nome, que falleceu no anno de 1775.

Continuado de pag. 104.

É verdade que S. Majestade nomeou aquelles tres Ministros para Secretarios d'Estado; mas nunca lhes quiz dar, nem conceder a prerogativa de Conselheiros, ou Ministros de Estado, como o Cardeal Fleury promoveu, para que os Embaixadores de França lhe dessem o tractamento de Excellencia, como se quizesse reservar aquelle eminente titulo, como um *non plus ultra*, para as pessoas de maior nobreza, e recommendaveis pelo seu merecimento, e reconhecidos serviços.

V. A. acha as Secretarias divididas; mais porém é no nome, do que em effeito, segundo oiço: porque os papeis estão na mesma confusão, sabe Deus aonde, porque eu o não sei, sem se repartirem entre os officiaes da Secretaria, para que cada um sendo entregue dos que lhe pertencem, com mais facilidade se acharem quando se lhe procuram.

Ao que V. A. deve dar providencia, no-

meando um Ministro bem intelligente, para que com os mesmos officiaes faça aquella necessaria repartição, e reformem os que lhe faltarem.

Dos tres Secretarios nomeados vejo não sem grande perda, que a S. Magestade falta o da Marinha, que foi *Antonio Guedes Pereira*; e oíço que tambem lhe poderá vir a faltar o do Reino, *Pedro da Motta Silva*, que muitas vezes têm pedido licença para demittir-se daquelle emprego, que o punha na subjeição de não poder gozar do seu descanso; de maneira que se V. A. se accomodar com o seu desejo, será preciso prover uma e outra Secretaria, para as quaes tomarei o atrevimento de lhe indicar dois Ministros, pelo conhecimento que tenho dos seus talentos; a saber para a do Reino, *Sebastião José de Carvalho e Mello*, cujo genio impaciente e especulativo, ainda que sem vicio, um pouco diffuso, se accorda com o da Nação; e para a da Marinha, *Gonçalo Manoel Galvão de Lacerda*, porque tem um juizo practico expeditivo, e que serviu muitos annos no Conselho ultramarino, onde adquiriu um grande conhecimento do governo do commercio, e forças das conquistas; e d'esta sorte gratificaria V. A. com muita vantagem, os serviços destes dois Ministros; os quaes viveriam em boa intelligencia com o Secretario d'Estado dos Negocios Extrangeiros, *Marco Antonio d'Azevedo Coutinho*, porque o primeiro é seu parente, e o segundo sempre foi seu amigo intimo. Mas não decidirei se esta grande, e esperada união destes tres Secretarios é a que mais convém ao serviço do Amo e do Estado. Mas em quanto supponho uma boa intelligencia e probidade, e que não se amaranão para favorecerem os interesses dos seus parentes e amigos; porque costumamos dizer— que uma mão lava a outra, e ambas o rosto, que talvez fica mais sujo, se a agua não é tão pura e tão clara, como deve ser; isto é, sem ter o vicio da paixão ou da propria conveniencia.

Não digo que o Principe seja suspeitoso, mas precatado, e que nenhum mal lhe fará que os seus Ministros assim o concebam, para que não abusem da auctoridade que se lhes dá; pois da mesma sorte que a somma confiança do Principe degenera em fraqueza, da nimia desconfiança procede a perplexidade, que agita o animo do Principe, e o não deixa tomar a resolução que conyem.

O Senhor Rei D. João V, heroico Avô

de V. A. e nosso sempre memoravel libertador, que quizera fosse este o espelho em que V. A. se visse, para em tudo o retratar, fazia tanta estimação de *Gaspar de Faria Severim*, seu Secretario das Mercês e expediente, que saído do despacho disse diante de meu Pae, e dos mais que lhe faziam Côrte, que se podia ser Rei de Portugal só por se servir de um tal Ministro. Com tudo logo que tinha alguma noção de que elle queria favorecer alguma das partes, cujos papeis devia despachar, os expedia por mão do Secretario de Estado; e ainda fazia mais, pois nas consultas de provimentos, que subiam dos Tribunaes, nunca se ateve a dar os empregos aos que vinham nomeados em primeiro lugar, ou segundo; antes succedia, que *bem informado do merecimento dos subjeitos* voltava a consulta debaixo para cima, e dava o lugar ao que estava no ultimo, costumando dizer, que desta forma se conformava com a mesma consulta, e outras muitas maximas dignas de serem imitadas.

Bem podia referir outras muitas precauções que este Principe tomava para não ser enganado pelos seus Ministros; e com tudo conhecendo elle em certo modo a innocencia de *Francisco Lucena*, seu Secretario de Estado, o deixou condemnar á morte, porque os fidalgos o fizeram passar por traidor, não podendo soffrer que elle lhe aconselhasse, que lhes não devia obrigação alguma, em lhe pôrem a corôa na cabeça, pois lhe era devida, a fim de que se não folgassem credores de grandes recompensas.

Os descendentes deste Ministro justificaram muitos annos depois a sua innocencia, e S. Magestade lhes veiu a restituir as honras e os bens, em que eu tive alguma parte estando em Madrid.

(Continúa.)

REFLEXÕES SOBRE O THEATRO ALLEMÃO.

Continuado de pag. 113.

Os auctores Allemães pôdem empregar, na desinvolução dos characteres, um numero de circumstancias accessorias, que, transportadas para o nosso theatro, perdiam a devida dignidade; e todavia estas pequenas circumstancias dão muita vida e luz ao quadro

assim apresentado. No *Goetz de Berlichin-gen* de Goethe, este guerreiro, cercado no seu castello por um exercito imperial, dá aos seus soldados, para os animar, um ultimo banquete. Ao acabar do banquete, pede vinho a sua mulher, que, pelos costumes d'aquella epocha, é ao mesmo tempo a senhora e a serva do castello. Ella responde-lhe a meia voz que apenas ha um cangirão, e que esse conserva-o para elle só. Nenhum rodeio poetico, transportado para o nosso theatro, podia significar uma similhante particularidade; a emphase, empregada nas palavras destruiria a naturalidade da situação, e o que em allemão é expressivo, em francez seria ridiculo. Apesar de serem contrarios os nossos costumes, parece-nos todavia facil de conceber, que esta feição, tirada da vida commum, tem um cunho tal de propriedade, que se não acha na descripção a mais pathetica, para fazer sobresaír a situação do protagonista, — um velho guerreiro coberto de gloria, altivo dos seus direitos hereditarios e da sua antiga opulencia, chefe, ainda ha pouco, de numerosos vassallos, agora encerrado n'um ultimo asylo, e luctando juntamente com alguns amigos fieis e intrepidos contra os horrores da miseria e vingança do imperador. No *Gustavo Vasa* de Kotzebue, vê-se Christierno o tyranno da Suecia, tremendo dentro no seu palacio, porque estava cercado d'uma multidão que o odiava.

Desconfia dos seus proprios guardas, dos que mais lhe eram dedicados, e obriga até um creado velho, que ainda lhe resta, a provar, primeiro, que elle, qualquer iguaria que lhe traz. Este traço, expresso no mais simples dialogo, sem pompa nenhuma tragica, pinta, em meu vêr, melhor que todos os esforços do poeta o poderiam fazer, a pusillanidade, a desconfiança e abjecção do tyranno meio vencido. Schiller apresenta-nos *Joanna d'Arc* denunciada por seu pae como feitiçeira, mesmo no meio da festa dedicada á coroação de Carlos VII, que ella restituiu ao throno de França. É obrigada a fugir; procura um asylo longe do povo que a ameaça e da côrte que a abandona. Após uma longa e terrivel jornada, chega a uma cabana; a fadiga opprime-a, a sede devora-a; um camponez, movido de compaixão, offerece-lhe uma taça de leite, e no momento em que o chega aos beiços, uma criança, que a tem observado alguns instantes com attenção, lança-lhe as mãos á taça e exclama: É a feitiçeira d'Orleans. Este quadro, que seria

impossivel transportar para a scena franceza, causa sempre nos expectadores um estremecimento universal; chama-lhes a attenção, não só o desterro que persegue a libertadora d'um grande imperio, mesmo nos logares os mais longinquos, mas tambem a disposição dos espiritos que torna mais inevitavel e cruel este desterro. Assim, as duas cousas importantes, a epocha e a situação, retratam-se na imaginação por uma só palavra, por uma circumstancia puramente accidental.

Os Allemães usam muitas vezes d'estes meios. Os encontros casuaes, a chegada de personagens subalternos, e que não tem relação com o assumpto, fornecem-lhes um genero d'effeitos que não conhecemos no nosso theatro. Nas nossas tragedias, tudo se passa immediatamente entre os heroes e o publico; os confidentes são sempre cuidadosamente sacrificados. Estão alli para ouvir, algumas vezes para responder, e, de tempos a tempos, para contar a morte do heroe, que, n'este caso, não póde, por si mesmo, dar-nos noticia d'ella. Nada ha porém de moral em toda a sua existencia; toda a reflexão, todo o juizo, todo o dialogo entre elles lhes é severamente prohibido; seria uma insubordinação theatral o elles excitarem o menor interesse.

Nas tragedias allemãs, além dos heroes e de seus confidentes, que, como se acaba de vêr, são apenas maquinas, cuja necessidade nos faz perdoar a inverosimilhança, ha tambem, n'um segundo plano, uma segunda especie d'actores, d'algunha maneira expectadores da acção principal, e que só exerce sobre elles uma influencia muito indirecta.

A impressão que exerce sobre esta classe de personagens, a situação dos personagens principaes, muitas vezes me pareceu influir na que recebem os expectadores propriamente ditos. A opinião d'estes, é, por assim dizer, prevenida e dirigida por um publico intermediario, mais proximo do que se está passando, e não menos imparcial.

Tal devia ser, pouco mais ou menos, se me não engano, o effeito dos côros nas tragedias gregas. Estes côros significavam um juizo sobre os sentimentos e acções dos reis e dos heroes, de cujos crimes e miserias eram testemunhas. Por meio d'este juizo estabelecia-se uma correspondencia moral entre a scena e a platêa, e esta ultima com-
prazia-se de certo, em vêr descriptas e defi-

nidas, n'uma linguagem harmoniosa, as sentidas emoções.

Só uma vez vi uma peça em que se tinha tentado introduzir os côros dos antigos. Era ainda uma obra de Schiller, — a Esposada de Messina. Contra esta imitação do antigo fa eu tomado d'apprehensões. Todavia essas maximas geraes, manifestadas pelo povo, e que assumiam um maior grau de verdade e de calor, porque lhe pareciam suggeridas pelo comportamento de seus chefes e pelas desgraças que sobre si mesmo reflectiam; essa opinião publica, d'algum modo personificada, e que me fa buscar ao fundo do coração os meus proprios pensamentos, para m'os apresentar com mais precisão, elegancia e força; essa penetração do poeta, que advinhava o que eu devia sentir, e dava corpo ao que em mim era apenas um sonho vago e indeterminado, fizeram-me experimentar um genero de gozo de que ainda não formára idéa alguma.

A introdução dos côros na tragedia não teve com tudo successo na Allemanha. É de crêr que os embaraços na execução fossem o motivo porque se renunciou a elles. Seriam necessários actores bem amestrados, para que falando e gesticulando um certo numero simultaneamente, não produzissem uma confusão vizinha do ridiculo. E depois Schiller, com a sua tentativa tinha degenerado o côro dos antigos. Não se atrevera a deixal-o tão estranho á acção como se acha nas melhores tragedias da antiguidade, as de Sophocles: que não fallo aqui dos côros d'Euripides, d'esse poeta, aliás admiravel pelo seu talento na sensibilidade e na ironia, mas pretencioso, declamador, ambicioso d'effeitos, e que, por causa dos seus defeitos e mesmo das suas bellezas, foi o primeiro que tirou á tragedia grega a nobre simplicidade que a distinguia. Schiller, para se conformar com o gosto do seu seculo, entendeu que devia dividir o côro em duas partes, sendo cada uma composta dos parceiros dos dois heroes, que na sua peça, disputavam a mão d'uma dama. Por este mal entendido artificio, foi tirar ao côro a imparcialidade, que dá pezo e solemnidade ás suas palavras.

O côro deve sempre ser o organo, o representante do povo inteiro, tudo o que exprime deve ser uma especie de ecco sombrio e reflexivo do sentimento geral. Nada que seja apaixonado lhe pôde convir, e logo que se lhe queira fazer representar um papel e tomar um partido na propria peça, tira-se-

lhe o que tem de naturalidade, e o seu effeito é nullo.

(Continúa.)

PORTUGAL.

POESIA

Offerecida ao meu amigo

ALEXANDRE MEYRELLES.

I.

Quem será! apanhadas tem as faces
Rugosas, a cabeça côr de gelo,
Sem arte, sobre o peito três pendentes
Do que a neve mais brancas, longas barbas,
Mostrando a côr tsnada, o peito á vista,
Pisados tem os olhos, ao chão presos,
Dir-se-hia espectro d'homem resurgido
Da campa funeral, soffrendo ainda,
Dir-se-hia homem á guerra, á dôr affeito,
Que á desgraça sosebrou vindo-a ao longe,
E agora despertando quasi a toca.

Quem será? os olhares n'elle presos

Em segredo uns aos outros s'interrogam;

Lábios mudos — bem parece que tementes

Qu'incerteza á incerteza lhes responda,

Mais mudos talvez pr'a que os não digam

Nas eras fabulosas quasi crentes.

II.

E o velho passou — calado,

Passo firme e compassado,

O pranto enxuto, embuçado,

Que as faces não resvalou;

E a turba com passo incerto

Deixa atrás tudo deserto,

Seguindo o velho de perto

Mas o velho não fallou.

Sob as longas barbas finas

Da cruz as brancas cortinas

Traz as insignias divinas

Ao peito pendente a cruz;

Caminha o velho, calado,

Passo firme e compassado,

O olhar sempre pregado

Na bandeira de Jesus.

III.

Eis que de contido pranto
Com mais força rebentou,
Quiz retel'o — era já tanto,
Mais contêl-o não tentou.
— Do mysterio rasgo o manto;
Vós q'rereis saber quem sou?
E do povo mais de quanto
Nem um só, um só fallou.

IV.

O velho que aqui passava
Tem throno e sceptro real,
Já da terra teve meia,
O meu nome é — Portugal.

V.

Do oriente a occidente
Mil climas d'ignota gente,
Terra e mar tudo foi meu.
Do meu rosto a um aceno
Do Portugal tão pequeno
Terra e mar tudo tremeu.

Contra estranhos patria sanha
Teve sempre, a gente estranha
Em longes terras deu Lei,
Teve os soldados d'Henrique,
Teve a batalha d'Ourique
D'um soldado contra cem.

Ousassem vís Messalinas
Vós nações, cuspir as quinas
As dobras do meu pendão;
Ousasse o mundo ligado
Vir desdenhar do soldado,
Do Portuguez, do christão.

VI.

Kléas muitas tem, mas abafadas
São por tempo p'lo choro que borbulha
E ás faces vem cahir-lhe ardendo em lume.
Depois como expellindo um pensamento
Com que a alma se confrange ergueu o rosto
E á multidão apinhada em torno d'elle
Fallou com voz mais firme e mais segura.

VII.

— Os nomes d'heroes, o povo, qu' eu tive
Escuso eu dizel-os, que os sabês melhor;
Ha nomes dos nossos tão gratos, tão q'ridos
Que quasi no berço se apprendem de cor.

Quem pôde laes nomes de gloria tão grande
No somno olvidados deixal'os morrer?
Se em Tanger, Arzilla, os echos repetem
Um nome que em balde se tente 'squecer.

Lá fóra do mouro — mesquitas, costumes
Por terra abatidos, que falle Azamor?!
Cá dentro os castellos tão velhos — que narrem
Facanhas que mostram de sobra valor.

Dos nossos o nome soletra-o a 'spada
Além na batalha por mais de uma vez;
Castella, a soberba, altiva, orgulhosa,
De dona em 'scrava sabeis que se fez.

As aguias viessem na per'la escolhida
De Deus o seu vôo aqui desprender;
E tu Inglaterra, meu povo algemado,
Um povo de livres que livre quer ser.

Das glorias, mens filhos, das glorias passadas,
Dos velhos soldados sois vós o padrão;
Teu pae, este velho mirrado, que querem

Cuspindo-lhe affrontas, rojal-o no chão,
Vendel-o! vender, insultar, quem tão caro
Com sangue o ser livre outr'ora comprou,
Roubar-lhe essa flor, *liberdade* tão q'rida
Que vidas, mil vidas de filhos custou.

Surgi — despertei d'um lethargo profundo,
Do somno, meus filhos, como eu, accordae;
A voz *liberdade* segui-me vós todos,
Que morram, que é honra, morrer por seu pae;

Nicolau Xavier de Brito.

A poesia, que abaixo vem publicada é uma mimosa produção de um poeta Portuguez, que vivia ainda em 1808, por nome *Manoel Ferreira de Seabra*, e que não sei tenha sido ainda publicada, porque a encontrei este anno entre os velhos manuscritos de meu Pae, religioso guardador d'estas preciosas reliquias da nossa litteratura, e a quem esta tinha sido offerecida em Paris pelo general Dantas.

A lenda que deu logar a esta bella composição, não se apagou ainda de todo da memoria dos pacificos habitantes do Mondego. A fonte do Castanheiro é apreciável pela pureza e bondade das suas agoas. Nasce na fralda de uma pequena collina, proxima ao Mondego, e quasi defronte do Penedo da Saudade. Uma tarde lá fui repousar a cabeça dos

ardores do sol, e refrescar-me na corrente pura e crystallina de suas agoas. Branda aragem soprava das bandas em que o *Penedo da Saudade* ergue a fronte melancolica e domina toda a extensão do valle; o susurro da folhagem, o cantico moribundo dos passarinhos resoando em torno de mim com fremito harmonioso, o balido dos rebanhos na planicie; mais longe sobre a minha direita o Mondego rompendo com passo lento e magestoso pelo interior das terras; o reflexo dos derradeiros raios do sol alumando os velhos edificios de Coimbra, e tingindo de mil côres as hervas dos campos, que magnifico assumpto para um poema! E quem me assegura que muitos genios não entoaram n'este mesmo logar um hymno ao creador? Quantas vezes não terão essas varzeas solitarias, essas veigas e esses prados ouvido o cantico do bardo, a horas mortas, perturbando o silencio do valle?

Lá descubro, escondida entre mil frondosos ramos d'hera, de madre-silva e manjerona, a nympha d'estes logares, a Fonte do Castanheiro. Seus dias, dizem os poetas, desde que um crime horrendo, de nympha a convertêra em fonte, correm tão puros e serenos como as agoas que do seio lhe rebentam.

Mas que é feito do velho castanheiro que devia defendel-a do furor das tempestades? Por onde estende agora suas raizes esse feio seductor convertido em castanheiro? perguntei eu a uma pobre mulher que vinha alli encher um pucaro d'agoa. Será tudo isto uma ficção dos poetas ou uma historia verdadeira com as côres de fabulosa? pensava comigo mesmo.

—Ai! senhor, o pobre castanheiro secou; e suas raizes levou-as o vento; dizem que em castigo d'um crime commettido n'este logar. Por mim, lembra-me que muitas vezes, quando era criança, dansei á sua sombra nas noites de S. João; mas os meus dias são passados, e em breve, como elle, terei d'alastrar pela terra meu corpo curvado pelos annos; assim fallou a velha, e depois de ter enchido o cantaro retirou-se deixando-me absorto em religiosa contemplação.

O modo singelo mas solemne com que a velha pintára o fim tragico do castanheiro commoveu-me profundamente. Como ella lamentei que elle já não estivesse alli, para me cubrir também com sua sombra, e recordando o ultimo adeus da velha aos dias já fanados da sua mocidade, fiz a mim mes-

mo esta pergunta: se em breve não viria também alguém perguntar pelo mancebo morto na flor dos annos? Assim é a vida. Tenda posta n'um dia e levantada no outro. Pó disperso nos ares pelo sopro do furacão. Mais um grão d'arêa lançado no cylindro da existencia e acabam todas as glorias e vaidades humanas. Não importa! É bello ainda assim o viver. Vive-se para amar esse Deus d'onde saem essas torrentes de vida que inundam o universo. Vive-se para o glorificar na vastidão dos mares, na immensidade dos ceus, e na admiravel variedade dos campos; para estreitar contra o peito uma e mil vezes o peito da donzella que se ama d'um amor sem limites; para defender a patria opprimida e aviltada; para ouvir no derradeiro quartel da vida os filhos de nossos filhos chamarem-nos duas vezes pae. E depois, quando tudo é silencio e repouzo na natureza, vive-se ainda das recordações do passado.

Vós, que um acaso igual ao meu conduzir aqui a estes sitios, não vos deixeis aposar das idéas lugubres que elles despertam, a ponto de perderdes a crença e a fé, porque assim como Deus fez nascer a flor á beira da torrente, e a abrigou do furor dos ventos, assim também quiz que o homem virtuoso achasse sempre em seu coração um seguro asylo.

Mas estas e outras considerações fãome fazendo esquecer que é tempo de deixar falar o vate do Mondego.

Alexandre Meyrelles.

ALMIRA E FELIZEO

ou

A FONTE DO CASTANHEIRO

METAMORPHOSE.

Fôra a belleza o bem mais precioso
Com que Jove brindára a humana gente:
Porém mil vezes a terriveis crimes
Ampla carreira abriu. Meu verso, ó bellas,
Com fervor applaudi, que vai meu verso,
Votado á doce patria, apresentar-vos
Em mesto quadro envenenadas ancias
A que a belleza vezes mil arrasta.
Homens do crime a par terrivel, pinto
A pena que seguir o crime deve.

Era o tempo em que Maio dadivoso
 Se apraz de matizar de lindas flores
 Da terra a sobre-face; e Delio fulvo
 Lá do meio dos céus dourava os orbes.
 Quando Almira, das nymphas do Mondego
 A mais gentil, e a mais infortunada,
 Surgiu das agoas ás floridas margens,
 E manso e manso, e descuidada e leda
 Para logo da placida corrente
 Se afastava na varzea, que o *Penedo*
 Da Saudade contempla sobranceiro,
 E se entretinha a procurar boninas
 Com que adornasse a grenha gotejando
 De seu amado pae, do grão Mondego,
 Em vez do junco, em vez das espadanas;
 Já que amava o dia natalício
 Da mais nova das filhas delicadas,
 Que tão queridas tinha, e tão mimosas.
 « Estas, dizia a nympha, que óra colho,
 Flores viçosas ornarão a frente
 Daquelle, que me deu o ser divino,
 É dia de prazer, de gala é dia;
 Aglaura hoje nasceu, irmã presada;
 Aglaura hoje nasceu tão bella, e meiga,
 Quanto a Mãe de Cupido é meiga e bella.
 Honrando o pae exalto a cara filha;
 Devo-lhe galas, devo-lhe tributos.
 Filha não fóra Almira, irmã não fóra
 Nestes dias negando ingenuos brindes. »
 E nisto pressurosa a loura Nymphá
 Colhia o goivo, a verde mangerona,
 O malmequer, a humilde violeta,
 Colhia a madre-silva, a linda rosa,
 Tecendo alegre mil canções singellas
 Co'a voz divina com que o ar serena.

Defronte do Penedo da Saudade
 Verde collina, que não é muy alta,
 Nas fraldas apresenta debeis canas,
 O vim de dobediço, o louro, o mirto;
 Ornam-lhe o cimo verdes castanheiros,
 Proficuas oliveiras, e altos choupos.
 Lanigeros rebanhos apascenta;
 Por ella descem os pastores ledos
 Á varzea onde nasceste, ó meiga Lilia,
 Onde tambem co'a morte se eclipsaram
 Teus olhos mais brilhantes que as estrellas.

De lá, por entre as sarças espinhosas
 Felizêo, guardador de pobre gado,
 De feia catadura, olhar ferino,
 Robusto, agigantado, e a côr trigueira,
 Almira descobriu na fresca varzea
 Colhendo airosa as flores que aviventa;
 Mais bella que Diana entre as estrellas
 Argentando o calado firmamento;
 Tão bella como a Deusa dos amores,
 Ao Troiano mostrando seus encantos
 Nos bosques d'Ida sacros, espaçozos.

Ao ver da Nymphá o porte peregrino,
 As madeixas subtis desenrançadas
 Nas espadoas caíndo em aureas ondas,
 Que o Zefiro varia abrindo as azas;
 Ao ver-lhe os niveos pomos, que mal tremem
 Sobre um seio, que Venus invejára;
 Pasmado Felizêo nas veias sente

Accender-se d'Amor o voraz fogo.
 Mil sófregos desejos, vôam d'alma
 Nos crespos fios d'ouro a enrolar-se;
 Mil sófregos desejos correm leves
 A lhe libar na bocca o doce nectar,
 Entre o carmin, e as perolas mimosas.
 Quer á Nymphá correr, quer declarar-lhe
 A força da paixão, que n'alma sente;
 Votar-lhe um coração, que ella já tinha,
 E onde cem golpes, mal que a vira, juntos
 Os trefegos Amores profundaram;
 Mas contemplando a propria fealdade,
 A côr adusta, os membros descarnados;
 Oppondo o ser humano ao ser divino,
 Convulso pára; anima-se; esmorece;
 E entre os combates, que a alma lhe espedaçam,
 E a voz entrecortando mal sonora,
 Dest'arte exclama: « Em vão, em vão pretendo
 No peito suffocar de amor os fogos.
 Não tenho um coração a amar propenso?
 Á condição de pobre pegureiro
 Attende Amor as setas dardejando?
 Exclue a fealdade o ser humano?
 Se gentil me não fez a Natureza,
 Outros dotes me deu de igual apreço.
 Quaes a força, e coragem, que me anima.
 E acanhado de um panico receio
 Morrerei do silencio entre os rigores? »
 Calou-se Felizêo, e á Nymphá corre
 Mais ligeiro, que atraz da lebre o galgo,
 Mais rapido, que a frecha os ares corta,
 Ou raio de alta nuvem despedido.

Almira, mal que o vê, na accessa face
 Pintado o horrivel, o afrontoso crime,
 Um grito solta, e foge pressurosa.
 Oh! ventos, ajudai-me a prompta fuga!
 Sob teus passos te amacia, ó terra,
 Tua distancia encurta, se é possível!

Felizêo nas carreiras adestrado,
 Correndo atraz da Nymphá esbaforida,
 Em breve a alcança, e diz-lhe, segurando-a:
 « Não fujas, que fugindo mais me accendes.
 Já que attender não queres meus amores,
 Consiga a força o que não podem preces »
 Mais gritos inda solta lastimosos
 A triste Almira; e fria . . . e desmaiada . . .
 Em terra cae! Então o fero amante
 Com brutal avidéz . . . Suspende, ó Muza!
 Deve o resto envolver-se no silencio;
 E nem consente a minha ingenua pluma
 Que tão negros horrores a enxovalhem.
 Flora de pejo se embrenhou nas selvas.
 Os ais da triste os echos repetiram;
 E os plumosos cantores longo tempo,
 Vendo o crime espantoso, emmudeceram.
 Os zefiros fugiram pressurozos,
 E a desgraça d'Almira, suspirando,
 Ao Mondego contaram descuidado.

Subito o Deus ouvindo o mesto caso
 Enfiado se encosta ás urnas d'oiro,
 Por largo tempo não descendo aos mares;
 E em seus reinos Neptuno irado estranha
 A falta do tributo. Mas apenas
 A si tornou do rapido desmaio,

Só cura da vingança o pae mofino,
E ao sitio corre, ao sitio malfadado.

Inda em seus braços apertava a Nympha
Instando Felizêo por novos crimes;
Mas na presença do afrontado Nume
Das mãos a preza larga, e estatua fica.
Livre das garras deste açor cruento
Almira, pomba terna, a rozea face
Co'as mãos de neve occulta envergonhada,
E nos olhos o pranto lhe rebenta.
A mais horrível e espantosa morte
Não fóra punição bastante ao crime...
Que não possás, traidor, morrer mil vezes!
Has de ver de continuo teus desejos
Nas azas do impossivel definhar-se.
Monstro! perderás a humana forma.
Em pena ao crime, que horrorisa o mundo
Em rude castanheiro te converte. »
D'est'arte as iras desprendera o Nume,
Eis o fero pastor se arreiga á terra.
Em tronco se lhe muda o corpo adusto,
E nelle se lhe esconde o rude gesto;
Mudam-se em ramos os forçozos braços,
Os dedos em raminhos; em cortiça
A tez se lhe transforma aspera e tosea,
E os hirsutos cabellos em folhagem.
Almira que farás no triste ensejo?
Irás nas agoas esconder a face,
Junto ás irmãs chorar teu fado horrível?
« Vingada estás, ó filha, assim castigam
Os Numes quem se atreve contra os Numes:
Volve comigo, ó triste! ás agoas volte!
Minha ternura enxugará teu pranto;
No seio das irmãs terão teus males
O doce allivio, que á desgraça é dado. »
Afagando-a o Mondego isto dizia;
Mas Almira a quem rala o tenro peito
Ó pertinaz veneno da vergonha;
« Ó pae, ó pae, lhe diz se perdi tanto,
Deves tambem perder esta mesquinha:
Se é possivel mudar meu ser divino,
Em fonte me transforma, que eu não posso
Amar uma existencia envenenada. »

Dissera, e condoído o triste velho,
De Almira atende os rogos. D'improvizo,
Dos olhos, donde o pranto já corria,
Em borbotões rebentam claras agoas,
Os cabellos, que as almas enredavam,
De freseo humor em fios se convertem.
Manam dos dedos limpidas fontinhas;
E dos mimosos pés, escorregando,
Dois chorros christalinos se deslisam.
Do pé da nova planta o pae magoado
Foi por entre as hervinhas conduzindo
A transformada filha, foi com ella
Nas agoas, onde impéra, mergulhar-se.

A fonte se chamou do Castanheiro;
Caras memorias ás pastoras deve
A Bella, que perdida a prisca forma,
Inda chora seu fado, e murmurando
Aos braços paternaes saudosa corre.
As Nymphas do teu Graça, caro Alcino,

¹ Alcino Gracioso, ou António Pereira Zagalo,

Conta de Almira a malfadada sorte;
E ao som da lyra ingenua, que não mancham
Os gabos da lizonja, ao som da lyra
Á belleza votada, e á sã virtude,
Em teus versos lhe ensina como podem
Achar um Felizêo nessas campinas.

A Dissertação, que abaixo publicamos foi-nos dirigida pelo Sr. D.^o Jeronimo José de Mello, querendo S. Ex.^o por este modo dar cumprimento á promessa que nos fez o anno passado de ornar as columnas da Revista com algumas produções scientificas de seus mais distinctos alumnos.

Completamente leigos na materia de que se occupa a Dissertação Physiologica do Sr. Manoel Maria Barbas, para nos decidirmos a publical-a e a tel-a em subido apreço, bastava-nos a recommendação do digno Professor de Physiologia.

Para conhecimento porém de nossos leitores accrescentaremos uma breve noticia que podémos colher á cerca d'este illustre Academico, cuja perda lamentam já a sciencia e a humanidade.

Era natural da Covilhã. Frequentava com summa distincção o quinto anno Medico em 1845. Os prévios estudos que antes havia feito em Cirurgia, e a practica que havia adquirido, grangearam-lhe grande fama em Coimbra, aonde era tido em conta de mui habil operador. Falleceu ainda não ha muito tempo. Honramo-nos de poder prestar á sua memoria este tributo de respeito e veneração.

Alexandre Meyrelles

DISSERTAÇÃO PHYSIOLOGICA.

An physe, vel chemyse hoematosi opus explicari potest?

A palavra hoematose vem do substantivo grego *aima*, *aimatos*, que significa sangue, e cuja synonymia é *sanguificação*, ou *respiração propriamente dicta*; é pois a hematose em Physiologia a conversão em sangue d'alguuma cousa que o não é; por consequencia é ella o resultado d'uma funcção, e um producto da Universidade do Coimbra, e particular amigo do A.

ducto cujos factores cumpre conhecer: ora em todos os phenomenos da natureza não deparamos nós senão materia trabalhada por estímulos; as funcções da economia viva, que são comprehendidas na cathgoria de phenomenos naturaes, não podiam prescindir da condição material e dos estímulos, regulado tudo pelo principio vital; logo a obra da hematose, que é o producto d'uma funcção da economia, não poderá ser comprehendida, nem sua analyse e exame poderá levar-nos a concluir se pôde, ou não ser formulada n'uma explicação physica ou chymica, sem que conheçamos; 1.º sua condição material, isto é, o organo, apparelho, ou ponto d'elle onde ella se faça exclusivamente; 2.º os agentes ou estímulos, que provocam sua acção; 3.º o mechanismo porque esta se verifica, e por consequencia se pela Physica, ou chymica se pôde ella explicar.

Ponto da economia, onde exclusivamente se faz a obra da hematose.

Longo tempo se dividiu a hematose em geral e particular, comprehendendo a primeira, a conversão da lympha, e chylo em sangue; entendendo-se pela segunda a mesma conversão do sangue venoso em arterial; mas esta distincção é inadmissivel por isso mesmo que reunindo-se os tres fluidos antes de chegar ao pulmão sem deixarem de ser cada um o que é, ao sair do parenchyma deste organo todos elles se mudam n'um mesmo liquido; por consequencia a hematose não pôde applicar-se senão á mudança do chylo, lympha, e sangue venoso em arterial.

Mas não se pense que desde sempre se assignou á funcção da respiração o officio importante da hematose; porque os antigos sustentavam, que ella não servia senão de refrescar o corpo; e nos tempos modernos renovou Helvetius a mesma opinião, attribuindo á respiração o officio de refrescar o corpo pelo contacto do ar fresco, que ella introduz constantemente no pulmão, refrigerando o sangue, que os attritos tinham aquecido nas derrotas longas, e por ventura estreitas da circulação: invocava elle como argumentos; 1.º que são quente o ar; 2.º que as veias pulmonares têm menor volume, que as arterias do mesmo nome, de que concluiu que o sangue em quanto atravessa o pulmão perde um pouco do seu volume condensando-se por arrefecimento; todavia o

primeiro nada colhe, porque em quanto se demorar dentro do pulmão o ar, necessariamente deve elle equilibrar-se em temperatura com elle; o segundo é falso, porque as veias pulmonares longe de terem menor volume, que as arterias do mesmo nome, devem excedel-as, pois que manifestando o sangue que as percorre um grau a grau e meio de mais elevada temperatura, sua maior dilatação deve reclamar maior calibre no vaso; além disso se a respiração refresca o sangue, devera de ser mais quente o venoso que o arterial, e é o contrario o que tem lugar; tambem não poderiamos viver n'uma temperatura superior á nossa, e o sangue arterial não differiria do venoso, senão porque continha um pouco menos de calorico livre.

Quizeram ainda outros, que a respiração de nada mais servisse do que facilitar a passagem do sangue de umas para outras cavidades do coração, desenrolando os vasos do pulmão; por isso que na expiração se julgava isso impossivel, pela grande flexuosidade em que se acham então os vasos: nasceu esta hypothese com a descoberta da circulação do sangue, e por tal forma se insinuára ella nos espiritos, que até Haller com quanto considerasse a respiração como a funcção que faz o sangue, grande importancia ligou elle ao desenrolamento dos vasos do pulmão no acto da respiração; socorriam-se em seu apoio a uma experiencia de Versale, e Hocke com que muito ruido se fez, e na qual pertendiam elles ver suspender, ou restabelecer a circulação segundo que o ar dilatava ou não o pulmão; consistia ella no seguinte: adoptava-se á trahea d'um animal vivo uma bomba para que podesse á vontade insufflar o ar para dentro do pulmão; e depois tirava-se todo o thorax, e punha-se por este modo descoberto todo o pulmão; seguia-se a esta grande desordem o abatimento deste organo, e por consequencia o empecimento de toda a respiração e circulação; mas tornava ella a começar insufflando-se o ar pela bomba, por forma, que parecia ser sufficiente dilatar o pulmão para ver tornar a começar a circulação.

(Continúa.)

Manoel Maria Barbas.

A INFANCIA E MOVIDADE DOS GRANDES HOMENS.

Benjamin Franklin.

III.

Continuado de pag. 120, e fim.

Sua entrada em Philadelphia é narrada pelo proprio Franklin, nas suas memorias, com tal candura, que me não posso furtar ao prazer de a copiar textualmente.

« Na minha chegada a Philadelphia, diz elle, trazia apenas minhas vestes de trabalho, o meu fato mais aceado devendo-me chegar por mar. Eu estava coberto de pó; minhas algibeiras forradas de camizas e de meias; não conhecia alma viva na cidade, e não sabia aonde hospedar-me. Cançado da jornada, do meu trabalho das manobras, e de ter passado toda a noite sem dormir, tinha uma fome extrema; e todo o meu dinheiro consistia n'um dollard e n'uma moeda de cobre no valor pouco mais ou menos d'um schilling, que dei aos homens do navio, em pagamento da minha passagem. Como eu os tinha ajudado nas manobras, recusaram ao principio, mas eu insisti, até que aceitaram. Caminhei até á entrada d'uma rua, olhando com inquietação para um e outro lado e cheguei assim á rua do Mercado, aonde encontrei um menino com um pão. Tinha-me já muitas vezes acontecido jauntar só pão secco. Indaguei da creança aonde comprára aquelle pão, e fui com elle até á tenda do padeiro que elle me indicou. Pedi primeiramente biscoito, esperando encontrar como o que havia em Boston; mas não o havia d'essa qualidade em Philadelphia. Pedi então um pão de tres penny (trinta réis.) Não o havia d'esse preço. Como eu ignorava os preços, bem como as diversas especies de pão, pedi então ao padeiro de me dar tres penny de pão de uma especie qualquer. Forneceu-me tres grandes pedaços. Fiquei admirado de obter uma tão grande quantidade. Todavia peguei n'elles, e não tendo já logar nas algibeiras, puz-me a caminho, com os dois pedaços de pão debaixo d'ambos os braços, e comendo o terceiro bocado.

Cheguei assim da rua do Mercado á quarta rua, e passei deante da casa de M. Read, o pae da minha futura esposa. A donzella que estava em pé deante da porta olhou para

mim com espanto, e pensou, não sem razão, que eu tinha uma figura singular e grotesca.

Voltei o angulo e entrei na rua Chestnut, comendo o meu pão ao longo da estrada; e tendo voltado sobre meus passos, tornei a achar-me no cães da rua do Mercado, em frente do navio d'onde havia desembarcado. Subi a bordo para beber uma pouca d'agoa; e achando-me perfeitamente satisfeito com o pedaço de pão que tinha devorado, dei os dous outros a uma mulher e ao seu filho que tinham feito a derrota comnosco no navio, e esperavam que elle partisse para continuar sua viagem.

Assim refrescado, galguei a rua, que estava cheia de pessoas bem vestidas, todas seguindo a mesma direcção. Fiz como ellas, e cheguei a uma casa aonde se reuniram os quakers, perto da praça do mercado. Assentei-me como fez toda a assembléa. Depois de ter olhado em roda de mim, e não ouvindo pronunciar uma só palavra, caí n'um profundo somno que durou até se dispersar a assembléa; então um dos membros da congregação teve a bondade de me acordar. Foi alli, por consequencia a primeira casa de Philadelphia aonde eu entrei, e aonde pelo menos dormi.»

Esta situação e a descripção que Franklin faz de si, indicam assás o estado de penuria em que elle se achava na sua chegada a Philadelphia. Desde logo, diligenciou trabalho, e achou-o n'uma imprensa. Não se passou muito tempo, que a sua boa conducta, seu zelo no trabalho e habilidade, lhe não grangeassem a affeição do seu employeur.

Publicou então, debaixo da forma d'uma carta dirigida a um amigo, a narração da sua viagem de Boston a Philadelphia. Este pequeno opusculo attrahiu a attenção e produziu uma certa sensação, por causa da finura do estylo e das observações, e especialmente por causa do maravilhoso bom senso que n'elle transluzia, e que foi sempre o lado saliente do genio de Franklin em todas as suas obras.

IV.
A carta de Franklin fez tanta bulha, que a mostraram a sir William Keith, governador da colonia; que ao lê-la ficou tão encantado pelo seu auctor que desejou vê-lo e o teve em grande conta d'amizade, não obstante a differença da sua posição social. Esta amizade, que honrou Franklin, devia porém causar-lhe serios embaraços,

Sir Villiam Keith sabendo que elle era tão bom operario e auctor espirituoso, e mui capaz de se pôr á frente d'uma empreza, metteu-lhe em cabeça de fundar em Philadelphia um estabelecimento por sua conta. Franklin quiz a este respeito consultar seu pae, que o dissuadiu d'isso. Pouco tempo depois o governador propoz de novo a Franklin o realisar seu projecto, e convidou-o a partir para Londres, para ahi fazer uma escolha de typos e material, superiores a tudo quanto então existia nas colonias da America.

Franklin embarcou pois para Inglaterra, munido de cartas de recommendação que lhe havia dado sir William Keith. Em Londres o nosso heroe viu bem depressa que o seu protector não tinha nenhuma especie de credito juncto ás pessoas a quem elle viera recommendado. Eil-o no meio d'uma grande cidade, estrangeiro, sem amigos, e peor ainda sem recursos.

Nossos leitores sabem agora que Franklin não era homem de se deixar descorçoar. Procurou logo occupação e entrou como operario n'uma imprensa de Londres, depois de se ter deixado embalar, confiado no seu jactancioso protector por illusões e sonhos, que uma triste realidade lhe veio desvanecer. Os homens da especie de sir William Keith são numerosos n'este mundo; illudem com certas apparencias de grandeza e generosidade, e é por isso *que é sempre bom desconfiar das promessas pomposas.*

Em Londres, bem como em Philadelphia, Franklin manifestou-se aos seus superiores sob o esplendor de todas as suas qualidades. Foi bem depressa apreciado, amado e até respeitado dos seus camaradas, apezar de ter apenas dezoito annos. Sua conducta regrada, seu zelo pelo estudo que mais se desinvolveu no meio das riquezas intellectuaes que lhe offerencia uma grande cidade como Londres, deram-lhe azo para fazer economias sobre o seu salario.

Estas economias formáram uma pequena somma assás forte, com que Franklin se propunha emprehender uma viagem pelas principaes cidades da Europa, sempre com o fim de se instruir; mas no momento de partir, soube que um dos seus compatriotas, um pobre diabo de poeta, se achava em Londres, falto de todos os recursos, a braços com a fome e inferno. Adeus viagem através da Europa! Adeus prazeres e alegrias que Franklin se prometia gosar. Sua viagem limitou-

se a transportar-se do seu domicilio ao do seu infeliz compatriota; e sua alegria e prazer reduziram-se em consagrar tudo quanto sua bolsa continha em arrancar o pobre discipulo d'Apollo á miséria em que vivia, a pagar-lhe as suas dividas, e a comprar-lhe a roupa de que carecia; depois fez transportar o inferno para sua casa, deu-lhe um lugar no seu quarto, ao seu lar, á sua meza, e poz-se a trabalhar com mais ardor ainda; e em quanto aquelle desgraçado se não curou e não ficou em estado de partir para a America, sustentou-o não com o fructo das suas economias, que haviam desaparecido, mas com o producto do seu trabalho de todos os dias, como um irmão faz a um irmão!

Eis aqui, na verdade, um dos episodios mais tocantes da vida de Franklin; e não nos podemos eximir de uma viva emoção vendo-o na vespera de gozar o primeiro prazer, a primeira alegria que uma infancia e mocidade tão estudiosas e economicas lhe permitiam, sacrificar-los generosamente para consummar uma boa acção! Similhanes rasgos na existencia d'um mancebo devem trazer-lhe felicidade! Não se póde duvidar que taes sentimentos, cedo ou tarde tem a sua recompensa.

Por maiores esforços que empregou Franklin para dissimular sua generosa conducta para com o seu compatriota, bem depressa foi ella conhecida de todos os que o cercavam, e duplicou a estima e afeição que já lhe consagravam.

V.

Por este tempo, um negociante que se dispunha a partir para a America com fardos de fazendas, propoz a Franklin de o acompanhar a Philadelphia aonde contava estabelecer-se, e offerecendo-lhe mui bons ordenados para elle ser seu caixeiro, fez-lhe entrever a possibilidade d'uma associação no futuro.

Franklin acceitou, e eil-o de volta para Philadelphia; tinha então vinte annos.

Apenas o negociante chegou, que falleceu; e o pobre Franklin acha-se ainda uma vez desempregado; mas entra de novo n'uma imprensa aonde havia deixado toda a sorte de excellentes recordações. Ahi trabalhou durante alguns mezes, e tendo encontrado entre os numerosos amigos que possuia, amigos serios e que sabiam apreciar-o, credito e um concurso franco, fundou em fim, por sua

conta um estabelecimento typographico que não tardou a prosperar, graças á actividade, moralidade e zelo de que elle tinha dado tantas provas.

Desde esse momento sua fortuna ficou estabelecida; e elle começou, descansado em quanto ao futuro, e gozando um repouso que tinha bem merecido, a utilizar em proveito do publico os thesouros de sciencia, de moral, e de bom senso que tinha accumulado no fundo do seu coração e de seu espirito.

Até alli Franklin tinha sido um excellente rapaz, um corajoso mancebo, um honrado operario; fa porém bem depressa ser um homem de genio, e uma das glorias as mais puras e as mais completas do seu paiz.

Aqui poderíamos parar, e a nossa missão poder-se-hia dizer acabada; porque temos conduzido através das duas provas da sua infancia, e através das luctas da sua mocidade, esse homem de bem até á hora em que começa sua vida publica, em que elle vai ser responsavel perante o mundo, das suas acções, e recolher-lhe os benefícios e a recompensa. Mas resta-nos ainda o tornar bem saliente, que tudo quanto Franklin apprehendeu e realisou, desde esse momento se resen- tiu das impressões da sua infancia e da sua mocidade, da direcção que elle lhe deu, do cuidado que teve em cultivar seu coração, em alumiá-lo seu espirito com bons exemplos, e em os elevar um e outro á altura dos maiores modelos, que elle tinha encontrado nas suas excursões através da historia dos povos e dos annaes da humanidade. Oxalá que elle se torne, um exemplo que a mocidade deve ter debaixo dos olhos e esforçar-se por imitar.

Franklin fez numerosas descobertas na sciencia, entre outras a *para-raio*; escreveu obras de moral e de philosophia, em que todos sem distincção de classes e de idade podem instruir-se e apprender o bem; fundou em Philadelphia varios estabelecimentos de beneficencia, bibliothecas, escholas publicas, e hospitaes.

Passou uma vida interior cheia de felicidade, em virtude do seu casamento com Madame Read; essa joven que o observára com tanto espanto no dia em que elle entrava em Philadelphia no extravagante traje com que o pintámos.

Depois de ter occupado os mais altos empregos no seu paiz, Franklin morreu em Philadelphia a 17 d'Abri! de 1790, tendo vivido oitenta e quatro annos. Seu nome trans-

mittido com veneração até nós, ha de passar á posteridade coroado d'uma aureola de gloria.

(Extrahido da sua vida.)

Alexandre Meyrelles.

COLLEGIOS DE EDUCAÇÃO.

Continuado de pag. 106.

A especulação, suggerida pelo egoismo, não é para lamentar como filha só da sociedade actual; é antes um d'esses vermes devoradores, que ha sempre empecido a marcha do genero humano no seu progressivo caminhar, mas que este seculo parece ter adoptado com singular tendencia. Especula-se com tudo o que ha de mais sagrado; especula-se com — a educação da mocidade. Nem se appellido de leve uma tal asserção, que os factos ahi se passam bem patentes aos olhos de todos; e os homens que mais estudaram e meditaram a importante questão do ensino não cessam de nos repetir: « que o magisterio por especulação, collegial, escholar ou domiciliario é (as excepções são raras) peor que mau. » Temos pois que a intervenção nos collegios, d'uma auctoridade policial, é objecto de reconhecida utilidade. Todo o collegio deve ter uma lei, uns estatutos que o regulem, e sirvam de garantia ás psssoas que lhe confiam a educação de seus filhos; creio mesmo que nenhum ha, digno d'esse nome, que os não tenha. Muitos d'esses Estatutos estão profundamente elaborados, cheios de sensatez; traduzem-se em cada um d'elles principios justos e razoáveis. Quem nos assegura porém que semelhante Lei ha de ser, como deve, religiosamente cumprida? Quem nos afirma que ella não será transgredida e ludibriada; se terá uma realidade practica, ou se é apenas um programa pomposo e illusorio? O chefe ou director do collegio não é de certo a pessoa mais competente, para affiançar a exacta applicação dos seus Estatutos. D'aqui a conveniencia palpavel de que seja uma pessoa desinteressada, e de reconhecido mérito, a escolhida para indagar se a Lei é rigorosamente observada, ou se, pelo contrario, é sophismada com manifesto prejuizo das familias.

Se a nossa legislação, em muitos casos, não acompanha ainda, como devera, os pro-

gressos da civilização moderna, não merece todavia o desprezo a que desgraçadamente tem sido votada. Entendemos que o defeito radical d'uma grande parte das nossas Leis, está em se omitir a practica das suas disposições. Recáia pois toda a censura e responsabilidade sobre os que, possuindo os meios de promover a sua execução, o não fizeram por incuria ou por calculo. A estes cabelles o remorso de ter causado, não a perda d'um só individuo, mas a ruina d'uma nação inteira.

Temos á vista um Decreto de 20 de Setembro de 1844, cujo fim é organizar toda a Instrução Publica, nos tres diversos ramos, em que se acha dividida: *Primaria, secundaria e superior*, pelo que respeita não só ás materias de que se compõe cada um d'estes ramos, mas tambem aos Professores, que as ensinam. N'este Decreto, ha um titulo especialmente dedicado aos Collegios e Escolas particulares, do theor seguinte:

Art. 1.º É livre o estabelecimento de Collegios e Escolas, para o ensino de quaesquer objectos d'instrucção litteraria.

Art. 2.º Antes da abertura dos Collegios, os seus Directores entregarão ao Administrador do Concelho, e ao Commissario dos Estudos, e na sua falta ao Reitor do Lyceu do Districto, uma declaração do objecto e local do seu estabelecimento, acompanhada dos documentos, que justifiquem, que elles, pela sua *boa morigeração, pela de todos os Empregados na empresa, e pelas habilitações litterarias dos Professores*, são dignos de dirigir a educação dos alumnos, que concorrerem a esses estabelecimentos.

Art. 3.º A igual declaração serão obrigadas as pessoas, que pretenderem abrir cursos particulares sobre um ou muitos ramos de instrucção.

Art. 4.º As auctoridades Inspectoras das Escolas publicas poderão visitar os Collegios e Escolas particulares, e examinar a educação e aproveitamento moral e litterario dos alumnos; e os respectivos Directores e Professores serão obrigados a prestar os esclarecimentos, que pelas mesmas Auctoridades lhes forem exigidos.

Art. 5.º Os Directores dos Collegios e Professores, que faltarem ás condições exigidas nos artigos 2.º e 3.º, ou se recusarem ao cumprimento do que lhes fôr exigido, em virtude do artigo antecedente, ou por qualquer modo que forem indignos de se lhes confiar a educação da mocidade, poderão ser

temporariamente suspensos, ou inteiramente inhibidos de suas funcções, guardadas as solemnidades prescriptas nos artigos 179 e 181¹ para os Professores d'ensino publico.

§. unico. Os Directores e Professores, que abusarem de seu ministerio, ensinando doutrinas subversivas da ordem estabelecida, immoraes ou irreligiosas, serão punidos e perseguidos judicialmente.

Preencherão as disposições, que acabamos de referir, o fim que se pretende alcançar? Ter-se-ha attendido ás vantagens d'uma inspecção rigorosa; submettidos áquellas disposições, offerecerão os Directores e Professores dos Collegios particulares uma garantia segura das suas habilitações, para bem educar e instruir aquelles, de cuja educação e instrucção, está dependente toda a sua felicidade? Cremos que não. Pedimos venia aos que sobre isto decretaram, se temos o arrojado de os considerar menos cautelosos em tão delicado assumpto. Entendemos que se o Titulo 3.º do Decreto de 20 de Setembro de 1844, por um lado, contém medidas que a prudencia forçosamente aconselhava, por outro lado, é demasiadamente indulgente, exigindo apenas, no artigo segundo, que « antes da abertura dos collegios, os seus Directores entreguem ao Administrador do Concelho, e ao Commissario dos Estudos, e na sua falta, ao Reitor do Lyceu do districto, uma declaração do objecto e local do seu estabelecimento, acompanhada dos documentos que atestem as suas habilitações moraes e litterarias e as dos Professores a quem compete dirigir a educação dos alumnos. »

¹ Não podem ser demittidos os Professores de Instrucção Superior, sem preceder Consulta affirmativa do Conselho d'Estado; nem terá lugar a demissão dos Professores de Instrucção Primaria e Secundaria, sem préviamente ser ouvido o Conselho Superior d'Instrucção Publica. (*Decreto do 1.º d'Agosto de 1844*).

As penas disciplinares são: — as advertencias — a censura — a reprehensão particular, ou em congregação — as multas — a suspensão com a perda total ou parcial dos vencimentos, — a demissão.

§. 1.º A applicação das penas será graduada pela gravidade dos factos.

§. 2.º Para ter lugar a suspensão com perda de vencimento, cumpre, que seja imposta pelo Conselho Superior de Instrucção Publica, ou por elle confirmada, precedendo audiencia dos interessados.

§. 3.º A demissão terá sempre lugar quando os Professores derem grande escandalo á mocidade pro seu mau procedimento moral ou civil.

É esta de certo uma medida judiciousa, mas de limitado alcance, ainda na hypothese de serem, o que por vezes não são, escrupulosamente examinados e approvados taes documentos. A inspecção da authoridade não deve ficar aqui, deve ir mais longe, e observar attentamente se os actos practicados pelos Directores na gerencia dos Collegios estão ou não d'accordo com a veracidade dos documentos, de que se muniram, para provar as suas habilitações. Além d'isto os Professores e Empregados na empresa não são vitalicios, e do artigo nem sequer se collige que para novos Professores e Empregados, se exijam novos documentos. Nem se nos diga que tudo está prevenido no artigo 4.º, quando n'elle se diz « as auctoridades inspectoras das Escolas publicas poderão visitar os Collegios e Escolas particulares, e examinar a educação e aproveitamento dos alumnos. » O disposto n'este artigo é inteiramente facultativo, quando entendemos devia ser obrigatorio. Se em vez de *poderão visitar* se dissesse *deverão visitar* não teriamos a lamentar os milhares d'abusos que nos Collegios se commettem a cada passo, com manifesto desprezo das suas proprias Leis.

(Continúa.)

CORRESPONDENCIA.

Srs. Redactores:

A Direcção da Sociedade Philanthropico-Academica, a que tenho a honra de pertencer encarrega-me de lhes pedir a publicação do resultado da sua ultima sessão, na qual se tomaram algumas deliberações, tendentes a melhorar o estado da Sociedade. A Direcção, attendendo ao muito que os Srs. Redactores da Revista Academica se teem interessado por tão benemerita instituição, espera se não recusarão a este seu pedido.

Secretaria da Sociedade Philanthropico-Academica, em 23 de Março de 1855.

M. A. Guerra, Secretario.

Sessão da Direcção da Sociedade Philanthropico-Academica, em 22 de Março de 1855.

Presidencia do Sr. D.º Nazareth.

Lida a acta da sessão antecedente o Sr. Presidente abriu a sessão lendo um requerimento do Vogal Extraordinario, o Sr. Alexandre Meyrelles, em que chamava a atten-

ção da Direcção sobre pontos de relevantissimo interesse para a Sociedade. — Começava por lembrar á actual Direcção, o cumprimento d'uma medida, tomada pela Direcção antecedente, de se conservar no cofre da Sociedade, como fundo inalienavel, a quantia de trezentos mil reis, para occorrer ás despezas de urgentissima necessidade. Requereu em seguida que d'ali em diante, a Direcção não fizesse emprestimo algum que excedesse a quantia de treze mil e oito centos, por ser esta a maior importancia d'uma matricula na Universidade, e que taes emprestimos só podessem ter logar na epocha d'abrir e fechar as matriculas; accrescentando que a esta regra se faria apenas uma excepção, quando um socio allegasse estado de doença grave, justificado por documento do facultativo.

Pedia finalmente se lançasse mão de meios extraordinarios para que a cobrança das prestações mensaes dos socios, corresse regularmente, pois que sem aquella fonte de receita a sociedade mal poderia occorrer ás suas mais insignificantes despezas.

O Sr. Presidente observou que pelo que tocava á primeira parte do requerimento, a Direcção começaria a ir d'accordo com ella, satisfazendo apenas ás prestações mensaes, e pondo termo aos emprestimos, em quanto se não perfizesse a quantia ou fundo permanente. O Sr. Presidente depois de ter satisfeito d'este modo á primeira parte do requerimento do Sr. Meyrelles, poz a segunda parte á discussão, e decidiu-se que se adoptassem as medidas n'ella exharadas; a requerimento porém do Delegado, o Sr. Manoel Francisco de Medeiros ampliou-se a proposta do Sr. Meyrelles, e decidiu-se que se podesse emprestar uma quantia que não excedesse uma prestação mensal ao socio que se achasse repentinamente privado da sua mesada, na conformidade dos Estatutos.

Pondo-se á discussão a terceira parte da proposta, deliberou-se que no espaço de seis dias se procedesse á cobrança dos mezes de Fevereiro e Março, nomeando-se por isso um ou dois cobradores extraordinarios, ficando desde já desonerados temporariamente d'esse encargo os Srs. Delegados.

Não havendo nada mais a discutir, o Sr. Presidente fechou a sessão era 1 hora da tarde. Secretaria da Sociedade Philanthropico-Academica, em 22 de Março de 1855.

O Secretario,

Manoel Alves Guerra.

Preço da assignatura.

Por 1 anno	1:200 réis
Por 6 mezes.	600 »
Avulso	160 »

Pode-se assignar remettendo directamente a importancia da assignatura ao Redactor principal da REVISTA ACADEMICA, Alexandre Meyrelles, rua do Corpo de Deos n.º 31, em Coimbra. Toda a correspondencia deve ser franca de porte.

Subscreve-se para a REVISTA ACADEMICA—em Lisboa, na loja do Sr. Lavado, *Rua Augusta* n.º 8; no Porto, Braga e Guimarães, na loja do Sr. Moré; em S. Miguel, em casa do Sr. Manoel Cardoso d'Albergaria e Valle; na Terceira, em casa do Sr. José Bensabat; no Fayal, em casa do Sr. Rodrigo Alves Guerra.



REVISTA ACADEMICA

JORNAL MENSAL.

N.º 8—JULHO DE 1854.



INDICE DOS ARTIGOS.

Srs.	Pag.
	Vida de Luiz de Camões 141
	Rellexões sobre o theatro Allemão 149
T. A. Ribeiro	O penedo da meditação 151
	Testamento politico 152
J. A. Santos e Silva	Correspondencia 153
Alexandre Meyrelles	Correspondencia 155
	Manuscripto 158
José Joaquim d'Azevedo	Aos Açoreanos Occidentaes 159

Coimbra

IMPRESSA DA UNIVERSIDADE

1855.

Sala 17
Gab. 7
Est. 7
Tab. 14
N.º 14



REVISTA ACADEMICA

JORNAL MENSAL

N.º 8 - JULHO DE 1854

INDICE DOS ARTIGOS

111	112	113	114	115	116	117	118	119	120	121	122	123	124	125	126	127	128	129	130	131	132	133	134	135	136	137	138	139	140	141	142	143	144	145	146	147	148	149	150	151	152	153	154	155	156	157	158	159	160	161	162	163	164	165	166	167	168	169	170	171	172	173	174	175	176	177	178	179	180	181	182	183	184	185	186	187	188	189	190	191	192	193	194	195	196	197	198	199	200
-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----



Companhia

1854

VIDA DE LUIZ DE CAMÕES.

Os homens mostraram sempre um grande desejo de conhecer as circumstancias particulares de todos aquelles varões, que illustraram o seu nome, e patria. É mui natural a curiosidade de averiguar, quaes foram os estudos, que desinvolveram o seu ingenho, quaes os seus habitos moraes e character, quaes as suas acções, e de saber se estas corresponderam á elevação dos sentimentos, que elles manifestaram nos seus escriptos.

Quando vemos reunidos aos maiores talentos do espirito as qualidades mais estimaveis do coração, assim como os principios das mais solidas virtudes, sentimos a maior satisfação em poder amar e respeitar o homem grande, que fomos obrigados a admirar. Mas se observamos além disso, que a adversidade, não provocada nem merecida, o perseguiu durante a sua vida, e que elle soube lutar com fortaleza e constancia contra os rigores da sorte, ou contra a perversidade humana, então concebemos para com elle uma veneração, quasi proxima a um culto: *Ecce spectaculum Deo dignum, vir fortis cum mala fortuna compositus.*

O espectáculo de uma tal conducta, agradável a Deus, é a eschola da verdadeira philosophia; ou antes é ella mesma dando a lição mais importante para os homens, aos quaes estes grandes e admiraveis exemplos devem servir de modelo.

Luiz de Camões nos presenta, mais do que nenhum outro, um destes grandes exemplares. Depois de manifestar nas suas diversas obras o maior ingenho, e de nos legar no seu immortal poema o amor da patria, e das mais heroicas virtudes, deixou-nos em todas as acções da sua vida um monumento da grandeza e elevação da sua alma, que póde e deve servir, não só de instrucção, mas de emulação. Superior á ingratição da sua patria, que servira, e illustrara, conservou constantemente o mesmo amor por ella, e a inteireza do seu nobre coração, a pesar da mais cruel infelicidade.

Propondo-me hoje escrever a sua vida, bem quizera poder dar aos meus leitores noticias mais circumstanciadas della; mas é forçoso, que elles se contentem com o pouco, que nos transmittiram os seus contemporaneos Diogo do Couto e Manoel Corrêa, e com o mais, que Pedro de Mariz, Manoel Severim de Faria, e Manoel de Faria e Sousa,

trinta ou quarenta annos depois, deram por averiguado.

Deviam certo, ou considerar esta materia de menos importancia, ou pôr nella bem pouca diligencia e applicação, pois estão longe de satisfazer a nossa sequiosa curiosidade, e de se eximir da culpa de deixarem confusos e escuros alguns dos factos, que referem.

Por tanto o meu trabalho foi de extrahir estas noticias dos auctores, acima mencionados, tendo tido o maior cuidado em confrontal-os, e escolher sómente o, que era verosimil, para o que muito me serviram uma lição a mais attenta, e um miudo exame das obras de Camões, aonde elle toca alguns successos da sua vida, desvelando-me assim a fazer melhor conhecer o character e conducta deste varão, que tanto honra a humanidade.

A familia dos Camões é originaria de Galiza. O seu solar era o castello de Camões, juncto do cabo de Finisterre, donde deriva o seu appellido.

Vasco Pires de Camões foi o primeiro della, que passou a Portugal em 1370, quando seguiu as partes do Senhor D. Fernando contra el-Rei D. Henrique de Castella. A julgar pela grandeza da doação, que o Soberano portuguez lhe fez, e os cargos, que lhe confiou, devia ser a aquisição deste fidalgo considerada de grande importancia, e a sua pessoa tida em grande valia. Casou em Portugal com a filha de Gonçalo Tenreiro, Capitão mór das Armadas; de quem teve Gonçalo Vaz de Camões, João Vaz de Camões, e Constança Pires de Camões.

Do primogenito descendem varias familias das mais illustres do Reino. Da alliança, que fez o segundo com Ignez Gomez da Silva procedeu Antonio Vaz de Camões, o qual casou com Guiomar Vaz da Gama, de quem teve Simão Vaz de Camões. Este, e Anna de Macedo (dos Macedos de Santarem), foram os primogenitores do grande Luiz de Camões.

Refiro esta ascendencia genealogica para mostrar, que a fortuna até o tinha favorecido, fazendo-o nascer em uma classe, que lhe proporcionava grandes vantagens, e não para illustrar o nosso Poeta; pois é elle, quem pelo seu ingenho e virtudes illustrou mais a sua familia, e fez o seu appellido conhecido na Europa, quando aliás não teria passado além das fronteiras de Portugal.

Seus paes não deviam ser ricos, porque

provinham d'um ramo segundo; e é notorio, que os cadetes em Portugal são geralmente pouco avantajados: mas tanto maiores elogios e agradecimentos merecem de nós pelo cuidado, que tiveram em cultivar o grande ingenho natural do seu filho.

Nasceu este no anno de 1525 em Lisboa, segundo a melhor opinião, fundada nos registros da Casa da India, que Manoel de Faria descobriu, em que se acham notados a sua idade e assentamento de praça.

Sabemos, que, passada a sua primeira educação, elle foi (dizem), da idade de doze annos, continuar os seus estudos na Universidade, que el-Rei D. João III. tinha transferido, havia pouco tempo, de Lisboa para Coimbra, convidando para professar nella alguns dos nacionaes, e estrangeiros mais famosos então no orbe litterario. Dos progressos, que elle fez naquella eschola, podemos julgar pelos conhecimentos e erudição, que vemos nas suas obras, e pela superioridade, com que brilhou desde logo, e que conservou sempre entre todos os seus contemporaneos. Já nessa juvenil idade Luiz de Camões se dava á poesia, e nos seus primeiros ensaios mostrava o talento poetico, de que era dotado, e a sua applicação aos bons auctores e modelos. Acabados os seus estudos, na idade de 18 ou 20 annos, voltou á Córte, aonde residiam seus paes, e onde os fidalgos moços, segundo os costumes, d'aquelle tempo, vinham mostrar-se para aperfeicoar a sua educação, e passar d'alli ás duas escholas militares de Africa e Asia.

Dotado d'uma presença agradável, d'um raro ingenho, de uma imaginação romantica, de um coração sensível e ardente, com um espirito ornado de quantas vantagens a natureza e a educação podem dar, viu-se procurado, e estimado por todos aquelles, que cultivavam as letras. Mas, como elle diz,

... Quem pôde livrar-se por ventura
Dos laços, que Amor arma brandamente?

Alli viu D. Catharina de Atayde, composta de graças e de belleza, se devemos crer a descripção encantadora do Poeta, e concebeu por ella o mais ardente amor, como o seu coração era capaz de senti-lo, e como os seus versos mostram, conservando o fogo da paixão, que os dictou. Era esta senhora dama do Paço, e a julgar pelo seu appellido, parenta de D. Antonio Atayde, primei-

ro Conde da Castanheira, poderoso valido do Senhor D. João III. Estes amores inspiraram a Camões a maior parte das suas primeiras poesias, e foram a primeira causa dos seus infortunios. Posto que elle fosse igual em nascimento a D. Catharina de Atayde, como lhe faltavam os bens da fortuna, pôde-se mui bem conjecturar, que a familia desta senhora procurou prevenir uma união, que julgava desvantajosa, e aggravando uma falta desculpavel, reclamou sobre esta o rigor das leis, que eram naquelle tempo mui severas contra os, que entretinham amores no Paço. Por este motivo, o unico, de que tenhamos noticia certa, foi desterrado da Córte para o Ribatejo, o que elle confirma, e de que se queixa na elegia terceira, em que se compara a Ovidio, lamentando as penas da ausencia, e tão austero castigo.

Neste retiro procurou Camões um allivio ás suas magoas no estudo e na poesia. Alli compoz grande parte das suas rimas, provavelmente as suas comedias, e concebeu o plano do seu poema, em o qual, julga Manoel de Faria, que elle começou a occupar-se muito cedo.

Ignora-se o tempo, que durou este degredo; quando voltou d'elle a Lisboa, e se embarcou para militar em Africa; e até o motivo desta segunda sahida da Córte. Talvez por não comprometter mais a sua dama, ou por experimentar novos contratempos, tomou uma resolução propria do seu brioso coração; e entrando na carreira e serviço militar, quiz, como verdadeiro cavalleiro, participar da gloria, que os portuguezes então adquiriam em todas as partes do mundo. A minha opinião é, que elle intentou primeiro passar á India, e que para esse fim se alistou em 1550, mas que foi obrigado a mudar de tenção, e a servir em Africa, ou pelo terem condemnado a novo degredo, ou por alguma outra razão, que ignoramos.

Passou a Ceuta, que governava nesse tempo D. Pedro de Menezes, nomeado Governador em 1549. Alli militou Luiz de Camões com o seu valor nativo, achando-se em diversos recontros, e particularmente em um combate naval no estreito de Gibraltar, aonde juncto de seu paço, que commandava uma das naus, recebeu dos Mouros, um tiro, que o privou do olho direito. Voltou a Lisboa com esta honrosa cicatriz, mas nem por ella nem pelos seus serviços teve a menor recompensa. Então pôz em execução a sua primeira determinação de passar á India,

impellido pelos mesmos motivos, ou por se ver orphão de paes, e de bens da fortuna, e sobre tudo desgostoso das injurias da Corte, e das *más tenções dos homens*.

Dizendo adeus á sua patria, e a tudo, que mais amava, para transportar-se

Aquella desejada, e longa terra,

De todo o pobre honrado sepultura?

exclamou, como Scipião: *Ingrata patria, non possidebis ossa mea!* taes tinham sido os desgostos, que nella o perseguiram! Assim mesmo, enfadado della, soube sómente ir servil-a em paizes mais remotos, e lá

... Buscar co' o seu forçoso braço

As honras, que elle chame proprias suas.

Vê-se, que a sua determinação, arrancando-se da sua terra natal, era de não voltar mais a ella, ainda que deixava allí a maior parte da sua alma, e tão doces memorias;

Os campos, as passadas, os signaes,

A vista, a neve, a rosa, a formosura,

A graça, a mansidão, a cortezia,

A singela amizade, que desvia

Toda a baixa tenção, terrena, impura.

Quão malogrados ficam aqui os nossos desejos de saber mais miudamente, como, e porque causa o nosso Poeta rompeu tão doces laços de amor, e se expôz ás cruéis penas de uma longa ou eterna separação! Quaes eram os obstaculos, que se oppunham a unir-se com a sua amada? Quaes as esperanças, que depois na India, elle diz, fundava nella, e em que confiava, quando a perdeu? A nada disto satisfazem os insensíveis e frios biographos, os quaes parecem ter medo ou escrupulo de fazer menção, e de dar alguma noticia dos amores de Camões; e este por um delicado sentimento não se explicou, senão em termos geraes ou mysteriosos sobre o objecto da sua paixão;

Alistou-se pois de novo, e embarcou-se em 1553 na nau de Francisco Alvares Cabral, uma das quatro, que compunham a esquadra, expedida nesse anno para a India, debaixo do commando deste fidalgo, e que foi a unica, que pôde lá chegar depois de ter soffrido uma grande tormenta. Governava aquelle estado o Vice-Rei D. Affonso de Noronha, com o qual, logo em Novembro seguinte, Luiz de Camões, ambicioso de gloria, se embarcou na armada, que ia contra

o Rei de Chembé (ou da Pimenta), que alcançou victoria d'elle, e o obrigou a pedir paz; do que o nosso Poeta faz menção (na elegia I) com a modestia propria do verdadeiro valor:

Uma ilha, que o Rei de Porca tem,

E que o Rei da Pimenta lhe tomára,

Fomos tomar-lha, e succedeu-nos bem.

Neste anno perdeu o seu melhor amigo, D. Antonio de Noronha, o qual mataram os Mouros de Tetuão, assim como a seu tio, o Governador D. Pedro de Menezes, no combate de 18 de Abril, juncto a Ceuta, cuja morte soube no anno seguinte, e lamentou em diversas poesias. No anno de 1555 succedeu o Vice-Rei D. Pedro Mascaranhas a D. Affonso de Noronha, e deu logo commissão a Manoel de Vasconcellos de ir com uma armada cruzar na boca do Mar Roxo, para esperar, e combater as naus dos Mouros. Offereceu-se Luiz de Camões para ir nesta expedição; mas a esquadra, depois de cursar em vão defronte do cabo Guardafu, até se lhe passar a monção, foi invernar em Ormuz no Golfo Persico. Desta expedição falla o Poeta na sua canção X:

Juncto de um secco, duro, e esteril monte.

Voltando a Goa em Outubro do anno seguinte, achou fallecido o Vice-Rei D. Pedro Mascaranhas, ao qual tinha succedido o Governador Francisco Barreto. Luiz de Camões indignado dos principios de corrupção de costumes, da perversidade e baixezza da maior parte da gente (consequencia fatal de conquistas distantes, e que mais apparece, quando a sede do ouro, e o abuso do poder dominam), exhalou a sua virtuosa indignação naquella satyra, que intitulou—*Disparates da India*—, e que bem injustamente quizeram chamar libello, quando não ha naquelles versos um só nome escripto, nem a censura dos vicios é individual, mas geral. Aquelle, que tiver lido, ou quizer ler o—*Soldado pratico*—de Diogo do Couto, e o que este autor contemporaneo diz na sua Decada V., l. 2. e. 3., e conhecer assim, a que extremo de corrupção tinham chegado nesse tempo os portuguezes na India, assentará, que o nosso Poeta é um brando censor. E qual coração honrado, nobre, desinteressado como o seu, deixaria de sentir profundamente, e de reprehender com justa severidade,

esta degeneração dos nossos antigos, e briosos costumes? No mesmo tempo appareceu um papel em prosa e verso, que motejava de alguns cidadãos de Goa, que, por adulação ao novo Governador, tinham ordenado umas festas ridiculas, para celebrarem o dia da sua posse, nas quaes os festeiros se expuzeram á vista do publico, em um estado offensivo de ebriedade. Esta satyra foi attribuida a Luiz de Camões, mas póde-se crer, que falsamente, pois nem na prosa nem nos versos apparece uma faísca do seu ingenho, nem vemos, que elle antes ou depois mostrasse esta propensão de character, de que o quizeram accusar.

Irritado Francisco Barreto contra elle, e talvez sentido, de ver expostos e censurados vicios, de que participava, ou que não sabia reprimir, como era homem de grande vaidade e soberba, abusou do poder, que tinha, e desterrou Luiz de Camões para as ilhas Molucas. Sentiu este por extremo uma tal prepotencia, de que se queixou nas suas rimas, dizendo:

A pena deste desterro,
Que eu mais desejo esculpida
Em pedra, ou em duro ferro.

Mas a generosidade e grandeza do seu coração eram taes, que nunca nomeou o tyrannico Governador, que tão injustamente o maltractara. Porém é um dever da historia denunciar este despota aos seculos futuros, e notar o seu nome com a infamia de ter sido um dos perseguidores daquelle grande homem, cujo distincto merecimento não soube nem sentir nem avaliar. Não é menos digna de censura a baixeza, com que Manoel Severim de Faria e outros procuraram attenuar este despotismo abominavel do homem poderoso, culpando a victima, o infeliz Luiz de Camões.

Tres ou mais annos discorreu por Malacca, pelas Molucas, e por Macau, cumprindo a pena deste degredo; do qual faz menção na canção VI., em que descreve Ternate, e na X., em que refere parte da sua trabalhosa vida, vida amargurada de mais a mais pela ausencia, em que se via, daquella, que constantemente amava com a vehemencia, de que os seus doces e tristes cantos fazem fé, e aos quaes ainda hoje os nossos corações respondem. A chegada do Vice-Rei D. Constantino de Bragança, o qual succedeu no governo a F. Barreto, em 1558, offere-

ceu ao nosso Poeta occasião de reclamar a sua justiça, e antiga amizade, para fazer cessar aquelle iniquo degredo. Conjecturo, que o Vice-Rei lhe levantou a pena, e o nomeou Provedor dos defunctos em Macau, com o fim de o empregar, e de melhorar a sua condição. Alli residiu os ultimos annos, que passou naquellas regiões austraes, e alli se occupou muito no seu poema. É tradição constante, que passava muitas horas a trabalhar nesta composição, em uma gruta, que se mostra agora em Macau, e é nomeada a—*Gruta de Camões*. Que vigor d'ingenho e de character devia ter Luiz de Camões para não se deixar abater, nem pela adversidade nem pelos calores de um clima ardente, mas achar energia em si mesmo para entregar-se a uma tão grande e longa composição!

Durante o governo de D. Constantino póde o nosso Poeta obter d'elle o voltar a Goa. Mas a sorte adversa, que parecia assanhada em perseguil-o, fez, que a nau, em que se tinha embarcado, fosse naufragar na costa de Camboja, juncto á foz do rio Mecom:

Este recebera placido e brando,
No seu regaço os Cantos, que molhados
Vem do naufragio triste e miserando
Dos procellosos baixos escapados.

Neste naufragio perdeu elle tudo, quanto possuia, podendo apenas salvar-se a nado sobre uma taboa, e só com o manuscripto do poema, o seu mais precioso thesouro; e por certo tão precioso para elle como para nós, pois immortalizou a sua e nossa fama. Com esta unica riqueza chegou a Goa em 1561: e sendo grato, ao mesmo tempo que justo, para com o Vice-Rei, dirigiu-lhe as outavas (em que imita a Horacio na epistola a Augusto) que começam:

Como nos vossos hombros tão constantes, etc.

nas quaes tocando levemente os abusos do governo precedente, sem nomear Francisco Barreto, e sua má influencia sobre aquelle

Povo indomito,
Costumado á largueza, e á soltura
Do pesado Governo, que acabava.

Louva a D. Constantino por ter atalhado estes vicios: e os historiadores confirmam o juizo do Poeta.

No pouco tempo, que durou o governo deste Vice-Rei, passou Luiz de Camões des-

encadô á sombra da sua protecção, e foi então, que elle convidou varios fidalgos seus amigos a um gracioso banquete, em que lhe serviu em logar das primeiras iguarias pequenos versos, dirigidos a cada um, o que foi muito celebrado.

Mas este tempo de tranquillidade não foi de longa duração, porque no mesmo anno partiu D. Constantino para a Côrte, deixando o governo a seu successor o Conde de Redondo.

Este não era menos favorecedor e amigo do Poeta, mas não pôde impedir, que homens malevolos o accusassem de malversação na administração da Provedoria de Macau, e que fosse posto em juizo, e encarcerado. Sahu Luiz de Camões, como era de esperar, innocente e puro desta calumniosa accusação; mas quando ia abrir-se-lhe a porta da prisão, o embargou nella um fidalgo, cidadão de Goa, chamado Miguel Rodrigues Coutinho, de alcunha, Fios-seccos, por duzentos cruzados, de que se dizia crédor. Esta foi a unica occasião, em que elle se valeu do Vice-Rei, dirigindo-se a elle, mas sem baixeza, para o desembargar, e ridiculizando aquelle interesseiro avarento nas rondilhas conhecidas:

Que diabo há tão danado

Que não tema a cutilada

Dos fios seccos da espada

Do fero Miguel armado? etc.

Livre da prisão continuou a estar na India alguns annos, passando os invernos em Goa entregue ao estudo e ás suas composições, e embarcando-se nos verões para servir nas armadas e nas differentes emprezas militares, para que eram destinadas. Em todas estas occasiões mostrou sempre o éstremado valor, de que falla ao Rei com a altivez propria e justa, que dá a consciencia do verdadeiro merecimento, dizendo:

Para servir, vos braçoas, armas feito

Abonação esta, que merece o maior credito, porque tinha sido na India muito conhecido pelas armas, o que seus camaradas de volta ao Reino publicavam, elogiando o seu espirito e valor heroicos em todas as occasiões de guerra: e os portuguezes, diz Manoel Severim, são tão rigorosos censores da verdade, que não consentem a seus vizinhos gabar-se d'o, que não tem, mas ainda

às vezes lhe confessam difficultosamente o, que possuem.

Morto o Conde de Redondo, succedeu-lhe D. Antão de Noronha no governo da India, e por este tempo, segundo pôde conjecturar-se, experimentou o nosso Poeta a maior perda, e recebeu o seu coração o mais sensível golpe, pela morte de D. Catharina de Atayde, em cuja affeição, parece, que elle punha as suas ultimas esperanças.

Tendo então acabado já o seu poema, unico recurso, em que podesse pôr confiança, resolveu passar ao Reino, devendo esperar, que assim como trazia nesta composição uma tão distincta honra á sua patria, ella e o Soberano lhe deviam a recompensa devida aos talentos, de que dava tantas provas, e merecida pelos seus relevantes serviços.

Ao tempo, que meditava o modo de achar os meios, de que o summo desinteresse e exempção o tinham deixado falto, para voltar a Portugal, Pedro Barreto, nomeado Governador de Sofala, propôz-lhe com grandes promessas de o acompanhar. Aqui principia a sua maior desgraça. Cedeu por desventura sua a estas instancias, porque o seu coração era incapaz de suspeitar a falsidade, e baixeza deste homem, que entendeu ter nelle um servente, e abusou cruelmente da dependencia, em que o puzera, a tal ponto, que Diogo do Couto, e varios fidalgos, matalotes, e antigos amigos de Luiz de Camões, abordando a Moçambique na nau Santa-Fé, o acharam vivendo de amigos, e reduzido á maior miseria.

Por esta occasião, quiz Luiz de Camões livrar-se de tal captiveiro, embarcando-se na nau; mas o sordido e cruel Governador o embargou por duzentos cruzados, importancia das despezas, que pretendia ter feito com elle de Goa até Moçambique. Diversos fidalgos, de quem a historia conservou para honra delles os nomes, se cotisaram a fim de satisfazer a este desalmado Governador; e de tirar aquelle infeliz das suas garras. *Por este vil preço, diz energicamente Manoel de Faria, foi vendida a pessoa de Camões, e a honra de Pedro Barreto.*

Durante este tempo, que bem pôde chamar-se de duro captiveiro, é, que Luiz de Camões compôz algumas das suas poesias, nas quaes se vê, quão profundamente a sua alma estava ferida da perversidade dos homens, e quanto lhe pezava a sua triste e infeliz existencia.

Na dura e inhospita terra de Moçambi-

que exhalou a sua dor naquelles versos, que parecem dictados pela maior melancolia, e que ferem os nossos corações, como se ouvissemos os seus gemidos.

Embarcou-se em fim na sobredicta nau com os seus amigos, e chegou a Lisboa, depois de dezaseis annos de ausencia, de serviço, e de trabalhos, em o anno de 1569, quando esta cidade ardia na maior força da peste, a que deram o nome de grande.

El-Rei D. Sebastião reinava, ou para melhor dizer, reinavam os seus validos, que o tinham maliciosamente persuadido a tomar as redeas do Governo das mãos de seu tio Regente, o Senhor cardeal D. Henrique, como já as arrancara pouco tempo antes das da Rainha, sua avó, para lhas entregar; procurando por estes e outros meios affastal-o de todos aquelles, que podiam moderar as suas juvenis paixões.

Estes validos, desejando conservar el-Rei apartado de seus augustos parentes, e assim a sua privança, serviram-se do pretexto da peste para o fazer discorrer pelas provincias. Em um tal estado de cousas, devia ser difficil a Luiz de Camões apresentar-se ao Rei, e talvez ainda mais a taes Ministros, a quem a sua nobre e altiva liberdade, os puros e honrados conselhos, que dava no seu poema ao Soberano, deviam pouco agradar. Não se pôde duvidar d'esta verdade, considerand-o a recompensa, que deram a este grande homem, quando em fim pôde offerecer o poema ao Senhor D. Sebastião.

Dispendeu Luiz de Camões os primeiros dois annos em pôr as suas cousas em ordem, e procurar modo de imprimir os Lusíadas, que sahiram á luz pela primeira vez em 1572.

O mundo litterario recebeu esta obra com o maior applauso, pelo seu merecimento intrinseco, e por ser na realidade o primeiro poema epico, que depois da restauração das lettras os modernos produziam. Quando elle cobria de gloria a sua nação por este motivo de primazia, e por ser este poema destinado a celebrar os heroicos feitos dos portuguezes; estes, e os mesmos descendentes daquelle Vasco da Gama, cuja navegação e descobrimento da India o Poeta cantava, ficaram insensíveis a esta fama, que lhes accrescia, e ao pundoñor, não ajudando, nem favorecendo o auctor. Mas, o que é mais vergonhoso, o Governo, em recompensa dos muitos serviços, que, durante dezaseis annos, Camões tinha feito como soldado, e em attenção ao lustre, que dava á

nação, e ao reinado do Senhor D. Sebastião, com esta immortal obra, só lhe deu a mais que mesquinha pensão de quinze mil reis, e com a obrigação de residir na Côrte, e de tirar novo Alvará todos os seis mezes para a cobrança della.

Não é o Senhor D. Sebastião, o qual contava apenas dezaseis annos d'edade, que podemos culpar desta vergonhosa acção, mas os Ministros e validos, que governavam, e de que os principaes eram os dous irmãos, o Padre Luiz Gonçalves da Camara, seu confessor, e Martim Gonçalves da Camara, escrivão da Puridade.

São estes os, que merecem a maior censura, e que devem ser nomeados, para que a posteridade lhes ponha o ferrete desta culpa, como já os assignalou por serem aquelles, que, apoderando-se do animo tenro e ardente deste joven Principe, começaram por indispô-lo contra sua excellente avó, que acabaram com desgostos, e contra o seu digno e respeitavel ayo D. Aleixo de Menezes, para o privarem dos seus bons conselhos, sendo assim a primeira causa da infausa expedição de Africa, aonde elle foi consummar a sua e nossa ruina.

As intrigas e meneios, em que andava involvida a Côrte por estes maus conselheiros do Rei, os preparos para esta expedição, que custavam grandes sommas e sacrificios aos povos (estes Ministros não sabendo propôr, senão meios os mais ruinosos), emfim todo este reboliço, que trazia o povo na maior agitação e descontentamento por tão louco projecto, são as razões, que podem explicar este inexcusavel abandono do pobre Camões.

Lendo o, que elle escreveu, e as memorias, que nos restam dos ultimos sete annos da sua vida, nenhum bom portuguez poderá deixar de sentir o seu coração estalar de dor, e as suas faces cobrirem-se de vergonha.

A miseria, a que o deixaram chegar os seus compatriotas, foi tal, que um João, por nome Antonio, que elle tinha trazido da India, mais humano e mais grato, do que elles, e melhor avaliador das qualidades deste grande homem, corria de noite as ruas de Lisboa pedindo esmolas para sustentar o seu nobre e honrado amo.

É neste tempo, que um fidalgo, chamado Rui Dias da Camara, com um egoismo e insensivel importunidade, que revolta o animo, veiu ao pobre quarto de Camões, para

fazer-lhe queixas, de que, tendo-lhe prometido uma traducção dos Psalmos penitenciaes, não acabava de a fazer, sendo tão grande Poeta: ao que este respondeu com uma brandura e paciencia extraordinaria: *Quando eu fiz aquelles cantos, era mancebo, farto, namorado, e querido de muitos amigos, e damas, o que me dava calor poetico: agora não tenho espirito, nem contentamento para nada: ahí está o meu João, que me pede duas moedas (de cobre) para carvão, e eu não as tenho para lhas dar.* Póde fazer-se a comparação entre o João Antonio e o fidalgo Rui Dias da Camara.

Nestes ultimos annos, que viveu, a sua habitação foi um pequeno quarto de umas casas proximas á Igreja de S.^{ta} Anna, na pequena rua, que conduzia ao convento dos Jesuitas. D'alli ia passar, por unica diversão, as tardes no convento de S. Domingos, em conversação com alguns doutos religiosos da sua familiaridade.

Conservaram os seus biographos dous fragmentos de certas escriptas junto do termo da sua vida. Do primeiro vê-se o extremo de miseria, a que elle estava reduzido; e do segundo colhe-se, que elle assim mesmo amava a sua patria com aquella paixão, que o animava sempre, e que levava á sepultura.

Quem jámais ouviu (escrevia na primeira carta) dizer, que em tão pequeno theatro, como o de um pobre leito, quizesse a fortuna representar tão grandes desaventuras? E eu, como se ellas não bastassem, me ponho ainda da sua parte; porque procurar resistir a tantos males pareceria desavergonhamento.

Na segunda carta, ultima, escripta perto da morte, dizia: *Emfim acabarei a vida, e verão todos, que fui tão affeiçãoado á minha patria, que não sómente me contentei de morrer nella, mas de morrer com ella.*

Este mesmo sentimento, o primeiro e ultimo do seu coração, tinha elle já exprimido antes, de uma maneira tal, que não creio haja, na antiguidade dicto algum mais heroico, ou que, consideradas as circumstancias, em que se achava Camões, mostre o amor da patria mais puro, e exempto de toda a vaidade e amor pessoal. Jazendo naquelle pobre leito de misérias e desaventuras, ferido da ingratição da sua patria, e do desleixo dos homens, veiu um sujeito, seu conhecido, dar-lhe a triste noticia da jornada de Alcaerquivir, da morte do Senhor D. Sebastião,

e do fim funesto, que ameaçava a patria: *Ao menos, Camões levantando-se exclama, ao menos morro com ella!* Arrasam-se os olhos de lagrimas a um dicto tão bello, tão grande, tão generoso.

Aquelle incomparavel homem, que tinha achado em si fortaleza e constancia para supportar tantos males, não pôde resistir a esta noticia, e cahiu aterrado com a dor desta catastrophe infelicissima, succedida em 4 de Agosto de 1578.

Sobreveiu-lhe pois uma grave enfermidade, na qual houve de experimentar o extremo da miseria e do abandono, aggravado pela pena de ver perdida a independencia da sua patria, e até pela falta do seu fiel e exemplar João. Emfim levaram-no ao hospital, em que se curam os pobres; e alli falleceu, no anno de 1579, em tal esquecimento, que até se ignora o dia e mez, em que acabou a vida (provavelmente no principio do anno). Não pôde mais duvidar-se, que foi este o seu tragico fim, como refere Diogo Barbosa, porque no original de Lord Holland, que tenho presente, e que pertenceu a um Fray Josepe Indio, que o deixou no convento dos Carmelitas descalços de Guadalaxara, acho confirmada esta opinião n'ò, que este Religioso escreveu de sua lettra na primeira folha, aonde diz como testemunha ocular:

« Que cosa mas lastimosa, que ver un tan grande ingenio mal logrado! yo lo vi morir en un hospital en Lisboa, sin tener una sahana, con que cubrirse, despues de auer triunfado en la India oriental y de auer nauegado 5500 leguas por mar: que auiso tan grande para los que de noche y de dia se cançan estudiando sin provecho como la arana en urdir tallas para cazar moscas. »

Transcrevo aqui a nota inteira, porque me parece importante conserval-a, e porque quero persuadir-me, que este Religioso talvez o assistisse na ultima hora, e recebesse delle este exemplar precioso, que toco com respeito, pensando, que Luiz de Camões o teve nas suas mãos.

Dizem alguns, e entre outros Manoel Severim de Faria, que da casa de D. Francisco de Portugal foi mandado o lençol, em que o amortalharam, e com que o sepultaram na Igreja de S.^{ta} Anna, logo á entrada da porta á mão esquerda, sem lhe pôrem campa ou letreiro.

Pouco tempo depois, D. Gonçalo Coutinho lhe mandou cobrir o logar de sua se-

pultura, que com muito trabalho pôde achar-se, com uma pedra rasa, na qual tinha mandado esculpir o seguinte Epitaphio: tardio e pequeno tributo pago á memoria de tão grande homem!

AQUI JAZ LUIZ DE CAMÕES: PRINCIPE DOS POETAS DO
SEU TEMPO:
VIVEU POBRE E MISERAVELMENTE,
E ASSIM MORREU NO ANNO DE MDLXXIX.
ESTA CAMPA LHE MANDOU Pôr DOM GONÇALO COUTINHO,
NA QUAL SE NÃO ENTERRARÁ PESSOA ALGUMA.

Honra e louvor sejam dados a Dom Gonçalo Coutinho!

Mas ó vergonha! ó dor! A Igreja de S.^{ta} Anna, tendo sido derribada pelo terremoto de 1755, quando ao depois foi reedificada, a ninguem lembrou a sepultura de Camões, nem o conservar sagrado o logar desta, e a campa posta por D. Gonçalo Coutinho. Finalmente não existe um só monumento em Portugal, dedicado á memoria daquelle raro ingenho, a quem este paiz mais deve!

Os seus contemporâneos ao menos conservaram-nos o seu retracto; Manoel Corrêa o tinha em seu poder; e Gaspar Severim de Faria o mandou gravar em cobre, e tirar as estampas, que seu tio ajunctou á vida, que deu, de Camões.

Foi Luiz de Camões, diz Manoel Severim de Faria, de meã estatura; cheio de rosto, algum tanto carregado da fronte; nariz comprido, levantado no meio, e grosso na ponta; cabello louro quasi acafroado; gentil e engraçado na apparencia, quando era moço, e antes de perder o olho direito.

Era no tracto muito facil, alegre, e jocoso, até o tempo, em que a adversidade, pezando sobre elle, o fez na ultima idade melancholico. A ternura e sensibilidade do seu coração vêem-se nos seus versos, e na paixão delicada e tão viva, que conservou por D. Catharina de Atayde. O amor da sua patria predominava sobre todos os outros sentimentos; e para achar-lhe comparação, é necessario procural-a na antiga Grecia ou Roma. O seu valor, desinteresse, nobreza, e heroicidade, eram eguaes a tudo, que os tempos da Cavallaria podem offerecer-nos. Mas a sua constancia e fortaleza na extrema adversidade, sem que se possa mostrar d'elle uma expressão de adulação ou de baixaza, nem que se repita uma voz fraca arrancada do padecimento, o farão sempre distinguir entre os homens maiores de todos os tempos, por esta virtude tão rara, e que só per-

tence a um character eminentemente superior. Não menos o era no ingenho, de que o seu poema epico é um immortal testemunho. Mas ainda quando elle não tivesse composto mais do que as suas rimas, mereceria por ellas grande nome juncto ao de Petrarca, e de outros, que por este genero de poesia se collocaram na primeira ordem.

Tal foi Luiz de Camões. Os portuguezes, para o distinguirem de todos, lhe deram depois da sua morte o nome de—*Grande*; e por certo elle mereceu mais do que muitos daquelles homens, a quem uma baixa adulação prodigalisou, durante a sua vida, um titulo tão honroso, e a tão poucos devido.

Todo aquelle portuguez, que quizer sentir em si, e excitar nos outros um ardente amor pela Patria: todo aquelle homem, que desejar animar-se com heroicos espiritos para heroicas acções,

A fazer feitos grandes de alta prova;

que quizer apprender os mais puros principios de moral, e cobrar forças e constancia para resistir á maldade e ingratição dos outros homens, e procurar uma consolação na adversidade, leia, compulse, e medite os *Lusiadas*.

Quantas vezes fui eu obrigado a interromper a leitura desta obra sublime, por se me arrasarem os olhos de agoa, commovido pelo amor da patria, elevado na grandezza dos pensamentos, encantado das bellezas de todo o genero, que alli se encontram! Quantas vezes, opprimido eu mesmo de trabalhos e desgostos, procurei allivio nesta lição, e nas memorias da sua vida! Ah! quem pôde dizer-se mal pago dos homens, ou chamar-se infeliz, recordando-se de Luiz de Camões?

Naquelle memoravel cerco de Columbo em Ceilão, aonde brilhou como ultima luz o antigo valor dos portuguezes na Asia, é fama, que os soldados opprimidos de fome e de trabalhos se alliviavam, e animavam repetindo em côro as estancias do poema. E que portuguez não se despertaria, como ao som bellico da trombeta, e se não disporia para a victoria, se lhe repetissem a animosa e patriotica fallá do condestavel D. Nuno Alvares Pereira?

Tendo escripto esta vida de Luiz de Camões, se pude transmittir aos que a lerem os sentimentos da profunda veneração, de que estou penetrado pelo character moral

deste grande homem, se pude mostrar, que na maior adversidade elle conservou aquellas virtudes, que ornã e elevam mais a especie humana, e que foi um dos modelos mais proximos á perfeição, os meus votos estão preenchidos; e, se nisto ha falta, roghees a disculpem, attribuindo-a á minha insufficiencia.

Seja-me porém concedido reunir a estes votos os de convidar a minha nação a erigir um mausoleu, ou qualquer outro monumento, digno delle e della, á memoria do Grande Poeta, que a immortalizou.

Estou convencido, de que os portuguezes o farão por geral aclamação, nesta epocha sobretudo, em que acabam de mostrar, que conservam no peito o nativo espirito de heroicidade, e os sentimentos

Da Lusitana antiga liberdade,

que elle cantou e celebrou:

*Hic saltem accumulæ donis, et fungar inani
Munere!*

(Continúa).

REFLEXÕES SOBRE O THEATRO ALLEMÃO.

Continuado de pag. 130.

Mas se os Allemães expulsaram os córos das suas tragedias, a introdução d'uma quantidade de personagens subalternos, que apparecem em scena d'um modo natural, ainda que accidental, substitue, a muitos respeitoes, como já tivemos occasião d'observar, o uso dos córos. Para nos convencer-mos d'isto bastará examinar o que fez Schiller no seu *Guilherme Tell*, e indagar o, que faria um poeta grego, tractando a mesma situação. *Tell*, evadindo-se ás perseguições de *Gessler*, ganhou o cume d'um rochedo, que deita sobre um caminho, por onde *Gessler* tem de passar. O aldeão suisso espera o seu inimigo, tendo na mão o arco e as frechas, que depois de servirem ao amor paternal, devem agora servir á vingança. Pinta n'um monologo a tranquillidade e innocencia da sua vida passada. Enche-se d'espanto ao ver-se lançado de repente, pela tyrannia, fóra da existencia obscura e pacifica, que a sorte parecia haver-lhe destinado.—Recúa diante da acção, que se vê obrigado a practicar. As

suas mãos ainda puras, trêmem de ser salpicadas pelo sangue d'um culpado. Todavia insta-o a necessidade, é necessario salvar a sua vida, a de seu filho, a de todos os objectos de sua affeição. Certamente que n'uma tragedia grega, o côro não tomaria então a palavra, para reduzir a maximas os sentimentos, que se accumulam no espirito do espectador. Schiller, não tendo este recurso, substitue-o pela chegada d'uma dança campestre, que passa, ao som dos instrumentos, perto dos logares, onde *Tell* se acha escondido. O contraste da alegria d'esta multidão folgazã, e da situação de *Guilherme Tell* aviva no espectador todas as reflexões, que o côro teria exprimido. *Guilherme Tell* é da mesma classe, que esses homens, que assim caminham descuidados. É pobre, desconhecido, laborioso, innocente como elles. Como elles parecia nada temer d'um poder tão superior a elle, e a sua obscuridade todavia, não lhe serviu d'azylo. O côro dos Gregos teria desinvolyido esta verdade n'uma linguagem sentenciosa e poetica. A tragedia allemã fal-a sobresahir não com menos força, pela appareição d'uma multidão de personagens, estranhos á acção, e que não têm com ella relação alguma ulterior.

Outras vezes estes personagens secundarios servem para desinvolver os caracteres principaes d'um modo mais saliente e profundo. Werner, conhecido, mesmo em França, pelo merecido successo da sua tragedia de *Luthero*, e que reune no grau mais elevado duas qualidades, inconciliaveis na apparencia, a observação ingenhosa e muitas vezes jovial do coração humano, e uma melancholia entusiasta e pensativa, Werner, no seu *Attila*, appresenta á nossa vista a côrte numerosa de *Valentiniano*, entregando-se ás danças, aos concertos, a todos os prazeres, em quanto que o castigo de Deus está ás portas de Roma. Vê-se o joven imperador e seus validos sem outro cuidado mais, que o de repellir as noticias desoladoras, que poderiam interromper seus divertimentos, considerando a verdade um indicio de malevolencia, a providencia um acto de sedição, tendo só como subditos fieis os, que negam os factos, cujo conhecimento os importunaria, e cuidam fazer desaparecer taes factos, não dando ouvidos a quem os vem contar. Este descuido, submettido aos olhos do espectador, impressiona-o muito mais, que o poderia fazer uma simples narração.

A introdução d'estes meios nas nossas tragedias, estou eu bem longe de a recomendar. A imitação dos tragicos allemães parecer-me-ia demasiado perigosa para as tragedias francezas. Quanto mais os escriptores d'uma nação têm por só alvo o fazer effeito, tanto mais severas devem ser as regras, que os hão de prender: soltas d'ellas, para proseguirem no seu fim, multiplicariam as tentativas, fugindo sempre á verdade, á natureza, e ao mesmo gosto.

A França descobriu a maxima de que — mais produzem as emoções fortes que as emoções naturaes. Com tal principio, é força, que haja leis inviolaveis, que obstem aos escriptores de ferirem com tal força, que vão além de todo o natural. Sempre que os tragicos francezes têm tentado transportar ao nosso theatro os meios emprestados dos theatros estrangeiros, têm sido mais prodigos, mais excentricos, mais exaggerados no seu uzo, do que os proprios estrangeiros, d'onde os imitavam. E por isso tenho por acertado e judicioso o negar aos nossos auctores dramaticos a liberdade, que os allemães, e inglezes concedem aos seus de produzir effeitos variados com a musica, com os encontros imprevistos, com a multidão de actores, mudança de logares, e até com espectros, e prodigios, e cada falsos.

Como com taes recursos é indubitavelmente mais facil fazer effeito, do que por meio de situações, de sentimentos, e de caracteres, seria para temer, admittidos taes recursos, que bem cedo no nosso theatro se não vissem, senão cada falsos, combates, festas, espectros, e mutações de decoração.

No caracter allemão ha uma fidelidade, uma candura, um escrupulo, que contém sempre a imaginação dentro de certos limites. Os seus escriptores têm uma como consciencia litteraria tal, que lhes torna quasi tão precisa a verdade historica, e a verosimilhança moral, como os applausos do publico. Têm no coração uma natural e profunda sensibilidade, que se compraz na pintura dos verdadeiros sentimentos. Achem como um gozo para si, em se entregarem mais ao, que sentem, do que em fazerem produzir o effeito. Assim todos os seus meios exteriores, por mais multiplicados, que pareçam, são sómente accessorios. Em França porém, onde nunca se perde de vista o publico, aonde se não falla nem escreve, nem se faz nada, senão para os ou-

tros, poderiam facilmente os accessorios tornar-se o principal. É tirando aos nossos poetas esses meios demasiado faceis de successo, que se lhes faça a tirar um melhor partido dos recursos, que lhes restam, e que são assás superiores, como o desinvolvimento dos caracteres, a lucta das paixões, em fim o conhecimento do coração humano. Mesmo n'um trabalho destinado a dar idéa do theatro allemão, julguei dever observar as regras do nosso theatro, supprimindo muitos d'esses pequenos incidentes, de cuja natureza já acima se fallou.

Cortou-se, por exemplo, uma scena, demasiado longa, entre os generaes depois d'um banquete, onde *Tersky* lhes faz assignar um protesto de permanecerem fieis a *Wallstein*, mesmo contra a vontade da côrte. Esta scena onde *T.*, para os levar ao seu fim, lhes recorda todos os beneficios, que receberam do seu chefe, beneficios, cuja enumeração basta apenas a formar um expressivo quadro do estado do exercito, da sua indisciplina, da sua exigencia, e d'esse espirito d'egualdade, que então se combinava com o espirito militar; esta scena é admiravel d'originalidade e de uma verdade eminentemente local; mas não pôde ser traduzida senão com essas expressões, que o nosso estilo tragico rejeita. E depois introduz uma multidão de personagens, que nada têm com o desinvolvimento da acção, e que não tornam mais a apparecer no decurso da peça.

Renunciei tambem, ainda mais a meu pezar, a traduzir ou imitar uma outra scena, aonde *W.* se começa a despir sobre o theatro, para se ir a repousar, e de repente vê partir-se a cadêa, que suspendia a ordem do Tosão de ouro. Era a primeira dadiwa que *W.* tinha recebido do imperador, então archiduque, na guerra do Frioul, tempo, em que ambos, ao começar da vida, estavam unidos por uma affeição, que nada parecia poder quebrar. *W.* conserva na mão os fragmentos da cadêa partida: e compõe inteira a historia da sua mocidade; saudades envenenadas de remorsos o vêm assaltar; toma-o um vago temor; a sua felicidade, ha muito, lhe apparecia presa áquelle primeiro presente da amizade, abjurada agora. Contempla com tristeza aquelles restos: e por fim com força os arremeça de si. « Lançome — exclamou — n'uma opposta vereda... E este talisman é já sem poder. »

O espectador, que vê suspenso o punhal

sobre a cabeça do heroe, recebe profundamente a impressão n'esse presagio, que W. não percebeu, e n'essas palavras, que elle solta sem as comprehender. Este genero de effeito falla ao coração, por que em todos os movimentos ou de terror, ou de piedade, ou ternura, o homem é sempre levado ao, que nós chamâmos superstição, por uma força mysteriosa d'irresistivel poder. Muita gente só ahí vê pueril fraqueza: eu sinto, confesso-o aqui, tomar-me de respeito por tudo o, que na natureza tem a sua origem.

(Continua).

O PENEDO DA MEDITAÇÃO.

—•••••—

Rochedo, como! sozinho
Tão distante da cidade
Só do sussurro dos montes,
Do rumorejar das fontes,
Da branda relva do prado,
Das franjas dos horizontes
Tu queres ser festejado?!

Meditação! — como é grande
Este teu nome, rochedo!
Oh como entende este nome,
Quem ama, e soffre em segredo!

Sombrio, impassivel, mudo,
Que esperas? — do mundo algum?
Gigante inerte — comtudo
Tu choras, porque? — por quem?

Do monte cortado a pique
Porque, sentado n'altura,
Espreitas tão debruçado,
Firme, attento, fascinado,
Lá abaixo o fundo do prado,
Que te ha de dar sepultura?
Nem vês, victima da sorte,
Que por fatal magnetismo
Tu pendurado no abysmo
Lá tens d'encontrar a morte?!

Do meu soffrir resignado
Es eloquente memoria,
Es o padrão mutilado
Da minha troncada historia;
Es! — não vão muito distantes
Momentos, em que, a seu lado,
A mim e a Deus o jurei,
Nos poucos, breves instantes,
Que, n'esta pedra sentado,
Juncto d'ella meditei.

Tu queres por companheiros
Só estes montes tão tristes; —
Da quéda, que ha de matar-te,

Vês a distancia, e presistes; —

— Só d'estes aridos montes,
Onde tanto amor senti,
Eu amo a triste saudade,
Que as lindezas da cidade
Recordam-me o, que eu perdi:
— Deixae-me, — perdido o lino,
Prende-me um cego destino,
Sei, que me vou despenhar;
Bem perto chameja o incendio,
Debalde bradais « — detende-o — »
E sei, que me hei de abraçar;
Juncto a mim negreja o abysmo,
E por fatal magnetismo
Heide-lhe a altura salvar. —

Ai! n'esses breves instantes,
Que juncto d'ella scismei,
Que de Epopeias gigantes
Concebi, se as não cantei!!
E ella sorrindo sempre
No monte, no val, nas flores,
Do céu na amplidão immensa —
E amei-a, quando sorria,
Como á luz d'ultima crença,
Que mata, se tem um fim;
E ella linda, linda . . . e fria
Como a estatua da indiferença
Sentada alli juncto a mim!!

Perdi-me! — é tarde, — se eu esp'rasse ao menos,
Dias serenos d'um viver feliz . . .
Mas nunca! . . . Ai rozas, em que eu leio amores,
Pendidas flores, que não tem matiz.

Rochedo, ao menos ao viçoso prado,
Onde encantado teu olhar ficou,
Mandas o pranto, que te inunda o peito,
Ultimo preito de quem muito amou.

Mas eu . . . forçado a segredar sozinho
N'este caminho de miseria e dor,
N'um rir forçado, que ninguem presume,
Escondo o lume d'infinito amor.

Alma não deixes de saudar constante
Clarão distante da longinqua luz;
Que se ficares sem a imagem d'ella,
Erma capella!! que te resta? — a cruz. —

Fujamos, meu pensamento,
Deixa este val d'amargura,
Que após o negro tormento
Virá talvez a loucura; —
Vejo-lhe o vulto, — é medonho, —
Ouço-lhe o rir — faz tremer —
Tem o andar pezado e lento . . .
Fujamos, meu pensamento,
Não quero louco morrer.

Coimbra — 1855.

T. A. Ribeiro.

TESTAMENTO POLITICO.

De *D. Luiz da Cunha*, nosso Embaixador em França, onde morreu, e tio do Secretario d'Estado do mesmo nome, que falleceu no anno de 1775.

Continuado de pag. 128.

Mas a Providencia dotou a V. A. d'uma tal clareza de intendmento, que se servirá das suas virtuosas suspeitas, para não cair em alguma das duas sobredictas extremidades; porém, não sendo facil practicar este meio termo com todo o successo, que fóra necessario, creio que se póde haver algum, é o da boa escolha dos homens, que V. A. querará empregar, bem informado das suas acções passadas e presentes, para poder julgar das futuras, e achal-o digno da sua confiança, que todavia não deve passar de um certo ponto, para que o Ministro favorecido não presuma, que está senhor de todo o seu segredo, e por consequencia de todas as suas intenções, pondo-o deste modo em uma especie de sujeição.

Philippe II. de Hespanha nosso augusto conquistador, a quem os Castelhanos indevidamente deram o nome de *Prudente*, quando só lhe convinha o de *cruel, parrecida, sanguinario, ambicioso*, e sobre tudo *hypocrita*, consideradas as suas indignas acções, temeu, que Antonio Peres, celebre na historia d'aquelle tempo, as descubrisse; e assim as quiz cubrir com outra mais infame, querendo deixal-o condemnar a morte, pela que elle lhe mandou fazer; e em fim o faria assassinar, se elle se não salvasse em França.

Já que me sirvo d'esta anecdotia para provar o meu assumpto referirei outra, que o não confirma menos, e vem a ser, que o marquez de Fronteira, e Tavora, ambos aspiravam ao valimento do Senhor Rei D. Pedro, inclito avô de V. A., e, estando conversando a uma janella d'as, que olham para o terreiro do Paço, veiu por de traz o dicto Senhor, e, pondo-lhe as mãos sobre os hombros, lhe perguntou, em que discorriam os marquezes: o de Tavora, que era muito prompto e vivo, lhe respondeu—*Senhor, estamos vendo como nos havemos de enganar um ao outro, e ambos a V. Majestade.*

O Conde Villa Maior, depois marquez d'Alegrete, por morte de um e outro, veiu a gozar aquella fortuna, ainda que S. Majestade em certas coisas a repartia com Ro-

que Monteiro Paim por ser Juiz da Incônfidencia. E é coisa notavel, que, sendo o dicto Marquez 40 annos Vedor da Fazenda e da Repartição do Reino, não deixou algum monumento, que accreditasse nem o seu valimento, nem o seu Ministerio, para que chorémos a sua memoria; chore-a embora a sua Casa, que tão bem a apparentou, e enriqueceu, que é o, que não fez o Cardeal da Motta, *por não fazer nada de proveito nem para si, nem para o Reino.*

D'este, que é o grande patrimonio de V. A., deve dar a Deus infinitas graças; porque, podendo-o fazer nascer d'uma baixa e pobre extracção, lhe deu por pae um tão poderoso e magnifico Rei, cujas virtudes excedem a sua mesma grandeza, como todo o mundo confessa, e louva com admiração; considerando porém, que um Rei não differre, Senhor, d'outro qualquer pae de familias mais, que em o ser de muitas e não d'uma só, sendo todavia as obrigações as mesmas, seja em geral ou em particular, a administração dellas foi o ponto de vista, em que comecei este papel.

A primeira pois, que tem um pae de familias, é a de dar successão á sua casa, para que não passe a outra estrangeira.

É verdade, que a Providencia favoreceu a V. A. não menos, que com quatro Princezas; mas negou-lhe até agora um Principe, sem exultar os nossos ardentes votos, que incessantes lhe fazemos; pelo que S. Majestade no justo temor, de que nos possa continuar esta grande desgraça (por que Deus tambem tem as suas teimas, quando lhe não merecemos as suas misericordias) projectou dar estado á Senhora Princeza da Beira com tanto acerto, como V. A. sabe. Não entro nas rasões, que o dicto Senhor teve, para o não pôr até agora em execução; por que as ignoramos, e seria culpavel atrevimento querer penetrar os seus sagrados mysterios. Digo porém, que, se Deus dispozer da vida de S. Majestade, deve ser a primeira, e louvavel acção do seu felicissimo Governo, cumprir aquella, que quero chamar ultima vontade, para nos enxugar as lagrimas, que nos deve causar a falta de um tão magnifico, e benevolo Soberano.

Não estranhe V. A., que um espirito melancholico e envelhecido lhe traga á memoria, que cada instante é o termo da vida, quando Deus assim o tem determinado, para que não perca os, que elle lhe der, para nos segurar a successão, de que tanto necessita-

mos, por nos não expôr, a que a Senhora Princeza da Beira, cuja tutoria de direito compete a sua Mãe, e por consequencia della dependera dar-lhe estado, se possa lembrar de que é mais irmã do que cunhada, e mais hespanhola que portugueza, para se esquecer das maximas, que V. A. lhe terá inspirado.

Tenho por constante, que este pouco, que digo, e o muito que tenho, e podera dizer, sobre um tão relevante assumpto, não escapará á muito alta comprehensão de V. A. mas o zelo de bom, e velho portuguez, juncto a alguma experiencia, que tenho do mundo me faz romper o silencio, que em tão dilatada materia devia guardar; porque, como para tudo ha homens, quem me segura, de que não ha algum tão malevolo, que, por interessadas vistas, queira persuadir a V. A., que vá passando o tempo, lisongeando-o, de que Deus lhe dará a successão varonil, que lhe desejamos! Assim o permita Sua Divina Majestade: mas, n'este felicissimo acontecimento, que prejuizo se nos seguirá de termos em Portugal uma segunda real Linha? Eu o não considero, nem creio, que haverá pessoa alguma, que tenha o juizo em seu lugar, que o possa imaginar, principalmente se revolver na memoria a posteridade, que teve o Senhor Rei D. Manoel, de saudosa lembrança; pois lhe veiu a faltar na segunda geração, quero dizer no infelicissimo Rei D. Sebastião, que se perdeu a si, e a nós. Triste lembrança, Senhor, para os portuguezes, que reflectem sobre as suas funestas consequencias, de que ainda hoje, depois de dous seculos, Portugal se ressent.

(Continúa).

Meu caro Redactor e amigo.

N'uma carta, que sobre maneira me lisongea, tivestes vós a bondade de convidar-me para continuar na redacção da Revista Academica.

Quando não fossem os titulos d'estima, amizade e consideração, em que vos tenho, bastava para estimulo a grata recordação, que fui um dos Academicos, que me associei a vós na fundação d'esse jornal, que tudo deve ao vosso zelo tenaz, e á coragem, que tendes desinvolvido, arrostando mesquinhas opposições, e desfazendo obstaculos,

que emprezas de tal ordem sempre encontram.

Hoje, meu caro redactor, estou fóra d'essa atmospherá vivificante, que nutre de cavalleirosas idealidades o espirito, e desabroxa no coração affectos suaves, — panorama imaginoso —, onde um mancebo lê e relê o seu futuro, e cria um horisonte, tão vasto, como a sua phantasia, tão suave e perfumado, como os aromas recedentes, com que a ridente primavera nos enebria os sentidos.

E é tão magica a quadra das illusões, meu amigo.....

Quando ás vezes folheio por minutos no livro do meu passado, quando ponho face a face no espirito todo o meu sentir d'outro tempo com as idéas, que começam agora de servir-me de norma n'esta curiosa viagem, que peregrinamos na terra, sinto que se me repassa o peito de saudade. Não é uma saudade suave, melancholica, poetica, aromatizada de rissonhas esperanças, que tem um termo, necessaria mesmo a certas organizações platonicas e effeminadas, que a propria monotonia torna insipidas, e por vezes ridiculas, e que mudando temporariamente d'ambiente, rejuvenescem depois mais affaveis, interessantes e carinhosas.

Esta é a saudade d'os, que se finam por mulheres, por homens, pela patria, que mais dia menos dia hão de gozar. É a saudade do amor, é a *nostalgia*, são affectos mais ou menos sublimes, sagrados aos olhos d'uns, ridiculos e burlescos aos olhos d'outros.

A minha saudade é a saudade do naufrago, que, arrostando o furor das vagas, chega, já desfallecido e exausto de forças, a tocar com os dedos na taboa de salvação. Vem depois uma onda alterosa, enrosca-o, agonizante nas suas pregas espumosas, e um murmurio de maldicção são as preces religiosas, com que o infeliz rende o espirito no meio do mais affrontoso passamento.

A minha saudade é a saudade do guerreiro, que, tendo galhardamente combatido por um homem ou por uma idéa, que o fanaticou, vê proxima a hora das honras e postos militares. Tudo então é gloria, esperança, futuro para o mancebo. Um pequeno recontro, que o seu orgulho desprezara, por o ver ermo de perigos e de gloria, crava-lhe no peito o ferro homicida; e o guerreiro cai por terra; espumante de raiva, debatendo-se impotentemente contra a morte; e um grito de desesperação eccôa pelos campos de batalha, como legado derradeiro, que o in-

feliz deixou a terra, onde vivera uma vida d'illusões, e se embalara em emoções devoradoras.

A minha saudade é a saudade do passado, que já não volta.....

É muito amarga a desillusão, meu caro amigo. A vida figura-se-nos então uma pungente ironia.

E de feito, que outra cousa são, senão uma pungente ironia, esses enthusiasmos juvenis pela patria, pela liberdade, pelo homem, pela mulher?! São vapores, que um punhado d'ouro desfaz.

Essas declamações pomposas, essas proclamações tribunicias, essas idéas rasgadas e fomentadoras, esses programmas democraticos, essas lagrimas vertidas sobre a estatua do pauperismo, esse carpir sentimental pelos males e desigualdades sociaes, que outra cousa são, na maior parte dos homens, senão uma pungente ironia, um insulto impudente á moralidade publica, aos nobres affectos, á credulidade das almas singelas, á honra, ao brio, á virtude???

Digo-vos, meu caro redactor, que as verdadeiras causas do cancro, que corroe a nossa sociedade, não estão só na escravidão da terra, motivada pelas instituições feudaes, de que nos restam ainda hoje os morgados; nem na falta d'uma boa lei de recrutamento, armadilha para angariar com mais ou menos facilidade, e com mais ou menos apparencias de justiça, victimas expiatorias d'ambições turbulentas; nem no acanhamento e rotina commercial, industrial e agricola; nem na falta de vias de comunicação; nem na indiferença pela união, absorpção, ou federação iberica; nem finalmente nas curtissimas concepções dos chamados homens d'estado.

Uma das principaes causas do nosso estacionamento, direi mesmo, retrocesso a alguns respeitoes, está na desmoralisação dos homens e rapazes das idéas avançadas.

Hoje tribunos, amanhã cortezãos; hoje calçando as sandalias de Gracchos, amanhã pavoneando uns arminhos de *par*; hoje pregando o direito d'insurreição, amanhã dispersando com baionetas os facciosos populares; hoje proclamando o suffragio universal, a iniciativa popular, a descentralisação do poder, a extincção do proletariado, a reorganisação social, por meio d'uma nova combinação d'elementos economicos, amanhã transigindo, e fazendo transacções, pedindo a ordem varsovia, adulando servilmente os

personagens, que, ha pouco, acremente stigmatizavam, rasgando as paginas escriptas, impressas, e publicadas do seu passado, e ostentando-se finalmente com a impudencia do cynismo; — esses homens e rapazes, digo, são serpentes envenenadas, que vão infiltrando nas mãos do povo, com a saudação, ironicamente fraternal, o veneno da desmoralisação.

Sem moralidade não concebo uma permanente reorganisação social. Ora, como a logica do povo são os factos, é preciso, que os, que apregoam hoje as sublimidades sociaes, amanhã, em vez de escandalosas transformações, actuem constantemente sobre a sociedade, com a sua influencia lenta, benefica, moral, e civilisadora.

Os, que não tem disposição para o apostolado social, sigam logo de principio as bandeiras das politicas especulações, mas em nome da moralidade publica, eu os conjuro, a que não venham alardear metamorphoses indecentes, porque ainda ha alguém, que na sua singella e incorrupta intelligencia, saiba infligir-lhes no rosto o ferrete d'ignobeis mercenarios.

Sem querer, meu caro redactor, fiz uma divagação politica. Desculpae-me: são usanças velhas, que, mau grado meu, difficilmente perderei.

É possível, que haja por ahi allusões a alguém, de quem seja bastantemente amigo; nesse caso responderei, como ha poucos dias respondia a um amigo dos honrados redactores do *Progresso*: — amigos amigos, opiniões á parte.

Ainda duas palavras sobre o meu passado.

Amo desesperadamente o meu tempo de estudante. Quando me ponho a scismar nos meus nove annos de Coimbra; quando, colligindo as minhas reminiscencias, me recordo d'essa vida, ora estudiosa e melancholica, ora folgazã e turbulenta; quando filio, e classifico essas scenas d'ebrio enthusiasmo, d'arrosos cavalleirosos, de destemidas tentativas, d'amizades exaggeradas, de dedicações sinceras, d'affectos delicados, d'amores phantasiados, de turbulencias juvenis, d'emoções freneticas, d'independencia selvagem, d'inspirações immaculadas, de projectos gigantescos; quando contemplo, e avivo a recordação de certas organisações d'uma exquisita susceptibilidade, e d'uma candura virginal; e acordo depois d'este delicioso sonhar, e me vejo face a face com as miserias, com os

erros, com os crimes, com os lamentos e vaggidos da nossa sociedade, — sinto-me esmorecer.

Quizera transportar-me a esse passado, — immolar-lhe as minhas mais nobres affeições, a minha vida, todo o meu futuro.

Loucas illusões!

Se eu hoje voltasse para Coimbra, meu redactor, e tivesse tentação d'envergar de novo a capa e a batina, havia de rir de mim mesmo.

Um pé de castello é uma individualidade mais exotica, que um lanzudo caloiro da Serra d'Estrella.

Não faço sentimentalismo, nem pretendo ser espirituoso. Não exaggero por amor proprio, ou amor de classe, a quadra maravilhosa da minha vida. É para vós, meu redactor, que eu appello. O vosso testemunho é insuspeito. Estaes no fim da vossa carreira academica; passastes uma vida, a muitos respeitoes, essencialmente differente da minha; vivestes em França; visitastes Paris. Dizei-me agora, se já vistes um viver, tão original, como o dos nossos estudantes de Coimbra.

Alli a poesia e o amor, o enthusiasmo e o patriotismo brotam espontaneamente do meio das mais repellentes occupações. O estudante é como a flor mimosa, verdejando em plaga agreste, sobranceira sempre ao furacão, aos raios d'um sol devorador, lutando pertinazmente contra o solo estereilisante, que a sustenta.

A mão, que abre com o escalpelo os tessidos decompostos d'um cadaver apodrecido; a que folheia os volumes terrificantes das Pandectas e Digesto; a que sopesa os carunchosos — *in folio* — de Theologia moral e dogmatica; a que escreve na pedra os problemas transcendentales de geometria analytica a tres dimensões; a que maneja com mestria um instrumento de physica, ou acende um fogareiro nos laboratorios chimico e pharmaceutico; — é a mesma, que nas horas destinadas a repousar d'insano trabalho, capaz de atrophiar o corpo com o espirito, vae Javrar primorosamente uma erotica poesia, elaborar um artigo de vasta erudição, e traçar os lineamentos d'um romance, d'um drama, ou d'um poema.

Esse homem, que vêdes entrar submisso e reverente para as aulas, que conta por seculos os segundos, que dura essa crise aterradorá, denominada com um epitheto muito peculiar, é o mesmo, que, horas depois, ve-

reis, radiante d'intelligencia e de orgulho, assistir a uma discussão litteraria e scientifica, severo e independente como um espartano.

Esse outro, que vêdes arrastar-se penosamente para a porta ferrea, pallido, frio, estiolado, como um cadaver, vel-o-heis, horas depois, flamejantes os olhos, rubras as faces, inspirar-se nas chamas azuladas d'um punch, recitar uma inspiração de momento, zombar dos tormentos, das privações e da morte, como o lirio, que zomba nos vales dos insultos da tempestade.

Não quero, meu caro Meyrelles, fallar mais no meu passado. Goza-se immenso com estes sonhos; mas depois, quando se acorda, soffre-se muito.

Quizera dizer-vos alguma cousa do 5.º n.º da Revista, que tivestes a bondade de me enviar; mas esta carta já vai longa, e o tempo não me sobra.

Um artigo, com a epigraphe — *Socialismo* — assignado por um maneebo de bastantes esperanças, despertou-me o appetite d'escrever algumas linhas sobre o mesmo objecto. Será a continuação, ou antes o desinvolvimento do artigo — *Associação* — que se publicou no 1.º n.º da Revista. Mandal-o-hei para o n.º seguinte. Contai, meu caro redactor, com a sincera dedicação do vosso contemporaneo e amigo.

J. A. Santos e Silva.

Castello de Vide, 22 de Março de 1855.

Meu caro collega e amigo.

Não vos posso pintar as sensações agradaveis, que senti ao ler a vossa carta de 22 de Março proximo passado; e o prazer, que experimentei com a vossa tão valiosa cooperação para a publicação d'este jornal, de que fostes um dos principaes fundadores; confesso-vos, que, vendo-vos de novo entrar na estacada prompto a romper lanças pela patria, pela sciencia e pela liberdade, cobrei novos brios, e folguei do intimo d'alma, por vos ver outra vez alistado debaixo d'este pendão, que symbolisa o viver pelo espirito e pelo coração das gerações academicas. Parecestes-me um d'esses velhos paladinos, que, fieis ao seu juramento, e embora gastos pelos annos, e cortados pelo ferro das batalhas, acodem

sempre a um chamamento ás armas, e exultam d'alegria, quando se lhes offerece ensejo de pelejar em defeza da patria. D'ahi, d'esse modesto e obscuro asylo, para onde o destino vos arrojou, e aonde exercéis nobremente a vossa generosa profissão, acordastes ao clarim, que resôa n'esta terra das letras, na Athenas Lusitana, convidando para as luctas da intelligencia os nobres filhos de Minerva. Viestes, como sempre, armado de ferro e d'aço temperado na mais ardente fornalha, e atirando aqui e alli golpes tão rijos e tão profundos, que soubestes reduzir ao silencio do desespero esses vermes desprezíveis, que a vossa penna acremamente fustigou.

A vossa carta, accredita-me, ha de ser um perpetuo açoite, que lhes ha de dilacerar as carnes, e perturbar-lhes o somno nas suas infames orgias.

Pois que outra cousa são senão orgias essas perfidias tortuosas, esses enredos tenebrosos, esses manejos hypocritas, involtos em promessas pomposas, em palavras harmoniosas pela gloria, pela honra, pela liberdade? É como vós dizeis muito bem, *vapores, que um punhado d'ouro desfaz?*

Que são, meu caro amigo, os homens d'esta epocha, comparados com os de Sparta, d'Athenas, de Roma, com os Wasingtons e Franklins da America, senão sombras, que vagueiam impellidas ao acaso, e á vontade de todos os ventos, homens sem coração e de uma tempera tão effeminada, que beijam os ferros do despotismo, cantando hymnos á liberdade?

A essa velha geração, (porque eu chamo-lhe velha, a pezar d'ella contar em seu seio muitos, que principiam a ver a luz do dia, quando eu a vi) é-lhe necessario um novo baptismo, baptismo retemperado ao sol d'uma liberdade não sophismada, mas lealmente proclamada e garantida. Dizem, que vivemos no reinado d'Astrêa, em que as artes, a paz e a liberdade florescem; todos os dias esses eternos defensores das novas situações se afadigam em o proclamar. Póde ser, que assim seja; mas eu não o creio, e, como diziam, ainda não ha muitos dias, os dignos redactores da *Nação, para crer, menos em materia religiosa, é preciso ver.*

Permitti-me, que vos diga, meu caro collega, que para responder á vossa carta ser-me-tam precisos muitos dias, tanto ella abunda em serias e profundas reflexões sobre a vida, sobre o amor, sobre a mulher,

sobre a liberdade. Quizestes na forma do vosso costume, encerrar n'uma pequena area todos os vastos e immensos problemas, que agitam a humanidade, e por isso já vedes, que um tão fraco architecto como eu sou, não saberia manejar o cinzel em materia de tão subido lavor. Limitar-me-hei por tanto a alguns pontos, em que abundo completamente nas vossas idéas. É, quando dizeis, *que sem moralidade não concebeis uma permanente reorganização social.*

Antes d'isso evocae a sombra do vosso passado, e face a face com elle, n'um dialogo eloquente, mas triste como o vosso coração, vós lhe perguntaes pelos dias tão formosos e tão puros, *que já não voltam.* Então vendo, que elle não vos responde senão com o silencio do sepulchro, vosso peito sente-se cortado por uma indizível dor, e *pela saudade d'os, que se finam por mulheres, por homens, pela patria.* Depois dizeis, que soou já para vós a hora fatal das illusões perdidas, e *que a vida se vos affigura uma pungente ironia.*

Lendo esta parte da vossa carta, em que tocaes com o dedo nas chagas, que corroem o coração da nossa sociedade, recordei-me de uma conversa, que tive, ainda não ha muito tempo, com um dos homens mais honrados do partido progressista, e que vós conheceis muito bem, o D.^o Barjona. *O mal, dizia-me elle, não está nas instituições, mas n'essa desmoralização profunda, que se vai lentamente infiltrando nas veias da nova geração, mal terrível e ameaçador, de que não é possível prever os funestos resultados.* Desd'então confesso-vos, que sempre me preoccupou este juizo de um dos mais strenuos defensores da liberdade no nosso paiz, e sempre pensei, que o antidoto contra este pernicioso veneno só podia ser fornecido por homens, que, pondo-se á frente d'uma cruzada vingadora contra os abusos escandalosos e tyrannias disfarçadas, levantassem o paiz da prostração em que jaz, e elevassem os homens e as instituições á altura, que lhes compete.

Para isso, meu caro collega, julgo, que são precisas tres grandes virtudes — *fé, firmeza e lealdade*; *fé*, porque os povos não se regeneram, quando a palayra não sai dos lábios do apostolo baptisada no fogo, como a lava, que sai do seio inflamado do vulcão; *firmeza*, porque á vaga impetuosa dos interesses mesquinhos, das paixões odiosas, dos orgulhos enfatuados, é mister oppôr uma

outra vaga, que a faça recuar ou morrer no seu embate furioso; *lealdade*, porque o apostolado d'esses homens deve de ser exempto de toda a macula, puro como o pensamento, que lhes accende o peito, sublime como a imagem da liberdade, que elles invocam. Essa cruzada, façam-na os homens, que crêem no futuro da patria, jurem no fundo do seu coração de lhes consagrar todas as forças da sua alma, e Portugal será salvo.

A vós, meu caro amigo, e a outros, em quem não predominaram nunca as vozes do egoismo, que por ahí corre desenfreado, cabe o tomar a iniciativa n'esta grande obra de regeneração.

Sabeis, que a grande revolução franceza de 1789 não nasceu nem n'um dia nem n'uma hora, que antes foi um parto lento e doloroso, que sahiu das entranhas dos grandes homens, que a geraram.

Rousseau, escrevendo o *Contracto Social*, e Voltaire minando com o sarcasmo os alicerces da velha sociedade franceza, bem sabiam, que um dia aquellas idéas, lançadas por elles no solo, haviam de pular e florescer. O cataclysmo de 1789 foi a trombeta fatidica, que resouo n'este valle de Josaphat chamando os povos a um combate terrível da egualdade contra o privilegio, da liberdade contra a tyrannia.

Nós outros, que desde 1820 nos revoltamos dolorosamente n'um leito de Procusto, sem nunca atinarmos com o remedio, que nos póde salvar, só poderemos regenerar-nos, quando a probidade, a independencia e a honra tomarem o lugar da intriga e do cynismo.

Ha na vossa carta um pensamento, que não saberia ser assaz recommendado aos que ainda se sentem animados de fé e esperanza no futuro de Portugal; é, quando dizeis, *que é preciso, que os que apregoam hoje as sublimidades sociaes, amanhã, em vez de escandalosas transformações, actuem constantemente sobre a sociedade, com a sua influencia lenta, benefica, moral e civilisadora.*

O resto da vossa carta é um longo suspiro de saudade e d'amor a essa Coimbra, que deixastes o anno passado, e a esse viver tão sonhado e tão poetico da vossa juventude. Não! meu caro amigo, não foi de balde, que appellastes para o meu testemunho. Como vós, amo essa terra, em que tambem me correram seis annos d'existencia, ora agitada pelo vento das paixões, ora

quieta e serena como as aguas do seu rio Mondego; e como um grande cantor da nossa terra posso tambem dizer

Tudo allí me falla, tudo,—
D'esse tempo que lá yae,
Quando nas lides do estudo
Tive em cada mestre um paé;
Falla-me o sino da torre
Com um som, que nunca morre
Nos echos, que a vida tem;
Fallam-me os dias d'outr'ora
C'um folguedo em cada hora,
Com horas, que mais não vêm.

Não tarda, meu caro amigo, que o ultimo adeus da despedida seja trocado entre os que durante cinco annos se assentaram nos mesmos bancos, irmãos pelo coração e pela intelligencia. Mas esse abraço fraterno será por ventura o ultimo? Deus o sabe.

O que é verdade, é, que a quadra romanesca passou para os que se vão de Coimbra, e começa para muitos dos que lá ficam, e que nos vêem partir, os insensatos, com pena e com dor, por lhes parecer, que vamos encontrar fóra d'alli a felicidade.

Mas para ter saudades de Coimbra, meu caro amigo, é preciso estar longe d'ella; assim eu agora, vós estou escrevendo d'ao pé da Serra da Estrella, n'esta patria de Viriato, e aonde não ha uma pedra, que não excite gloriosas recordações. Como o ar aqui é puro e vivificante! É o mesmo, que soprou nas faces a esses bravos defensores dos montes Herminios. Foi aqui, que as aguias romanas fugiram aos golpes de cajado dos pastores lusitanos. Lá fui assentar-me sobre as velhas ruinas de Bobadella. Passei por debaixo d'um arco de triumpho, derradeiro vestigio da sua antiga opulencia. A cidade romana é hoje uma obscura aldéa. Um ancião veneravel, em quem as tradições antigas estão misturadas com o fogo vivaz da liberdade, me acompanhava n'esta digressão.

Alli, sobre aquellas ruinas do tempo fallámos sobre o futuro de Portugal, e vi-lhe os olhos flamejarem-lhe d'alegria, quando lhe fiz esperar, que a bandeira republicana havia de um dia abrigar debaixo das suas dobras todos os filhos d'esta terra. Chama-se elle Custodio Antonio d'Abreu. Eis aqui uma das poucas excepções á regra geral no nosso paiz. Mas não foi o unico, que encontrei d'estas idéas nesta terra, aonde o elemento predominante é pela realza antiga. Um d'estes dias fui visitado por um

outro, que entre outras coisas lisongeiras, que me disse, me assegurou, que me era muito affeicoado. Perguntei-lhe, em que lhe era devedor de tão grande interesse. Respondeu-me — Porque sois livre.

Aqui tem o meu amigo, como n'este pequeno canto de Portugal a liberdade ainda tem dois ardentes apóstolos.

Quizera ser mais extenso, mas receio tomar-vos o tempo, que vos é tão precioso.

Acceitai, meu caro amigo, a certeza de que sou com sincera estima

Vosso collega e amigo

Alexandre Meyrelles.
Oliveirinha, 4 d'Abril de 1855.

O que é verdade, é que a guerra tomou

MANUSCRIPTO
Vindo de Sancta Helena.

Eu não escrevo commentarios, porqué os acontecimentos do meu reinado são bem conhecidos, e não tenho obrigação de alimentar a curiosidade publica.

Vou publicar o summario d'estes acontecimentos, porque o meu caracter e as minhas intenções podem vir a ser desfigurados no mundo; e eu quero, que meu filho e a minha posteridade me conheçam tal, qual eu fui.

A isto se limita o objecto d'este escripto, que, por um modo irregular, sou forçado a dar á luz. Se elle houvesse de passar pelas mãos dos ministros inglezes, estou bem certo, que ficaria sepultado nas suas secretarias.

A minha vida tem sido tão prodigiosa, que os admiradores do meu poder assentaram, que até a minha infancia tinha sido extraordinaria. Com tudo, nos meus primeiros annos nada ha, que seja singular; fui simplesmente uma creança obstinada e curiosa. A minha primeira educação foi miseravel, assim como tambem o, que se fazia na Corsega. Apprendi facilmente o Francez com os militares da guarnição, com os quaes passava o meu tempo. Sempre sahia bem de quanto emprehendia, porque eu o queria: todas as minhas vontades eram fortes, e o meu caracter decidido. Nunca hesitei; o que me deu superioridade sobre toda a gente.

Mas a vontade depende da tempera do in-

dividuo; e nem todos podem ser senhores da sua vontade.

O meu espirito induzia-me a detestar as illuzões. Sempre discerni a verdade ao primeiro golpe de vista.

E esta é a razão, porque sempre vi melhor do que ninguem o fundo das cousas. Olhei sempre para o mundo como elle é de facto e não de direito. Por isso quasi que me não tenho parecido com ninguem. Por natureza vivi sempre á parte do resto dos homens.

Nunca pude perceber, que proveito poderia tirar dos estudos; e de facto elles não me têm servido senão para aprender methodos. Só algum fructo tirei das mathematicas. O resto nunca me serviu de utilidade; mas estudava por amor proprio.

Minhas faculdades intellectuaes iam-se com tudo desinvolvendo sem eu cuidar n'isso. Mas ellas não consistiam senão em uma grande mobilidade de fibras do meu cerebro. Eu pensava muito mais rapidamente do que os outros homens; e assim sempre tive mais tempo do que elles para reflectir. N'isto é que tem consistido toda a minha profunda capacidade.

A minha cabeça era activa de mais para me entreter com os divertimentos ordinarios da mocidade. Todavia não lhe fui absolutamente indifferente, mas ao mesmo tempo procurava cousas, que me interessassem; e esta disposição me punha em uma especie de solidão, na qual não encontrava senão os meus pensamentos. Esta particularidade passou a ser habitual em todas as situações da minha vida.

Folgava de resolver problemas, e os ia buscar ás mathematicas; achei porém logo uma grande quantidade, porque a ordem material é muito limitada.

Procurei-os na ordem moral, e é o trabalho, em que fiz mais progressos. Estas minhas indagações tornaram-se habituaes; e a ellas devo os grandes adiantamentos, que fiz fazer á politica e á guerra.

O meu nascimento destinava-me para o serviço militar, e por isso me puzeram nas escholas militares. Alcancei a patente de tenente no principio da revolução, e nunca recebi titulo, que me causasse tanto prazer como este.

Toda a minha ambição se limitava então a poder trazer ainda um dia duas dragonas de cachos: um coronel de artilharia me parecia o *non plus ultra* das grandezas humanas.

N'essa epocha era eu ainda demasiadamente moço para tomar interesse na politica. Ainda não julgava dos homens em massa. Assim nem me admirava, nem me assustava com as desordens d'esse tempo, porque não podia comparal-o com outro. Accommodei-me com o, que achava. Nem eu era ainda difficil de accommodar-me.

(Continúa).

AOS AÇOREANOS OCCIDENTAES.

Ao ler o *Açoreano Oriental*, não nos podemos furtar ao desejo de significar aos nossos conterraneos as impressões agradaveis, que recebeu nosso coração, á vista do interesse e zelo da Junta Geral do Districto da Horta, pelo bem star e prosperidade da nossa patria; nem era d'esperar menos da Junta, attento a preclaros e benemeritos cavalheiros, que a compoem.

Abundamos nas idéas da Junta, e todo o nosso empenho é vel-as quanto antes realizadas; porque a criação de escolas d'instrucção primaria no nosso Districto é uma necessidade absoluta. Quantos paes, a bem pesar seu, não dão a seus filhos o primeiro grau d'instrucção, já por falta de mestres, já por não lhe ser possível dispendir uma quota mensal de quatro ou seis tostões?

Necessitam-se, a nosso ver, duas escolas, pelo menos, em cada freguezia; uma de meninos, outra de meninas. E ainda que ha em todas as povoações de Portugal uma necessidade identica, ha todavia nos Açoreanos uma docilidade e tendencia para o aperfeiçoamento e desenvolvimento moral, que a todos convida a pugnam exclusivamente pela sua instrucção.

Nem é para admirar haver nos Açoreanos uma tal tendencia, porque isto não é mais, que o resultado de todas as circumstancias climatologicas, que influem sobre os Açores. O seu solo, de natureza vulcanica, é, por isso mesmo, secco e saudavel. A extensão limitadissima de cada ilha, em contacto com a enorme massa d'agoas, cuja temperatura é mais elevada no inverno, e menor no estio, do que a do solo, torna as temperaturas extremas da atmosphera n'estas duas estações mais regulares. No estio a intensidade calorifica dos raios solares, devida á perpendicularidade d'estes, é diminuida pelas dozes brizas do mar, e no inverno estas mesmas brizas dulcificam o rigor do frio, devido á obliquidade dos mesmos raios. A latitude de 38° a 39° graus, em que estão os Açores, contribue igualmente para que seu clima seja doce e animador, e proprio para um perfeito desinvolvimento physico e moral.

Ora das duas escolas d'instrucção primaria, de que ha mistér cada freguezia, a do sexo masculino deve ser tambem nocturna, porque abrindo-se só de dia, é uma pequena parte, que utiliza, em quanto que todos os mancebos de cada freguezia sem roubarem horas ao seu trabalho, indispensavel para sua manança, podem de

noute cultivar seu espirito em quanto seus braços estão ociosos, e adquirir certos conhecimentos, que de prompto contribuam para a sua felicidade; pois que não tendo sido ainda vedada a emigração para o Rio de Janeiro, os *escravos brancos*, que souberem ler, poderão feitorisar os negros; e assim em vez do seu trabalho ser quadruplicadamente mais penoso, do que o, que tinham em sua patria, podem por ventura ser mais felizes. E aquelles de nossos compatriocios, que demandarem os Estados-Unidos, poderão alli duplicar seus interesses.

Quando dizemos, que a emigração não foi ainda vedada, não é para censurar o governo de não ter tolhido a liberdade, que tem cada individuo de buscar sua manança, onde melhor lhe aprouvé, mas sim de não facilitar as vias de communicacão entre os Estados-Unidos e Açores; porque os nossos compatriocios, que a elles se acolhem, além de partilharem da affabilidade e confraternidade de seus habitantes, tem um salario avultado, e, quando regressam, a sua educacão é mui differente d'a dos *desertores* do Brazil.

Mas infelizmente só emigram para New-York e Boston os, que contam de prompto cincoenta patacas pelo seu transporte. Em quanto que para o Rio de Janeiro embarca cada qual com seu corpo e uma mala aprestada pelo sobre-carga.

Abundamos igualmente na idéa do Lazareto, por haver, quem propozesse construil-o, e ficar credor dos rendimentos até ao embolço total: aliás discordariamos preterindo-a por outra idéa, que, a nosso ver, deve ter a preferencia, porque, se não é igualmente vantajosa para o commercio, é todavia mais benefica e caridosa: — a criação de dous hospitaes, um na Ilha do Picó, outro nas das Florés; ou quando menos, provel-as de medicos e pharmaceuticos de partido.

É cousa altamente incrível, e profundamente escandalosa, que, duas ilhas dos Açores, uma de 30 mil habitantes, outra de 10 ou 11 mil com os do Corvo, sua adjacente, não possuam um medico, nem uma botica! É altamente incrível, diremos, quando se enumeram tres escolas medicas no nosso reino, e quando se topa com tantos medicos habilitados, sem terem que fazer!

Quantos medicos e pharmaceuticos d'os, que emigram para o Brazil, ou vivem nas aldeias do nosso reino, não haveriam maior fortuna, estabelecendo-se com sua clinica, ou botica em qualquer das ilhas dos Açores, ainda não providas de medicos? Por ventura sua manança não seria em parte provida pela generosidade d'aquelles povos, que ainda conservam certos ritos de seus ascendentes? Os fructos temporãos, os primores de Pomonia, não seriam premissas suas?

Muita gente ha, que forma uma idéa muito escassa do viver nos Açores. É de certo uma illusão, em que vivem! Não temos, é verdade, esse grande e continuo ruido da metropole, que nos estronda os ouvidos, porém gozamos do sonoro bulicio dos ramos, que meneiam em torno de nossas janellas. Não nos illumina esse gaz das paixões fortes da capital, porém surri-nos a virtude e a honestidade. Não se colhem nos Açores milhares de impressões diversas, mas vive-se uma vida toda pacifica, toda familiar. Além de que a clima dos Açores é mui cordeal para as phthysi-

cas pecuniarias. Quantos *phthysicos* d'esta ordem tem demandado aquellas paragens, que não tenham de prompto experimentado *melhoras*?

É indecoroso, que, desde o Município até os representantes do Districto nas Côrtes, ninguém suggerisse a idéa de libertar essa porção de compatriotas nossos, mal aventurados, e deploraveis até do desamparo, em que vivem; de se lhes prestar o balsamo salutar nos periodos da vida, os mais criticos: balsamo, que, quando mesmo muitas vezes não vivifica, illude o moribundo e diminue o pranto a sua familia.

Nem se diga, que o Pico pela sua proximidade do Fayal e S. Jorge, se pôde dizer soccorrido pelos medicos d'estas, porque só seus proprietarios abastados podem privar com elles, caso que validos de Neptuno; pois que muitas vezes decorre mais d'um mez, que o Atlantico com suas encarneiradas ondas torna o Pico incommunicavel com suas adjacentes; e mesmo no caso de mar bonança, como os *recipes* tem necessariamente de ser aviados n'alguma botica do Fayal ou S. Jorge, ha uma grande morosidade na applicação dos medicamentos, que, segundo a habitação do enfermo, pôde ser de um ou dous dias, e assim mui perniciosa e até fatal.

Mas nas Flôres nem para os abastados ha recursos; porque a ilha, que lhe fica mais proxima, é o Fayal, e entre estas só navegam barcos de tolda; de sorte que só alli vai medico grassando alguma epidemia, como por ex., o *andaço de bezigas*; mas n'este caso, attenta a difficuldade das communicações, quando o medico lá chega, está o andaço quasi extinto, e o lucto é quasi geral.

Ora o Fayal, a pesar de ter quatro a cinco medicos, não pôde dispensar nenhum; e não é sem grande difficuldade, que d'alli algum se ausenta mesmo por horas.

É impossivel, que o governo não subsidie uma instituição tão benefica e justa, lembrando-se dos juro de dez por cento, que recebe annualmente dos Açorês; juro de um capital, que é não menos, que o trabalho do agricola, juro, que é por ventura o proprio interesse do lavrador, quicá o saldo do seu desembolso; juro, que é só prerogativa nossa, e, a nosso ver, pelo facto de nascermos Açoreanos, porém Açoreanos *pacificos*. E devia igualmente lembrar-se da aquisição da receita das confrarias, receita só da igreja e para a igreja, e assim votada pelos testadores dos legados. E, se se ha de fazer uma applicação d'esta receita mui diversa d'aquella, que lhe deram essas almas virtuosas e justas, applique-se para instituições caridosas, e tão sanctas como a mesma igreja: o que se tem practicado no reino.

Como a Juncta enviou ao governo varios requerimentos, entregamos esta nossa idéa ao mui distincto e nobre Deputado do nosso Districto, que não ha mister instrucções da Juncta para represental-a em Côrtes; porque como nos coube a honra de o ter por Magistrado alguns annos, S. Exc.^a está amestrado por experiencia na falta da medicina no Pico; por isso, e pelos numerosos amigos, que tem n'esta ilha, estamos certos, que hade acceital-a com especial agrado; e mesmo, porque revestindo-se S. Exc.^a do seu reco-

nhecido valimento nenhuma difficuldade encontrará na realização de uma obra tão meritoria.

Tempos ha, que lemos, seguramente ha mais de um anno, haver chegado ao Fayal um prelo, para dar-se á luz um jornal; foi sobremaneira extraordinario o nosso jubilo, quando tal vimos: porque é vergonhoso, deploravel até, não haver um jornal na Horta: porém esta esperança alimentada por algum tempo com os desejos efficazes de uma tal realidade, porque *quod volumus facile credimus*, já se apagou.

Quaes sejam as razões convincentes, em que se estribam para a não publicação d'um jornal na Horta, não sabemos: porque havendo já o prelo, e sendo sustentado pelo governo, vencida estava a primeira e unica difficuldade—a material; pois que em quanto á moral, essa não a reputamos difficuldade, porque havendo no Fayal alguns bachareis formados, e alguns homens de conhecimentos vastos, facil seria comporem-se duas folhas por semana. Demais se razões ha, a nosso ver, vans opiniões, e delirios aereos, que dêem azo a não se publicar uma folha politica, publique-se uma litteraria, que não sei, que seja nociva, senão por instruir a quem a ler. E para sustentar-se pelo lado moral uma folha litteraria, seria sobeja a penna do nosso Reverendo Victorino José Ribeiro, de quem temos a honra de ser amigo.

Este varão, que hoje é só entre nós conhecido, mas que ha de sel-o para o futuro á quem e além dos Açores, depois da publicação de seus manuscritos; este ornamento da nossa Horta, e que terá nome distincto na litteratura portugueza do seculo XIX; este só escriptor dar-nos-ia uma folha litteraria, que rivalisaria em sublimidade de pensamentos, em elocução, e estylo com as melhores, hoje publicadas.

Se bem nos recordamos foi S. Exc.^a o Sr. Sampaio, Governador civil na Horta, quem se empenhou na realização d'uma idéa, que já ha muito vogava.

Custa-nos a crer, que tendo-se S. Exc.^a tornado digno de tantos louros pela sua brilhante administração, (como se infere da pedida conservação de S. Exc.^a na Horta) não tenha remediado esta falta.

Se S. Exc.^a se propôz dar á luz um jornal no Fayal, nada o repreza; reconhecemos-lhe independencia bastante, amor excessivo pelo progresso, e amor sem igual pelos foros e liberdades do raciocínio; e por consequencia se foi S. Exc.^a, quem nos quiz libertar d'esse estado retrogrado, em que jazemos submersos, essa esperanza, que dissemos apagada, ainda o não está, reluz-nos hoje, como em outr'ora. E se foi empreza d'algum particular, que retrogradou por fossil, a S. Exc.^a compete-lhe mais este louro.

Paremos por aqui. Mas mais de espaço voltaremos ao assumpto, a que nos propozemos, se o tempo nol-o permitir. E aguardamos tambem essa occasião, para fallarmos cerca d'um assumpto, que nos lembrou da Horta o nosso amigo cordial *Alexandre Pereira de Lacerda Junior*, que com a muita intelligencia, com que nol-a representa, nos confirmou o *conceito*, que de *sensato* já ha muito d'elle haviamos formado.

José Joaquim d'Azevedo.



1880

1880
1880
1880

1880
1880
1880

Todo se assigna tornando de direito a importância da assinatura
do Redactor principal da Revista Académica, Alexandre Moura,
Carmo de Deus n.º 21, em Coimbra. Toda a correspondência deve ser enviada
do Porto.

Indicações para a Revista Académica—em Lisboa, no largo de St. João, Rua
Augusta n.º 3; no Porto, Praça e Guimarães, no largo de St. João; em
Lisboa, no largo de St. João, casa de Sr. Manoel Carlos d'Albuquerque e Valle; no Terceiro, no largo de St. João,
Bomfim; no Foz, em casa de Sr. Roberto Alves Costa.

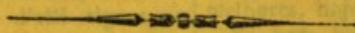




Preço da assignatura.

Por 1 anno	1:200 réis
Por 6 mezes.	600 »
Avulso	160 »

Pode-se assignar remettendo directamente a importancia da assignatura ao Redactor principal da REVISTA ACADEMICA, Alexandre Meyrelles, rua do Corpo de Deos n.º 34, em Coimbra. Toda a correspondencia deve ser franca de porte.



Subscreve-se para a REVISTA ACADEMICA—em Lisboa, na loja do Sr. Lavado, *Rua Augusta n.º 8*; no Porto, Braga e Guimarães, na loja do Sr. Moré; em S. Miguel, em casa do Sr. Manoel Cardoso d'Albergaria e Valle; na Terceira, em casa do Sr. José Bensabat; no Fayal, em casa do Sr. Rodrigo Alves Guerra.



REVISTA ACADEMICA

JORNAL MENSAL.

N.º 9—AGOSTO DE 1854.

INDICE DOS ARTIGOS.

Srs.		Pag.
	Vida de Luiz de Camões.....	161
M.	Instrucção Primaria.....	168
N. Xavier de Brito	Dezoito annos, (<i>poesia</i>).....	170
T. A. Ribeiro	Triste, (<i>poesia</i>).....	172
J. Joaquim d'Azevedo	Necrologio.....	173
M. F. de S. da M. e Silva.	Correspondencia.....	174
Manoel Maria Barbas	Dissertação physiologica.....	<i>ib.</i>
	Bibliographia.....	180

Coimbra

IMPRENSA DA UNIVERSIDADE

1855.

Sala 10
Gab. 7
Est. 7
Tab. 14
N.º 64

VIDA DE LUIZ DE CAMÕES.

Continuado de pag. 149.

Seria incompleta esta noticia sobre a vida de Luiz de Camões, se eu não dicesse aqui alguma cousa á cerca de todas as diferentes obras, que elle compôz, porque estas constituem a parte mais essencial da vida de um auctor, sendo as que manifestam a excellencia do seu ingenho e doutrina, e affiançam a sua reputação.

Diversos escriptores nacionaes e estrangeiros publicaram juizos criticos sobre o poema de Camões (sendo os melhores o de Manoel Severim de Faria, e o de M. Mickle); mas confesso, que nenhum me contentou cabalmente.

Uns, mesmo dos seus parciaes, arrastados pelas opiniões do seculo em que viveram, julgaram-no conformemente os seus prejuizos, e as regras da arte que tinham adoptado; outros, sem o ter lido no original, enganados por traducções infieis, e levados de diferentes preoccupações, o criticaram com uma severidade imperdoavel: assim, é para desejar, que algum d'os nossos homens de letras, reunindo ao amor d'ellas o da patria, e o do nosso Poeta, emprenda sobre os Lusíadas um trabalho semelhante ao que Addison fez com tanta sagacidade sobre o *Paraiso perdido* de Milton.

Sem pretender supprir esta falta na nossa litteratura, nem satisfazer os desejos do publico esclarecido, seja-me permittido, para cumprir com a obrigação de biographo, fazer algumas reflexões, que indiquem o modo, por que eu julgo dever considerar-se este optimo poema, e façam ver que elle merece com razão ser estimado pelos estrangeiros, igual na execução aos melhores poemas epicos conhecidos, e pelos portuguezes, preferido a todos elles.

Em uma materia tractada antes de mim por tantos criticos, não é natural, que eu possa dizer cousas novas; mas o meu fim é tão sómente fixar a attenção sobre os pontos mais essenciaes, e sobre aquelles, que tem sido controvertidos, e incitar outras pessoas, mais capazes do que eu, a completar este trabalho, que só dou como um ensaio.

Luiz de Camões concebeu mui cedo o plano do seu poema, e segundo referi acima, tinha já composto uma parte d'elle, antes de partir para a India em 1553, d'onde o trouxe acabado em 1570. Não devemos esque-

cer estas epoeas, porque estabelecem um titulo de gloria para o nosso Poeta, de ser o primeiro entre os modernos, que compôz uma epopea regular, e justamente estimada.

É verdade que já antes d'elle tinha composto o Dante a sua *Divina Comedia*, e o Pulci e o Bojardo com as suas composições tinham aberto o caminho a um novo genero de poema, que Ariosto illustrou com o seu famoso romance de cavallaria, o *Orlando Furioso*: mas nenhuma d'estas composições, bellas no seu novo genero, pôde ser comparada ás antigas epoeas. O Trissino, que teve a pretensão de imital-as, mostrou-se tão inferior a uma tal empreza, que apenas se deve fazer menção da *Italia Liberata*, a qual ninguem hoje lê, ou pôde ler mais de uma vez. Tasso e Milton são posteriores a Camões.

A epopea, na accepção de Aristoteles e dos mais celebres criticos, é uma narração em verso das acções heroicas de grandes varões ou personagens.

A sua acção deve ser *uma, grande, e completa*.

O *estyllo* deve ser majestoso, serio, animado, e cheio de enthusiasmo.

Na composição deve a razão dirigir o Poeta, a imaginação deve ornal-a.

Estas são as regras principaes admittidas pelos criticos de todas as nações, porque são dictadas pela sã razão. Outras regras dependentes dos diversos costumes e gostos, tanto relativamente á maquina do maravilhoso, ou á intervenção das potencias sobrenaturaes, como pelo que diz respeito á natureza dos episodios, ou á escolha dos sujeitos, tem sido diversamente disputadas, e não podem considerar-se como regras geraes (*Voltaire, sur la Poésie épique*).

O nosso Poeta se conformou sem duvida aos preceitos os mais essenciaes; e só aquelles, que o não leram com attenção, e no original, podem culpá-lo de ter faltado ás leis da arte. Por certo não se negará, que elle satisfizera á primeira de todas, o reunir o *utile dulci*.

A epopea, na opinião universal, é a mais nobre producção das Bellas-Artes; é aquella, que exige no seu auctor a reunião de todas as qualidades e faculdades, das quaes uma só bastaria para executar bem outras composições. Ella tem por fim dar as lições mais importantes, e ensinar a verdade pelos mais agradaveis preceitos. O cidadão, o homem de Estado, os soberanos em fim devem alli

achar, e aprender a sciencia necessaria para cada um e para todos.

Luiz de Camões, animado pelo mais ardente amor da patria, e cheio de enthusiasmo pelo valor e constancia, com que a nação portugueza, não obstante a pequenez dos seus principios, tinha conquistado sobre os mouros o seu paiz; com que havia fundado a monarchia, e sustentado a sua independencia contra o poder superior de Castella; com que depois de a haver consolidado, tinha passado á Africa para pôr barreiras ao poder mauritano; com que tinha emfim atravessado novos mares, e estabelecido um vasto imperio no Oriente; empreendeu erigir um monumento, o qual transmittindo á posteridade tão heroicos feitos, perpetuasse a gloria do nome portuguez, e attestasse, que nação alguma a tinha adquirido equal.

Elle imaginou pois um poema epico nacional, e quiz celebrar a primeira virtude dos Portuguezes, a sua heroicidade, sobre a terra e sobre o mar: portanto na sua exposição diz:

Eu canto o peito illustre lusitano,
A quem Neptuno e Marte obedeceram.

Para este fim escolheu o facto mais memoravel da historia portugueza como sujeito e acção do seu poema (o descobrimento da India por Vasco da Gama e seus heroicos companheiros); reuniu na narração como episodios adequados ao sujeito, e a esta acção, todos aquelles successos da historia de Portugal, que prepararam a nação para tão grande empreza, e para a fundação d'aquelle vasto imperio, que os seus heroes deviam estabelecer no Oriente; completou o seu plano, não só com o que diz respeito á acção principal, mas com tudo o que podia realçar a sua nação, e excitar a curiosidade dos vindouros.

Assim principia, e com razão:

As armas e os barões assignalados,
Que da occidental praia lusitana,
Por mares nunca d'antes navegados
Passaram ainda além da Taprobana:

Entre gente remota edificaram
Novo reino, que tanto sublimaram.

O descobrimento da India, conseguido pela navegação de Vasco da Gama, é a acção unica e completa do poema.

Este successo, quando se considera o estado dos conhecimentos nauticos na Eu-

ropa, o receio, que havia, antes das nosas expedições, de accommetter os mares a grandes distancias, a pequenez da nação, e da expedição, que empreendeu esta descoberta, é uma das acções mais heroicas dos homens. A sua importancia, quando se reflecte nas suas consequencias, é, a meu parecer, maior que a das cruzadas. Todos os, que sabem a historia, não duvidarão, que as conquistas dos Portuguezes no Oriente enfraqueceram o poder dos Musulmanos, que ameaçava com ferros a Europa, e que da abertura directa da navegação, e commercio da Asia, resultou a extensão e augmento das riquezas, a liberdade, e civilização da Europa.

Mas quem será tão pouco curioso de conhecer as causas de acontecimentos extraordinarios, ou tão ingrato a uma nação, que assim beneficiou as outras, para não desejar saber as instituições e principios d'esta monarchia, que puderam fazer de cada Portuguez um heroe? É pois natural, que a maior parte dos homens tivesse a curiosidade de informar-se dos successos, que precederam este na historia de Portugal, como tambem d'os, que foram o resultado desta famosa expedição, e de conhecer os seus principaes heroes.

Assim devia pensar Camões, e conformar a estas vistas o plano do seu poema, em que se propunha celebrar o valor heroico dos Portuguezes, e portanto o intitidou, — *Os Lusíadas* —, e accrescentou no principio, que cantará:

Tambem as memorias gloriosas
D'aquelles reis, que foram dilatando
A fé, o imperio; e as terras viciosas
De Africa, e de Asia, andaram devastando;
E aquelles, que por obras valerosas
Se vão da lei da morte libertando.

O que não destroe, nem offende a unidade epica do poema, antes completa o todo. Assim, as duas primeiras condições da acção foram observadas; e logo veremos, que igualmente o foi a terceira.

Na epoca litteraria, em que escreveu Camões, era julgado essencial na poesia, e sobre tudo na poesia epica, o emprego da mythologia; e era mesmo uma opinião geral, que os deuses da fabula eram personagens allegoricas: portanto Luiz de Camões para se conformar com a opinião do seu seculo, empregou este genero de maravilhoso nos *Lusíadas*: porém elle mesmo preveu

a objecção, e explicou com fina graça no canto X, est. 82 até 85, que são causas segundas personificadas para fazer versos delectosos.

Mas porque não empregou elle antes a intervenção dos bons anjos, e dos demonios no seu poema, como fez Torquato Tasso, poucos annos depois, em lugar do escandalo æsthetic, que nos offende de ver a intervenção dos deuses do paganismo num poema, em que os heroes professam os dogmas da religião christã? Posso responder; porque não julgou tão poetico este maravilhoso, como me persuado, seguindo nesta parte a opinião de Boileau, a qual adoptarão talvez os que examinarem imparcialmente este ponto. Ousarei dar outra razão fundada naquella tempo da nossa historia, e que não será recusada por todos os que a recordarem. Tinha elle por ventura a liberdade de escolher este ou aquelle genero de maravilhoso a que dêsse a preferencia? Direi mesmo o da *Gerusalemme*?

Os homens de letras, presentemente na Europa, crêem tão pouco nos deuses da gentildade, como na magica negra, e nas feitiçarias operadas pelos espiritos infernaes; e devem confessar, que, quando lêem os poemas da antiguidade, e o de Tasso, elles são obrigados a transportar-se com o pensamento aos tempos, em que qualquer d'estas opiniões era universal, para poder gostar as bellezas, que produzem, e receber a illusão causada por um e outro genero de maravilhoso. Sem esta illusão, não sentiriam emoção alguma, lendo os combates e opposição dos deuses em Homero, ou no Tasso a contrariedade dos espiritos infernaes, pretendendo disputar e luctar contra o poder celeste. E se isto tem lugar relativamente a Homero, e ao Tasso, porque não ha de succeder o o mesmo a respeito de Camões?

Sem duvida a intervenção dos deuses da gentildade nos *Lusiadas* produz bellezas eguaes ás que se encontram nos poemas dos antigos; e quando se lêem os *Lusiadas*, admittindo com o Poeta a opinião corrente do seu tempo, cessa todo esse escandalo, de que uma critica severa tem culpado sómente a Camões, quando o Tasso, e Milton cahiram tambem nesse pretendido defeito de introduzir nos seus poemas termos e figuras da mythologia. Mas quando uma critica nimiamente austera se obstine a julgar defeito este maravilhoso, qual é o poeta exempto d'elles? Horacio achou, que Homero dormia

algumas vezes: outros criticos o accusaram, e reprovaram a sua ficção ou transmutação dos deuses em mochos. Em Virgilio as deidades do paganismo não são representadas com tanta dignidade, nem a sua intervenção é tão poderosa como em Homero: a invenção das harpias é reprovada, e a metamorphose das naus em nymphas; e nos seus ultimos livros esfria o interesse. Se estes dous mestres da arte, um pela sua sublimidade, o outro pela pureza de seu estylo, não são exemptos de defeitos, é porque a natureza humana não comporta a summa perfeição.

Em lugar de arguir pois o nosso Poeta, poderiam antes notar o ingenho, com que elle soube introduzir no seu poema, como agentes e como causas segundas, os deuses gentilicos, vencendo uma grande difficuldade; e louvar igualmente a arte, com que ligou ao genero antigo da epopea, o da cavallaria, e o dos nossos costumes modernos, conservando sempre em ambos a elevação propria do poema epico.

Vejamos agora como toda a sua concepção é sublime na sua grande simplicidade, e como elle é de todos os modernos, atrevo me a dizel-o, o que mais se chegou aos grandes modelos da antiguidade, sem ser um servil imitador d'elles.

O plano do poema é conduzido com aquella regularidade classica, que os antigos estabeleceram. A fabula é implexa.

O Poeta nas primeiras estancias faz a exposição, invoca as nymphas do Tejo, dirige-se ao Senhor D. Sebastião para conciliar a sua benevolencia, e entra depois na narração, e no meio da acção.

Vasco da Gama, e os seus companheiros navegam ao longo da costa oriental de Africa, com o projecto de descobrir a India. Jupiter chama os deuses a conselho para decidirem sobre a sorte d'esta grande empreza. Baccho, que se julgava o primeiro conquistador da India, oppõe-se ao successo d'ella, por temer, que a sua gloria fosse escurecida. Venus e Marte favorecem os Portuguezes, porque esta nação se distinguia pelas qualidades, que elles mais apreciam. Jupiter cede a estas divindades. A esquadra chega entretanto a Moçambique. O regente mouro, instigado por Baccho, pretende destruil-a por fôrça, mas não o podendo conseguir, procura maliciosamente fazel-a entrar no porto de Mombaça, aonde Baccho lhe preparava novas traições. Venus apercebida

do perigo dos seus Portuguezes recorre a Jupiter, o qual manda Mercurio avisar Gama de largar este porto; ao que elle obedece, e vai lançar ferro em Melinde. O rei Melindano o hospêda amigavelmente, e lhe pede a narração tanto da sua viagem, como a da historia da nação portugueza, pela qual a fama lhe tinha feito conceber a maior admiração. Vasco da Gama satisfaz aos desejos do rei, e (como Eneas a Dido) lhe refere os factos mais notaveis e curiosos da historia de Portugal; e terminando com a narração da sua viagem até Melinde, pede a este soberano lhe dê um piloto, que o conduza á India. Apenas obteve este, e deu á vela, quando Baccho magoado desce ao fundo do mar, a supplicar Neptuno, e as deidades d'aquelle elemento, que destruam a esquadra portugueza. Neptuno excita uma tormenta, que os teria submergido, se Venus não tivesse vindo em seu soccorro, e acalmasse os ventos. Chegam felizmente em fim a Calecut na costa dô Malabar, aonde o Gama é bem recebido pelo Samorim, soberano d'aquelle paiz. Aqui, pela boca de Monçaide, dá o Poeta uma idéa da historia, religião, e costumes de Asia. Não perdendo de vista o engrandecer a sua nação, Camões imagina um meio na occasião da visita do primeiro ministro, o Catual, á nau de Paulo da Gama, que dê motivo a este capitão de satisfazer a curiosidade do Indio, narrando-lhe alguns dos feitos mais heroicqs dos Lusitanos. Baccho porém procura novos meios de animar e excitar os mouros de Calecut contra os Portuguezes, que representa como piratas, e de mover-lhe outras contrariedades. O Catual retém como prisioneiro o Gama, que nesta crise mostra a sua prudencia e fortaleza, e por fim obtem do Samorim a liberdade de embarcar-se, e voltar para a patria. Nesta volta, Venus, para recompensar os seus heroes validos, os faz abordar a uma ilha, aonde lhe havia preparado festas proprias para os alliviar das fadigas e trabalhos experimentados em tão ardua e grande empreza. Alli Tethys, que os recebe, faz ver a Vasco da Gama a extensão do imperio, que os Portuguezes fundarão na Asia, assim como os governadores, e grandes homens, que immortalizarão o seu nome naquella parte do mundo.

Estou persuadido, que, lendo o poema attentamente todos sentirão comigo, que esta composição excita o maior interesse; que o seu todo, considerado o sujeito da acção, é

extremadamente bem organizado; que as suas partes são muito correspondentes e apropriadas; e que é ao mesmo tempo de uma grande simplicidade, e de uma variedade agradável.

Todas as regras da arte relativamente á acção do poema se acham nelle preenchidas. Esta é unica, grande, e completa: os episodios lhe são naturalmente adaptados: as vicissitudes, que a suspendem excitam devidamente a curiosidade e o interesse.

Se neste poema não ha, como na Iliada, juncto ao principal heroe, um grupo de caracteres diversos, bem desenhados e sustentados, tambem na Eneida estes se não acham. E com tudo os caracteres de um Affonso I, de um João I, de Egas Moniz, de Duarte Pacheco, de Affonso d'Albuquerque, etc., valem bem os do forte Gyas, e Cloantho, e de Evandro, que tambem não formam grupo, e são introduzidos naquella poema admiravel.

Quanto aos episodios, que são um ornato essencial da epopea, devemos julgar a narração da historia de Portugal, a aventura dos doze Cavalleiros, que foram ás justas de Inglaterra, e os amores de D. Ignez, como verdadeiros episodios. A sua belleza é realçada pela maneira, com que são entresachados no poema.

Os sentimentos e a linguagem poetica dos Lusíadas, são os mais proprios, e convenientes a este genero de composição. Nem as personagens, que alli figuram, nem o Poeta apresentam ou exprimem um só sentimento, um unico pensamento, que não seja moral, generoso, heroico, e até sublime. Nesta parte distingue-se o nosso Poeta sobre todos depois de Homero, verificando a maxima de um celebre moralista, que *os grandes pensamentos nascem do coração*. E quem teve um coração mais elevado do que Luiz de Camões? No seu poema não ha nada vulgar, nem baixo; nenhuma vil lisonja, nenhum louvor dado, senão ao merecimento verdadeiro. O amor da virtude, do heroismo, e da patria resplandece constantemente, e deita um grande clarão.

Quanto á lingoagem e estylo poetico dos Lusíadas, o seu character é um tom sempre natural sem affectação, nobre, e levado muitas vezes ao sublime. Luiz de Camões pediu ás nimphas do Tejo que lhe dessem

Um som alto e sublimado,
Um estylo grandiloquo, e corrente,
Uma furia grande, e sonora:

e ninguém deixará de sentir, que as musas ouviram e satisfizeram os seus votos.

Sir William Jones, tão instruído em diversas linguas, como amante da literatura, explica-se assim: *Camoensium Lusitanum, cujus poesis adeò venusta est, adeò polita, ut nihil esse possit jucundius; interdum verò adeò elata, grandiloqua, ac sonora, ut nihil fingi possit magnificentius.*

Logo ao principio da leitura dos Lusíadas, experimenta-se uma commoção causada pelo fogo do patriotismo, que abrasa o poeta, anima todo o poema, e se communica ao leitor, ao mesmo tempo, que uma dicção correctá, facil e elegante, o attrahe e prende pela sua harmonia. O ornato de figuras é admiravel. As comparações, quando são feitas á imitação d'as de Homero, ou de Virgilio, egualam-nas, e não parecem copias; e quando são da propria invenção do poeta, são cheias da maior belleza e verdade. As descripções de sitios, de combates, e de scenas navaes são vivissimas, e tanto mais conformes ao natural, que elle as representa como quem as vira e presenceara. Nas pinturas, ou é grande, e vale-se dos fortes e sublimes pinceis de Miguel Anjo, e de Raphael; ou suave emprega as maneiras graciosas de Albano, e de Corregio: como aquelle, cujo coração reunia uma grande energia, e uma extrema sensibilidade. Podem citar-se muitos versos de poesia imitativa, que ferem pela sua propriedade. Elle possuia tambem a arte de ennobrecer pela linguagem poetica cousas usuaes e vulgares, de modo, que não apparecessem com desvantagem na epopea. São passados dous seculos e meio, e a pezar de ter sido Camões um dos primeiros, que formou a nossa lingua, não ha uma locução, quasi mesmo um vocabulo, que tenha envelhecido, ou seja escuro. Finalmente, de todas as maneiras, que se considere este poema; quer pelo que respeita ás regras da arte na composição e execução; quer pela sublimidade da invenção, e riqueza de erudição e sciencia; quer pelo que toca á moralidade dos sentimentos, e da lição, que dá aos homens; quer enfim pelo entretenimento, que a sua leitura fornece; todo o leitor imparcial e justo convirá, que não é inferior a nenhum dos melhores poemas epicos. Digo isto, dirigindome aos estrangeiros; porque estou persuadido, que os Portuguezes, assim como eu o sinto e penso, o devem julgar superior a todos, sem receio de que esta opinião se

attribua a uma insensata vaidade nacional, mas antes a um amor natural, e louvavel pelas nossas cousas, inspirado por uma razão bem justa de gratidão.

Os Lusíadas são um monumento da gloria nacional. Este poema deve ser para nós tão precioso, como a Iliada o foi para os Gregos. Se nesta foram cantados pelo primeiro Epico os tempos heroicos da Grecia, tambem nos Lusíadas são celebrados e cantados os insignes feitos, as victorias, e os trabalhos dos nossos antepassados. Assim cada Portuguez participa de uma tanto maior parte da gloria nacional em proporção da pequenez da nação, e ama tanto mais vivamente a sua patria, e o poeta, que conservou estas illustres memorias á posteridade. Cada familia nobre acha alli o seu nome, bem como as acções esclarecidas de seus avós, e não póde deixar de estimar em muito a honra de ver-se inscripta nestes archivos do heroismo. Cada cidade e villa é ali memorada. Os Portuguezes, como os Gregos e Romanos, tem portanto em Camões, o seu Homero, o seu Virgilio, ao qual devem a conservação e perpetuidade da sua illustre fama. Quem haverá pois entre nós de tão baixo coração, que não sinta um grato entusiasmo pelo nosso Poeta? Os inglezes o sentem por Shakespeare, a ponto de não soffrer, que se lhe descubra o menor defeito, cuja nota possa diminuir a admiração, que por elle teem. Johnson, Aristarco mais que severo, fallando do *Paraiso perdido* diz: « Qual será o inglez, que possa deleitar-se em notar os logares, que merecem censura, os quaes se diminuem a reputação de Milton, diminuem de certo modo a honra da nossa patria? » Se alguns pois entre nós ousaram fazel-o a respeito de Camões, elles se tornaram reos de uma culpa, que póde chamar-se anti-nacional.

Se não fosse obrigado a limitar-me nesta noticia do poema de Camões, eu fundamentaria com exemplos, assim como o fez Addison, as proposições, que adiantei; mas seja-me concedido apontar alguns dos logares e bellezas mais notaveis em cada um dos cantos; o que, se para os nacionaes é superfluo, póde ser util para os estrangeiros. A difficuldade é de escolher entre tantas bellezas.

Voltaire diz em alguma parte das suas obras, tractando do modo, por que Racine poderia ser commentado, que difficil seria não repetir a cada pagina as palávras, ad-

miravel, pathetico, sublime, em lugar de qualquer outro commento superfluo. Julgo, que o mesmo dicto se póde applicar a Camões; e assim espero me desculpem se repito muitas vezes estes e semelhantes applausos, nos logares, que vou apontar dos *Lusiadas*.

No canto I a introdução ou exposição é no verdadeiro estylo epico: nobre, e animada daquelle patriotismo, que vivifica todo o poema. A invocação ás musas do Tejo, e a oração dirigida ao Senhor D. Sebastião são uma expansão do mesmo sentimento, exprimido em bellos versos. Nesta se deve notar o tom elevado, e digno de um vassallo, que sente o seu valor, sem faltar ao respeito, mas que com nobreza diz ao soberano;

Vereis amor da patria não movido
De premio vil, mas alto e quasi eterno :

e fallando-lhe dos grandes reis seus predecessores, e dos grandes homens da nação com justo enthusiasmo, convida o moço rei a ser digno herdeiro das virtudes dos seus antepassados, e digno soberano de uma nação de heroes, cujo valor elle vai cantar nos seus versos.

É impossivel, que todo o homem instruido nos bons auctores antigos e modernos não reconheça a superioridade de sentimentos, e de tom do nosso Poeta, quando o comparar aos outros, e advertir no modo, com que Virgilio, e Lucano se dirigem aos Cesares, e Ariosto e o Tasso aos principes da casa d'Este.

O modo, por que Luiz de Camões entra na narração, é conforme ao dos antigos Epicos. Começa esta com a assemblêa dos deuses; e pela intervenção d'elles, attentos a occupar-se dos heroes do poema, e a os proteger, lhe dá uma maior importancia, e prepara o leitor a acções nobres e grandes.

Neste concelho, a magestade e superioridade de Jupiter Tonante são conservadas no tom e formas do seu discurso. A gelozia de Baccho, que anima o que elle pronuncia, é sustentado de um modo digno, e de maneira a fazer reccar os effeitos da sua opposição á empreza dos Lusitanos. Pelo contrario Venus conserva, nas poucas palavras, que diz, intercedendo por elles, um tom appropriado ao character conhecido d'esta deusa, que présa nos Portuguezes as qualidades, e a lingua semelhantes ás dos seus

Romanos. Marte, que sustenta esta protecção, e que estima o valor portuguez, se exprime com a vehemencia do deus da guerra, e mostra-se *iracundus, inexorabilis, acer*, e grande até no modo, com que se apresenta a Jupiter, d'entre os deuses, fazendo tremer o ceu. A linguagem poetica é aqui verdadeiramente a lingua dos deuses.

Este poema tem o raro merecimento de conservar fielmente, nos seus quadros, os costumes dos povos de Asia e de Africa, tambem como os dos cavalleiros aventureiros d'aquelle tempo na Europa. A primeira entrevista de Vasco da Gama com os Mouros de Moçambique é uma prova d'isto mesmo, não sendo possivel, que a poesia possa melhor, nem com mais verdade, representar a natureza nestes paineis.

A descrição de uma bella noite de luar, a da manhã seguinte são de uma elegancia engraçada: e o poeta imitando a Virgilio, como este a Homero, faz as descrições suas proprias. A comparação, que precede o combate, é nova, e de muita propriedade, e representada com as côres mais naturaes.

O combate, que se segue entre os Portuguezes e os Mouros é muito bem descrito, e de um modo rapido. Nelle não quero deixar de notar os dois bellos versos de poesia imitativa:

A plumbea pela mata, o brado espanta,
Ferido o ar retumba e assovia.

Logo no principio do canto II, ponderese, como Camões não perde uma só occasião de tocar tudo o, que honra a Nação: assim faz menção dos dois condemnados, que Vasco da Gama manda á terra. Os nossos grandes soberanos foram os primeiros, que commutaram a pena de morte deste modo, e com a transportação.

Para prevenir a cilada, que os Mouros ordiam em Mombaça aos navegantes, Venus desce ao mar, e convoca as Nereidas, e toda a mais cerulea companhia, para que juncto vão pôr o peito ás naus, e impedir-lhes a entrada no porto: invenção nova, e summamente bella, do nosso Poeta, que prova neste logar, assim como em outros, um ingenho inventor. As duas comparações das formigas, a das rãs são bem do estylo homerico.

Ainda não satisfeita Venus, sóbe ao sexto ceu para implorar Jupiter em favor da sua amada nação. Esta é uma das mais lindas

passagens d'este canto. A descripção da deusa, assim como a sua falla, são de um mimo poetico, e de um gosto puro em belleza de imagens, harmonia de versificação, e calor de estylo, que julgo, o mesmo Tasso (se ousou dizel-o) não igualou, imitando-a na sua muito bella, mas algum tanto estudada, descripção de Armida.

Ha no retrato, que faz da deusa, nos gestos, na linguagem, uma graça e suavidade, que mostram a excellencia do Poeta nas descripções, e nos sentimentos d'este genero.

A resposta do Padre Jupiter conserva a dignidade, que lhe é propria, quando lhe declara na mais alta poesia os decretos dos fados em favor dos Portuguezes, de modo a excitar a curiosidade e o desejo de conhecer os grandes feitos, que lhe são jvaticinados. Note-se a est. 53, em que elle imita a Virgilio, e o bom gosto, e concisão com que emula a este grande Poeta; e em todo o discurso a energia, e a auctoridade da linguagem.

A chegada da frota a Melinde, póde citar-se como modelo da arte oratoria o discurso do mensageiro de Gama. O do rei melindano é, qual convem a um principe, de quem Osorio diz: *In omni autem sermone princeps ille non hominis barbari specimen dabat, sed ingenium et prudentiam eo loco dignam prae se ferebat* (De reb. Emmanuelis).

Citei este historiador para melhor responder á critica injusta, que Voltaire fez de Camões, accusando-o, de que Vasco da Gama fallasse de Ulysses e Eneas a um barbaro africano, que não podia conhecer taes nomes. Deve causar surpeza, que a um homem tão erudito não lembrasse, que este rei era um arabe, em cuja lingua existiam então muitas traducções dos antigos, e muitos livros de sciencia, e historia; e olvidasse, que o poderiam com mais justiça culpar de pôr na boca de Mahomet fallando a Zopiro:

En Egypte Osiris, Zoroastre en Asie,
Chez les Crétois Minos, Numa dans l'Italie,
A des peuples sans mœurs, et sans culte, et sans rois,
Donnèrent aisément d'insuffisantes lois.

Na descripção da entrevista do Rei com Vasco da Gama se reconhece o talento do Poeta em relevar pelo estylo cousas usuas e vulgares: ao mesmo tempo que todo este painel é tão animado e natural, que parece ver-se.

Se a exemplo da preferencia, que geralmente se dá aos IV e VI livros da Eneida, eu ousasse estabelecer uma primazia nos cantos dos Lusíadas, citaria os cantos III e IV, que contêm a historia da monarchia portugueza. É nesta narração, que o Poeta se mostra animado do patriotismo o mais ardente, que dá vida a tudo, e eleva egual aos primeiros poetas epicos. Vejo-me embarçado para citar com preferencia esta ou aquella passagem, porque tudo é admiravel. Alguns logares são eminentes pela sua perfeição classica; outros são de um gosto *rompntico* o mais selecto e original.

A descripção da Europa, pela qual elle começa, e que alguns criticos estrangeiros reprovam como um logar secco, póde servir de exemplo para dar uma idéa do talento poetico de Camões. As feições dos diversos climas, as allusões historicas fazem esta descripção pitoresca e agradavel. Se estas descripções se estimam em Homero, porque não as devemos avaliar no nosso Poeta? Os quatro versos, com que elle conclue a est. 21, não sei como se possam ler com seccos olhos:

Esta é a ditosa patria minha amada,
Á qual se o ceu me dá, que eu sem perigo
Torne com esta empreza já acabada,
Acabe-se esta luz alli comigo!

Por certo Camões nestes divinos versos exhalava pela boca de Gama o sentimento, que elle experimentava na India, quando continuava o poema, destinado á gloria dos seus compatriotas.

Prosequirei indicando os logares preeminentes: entre estes o modo, porque prepara a narração da batalha de Ourique (memoravel por si, e por datar d'este glorioso dia a fundação e independencia da monarchia portugueza), é grande como o sujeito. A apparição do filho de Maria ao senhor D. Affonso, a inflamação, que causa nelle e nos seus soldados, a confiança e valor, que inspira a este punhado de gente para levantarem Affonso sobre o pavez, como já certos do successo, caracterisam um ingenho epico.

Segue-se a narração da batalha, ou antes a viva pintura d'ella; e alli, como nas outras, que elle descreve, é que póde mostrar-se a differença entre o poeta soldado, que representa o que viu, e aquelle, que no seu gabinete imita ou copeia os historiadores e romancistas. Os rasgos são vivos, rapidos, naturaes, e proprios d'estas scenas horrorosas, como elle as tinha visto, militando.

Obrigado de passar rapidamente por muitas bellezas, estou certo, que as estancias 83 e 84, sobre a morte do nosso primeiro e grande rei, captaram a attenção de todos, pelo seu gosto apurado, e pelo pathetico da ultima.

A oração da rainha D. Maria é de uma grande perfeição oratoria; e supposto a situação seja muito semelhante á de Venus no canto II, deve reparar-se na differença dos pensamentos e affectos proprios para mover.

No verso

Que a vivos medo, e a mortos faz espanto,

esta ultima figura é de um bello atrevimento.

Depois de descrever com o mesmo calor e naturalidade a batalha de Tarifa, é muito ingenhoso o modo, por que introduz a historia tragica de Ignez de Castro. Neste lugar excellente basta citar o, que diz um homem tão eminente pelos seus talentos e puro gosto, como Voltaire, o qual assegura, que não ha em Virgilio (no auctor o mais judicioso e sensível de toda a antiguidade) uma passagem mais pathetica, mais propria a mover o coração, e mais perfeitamente escripta.

Em nenhum poema se encontram tantos elogios do sexo feminino, e dos seus attractivos poderosos. O coração sensível de Camões deleita-se em pintar a variedade da sua belleza, e dos seus encantos, as vicissitudes dos prazeres e penas do amor, com a effusão de quem o sabia sentir tão vivamente.

Mas não obstante esta ternura, que o poderia fazer desculpar a terrível vingança, que exercitou D. Pedro nos matadores da sua amada, Camões sempre philosopho reprehende severamente o pacto duro e injusto, que fizeram os dous Pedros, inimigos das humanas vidas.

Do episodio tão sensível como pathetico de D. Ignez passa o Poeta no principio do canto IV, a fazer o quadro horrissimo da guerra civil, originada entre a rainha D. Leonor, ajudada de poucos Portuguezes, e assistida dos Castelhanos, e o Senhor D. João o I, em que o Poeta se mostra verdadeiro Portuguez, e dicta aquelles sentimentos e principios, que devem animar todo o homem amante da sua patria, para sustentar a sua independencia, e resistir a toda e qualquer força estrangeira, que attenta violal-a. Tão bellas e dignas de geral applauso são

estas lições politicas (que a minha nação acaba tão gloriosamente de seguir nesta epoca, asselando a antiga virtude portugueza), quanto merece severa censura o commentador Faria nas suas notas sobre esta passagem; notas indignas de um bom Portuguez, e que verificam em demasia o dicto de Voltaire: *que os commentadores são sempre um pouco inimigos da sua patria.*

Não é pois de admirar, que o discurso do condestavel lhe não fizesse aquella impressão, que deve fazer em todo o coração portuguez. Na verdade é um modelo superior de eloquencia militar, cavalleira, e de patriotismo.

Os preparos para a guerra, assim como tudo o, que precede a memoravel jornada de Aljubarrota, que como a de Ourique tornou a consolidar a nossa independencia, são descriptos com rasgos admiraveis: mas tudo cede á descripção da batalha. Propriedade natural de imagens, harmonia, e poesia imitativa dos versos, representação grande e verdadeira d'esta scena sanguinolenta, fogo, que anima o todo do quadro; nada falta para fazer este painel completo e perfeito.

São trez as batalhas, que elle descreve; cada uma tem seu merito particular; e em todas é inimitavel pela verdade da pintura.

Seja-me licito fazer aqui pausa, para apontar como Camões seguiu uma das principaes regras da epopea, qual a de pintar e conservar fielmente os costumes da epoca em que pôz a acção do seu poema. Em todo elle se vê aquelle valor cavalleiro, aquelle espirito militar e romanesco, aquelle enthusiasmo, e amor da gloria, que animava a nação, e que fazia de cada Portuguez um heroe. Só assim é que pôde comprehender-se como depois da sua gloriosa historia das guerras com os Mouros e com os seus vizinhos, passaram audazmente a attentar e executar tão grandes acções, e tão vastas conquistas.

Neste lugar principia o que pertence mais particularmente ao sujeito e acção dos Lusíadas, que vem a ser as primeiras expedições nauticas, que prepararam o descobrimento da India.

(Continua).

INSTRUÇÃO PRIMARIA.

Selectasinha Classica para uso das escolas do districto de Angra.

Distinguem-se entre todas as nossas escolas primarias as das Ilhas adjacentes pela

melhores habilitações dos seus professores, regular frequência dos alumnos, capacidade, situação e mobilia das casas, no que muito se deve ao zelo e esforços das camaras municipaes respectivas; e, o que a tudo sob'eleva, a sustentação das escholae é a menos gravosa ao thesouro; porque o patriotismo, amor das letras, e espirito geral de beneficencia dos habitantes insulares tem applicado ao ensino popular os sobejos dos rendimentos das irmandades, confrarias, junctas de parochia, e municipios, afóra avultados legados, e subscrições espontaneas, que a virtude de nacionaes, e estrangeiros está diáriamente promovendo. Oxalá tão bons exemplos fossem imitados no continente!

Os bons livros elementares são ainda hoje uma das primeiras necessidades para o nosso ensino primario a pezar da collecção valiosa, que já possuímos, devida ao patriotico empenho de alguns bons escriptores. Sentindo essa necessidade o sr. Moniz Barreto Corte Real, commissario dos estudos na Ilha Terceira commettera a elevada, bem que ingrata, empreza de colligir, e coordenar excerptos escolhidos nos livros dos mais distinctos escriptores portuguezes, principalmente nas obras do nosso doutissimo Vieira, formando dest'arte collecção rica em volume pequeno, accommodado ás forças, gosto, e poucos haveres da maior parte, dos alumnos d'aquelle ramo d'instrucção.

As excellentes maximas moraes, bons exemplos, os dictos sentenciosos, e espirituosós acham-se reunidos, e dispostos methodicamente naquelle livrinho, constituindo assim um codigo de moral da infancia. Nem teem menos valor as encyclicas dirigidas aos chefes de familia a bem da frequência das escholae, e as allocuções feitas pelo mesmo commissario aos seus discipulos, que, impressas no principio da obra, lhe servem de valiosa introducção.

Quizeramos para dar alguma idea do manual transcrever d'elle alguns trechos. Não soubemos achar a preferencia. Fôra mister copial-o. Só não resistiremos á tentação de repetir uma sentença, que parece talhada de molde para o estado actual das transformações sociaes.

« Façam o que quizerem: em quanto se não cuidar effectivamente na educação da plebe, assim politica como religiosa, verão sempre perpetuada a cadeia das desordens, que desafiam a nossa magoa: porque em fim é grande loucura esperar, que venha a ser melhor a geração futura, se lhe não fornecermos outros recursos, que não teve a nossa. » (D. FR. CAET. BRANDÃO.)

Cremos, que muito aproveitou ao auctor da Selectasinha a excellentes producção do sr.

Antonio Cardoso Borges de Figueiredo, vogal do Conselho superior d'instrucção pública, publicada sob o titulo de — *Logares Selectos* — e hoje adoptada em todas as escholae do continente: mas na boa escolha de alguns fragmentos, que lhe addicionou, deu prova incontestavel de intelligencia distincta, e de apurado gosto. Se já possuíamos a *Selecta Classica* do sr. Cardoso, nem por isso se haverá por superflua ou inutil a do sr. commissario dos estudos de Angra.

Obras d'estas não se avaliam pelo vulto, que apparece: antes o contrario se requer para a facil propagação do ensino popular. Os livrinhos de pouco preço, e facil conducção, se elles encerram as boas doutrinas, e são preceitos em phrase pura, clara e concisa, são verdadeiros thesouros de meninos, e titulos de gloria para seus auctores.

Assim conceituamos o livrinho, que prendeu a nossa attenção; assim queremos render culto sincero á virtude, que muito desejamos ver imitada pelos funcionarios da administração litteraria. Modesto e sem pretensões, o sr. *Moniz Barreto* tem merecido mais que outros apregoando por toda a parte as suas obras, levados talvez de ambição ou avareza.

E porque sejamos em tudo francos e sinceros não occultaremos o desejo, que sentimos de ver a 2.^a edição da obrinha tirada em typographia mais aperfeiçoada; e supprimido o exemplo da *ingratidão dos portuguezes*, por não expôr á luz meridiana o que devêra não sahir das trevas. M.

O artigo que acima publicamos extrahido do *Instituto* de Coimbra, honra sobremaneira o individuo, que o escreveu, porque é um tributo devido a um cidadão benemerito e porque faz acreditar aos que descriam do futuro de Portugal, que ainda ha homens sinceramente votados á illustração do povo, obreiros da civilisação, que apparecem como sentinellas avancadas ás portas d'este seculo, para que outros as venham depois abrir radiantes de fé e gloriosos de conquistas.

O auctor do artigo, a que alludimos veio, sem duvida pagar uma divida de reconhecimento, que as letras e a patria contrahiram para com os nobres serviços prestados pelo nosso conterraneo e amigo o Commissario dos estudos na ilha Terceira, o auctor das *Bellezas de Coimbra*, o Sr. *Antonio Moniz Barreto Corte Real*; mas, se não fosse elle, essa divida estaria ainda por pagar, esses serviços seriam ainda ignorados, essa gloria, que

irradia hoje sobre a frente d'este homem de letras, não seria também uma das glorias do paiz, que o viu nascer. E assim nós, que também somos filhos da mesma patria, e que por isso tomamos uma parte, ainda que pequena, nos louvores, que o illustre auctor do artigo lhe dirige, transcrevendo-o na *Revista Academica* também lhe pagamos uma divida d'amizade e reconhecimento; e aqui lhe pedimos, que prosiga nos seus generosos esforços pelo derramamento da instrucção, principalmente pelas classes desherdadas do pão e do trabalho.

Sem lisonja o dizemos, mas parece-nos, que o illustre auctor do artigo não foi exagerado quando disse, que os methodos d'ensino adoptados nas ilhas adjacentes eram até superiores aos usados no continente.

Antigo berço das letras nos Açores, a ilha Terceira andou sempre na vanguarda de todas as outras ilhas no que pertence a cultura intellectual. Ou fosse por que seus habitantes são naturalmente dados ás letras e avidos de instrucção, ou porque as circumstancias especiaes, em que esta ilha se achou collocada em relação ás outras ilhas durante muitos annos, em que foi capital do archipelago, é incontestavel, que n'este ponto lhes ganhou sempre vantagem. Esta superioridade deveu-a a alguns de seus filhos, que constantemente lhe consagraram todó o seu cabedal de forças e intelligencia. Entre esses merece particular menção o Sr. *Antonio Moniz Barreto*. O mancebo estudioso, que ha mais de vinte annos em Coimbra principiava a celebrar o seu nome n'uma carta sentimental e poetica dirigida a uma mulher espirituosa e bella, não desmentiu as esperanças, que d'elle haviam formado seus mestres e amigos. Em lugar de se perder no vertiginoso chaos das paixões politicas, vestiu primeiro a toga, e correu a exercer a nobre profissão d'advogado; depois, escolhendo uma outra mais sublime ainda, votou-se ao ensino publico, e á mais sancta das causas, á emancipação do povo pela instrucção.

Sua vida tem sido depois illustrada por muitos trabalhos litterarios, todos em beneficio da instrucção publica.

O Sr. *Moniz*, torna-se assim digno da estima e reconhecimento do paiz. Folgamos de lhe podermos prestar nas nossas columnas este testemunho de respeito e veneração.

Quando porém damos á ilha Terceira a superioridade sobre as outras ilhas, no que

pertence á cultura intellectual, fallamos imparcialmente e sem offensa dos novos progressos feitos ha annos a esta parte nas ilhas de S. Miguel e Fayal. Este nosso juizo foi-nos confirmado ainda não ha muitos dias por um dos dignos membros do Conselho Superior d'Instrucção Publica, que é talvez a pessoa mais competente no nosso paiz para julgar do atraso ou progresso da nossa instrucção, quer primaria, quer secundaria.

Precisavamos de fazer esta declaração, para que nos não accusassem de sacrificar a verdade ao amor da terra natal.

Os progressos, que a instrucção tem feito na fermosa ilha de S. Miguel, graças aos esforços do nosso generoso amigo o Dr. José Pereira Botelho, e ao apoio sempre constante de um jornal desde muitos annos sabiamente redigido, o *Correio Michaelense*, hão de elevar um dia aquella ilha ao mais subido grau de prosperidade e attrahir sobre ella as vistas do mundo civilisado: E como diziamos no n.º 7. da *Revista*, a prosperidade d'essa ilha ha de reflectir necessariamente sobre as outras ilhas, por tal arte, que o Archipelago Açoriano a 300 leguas do continente de Portugal, poderá tornar-se o emporio de um grande commercio, e um paiz rico e abençoado.

São estes os nossos votos, são os de todos aquelles, que não são levados de um premio vil, mas do amor da patria; e se conseguirmos o fim para que trabalhamos, diremos como o nosso illustre Ferreira;

Que eu desta gloria só fico contente
Que a minha terra ame e a minha gente.

Alexandre Meyrelles.

DEZOITO ANNOS.

I.

Maria, foi d'esta idade
Que no mundo te encontrei;
Captivo de teus olhares
Foi desd' então que te amei,
Linda rosa dos meus sonhos,
D'esses sonhos qu'eu sonhei.

E vi-te — vendo-te, o mundo
Abriu-me as portas; entrei;
Coração virgem, qu'eu tinha

Crenças... alma... amor... que sei?
Tudo, Maria, trovas, sonhos...
Vida... tudo te entreguei.

Vi-te; bemdisse o astro
Que no meu ceu vi brilhar,
Julguei-te o guia da vida,
Brilhante 'strella do mar,
A verdade d'esse sonho,
Em qu'eu andava a 'scismar.

Faz hoje annos—*sexta feira!*
Certo te não lembras—não—
Lembro-me eu, anjo perdido,
Anjo do meu coração,
E já sete annos, Maria,
Sete annos já lá vão!

Em balde tento 'squecerte,
D'o passado este viver
Tem fel acerbo, que amarga;
E talvez te custe a crer,
Que há ventura nesta vida
Que há rosas neste soffrer.

Pois há, Maria, accredita,
Nas saudades—ouve bem—
Na tristeza que ellas trazem
Vem com a tristeza tambem
Sumidos traços de gozo,
Luz do ceu, que á terra vem.

São frouxa luz, que sem força
Se vê nas trevas luzir,
Que na noite da desgraça
É qual sol a refulgir;
São lampejos de luz bassa
Nas trevas do existir.

Saudades, folhas do livro,
Do livro do meu viver,
Mulher, não posso arrancal'as
Não posso—não póde ser;
A mão do tempo arreigou-as
Eu não te posso 'squecer!

Teem n'alma fundas raizes,
Ninguém as tente arrancar;
Quem sabe? talvez a morte
Proceloso irado mar,
Esta só talvez comsigo
Possa as saudades levar.

Maria, tudo me lembra
Nada 'squeço, linda flor,
Lembra mais do que se pensa

Lembrança de casto amor,
O primeiro, e tão vestido
D'innocencia e alva côr.

Aquellas noites nos bailes.
Em que tu eras alli,
Da festa alguns lá gozando,
E eu só vivendo de ti,
Lembram-me, porque me lembram
Os tempos, em que eu vivi.

II.

Mas hoje és mãe—vive agora,
Vive ahi no teu rosal,
Que não te açoite imprudente
Desabrido vendaval.
Esquece amor, que pagaste,
Que tão mal tu compensaste
Com dores; anjo do ceu,
Mas que não possa o tormento,
O remorso—um só tormento,
Ir pousar no seio teu.

III.

Maria, é bom, quando a noite escura
Saudades pede ao coração, gemer
Chorar sozinho, pensativo, errante
Carpir saudades, suspirar morrer.

É bello então, quando as dobras negras
Do seu manto descem sobre a terra e mar
No silencio triste ver a terra involta
Tristeza á tristeza ir então junctar.

IV.

Saudade, pobre amiga não me fujas,
Não fujas, saudade, não;
Painel, que me retractas o passado
Co' as côres, com que a sorte o ha pintado
Não fujas, saudade, não.

Da guerra és tu, só tu triste despojo,
Que da lucta me ficou,
Essas c'roas, os tropheus tão disputados
Ficaram sob as pedras sepultados
D'imperio, que desabou.

Não me fujas, saudade, em pé tu fica
Nas ruinas do meu ser
Fica aqui nos destroços d'este imperio,
Nem fujas, quando a cruz do cemiterio
Me velar quando eu morrer.

V.
Alli fica, pobre flor,
Podes ficar escondida
Na mudança d'esta vida
Tu, meu legado de amor,
Ficas alli só comigo
Em peito, peito d'amigo
Ou sobre a campa « a dizer »
— Aqui jaz quem vive agora,
Um cadaver, que não chora,
Que achou na morte o viver —.

Nicolau Xavier de Brito.

Sexta feira de Passos de 1855.

TRISTE.

NO ALBUM

DA EX.^{ma} SR. D. RACHEL NAZARETH.

Na mão donzella descansando tímida
Palida fronte, pensativa, e triste,
Porque desejas n'um sorriso languido
Matar lembranças d'o, que já sentiste?
Morrem sorrisos como sombras tenues,
Ressalta á face o, que no peito existe.

Anjo sê triste, que no mundo o riso
É falso avizo de ventura q'rida
Nem tem um riso, que te valha um pranto
Balsamo sancto nos parceis da vida.

À frente, um anjo te cazou, mimosa
Triste, saudosa, pensativa, linda,
De roxas flores immortal diadema
Sentido emblema de tristeza infinda.

Guarda-o, é symbolo de feral bonança
Lucto da esperança, que a sonhar nutriste,
Regeita os risos, que te mentem festas,
Prendas funestas!... ai mulher! sê triste!

Quando alta noite tu olhar's carpindo
O espaço infindo, que te argenta a lua,
Saúda os fogos da mansão d'archanjos
Que o solio d'anjos, é a patria tua;

E diz ao mundo que te foi desterro
Avido cêrro onde a flor definha —
« Lego-te o pranto, que me innunda os olhos
Patria d'abrolhos, que não és a minha. »

Anjo sê triste — no mundo
Só tem magia o soffrer,
Nelle, o riso mais jucundo
Insulta, ou mente mulher,
Deixa o riso calculado,
Reprime-o, quando forçado,
Rejeita-o, quando mentir
A narração de tristezas,
De triste diz taes lindezas
Que encantam; — queres ouvir?... —

Era uma noite formosa:
Por solitario mosteiro
Passei unico romeiro,
Eu... e o silencio! a sós. —
Dentro da Igreja vetusta
Carpia sollemne e augusta
Do orgão a triste voz
Em carmes irmãos do choro
Das virgens cantava o côro
Por si rogando, — e por nós,
Que entre esses sentidos cantos
Dos olhos caíam prantos,
Adivinhei, se não vi;
Se não vi faces mirradas
Senti vozes alquebradas,
Que as portas eram fechadas
Mas eu escutei, e ouvi. —
Através de fenda escassa
Altars do templo vi,
Luz amortecida e baça,
Incerta ondulava alli —
Dava dentro, ao sanctuario,
Esse clarão mortuario
Só um cirio sobre o altar
Cá fóra, em manto alvacento
Caía sobre o convento
A triste luz do luar —
Era a festa da tristeza —
Que celebrava o mosteiro!
E n'esse instante sollemne
Onde estava o mundo inteiro?...
— Dormia ou folgava em ocio,
Cumpria o seu sacerdocio,
E eu era o triste romeiro.

Se viras anjo, esse quadro
De mysteriosa linguagem,
Viras a attrahente imagem
Do teu sentido viver;
E eu quiz ver-te alli, mulher!
Por ver-te dos negros olhos
Suave pranto correr;
Vêr a lua docemente
Banhar-te a palida tez,
Que os raios do sol ardente
São insulto á palidez
Vai demandar o mosteiro
À tenue luz do luar,
Dirás depois o, que ouviste,
Verás mulher como é triste,
Tão triste, que faz chorar.

O canto, que tu me ouviste,
Se não te agradar por triste,
Perdôa, inspiraste-o assim;
Triste sou eu de saudade
D'esta risonha cidade
Que vou perdel-a por fim.
Porém, de ti longe ou perto,
Na cidade ou no deserto,
Nas selvas ou no jardim,
Hei de em perpetua miragem
Ver-te a seductora imagem
Triste a scismar juncto a mim.

T. A. Ribeiro.

Coimbra, Maio de 1855.

NECROLOGIO.

OFFERECIDO

**Aos meus patricios e cordeaes amigos
Gaspar Pereira de Lacerda, Alexan-
dre P. de Lacerda, e Manoel Ignacio
Brum de Lacerda, em testemunho
d'amizade e gratidão.**

Quoi! vous pleurez, amis!

Sans la mort, mes amis, que serait la vertu?
C'est le prix du combat, la céleste couronne
Qu'aux bornes de la course un saint juge nous donne.

LAMARTINE, *Meditações.*

Da lista dos bons cidadãos mais um nome apagou o bafo luctifico da morte; do gremio da sua familia mais um pae-typo, demandando o monte de Sião, a cidade do Deus vivo, a Jerusalem celeste, desapareceu!

Chorado por seus extremosos filhos, e não menos pelos seus amigos e conhecidos, ás regiões sombrias, aos jazigos subterraneos desceu o cadaver do Ex.^{mo} Sr. Alexandre Pereira de Lacerda, para alli, como diz Job, dormir no pó com os grandes da terra.

Os factos, que caracterizam a sua vida, ennobrecem de tal sorte este cavalheiro, que nos poupam os elogios, de que o julgamos digno.

No quadro da sua vida publica vê-se o bem claro zelo e interesse pelo bem de seus concidadãos, aponta-se a prudencia e sensatez, com que eram concebidos e realizados seus designios, bem diz-se a affabilidade e lhaneza para com todos.

Em sua vida privada admira-se o amor extremo por sua familia, a educação exemplar, que deu a seus filhos, mimosa, é verdade, porque assim o exigiam o amor de pae e o genio docil dos filhos.

Foi este cavalheiro finalmente amado e admirado de todos, porque em tudo se lhe traduzia, e a todos sorria a innocencia de suas acções, a pureza de suas intenções, uma humildade sem affectação, o amor da virtude, pela mesma virtude, e não por merecer a approvação dos homens, e em fim uma caridade e generosidade evangelica.

Ceda, pois, meus cordeaes amigos, o coração á conformidade christã, que a justiça de Deus nos annuncia ser a morte a aurora d'uma outra vida, cheia de gozo puro e

sancto, que se troca por esta, onde só supportamos attribuições e amarguras.

Suspendei vosso pranto; que aquelle, que agora encetou a era da eternidade, abri-vos-ha um dia os braços paternaes.

José Joaquim d'Azevedo.

A carta que abaixo publicamos foi-nos dirigida pelo Sr. Manoel Ferreira de Seabra, Desembargador na Relação do Porto, auctor da poesia intitulada — *a fonte do Castanheiro* — cujo nome tão favorecido das musas, é tambem conhecido e illustre no fóro portuguez, já por si, como por seu irmão o Sr. Antonio Luiz de Seabra, o cidadão independente, que ainda não ha muitos annos se assentava nos bancos dos ministros, e cuja retirada do gabinete foi uma verdadeira calamidade para o paiz.

Quando transcreviamos aquella poesia ignoravamos que S. Ex.^a, com quem haviamos conversado o anno passado uma vez no theatro de S. João no Porto, fossé o auctor de tão bella producção, que continuaremos a appellar assim, em que peze á excessiva modestia de seu illustre auctor. Não sabiamos egualmente, que a poesia a que alludimos tivesse sido publicada no *Investigador Portuguez* em Londres; mas ainda assim parece-nos, que ella não perde do seu subido quilate com ter sido novamente publicada.

Possuimos alguns volumes d'esse jornal, mas infelizmente em nenhum d'elles vem a poesia transcripta; o que muito sentimos, porque assim teriamos evitado algumas incorrecções de que se queixa o auctor, e que são por via de regra inseparaveis de todo e qualquer manuscripto.

Folgamos muito, que S. Ex.^a cujas qualidades, sabemos são geralmente apreciadas, continue a viver outros tantos annos, e se as nossas expressões de bem merecido louvor lhe foram gratas, creia que ellas foram tanto mais sinceras, quanto é certo que ignoravamos, que existia ainda, e que era tambem ao irmão de um dos homens mais eminentes do paiz, e de cuja amizade muito nos honramos, que offertavamos nosso humilde tributo d'admiração.

Alexandre Meyrelles.

— Sr. Alexandre Meyrelles.

Esse homem, que V., em o n.º 7 da *Revista Academica*, a paginas 131, diz: que vivia ainda em 1808, esse homem ainda agora vive; e ficou maravilhado, vendo que se dava algum apreço a uma pobre lucubração de seus verdes annos. Esse homem sou eu.

Em mais de quarenta annos de vicissitudes politicas, e de serviço publico, perdi todos os pequenos trabalhos litterarios da minha mocidade: e é por isso, que conhecendo, que na *Fonte do Castanheiro* se commetteram muitos e notaveis erros de impressão os não poderia agora facilmente emendar. Tambem... não vale a pena, porque esta humilde composição, além de revellar a ausencia de vèa poetica, resente-se do estilo e gosto d'aquelles tempos, e que hoje já não militam.

Se me dirijo a V. é tão sómente para o certificar de que a *Fonte do Castanheiro* foi impressa, se a memoria me não engana, em um dos n.º do *Investigador Portuguez* em Inglaterra, periodico mensal, que se publicava em Londres pelos ultimos annos, que precederam á Revolução de 1820; já que a Redacção do *Jornal de Coimbra*, publicação tambem mensal d'aquelles tempos, a não quiz admitir (não sei porque) nas suas columnas, ao mesmo passo, que não havia rejeitado, antes acolhido benignamente, uma outra composição minha do mesmo genero — *O Penedo da Saudade*.

Póde por tanto V., querendo, afirmar aos seus leitores, que a *Fonte do Castanheiro* já fôra publicada no *Investigador Portuguez*.

Peço a V. desculpa de interromper os seus trabalhos litterarios com uma tão pouco importante observação, e peço igualmente, que se persuada da muita consideração e respeito com que sou

De V.

Venerador m.º att.º e respeitoso

Manoel Ferreira do Seabra da Motta e Silva.

Porto, 23 d'Abril de 1855.

DISSERTAÇÃO PHYSIOLOGICA.

Continuado de pag. 135.

Todavia são numerosas as objecções, que se levantam contra tal hypothese; 1.º é falso, que a circulação se interrompa, logo que pára a respiração; ainda continúa ella por algum tempo, o que poderemos observar mui bem abrindo um vaso qualquer no animal vivo, mas asphyxiado; e mesmo na experiencia de Vesale continúa ella nos primeiros tempos; além d'isso nas largas feridas, que penetram o thorax, o pulmão é abatido pelo pèzo do ar exterior, e a circulação continúa ainda por algum tempo; o mesmo acontece no hydro-thorax; e no cadaver ha por ventura necessidade de distender precedentemente o pulmão para fazer passar uma injeccção da arteria pulmonar para as veias do mesmo nome? O facto principal da hypothese é pois falso; a circulação continúa, e se ella pára depois d'algum tempo, é porque o seu orgão central se entorpece como todas as outras partes do corpo pela chegada de um sangue, que não é proprio para entreter a vida; 2.º faz suppôr a hypothese, que o pulmão se enche, e evacua completamente em cada inspiração, e expiração, e tal cousa não tem lugar; nem a distensão, que os vasos podem soffrer na inspiração, seria sufficiente para o effeito, que se lhe attribue; porque não entrando no pulmão por inspiração mais do que 14 polegadas cubicas d'ar segundo *Goodwin* e outros, não poderiam ellas determinar sua completa dilatação, a fóra as vezes, em que as inspirações são tão fracas, que os vasos ficam pouco mais, ou menos no mesmo estado, que na expiração; 3.º segundo a hypothese todo o gaz deveria de ser respiravel, e para acudir a uma asphyxia bastava distender o pulmão por um gaz qualquer; 4.º para que serviria o pulmão, para que teria a natureza creado nelle um obstaculo á circulação? E nos animaes de uma só auricula e ventriculo porque haveria um pulmão, ou um orgão respiratorio qualquer? Finalmente neste modo dever não se admitte o facto principal da respiração, a conversão dos trez fluidos das absorções em sangue arterial.

Temos pois a sanguificar um fluido, que é a mistura de lymphá, chylo e sangue venoso, se tem havido digestão, aliás sómente

de lymphá e sangue venoso; das veias subcláveas é elle lançado nas cavidades direitas do coração, cujo ventriculo o projecta pela arteria pulmonar e suas ramificações para o parenchyma do pulmão; nesta mistura predomina evidentemente o sangue venoso; porque o chylo e lymphá sómente se lhe addiciona gotta e gotta, e nas cavidades direitas do coração é que se acabará de completar a mistura: temos pois no parenchyma pulmonar em presença um do outro os dous elementos da hematose, isto é o fluido, que deve sanguificar-se, e o ar atmosphérico; agora pergunta-se, no trajecto, que tem percorrido um e outro, terão elles soffrido alguma elaboração ao menos preparatoria d'aquella mais importante, por que elles vão passar no parenchyma pulmonar?

Pelo que respeita ao ar nada prova, que elle passe por alguma elaboração antes de chegar á capillaridade pulmonar; porque da abertura da bocca, ou das fôssas nazaes até este ponto não faz mais do que aquecer-se um pouco, e carregar-se do humor seroso e mucoso, que póde offerecer-lhe a superficie interna das vias respiratorias: *Chaussier* tinha conjecturado, que este atravessando as cavidades anfractuosas, e respiraveis do nariz e da bocca, era agitado com o moco bronchico nas ramificações dos bronchios pela successão das inspirações e expirações, e soffria uma elaboração similhante á do alimento na passagem da bocca ao estomago; mas isto é inadmissivel, por quanto o ar na respiração não serve senão principalmente pelo oxygeneo, e não se póde conceber, que qualidade de mudança lhe possa advir neste trajecto; além disso nada colhe a analogia do alimento na digestão, porque elle não exprimenta no seu trajecto até ao estomago, senão mudanças mechanicas, mudanças em sua fórma sómente; e que mudanças deste genero póde exprimentar o ar de natureza gazoza?

Se o ar porém não soffre alguma alteração antes de obrar sobre o outro agente da hematose, este fica tambem tal, qual era na sua reunião no coração direito, onde se faz sómente uma mistura intima dos tres humores; não é assim todavia, que pensa *M. Legallois* por isso que admite, que começa o trabalho da hematose desd' o lugar, onde se acham reunidos o chylo, a lymphá, e o sangue venoso, que por tal fórma os julga elle calculados uns sobre outros já relativamente a suas qualidades, e qualidades respectivas;

já á velocidade, com que affluem um no outro, que o novo producto déve de fazer-se quasi instantaneamente só pelo facto de sua reunião, e por consequencia a séde principal da hematose seriam, sêgundo este Physiologista, as veias subclaveas, e acharia ella seu complemento dentro do pulmão; invoca elle como argumentos, 1.º que achando-se feito o sangue arterial ao sair do pulmão, o que os fluidos de absorpção tem adquirido, ou perdido, em quanto o percorrem, é bem pouca coisa, para que nos habilite a concluir, que uma tão grande mudança se não faça, se não no seu interior, e não comece antes; 2.º que lançando-se os tres fluidos em continente na aurícula direita, nella são agitados convenientemente, e por consequencia melhor dispostos para se mudarem em sangue arterial; que é para favorecer estas oscillações, que tem mais capacidade a aurícula direita, e mais columnas carnudas no seu interior, e que não tem valvulas as cavas; 3.º em fim invoca como facto analogo a mistura de sangue venoso e arterial, que tem lugar no coração unico dos animaes de circulação simples.

Todavia *Legallois* não apoia sua oppinião sobre factos probativos e directos, que demonstrassem nas cavidades direitas a existencia de uma só gotta de sangue arterial; a inspecção pelo contrario parece provar, que o fluido não é ainda alli se não o mesmo, que se acha nas subclaveas; e como não funda seu modo de ver, senão em raciocinios, é pelos mesmos ainda mais fortes, que sua doutrina se contraria: 1.º em parte alguma da economia se vêem formar fluidos sómente pelo facto da reunião de seus principios immediatos e componentes; ora se o chylo, o chylo, a lymphá, ou qualquer producto de secreções se não forma sem a intervenção de um órgão elaborador, que obre mediante processos, que não são mechanicos nem chymicos, como poderão as cousas passar-se por outra fórma na reconstrucção de um fluido tão importante com o sangue arterial? 2.º o concurso dos tres fluidos nas cavidades direitas do coração póde produzir uma mistura, mas não uma mudança de natureza, uma combinação; porque no coração unico dos reptis o sangue arterial, que nelle afflue com o venoso, não se muda neste ultimo; mas ambos se misturam, e a porção do arterial é sufficiente para vivificar o venoso; além disso as oscillações dos frez fluidos não são absolutamente ne-

cessarios para produzir a mistura, que já vem feita pela precaução, que tomou a natureza de lançar gotta e gotta o chylo, e lymphá no sangue venoso. 3.º a arteria pulmonar não é evidentemente senão um vaso de transporte; porque o fluido, que a percorre, nenhuma modificação experimenta no seu interior aonde não recebe principio algum novo, não perde algum d'os, que contém, não atravessa ganglio, ou qualquer outro órgão elaborador, conserva a mesma temperatura em toda ella, e na mesma circula com velocidade identica; e tanto menos *Legallois* pôde impugnar estas asserções, quanto elle sustenta, que nenhuma modificação experimenta o sangue arterial em todo o trajecto da aorta; por consequencia não fica para séde da elaboração preparatoria mais do que o espaço entre as subclaveas e a arteria pulmonar; ora, que causas poderemos nós encontrar em todo este trajecto, que possam considerar-se factores da mudança em questão? Em todo elle o fluido nada perde, e nada ganha, não atravessa systema algum capillar, ganglio, ou órgão qualquer elaborador, e temos sómente as cavidades directas do coração, que poderão, quando muito, influir na mais intima mistura dos tres fluidos, que o formam. 4.º na hypothese de *Legallois* não se vê para que possa servir o pulmão, nem esse deveria apparecer no homem tão volumoso, nem ser elle tão constante, ou seus analogos em a serie animal. 5.º a rapidez, com que o sangue venoso se transforma em arterial ao atravessar o parenchyma pulmonar, leva-nos a concluir, que é instantaneo o acto da hematose, e esta conclusão acha-se em manifesta contradicção com a idéa de uma elaboração precedente. 6.º finalmente por mui pequenas, que sejam as perdas, e acquisições, que faz o fluido, quando atravessa os pulmões, é certo todavia, que é durante este acto, e consecutivamente a estas acquisições ou perdas, que se forma o sangue arterial, o que até se acha demonstrado pelas experiencias de *Goodwin*, e *Bichat*, segundo as quaes se observa, que, se se não faz a respiração, o fluido se mostra além do pulmão tal, qual se achava antes: refutada pois a opinião de *Legallois* podemos concluir, que assim como o ar chega ao fundo do pulmão pouco mais ou menos tal, qual entrará pela bocca, assim tambem o fluido formado pela mistura do chylo, lymphá, e sangue venoso não soffre elaboração alguma, que o

transforme em sangue arterial em seu trajecto, e chega á capillaridade pulmonar tão longe de ser arterial, como elle se acha nas veias subclaveas.

Em quanto porém *Legallois* sustentava, que a obra da hematose começava antes do pulmão, queriam outros, que ella se fizesse depois d'esta viscera, invocando, não experiencias directas, mas sim raciocinios, fundados nos argumentos seguintes: 1.º tem-se manifestado nos fluidos segregados, e na substancia dos órgãos o cheiro, a côr e outras qualidades de alimentos, logo o chylo, que as possuia, penetrou até ás extremidades da circulação arterial, e por consequencia não se mudara elle todo em sangue no atravessar o parenchyma pulmonar. 2.º a materia da perspiração cutanea contém como a do pulmão acido carbonico; ora se o despêgo deste acido no pulmão é um effeito da respiração, havendo o mesmo na pelle não se continuará a hematose neste órgão, e nas extremidades do systema capillar arterial? 3.º o leite participa com promptidão, e facilidade de todas as qualidades dos alimentos; sua secreção augmenta depois das comidas, e sua côr é do chylo; não se poderá concluir, que elle provenha desta substancia, e por consequencia, que elle exista no sangue além do pulmão? 4.º enfim examinando o sangue algumas horas depois do jantar ver-se-hão distinctamente moleculas de chylo ainda por sanguificar nadando no sangue; e este facto prova não só, que a hematose fica por acabar na primeira passagem através do pulmão; mas que elle tem atravessado já talvez o pulmão, o systema arterial, e os capillares do corpo, quem sabe quantas vezes.

Todavia refuta-se o primeiro argumento observando, que o terem sido achadas particulas de alimentos nos fluidos das secreções e na substancia dos órgãos, não se segue d'ahi, que tenham sido levadas a estas partes pelo mesmo chylo; porque podem ter passado com o sangue no momento, em que elle tem sido formado do mesmo modo, que já tinham passado com o chylo no tempo de sua formação; além d'isso uma vez que estas materias estranhas tenham passado com este fluido sem fazer parte delle, ellas seguirão o trajecto dos fluidos, que successivamente derivam delle, mas conservando sempre sua natureza estranha; por consequencia a presença d'essas moleculas estranhas em as nossas partes mais profun-

das não só não prova, que o chylo não penetrou nellas; mas cumpre reconhecer pelo contrario, que se ellas alli se encontram, é porque não fazem parte do chylo, aliás teriam experimentado todas as elaborações, e as transformações todas, por que elle passa; e assim tendo ellas transposto a primeira fieira a da chylicação, atravessarão do mesmo modo todas as que se lhe seguem, isto é, as da hematose, nutrições, e secreções, conservando sempre sua propria natureza.

Ainda é menos plausivel o segundo argumento; porque sendo certo, que o sangue venoso em contacto com outros gases, por exemplo com o azoto, e hydrogeneo, perde acido carbonico, e não a qualidade de sangue venoso, como se poderá dizer, que a producção deste acido provenha da hematose? Além d'isso segundo as experiencias do Doutor *Magnus*, obtem-se acido carbonico do sangue arterial, e o mesmo se exhala no vâcuo da machina pneumatica; logo como é, que o seu despêgo não caracterizando a obra da hematose, se invoca elle como argumento, levantando-se da materia da respiração pulmonar?

A idéa de fazer derivar o leite immediatamente do chylo é do mesmo modo insustentavel; porque a unica cousa d'analogia, que ha entre o chylo, e o leite, é a côr, e esta não passa a penas de ser analoga, e não identica, e por ventura o leite, que é o producto de uma secreção, acharia no chylo, que tão distante se acha ainda de ser do liquido universal, e reparador de todos os órgãos, os principios immediatos, que o constituem, e que só lhe podem ser ministrados pelo sangue arterial? E suppondo mesmo, que o chylo existe além do pulmão, e tem resistido á sua acção, elle se disseminaria em todas as arterias, e poderia sómente chegar ás mamarias uma pequenissima quantidade, proporcional á pequena capacidade destes vasos em relação a todo o systema arterial; e poderia tão pequena quantidade de chylo fornecer os materiaes para a copiosa secreção do leite? Ora não custa muito a conceber como o leite manifesta tão prompta, e facilmente as qualidades dos alimentos penetrando materias estranhas até á profundidade dos órgãos; não apparecem nas excreções, não sahem pelos emunetorios naturaes substancias, que tem sido ingeridas pelo estomago, pelas mesmas vias por onde entraram os alimentos? o trajecto de umas não tem sido diferente

do trajecto d'outras, e a explicação, que se der para umas, abrangerá as outras.

Em quanto ao chylo, que tem sido observado além do pulmão, é possivel, que estes factos não gozem de toda a certeza; pelo menos muitos observadores temos nós, que nunca poderam achar o chylo no sangue, como *Cullen*, *Munter*, *Mascagny*, *Deyeux*; e parece, que menos duvida deveria de haver sobre estes factos, e que mais vezes teriam sido verificados, se fosse verdade, que a hematose se acaba além do pulmão; mas admittindo mesmo, que alguns globulos de chylo escapem á acção do pulmão, e se não sanguifiquem em sua capillaridade, ainda assim este argumento não prova, que a obra da hematose se faça além deste organo; fóra mister, que experiencias directas demonstrassem, que esses globulos de chylo se transformavam em sangue, antes de passarem uma segunda vez pelo pulmão; fóra mistér, que esse chylo acompanhando o sangue sem receber qualidade alguma de elaboração de hematose, fosse convertido em sangue arterial, ao passar uma segunda vez pela capillaridade pulmonar.

Não se fazendo pois a obra da hematose antes, nem depois da capillaridade pulmonar, como acabamos de ver, e tendo por consequencia logar nesta mesma capillaridade, ficamos conhecendo o aparelho, e o ponto d'elle, onde ella tem logar; em quanto porém aos agentes, que provocam seu fazimento não pôdem ser outros senão por um lado o chylo, a lympha, e o sangue venoso, porque nenhuma outra cousa conduz áquelle ponto a arteria pulmonar; e por outro é o ar atmosferico, que é composto em rigor de uma mistura de 0,21 de oxigeneo, e 0,79 de azote, que formam a massa principal da atmospherica, que além disso contém acido carbonico em proporções variadas, e desde 0,01 até 0,005, agua em vapor desde 0,0166 até 0,0033 do seu volume, contendo termo medio 0,0142 do seu pêzo; e deve de necessariamente ter em si uma certa quantidade de todos os corpos, que pôdem reduzir-se a vapor, e levantar-se da superficie da terra; isto posto, vejamos se pela physica, ou chimica se poderá explicar o mechanismo, por que tem logar a obra da hematose.

Theoria mechanica, e dynamica.

Os iatro-mathematicos não admittiam se-

não uma mudança mechanica do ar e do sangue, e com alguns outros physiologistas negavam mesmo qualquer differença essencial entre o sangue venoso, e arterial: o volume menos consideravel do ar expirado parecia-lhe dever ser attribuido á diminuição de sua elasticidade, que tinha por effeito condensar o sangue segundo *Helvetius*, e de o attenuar segundo *Baglivi*: por os calculos de *Hales* suppunham, que este liquido circulava com cinco vezes mais rapidez nos pulmões do que nas outras partes, e que este augmento de velocidade operava uma mistura mais homogenea de seus principios constituintes: acreditava-se tambem, que seu movimento provinha da elasticidade do ar misturado com elle; e com quanto desde longo tempo se objectasse, que o ar não se acha livre no sangue, mas sim dissolvido, nem por isso deixou esta hypothese de ser reproduzida por *Lau* nos tempos modernos, que sustenta, que a contracção, que os pulmões experimentam durante a expiração, impelle e força o ar para dentro dos orificios abertos dos vasos, e com o sangue se mistura; então attenuado assim o ar torna sua côr mais clara, e lhe dá pela sua elasticidade a expansão, que entretem o movimento do coração, e em geral a vida.

Outros physiologistas invocaram uma theoria dynamica: *Walter*, por exemplo (*Physiolog. des Menschen. t. 2. p. 139 — 151*), pertendia, que, achando-se fechados por todos os lados os vasos sanguineos, e canaes aereos, não podia haver nelles passagem de materias para o sangue; mas sómente mudança de proporções interiores, seguindo-se em resultado, que o sangue se torna oxigenado, decompondo os pulmões o ar atmospherico, em virtude de uma força, que lhe é inherente: *Wilbrand* exprimiu ainda mais formalmente uma opinião analogo, e *Brandis*, secundando suas idéas, sustentou, que o ar e o sangue mudam suas polaridades, o que lhe determina uma mudança de composição, sem que recebam nada um do outro, e sem que alguma cousa ponderavel se comuniquem reciprocamente; *Wilbrand* declarou finalmente (*Die Natur. des Athmungsgs processes p. 11, 12*), que não ha aqui oxigeno, nem carbonico por isso que se não podem ver, pois que a natureza luminosa dos elementos é um facto, pois que se vê a combustão, e que a respiração consiste, em que a natureza luminosa é inherente aos elementos, e por consequencia a vivifica-

ção interior são communicados ao organismo.

Todavia nenhuma destas theorias soffre por um instante o rigor da analyse; porque, em primeiro lugar, se a obra da hematose se fizesse por um modo mechanico, e proviesse ella da mistura da lympha, do chylo, e do sangue venoso durante a respiração em consequencia dos attritos, e das alterações comminutivas, que soffrem estes liquidos atravessando a capillaridade pulmonar, ella teria logar, qualquer que fosse o estado, e vitalidade do pulmão, e não poderia deixar de fazer-se no cadaver, se por um meio qualquer se fizesse passar o sangue das arterias pulmonares através do pulmão; nem as lesões profundas deste organo entrariam por alguma cousa na sua confecção; tambem deveria de ter logar dentro da machina pneumatica, ou na presença do gaz-azote, gaz-acido carbonico, ou qualquer outro gaz, que não fosse oxigeno puro, ou como se acha na atmosphera; não haveria razão para que fosse uma condição tão essencial, e *sine qua non* para a confecção da obra da hematose a presença do oxigeno, ou do ar atmospherico; em fim se ella se fizesse mechanica, ou dynamicamente seguir-se-hia sem duvida alguma, que os trez fluidos, que se acham misturados antes da respiração, não appareceriam transformados num unico de natureza inteiramente differente; fôra mistér, que tal transformação não passasse da fórma, e nunca abrangesse a natureza intima e chymica do fluido transformado; cumpria finalmente, que no acto da hematose o sangue venoso e o ar atmospherico não perdessem materiaes, e adquirissem outros: ora nem uma só de tantas circumstancias e condições, que reclamavam taes theorias, se tivessem base, tem logar: pelo contrario dão-se, e verificam-se as condições oppostas; logo insustentaveis se tornam ellas; e mais inconcussa se tornará sua refutação, se provarmos, que no acto da hematose ha permutação de materiaes nos agentes, que a provocam, o que dá logar a um liquido dotado de propriedades physicas, e chymicas inteiramente diversas d'aquelle donde elle proveio.

Gower foi o primeiro, que reconheceu, que o sangue se torna mais vermelho pela acção do ar atmospherico, e *Priestley* verificou, que este ultimo perde então oxigeno, como na respiração, descoberta, que alcançou o assentimento geral: pertendia-se, que a acquisição feita pelo sangue de uma côr mais

clara em sua superficie provinha unicamente do pèzo especifico de suas partes coradas; *Hewson* porém combatteu similhante asserção por uma experiencia, que consistia em ligar a veia jugular d'um animal, e fazer chegar ao sangue, que se achava na porção situada acima da ligadura, ar atmosferico; então via elle, que o liquido se tornava vermelho, em quanto, que conservava sua côr negra, o da porção situada abaixo da ligadura; e com quanto *Davy* mui recentemente pertendesse referir a côr do sangue a circumstancias mechanicas, todavia *Christison* se convenceu de que o sangue venoso se arterialisava quando se agitava com o ar atmosferico, em quanto que conservava sua côr negra com o hydrogeneo; e que quando se agitava com o ar atmosferico dez polegadas cubicas de sangue desfibrinado, o ar perdia 0.32 a 1.42 de polegada cubica do seu oxygeneo: quando *Hoffmann* avermelhou o sangue venoso por este processo, elle o via tornar a passar á côr negra em alguns segundos, por uma corrente de gaz-acido carbonico, e depois avermelhal-o de novo pela influencia do ar atmosferico: o gaz oxygeneo puro, em que *Christison* introduziu dez polegadas cubicas de sangue, perdeu 0.57 a 1.4 de polegada cubica: effeitos similhantes têm logar nos pulmões; a respiração artificial faz passar o sangue negro dos animaes mortos ao vermelho escarlata e diminue a proporção do oxygeneo atmosferico; impellindo *Brodie* este gaz através dos pulmões de coelhos observou, que elle diminuia, em 30 a 35 minutos, 25 a 29 polegadas cubicas.

Immensas experiencias em animaes vivos têm demonstrado, que a côr vermelha do sangue arterial provém da renovação constante do ar nos pulmões: por exemplo quando *Emmert* abria o peito a coelhos vivos por forma que os pulmões se abatessem sobre si mesmos, o sangue ficava negro mesmo nas arterias; se d'elles expellia o ar mediante uma compressão exercida sobre o peito, o sangue da carotida parecia um pouco mais carregado ao cabo de 32 segundos, e elle o ficava inteiramente outro tanto tempo depois; se ligava a trachea depois de ter enchido os pulmões mediante um fole, o sangue da carotida tinha uma côr um pouco carregada ao cabo de 15 segundos, e quasi negra no fim de 45; mas se se impellia então novo ar para os pulmões, 23 segundos bastavam para avermelhar a côr do liquido, e 45

para lhe restituir sua côr natural: *Bichat* cortou em cães a trachea, e uma arteria, e lhe adaptou torneiras; se fechava a da trachea logo depois de uma inspiração, o sangue arterial começava a fazer-se negro ao cabo de 30 segundos, e de 60 a 90 tinha já todos os caracteres de venoso; e este effeito tinha logar mais cedo, se a trachea era fechada depois de uma expiração; se se tirava o ar dos pulmões mediante uma seringa, então bastavam 20 minutos para o sangue se fazer negro subitamente; e se ao contrario se tinha introduzido nos pulmões mais ar do que uma inspiração ordinaria, o sangue arterial não começava a tornar-se negro senão no fim de um minuto, e levava muito mais tempo a tornar-se inteiramente venoso: se se abria a trachea no fim de alguns minutos, via-se uma onda de sangue vermelho succeder quasi immediatamente a uma outra de venoso, e ao cabo de 30 minutos tinha o sangue alcançado sua côr natural; se o ar não entrava senão por uma pequena fenda, o avermelhamento tinha logar com a mesma promptidão, mas não com intensidade equal: *Brachet* viu igualmente o sangue da carotida de um gato fazer-se negro 2 minutos depois da secção do pneumogastico, tornar-se vermelho depois da tracheotomia, e passar assim alternativamente de uma a outra côr, segundo que se abria, ou fechava a trachea: adaptai uma torneira á trachea de um animal, diz *Bichat*, abri o abdomen, e fechai a torneira, ao cabo de 2, ou 3 minutos, a côr arroxada, que anima o fundo branco do peritoneo, se mudará em escuro fusco, que se fará desaparecer, e reaparecer á vontade abrindo, ou fechando a torneira; o mesmo resultado alcançou elle no tecido dos rins, dos musculos, dos nervos, e sobre os botões carnudos das feridas: nos asphyxiados a face, a lingua, e os labios são ordinariamente lividos, e a face interna do estomago, e intestinos mais carregada do que de ordinario, e os pulmões de um azul carregado; e em fim accrescenta *Bichat*, que o sangue, que corre numa operação cirurgica toma uma côr mais carregada, quando é perturbada a respiração.

A differença de côr do systema aortico, e no da veia cava é tanto menos sensivel, quanto a massa inteira do sangue não entra livremente em contacto com a atmospheria nos órgãos respiratorios; isto é tanto assim, que apenas se percebe ella no embryão; é muito menos pronunciada nos reptis, e peixes do que nos animaes de sangue quente,

e menos nos cetaceos, e passaros mergulhadores, do que nos mamiferos, e passaros terrestres: no homem a cyanose ou molestia azul, diz *Bourdach*, é determinada por todo e qualquer obstaculo, que empeça, que o sangue, e o ar entrem em conflicto, e pelos vícios de conformação primitiva principalmente, que obstam a que o sangue chegue aos pulmões, como a estreiteza, ou oclusão da arteria pulmonar, ou a persistencia do buraco de *Botal*, que mistura o sangue venoso com o arterial, etc.: ora como o sangue venoso adquire a côr do sangue arterial expondo-o fóra do corpo ao contacto do ar, de quem elle diminue a proporção do oxygeno; como a mesma córação tem lugar durante a respiração, determinada tambem pela presença do oxygeno, cuja proporção diminue do mesmo modo no ar inspirado; como o sangue em fim absorve os gazes em geral, não póde ensaiar-se alguma especie de dúvida de que este liquido absorva o oxygeno, e que seja, elle quem o arterialise; ora se ás cousas se passam por esta forma; se é indispensavel, que o oxygeno intervenha na obra da hematose, como provém ella dos attritos ou de qualquer acção mechanica ou dynamica?

Além disso *Home* (*Lectures or comparative anatomy t. 5. p. 124*) obteve de 4 onças de sangue venoso 150 graus d'ar com 12 gr. e meio d'acido carbonico; e de 4 onças de sangue arterial 250 gr. d'ar com 10 gr. e meio de acido carbonico; *Enchust* não achou oxygeno no gaz despegado do sangue; mas 40 polegadas cubicas de sangue venoso lhe forneceram uma polegada, e meia de gaz acido carbonico, e 40 de sangue arterial deram-lhe sómente 0,7 do mesmo acido; *Biscoff* obteve gaz-acido carbonico do sangue venoso collocado debaixo do recipiente da machina pneumática, e nada do mesmo acido do sangue arterial; *Reid-Clani* obteve 0,1152 de gaz-acido carbonico do sangue venoso, e 0,0025 sómente do sangue arterial; segundo *Mitscherlich* continha o primeiro 0,0012, e sómente 0,0008 o segundo: *Hoffmann* agitando sangue venoso com gaz hydrogeno obtinha gaz-acido carbonico, em quanto que tractado o arterial pela mesma maneira despegava gaz oxygeno; *Biscoff* chegou aos mesmos resultados, fazendo passar hydrogeno através de um e outro sangue, e *Enchut* tirou do venoso mediante o gaz hydrogeno, e azote uma quantidade d'acido carbonico maior, que o

duplo d'a, que provém do arterial: ora á vista de todas estas experiencias o acto da hematose intende com a natureza intima do sangue venoso; porque a proporção do gaz acido carbonico, que elle continha, apparece diminuida no sangue arterial, em o qual se acha augmentada a do oxygeno; e poderão acções mechanicas ou dynamicas explicar algum destes phenomenos?

(*Continúa*).

Manoel Maria Barbas.

BIBLIOGRAPHIA.

PRIMEIRAS LINHAS

D'HERMENEUTICA JURIDICA E DIPLOMATICA

POR

Bernardino Joaquim da Silva Carneiro.

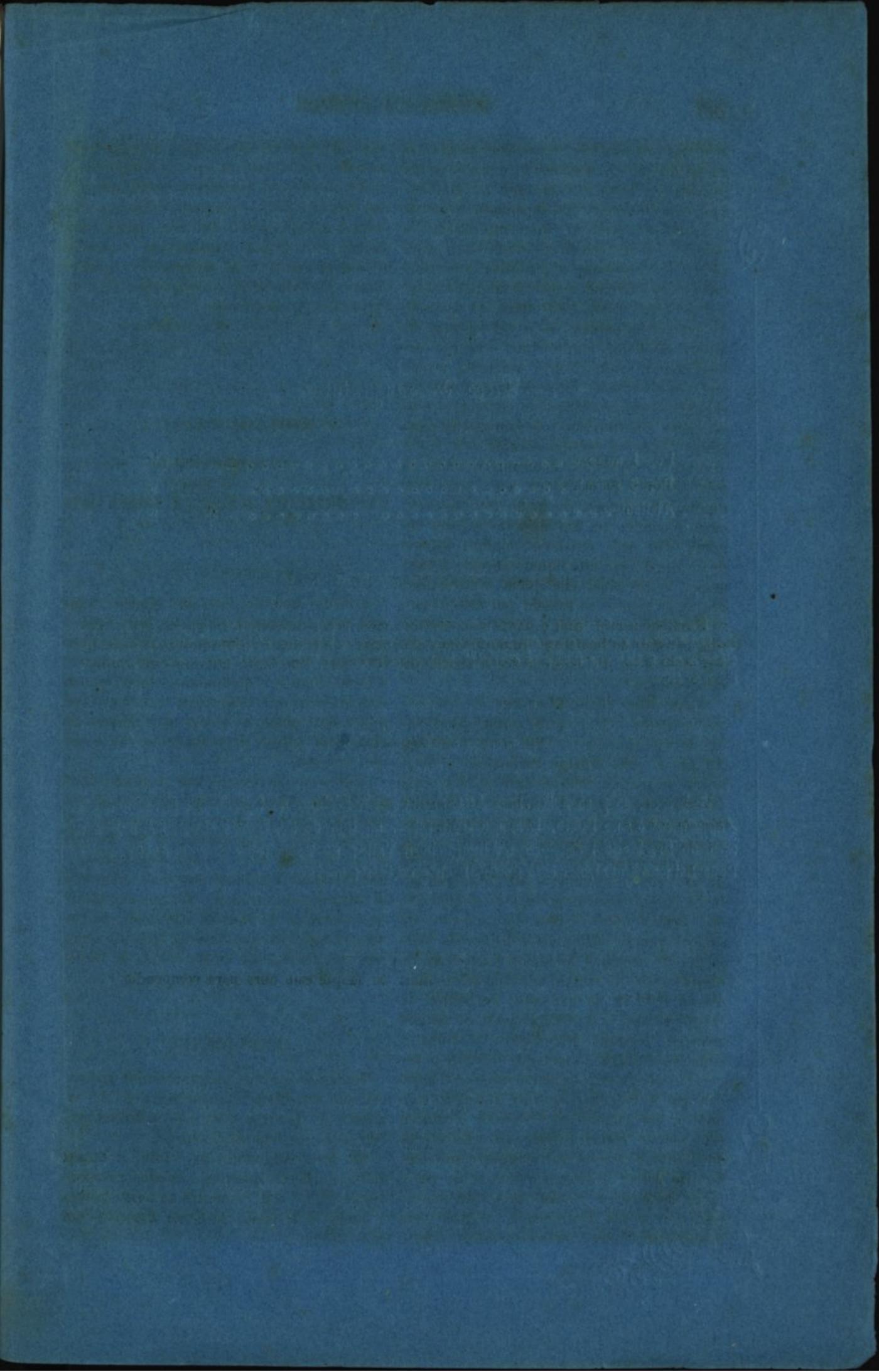
O titulo modesto, com que apparece á luz esta obra, suppõe á primeira vista, que o digno professor d'*Hermeneutica Juridica* não teve por fim fazer um tractado completo d'hermeneutica e diplomatica; lendo porém com attenção este importante trabalho vê-se, que o seu auctor foi muito mais adiante do alvo, que parece deprehender-se do titulo que adoptou.

Todos os que frequentam o quinto anno de Direito, sabem por experiencia os inconvenientes da falta d'um livro elementar de hermeneutica e diplomatica. O Sr. Bernardino Carneiro, veiu encher essa lacuna, e dotar o ensino público com mais uma obra de reconhecida utilidade. D'hoje em diante os estudantes de Direito não terão de lamentar uma falta tão notavel; pois é d'esperar, que o Conselho da Faculdade de Direito adopte esta obra para compendio.

EXPEDIENTE.

Rogamos aos srs. assignantes das provincias nos remetam a importancia do 2.º semestre da Revista, para não soffrerem interrupção na remessa do Jornal.

Os Srs. assignantes de Vizeu, e outras terras da Beira, queiram remetter a importancia do 1.º e 2.º semestre ao nosso collega e amigo o Sr. João da Costa Brandão, em Oliveirinha.



Preço da assignatura.

Por 1 anno	1:200 réis
Por 6 mezes.	600 »
Avulso	160 »

Pode-se assignar remettendo directamente a importancia da assignatura ao Redactor principal da REVISTA ACADEMICA, Alexandre Meyrelles, rua do Corpo de Deos n.º 34, em Coimbra. Toda a correspondencia deve ser franca de porte.

Subscreve-se para a REVISTA ACADEMICA—em Lisboa, na loja do Sr. Lavado, *Rua Augusta* n.º 8; no Porto, Braga e Guimarães, na loja do Sr. Moré; em S. Miguel, em casa do Sr. Manoel Cardoso d'Albergaria e Valle; na Terceira, em casa do Sr. José Bensabat; no Fayal, em casa do Sr. Rodrigo Alves Guerra.

REVISTA ACADEMICA

JORNAL MENSAL.

N.º 10—SEPTEMBRO DE 1854.

INDICE DOS ARTIGOS.

Srs.	Pag.
	Vida de Luiz de Camões..... 181
	O album, o coração, e a rosa..... 190
F. S. Franco Junior . . .	Um instante de capricho..... <i>ib.</i>
Alexandre Meyrelles . . .	Paginas de vida intima..... 192
M. A. Guerra	Collegios de educação..... 193
	Manuscripto..... 194
Manoel Maria Barbas . .	Dissertação physiologica..... 197

Coimbra

IMPRENSA DA UNIVERSIDADE
1855.

Sala 10
Gab. 7
Est. 7
Tab. 14
N.º 14

64



REVISTA ACADEMICA

JORNAL MENSAL

7.º 10 SETEMBRO DE 1851

INDICE DOS ARTIGOS

181	182	183	184	185	186	187	188	189	190	191	192	193	194	195	196	197	198	199	200	201	202	203	204	205	206	207	208	209	210	211	212	213	214	215	216	217	218	219	220	221	222	223	224	225	226	227	228	229	230	231	232	233	234	235	236	237	238	239	240	241	242	243	244	245	246	247	248	249	250	251	252	253	254	255	256	257	258	259	260	261	262	263	264	265	266	267	268	269	270	271	272	273	274	275	276	277	278	279	280	281	282	283	284	285	286	287	288	289	290	291	292	293	294	295	296	297	298	299	300	301	302	303	304	305	306	307	308	309	310	311	312	313	314	315	316	317	318	319	320	321	322	323	324	325	326	327	328	329	330	331	332	333	334	335	336	337	338	339	340	341	342	343	344	345	346	347	348	349	350	351	352	353	354	355	356	357	358	359	360	361	362	363	364	365	366	367	368	369	370	371	372	373	374	375	376	377	378	379	380	381	382	383	384	385	386	387	388	389	390	391	392	393	394	395	396	397	398	399	400	401	402	403	404	405	406	407	408	409	410	411	412	413	414	415	416	417	418	419	420	421	422	423	424	425	426	427	428	429	430	431	432	433	434	435	436	437	438	439	440	441	442	443	444	445	446	447	448	449	450	451	452	453	454	455	456	457	458	459	460	461	462	463	464	465	466	467	468	469	470	471	472	473	474	475	476	477	478	479	480	481	482	483	484	485	486	487	488	489	490	491	492	493	494	495	496	497	498	499	500	501	502	503	504	505	506	507	508	509	510	511	512	513	514	515	516	517	518	519	520	521	522	523	524	525	526	527	528	529	530	531	532	533	534	535	536	537	538	539	540	541	542	543	544	545	546	547	548	549	550	551	552	553	554	555	556	557	558	559	560	561	562	563	564	565	566	567	568	569	570	571	572	573	574	575	576	577	578	579	580	581	582	583	584	585	586	587	588	589	590	591	592	593	594	595	596	597	598	599	600	601	602	603	604	605	606	607	608	609	610	611	612	613	614	615	616	617	618	619	620	621	622	623	624	625	626	627	628	629	630	631	632	633	634	635	636	637	638	639	640	641	642	643	644	645	646	647	648	649	650	651	652	653	654	655	656	657	658	659	660	661	662	663	664	665	666	667	668	669	670	671	672	673	674	675	676	677	678	679	680	681	682	683	684	685	686	687	688	689	690	691	692	693	694	695	696	697	698	699	700	701	702	703	704	705	706	707	708	709	710	711	712	713	714	715	716	717	718	719	720	721	722	723	724	725	726	727	728	729	730	731	732	733	734	735	736	737	738	739	740	741	742	743	744	745	746	747	748	749	750	751	752	753	754	755	756	757	758	759	760	761	762	763	764	765	766	767	768	769	770	771	772	773	774	775	776	777	778	779	780	781	782	783	784	785	786	787	788	789	790	791	792	793	794	795	796	797	798	799	800	801	802	803	804	805	806	807	808	809	810	811	812	813	814	815	816	817	818	819	820	821	822	823	824	825	826	827	828	829	830	831	832	833	834	835	836	837	838	839	840	841	842	843	844	845	846	847	848	849	850	851	852	853	854	855	856	857	858	859	860	861	862	863	864	865	866	867	868	869	870	871	872	873	874	875	876	877	878	879	880	881	882	883	884	885	886	887	888	889	890	891	892	893	894	895	896	897	898	899	900	901	902	903	904	905	906	907	908	909	910	911	912	913	914	915	916	917	918	919	920	921	922	923	924	925	926	927	928	929	930	931	932	933	934	935	936	937	938	939	940	941	942	943	944	945	946	947	948	949	950	951	952	953	954	955	956	957	958	959	960	961	962	963	964	965	966	967	968	969	970	971	972	973	974	975	976	977	978	979	980	981	982	983	984	985	986	987	988	989	990	991	992	993	994	995	996	997	998	999	1000
-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	------



Companhia
 Impressora da Universidade
 1851

VIDA DE LUIZ DE CAMÕES.

Continuado de pag. 168.

Deixando por brevidade muitos logares de merecimento, indicarei como bella e verdadeiramente epica a invenção do sonho de elRei D. Manoel, a resolução da expedição, e a sahida d'ella do porto.

Transcreverei aqui, porque julgo impossivel dizer melhor, a nota de Mr. Mickle, em que mostra a engenhosa arte, com que o poeta conduz a viagem atrevida de Vasco da Gama. « Todas as circumstancias são representadas com dignidade e magnificencia. O Senhor D. João II. concebe aquelle grande projecto politico, que nenhum principe imaginára até o seu tempo, e envia mensageiros por terra a fim de explorarem o estado e commercio da India: a viagem d'estes é descripta á maneira de Homero. A providencia reserva ao seu successor a fortuna e honra d'este descobrimento, fingindo o poeta com equal espirito ao primeiro dos Epicos, que os rios Ganges e Indo lhe apparecem durante um sonho, avisando-o de emprender a conquista da India. A escolha de Gama, e o entusiasmo do Rei á vista do nobre aspecto d'este heróe, são rasgos de um grande poeta. A solemnidade dos preparos espirituaes dos cavalleiros aventureiros, a sua nobre e firme resolução, quando vão a embarcar-se, o quadro, em que representa as mães, as esposas, e amigos correndo magoados a ver o embarque d'estes, que julgavam victimas do heroismo, e do amor da patria, e a vel-os pela ultima vez, as exclamações philosophicas do velho venerando contra a expedição, em fim toda esta representação da partida, tem uma dignidade e pathos, que nenhum dos classicos excede, e cuja invenção é propria de Camões. Nem na Eneida, nem na Odyssea, ha logar algum semelhante a este. »

Prosegue o poeta nos dous cantos seguintes a narrativa da viagem: e nestes as bellezas, que se encontram são de diverso genero e de grande variedade. Offerece logo o canto V: um logar preeminente e universalmente celebrado: mas principiarei por não deixar em esquecimento a est. segunda, porque mostra uma difficuldade vencida engenhosamente. A terceira é muito pathetica e de grande belleza. A descripção da costa Africana, ao longo da qual navegava a esquadra, a dos phenomenos maritimos, que lhe

appareceram, a do primeiro encontro com os negros, tudo é tractado tão poeticamente, e com tanta propriedade, que parece ao leitor achar-se a bordo de uma das naus da expedição. É digno de observar-se, como todas as descripções de scenas nauticas, e as da physionomia das terras Africanas, e Asianas, que os portuguezes descobriram, são feitas, não só com aquelle grande engenho, de que o nosso Poeta era dotado, mas com uma naturalidade e verdade, como quem tinha feito longas viagens de mar, e visitado aquelles remotos paizes. Se ainda hoje, que a navegação se tem adiantado tanto, e que estas regiões são tão conhecidas pelas relações dos viajantes, esta relação poetica é do maior interesse, póde julgar-se da impressão, que faria, quando não eram passados oitenta annos, que a primeira expedição de Gama tinha sido emprehendida.

A aventura de Velloso é contada com muita graça; o dicto jocoso, com que é motejado pelos seus companheiros, e a sua resposta, são proprios do character militar, e muito admissiveis em um poema epico; e se esta jocosidade desagradar a alguns criticos, rogo-lhes de lembrar-se que os grandes mestres se serviram de eguaes meios para com esta variedade descançar o leitor.

Devo não passar em silencio outra difficuldade vencida, qual é a de descrever poeticamente (sem com tudo offender a delicadeza, mas antes mover a sensibilidade) a molestia nojosa propria das grandes navegações.

As estancias 92 até a 100 d'este canto são bellissimas, e de grande moralidade; e o poeta falla alli como o côro nas antigas tragedias. Devemos sentir muito, que Luiz de Camões tivesse tão justos motivos de queixa contra os descendentes de Gama, e contra os seus contemporaneos, que merecessem estes a sua severa reprehensão.

Mas neste canto é que se acha a invenção e ficção do genio do cabo tormentorio, a qual é sua propria, universalmente admirada, e que me atrevo a dizer, tem uma sublimidade de grandeza, que não admite superioridade em nenhuma das invenções, que possam allegar-se de qualquer outra composição humana. Voltaire confessa, que deve fazer a admiração de todas as nações, e em todos os tempos. O estylo da poesia é equal á grandeza do sujeito. Tudo quanto eu podesse dizer seria sempre inferior ao que cada um, que tiver gosto, deve sentir lendo-o, e relendo-o.

No sexto canto a descripção do palacio de Neptuno é nova, muito agradável, e de um grande merecimento. Os ornatos e esculpturas do palacio são desenhados com bellissima poesia; e a falla de Baccho para persuadir as divindades do mar a excitarem uma tormenta, que destrua a pequena esquadra portugueza, não é menos eloquente que as outras, de que já fizemos menção; antes no artificio oratorio, com que move aquelles deuses, póde citar-se como um modelo classico. Camões nesta pintura imitou o lugar de Virgilio, em que este descreve Juno implorando os ventos.

Quanto é natural e bem pintada aquella scena de mar nas est. 38 e 39, que serve de occasião e prelude á historia do combate dos doze de Inglaterra, que o poeta faz narrar a Velloso! Este episodio, no gosto *romantico* o mais bello, é introduzido no poema com grande propriedade, porque sendo um feito d'armas notavel dos portuguezes, serve ao objecto, que o poeta não perde de vista, qual é o de cantar a heroicidade da sua nação.

Apenas acabada esta narração de Velloso, logo o poeta passa a descrever a tormenta que Neptuno excita. A descripção d'esta (torno a repetir) é feita sómente com aquelle talento e gosto de Camões, mas pintada com aquellas côres verdadeiras da natureza, que só póde empregar quem presenciou estas scenas horrendas. O modo por que Venus acalma os ventos é na maneira dos antigos.

Sendo os navegantes já chegados á India, termo da sua empreza, Camões levanta a voz em cinco estancias, que julgo incomparaveis pela valentia, e nobreza de sentimentos, assim como pela sua sublime poesia. Estas estancias, dignas de serem conservadas na memoria, serão além disso caracteristicas da grande alma, e do nobre modo de pensar do nosso Poeta.

A apostrophe, que principia o canto VII, dirigida contra as potencias da Europa, que se destruíam, e laceravam o proprio seio, com guerras de religião, é um artificio ingenhoso do seu patriotismo para sobreelevar a sua nação, e para fazer melhor sobresahir a grande empreza, que ella no mesmo tempo commettia. A poesia é inspirada por aquelle nobre sentimento. Esta especie de digressão não é nem impropria, nem ociosa, quando se considera o mundo repartido em dous imperios, occidental e oriental: aquelle

catholico, mas desunido; o segundo Musulmano, mas unido e attento a destruir o primeiro. Se, recordando a historia, vemos que a passagem do cabo de Boa-Esperança salvou a Europa, e as suas liberdades do jugo dos Musulmanos (como é facil de demonstrar) não póde haver dúvida em approvar esta digressão no momento, em que os Portuguezes descobrem a India. Assim, a escolha, que o ceu fez da pequena nação lusitana, para enfraquecer o poder Musulmano, para salvar a Europa, e para abrir o commercio da Asia, que procurou as maiores e mais beneficás consequencias aos Europeus (o que o poeta faz conhecer, demorando-se nesta ponderação, quando os nossos são chegados á India), é muito judiciosamente alli memorada, e dá um grande relêvo á acção do poema.

Abordando Vasco da Gama a Calecut, encontra um Mouro nascido na costa fronteira á Hespanha, o qual conhecia a nação e lingua portuguezas, e podia assim servir-lhe de interprete. Este lhe descreve a peninsula Indiana, os seus costumes, leis, e religião; descripção excellente no sentido poetico, pelas vivas côres, com que a poesia anima e orna a verdade.

A descripção do palacio do Samorim é uma bellissima imitação de Virgilio: a audiencia, que lhe dá aquelle principe, é uma exacta representação dos costumes orientaes: a falla de Vasco da Gama apropriada a mostrar os grandes projectos do Senhor D. Manoel, é urdida com um artificio diplomatico que mostra ser Camões versado até nestes conhecimentos.

No canto VIII. Paulo da Gama recebe no seu navio a visita do Catual. Este, vendo as tapeçarias, que representavam os feitos mais notaveis dos grandes homens, que Portugal tinha produzido, lhe pede a explicação d'estas representações; o que dá naturalmente ao Poeta a oportunidade de louvar os heroes da nação, em versos nobres, proprios para inspirar desejos de imitar as suas acções. Toda esta galeria de pinturas é feita com aquella arte, e seja-me licito dizer, com aquella maneira larga dos grandes pintores. Entre estes quadros são mais notaveis os que retratam o feito generoso de Egas Moniz, e uma acção digna dos tempos da cavalleria, que fez o grande condestavel.

Por esta occasião, e por aquelle mau conselho dado ao Samorim pelos seus privados, Camões faz algumas breves reflexões moraes,

dignas de serem esculpidas em letras d'oiro nos gabinetes dos Soberanos. A comparação do espelho não é inferior á de Virgilio que elle imita: e assim em tudo o mais que ha neste canto semelhante ao do mesmo poeta, elle o faz como grande mestre, e não como servil imitador.

O restante do canto não é alheio do que exige o poema epico. Acham-se alli a lucta de Vasco da Gama, e a dos nossos aventureiros com os Mouros, que, senhores do commercio d'aquelles paizes, e gozando da maior influencia nos governos mesmo em que não dominavam, pretendiam oppôr-se ás vistas e complemento da viagem de Gama, procurando destruil-o. A consultação dos haruspices, os artificios de Baccho, são ficções, com que Camões, servindo-se do maravilhoso *per ambages deorum*, entretem com arte o interesse.

Ao mesmo tempo a pintura das intrigas das Côrtes, a prudencia, com que o principal heroe do poema vence todas as difficuldades, o seu discurso ao Samorim, e as judiciosas reflexões, que contém, são logares dignos da meditação de todo o homem de Estado. Alli se vê bem exposta, e com justa vehemencia, a conducta, ou o manejo de um mau primeiro Ministro na do Catual; assim como reprehendidas severamente a ambição, a sêde d'oiro e o vil interesse dos cortesãos. Conclue com esta moral o canto.

Ajunctarei aqui uma muito judiciosa reflexão de M. Mickle sobre o canto VII., de que infelizmente elle se não lembrou, quando ousou mudar o canto VIII., na sua traducção. « Aquella imitação de Virgilio, que se pôde achar no canto VII., é feita como o deve fazer um mestre da arte. Se Homero tivesse escripto a Eneida, havia de fazel-o como o poeta Romano, e apresentar uma narração socegada no VII. livro, sem o tumulto, e ruido dos continuos combates. Assim Camões conservou aquelle socêgo proprio e digno da sua narração no VII. canto, e não ficou sendo inferior áquelle grande poeta. » Atéqui Mickle: mas eu direi tambem que o canto VIII. tal qual se acha nos Lusíadas, mostra quanto Camões foi sempre judicioso na conducta do seu poema, como se pôde ver, não só conforme estas observações precedentes, mas pela meditação, que qualquer homem instruido fizer, lendo-o com attenção.

Estes dous cantos, e sobre tudo o ultimo é um excellente manual de instrucção po-

litica. Desata-se o nó da intriga e da acção no canto IX., dissipando-se o receio natural da chegada das naus de Meca, que podiam frustrar a expedição de Gama. Este é posto em liberdade, e parte finalmente de Calecut. O modo, por que Camões conduz o seu poema neste canto, é muito melhor do que a invenção de M. Mickle, que na sua traducção, attentou mudal-o, imaginando, que durante a prisão de Gama a frota bombardeava Calecut, e atterrava os Mouros a ponto de o soltarem e deixarem partir. Camões evitou justamente este modo de desatar o nó do poema, assim como o de servir-se das cansadas descripções de combates, tão usadas nos outros poemas. Sobre a sahida da esquadra do porto de Calecut, Camões tem outra estancia (a 17), com que toca e move os affectos, no gosto que sentiriam os navegantes voltando para a patria.

Segue-se a bellissima ficção da ilha, que Venus conduz e dispõe a receber os seus protegidos descobridores da India, para alli descancarem, e dar-lhe o premio de terem finalisado a sua gloriosa empreza; o que prova (se tal questão pôde ter importancia) ser esta ilha imaginada, não nos mares da India, mas proxima ao termo da viagem de Gama. Esta atrevida invenção é ornada e tractada com todas as graças da poesia. Em nenhum logar o Poeta deixou correr a sua phantasia com mais calor e mimo voluptuoso. A descripção do paiz e jardins, as circumstancias do encontro dos portuguezes com as nymphas, e todos os preparos d'este festim de deleites, offerecem as pinturas mais graciosas, que a rica e amorosa imaginação de Camões podia inventar, e que o mesmo Tasso pôde sim imitar, mas não vencer. É para admirar, que na pintura d'estas delicias o Poeta não offende nenhum sentimento nobre, nem a delicadeza, antes excita e anima a generosos sentimentos, pela explicação que dá d'esta encantadora allegoria. Aquelles que o criticaram, não o compararam por certo com os outros poetas, pois veriam, que nenhum pôde ornar estas pinturas como elle, de cores as mais vivas e abrasadoras, sem offensa do gosto. O character de Camões, que unia a um coração terno uma grande fortaleza d'alma, o que o distinguirá sempre dos outros poetas, faz-se aqui conspicuo pelo modo, com que introduz esta ficção no poema, e o bom e puro gosto, com que a tracta.

Tudo quanto se segue pois para completar esta grande composição tem com ella to-

da a connexão. Mas com satisfação torno a transcrever aqui a opinião de um estrangeiro, tão bom critico pela sua instrucção, e pelo seu juizo e talento poetico, como M. Mickle, para assim apoiar melhor o meu parecer: « O maior louvor de Camões, e que faz mais honra ao seu ingenho inventivo, consiste na introdução de uma tão bella ficção como parte essencial da conducta e do genero de maravilhoso, que adoptára no seu poema, porque não sómente deu assim mais dignidade á sua composição, mas a completou, e concluiu perfeitamente. A sua imitação de Homero e Virgilio, nesta conducta, é tal, que merece dizer-se, que os igualou. Por uma allegoria tão bella os heroes dos *Lusíadas* recebem a justa recompensa, que mereceram. Gama e os heroes seus companheiros ouvem da bocca de Tethys no seu divino palacio, os triumphos dos seus compatriotas na conquista da India: Tethys, mesma conduz Gama, e lhe faz ver todo o mundo oriental; descreve com a mais bella poesia cada região e paiz, e conclue com a est. 142, canto X., aonde lhe indica, que todas aquellas terras descobertas pelo valor portuguez serão d'alli em diante dadas ao Occidente. É impossivel finalizar um poema com mais sublimidade. »

Julgo que dá com effeito um grande lustre ao poema esta prophécia, que Tethys faz ao Gama em recompensa da sua ardua navegação, e em que lhe faz ver como esta abriu o caminho á fundação do grande Imperio portuguez na Asia. Por tanto é natural e consequente, que ella lhe faça a descripção geographica das terras descobertas e subjuggadas depois pelos portuguezes naquella parte do mundo, assim como a pintura dos heroes, que hão de illustrar a nação no glorioso tempo do seu dominio no Oriente. Mas para notar mais particularmente as bellezas d'este canto apontarei no principio d'elle a passagem aonde o poeta reflecte sobre si, e excita tanto a nossa sympathia, como a nossa admiração, vendo como entre os maiores infortunios, que o levam á morte, elle só pede ás Musas que lhe dêem alento para cumprir com o que quer á sua nação:

Os trabalhos me vão levando ao rio
Do negro esquecimento, e eterno somno:
Mas tu me dá que cumpra, ó grã Rainha
Das Musas, co' o que quero á nação minha!

Como é bem desenhado o grande character de Duarte Pacheco! Quão justa é a censura,

com que argue o Rei, que, ingrato, deixou morrer este héroe em um hospital! Possam os Soberanos, para seu bem, recordar e ter presente a instructiva estancia 24. A morte de D. Lourenço d'Almeida é sublime de poesia e de nobreza cavalleira, e sobre tudo os dous versos, que terminam a oitava 31. Com que grandeza igual ao sujeito conta os gloriosos feitos do grande Affonso d'Albuquerque, verdadeiro fundador do Imperio portuguez na Asia; cujo nome e memoria ainda hoje, os Indios conservam! Como caracteriza os outros governadores, e excita o interesse nesta breve historia das nossas conquistas! O merecimento poetico de todos estes painéis é muito grande, e digno do maior louvor, não só pela sua variedade, mas pela justiça, e exempção de toda a lisonja.

Bem sei que é censurada a erudição do Poeta, assim como os seus conhecimentos physicos; mas elles não devem ser julgados pelas descobertas e conhecimentos dos sabios mais modernos, e por tanto fazem honra á instrucção de Camões, e ao seu talento na poesia didactica. Isto mesmo não está alli com impropriedade.

Não dissimulo tambem, que teem sido reprovadas por alguns as reflexões moraes, com que conclue os seus cantos, ou que entresachou nelles; mas Marmontel as justifica, com a reflexão seguinte muito appropriada: (*Le chœur, diz elle, fait partie des mœurs de la tragédie ancienne; les réflexions et les sentiments du poëte font partie des mœurs de l'épopée*). E quem lendo-a desejaria ser privado de moralidades dignas de tanta acceitação?

O epilogo dirigido ao Senhor D. Sebastião, com que conclue o poema, faz honra ao seu nobre coração, e ao seu patriotismo. É uma apostrophe didactica em versos harmoniosos, cheia do mais leal zelo, de amor da verdade e da justiça, e expressada com uma decente liberdade, propria do seu elevado character.

Um poema inspirado por um patriotismo, que abraza, escripto com tanta elegancia e simplicidade de dicção, cheio de tantos logares eminentes, ou pela invenção ou pela fertil variedade de descripções, ou pela sublimidade dos pensamentos, elevação dos sentimentos, e graça das expressões, dá sem dúvida ao seu author todos os direitos para ser posto entre os primeiros poetas epicos.

Mas creio sem jactancia, que se lhe poderia dar a primazia entre os modernos, em attenção a que elle é o unico, que inspira

aos leitores um sentimento elevado da natureza humana, um amor da virtude, e da gloria, proprio para os fazer imitar acções grandes e heroicas. Os outros deleitam-nos, como o Tasso; inspiram-nos admiração, e veneração religiosa, como Milton; mas não nos electrizam. Os *Lusiadas*, se fossem mais lidos no original, deviam produzir heroes. Bouchardon dizia, que depois de ler Homero julgava ter vinte pés de altura: mas com quanta mais razão um Portuguez julgará ter essa estatura depois de haver lido o seu Camões!

Concluirei com o dicto do celebre moralista La Bruyère: « Quando a lição de uma obra, diz elle, vos elevar o espirito, e vos inspirar sentimentos nobre e valerosos, não recorráis a outras regras para formar juizo d'ella; assentai que é boa e feita de extrema mão. » Tasso honrou-se a si, e acreditou o seu discernimento, quando confessou que tinha receio de Camões como rival. O tributo de louvor, que com generosidade pagou a Luiz de Camões, honra este, e é a melhor refutação das injustiças, com que alguns criticos, mesmo seus compatriotas, o maltractaram. Este grande poeta, melhor avaliador d'outro grande poeta, dedicou-lhe o seguinte soneto.

Vasco, le cui felici, ardite antenne
Incontro al Sol che ne riporta il giorno
Spiegar le vele, e fer colà ritorno
Ove egli par che di cadere accenne;

Non più di te per aspero mar sostenne
Quel, che fece al Ciclope oltraggio, e scorno?
Nè chi turbò l'Arpie nel suo soggiorno,
Nè dié più bel soggetto a colte penne.

Ed or quella del colto e buan Luigi,
Tant' oltre stende il glorioso volo
Che i tuoi spalmati legni andar men lunge:

Ond' a quelli a cui s' alza il nostro polo,
Ed a chi ferma incontra i suoi vestigi,
Per lui del corso tuo la fama aggiunge.

Demorei-me, e dei com mais particularidade noticia da epopea de Luiz de Camões, por ser esta composição a que mais o distingue na Europa, as outras suas poesias sendo menos conhecidas fóra do nosso paiz, porque sómente nestes ultimos tempos é que alguns criticos estrangeiros deram breve conta d'ellas na historia da litteratura de Portugal. E com tudo se a nossa lingua fosse tão conhecida como a Italiana, estou bem certo que o nome de Camões seria tão illustrado pelas suas rimas, como o de Petrarca.

O fertil e flexivel ingenho de Camões empregou-se em todos os generos de poesia conhecidos e usados no seu tempo; e como em cada um foi excellente, e em alguns fixou o estylo proprio d'elles em Portugal, pôde dizer-se que para ter idéa da poesia portugueza no XVI. seculo, basta conhecer as obras de Luiz de Camões. A sua preeminencia sobre todos os poetas d'aquella epocha me parece incontestavel, mesmo nas poesias lyricas; o que deve causar tanto maior admiração, considerando, que estas suas composições ou foram os primeiros ensaios da sua mocidade, ou foram produções espontaneas da effusão dos seus sentimentos, e das circumstancias, em que se achava, sem que depois as limasse.

Sabemos por Diogo do Couto, que Luiz de Camões tinha principiado a fazer uma collecção d'ellas (debaixo do titulo de *Parnasso*), a qual, tendo-lhe sido furtada em Moçambique, não foi possivel tornar a achar-se. Assim não foi elle quem escolheu ou corrigiu as poesias que hoje se conhecem impressas debaixo do nome de *RIMAS*, e que foram publicadas, pela primeira vez, dessorseis annos depois da sua morte, por Fernando Rodrigues Lobo Surrupita. Este editor confessa que as ajunctára, tirando-as de diversos livros de mão, aonde andavam espedaçadas, mal copiadas, e mesmo com erros; e por isso pede desculpa dos defeitos, que nellas se acharem, allegando, que elle Surrupita não ousára alterar cousa alguma dos manuscritos, que lhe tinham sido confiados.

Manoel de Faria, segundo editor da mesma collecção, a augmentou, ajunctando-lhe muitas poesias, que pôde descobrir, assim como tambem as *Eclogas*, que conforme a sua opinião, Diogo Bernardes tinha usurpado a Camões; demais elle diz as corrigira, servindo-se das melhores copias, que lhe fóra possivel achar. Mas quem pôde saber as obras que do nosso poeta se perderam? Quem ousará affirmar, que todas as que se acham nestas collecções são d'elle, ou que elle as julgasse dignas do prelo? Por ventura não é mui provavel que estes dous editores dessem como pertencentes a Camões algumas poesias de outros auctores? Talvez induzidos a isso, ou por uma tradição vaga, ou pelas acharem junctas com outras do mesmo poeta; ou em fim enganados pela persuasão de que possuíam aquelle tacto particular para conhecer e distinguir os estylos dos differentes escriptores. Este tacto ainda que pos-

sivel e seguro até certo ponto quando se tracta de um auctor preeminente, não deixa com tudo de ser sujeito a erro, e particularmente em obras aonde se empregam diversos tons. Persuado-me, que algumas das composições publicadas debaixo do nome do grande Camões não são d'elle, vista a sua inferioridade a respeito das outras: ou se com effeito o são, entram sem dúvida no numero d'aquellas que lhe foram arrancadas pela importunidade dos seus compatriotas, que abusavam da sua facilidade e complacencia, servindo-se do seu ingenho e da sua penna.

A mais ampla collecção contém 301 sonetos; (mas de certo para mim, os 37 ajuntados na edição de 1720 não são d'elle, e ainda dos 264 duvido de muitos); 16 canções: 12 odes; 3 sextinas; 21 elegias; 15 eclogas (comprehendidas as do plagiato de Bernardes); e de algumas estancias, redondilhas, e outros versos pequenos. Ajunctam-se ás Rimas as trez comedias, de Seleuco, dos Amphitryões, e de Filodemo: não fallo de algumas outras obras, que lhe foram attribuidas inconsideradamente.

Nestas collecções não houve outro cuidado senão o de separar as poesias, e classificar-as sómente pelos titulos, *sonetos, canções*, etc., sem que em cada uma d'estas divisões, ellas fossem ordenadas segundo o tempo, em que podia julgar-se, que Camões as compozera. Esta falta de ordem, que é desagradavel, tem sido continuada por todos os que publicaram edições completas das suas obras, Causa estranheza, que Manoel de Faria, o qual se vangloria de tão zeloso e apaixonado de Camões, não remedeasse este defeito, e que seguindo a mesma classificação, apenas nos desse em notas o que pôde averiguar sobre o tempo e motivo de algumas composições, e sobre as pessoas, que ellas tinham por objecto, deixando por satisfazer muitos outros conhecimentos, que desejamos ter; pois é certo, que em algumas poesias de Camões se notam allusões a cousas do seu tempo, que se perderam, e que por isso ignoramos.

Para poder bem avaliar o merecimento de Luiz de Camões nestas obras, filhas do seu fecundo e natural ingenho, é necessario ter na lembrança, que elle foi um dos primeiros, depois de Sá e Miranda, que adoptou a introduccão do estylo Italiano; mas pelo seu gosto, formado sobre os exemplares Gregos e Latinos, pela sua veia poetica, e

harmoniosa versificação, collocou-se logo em uma ordem superior a todos os poetas d'esta escola.

Petrarca tinha sido entre os Italianos o que mais havia contribuido pelos seus trabalhos litterarios, e composições lyricas, a dar á lingua Italiana as graças da poesia antiga (cujos MS. elle foi um dos mais zelosos a colligir) e a lhe ajuntar outras, proprias da sua lingua e do tempo. Com as poesias lyricas d'este auctor, que constituem a sua fama, é que podemos comparar as de Camões; e, fazendo-o assim, estou persuadido, que as pessoas imparciaes não acharão estas inferiores ás d'aquelle poeta. Parece-me incontestavel, que as do nosso Portuguez manifestam um estro igual ao do seu predecessor, e offerecem a mesma harmonia na versificação, e elegancia de linguagem, a mesma viveza de imagens, e delicadeza de sentimentos, e de mais tem sobre as de Petrarca a grande vantagem de serem menos carregadas de conceitos, e subtilezas escuras, e de apresentarem muito maior valentia nos pensamentos. Ambos offereceram o exemplo da paixão mais nobre e mais pura, amando com extremo, constancia e fineza, damas, a que não podiam unir-se; ambos em fim experimentaram a infelicidade de sobreviver-lhes. Elles se acharam por consequência nas mesmas situações para cantar, e chorar depois o objecto dos seus amores. Entretanto o genero, e circumstancias particulares da vida de cada um foram virtualmente proprias de produzir uma influencia differente, a mais desvantajosa nas poesias de Camões, e a mais favoravel nas de Petrarca.

Este viveu feliz, rico, estimado e procurado dos grandes; residindo nas côrtes, ou em uma boa casa de campo, no paiz o mais bello e civilizado; e cultivando as letras socegadamente nos intervallos dos seus negocios. Camões pelo contrario foi pobre, perseguido, desterrado, e passou a melhor parte da vida, longe da patria, por inhospitos climas, podendo apenas dar ao estudo momentos subtrahidos á tumultuosa occupação das armas, e amargurados pelo desgosto de se ver mal recompensado, e mesmo maltractado pelos seus ingratos compatriotas.

Advirta-se mais, que Petrarca teve o tempo de corrigir, de aperfeiçoar, e de publicar elle mesmo as suas poesias, o que não aconteceu a Camões. Quanto não devemos pois exaltar o ingenho do nosso poeta, quando a pezar de tantas desvantagens observamos

que elle não é inferior, antes superior em partes ao primeiro poeta da Italia neste genero!

As poesias de Camões conhecidas debaixo do titulo de RIMAS, são, como dissemos, muitas e variadas. Nas melhores d'ellas reconhece-se a maneira d'este grande Poeta, que apurou o gosto e estylo nacional, approximando-o da correccão mais elegante dos Italianos, e d'a dos antigos modelos.

Todos sabem, que os sonetos foram inventados por Pedro de Vignes em Sicília; assim como as canções pelos Proençaes, e que depois de adoptada esta forma e metro pelos Italianos, foi Petrarca quem os levou á maior perfeição, e ficou servindo de modelo aos seus successores.

Estes dous generos de poesia foram os que os modernos substituiram á ode dos antigos, e de que elles se serviram principalmente para cantar os seus amores. Foi sobre tudo o sentimento da harmonia, que dirigiu os Proençaes na construcção das strophas, e no encadeamento dos consoantes. Esta versificação difficil pela attenção forçada e constante, que exige do poeta a harmonia dos sons, e bem assim o constrangimento, que elle experimenta de encerrar as inspirações, e os pensamentos dentro de limites estreitos, foi provavelmente a origem das agudezas, que se substituiram ao sentimento, e a das subtilidades e conceitos, em que se transformaram os pensamentos. As opiniões mysticas, e os costumes do seculo não contribuíram menos para augmentar estes defeitos: e assim devemos tanto mais estimar aquelles poetas, que souberam melhor preservar-se do contagio, e evital-os.

A imaginação do nosso Camões foi fertilissima em sonetos: e supposto que nesta ampla collecção, feita com pouco discernimento depois da sua morte, se encontram alguns inferiores, que ou lhe não pertencem, ou lhe foram arrancados extemporaneamente por amigos importunos, é notavel e digna de admiração a quantidade dos excellentes e perfeitos, que não consentem superioridade, além dos muitos bons, que alli se acham reunidos. A maior parte d'elles são amorosos, cheios de graça, delicadeza, ou de uma viva paixão; outros exprimem uma profunda melancholia. Em geral, nenhum poeta soube melhor conhecer e desempenhar o character d'este pequeno poema: nenhum principalmente teve mais do que elle o dom de imprimir a sua sensibilidade nos versos,

que sahiram do seu coração, e que ainda hoje movem profundamente em nós uma terna sympathia.

As suas canções são conformes ás de Petrarca, e de Bembo; e verdadeiramente admiraveis pela elegancia da lingoagem, e harmonia dos versos. Ninguem conheceu e imitou melhor do que Luiz de Camões a poesia de Petrarca; mas atrevo-me a dizer, que lhe é superior na força dos pensamentos, e na descripção viva das scenas da natureza, que elle pinta, como quem as vira e soubera sentir; o que a imaginação e arte não podem alcançar. Entre as canções citarei trez, que me parecem muito superiores ás trez muito estimadas de Petrarca, (chamadas irmãs) sobre os olhos de Laura. A decima,

Juncto de um secco, duro e esteril monte, etc.

composta quando o auctor cruzava defronte do cabo Guardafú, é um modelo da mais harmoniosa poesia, e de uma profunda paixão de amor. O coração sente-se por extremo enternecido, quando se considera este grande homem longe da sua patria, e da sua amada, militando em climas tão distantes, e exhalando as suas penas e saudades nos mais bellos e ternos versos. A undecima,

Vinde cá meu tão certo secretario, etc.

egualmente composta na Asia, e em que o Poeta recorda as tristes vicissitudes da sua vida e sorte, moverá por certo a sympathisar com elle os corações mais duros. O homem sensível, e capaz de avaliar Camões não saberá resistir ao sentimento, que lhe causarão os seus queixumes:

A gente amiga já contraria via
No perigo primeiro; e no segundo
Terra em que pôr os pés me fallecia,
Ar para respirar se me negava,

Estala o coração de dor vendo o extremo de infelicidade, a que um homem tão eminente se achava reduzido por

Injustiças d'aquelles, que o confuso
Regimento, do mundo antigo abuso,
Faz sobre os outros homens poderosos.

A canção VI. foi feita nas Molucas, e alli pôde notar-se igualmente a viveza das descripções, e a dos sentimentos.

Depois das canções seguem-se as odes, as quaes ou são eroticas, ou mythologicas,

afóra duas, dirigidas a dous grandes. Nellas não direi, que mostra Camões a impetuosidade de Pindaro, ou a valentia, que se admira em algumas odes de Horacio; mas as graças felices, que fazem o merecimento de outras no poeta latino, se encontram tambem nas do nosso poeta. O espirito da poesia romantica dos trovadores é nestas modificado com um gosto mais classico e puro. A sua primeira ode é um modelo d'este genero; o seu principio é verdadeiramente conforme ás regras poeticas da ode; e o fim é no gosto romantico, lindissimo. A ode IX. é uma imitação d'a de Horacio—*Diffugere nives*—, e não se deve julgar indigna de um dos primeiros poetas. Todas ellas apresentam logares de uma grande belleza, quer pela melodia da poesia, quer pela viveza dos sentimentos: por brevidade deixo de cital-os.

As odes succedem na ordem, que pôz o editor nas rimas de Camões, quatro sextinas, invenção metrica dos Proençaes, e uma das mais difficeis pela disposição dos consoantes. Nestas se vê o talento flexivel do nosso Poeta, o qual quiz provar, que não havia genero de poesia, em que se não avantajasse. Ellas tem a harmonia musical, propria para captivar os nossos sentidos, e produzir em nós a mais agradável impressão. Toda a pessoa capaz de sentir os encantos da poesia terá observado, que a estructura do verso, que é de certo modo a parte mechanica d'ella, tem uma correlação mysteriosa com as sensações, e emoções da nossa alma, e com tudo o que falla á nossa imaginação, e coração;

Les vers sont en effet la musique de l'ame.

As penas de amor, a vida aventureira em longinquas regiões, e os crueis trabalhos de Luiz de Camões, deviam inspirar-lhe a poesia elegiaca, e o desejo de imitar nella a Propercio, Tibullo, e Ovidio. Porém se as suas elegias forem comparadas ás d'estes trez poetas, não se acharão conformes ás regras que elles nos deixaram; porque o nosso emprega algumas vezes um estylo e tom, que conviria antes á epistola. Mas em diversos logares o tom, o estylo, e os sentimentos são perfeitamente elegiacos, e Camões excita em nós um interesse o mais vivo, não só pela paixão, e melancholia, que as suas elegias respiram, mas tambem pela contemplação de tudo o que soffria este homem sempre infeliz.

Encontram-se depois umas poesias versi-

ficadas como a outava rima. Estas são propriamente epistolas, e fazem conhecer os principios, e caracter moral d'este excellente varão, e por tanto são as mais notaveis. Julgo, que a primeira de todas foi escripta em Africa, e dirigida ao seu amigo D. Antonio de Noronha, em que fazendo-lhe ver os concertos do mundo, mostra quanto a sua nobre alma estava magoada pela immoralidade, que nelle reinava. Em tão juvenildade quão digno é de louvor o justo sentimento de virtude, com que censura os vicios da Córte e do seculo, e quão amavel é a sensibilidade, com que expõe ao seu amigo os desejos de viver com elle retirado, cultivando as lettras, e na companhia d'aquella, a quem entregára o seu coração!

As segundas estancias dirigidas a D. Constantino de Bragança, quando este governava a India, são uma imitação da epistola de Horacio a Augusto;

Cum tot sustineas et tanta negotia solus:

imitação, em que rivalisa com aquelle auctor tão perfeito, e lhe leva a vantagem na nobreza e dignidade, com que louva este principe, a pezar da sua condição ser infeliz, o que não experimentava Horacio. Declara-lhe, que o louva por amor da verdade,

E não de premio algum vil esperança.

Nesta epistola com justiça e elegancia faz o elogio do Condestavel, e toca levemente no governo d'aquelle Francisco Barreto, que tão injustamente o maltractára, e acaba com sabias e moraes reflexões sobre a conducta dos Principes, e a ingratição dos povos para com aquelles, que os beneficiaram e lhe fizeram grandes serviços.

Depois das estancias seguem-se as eclogas, em numero de oito, na edição de Surripita, ás quaes Manoel de Faria ajunctou sete, que andavam impressas nas obras de Diogo Bernardes. As primeiras merecem particular attenção pelo seu merecimento poetico. Nellas, como nas outras composições se sente o calor da paixão, e dos sentimentos, que as dictavam e animavam. É necessario saber e considerar, que Camões se transforma em um dos pastores interlocutores, e representa com este disfarce varios incidentes da sua vida, e de outras pessoas então conhecidas. O seu gosto formado sobre os antigos o fez imitar varios logares das Bu-

colicas de Virgilio; mas em outros seguiu o do seculo, e tomou de Sannazaro e dos Italianos as eclogas piscatorias, o genero de versificação, e o estylo. Se não tem sempre a ingenuidade e simplicidade de Sá e Miranda, mostra com tudo mais elevação.

Na primeira, feita á morte do seu amigo D. Antonio de Noronha, vê-se o seu profundo sentimento e dor por esta perda, e brilhar o amor da sua patria, que em toda a occasião procura engrandecer, e o nobre sentimento de valor e independencia nacional; o que não se acha deslocado nesta peça, visto que D. Antonio tinha sido morto com as armas na mão; e que nesta ecloga passa a lamentar a morte do principe D. João, herdeiro do reino, que morreu nesse anno, e que era uma perda sensível, pois deixava só um filho na infancia. O estylo, os pensamentos, e sentimentos são de uma grande belleza: e é digno de notar-se o tom elegiaco dos cantos funebres de Frondelio e Aonia, e a sua differença de versificação.

A ultima, á morte de D. Catharina de Atayde, é do maior interesse. A tristeza e melancolia dos sentimentos nos move a participar das penas, que devia sentir Camões por tão cruel golpe. O mysterio, que elle punha nos seus amores, faz, que ignoremos, quaes eram as esperanças, que fundava na sua amante; esperanças de que a morte d'ella o privou. Em fim é impossivel deixar de chorar ainda hoje com elle tão grande e pungente mágoa:

E vós ó vida minha, pois curar-me
Já não podeis, deixai-me junctamente,
Por que lembranças taes possam deixar-me!

Luiz de Camões não se esqueceu do estylo e generos da poesia nacional, pois nos deixou de um e dos outros os melhores modelos.

As redondilhas, que escreveu depois do seu naufragio, são uma linda paraphrase do Psalmo CXXXIII, *Super flumina Babylonis*, etc. É impossivel fazer melhor naquelle genero. Afóra essas, compoz nos outros da nossa antiga poesia, cantigas, motes, glosas, voltas, e alguns pequenos versos; e d'estas peças ha diversas, que pela singeleza dos pensamentos, doçura e graça do estylo, devem desarmar toda a critica. Taes são as voltas á cantiga: *Na fonte está Leonor*: os versos a uma dama, que jurava pelos seus olhos, e outras, que por brevidade não cito.

Entre estes versos encontra-se a chamada satyra debaixo do titulo, *Disparates da India*, e alli se verá a verdade do que disse acima a este respeito.

Lamento, que só podessem descobrir-se duas cartas d'este grande homem, que são as unicas impressas na collecção, e das quaes dou extractos. A segunda, em prosa e verso, pouco se entende, por referir-se a cousas e successos então conhecidos, e que hoje ignoramos; mas ainda assim Camões lhe imprimiu o seu caracter.

Os editores das suas obras conservaram-nos trez peças de theatro, que provavelmente Camões escreveu na sua mocidade, ensaiando-se neste genero de composição, como se nenhum quizesse deixar sem nelle mostrar a flexibilidade, e variedade do seu ingenho.

Não sendo porém esta a sua vocação, seguiu a fôrma de versificação, disposição, e enredo, que Gil Vicente tinha adoptado para o theatro, então bem grosseiro, e bem distante do dos Gregos e Latinos, verdadeiros modelos d'esta especie de composição: contudo Gil Vicente nesse tempo era muito estimado, e os seus autos e dramas eram representados no Paço, e faziam as delicias da Córte. Antonio Ferreira ainda não tinha composto a sua tragedia d'Ignez de Castro, que depois da Sophonisbe é a segunda peça moderna feita á imitação das tragedias dos antigos. Camões cedeu ao tempo, e seguiu a Gil Vicente, mas com mais gosto do que elle, e com o seu ingenho aperfeioou nestes seus ensaios juvenis a maneira, a linguagem, e as situações d'aquelle auctor. A sua primeira peça, intitulada *Seleuco*, é propriamente uma farça: a composição é muito trivial, mas o dialogo tem naturalidade, e algum sal, e as redondilhas não deixam de ter sua elegancia. A comedia dos *Amphytriones* é melhor, pois é uma imitação de Plauto, mas segundo o gosto e estylo do tempo. Este ensaio poderia ter sido um principio de melhoramento do nosso theatro, e deveria ter feito epocha, se Camões e outros, abandonando aquelle estylo e formas, a que estava costumada a Nação, seguissem este caminho. A terceira peça, *Filodemo*, é uma novella em forma de drama, e um aggregado de scenas comicas, e sérias, em prosa e em verso, accommodadas á aventura que constitue o sujeito do drama. Em algumas scenas, o dialogo é natural e engraçado; e algumas das situações são comicas.

Estes ensaios não são comparaveis ás ou-

tras obras de Camões; mas era impossivel deixal-os no esquecimento, querendo dar uma idéa do seu variado ingenho.

Para melhor julgar da sua vastidão, e do vigor das suas faculdades intellectuaes, seria necessario fazer conhecer o estado da Litteratura em Portugal antes de apparecer Luiz de Camões. Bernardim Ribeiro, Sá e Miranda, e João de Barros tinham principiado a enriquecer, e formar a lingua portugueza, e dar-lhe um caracter, e physionomia propria: Sá e Miranda tinha introduzido o estylo italiano na nossa poesia, tinha começado a dar-lhe harmonia e rhytmo, e imitado com felicidade em alguns logares os lyricos Latinos: mas basta pegar naquelles auctores, e passar d'elles a Camões, para ver quanto elle adiantou mais, e enriqueceu a lingua, e quanto na poesia foi superior, sem admittir comparação, a todos os seus predecessores e a todos os seus successores até os nossos dias. Se se considera, depois d'isto, quantos conhecimentos, e quanto ingenho devia ter Camões para crear a sua lingua, dar-lhe as locuções, e forma de versificação propria a um poema epico, tirar este de successos recentes, e muito grandes, ornando-os e realçando-os com ficções as mais ingenhosas, e num genero de composição, superior a todos, pôr-se egual aos grandes modelos da antiguidade, e ser o primeiro entre as modernos que ousou tental-o; e que até nas poesias lyricas occupa um logar eminente, então, e só então se poderá bem avaliar Luiz de Camões.

He was a man, take him for all in all,
I shall not look upon his like again.

(SHAKESP.)

Á POESIA INTITULADA

O ALBUM, O CORAÇÃO, E A ROSA.

Vale a pena ou não vale a pena?

A tua escolha, Donzella,
Pódes crer; *não vale a pena!*...
Que te rouba a paz amena,
A paz do teu coração:
Acredita, que essa rosa
No teu peito melindrosa
Exposte-se-a ao furacão!!.

Tu não sabes quem eu sou,
Nem mesmo quero dizer-te!!...
Mas um conselho escrever-te
Aqui... não priva ninguém!...
Sincero de franca amiga
O meu conselho se liga
Ao que o teu Album contém!...

Se queres no mundo alegre
Contar dias de prazer
« Ó faze melhor escolha...
No livro do teu viver!... »

Dar a rosa ao trovador...
Olha tu..., *não vale a pena!*...
Nem te embales d'illusões
Se a vida queres serena!...

Toma pois o meu conselho
Casta Donzella formosa;
Medita bem nas palavras
Album... coração... e rosa!...

UM INSTANTE DE CAPRICHIO.

A vida, mulher, é nada
Sem ter falla o coração!
Foi-me cratéra abrazada,
Que na terra o meu condão
Foi soffrer, soffrer sozinho,
Sem achar neste caminho
Um braço, um peito d'irmã;
Sem jámais achar no mundo
Salvação, amor, nem crença;
Só a dor em recompensa
Tendo á minha crença vã,
Da vida vendo no fundo
Noite eterna sem manhã.

Assim d'abysmo em abysmo
Corri, sem ter nunca um fim:
D'amor pedi o baptismo,
Pedi-o, mulher, por ti;
E contrito e arrependido
Aos teus pés, mulher cahi!
A largos tragos bebido
Alli amor foi por mim;
Senti os braços d'um anjo
Cingir-me... erguer-me d'alli!

Fictei em face o archanjo;
 Raiaram novas estrellas;
 Novo Deus olhou p'ra mim!
 Mulher, anjo, ou luz dos astros,
 Scintilla nesses teus olhos,
 Alma e luz, crença e amor;
 E por ti renasce a vida
 Que senti murcha e pendida
 No meu peito sem calor.

Vem, mulher, sejamos ricos,
 Ricos d'eternos carinhos;
 Cinge-me a c'roa d'espinhos,
 Quero cingil-a por ti!
 Mas has-de reinar sozinha
 Neste solio, que eu te dei,
 A outro a vida num bejo
 Pódes dar, porém eu quero
 Na tua alma ser eu rei.
 Não recalques o delirio
 D'este amor, que de ti vem,
 Porque se offerta o martyrio
 Dá-nos a vida tambem.

Que a vida está n'um abraço,
 Dos que ligam duas almas
 Numa só; está na paixão
 Que eternidades aspira,
 Na paixão em que delira
 Crença e alma e coração;
 Que a vida está nos affectos
 Que d'um peito noutro peito
 Nova força e brilho dão;
 No voar de dous espiritos
 Pelos anjos enlaçados,
 Nesses beijos abrazados
 Que do céu trazem condão;
 Que a vida está no tormento,
 E na dor, no soffrimento
 Que de ti, mulher, provém;
 Nesse delirio constante,
 Nesse aspirar incessante
 De fundir no amor d'amante
 O amor de filha e de mãe!

Vi-te, mulher, fiquei louco,
 Dei-te a vida, foi tão pouco,
 Que tremi do teu desdem!
 Mas depois num abraço eterno
 Me déste na vida o céu!
 Nuns olhos languidos negros
 Vi brilhar do pranto o véu!
 Mas nuns lindos olhos magos,
 Nuns ternos, brandos afagos,
 Quem póde dizer — eu li? —
 E quem póde na existencia
 Nunca sentir abrazar-se

Em falsa chama? E na vida
 Póde dizer — não menti? —
 Eu não posso: Mas taes sonhos?...
 Morreram? Creio... não sei!

Mas anjo, mulher ou fada,
 Quem á minha alma abrazada
 Póde dar o amor eterno,
 Louco amor, com que sonhei?
 Sou louco... e vago perdido,
 Mas se és o anjo descido
 Á terra p'ra me salvar,
 Ai! mulher, posso dizer-te,
 Dizer-te que sei amar:
 Mas treme do amor do poeta,
 Que é fogo que não tem méta,
 Nem fim, nem guia, nem lei!
 Que vae perdido em amores,
 Em mil espinhos, mil dores
 Sentindo o peito a rasgar!
 E traição féra e ridente,
 Num septicismo indifferente
 Quer a sua alma gelar;
 O poeta reáge, e na lucta
 Vem a terra dissoluta,
 Num anhelar dos sentidos
 Gozo protervo apontar!

D'esta voragem pendente
 A mão d'um anjo m'ergeu,
 Mas nunca mais vi a terra,
 Que do abysmo fui ao céu!
 Ai! mulher, seria um crime
 Adorar meigas estrellas
 Sem ter visto a luz do sol?
 Seria crime não ver,
 E deslumbrar-me ante o brilho
 Do anjo que Deus á terra
 Me envia eterno pharol?

Foi tudo sonho e delirio
 Que o despertar em martyrio
 Negro e fundo converteu:
 Que soffre e morre o poeta
 Sem ter na patria dos homens,
 Nem luz, nem guia do céu!
 E soffre e morre, e em pouco
 Nos prantos do pobre louco,
 Soffre e morre o coração:
 E soffre e morre sozinho;
 Nem ao menos no caminho
 Um anjo lhe aponta a vida
 Nem sequer a perdição.

Do somno não despertei
 Que ha sonhos que são sonhados,
 Sem serem acalentados
 A dormir... e a descansar!
 Ha sonhos de somno eterno
 De que desperta o inferno
 Dizendo — não foi sonhar!
 Olhei p'ra mim, e sorri-me,
 Que duas almas num crime
 Quizeram morrer alli;
 Porque tu, mulher, juraste
 A teus pés também jurei;
 E tu mentiste e eu menti,
 Que tu, mulher, nunca amaste,
 E eu, mulher, nunca amei.

Janeiro de 1855.

F. S. Franco Junior.

PAGINAS DE VIDA INTIMA.

Continuado da pag. 112.

Ha uma grandeza solida, que os homens, por mais depravados e corruptos, que sejam, são forçados a contemplar com respeito e a admirar sem lisonja. É a que procede não d'uma falsa idéa d'orgulho ou de vaidade, mas dos mais nobres sentimentos do coração.

Baixos respeitos, interesses sordidos e mesquinhos podem por um tempo abafar a voz da justiça, mas chega em fim o dia das reparações solemnes, em que a admiração victoriosa da inveja vem inclinar-se perante o cidadão de todas as republicas, o sabio universal, que a Providencia arrancou, por assim dizer, dos seus thesouros, para enriquecer o mundo.

Feliz então o pregoeiro d'essa gloria, por, que seu nome não ficará esquecido, nem ignorado dos vindouros.

Não são os testemunhos de duas nações estranhas, por ventura as mais civilizadas do mundo, nem os elogios ou antes a veneração dos reis da Europa para com seus talentos e virtudes; nem os factos particulares encerrados no interior da sua vida domestica, que todos attestam á porfia seu zêlo pela justiça, seu desinteresse e magnanimidade.

Os juizos dos homens podem ser accusados de prevenção ou má fé; a dúvida tem lavrado por tal arte nos espiritos, que hoje

quasi, que já não é permitido *crer sem ver* ou *apalpar* como S. Thomé. Não me refiro nem a uns nem a outros; fallo somente dos factos públicos, d'esses factos, que a incredulidade não pôde escurecer, que a calumnia não sábe embaciar.

O ensino público, a instrucção e educação da mocidade, o apostolado pela propagação da fé christã, gastaram a vida d'esse homem de bem, cuja mocidade não teve prazeres, e cuja velhice não tem descanso.

Mas porque se achava elle então em terra estranha n'aquelle anno de 1836? Que successos extraordinarios haviam perturbado sua vida a ponto de o obrigarem a arrancar-se dos braços dos amigos, e d'essa Lusã Athenas, aonde tantos loiros e triumphos havia colhido?

A um tão raro e elevado ingenho fôra mister, que razões de summa ponderação o incitassem a abandonar o posto, que a patria lhe havia confiado; razões, que nós não pretendemos avaliar, hoje, que vivemos longe do theatro dos acontecimentos, e que não somos influenciados pelo calor de todas essas peripecias terriveis, que ensaguntaram os annos, que durou a guerra de successão, e que marcaram uma pagina negra na nossa historia.

É certo, que ao pobre frade despojado de tudo quanto a piedade christã lhe havia doado; da cella aonde dormia; e do templo aonde orava, só restavam dous caminhos — ou o desterro ou a ignominia na propria terra, em que nascera.

Não serei porém eu quem affiance aqui, que o frade de S. Agostinho dos Reformados estava collocado nesta tão triste, como cruel situação; porque se o camartelo da politica lançou por terra os templos e os mosteiros, se o punhal do assassino feriu em muitas terras do reino o peito inerme dos ministros do Evangelho, se na ilha Terceira houve quem cortasse as orelhas a um frade e as viesse depois expor ás vistas dos prêsos do Castello de S. João Baptista, se finalmente na Beira o sangue correu a jorros do punhal e da clavina dos salteadores da serra, terras houve de Portugal, em que taes crimes se não vieram ajuntar a outros, de que rezam as chronicas de sangue d'aquelles tempos. Assim é para nós duvidoso, se a perseguição, que em outras partes levantava o collo altivo e zombava de todas as leis divinas e humanas viria ou não estalar sobre a cabeça do nosso sabio compatriota.

Mas não podia um tão preclaro talento e acrisolado patriotismo murchar aos raios do sol do exilio, antes era de esperar, que abrasado n'um mais vivo fogo do amor da patria, lhe consagrasse todo o seu cabedal de forças e intelligencia.

Não é n'umas paginas escriptas quasi ao correr da penna, que eu poderia avaliar seus trabalhos tanto scientificos como litterarios.

Baste-me só dizer, que elles o tornaram digno do reconhecimento do paiz e que engrangearam a seu auctor bem merecidos loiros.

Ahi o fui pois encontrar, morando numa agua fortada, elle e outro compatriota nosso o D.^o *Barbosa*. Este fazia lembrar o celebre *Diogenes*, que a antiguidade nos representa estranho a todas as commodidades da vida; era elle quem nos preparava o almoço e nos fazia o jantar; tudo com um certo ar de philosophia estoica, que nos fazia rir, sem comtudo lhe faltar-mos ao respeito, que lhe deviamos. Annos depois soube, que tinha voltado para Portugal, e que fôra reger uma cadeira de Physica e Chimica na Universidade. Parece com tudo que sobrevivendo-lhe uma molestia aguda, e querendo applicar-se um remedio violento, fora victima da sua originalidade.

Desde que o vi correndo afadigado pela pobre agua furtada e esforçando-se por nos prestar todos os serviços, que a sua bondade lhe suggeria; quantas vidas, prêsas á minha, se não partiram?

Vida humana! Que és tu se não um sonho de todos os dias, uma dor de todos os instantes? Pobre viajante perdido nos teus desertos o homem esquece-se, que a pedra, que além vê escondida entre o musgo e a herva, é a pedra funeraria sobre a qual o destino escreveu esta palavra fatidica — aniquilação,—que um seculo repete a outro seculo,—palavra nunca interrompida, e que é o funebre mote das gerações, que descem ao sepulcro.

Ah! E de que valem então as saudades e os prantos se o sonho da existencia é tão rapido, se os instantes são tão curtos!

Dorme em paz, meu velho amigo, lá nessas catacumbas, que Coimbra encerra em seus muros, que um dia, quando eu for visitar essa cidade das letras, heide perguntar a cada pedra, que encontrar, em que logar repousam tuas cinzas, para lhes offerter o unico tributo, que o amigo e o christão pôde pagar ao amigo finado — uma lagrima de saudade e uma oração a Deus pela tua alma!

No dia seguinte ao da nossa chegada fomos visitar os principaes edificios de Paris.

Sabeis que Paris é uma cidade artistica e monumental; e que é tão difficil descrevel-a, como natural o admiralla.

Vêde, como através das suas columnas d'elegante estrutura moderna, dos seus arcos de triumpho, das suas pontes tão graciosamente suspensas nos ares, se descobrem os andrajos seculares da velha Lutetia dos Gaulezes.

Será por ventura esta a cidade, que recebeu em seus muros, Attila, o flgello de Deus?

Que monumento é aquelle cujas formas negras se destacam no meio das gallas e primores da architectura moderna? É *Notre Dame*, a velha cathedral, que tantas vezes ouviu os canticos de triumpho celebrados em honra da França? Não! É a Igreja de Sancta Geneveva a Padroeira de Paris; hoje cemiterio dos heroes.

Entremos nas catacumbas. Dormem alli o derradeiro somno os homens, que engrandeceram a patria. Gloria aos seus nomes!

O som de nossos passos feria as abobadas com um echo sombrio e lugubre. Aquellas paredes nuas, aquellas columnas brancas, inspiram o terror.

Parámos muito tempo diante dos tumulos de *João Jacques Rousseau* e de *Voltaire*.

A mão, que escreveu o livro dos direitos do homem, está hoje desfeita e reduzida a pó. *Voltaire*, o famoso sceptico do seculo dezoito, pôde agora dizer no seio da Eternidade se ha um Deus, que premêa o justo, e castiga o impio.

(Continúa).

Alexandre Meyrelles.

COLLEGIOS DE EDUCAÇÃO.

Continuado de pag. 140.

Reconhecida pois a necessidade d'intervir na gerencia dos collegios uma auctoridade policial, seria muito para desejar, que a esta se marcassem certos prazos do anno, dentro nos quaes exercessem suas attribuições. Bastaria, que cada collegio fosse visitado trez vezes, pelo menos, no espaço d'um anno, e outras tantas informado o Conselho Superior do seu bom ou mau andamento. Os

exames seriam um meio poderoso para se conhecer do adiantamento e progressos dos alumnos; e não sendo uma méra formalidade, tem além d'isso outras vantagens, de todos sabidas, e a que muito convém attender. Para não ir mais longe, notaremos só, que a emulação nobre é sempre precursora d'acções heroicas. De collegios estrangeiros, e mesmo nacionaes, sabemos nós terem sempre reservado uma epocha do anno, para coroa-rem os esforços d'aquelles de seus alumnos, que mais deligenciaram por adquirir uma solida reputação. Como chefes, os directores dos collegios seriam obrigados a prestar todos os esclarecimentos e explicações, que pela auctoridade lhes fossem exigidas, para o melhor desempenho da sua missão. Assim teriam os paes de familia quem lhes garantisse, sem ser a opinião pública, que muitas vezes se illude, o bom aproveitamento de seus filhos; assim não corriam á revelia os interesses sagrados da sociedade; assim não veriamos finalmente abafar á nascença todos quantos sentimentos nobres brotam no coração do homem, e desmoronar pela base o edificio religioso, politico, e social. Nem se diga, que o Estado attaca a liberdade d'ensino, quando pelos meios, que temos indicado, torna effectiva a responsabilidade dos directores dos collegios.

Se a moralidade e a instrucção são, por assim dizer, no homem, o verdadeiro motor, de todas as suas acções; se é auxiliado por ambas, que na sociedade se aspira a um completo triumpho, o resultado que cada uma d'ellas isolada póde alcançar, tem de ser forçosamente vicioso e até prejudicial; é por isso que, se por um lado, como já dissemos, é para desejar se receba nos collegios uma conveniente educação litteraria, a moralidade nos costumes é, por outro lado, digna da maior attenção, e ás auctoridades policiaes incumbe o rigoroso dever de velar pelo progresso d'uma e outra ao mesmo tempo.

Na reunião collectiva dos diversos ramos d'instrucção está, segundo nos parece, a primeira e principal vantagem da instituição dos collegios. Nelles tem os alumnos a certeza de encontrar mestres para todas as disciplinas, e se estes forem escrupulosamente escolhidos pelos directores, preferindo-se os que, pelo seu methodo e systema d'ensino, pelas suas qualidades moraes, e sobre tudo, pelo seu exemplo, melhor possam desempenhar o seu importante cargo, não faltarão homens illustrados, cidadãos probos e inde-

pendentes ao serviço da sua patria. Não é porém desgraçadamente o que sempre se tem practicado. O descredito d'uma grande parte dos collegios particulares provém da má escolha de professores, muitas vezes completamente inhabeis, mas preferidos por uma falsa economia de dinheiro. Professores não munidos de diplomas legais, cujas habilitações não são bastantemente liquidas, como poderão exercer dignamente o sacerdocio do ensino? Neste ponto é ainda falho o decreto de 20 de Setembro, que já tivemos occasião d'analysar.

M. A. Guerra

MANUSCRITO

Vindo de Sancta Helena.

Continuado de pag. 159.

Fui empregado no exercito dos Alpes. Este exercito não fazia cousa alguma d'as, que deve fazer um exercito. Elle nem sabia o, que era a disciplina nem a guerra. Eu estava com effeito em bem má eschola. É verdade, que não tinhamos inimigos para combater; estavamos unicamente encarregados de impedir, que os Piemontezes passassem os Alpes, e não havia coisa tão facil.

Em nossos acantonamentos tudo era anarchia; o soldado não respeitava o official, o official não respeitava o general, e tanto uns como outros eram todas as manhãs demittidos pelos representantes do povo. Só a estes ultimos annexava o exercito a idéa do poder, a idéa mais forte, que influe sobre o espirito humano. Eu vi desde então todo o perigo da influencia civil sobre os militares, e sôbe depois evital-o.

Não eram os talentos, mas só a loquacidade, a que dava credito no exercito: tudo alli dependia d'este favor popular, que se alcança por meio de vociferações. Eu nunca fraternisei com os sentimentos da multidão, que é preciso adoptar para ter a eloquencia das ruas. Por isso nunca possui o talento de commover o povo, nem eu figurava no exercito. Assim muito mais tempo me ficava para poder reflectir.

Eu estudava a guerra não sobre o papel, mas sobre o terreno.

A primeira vez, que me vi exposto ao

fogo, foi em um pequeno combate de atiradores do lado do monte *Genèvre*. As balas cahiram mui raras e por isso feriram pouca gente. Eu não tive susto, nem havia de que; puz-me a examinar a acção. Pareceu-me evidente, que de ambas as partes não havia intenção de que todos esses tiros tivessem algum resultado; atirava-se unicamente por descargo de consciencia; e porque é esse o uso da guerra. Mas essa nullidade de objecto me desagradou, zangou-me a resistencia, reconheci o nosso terreno, peguei na espingarda de um ferido, e obriguei o bom homem, que nos commandava como capitão, a que sustentasse o seu fogo em quanto eu, com uma duzia de homens ia cortar a retirada aos Piemontezes.

Tinha-me parecido mui facil occupar uma altura, que dominava a sua posição, atravessando por entre um arvoredado de alamos, em que se apoiava a nossa esquerda. O nosso capitão animou-se, seus soldados ganharam terreno, o inimigo recuou, e quando eu o vi perder a sua firmeza, descobri então a minha gente.

O nosso fogo incommodou-lhe a retirada, matamos-lhe alguns soldados, e fizemos vinte prisioneiros. O resto escapou.

Tenho relatado o meu primeiro feito militar não por lhe deyer a minha patente de capitão, mas porque elle me iniciou no segredo da guerra. Vi, que era mais facil, do que geralmente se crê, bater um inimigo, e que toda esta grande arte consiste não em andar como ás apalpadellas no acto da acção, mas em tentar sempre movimentos decisivos, porque só assim é, que se enthusiasma o soldado.

Como sahi bem da minha primeira tentativa, considere-me logo como homem de grande experiencia. Desde então comecei a sentir muita inclinação por um emprego, que tão felizmente preenchia a medida dos meus desejos.

Não pensei senão nisto, e dei-me todo a resolver os problemas, que pôde offerecer um campo de batalha. Bem quizera então estudar tambem a guerra pelos livros, mas eu não os tinha. Entrei a recordar-me do pouco, que tinha lido nas historias, e comparava tudo isso com o quadro que tinha diante dos olhos. Fiz por este modo uma theoria de guerra, que o tempo desinvolveu e nunca desmentiu.

A minha vida foi insignificante até ao cerco de Toulon. Nessa epocha era eu já

chefe de batalhão, e como tal já pude tambem ter alguma influencia nos successos d'este cerco.

Nunca houve exercito tão mal commandado como então estava o nosso. Ninguem sabia quem eram os verdadeiros commandantes. Os generaes não se atreviam a sê-lo pelo medo, que tinham dos representantes do povo, e estes pelo medo que igualmente tinham da *Juncta de Publica Segurança*. Os commissarios roubavam, os officiaes bebiavam, e os soldados morriam de fome; mas mostravam-se indifferentes, e tinham coragem. A mesma desordem lhes inspirava mais intrepidez do que disciplina. Assim fiquei desde então convencido, que os exercitos mechanicos não servem de coisa nenhuma; elles nol-o tem provado depois.

No campo tudo se fazia por meio de propostas e d'acclamações. Eu não podia accommodar-me com isto, porém não o podia impedir, e por conseguinte marchava ao meu fim sem nada me importar.

Eu talvez fosse o unico no exercito, que tivesse um fim determinado, mas todo o meu gosto era de o accelerar.

Por isso occupei-me todo em examinar as posições do inimigo e as nossas. Comparei seus meios moraes e os nossos; e vi, que os tinhamos todos e elles não tinham nenhum. A sua expedição era uma miseravel lembrança de que se podia mui bem prevêr a futura catastrophe; e ninguem se pôde já mais considerar como forte se d'antemão pôde prever o sua derrota.

Indaguei quaes eram os melhores pontos d'ataque, calculei o alcance das nossas baterias, e indiquei as posições em que se deviam formar. Os officiaes experimentados acharam-as perigosas, porém nunca se ganharam batalhas só por meio de experiencia. Obstinei-me no meu plano, e mostrei-o a *Barras*; este tinha sido da marinha, e taes individuos, ainda, que nada saibam da guerra, tem intrepidez. *Barras* o approvou, por que elle queria a coisa acabada; e além d'isso a Convenção não lhe pedia contas nem de braços nem de pernas, porém do bom resultado da guerra.

Os meus artilheiros eram intrepididos, e não tinham experiencia, a melhor qualidade, que pôde ter um soldado. Nossos ataques tiveram bom effeito, o inimigo intimidou-se, e já não ousava tentar cousa alguma contra nós. Atirava-nos tólamente algumas balas, que cahiam aonde podiam e

para nada serviam. O fogo, que eu dirigia, fazia melhor effeito.

Eu tinha em tudo isto muito zelo, por que esperava ser adiantado, e além d'isso gostava, que tudo fosse bem feito só pelo prazer, que d'isso resulta. Passava todo o meu tempo nas baterias, e dormia sobre as nossas fortificações: nada é bem feito senão o que nós propriamente fazemos. Os prisioneiros diziam-nos, que tudo já se dava ao diabo dentro da praça, e em fim ella foi evacuada por um modo horroroso.

Nós tínhamos bem merecido da patria, e eu fui nomeado General de brigada. Depois fui empregado, denunciado, dimittido, e maltractado pelas intrigas e facções. Eu via com horror a anarchia, que então havia chegado ao ultimo ponto, e nunca me pude accommodar com ella. Esse governo d'assassinos era-me insupportavel, porque não só era absurdo, mas até se devorava a si mesmo. Era uma revolução perpetua, na qual nem os proprios chefes sabiam manter-se de um modo permanente.

General, mas sem emprego, fui para Paris, porque só alli se obtinham as graças. Liguei-me com *Barras*, porque só a elle conhecia. *Robespierre* tinha morrido, e *Barras* representava uma figura; era preciso ligar-me a alguém e a alguma cousa.

A questão com as secções estava-se preparando; ainda que eu não punha nisso grande interesse, porque então occupava-me mais com a guerra do que com a politica. Nem mesmo eu tinha idêa de poder figurar neste negocio, porém *Barras* me propôz de commandar debaixo das suas ordens a força armada contra os insurgentes. Eu preferia então ver-me antes, como general, á frente das tropas, do que bandear-me com as secções, com quem eu nada tinha que fazer.

Nós não tínhamos para defender a *Salla do Manejo* senão um punhado de homens e duas peças de quatro. Uma columna de sectionarios veiu por sua desgraça atacar-nos; eu fiz dar fogo ás minhas peças; os Sectionarios fugiram; persegui-os e foram-se accolher ás obras de S. Roque. Com difficuldade se pôde arrastar uma só peça.

Achei-me por tanto ocioso nas ruas de Paris. Não tinha relações algumas, nem o habito de frequentar sociedades, e não fa senão á de *Barras*, aonde era mui bem recebido. Foi lá que vi pela primeira vez minha mulher, que tamanha influencia teve na minha vida, e de quem sempre me lembra-

rei com ternura. Eu não era insensível aos attractivos das mulheres, mas até então não me tinham corrompido; e por caracter, até eu era timido com ellas.

Mad.^{me} de *Beauharnais* foi a primeira que me animou, dizendo-me cousas mui lisongeiras, em louvor dos meus talentos militares, um dia, em que eu me achei sentado juncto d'ella. Este seu elogio embriagou-me, fallava-lhe continuamente, e a procurava em toda a parte: já morria d'amores por ella, toda a nossa sociedade o percebia, e eu estava ainda bem longe de me atrever a revelar-lh'o.

Mas estes meus sentimentos eram publicos, e *Barras* me fallou á cerca d'elles: eu não lh'os podia negar. « Nesse caso, me disse elle, é preciso cazar com Mad.^{me} de *Beauharnais*. Vós tendes já uma grande patente, e talentos com que a façais brilhante, mas viveis separado do mundo, sem fortuna e sem relações. É preciso casar-vos; isto dá estabilidade. Mad.^{me} de *Beauharnais* é agradável, e espirituosa, mas é viuva. Este estado já hoje nada vale, porque agora as mulheres já não fazem figura; e é necessario por conseguinte que se casem para poderem ter consistencia. Vós tendes caracter, e de certo tereis grande adiantamento. Mad. de *Beauharnais* é uma mulher que vos convém; quereis vós que eu me incumba d'esta negociação? »

Eu esperei pela resposta com muita ansiedade. Ella foi favoravel, e Mad.^{me} de *Beauharnais* me deu a sua mão: Se na minha vida tem havido momentos de felicidade, é a ella que eu os devo.

A minha figura no mundo mudou depois do meu casamento. Com o Directorio se havia restabelecido uma nova ordem social, em que eu havia tomado um lugar mui elevado. Eu já podia ser racionavelmente ambicioso; já podia aspirar a tudo.

No que toca á ambição, eu não tinha outra senão a d'obter um commando em chefe; porque um homem não é, nada se não é precedido de uma reputação militar. Eu estava persuadido de que a teria, porque me sentia com instincto para a guerra; mas não me julgava ainda com direitos bem fundados para fazer uma petição d'esta natureza; era preciso adquiril-os, e nesse tempo não era isso cousa mui difficil.

O exercito de Italia não era então nada, porque não tinha destino. Eu imaginei pô-lo em movimento para atacar com elle a Aus-

tria no ponto em que esta se julgava mais segura; isto é na Italia.

O Directorio estava em paz com a Russia e a Hespanha; porém a Austria, assoldada por Inglaterra, fortificava o seu estado militar, e fazia-nos frente sobre o Rheno. Era evidente que deviamos fazer uma diversão pela Italia para atemorizar a Austria, dar uma boa lição aos pequenos principes d'Italia, que se haviam ligado contra nós; e em fim dar um caracter decidido á guerra, que até alli o não tinha.

Este plano era tão simples, e convinha tanto ao Directorio que precisava fazer alguma cousa que o pudesse acreditar, que eu me apressei em o apresentar, receoso de que algum me prevenisse. O meu plano não teve, com effeito, contradicção, e eu fui nomeado general em chefe do exercito d'Italia. Parti, por conseguinte, para o ir comandar. Elle tinha recebido alguns reforços do exercito de Hespanha, e compunha-se então de cincoenta mil homens, que eu achei desprovidos de tudo, á excepção da boa vontade. Eu ia ver o que elle era capaz de fazer. Logo passados poucos dias, depois que cheguei, ordenei um movimento geral sobre toda a linha, que se estendia desde Nice até Savone. Era isto nos principios d'Abril do anno de 1796.

(Continúa.)

DISSERTAÇÃO PHYSIOLOGICA.

Continuado de pag. 180.

A impotencia destas theorias para explicar os phenomenos da hematose ainda mais saliente se torna pela grande differença, que se observa não só entre o chylo, a lympha, e o sangue venoso; mas tambem entre o sangue arterial, e o liquido de donde elle provém: em primeiro logar o chylo contém mais globulos do que a lympha, é mais carregado de substancias organicas, principalmente de fibrina, que segundo *Tiechmann* e *Gmelin* continha a de um cavallo 0,0037 em quanto que a da lympha não passava de 0,0013; tambem apresenta mais albumina, e materia extractiva, cujo sóro segundo *Scherer Journ. t. 5. p. 700* num cavallo continha 0,050 em quanto que o da lympha não excedia 0,037; tambem elle se coa-

gula com mais rapidez, e encerra no estado de liberdade, e de suspensão muitas vezes gordura, que senão acha na lympha senão em estado de combinação.

O chylo e a lympha differem do sangue pelo seu menor peso especifico segundo *Brande, Macareo, e Marcet*, pelo menor numero de seus globulos, e em fim pela menos elevada proporção de suas partes solidas, principalmente de albumina, não havendo mais do que 0,08 a 0,10 nos primeiros, e chegando no segundo a 0,21 até 0,26; segundo *Reuss, e Emmert*, o sóro do chylo deixa a evaporação 0,05 de residuo secco, e o do sangue 0,22: o chylo contém muitas vezes mais gordura, e sempre mais osmazoma que o sangue, e este mais fibrina que o chylo, o que se colhe das experiencias de *Ernesto Bourdach*, e segundo este auctor 142 grammas de chylo de um cão não completamente coagulado, dissolvido em agua, e nella agitado por muitas horas, até formar um liquido fracamente lactescente, em que se percebiam flocos brancos, sendo tudo filtrado através de papel *Joseph*, e pesado o residuo, chegou elle a pouco mais de 22 gr.: 240 gr. de sangue do mesmo animal, morto pela secção da arteria crural, foram battidos com uma varinha até não depôr mais fibrina; recolheu-se esta, seccou-se, e deu em pezo 17 gr. e meio; por consequencia continha o sangue 0,0739 de fibrina, e o chylo 0,540: 159 gr. de chylo de um cão, e recebidos num vidro de relógio, e expostos ao calor, deram 18 gr. de residuo secco; e 175 de sangue pela maior parte arterial, e do mesmo animal deixaram em residuo secco 55 gr. tractados pela mesma maneira: quebraram-se em pedaços ambos os residuos, e se metteram em vasos fechados com alcohol forte; no fim de algum tempo filtrou-se o contido nos dous vasos, e evaporando-se lentamente o alcohol em vidros de relógio: durante a evaporação não appareceram gottas de gordura sobre o alcohol com que tinha sido tractado o sangue, em quanto que as apresentou o do chylo: o residuo secco obtido foi de 3 gr. e meio para o chylo, e de dous e meio sómente para o sangue; tornaram a ser dissolvidos em agua estes residuos, e a tintura de nóz de galha instillada no licor, precipitou flocos brancos, que eram por consequencia de osmazoma, cuja quantidade era no chylo de 0,0220, e no sangue 0,0111; a causa da differença entre o sangue por uma parte, e por outra entre o

chylo, e a lympha debaixo do ponto de vista de sua quantidade provém principalmente da diversa proporção entre os materiaes introduzidos, o que se prova evidentemente pelas analyses elementares, as quaes, termo medio, para o sangue arterial e venoso, segundo *Michaelis*, dão a proporção seguinte: carbone 52,015, azote 16,760, hydrogeneo 7,650, oxygenio 23,575; e segundo *Macareo*, e *Marcet*, a proporção dos elementos, que constituem os principios immediatos do chylo de um cão, nutrido com alimento animal é a seguinte: carbone 55,2, oxigeneo 25,9, hydrogeneo 6,6, azote 11,0; por consequencia o chylo tem mais carbone, e oxygenio, e menos azote, e hydrogeneo que o sangue.

Em quanto ao diametro dos globulos do chylo, e da lympha, comparado com o do sangue não se acham accordes os physiologistas; pois que *Muller* julga-os eguaes aos do sangue; *Wagner* mais grossos nos mamiferos em geral, e *Nasse* no homem em particular; *Cruiskshank*, *Krimer*, *Prevost*, e *Dumas*, e *Mayer* asseveram, que elles são mais pequenos que os do sangue nos mamiferos em geral, *Krause* no homem em particular, *Arnold* no homem e cães, *Muller* e *Valentin* nas rãs, *Wagner* nos reptis, peixes, e passaros; mas segundo *Blainville*, e *Schultz* sua grossura varia muito, geralmente fallando; todavia *Vogel* pretende, que os globulos do chylo, e da lympha têm 0,0025 até 0,0033 de linha de diametro, e os do sangue 0,0033.

O chylo e a lympha não são tão fortemente alcalinos como o sangue, segundo *Muller*; a fibrina do chylo não tem segundo *Vauquelin* a textura fibrosa, a solidez, e elasticidade, que pertencem a do sangue, e affirma bem como *Marcet*, que em pouco tempo passa ao estado liquido; tambem *Vauquelin* a distingue do sangue por se dissolver mais rapida, e completamente na potassa caustica sem deixar residuo; *Brande*, *Prevost*, e *Loroyer* accrescentam, que ella se dissolve igualmente nos carbonatos alcalinos, e volvendo uma pouca d' ammonia; os acidos precipitam albumina de sua dissolução; *Prout* e *Brand* só a julgam soluvel no acido acetico mediante a ebullicão, que sómente dissolve uma mui pequena quantidade, que se deposita pelo arrefecimento em flocos brancos; á vista d'estes caracteres *Vauquelin* não duvida consideral-a como albumina, que começa a tornar-se fibrina; e *Brande* quer antes, que ella se

pareça com a materia cascosa do que com a fibrina do sangue.

A albumina do chylo tambem parece não se achar ainda perfeita; ella é precipitada pelo alcohol; tractada pela potassa caustica não dá segundo *Vauquelin* se não um liquido lactescente, e não transparente, como o que se obtem da albumina do sangue; *Prout* assegura, que uma ao pé da outra facilmente se distinguem por suas qualidades physicas, e pela maneira, com que se comportam com os reactivos, sem que se possa indicar caracter algum chymico, que torne sensivel esta differença.

O chylo contém ordinariamente gordura livre, em quanto, que o sangue sómente a apresenta no estado anormal, que segundo *Scultz* é cristallina extrahida do sangue, e oleosa obtida do chylo; emfim *Emmert* diz, que o ferro não se acha combinado por uma maneira tão intima no chylo como no sangue, que se póde obter pelo acido nitrico, e precipital-o depois pela tintura de noz de galha.

Veamos agora, qual seja a differença, que se dá entre o sangue arterial, producto da hematose, e o liquido de donde elle provém.

Negaram esta differença *Harvey*, e os primeiros defensores da circulação; porque achavam a transformação do liquido incompativel com a rapidez do movimento, que o conduz da extremidade das arterias para o comêço das veias; por isso attribuiam elles a diversidade de côr a uma mudança de densidade, causada por circumstancias mechanicas: no decimo oitavo seculo muitos physiologistas, e *Carmmati* por exemplo, reduziram toda a differença entre os dous sangues a uma nuança diversa de coração, e negaram, que ella consistisse tambem no grau de calor, pesos epecifico, e coagulabilidade; e mesmo *J. Davy* não admitte entre o sangue venoso, e arterial mais que uma simples differença de côr, e inda esta puramente accidental; segundo este auctor o sangue corre das arterias com mais rapidez, e parece mais vermelho, porque o seu cruor se acha mais dividido, e porque se lhe mistura o chylo e o ar atmospherico, e pelo contrario correndo com mais lentidão o sangue venoso, póde o cruor precipitar-se em consequencia do seu peso epecifico por fórma, que a condensação das particulas coarantes torna sua côr mais carregada, auxiliando este effeito a stase do sangue nas

veias determinada pela ligadura, que se applica antes de practicar a sangria.

Outros pelo contrario tem julgado tão consideravel a differença entre os dous sangues, que tem chegado a negar a identidade das duas correntes, e a passagem directa do sangue do systema aortico para o das veias cavas; mas admittindo elles a passagem das arterias para as veias pulmonares, e por consequencia a conversão do sangue venoso em arterial, mais inconsequentes se tornam do que os que negavam toda a differença entre os dous liquidos, e que repelliam a transformação no pulmão, como a do resto do corpo; nós porém vamos ver, que é mister admittir ao mesmo tempo a differença, e identidade das duas correntes, ou em outros termos uma metamorphose de sangue.

Em primeiro lugar é mais denso o venoso que o arterial, e tem maior peso especifico; a proporção é de 1414:1404 segundo *Hammerschmidt*, de 1054:1050 termo medio nas ovelhas, bois, bezeros, e cães segundo *J. Davy*; de 1056:1053 no homem segundo *Scudamore*; todavia querem outros, que seja mais leve, e em relação ao arterial seria de 1000:1428 segundo *Boissier*; de 1000:1019 até 1036 segundo *Hamberger*, e em todo o caso ha differença entre ambos, e mesmo entre seu sôro, que segundo *Davy* o do venoso é para o do arterial como 1026:1025, termo medio.

A temperatura do sangue venoso, que *J. Davy* obteve pela introducção do thermometro na carotida e jugular de animaes diferentes, é de um a dous graus inferior á do arterial, de trez a quatro do thermometro *F.* segundo *Schwenk*, de um e meio a trez no homem segundo *Krimer*, e sómente um gr. segundo *Scudamore*; e em resposta á duvida se esta differença proviria da situação superficial das veias, e da menor espessura de suas paredes, o que daria logar a que o ar o arrefecesse, *J. Davy* verificou, que a temperatura supra indicada tinha logar tanto no direito, como no coração esquerdo; a mesma capacidade para o calorico a achou um pouco menor no sangue venoso.

Debaixo do ponto de vista electrico *Beltingere* pensa, que o venoso apresenta o estado negativo, e positivo o arterial em regra geral; segundo *Thackrah* cahe em putrefacção mais rapidamente, que o arterial; e pelo contrario mais tarde segundo *Kanig*, e *Krimer*: tem menos tendencia a se decompôr, e se coagula mais lentamente; seu

coagulo abandona mais tarde o sôro, fica molle mais longo tempo segundo *Autenrieth*; a differença no homem é de dous minutos segundo *Blundell*; o sangue venoso dá menos coagulo, e mais sôro, que o arterial segundo *Mayer*, *Blainville*, *Denis*, e outros: a proporção do coagulo para o sôro no sangue venoso de um gato é de 1163:8837; e no arterial é de 1184:8816; n'uma ovelha era de 861:9131 para o primeiro, e de 935:9065 para o segundo.

O sangue venoso contém menos fibrina; a relação entre elle e o arterial nos cavallos é de 78:134 segundo *Mayer*; na ovelha é de 861:935 segundo *Prevost*, e *Dumas*; no cão segundo *Denis* é de 24:25; nas cabras é de 366:429 segundo *Berthold*; nos gatos é de 474:521; nos carneiros é de 475:566: *Emmert* diz, que a fibrina venosa é mais molle, e *Mayer* sustenta, que é mais atenuada, e intimamente unida ao cruor, em quanto que a arterial é reunida em mais grossos fasciculos, e separada em totalidade do cruor.

Ha menos globulos, ou cruor no sangue venoso, que no arterial segundo *Prevost*, *Dumas*, *Wedemeyer*, *Pallas*, e *Denis*; tem mais albumina o primeiro do que o segundo, (5,86:5,70) e uma proporção de osmazoma com saes (1,20:1,10) segundo *Denis*, e *Blainville*; todavia tem sustentado o contrario, e achado a proporção entre o venoso, e arterial em relação a albumina, e saes de 879:905 n'um gato, e de 775:772 n'uma ovelha, e por consequencia em ambos os casos differenças entre elles.

O sangue venoso é mais rico em agua, e mais pobre em partes solidas segundo *Autenrieth*, *Denis*, e *Pallas*, que achou, que a proporção destas para a agua no sangue venoso de um homem era de 2,550:17,400; e no sangue extrahido mediante as ventosas scarificadas era de 3,000 a 17,400, e no das sanguesugas de 3,100:17,350; n'outro homem era a proporção no venoso de 2,550:18,800; e no arterial dos capillares de 2,650:18,500.

Por outro lado *Abilgaard* obteve em residuo secco do sangue venoso 100,23, e 0,18 do arterial; *Lassaigne* achou 84,03 d'agua no sangue venoso, e 89,8 no arterial; segundo *Chevreur* a fibrina do venoso tem menos agua e a retém com mais força; por que 100 partes desta substancia reduziram-se a 25,70 por dessiccação ao ar, e a 21,5 no recipiente da machina pneumatica;

em quanto, que 100 partes de fibrina do arterial se reduziram no primeiro caso a 21,10, e no segundo a 19,55.

Atéqui pelo que toca aos principios immediatos, que constituem estes dous liquidos; porque em quanto aos mediatos ou elementares, que compõe aquelles não são menores as differenças, o que se vê muito bem pela fórmula com que *Michaelis* fixou sua proporção:

	Carbone	Azote	Hydrogeneo	Oxygeneo
Albumina venosa	52,652	15,502	7,359	24,484
" arterial	53,009	15,562	6,963	24,436
Cruor venoso "	53,231	17,392	7,711	21,666
" arterial	51,382	17,253	8,354	23,011
Fibrina venosa	50,440	17,267	8,228	24,065
" arterial	51,374	17,587	7,254	23,785

Do que se conclue, que o sangue venoso contém mais carbone, e hydrogeneo em geral, e menos azote, e oxygeneo.

Epilogo.

Ficando provado, que a obra da hematose tem lugar exclusivamente na capillaridade pulmonar, e não porque é atravessada pelo liquido, que alli lhe conduz a arteria pulmonar, mas sim porque naquelle ponto tem lugar o conflicto d'esse liquido com o ar atmospherico, do que resulta, como vimos, perdas, e acquisições de substancias gazozas para um, e outro; não sendo menos certo por outro lado, como deixamos tambem provado, que não só o chylo, e lympha, e sangue venoso, que constitue o liquido, de que ha de provir o sangue arterial, são essencialmente differentes em natureza, isto é, em quanto á qualidade e quantidade dos principios immediatos, que fazem sua parte anatomica, e em quanto ás proporções de seus principios mediatos, que os constituem; mas tambem, que a mesma differença se encontra nos principios immediatos, que formam o sangue venoso e arterial, e nas proporções dos mediatos, formam estes, correspondendo a todas estas differenças, como consequencia necessaria, propriedades physicas e chymicas diversas; é claro, que os principios immediatos, que constituam o liquido antes da hematose, e os mediatos ou elementares, que os formavam não passaram para o producto da hematose na mesma quantidade, qualidade, e proporções; logo houve mudança de natureza; o liquido, que foi, adquiriu pela hematose dotes, propriedades, e natureza differente; de trez, que formavam

aquelle, appareceu depois desta função, um unico; e por consequencia as acções mechanicas ou cymicas, que a penas poderiam intender com a fórmula, não podem formular a explicação de phenomenos, em que tão variadas combinações fizeram o principal papel.

Theoria chymica.

Harvey, e Hales, e Haller reconheceram, que a respiração desembaraçava o sangue dos materiaes nocivos, que elle continha; todavia já desde *Democrate* se admittia, que o ar lhe fornecia tambem algum principio necessario á vida, e que era designado pelo nome de *espirito vital*, ou de *pneuma*: no decimo septimo seculo descobrindo *Vanhelment* diversos gazes, deu esta descoberta bases para o conhecimento chymico da atmospherica; e durante a segunda ametade deste seculo se começou na Inglaterra a fazer alguma idéa das mudanças de composição, que acompanham a respiração; com effeito *Bathurst* foi o primeiro, que ensinou a conhecer o oxygeneo atmospherico com o nome de *ar nitroso*, e depois *Mayow* mostrou, que este ar, a que elle dava o nome de *sal-vital, igneu, fermentativo, espirito nitro-aereo*, é o principio, que occasiona a combustão durante a respiração, e passa para o sangue para obrar como *espirito vital*, e se unir ás partes sulfuradas do sangue para d'ellas depurar este liquido, e lhe fornecer moleculas, de que carecia para se mover, e que consequentemente a esta combinação o sangue venoso se arterialisava, opinião, que mais assentada ficou, depois que *Lower* demonstrou, que a côr vermelha do sangue dependia desta acção exercida pelo ar; mas as idéas mechanicas, que reinavam então nos dominios physiologicos, foram causa de que cem annos se passassem primeiro, que fosse admittida tal descoberta; pois só no começo do decimo oitavo seculo é que a descoberta de *Lower* foi confirmada por *Cigna: Scheele, e Priestley*, provaram, que a respiração similhante á combustão dos corpos, e á conversão dos metaes em oxydos, dependia d'uma absorpção do ar dephlogisticado; mas foi o grande, e desafortunado *Lavoisier* quem mais desenvolveu e consolidou esta doutrina, ligando-a a um systema de chimica tão vasta como seu genio!

Manoel Maria Barbosa.

(Continúa).

Preço da subscrição

Por 1 anno	1:200 reis
Por 6 meses	600 "
Anualo	100 "

Toda se assigna remettendo directamete a imprensão da assignatura
ao Redactor principal da Revista Academica, Alexandre Herculano, rua do
Caro de Deus n.º 24, em Lisboa. Toda a correspondencia deve ser enviada
de novo.

Subscrição-se para a Revista Academica—em Lisboa, na loja de Sr. Lúcio, Rua
Augusta n.º 8; no Porto, Braga e Guimarães, na loja de Sr. Henri; em S. Miguel, em
casa do Sr. Manoel Cardoso d'Albuquerque e Valle; no Terceiro, em casa do Sr. José
Bensal, no Foz, em casa do Sr. Roberto Alves Couto.



Preço da assignatura.

Por 1 anno	1:200 réis
Por 6 mezes.	600 »
Avulso	160 »

Pode-se assignar remettendo directamente a importancia da assignatura ao Redactor principal da REVISTA ACADEMICA, Alexandre Meyrelles, rua do Corpo de Deos n.º 34, em Coimbra. Toda a correspondencia deve ser franca de porte.



Subscreve-se para a REVISTA ACADEMICA—em Lisboa, na loja do Sr. Lavado, *Rua Augusta* n.º 8; no Porto, Braga e Guimarães, na loja do Sr. Moré; em S. Miguel, em casa do Sr. Manoel Cardoso d'Albergaria e Valle; na Terceira, em casa do Sr. José Bensabat; no Fayal, em casa do Sr. Rodrigo Alves Guerra.



REVISTA ACADEMICA

JORNAL MENSAL.

N.º 11—OUTUBRO DE 1854.

INDICE DOS ARTIGOS.

Srs.	Pag.
	Discurso da Congregação Catholica de Witham 202
	Resposta do Reverendo Doutor J. da Silva Tavares. <i>ib.</i>
	Testamento politico. 204
J. A. Sanches da Gama	No album, á Ex. ^{ma} Senhora D. Maria Candida D. B. N. (<i>poesia</i>). . . 208
João de Deus B. N.	A oração, (<i>poesia</i>). 210
	Manuscripto 211
Manoel Maria Barbas	Dissertação physiologica 217

Coimbra

IMPRENSA DA UNIVERSIDADE

1855.

Sala 10
Gab. 7
Est. 7
Tab. 14
N.º 64

REVISTA ACADEMICA

VOL. I

1911

NUMERO I

CONTENIDO

ARTICULO

DE



Nas grandes epochas de regeneração social, quando os espiritos desfalecem e se agitam nas trevas, se um d'esses homens que vestem o cilicio da penitencia e trazem ao peito a cruz do Crucificado, levantando-se do meio das multidões, proclamar, que a liberdade e a egualdade são leis divinas e sagradas, que a instituições impias é mister que succedam instituições sanctas; se esse homem, digo, acolheu sobre o seu seio os pobres, os infelizes, os opprimidos e todos os que supportam com dor o peso e trabalho da vida, haverá ainda alguém que duvide da sua abnegação e da sua fé?

Taes eram as reflexões, que me assaltaram o espirito, lendo com profunda e religiosa attenção a despedida que o Reverendo Doutor *Sacra Familia* dirige aos seus parochianos de Witham.

Aquelle ancião veneravel, que longe da patria recebe em terra estranha as saudações de todo um povo, aquella cruz levantada na terra classica do Protestantismo, aquella templo edificado á custa de tantas vigílias e fadigas, o sentimento e tristeza do bom pastor ao deixar as suas ovelhas; eu não sei que haja uma scena nem mais suave, nem mais pathetica, nem mais digna d'admiração. Confesso com ingenuidade, daria todos os thesouros do mundo para beijar naquelle momento o habito do pobre frade de S. Agostinho, meu respeitavel mestre e amigo.

Não! O Christianismo ainda não está proximo a tornar-se um cadaver, quando da bôcca do Apostolo sahem d'essas palavras eloquentes e sabias, que regeneram os povos. Não vêdes essa sociedade sem fé, sem esperanza, sem caridade erguer-se em pé á sua voz, animada de força, d'intelligencia e de vida? É que o fogo purificador do Evangelho brilha sobre as suas cinzas. Em breve das sementes lançadas por elle no solo hão de brotar plantas robustas, que reduzirão a pó os palidos arbustos do Protestantismo.

Certamente, a epocha da transformação não está longe.

No tempo em que Jesus prophetisava, Jerusalem estava prenhe d'habitantes, e de riquezas; Herodes reinava; e os publicanos recebiam os impostos; os mercadores vendiam no templo, e os phariseus traficavam com as lagrimas do povo. Mas o Propheta, lendo no fundo dos corações, só via nesses homens sepulchros esbranqueados; e quando

lhe mostravam as altas muralhas do templo, e os palacios de Jerusalem, gemia sobre ella e sobre os seus filhos.

O Protestantismo é como o vestido de seda da prostituta, que principia a envelhecer. E o proletario, que nas ruas de Londres expira de fome e de nudez, póde hoje perguntar ao soberbo ministro da religião protestante:—porque serei eu marcado com o stygma do meu nascimento? que direito têm os grandes da terra para esmagar debaixo do pezo das suas rodas e das suas machinas o cadaver de milhões de proletarios? Quando meus paes professavam a religião de Christo, a propriedade existia á sombra d'essa religião, e era legitima; despida hoje d'esse abrigo, a propriedade não é mais que um factó, e em frente da egualdade proclamada é um roubo, uma expoliação. Que dizem todos os livros, todos os codigos, todas as constituições d'este seculo? Abolido o prejuizo das raças, abolida a nobreza, abolidos os privilegios hereditarios.

Mas o padre protestante lhe responderia:

—Trabalha, terás um quinhão na herança da terra.

—Trabalha! Mas, como queres que eu trabalhe, lhe diria o proletario, se todos nós, ricos e pobres, grandes e pequenos, somos livres e eguaes perante Deus e perante a lei? Antigamente meus paes obedeciam ao rei, e o rei se intitulava o filho primogenito da Egreja; obedeciam aos nobres, e os nobres obedeciam ao rei e á Egreja; obedeciam aos padres, e os padres eram os representantes de JESUS CHRISTO; mas, hoje, se quereis que vos obedecemos, assentai a sociedade sobre as suas antigas bases, proclamai outra vez a religião do Crucificado, vesti o burel e o cinto de coiro dos Apostolos, ou soffrei as reclamações d'aquelles sobre quem pesa a desigualdade.

Diziamos pois: o protestantismo está quasi morto, porque se passam cousas extraordinarias nas entranhas da sociedade protestante; os povos vêem todos os dias augmentar-se o numero dos infermos, dos coxos, dos cegos e dos paralyticos; e as miserias pullulam por toda a parte. A Biblia representa-nos os Hebreus dansando em roda do bezerro de ouro, em quanto Moysés no cimo do Sinai, ajoelhado no meio de raios e trovões, recebia as taboas da lei.

Uma sociedade protestante é como a sociedade judia: dansa em roda do bezerro d'ouro.

Lançai pois os olhos para o povo inglez; lêde a despedida do nosso veneravel compatriota *Sacra Familia*, e se o vosso coração ainda bater pelos nomes de patria, de religião e d'humanidade, confessareis comigo a gloria do Apostolo Portuguez, que foi levar ás regiões do norte a bandeira do Evangelho.

Alexandre Meyrelles.

Discurso da Congregação Catholica de Witham ao Reverendo Padre José da Silva Tavares, ou Sacra Familia, Doutor em Theologia,

Por occasião d'elle estar para se retirar da Missão em em 2 de Novembro de 1851.

Reverendo e Charo Senhor.

Tendo sabido com a mais profunda magoa, que estaes para nos deixar com tanta brevidade, nós os abaixo assignados membros da Congregação de Witham, aproveitamos com ardor esta oportunidade para vos offerecermos os protestos do nosso entrañavel amor e reconhecimento. Dezejamos anciosamente agradecer-vos os muitos eminentes serviços, que haveis prestado á religião desde que por mercê de Deus, vos achaeis entre nós. Entre os mais assignalados d'estes serviços, permanecerão indelevelmente gravados na nossa memoria os vossos infatigaveis esforços para a erecção da nossa igreja. Nunca poderemos esquecer o vosso desinteresse e zelo nesta gloriosa obra.

Todas as vezes que approuver a Deus, que alli nos possamos reunir, dirigir-lhe-hemos uma supplica a favor do nosso querido Pastor, sem cujos poderosos esforços ella nunca teria sido edificada.

Reverendo Senhor, nós não sabemos como possamos fazer menção particular de vossas accões, por isso que todas hão sido boas.

Afoitamente dizemos: *haveis combatido uma boa peleja!* Achastes-nos sem uma igreja, deixais-nos na feliz posse d'uma igreja, glorioso monumento do vosso piedoso zelo.

O vosso ministerio tem sido abençoado pela conversão de muitas almas ao unico aprisco do Pastor. Tendes aqui vivido gozando da affeição de todos os vossos visinhos, assim Protestantes como Catholicos. Nós

outros, vosso hoje magoado rebanho, haviamos confiadamente esperado, que houvesseis de ficar no meio de nós ainda por um grande numero d'annos.

Deus, em sua infinita sabedoria, viu que era melhor, que vos apartasseis de nós; não podemos murmurar contra a divina vontade. Obedecendo pois á sublime maxima da resignação, que vós nos haveis ensinado, diremos do fundo de nossos corações: *Seja feita, ó Senhor, a vossa sancta vontade!*

Ide, pois, Reverendo e charo Senhor, e estae certo, que os Catholicos da Congregação de Witham vos amam, vos amam muito e muito, e que os nossos innocentes hão de sempre orar por vós. Se for da sacrosancta vontade de Deus, que nunca mais nos tornemos a ver sobre a terra, possamos todos encontrar-nos no ceu.

Pedimos vossas piedosas orações para este venturoso fim!

Agora rogamos queiraes acceitar esta allocução e esta *lembrança*, se bem que de pouca valia, como um penhor de nossa perpetua gratidão.

Muitas coisas teriamos ainda que dizer; mas palavras não poderão exprimir os sentimentos de que estamos repassados!...

Deus vos cubra de bençãos!

A Virgem Sanctissima rogue por vós!... E a paz seja comvosco até ao fim! *Isabel Talbot, Luiza Talbot, R. Bretnall, Jethro Alger, etc. etc.*

Resposta do Reverendo Doutor J. da S. Tavares ao discurso dos seus Parochianos,

Que lhe foi apresentado por occasião da sua partida de Witham. em 2 de Novembro de 1851.

Meus charos irmãos, e queridos filhos em JESUS CHRISTO: esta benigna, inesperada e immerecida manifestação dos vossos sentimentos para comigo, tomou-me de subito. Com effeito, que fiz eu, que se não tivesse podido fazer melhor?

Quando vós me attribuis, em termos tão energicos, o merecimento de haver erigido a vossa bella igreja, não posso deixar de reconhecer, que outros ha, que tem muito superior direito aos vossos louvores, que o direito, que eu a elles possa ter. Em primeiro logar ha aquelle pio e generoso amigo, que em 28 d'Abril de 1850, proferiu entre nós aquellas animadoras palavras: *Em-*

prehendamos edificar um local consagrado ao culto público nesta villa para gloria do Omnipotente Deus, e em beneficio da salvação das almas — e meus amigos, não preciso recordar-vos a maneira, por que elle trabalhou, para se conseguir este fim, nem tão pouco a sua larga generosidade, os seus incansaveis esforços, as suas desinteressadas fadigas.

Nem podeis esquecer, meus charos amigos, as benemeritas senhoras, a quem, abaixo de Deus, esta Missão deve a sua existencia; e que tem sido, e continuam a ser o seu amparo e esteio. A liberalidade e os esforços d'estas senhoras tem sido muito maiores que os meus.

Além d'estas pessoas, ha muitas outras a quem sois igualmente obrigados; duas em particular, bem conhecidas de todos vós, que têm de um modo especial trabalhado em promover o bom resultado d'esta empresa.

Sem as fadigas e estremos esforços de todas estas pessoas, não teriamos visto surgir nesta villa um edificio, que ao mesmo tempo que ha de concorrer, segundo espero, para promover a honra e gloria de Deus, serve ao mesmo tempo de aformosear este sitio.

Em quanto ás conversões, a que haveis alludido, permitti-me que vos traga á lembrança uma observação, que amiudadas vezes vos hei feito; a saber, que uma verdadeira conversão é obra do Todo Poderoso *unicamente*. O homem póde convencer — converter não póde. Uma verdadeira conversão, meus charos irmãos, e queridos filhos em JESUS CHRISTO, verifica-se quando o coração fica verdadeiramente commovido, e isto, não hei mister de vol-o dizer, é obra de Deus *só!* O homem póde convencer o intendmento; mas para se produzir uma conversão real exige-se o auxilio da mão de Deus, o qual pela sua graça, opéra sobre o coração. Devem por consequencia ser sempre suspeitas as conversões, quando são meramente o resultado da convicção intellectual. Por tanto se aquelles que se submetteram á verdadeira Igreja de Deus nesta Congregação, durante o tempo em que fui seu Pastor, continuarem a ser Catholicos firmes e devotos, deveis attribuil-o a Deus, e não a mim.

Desejaria, meus charos amigos, ter feito para a gloria de Deus mais do que fiz; que tivesse havido menos omissões no que eu

devera ter feito; e mesmo que no desempenho das minhas obrigações para comvosco, eu tivesse mostrado realmente maior abnegação propria. Porém eu me recommendo, meus charos, ás vossas orações, que peço hajaes de dirigir em meu favor ao Todo Poderoso, a fim de que, pelos infinitos merecimentos de seu Filho, nosso unico Mediador e Redemptor, elle se digne usar de misericordia para comigo.

Vós vêdes por tanto, meus charos amigos, quão pouco merecedor eu sou dos louvores, que com tanta benignidade vos dignastes dar a meus esforços.

Ha todavia uma cousa, que eu nunca deixarei de fazer: vem a ser, trabalhar com todas as minhas forças para que o Sancto Nome de Deus seja sempre sanctificado, as suas verdades propagadas, e o numero de seus fieis servos augmentado. Estes sentimentos não de acompanhar-me (como espero) até á sepultura, onde quer que ella, pela sua sancta vontade, me seja destinada.

No meio de todas as provas e vicissitudes, que assignalaram a minha carreira, tive sempre esta consolação, que tudo quanto me aconteceu foi ordenado pelo Senhor, e por consequencia para o melhor. Ao sahir de um paiz, para outro paiz, de um lugar, para outro lugar, sempre me puz nas suas mãos. Nenhuma mudança se verificou em mim, que fosse terminada pelos meus proprios desejos e sollicitações; e d'este meu procedimento colhi como lição d'experienca (se bem que a nossa Sancta Religião nos ensina a mesma verdade), que as mudanças, que nos vem da Providencia, são boas, e sempre para o melhor; e esta consideração é a que agora me consola.

Se esta minha sahida tivesse sido obra vossa, ou minha, teria podido entrar em duvida sobre se ella seria, ou não, agradável a Deus; mas havendo-se isso effectuado por um modo totalmente differente, estou plenamente convencido, de que é vontade do Senhor, que eu vos deixe, e que esta minha partida ha de ser proficua a vós e a mim.

Cumpre-me porém confessar, que não é sem o mais vivo pezar, que me despeço de vós, queridas ovelhas do meu rebanho, e que me aparto da vossa formosa igreja; porém ao pensar debaixo da protecção de que sagrados objectos nós a havemos collocado, suffoco meus proprios sentimentos, e abro o coração á esperanza e conforto, at-

tendendo á brilhante prespectiva, que um tão piedoso estabelecimento nos apresenta.

Debaixo da protecção da Sacra-Familia, JESUS, MARIA, e JOSÉ, é que eu, meus amados irmãos, me colloquei no meu paiz, quando professei na ordem religiosa de S. Agostinho, e ella que até ao presente me tem guardado e protegido, tenho a mais firme esperança, que vos ha de guardar e proteger.

Possam vossas orações, meus charos filhos em JESU CHRISTO, achar favor juncto d'ella.

Derrame ella suas bençãos sobre a minha amada, e minha querida Congregação de Witham. . . . Digne-se ella fazer de sorte, que todos os membros do meu charo rebanho ganhem aquella immarcessivel corôa, para alcançar a qual nós todos pelejamos, vindo assim a reunir-nos por toda a eternidade no ceu. Amen. Oraí por mim, que eu sempre orarei por vós.

TESTAMENTO POLITICO

De D. Luiz da Cunha, nosso Embaixador em França, onde morreu, e thio do Secretario d'Estado do mesmo nome, que falleceu no anno de 1775.

Continuado de pag. 153.

El-rei de Prussia, reconhecendo a exorbitancia dos advogados, ordenou no novo plano, que fez, para a boa, e breve administração da justiça civil, que não fossem pagos senão depois de dadas as sentenças, e avaliando-se o seu trabalho. Mas no meu entender este remedio não evitará os inconvenientes, que elle quiz prevenir; porque sempre fica nas mãos das partes ir dando ao seu advogado o que lhe parecer, até final sentença; e tambem me parece bem difficil a avaliação do seu trabalho, por ser necessario haver respeito á importancia da causa, á qualidade dos contendedores, e á reputação dos mesmos advogados, aos papeis, que fizeram, e poderiam estender, como quizessem; além de que uma parte, que está de posse de certa fazenda, que se lhe quer revindicar, sempre pagará muito mais ao seu letrado, á proporção dos annos, que, á força de trapaças, a for conservando na mesma posse.

O dicto principe ainda fez mais; porque decretou, que nenhum processo durasse mais d'um anno; e assim se começou a execu-

tar em Pomerania, que quer dizer terra litigiosa, ou dos litigios, a que aquelles povos, assim como os nossos ministros, estão sempre dispostos; e assim dentro do dicto anno se julgaram mil e oito centos processos; e com tão boa amostra do panno, mandou practicar o codigo, apartando-se em muitas coisas do Direito Civil, que diz ser a causa de tantas chicanas.

Não creio, que nos seria necessario servirmo-nos de similhante exemplo para abreviar os pleitos, mas sómente de mandar executar a lei; porque examinando a forma de julgar os processos em França, Inglaterra, e Hollanda, achei que a nossa é a mais justa, e menos sujeita a dilações; porque, para todo o procedimento deu a Ordenação termo limitado; a saber, a acceitação das partes para darem o seu libello, para virem com a sua contrariedade: réplica, tréplica, e para produzirem as suas testemunhas, e documentos; visto que todos os processos se reduzem a provar, ou não provar as acções, que se intentam, para pôr o juizo inferior em estado de pronunciar sua sentença. E como os letrados, para prolongarem, usam das excepções, que a mesma Ordenação lhes permite, sejam peremptorias, dilatorias, declinatorias, e ainda das suspeições, dissera que, quando nem umas, nem outras procedessem, tendo só por objecto ganhar tempo, a parte perdesse o processo, e o letrado fosse condemnado a não poder mais advogar. E quanto aos aggravos de petição, que os desembargadores occupam uma parte do tempo em os julgarem, sendo pela maior parte sobre o ordinario processo, e umas em trapaças para dilatarem a causa principal, tambem dissera, que neste caso os advogados não fossem só condemnados em 4\$000 réis para as despesas da Relação, que todavia a parte as paga; mas que a multa fosse maior e a sua prisão effectiva de mais, ou menos dias, conforme a velhacaria o merecer.

Lembra-me porém, que reprochando eu a um dos melhores letrados de defender uma causa, em que o seu cliente não tinha a menor sombra de justiça; elle me respondeu, que em consciencia o não podia enganar, por lhe ter succedido vencer muitas demandas egualmente injustas; porque os juizos dos homens eram differentes; e assim não despresava algum fundamento por mais absurdo, que fosse, porque muitas vezes o juiz o abraça sem fazer caso dos

mais solidos argumentos a seu favor. Porém este mal, que se não póde evitar, ao menos não será tão grande, nem tão commum praticando-se os expedientes, que proponho, quero dizer, reduzindo-se a certo numero os advogados; porque os que ficarem de fora não perturbarão a Sociedade da Republica.

Bem considero, que muitos advogados excluidos ficariam sem ter de que viver, ao que se poderia acudir, arbitrando-se para cada grande cidade, e grande villa, á proporção dos seus povos, os letrados, que fossem necessarios, para alli se sustentarem: quanto mais que o mal particular deve ceder ao bem commum; sobre tudo deviam ser apenados á perda dos processos os que contra a dicta disposição se servissem sobmão d'outró letrado, que não fosse dos approvados pelo Desembargo do Paço, aos quaes se deveria prohibir terem os que chamamos embandeirados, que não servem mais que de assignar os papeis que elles fazem, para se livrarem da prisão, e das multas em que a Relação os condemna.

Não sómente os letrados são os que com as suas trapaças dilatam as sentenças, mas tambem os mesmos juizes, que por preguiça demoram nas mãos os feitos, que lhes foram distribuidos, não havendo algum, por grande e embaraçado que seja, que se não possa despachar em um mez; antes ha muitos, que bastariam 24 horas para se sentenciar, e para se evitar o grande prejuizo das partes, que vem de fóra solicitar a sua justiça, faltando assim ao governo das suas casas.

Tambem dissera, que o regedor da justiça, que debaixo do docel da Relação tem a honra de representar a pessoa do príncipe, devesse pronunciar suspensão dos ministros, que não dessem a expedição necessaria aos processos, que tinham em suas casas, a fim de os admoestar, e ainda de dar conta a Sua Majestade, de que faltavam á sua obrigação. Isto não só quanto aos desembargadores d'aggravos, mas tambem a respeito dos mais juizes, que como adjunctos despacham na relação os processos das suas incumbencias.

Mas passando a outra materia de não menos importancia. Acima deixo dicto que se V. A. como verdadeiro pae de familias quizesse dar uma volta aos seus dominios, observaria em primeiro lugar qual era a sua estreiteza á proporção do seu visinho, sobre o que discorri conforme me occorreu; que em segundo lugar acharia muitas porções de

terras usurpadas ao commum das cidades, villas, e logares, para mandar examinar estas usurpações pelos corregedores, e provedores das comarcas, juizes de fóra, a fim de as restituirem ás communidades, por lhe serem de grande uso. Acharia muitas terras incultas, por serem montanhas, ou puras charnecas, para mandar aos mesmos ministros fazer nellas um rigoroso exame, e julgarem se são capazes d'alguma producção (1); por ser rara a de que se não possa tirar alguma utilidade, e ser constante, que na geral cultura das terras consiste a de todo o reino, para obrigarem os proprietarios a mandal-as beneficiar, e produzissem, quando mais não fosse, os grossos matos, e arvores, que mais convenham ao terreno, e de que em Portugal ha tanta falta, para construcção dos edificios, e mais serviço domestico, de que em todas as partes se tem tanto cuidado; e no eleitorado d'Hannover ha uma lei que dispõe, que nenhum paisano possa casar, sem provar, que tem plantado vinte arvores; o que entre nós é tanto pelo contrario, que me lembro muito bem de que o Senhor

(1) Este exame é de certo bem necessario; mas tem os corregedores, provedores, e juizes de fóra os conhecimentos philosophicos necessarios para fazerem este rigoroso exame? Porque fatalidade se ha de julgar um desembargador habil para tudo, e o mathematico, e o philosopho habil para nada? Porque se não empregam nos diversos ramos do serviço público os homens segundo as suas respectivas profissões? Ou porque não se ordena, que todos os estudantes de leis, e canones sejam obrigados a ter um curso completo de philosophia, e os annos de mathematica necessarios para a intelligencia das diferentes partes da physica? Ha poucos annos, que um dos mais esclarecidos, e virtuosos reitores da Universidade de Coimbra propoz ao Governo, e obteve, que os theologos fossem obrigados a estudar os mesmos preparatorios de philosophia, e mathematica a que são obrigados os medicos. Infelizmente para as sciencias, áquelle zeloso, e sabio reitor succedeu outro, que, ou por simples espirito d'oposição, ou por assim o entender, propoz, e obteve do Governo, que aquella excellente, diremos mesmo necessaria providencia, fosse derogada; como se os conhecimentos philosophicos não sejam indispensaveis ao verdadeiro theologo! Como se os erros theologicos sejam indifferentes, ou de pouca monta para a sociedade! Nós desejaríamos por bem do estado que theologos, e juristas fossem todos obrigados a ter os mesmos preparatorios, que os medicos: as utilidades que d'uma tal medida resultariam ao serviço de S. A. R. e ao bem do Estado, são tantas, e tão manifestas, que julgamos desnecessario gastar um momento em as desinvolver, e mostrar.

Rei D. Pedro, querendo sustentar as fabricas de seda, ordenou, que todos os ministros, obrigados a dar residencia, nella mostrassem, que cada qual da sua jurisdicção tinha plantado uma amoreira no seu quintal, ou na terra, que trazia arrendada; o que se observou alguns annos; mas ha muitos, que se não practica, porque o paisano, que um dia plantava uma amoreira, no outro a arrancava, podendo tirar o proveito de lhe vender a folha. E querendo eu examinar o motivo d'este desconcerto, outro não me veiu á imaginação, senão que o lucro, que se procura aos povos, deveria preceder a força; porém hoje sou de differente opinião, que vendo que são tão rusticos, e preguiçosos, que é necessario forçal-os a procurar o seu mesmo proveito, de que se segue, que se os proprietarios, ou rendeiros das taes terras incultas, sem attenderem ao lucro futuro, por se pouparem ás despesas presentes, as não quizessem cultivar; seria justo, que se lhes tirassem, vendendo-se, ou aforando-se a quem se obrigasse a fructificar-as tanto, quanto lhe fosse possível: pouco importa que se faça uma certa injustiça a certo particular, quando d'ella resulta a utilidade commum, visto que — *Salus populi suprema lex est.* E que a salvação do povo consiste na cultura das terras, e para prova do referido, é necessario saber que os nossos reis tão liberaes nas doações, que se fizeram aos frades, principalmente Bentos, e Bernardos, o foram, porque suppunham, que as terras, que lhes davam, eram matos incapazes de produzir algum fructo; mas elles as cultivavam de maneira, que hoje são fertilissimas, e fazem a grande riqueza dos seus conventos. Isto mesmo succedeu em Flandres, onde os religiosos das dictas ordens têm grandes abbas, que os principes lhes concederam pela mesma razão, que acima aponto: e por isso não só todas as nações da Europa põem tanto cuidado na cultura das terras, mas ainda a Chinezã, porque o mesmo imperador, para mostrar aos seus vassallos o quanto ella importa, estabeleceu um dia solemne, em que elle, com os principaes da sua côrte, vai lavar, e semear o trigo pela sua mão, em certa porção de terra para isso destinada. Nesta cultura das terras entra a conservação e augmento das arvores, dos bosques, e dos matos, quando ellas não podem produzir outras coisas, como tambem dos pastos para a criação dos gados de todas as especies;

porque tudo concorre para abundancia do paiz.

Da mesma sorte disse, que V. A. acharia certas, e boas povoações quasi desertas, como por exemplo, na Beira Alta os grandes logares do Fundão, Covilhã, a cidade da Guarda, e a de Lamego; e em Traz dos Montes, a cidade de Bragança, e destruidas as suas manufacturas: e se V. A. perguntar a causa d'esta desolação, não sei se alguma pessoa se atreverá a dizel-o com a liberdade, que eu terei a honra de o fazer, e vem a ser, que a Inquisição, perdendo a uns pelo crime de judeismo, e fazendo fugir outros para fóra do reino com os seus cabaes, por temerem que lh'os confiscassem se fossem presos, foi preciso, que as taes manufacturas cahissem, porque os chamados christãos novos as sustentavam, e os seus obreiros, que nellas trabalhavam, e eram em grande numero, se espalhassem, fossem viver em outras partes, e tomassem outros officios para ganharem o seu pão; porque ninguem se quer deixar morrer de fome. A segunda parte da causa, que não é irreparavel, como em seu logar direi, foi a permissão que S. Majestade deu aos Inglezes, e Hollandezes para metterem em Portugal os seus lanificios, principalmente os pannos, havendo 12 annos, que o dicto Senhor os havia prohibido, de que resultava, que as nossas manufacturas se iam aperfeiçoando de tal maneira, que eu mesmo vim á França, e passei á Inglaterra vestido de panno fabricado na Covilhã, ou Fundão. Para esta desgraça concorreram trez coisas: a 1.^a querer o Senhor Rei D. Pedro comprazer com a Rainha d'Inglaterra, com a qual acabava de fazer um tractado de perpetua aliança defensiva, e lhe pedia levantasse a Pragmatica; a 2.^a ser D. João Mathetu, embaixador, irmão d'um mercador de pannos, e assim trabalhava em causa propria, sem embargo de que sempre lhe foi contrario; a 3.^a, que pôz a foíce na raiz, foi que o dicto embaixador fez conceber a certos senhores, cujas fazendas, a maior parte d'ellas, consistem em vinhas, que estas teriam melhor consumo em Lisboa pela grande quantidade de vinhos, que sahiria para fóra, se por equivalente da tal permissão, Inglaterra se obrigasse a que os vinhos de Portugal pagassem a terça parte menos dos direitos, que os de França. E isto bastou para que o tractado se concluísse, e para que as nossas fabricas, como acima digo, se perdessem.

Não ha duvida, que a extracção do nosso vinho cresceu incomparavelmente, mas sujeito a que a podemos perder, todas as vezes que os Inglezes se conformarem ao pé da letra com o tractado; isto é, que os vinhos de França paguem somente de direitos a terça parte menos que os de Portugal, porque logo não terão a sahida, que tem agora; em quanto os dictos primeiros pagam não só a dicta terça parte menos, mas ametade; e nem por isso se deixa de tirar de Bordeaux uma excessiva quantidade, por serem melhores, e mais baratos. E com tudo esta grande exportação de vinhos (de Portugal) não é tão utilissima como se imagina; porque os particulares converteram em vinhas as terras de pão, tirando assim d'ellas maior lucro; mas em desconto a generalidade padece maior falta de trigo, cevada, e centeio; de sorte que, se o vinho sai para fóra de Portugal, é necessario que de fóra lhe venha a maior quantidade de grão.

Accresce, como tenho dicto, que V. A. acharia impracticaveis muitos caminhos, de que em parte provém a decadencia interior do reino, não se podendo, ou sendo mui difficuloso transportar as fazendas d'umas para outras provincias, o que porém se poderia remediar obrigando os moradores circumvisinhos, e por seus turnos trabalhassem a fazer commodas as dictas estradas; pois da frequencia da sua passagem sempre poderiam tirar alguma conveniencia.

Da Haya para Amsterdão, e d'Amsterdão para Haya, além do correio ordinario, partem todos os dias dois carros de posta cobertos, capazes de receber passageiros; e um grande barco para a fazenda que se quer transportar da mesma Haya para Delf; e de Delf para Haya parte um barco todas as meias horas, e de trez em trez horas outro para Rotterdam, e para Leyden, da mesma sorte que d'estas cidades, e outras partem para Haya, além dos barcos mercantes. Tal é a frequente correspondencia, e tal o commercio, que entre ellas circula. Para darmos alguma aos nossos dissera, que este negocio se tractasse com o correio mór, propondo-lhe, que devesse ter em cada logar notavel uma casa de pasto, onde se sustentasse um certo numero de bestas de carga, destinadas a fazerem o mesmo serviço dos carros, como tambem cavallos de posta, para que d'elles se possam aproveitar os mercadores, que necessitarem de ter mais promptos avisos; pois ninguem, creio eu, poderá persuadir-se,

que entre duas cidades de tão grande commercio, como são Lisboa, e Porto, não podem os negociantes ter resposta, senão em quinze dias: d'este estabelecimento o mesmo correio mór poderá tirar o seu proveito; e quando não lhe convenha, poderá S. Magestade tirar-lhe o officio, pagando-lhe a somma, que por elle deram os seus antepassados, pelo valor da moeda, que então corria; ou assignar-lhe no rendimento do mesmo correio uma conveniente pensão. Assim se praticou com os de Toray, porque as postas pertenciam aos secretarios d'estado dos negocios estrangeiros; pois que d'ellas tem tirado tantas vezes os seus interesses.

El-Rei de Castella o tirou ao conde de Ugnate, sem esta circumstancia. França, e Inglaterra se servem d'este grande fundo, que presentemente as provincias d'Hollanda cederam ao novo Statauder, e elle generosamente o applicou a favor do público.

Não quero dizer que o nosso correio produzirá tão grandes sommas; porque nem temos tantas correspondencias, nem tanto commercio: mas no caso de serem melhor regulados os portes das cartas, e mandando-se, que todas as que vem das conquistas vão ao correio, estou bem certo que S. Magestade poderá arrendar o dicto officio com muito consideravel vantagem da sua Real Fazenda, ajunctando-lhe as condições, que parecerem são mais necessarias, para que as correspondencias, assim domesticas, como estrangeiras, sejam regulares.

Como seja de grande consequencia, que se augmente o commercio interior do reino, são os intendentes das provincias de França obrigados a mandar á côrte um extracto do exacto estado d'agricultura, matos, aguas, pontes, commercio, calçadas, caminhos, estradas, bosques, manufacturas dos logares da sua jurisdicção; e este foi o freio que El-Rei Christianissimo quiz pôr aos governadores das mesmas provincias, que não usavam bem do poder, que nellas tinham. El-Rei de Prussia o imitou nesta parte: El-Rei Catholico tem o mesmo fim em ter intendentes; mas não sei se elles observam, e cumprem com igual zelo. De maneira, que as memorias se remetem aos ministros, que têm cuidado de darem as ordens necessarias para se reparar o que se achar defeituoso.

Eu creio, que não necessitamos de crear estes novos empregos, porque o bom governo não depende da sua multiplicidade, mas do zelo, com que servem os que subsistem,

como por exemplo os corregedores, e provedores das comarcas, e os juizes de fóra das villas, que naturalmente devem fazer o mesmo officio dos intendentes por ser tal a sua obrigação; *mas é necessario, que o Principe lhes faça gravemente sentir* o seu desagrado, quando a não comprirem. Eu quizera, que fosse um Senhor da côrte que lhe tirasse a residencia, e não um ministro de justiça, como elles são, por ser a limitação da regra — teu inimigo o official do teu officio.

Disse mais que V. A. acharia que a Igreja possuia pelo menos a terça parte do reino; mas não me atrevi a apontar a este grande mal algum remedio, que não seja mais violento, que o vomitivo, que a lei lhe applicou, dispondo no liv. 2. tit. 18 da Ordenação; a saber, que nenhuma igreja, ou mosteiro de qualquer ordem, ou religião, que seja, possa possuir alguns bens de raiz, que compbrem, ou lhes forem deixados, mais que um anno, e dia; antes os deverão vender; e assim se quiz praticar no reinado do Senhor Rei D. João IV; mas quando o Internuncio *Ravisa*, sahindo de Portugal com caixas destemperadas, o deixou excomungado, o Arcebispo de Lisboa D. *Rodrigo da Cunha*, tomou sobre si levantar a excommunhão, com tanto que o dicto Senhor não fizesse executar a sobredicta lei; ao que se conformou, porque as coisas estavam muito frescas para dar á côrte de Roma um pretexto para o não reconhecer. Tambem o Senhor Rei D. Pedro, por conselho dos seus ministros, e justas queixas dos seus vassallos, que não achavam em que empregar o seu dinheiro, quiz que a lei tivesse o seu devido effeito; de que resultou, que todas as ordens constituiram os jesuitas por seus procuradores, que souberam atabafar o regocio, e pôr-lhe em cima a pedra do esquecimento. Mas nem por isso deixa d'estar na mão do Soberano renoval-a; e quando o não queira fazer, por evitar o mal entendido escandalo dos ecclesiasticos, sempre conviria promulgar uma lei para d'aqui em diante nem frades, nem freiras, nem os seus conventos podessem herdar bens de raiz; antes fossem alienaveis os já adquiridos, sem embargo de que, conforme a opinião commum, extremamente prejudicial ao Estado, seja de que são inalienaveis os bens, que por qualquer titulo entram na Igreja; de que se segue, que pelo decurso do tempo virá a possuir não só a terça parte do Reino, mas mais d'ametade, porque os confessores

abrem as portas do ceu aos que na hora da morte deixam o que têm ás suas igrejas, ou Ordens, privando assim os seus successores do que naturalmente deviam herdar.

NO ALBUM

DA EXCELLENTISSIMA SENHORA

D. MARIA CANDIDA D. B. NAZARETH.

*Dans les hauteurs du ciel et dans les coeurs des hommes
Les ténèbres partout se mêlent aux lueurs.*

(V. Hugo).

I.

Virgem, pediste-me um canto;
E a minha lyra sentida,
Já d'ha muito adormecida,
Ao teu mandado accordou:
Porque a harpa do poeta,
Em canção singella e pura,
Aos rogos da formosura
Sempre seus hymnos prestou.

Eu, que nos campos da vida
Ainda vejo algumas flores,
Um quadro d'acerbas dores
Não te venho apresentar.
E, ao tentar erguer-te um canto,
Sobre o teu livro, donzella,
Uma harmonia singella
É quanto posso deixar.

II.

Não diz por certo a verdade
Quem aos olhos da innocencia
Pinta o quadro da existencia
Cheio de males sem fim:
— Assim o penso... e no mundo
Já hebi do fel a taça,
E a negra mão da desgraça
Senti pesar sobre mim.

Muitas vezes, na procella,
Ao cansado navegante
Formosa estrella brilhante
O porto lhe mostra além.

Nesta vida, em que os prazeres
Andam a par dos tormentos,
Depois de crueis momentos
Bem felizes horas vêm.

Nem sempre o mar tormentoso
Encapella o dorso altivo;
Nem sempre o sol foge esquivo,
E o céu traça plumbea côr.
Após tufão violento
Tambem as auras bafejam...
E entre espinhos vecejam
Purpureas rosas d'amor.

É verdade que o poeta
As suas crenças mais q'ridas
Vê muitas vezes perdidas,
Sem uma ficar de pé....
— Mas após soffrer ingrato
Vem a mulher num sorriso,
Qual anjo do paraíso,
Dar-lhe vida, crença, e fé.

E por isso, se o poeta,
Em seu cantar d'amargura,
Diz que descrê da ventura,
Não traça um quadro fiel.
— Nem sempre sobre nós pesa
A ferrea mão da desgraça;
Nem sempre da vida a taça
É cheia de sangue e fel.

Se em nós não morreu a esp'rança,
Entre os espinhos da vida,
Ha sempre uma senda q'rida,
Que á ventura nos conduz:
Porque Deus... sería injusto,
Se á creatura mandasse,
Que sempre triste vergasse
Ao peso da sua cruz.

Não é de certo a existencia
De males abysmo fundo;
Que tambem sobre este mundo
Baixa a ventura do céu.
E se tu, virgem, desejas
D'esta vida as cruas dores
Tornar em viçosas flores....
Tem esp'rança como eu.

III.

Embora outros cantores
Achem encantos na mentira;
Nas cordas da minha lyra
Não posso dizel-a... não.

— E por isso aqui te deixo,
Nesta pagina da vida,
Sincera nota, sahida
Dos hymnos do coração.

Coimbra: 11 d'Abril de 1855.

J. A. Sanches da Gama.

Ha cantos tão suaves e hymnos tão melo-
diosos que, ao ouvil-os, sente-se um não sei
que de vago, que nos seduz e arrebatá para
esses dous grandes objectos, que tem inspi-
rado a musa dos grandes poetas—Deus e a
mulher: Deus, centro poderoso, em roda do
qual gravitam todos os seres, desde o verme
até á planta, desde a planta até ao homem;
—a mulher, reflexo da belleza divina, que põe
o homem em um estado de perpétua adoração,
em um devaneio delicioso, que se não explica,
porque não ha lingua d'homem para descre-
ver a magia d'aquelle olhar, que vos fascina
e enlouquece, a meiguice e ternura d'aquel-
la voz, que vos vibra no coração como o som
d'uma harpa eoliana, as molles ondula-
ções d'aquelle corpo flexivel, que se dobra
como o salgueiro á margen dos rios: ha
desses cantos d'uma simplicidade tão to-
cante, que revelam elles sós, em uma meia du-
zia d'estancias, todo o fulgor do genio, toda
a elevação do pensamento, toda a sublime
energia d'uma alma devorada d'esses dese-
jos vagos do infinito, e que anhela por que-
brar as prisões, que a ligam á terra para re-
montar ao principio supremo de todas as
cousas — a Deus.

A poesia, que abaixo transcrevemos, reve-
la-nos a appareição d'um novo talento poe-
tico, na pessoa do nosso antigo condiscipulo
e amigo o Sr. *João de Deus*.

Mas o que mais nos surprehendeu nesta
poezia, primeiro fructo da fertil imaginação
de seu auctor, é que julgavamos o Sr. *João
de Deus* uma d'essas intelligencias, superio-
res sim, mas a quem faltaria talvez em subido
grau o elemento principal, sem o qual o ho-
mem não póde elevar-se a toda a altura do seu
destino, o sentimento religioso. E porque
haviamos feito este juizo e não outro? É
porque não tinhamos ainda chegado ao fun-
do d'esta sociedade corrompida que nos cer-
ca, é porque julgavamos ainda os homens
mais pelas apparencias do que na realidade
elles são, é porque vendo, uns ajoelhados ao
pé dos altares, e batendo nos peitos, outros

ostentando um ar grave e solemne nas assembleias publicas, haviamos pensado que a virtude estava da parte d'estes, e não dos que debaixo d'uma apparencia de incredulidade e negligencia encobrem uma alma cheia de fé, e um espirito verdadeiramente superior.

É agora occasião de o dizermos bem alto, em quanto o não podermos fazer de um modo mais explicito e solemne, a geração nova, está eivada de corrupção, porque achou a corrupção em roda de si, desde o primeiro dia da sua existencia; no leite que lhe deram a beber, vinha já misturado o veneno subtil, que lhe foi lentamente minando as entranhas. Nós, mancebos, que nascemos, quando estalava de todas as partes este edificio politico e religioso, habituámo-nos a viver no meio de ruinas; e vendo que os outros, os velhos, se entretinham a desmoralizar o pela base, fomal-os imitando, e chegámos assim ao estado em que nos achamos, isto é, corrompidos até á medulla dos ossos, e tão velhos, que se alguns d'esses velhos guerreiros, que derribavam muralhas, e venciam batalhas, surgisse no meio de nós, para nos interrogar, desejaríamos antes que a terra se abrisse para nos engulir, do que supportar seu olhar de reprehensão e desprezo.

Mas, assim como entre os que pertencem á velha geração, há naturezas virgens, que resistem a todo o halito da corrupção, e que são como esses cedros, que se erguem sobranceiros no meio dos campos arruinados e desertos, assim tambem entre os que pertencem á geração nova, ha naturezas tambem, que se não dobram nem aos caprichos da fortuna, nem ás paixões dos homens, que se levantam, o rosto irado e o braço erguido para fustigar os que corrompem, e os que se deixam corromper, e que abrigam debaixo da sua bandeira todos os que sentem bate-lhe no peito o sentimento da justiça, e o amor da liberdade.

Vêde-os como elles falam de Deus, d'aquelle

Senhor, a cujo halito vacilla
O mundo, e o cedro cáe.

Como este brado de religiosa inspiração vai bem nos labios do mancebo d'este seculo, d'este seculo em que já não ha amor de Deus, porque só ha o amor do ouro?

Como é tocante, esta supplica, com que o Sr. João de Deus termina a sua oração.

Se o raio, que as nuvens sobre nós dispáram,
VeloZ rasgando os ares
Á voz Tua, Bom Deus, lá vai sumir-se
Nas entranhas dos Mares:

Se á flor, filha do sol, que á luz só vive,
A luz mandas, ó Deus;
E saudoso no Céu, na Gloria esperas,
Bom Pae, os filhos Teus:

Do Mundo, ó Creador!.. que o Mundo abraças
Em a Tua clemencia,
Ampára a Virgem delicada e fragil,
Protege a Innocencia!

E quando a honra se vende por dinheiro, e quando se mente á face de Deus e dos homens, e quando se violam todas as leis do pudor e todos os sentimentos do coração, e quando a mulher é discutida, julgada e vendida por algum pregoeiro infame, nesse bazar impuro a que chamão opinião publica, achaes que é muito, que de entre os filhos d'este seculo, appareçam alguns a reivindicar para a victima os direitos, que lhe pertencem, e para o algoz o castigo, que merece?

Mas para que é cançar-vos com a analyse d'esta poesia, quando ella ahi se mostra, sem galas e adornos, mas bella e rica da sua simplicidade?

Possa o seu auctor aceitar estas palavras tão sinceramente como aqui as deixamos escriptas, e não desfalecer no caminho, que principia a trilhar, que desde já lhe propheetizamos um destino brilhante, o destino das grandes almas, que não fazem consistir a gloria nas pequenas vaidades da terra, mas nas altas concepções do espirito, e na propagação das verdades christãs.

Alexandre Meyrelles.

A ORAÇÃO.

POESIA OFFERECIDA

EXCELLENTISSIMA SENHORA

D. R. C. N.

Olha por Ella, Tu, dos Ceus que habitas,
Do Mundo ó Creador!
Ampára o Lirio delicado e fragil,
Ampára a tenra flor!

Do manto que te envolve e d'onde pendem
Sóes sem conto — dos Céus —
Ella á Terra baixou, Estrella Tua,
Anjo dos Anjos Teus.

Exhalaste-a do seio á terra ingrata
Num suspiro d'amor!!.
Ou na Terra a protege, ou sobre nuvens
Volva ao seio Teu, Senhor?

Não permittas que a dor seus labios murche,
Senhor, que és Deus, que és Pae!
Senhor, a cujo halito vacilla
O Mundo e o Cedro cai.

Nunca os olhos seus lagrimas turvem,
D'acerba anciedade!
Nunca, Senhor! Por Ti!! que em sóes te firmas
Dos Céus na immensidade.

Se o raio, que as nuvens sobre nós dispáram,
Veloz rasgando os ares,
A voz Tua, Bom Deus, lá vai sumir-se
Nas entranhas dos Mares:

Se á flor, filha do sol, que á luz só vive,
A luz mandas, ó Deus;
E saudoso no Céu, na Gloria esperas,
Bom Pae, os filhos Teus:

Do Mundo, ó Creador!... que o Mundo abraças
Em a Tua clemencia;
Ampára a Virgem delicada e fragil,
Protege a Innocencia!

Coimbra, 12 de Junho de 1855.

João de Deus R. N.

MANUSCRIPTO

Vindo de Sancta Helena.

Continuado de pag. 197.

Dentro de trez dias fomos senhores de todos os póstos Austro-Sardos. que defendiam as alturas da Liguria. O inimigo, attacado de repente, cuidou em reunir-se. No dia 10 d'Abril nós o encontrámos em Montenotte, e o batemos. No dia 14 o atacámos em Millesimo, e o batemos de novo, separando os Austriacos dos Piemontezes. Estes vieram tomar uma posição em Mondoví, ao passo que os Austriacos se retiravam para o Pó, a fim de cubrirem a Lombardia.

Eu bati os Piemontezes. Em trez dias tomei todas as posições do Piemonte, e já estávamos a nove legoas de Turim quando veio ter comigo um Ajudante de campo, que vinha pedir a paz.

Então, pela primeira vez, me considerei

não como simples general, mas como um homem destinado a influir na sorte dos povos, Vi o meu nome na historia. Esta paz mudava o meu plano, porque já se não limitava a fazer a guerra na Italia, porém a conquistá-la. Eu via que, alargando o terreno da revolução, ia dar uma base mais solida a seu edificio. Era este o melhor meio de segurar o seu bom successo.

A côrte do Piemonte havia-nos cedido todas as suas praças fortes, e com ellas tinha posto em nossas mãos todos os seus dominios. Assim estávamos senhores dos Alpes e dos Appeninos; tínhamos pontos seguros de apoio; e estávamos tranquilos á cêrca da nossa retirada.

Em uma tão bella posição eu fui attacar os Austriacos. Passei o Pó em Plaisance, e o Adda em Lodi. Tudo isto não se executou sem difficuldades, porém Beaulieu retirou-se, e eu entrei em Milão.

Os Austriacos fizeram esforços incriveis para recuperar a Italia. Eu fui obrigado a derrotar cinco vezes os seus exercitos para levar ao cabo a conquista.

Achando-me senhor da Italia, era preciso estabelecer nella o systema da revolução a fim de atrahir este paiz á França por meio de principios e interesses communs: isto é, era preciso destruir alli o antigo regíme para lhe substituir a egualdade, porque esta era a mola real da revolução. Eu tinha por tanto muito que fazer com o clero, com a nobreza, e com todos os que viviam á custa d'elles ambos. Eu previ todas estas resistencias, mas tomei a resolução de as vencer pela auctoridade das armas, e sem revoltar o povo.

Eu tinha feito grandes acções, mas era preciso tomar uma postura e uma linguagem analoga. A revolução havia destruido entre nós toda a especie de dignidade; eu não podia dar á França uma pompa real; dei-lhe o lustre das victorias, e a linguagem de senhor.

Eu queria ser o protector da Italia, e não o seu conquistador. E consegui isto, mantendo a disciplina do exercito, punindo severamente as revoltas, e particularmente, instituindo a republica Cisalpina. Com esta instituição satisfiz os dezejões manifestos dos Italianos, isto é, de serem independentes. Dei-lhes grandes esperanças, e só d'elles dependia vel-as realisadas unindo-se connosco. Foram outros tantos alliados, que eu dei á França.

Esta alliança durará muito tempo entre os dois povos, porque ella está fundada sobre serviços e interesses communs. Ambos estes povos têm as mesmas opiniões e os mesmos estimulos. Sem mim, conservariam ainda a sua antiga inimizade.

Descançado á cêrca da Italia, não receei aventurar-me a entrar no centro da Austria. Cheguei até á vista de Vienna, e assignei o tractado de Campo Formio; acto bem glorioso para a França.

O partido, que eu havia favorecido em 18 Fructidor, governava a republica. Eu o favoreci, porque era o meu, e porque era o unico capaz de fazer marchar a revolução. Além d'isso, quanto mais eu tinha entrado em os negocios mais me havia convencido de que era preciso acabar a revolução, porque ella era o fructo do seculo e das opiniões. Tudo quanto retardava a sua marcha não fazia senão prolongar-lhe a crise.

Tinhamos paz com todo o continente, e só estavamos em guerra com Inglaterra; mas como nos faltava o campo de batalha, esta guerra conservava-nos em inacção. Eu tinha a consciencia dos meus meios, e elles eram taes que me podiam mui bem dar a conhecer, porém não tinha em que os empregar. Eu sabia, comtudo, que era preciso excitar a attenção para poder ser visto, e que para isso era necessario tentar cousas extraordinarias; os homens gostam de todos os que sabem maravilhar. Foi em virtude d'esta opinião que eu imaginei a expedição do Egypto. Ella foi attribuida a profundas combinações da minha parte, e eu não tinha outras senão zangar-me de estar ocioso depois da paz, que havia concluido.

Esta expedição devia dar uma grande ideia do poder da França, era propria para fixar a attenção sobre o seu chefe, e devia surprehender a Europa pela sua ousadia. Taes motivos eram mais que sufficientes para eu a tentar; mas a esse tempo eu nem tinha a mais pequena ideia de desthronizar o Gram-Turco, nem de me fazer Bachá.

Preparei a partida com o mais profundo segredo, porque isto era necessario para o bom successo, e porque fazia ainda mais singular o character singular da expedição.

A esquadra deu á véla. Eu fui obrigado a destruir, no caminho, essa ordem de Malta, porque ella não era util senão para os Inglezes. Eu temia que algum velho fermento de gloria excitasse ainda esses cavalleiros

a defender-se, e assim me retardassem; porém, por fortuna minha, elles se entregaram ainda mais vergonhosamente do que eu imaginava.

A batalha de Aboukir destruiu a esquadra, e entregou o mar aos Inglezes. Desde logo me persuadi, que a expedição já não podia terminar senão por uma catastrophe; porque todo o exercito, que não se recruta, acaba sempre por capitular, um pouco mais cedo ou mais tarde.

Era preciso, no entanto, estar no Egypto, porque não havia modo de sahir. Decidi-me por tanto a mostrar boa cara neste mau jogo; e representei bem o meu papel. Eu tinha um bello exercito, e era preciso occupal-o; depois de haver concluido a conquista do Egypto, quiz que elle empregasse o seu tempo em alguma cousa. Assim, eu entreguei ás sciencias o mais bello campo de todos os que ellas já tinham explorado.

Os nossos soldados andavam como surprehendidos de se verem dentro da herança de Sesostris. Mas levaram isto muito a bem, e era uma cousa tão curiosa ver os Francezes no meio d'estas ruinas, como o modo, por que se entretinham com ellas.

Já não tendo que fazer no Egypto, veio-me a curiosidade de ir á Palestina, e de tentar a sua conquista. Esta expedição tinha um certo ar fabuloso, e isto mesmo me seduziu. Porém não fui bem informado dos obstaculos que encontraria, e não levei sufficientes tropas commigo.

Depois de haver atravessado o deserto, soube que se tinham junctado algumas forças em S. João d'Acre. Não as podia desprezar, e por isso me dirigi para lá.

A praça estava defendida por um engenheiro Francez, o que logo conheci pela sua resistencia; foi então necessario levantar o sitio, e a retirada foi penivel. Pela primeira vez tive que lutar com os elementos; porém não fomos vencidos.

Na minha volta ao Egypto recebi gazetas por via de Tunis. Por ellas conheci o estado deploravel da França, o aviltamento, a que havia chegado o Directorio, e os successos da coalisção.

Persuadi-me, que podia ainda, segunda vez, fazer alguns serviços ao meu paiz. Já não tinha motivo para me conservar no Egypto, porque a expedição estava acabada; quanto mais, para assignar uma capitulação, que mais cedo ou mais tarde era inevitavel, qualquer general era bom: por isso parti

sem mais intentos do que tornar-me a pôr á frente dos exercitos, e dar-lhes outra vez a victoria.

Assim que desembarquei em Frejus, a minha presença excitou o enthusiasmo do povo. A minha gloria militar animava todos aquelles, que tinham medo de ser batidos. Na minha passagem houve uma affluencia infinita de gente, e a minha viagem pareceu bem um triumpho: então me convenci de que chegando a Paris podia tudo na França.

A fraqueza do governo tinha posto a nação a dois dedos da sua ruina; não havia senão anarchia. Todo o mundo queria salvar a patria, e propunha planos para isso. Vinham-me fazer confidencias, e eu era o centro de todas as conspirações; mas não havia um só homem á frente de todos estes projectos, que fosse capaz de os executar. Todos contavam comigo, porque precisavam d'uma espada. Eu não contava com ninguem, e por isso pude á minha vontade escolher o plano, que melhor me convinha.

A fortuna ía collocar-me á frente do Estado, e eu ía ver-me senhor da revolução, por que não queria ser o seu chefe; essa figura não me convinha.

Eu era pois chamado para preparar a sorte futura da França, e talvez a do mundo. Mas antes d'isso era preciso fazer a guerra e a paz, e era preciso adormecer as paixões e fundar a minha auctoridade.

Era necessario pôr em movimento essa pesada maquina que se chama governo, e eu conhecia mui bem a força das suas resistencias; então eu haveria preferido o simples emprego da guerra; porque gostava da auctoridade do quartel general, e das commoções d'um campo de batalha. Em uma palavra, naquelle momento sentia-me com mais disposições para resuscitar o ascendente militar da França do que para governal-a.

Todavia, em meus destinos não podia haver escolha, porque facilmente via que o reinado do Directorio estava a acabar; que em seu lugar era preciso pôr uma auctoridade respeitavel que salvasse o Estado; e que na realidade não havia outra que impozesse mais respeito do que a gloria militar. O Directorio não podia por tanto ser substituido senão por mim ou pela anarchia. Esta escolha da França não era duvidosa; e a opinião pública esclarecia neste caso a minha.

Propuz que o Directorio fosse substituido por um Consulado; tanto eu nesse tem-

po ainda estava longe de conceber a idéa d'um poder soberano. Os republicanos propuzeram dois Consules; eu pedi trez, porque não queria ver-me igualado. O primeiro lugar me pertencia de direito nessa trindade; era tudo o que eu queria.

Os republicanos desconfiaram da minha proposição; entreviram um elemento de dictadura neste triumvirato. Então se ligaram contra mim. Nem a presença de *Sieyes* os socegava. Este havia encarregado de fazer uma Constituição, porém os Jacobinos temiam mais a minha espada do que se fiavam na penna do seu velho Abbade.

Todos os partidos se alistaram então debaixo de duas bandeiras; de uma parte estavam os republicanos, que se oppunham á minha elevação; da outra estava toda a França, que a pedia. Ella era portanto inevitavel nessa epocha, porque o maior numero é sempre quem vence. Os primeiros haviam estabelecido o seu Quartel General no Conselho dos 500, e alli fizeram uma bella defeza; e assim foi preciso ganhar a batalha de S. Cloud para acabar esta revolução.

Por um momento estive eu capacitado, que ella se fazia por aclamação geral.

A opinião publica acabava de dar-me o primeiro emprego do Estado; e a resistencia, que para isso tinha havido, não me inquietava, porque ella era produzida por individuos desacreditados no público. Os realistas não tinham apparecido, porque a rapidez dos successos não lhes havia dado tempo. A totalidade da nação tinha confiança em mim, porque sabia, que a revolução não podia ter melhor garantia do que a minha. Eu não podia ter força senão pondo-me á frente dos interesses, que ella havia creado; pois que se a fizesse retrogradar achar-me-ia necessariamente dentro dos dominios dos *Bourbons*.

Era preciso, que tudo fosse novo em a natureza do meu poder, a fim de que todas as ambições achassem nelle meios d'alimentar-se.

Mas havia nisto um grande defeito; em a natureza deste poder não havia coisa alguma certa.

Eu não era, pela constituição, senão o primeiro magistrado da Republica, mas o simbolo da minha auctoridade era uma espada; e havia por consequencia incompatibilidade entre os meus direitos Constitucionaes e o ascendente, que eu tinha por effeito do meu character e das minhas acções.

O público sentia como eu esta difficuldade; por isso as cousas não podiam durar assim, e cada um em consequencia ia tomando as suas medidas.

Eu achava á roda de mim muito maior numero de cortesãos do que precisava; tinha chusmas d'elles. Por esta forma, nenhum cuidado me davam os progressos da minha auctoridade, porém ao mesmo tempo muito cuidado me dava a situação material da França.

Nós tinhamo-nos deixado vencer; os Austriacos tinham reconquistado a Italia, e haviam destruido a minha obra. Não tinhamos exercito para tomar outra vez a offensiva, e nem havia um real nos cofres publicos, nem meio de os encher. A conscripção só se executava á vontade dos *Maires*. Sieyes nos havia dado uma Constituição perguiçosa e palavriada, que embarçava todas as operações. Tudo quanto constitue a força de um Estado estava aniquilado; existia só tudo quanto constitue a sua fraqueza.

Forçado pela minha posição julguei, que devia pedir a paz: eu o podia então fazer de boa fé, porque era uma fortuna para mim. Um pouco mais tarde não me daria senão ignominia.

Mr. Pitt a recusou, e nunca homem algum d'Estado commetteu maior falta, por que este momento era o unico em que os alliados a poderiam ter concluido com segurança; a França, pedindo a paz, reconhecia-se então vencida, e os povos que se podem restabelecer de todos os revêzes nunca se restabelecem do consentimento, que dão ao seu opprobrio.

Mr. Pitt a recusou; e assim salvou-me d'uma grande falta, que commetti, e estendeu o imperio da revolução por toda a Europa, — imperio, que nem a minha queda poude destruir. Elle a teria unicamente limitado á França se a tivesse deixado entregue a si mesma. Fui por tanto obrigado a fazer a guerra. *Massena* defendia-se em Genova, porém os exercitos da Republica não ousavam mais nem passar o Rheno nem os Alpes. Era preciso pois tornar a entrar na Italia e na Allemanha para dictar segunda vez a paz á Austria. Tal era o meu plano; mas eu não tinha nem soldados, nem artilheria, nem espingardas.

Chamei os Conscriptos, mandei fazer armas, e excitei o sentimento da honra nacional, que nunca morre nos Francezes. Ajuntei um exercito, a metade do qual nem esta-

va ainda fardado. A Europa ria-se dos meus soldados, porém pagou bem caro esse momento d'alegria. Não se podia, comtudo, emprehender abertamente uma campanha com tal exercito. Era preciso, ao menos, maravilhar o inimigo, e aproveitar do seu sobresalto. O General *Suchet* estava-o atrahindo para os desfiladeiros de Nise, e *Massena* prolongava de dia em dia a defeza de Genova. Eu parto, avanço-me para os Alpes, e a minha presença, e a grandeza da empreza reanimaram os soldados. Elles não tinham sapatos, mas pareciam marchar todos como se fossem uma vanguarda.

Em nenhum tempo da minha vida experimentei sentimento algum igual ao que senti ao atravessar os desfiladeiros dos Alpes. Os echos repetiam os gritos do exercito e me annunciavam uma victoria incerta, mas provavel. Eu ia tornar a ver essa Italia, theatro de meus primeiros feitos. Minhas peças d'artilheria cavalgavam lentamente os rochedos. Os meus primeiros grnadeiros chegaram em fim ao cume do S. Bernardo. Elles lançaram ao ar seus chapéus enfeitados de penachos encarnados, dando gritos d'alegria. Os Alpes estavam passados e nos despenhámos por elles como uma torrente. O general *L'Asne* commandava a vanguarda. Elle foi rapidamente tomar Ivree, Verceil, e Pavia, e se apossou da passagem do Pó. Todo o exercito o passou sem obstaculos. Nesse tempo todos nós eramos moços, soldados e generaes; e todos queriamos fazer a nossa fortuna. Não faziamos caso das fadigas, e muito menos dos perigos; eramos indifferentes a tudo, á excepção da gloria, que se não alcança senão sobre os campos de batalha.

Com a noticia da minha chegada, os Austriacos entraram a manobrar em Alexandria. Accumulados dentro d'esta praça no momento em que me apresentei defronte de seus muros, as suas columnas foram desinvolver-se a deante de la Bormida. Mandei-os atacar, mas a sua artilheria era superior á minha, e desorganizou os nossos jovens batalhões, que perderam terreno. A linha só estava conservada por dois batalhões da guarda e pelo 45; mas eu estava á espera dos corpos, que marchavam em pelotões. A divisão de *Desaix* chega em fim, e toda a linha se restabelece. *Desaix* forma a sua columna de ataque, e entra a aldêa de *Marengo*, em que se apoiava o centro do inimigo. Este grande general foi morto no

momento em que decedia uma victoria immortal.

O inimigo, correu logo a buscar abrigo debaixo dos muros d'Alexandria; suas pontes eram muito estreitas para lhes dar passagem, e houve uma confusão enorme: aprisionámos massas d'artilheria, e batalhões inteiros. Accumulados além do Tanaro, sem communicações, sem retirada, e ameaçados na recta-guarda por *Massena* e por *Suchet*, tendo ao mesmo tempo em frente um exercito victorioso, os Austriacos receberam a lei que lhes impuzemos. *Melas* implorou uma capitulação, que foi inaudita nos fastos da guerra. A Italia inteira me foi restituída, e o exercito vencido veiu depôr as suas armas aos pés dos nossos conscriptos.

Este dia foi o mais bello da minha vida, porque foi um dos mais bellos da gloria da França. Tudo tinha mudado para ella, e ia gozar d'uma paz, que havia conquistado. Ella ia dormir o somno tranquillo do leão. Ia ser ditosa, porque era grande.

Todas as facções se mostravam quietas: tamanha gloria as reprimia. A *Vendée* se pacificava, até os Jacobinos eram obrigados a agradecer-me a minha victoria, porque ella tambem era a seu favor. Eu já não tinha rivaes.

O perigo commum, e o enthusiasmo público reconciliaram momentaneamente os partidos. A segurança tornou a desunil-os. Aonde não ha um centro de poder incontestavel, encontram-se sempre homens, que procuram apossar-se d'elle. É o que exactamente ia succedendo ao meu. Minha auctoridade não era mais do que uma magistratura temporaria, e por isso não era inatacavel. Homens vaidosos, e que se consideravam com talento; abriram uma campanha contra mim e para sua praça d'armas escolheram o *Tribunado*. Alli foi, que me principiarão a atacar debaixo do nome do *Poder executivo*.

Se eu tivesse cedido ás suas declamações, tinha dado cabo da fortuna do estado: este contava demasiados inimigos, e não podia nem diminuir suas forças, nem perder o tempo em palavras. Acabavamos de passar por uma bem cruel experiencia, mas assim mesmo ella não tinha sido bastante para tapar a bocca a essa especie d'homens, que preferem os interesses da sua vaidade aos interesses da patria. Entretiveram-se, para ganhar popularidade, em recusar os tributos, em desacreditar o governo, e em impe-

dir sua marcha, assim como o recrutamento das tropas.

Por este andar, nós estaríamos dentro de quinze dias á mercê do inimigo, porque ainda não tinhamos forças bastantes para nos medirmos com elle. O meu poder era ainda muito novo para ser invulneravel; e o Consulado ia acabar como acabou o Directorio, se eu não tivesse acabado com esta opposição por um golpe d'Estado. Despedi os fribunos facciosos, e a esta operação se chamou — *eliminar*: a palavra fez fortuna.

Este pequeno acontecimento, de que até agora se não tem feito caso, mudou a Constituição de França, porque por elle acabei com a Republica: ella deixou de existir desde o momento em que a sua representação nacional deixou de ser sagrada. Mas esta mudança era de absoluta necessidade, á vista da situação em que estava a França para comsigo e para com a Europa. A revolução tinha terriveis inimigos tanto internos como externos, e assim era forçada a adoptar uma forma dictatorial, como adoptam todas as republicas em tempo de perigo. As auctoridades, que servem de contrapeso, não são boas, senão em tempo de paz. Era preciso, pelo contrario, reforçar a que se me tinha dado, todas as vezes que ella corria algum risco, a fim de prevenir as recahidas.

Talvez eu tivesse feito melhor em pedir francamente esta dictadura, uma vez que me accusavam de aspirar a ella. Cada um teria então fallado, a seu modo, d'isso que se chamava a minha ambição; e isto haveria sido muito mais vantajoso, porque os monstros parecem mais feios ao longe que ao perto. A dictadura teria a vantagem de não dar desconfianças para o futuro, de deixar as opiniões no estado em que estavam, e de intimidar o inimigo, mostrando-lhe a resolução da França.

Mas eu vi que esta auctoridade vinha por si mesma depositar-se em minhas mãos; e neste caso não precisava de a receber officialmente: senão a exercia de direito, exercia-a de facto, e era quanto bastava para passar a crise, e salvar a França e a revolução.

Toda a minha tarefa se reduzia pois a terminar esta revolução, dando-lhe um character legal, a fim de que podesse ser reconhecida e legitimada pelo direito público da Europa. Todas as revoluções têm passado pelos mesmos combates, e á nossa devia suc-

ceder o mesmo; porém a final também devia como as outras receber a sua carta de posse. Comtudo, antes de a propôr, vi que era preciso ter mão nos seus principios, consolidar a legislação, e destruir-lhe os excessos. Julguei que tinha forças para tudo, e não me enganei.

O principio da revolução era a extincção das castas, isto é, a egualdade; e eu a respeitei. A legislação devia regular-lhe os principios, e eu fiz leis proprias para isso. Haviam excessos na existencia das facções; não lhes dei importancia, e ellas desapareceram: na abolição do culto; e eu o restabeleci: na existencia dos emigrados; e eu lhes dei uma patria: na desordem geral da administração; e eu a regulei: na ruina das finanças; e eu as restaurei: na falta d'uma auctoridade para socegar a França; e eu lhe dei esta auctoridade, tomando o governo do Estado.

Poucos homens têm feito tantas cousas como eu então fiz, e em tão pouco tempo. A historia dirá ainda um dia o que era a França, quando eu principiei a governal-a, e o que foi depois, quando deu leis á Europa. Nunca tive necessidade de me servir d'um poder arbitrario para concluir estes immensos trabalhos. É verdade que não se me teria negado o exercicio d'elle, porém eu nunca o quiz, porque sempre detestei tudo o que é verdadeiramente arbitrario. Sempre estimei a ordem e as leis, e por isso fiz muitas; eu as fiz severas e claras, porém justas; *porque uma lei, que não conhece excepções, é sempre justa.* Fiz com que fossem observadas rigorosamente, *é o dever do throno,* porém sempre as respeitei: todas essas leis me hão de sobreviver, e é a recompensa que tirei dos meus trabalhos.

Tudo parecia ir marchando á medida dos meus desejos. O Estado se renovava e a ordem se restabelecia. Em tudo isto eu me occupava com empenho, porém via que ao systema ainda faltava alguma cousa importante — era a estabilidade.

Por maiores desejos que eu tivesse de fazer estavel o principio da revolução, via claramente que era impossivel conseguil-o sem primeiro ter vencido grandes resistencias; porque havia uma antipathia necessaria entre o antigo e o novo regime.

Ambos elles formavam duas massas, cujos interesses eram absolutamente contrarios. Todos os governos, que ainda subsistiam em virtude do antigo direito público, viam-se em perigo com os principios da revolução;

e esta não tinha garantia senão tractando com o inimigo, ou, esmagando-o, quando elle não quizesse tractar.

Esta lucta é que devia a final decidir da renovação da ordem social na Europa. Eu estava á frente da grande facção que queria aniquilar o systema, por que se governava o mundo depois da quèda do imperio Romano; e como tal, estava exposto aos odios de todos os que tinham interesse na conservação d'esta ferrugem gothica. Um homem, de character menos firme que o meu, poderia mui bem pôr-se á capa, e deixar ao tempo uma parte da decisão deste projecto.

Mas assim que eu entrei bem no fuudo do coração d'estas duas facções; desde que vi que ellas ambas dividiam o mundo, como no tempo da Reforma; conheci que era impossivel poder haver pacto entre ellas, porque seus interesses eram diametralmente oppostos. Persuadi-me, que quanto mais se abreviasse esta crise muito melhor seria para os povos. Mas para isto era necessario que tivessemos da nossa parte ametade da Europa, e mais um, porque sem esta circumstancia não podia pender para o nosso lado.

Com tudo, eu não podia dispôr deste pêso senão em virtude da lei do mais forte, unica lei que corre entre os povos. Assim era absolutamente preciso que eu fosse o mais forte, porque eu não estava sómente incumbido de governar a França, mas de lhe submeter todo o mundo, sem o que o mundo a teria esmagado. Não pude, por consequencia, escolher entre os partidos que devia tomar, por que todos elles foram sempre forçados pelos acontecimentos: o perigo era sempre imminente, e o 31 de Março bem provou quanto elle era para temer, e se era possivel fazer com que vivessem em paz os velhos e novos regimes.

Eu podia mui facilmente prever que em quanto houvesse egualdade de forças entre estes dois systemas, haveria também sempre entre elles guerra aberta ou occulta. Qualquer paz que assignassem não seria senão uma tregua para descansar. Era preciso pois que a França, como capital da revolução, estivesse sempre em estado de resistir á tempestade. Era preciso que no governo houvesse unidade para que elle fosse forte; que a nação estivesse unida, para que todos os seus meios tendessem ao mesmo fim; e que o povo tivesse confiança para consentir nos sacrificios necessarios para completar a conquista.

Ora tudo era precario no systema do consulado, porque nada estava no seu lugar competente. Existia uma republica de nome, uma soberania de facto; uma representação nacional fraca; um poder executivo forte; auctoridades submissas, e um exercito preponderante.

Nada marcha como deve em todo o systema politico em que as palavras estão em contradicção com as cousas. O governo desacredita-se, quando se põe no habito de mentir eternamente. Cai no desprezo que inspira tudo o que é falso, porque tudo o que é falso é fraco. Além d'isto já hoje se não podem mostrar expertezas em politica; os povos já sabem demais, e as gazetas bastam para os ensinar. Não ha senão um unico segredo para governar o mundo; é ser forte: na força verdadeira não ha erro, nem illusões; é a verdade tal e qual.

Eu sentia a fraqueza da minha posição, isto é, o ridiculo do meu consulado. Era logo necessario estabelecer alguma cousa solida, que servisse de ponto d'apoio á revolução. Fui nomeado Consul vitalicio; mas era uma dignidade temporaria, insufficiente em si mesma, porque marcava uma data para o futuro, e não ha nada que destrua tanto a confiança como a previsão d'uma mudança. Mas, ao menos, esta dignidade era menos má para a occasião, em que foi estabelecida.

No intervallo, que me deu a tregua de Amiens, emprehendi uma expedição imprudente, de que me accusaram, e com razão: ella não valia cousa alguma em si mesma. Tinha pertendido recobrar S. Domingos, e tinha bons motivos para assim o fazer. Os aliados aborreciam grandemente a França, e não convinha que ella estivesse em inacção durante a paz. Era preciso que fosse sempre temivel; dar pasto á curiosidade dos ociosos, e ter sempre o exercito em movimento para que elle senão pozesse a dormir. Em fim, eu tambem queria experimentar a marinha.

Quanto ao mais, a expedição foi muito mal executada. Aonde eu não estive sempre, as cousas foram mal. Porém nesta parte tudo vinha a ser o mesmo; porque era facil de ver, que o ministerio Inglez romperia a tregua, e se nós tivéssemos conquistado S. Domingos, teria sido sómente para elle.

A minha segurança fa-se todos os dias augmentando, quando o acontecimento de 3 Nivôse me fez ver, que eu estava collocado sobre um volcão. Esta conspiração foi

imprevista, e é a unica que a policia não transtornou d'ante mão.

Ella não tinha confidentes, e por isso teve o seu effeito.

Eu escapei por um milagre. O interesse, que então se mostrou por mim, recompensou-me amplamente. O momento da conspiração foi muito mal escolhido, porque nessa epocha ainda a França não estava madura para os Bourbons.

Abriu-se devassa sobre os culpados, e confesso com verdade, que só então accusei alguns *Brutos* ignobeis. Quando se tractava de crimes sempre todo o mundo estava disposto a attribuir-lh'os. Fiquei com tudo assombrado quando por meio das devassas se chegou a provar, que era só aos *Realistas* que alguns individuos da rua S. Nicaise deviam a obrigação de ter ido pelos ares.

(Continúa).

DISSERTAÇÃO PHYSIOLOGICA.

Continuado de pag. 200.

Como *Lavoisier* demonstrou, que o acido carbonico, e a agua resultam de uma combinação entre o oxygeneo do ar atmosphérico, e carbone por exemplo, e hydrogeneo d'outra parte; como tambem a observação lhe tinha demonstrado, que, durante a respiração, o ar atmosphérico perde gaz oxygeneo e se carrega do gaz acido carbonico e de vapor aquoso, era natural, que elle considerasse a respiração como um acto de combustão; por isso disse elle com *Sequin* (*Hist. d'Acad. des Sc. 1790. p. 606*) que não era provado, mas que se devia suppôr, que a combustão, operada nos pulmões produzia acido carbonico pela combinação do oxygeneo do ar com o carbone dos liquidos segregado nas ramificações bronchicas; esta hypothese foi pois admittida como um facto experimental por muitos physiologistas, e chimicos, como *Prout* entre outros (*Schweigger. Jour. t. 28. p. 255*) mas como *Lavoisier*, e *La Place* observassem por seus calculos, que a respiração subtrahia da atmosphera mais oxygeneo do que era necessario para produzir o acido carbonico expirado, e se despegava mais calor no organismo do que aquelle, que se compadecia com a produção do acido carbonico, pensaram harmonisar

estes factos improvisando a combinação d'esse excedente do oxigeneo com o hydrogeneo do sangue venoso, e a formação da agua, que explicava ao mesmo tempo o augmento de temperatura; e por consequencia as substancias expiradas não eram secreções, mas sim combinações entre o oxigeneo do ar atmospherico, e o carbone, e hydrogeneo do sangue, e uma verdadeira combustão; vê-se pois, que esta hypothese não era senão a traducção fiel do pensamento de *Mayow*, em o qual não ha mais, que substituir o seu *sal vital, igneo, fermentativo, e espirito nitroaereo* pelo oxigeneo; e as *partes sulfurosas* do sangue venoso pelo *carbone*, e *hydrogeneo*, que os chymicos querem desde *Lavoisier*, que elle perca.

O pensamento de que a respiração não era outra cousa mais do que uma combustão não era tão sem fundamento, que se não fundasse em razões muito plausiveis, que assentavam na analogia, ou identidade de condições, que se verificavam todas em ambas as operações; porque sendo um facto irrecusavel, que não ha respiração possivel sem o contacto do ar atmospherico, que nenhum a entretém sem que tenha oxigeneo, de que ella o despoja, e que o ceda com facilidade; que para se continuar precisa, que elle seja renovado sem o que ella cessa promptamente, e tambem pára, e se interrompe, antes que seja esgotado todo o oxigeneo do ar, em que ella se faz em consequencia da acido carbonico, que fornece a expiração; e que finalmente ella se continua mais longo tempo se tem logar em oxigeneo puro; não sendo menos exacto, que nem uma só d'estas condições deixa de reclamar a combustão por fórma, que dadas todas aquellas, mediante as quaes se faz a respiração, tem logar a combustão, e pára, e se interrompe pela falta de qualquer d'ellas; não havendo finalmente alguma duvida de que para tudo ser commum a ambas estas operações, o ar, que tem servido a uma d'ellas não é proprio para a outra; os gases, que extinguem, e não alimentam uma, não se tornam compatíveis com a outra; e que o acido carbonico, a agua, e o calor, produzido pela respiração, são productos tambem da combustão; á vista de todas estas coincidencias, disseram os chymicos desde *Lavoisier* até *M. Thenard*, e *Berzelius*, a hematose é devida á combustão pelo oxigeneo do ar, e das partes carbonaccas do sangue venoso, provavelmente de sua materia corante; todavia

a pesar d'este paralelo de analogia, on identidade, que aos chimicos, e phisiologistas tem parecido existir em ambas as operações, e sobre que affectam não ensaiar alguma especie de dúvida, nós vamos provar, que este modo de encarar a respiração ou a obra da hematose, não soffre um exame rigoroso, e se torna insustentavel, porque se acha em contradicção com os factos, que a sciencia possui, e com experiencias directas.

Dous methodos podemos nós ensaiar para combater uma theoria; ou admittindo seus principios, e deduzindo d'elles todas as lacunas, inexactidões, e todos os absurdos, a que dão logar; ou combattendo directamente suas bases, provando sua falsidade, e a distancia a que ella fica do fim, a que se propôz: depois de seguirmos o primeiro, remataremos com o segundo.

Em primeiro logar deve seguir-se como corollario muito natural dos principios d'esta theoria, que o gaz acido carbonico, e vapor aquoso, que apresenta demais o ar expirado são productos, que tiveram logar no acto da respiração ou combustão, e todavia nada ha mais absurdo, e que máis incompativel se torne com todos os principios da chimica; por quanto não pôde conceber-se como em uma temperatura tão pouco elevada como a da respiração, principalmente nos animaes de sangue frio, possa o oxigeneo da atmosphera determinar em um liquido uma combustão sufficientemente energica de modo, que possa produzir em tão pouco tempo uma quantidade d'agua tal, como a que sai dos pulmões, durante a expiração; isto decorrerá como corollario mui natural se examinarmos qual é a quantidade d'agua em vapor, que expira o homem em um dado tempo.

Lavoisier em suas experiencias, ainda mui imperfeitas, fixou esta quantidade d'agua em 337 grãos; mais tarde avaliou-a em 11180, e por fim em 13704 gr. de França — 11952 de Prússia — 24,9 de onça; *Menzies* expirando em uma bexiga recolheu 6 onças em 24 horas; por experiencias analogas obteve *Cruishank* 180 gr. inglezes por hora, ou 2973 em 24 horas — 3164 gr. da Prússia — 6,59 de onça; *Abernethy* expirou em uma hora 3 oitavas de agua em um vidro, o que somma em 24 horas 4320 gr. inglezes — 4594 de Prússia — 9,57 de onça; mas como expirando numa bexiga, ou em um vidro, o ar que contém este reservatorio não tarda a saturar-se de vapor aquoso, cuja maior tensão impede, que continue a levantar-se do

pulmão mais vapor aquoso, *Leguin* para evitar este inconveniente metteu-se em um sacco de taffeté encerado, collado exactamente em de redor da bocca por forma que não podesse perder-se transpiração cutanea, e a pulmonar se depositasse toda na athmosphera, cujo pezo veiu a conhecer pela diminuição do pezo do seu corpo na balança, e achou, que sua quantidade media era de 7 gr. por minuto, o que dá 1080 em 24 horas — 8791 gr. do Prussia — 18,31 de onça.

Hales já tinha chegado antes a um resultado analogo, expirando em um vaso fechado, que continha cinza de pau secco para absorver a agua exhalada; 50 expirações obtiveram-lhe por este modo 17 gr. d'agua; e admittindo 20 respirações por minuto dá em 24 horas 9792 gr. inglezes — 10413 de Prussia — 21,69 de onça; *Dalton* em 24 horas expirou 20 onças e meia por forma, que em 24 horas póde avaliar-se a media da exhalção pulmonar em 18 a 20 onças; cumpre advertir além d'isso, que como a evaporação deve de ser tanto maior quanto mais extensa for a superficie, que os pulmões offereçam ao ar, e quanto a respiração for mais profunda, e rapida, ainda esta proporção póde subir por forma, que seja possivel, que o homem que *Bichat* fez expirar em um vaso rodeado de gelo, e de sal marino exhalasse até 2 onças d'agua no espaço d'uma hora: ora poderá deixar de se considerar como o maior absurdo, que na temperatura, em que se faz a respiração se queime tanto gaz oxygeneo, e hydrogeneo, que produza vapor aquoso, que em 24 horas chegue a 20, ou 48 onças? Não só é impossivel que tal aconteça, e que tão grande quantidade d'agua se produza pela combustão dos gazes, de que ella é composta: mas não envolve menor absurdo, e impossibilidade que uma só gotta se produza no acto da respiração encaradas as cousas pelo lado chimico; porque a união do hydrogeneo com o oxygeneo não póde ter lugar senão pela faisca electrica, ou em uma temperatura visinha do calor rubro; e a temperatura do parenchyma pulmonar apenas chega a 33° segundo *Davy*; isto é tanto assim que fazendo *Despretz* as investigações as mais exactas sobre o grau de calor, que se desinvolve durante a combustão do carbone, e hydrogeneo, bem como sobre a do acido carbonico e agua expirados, o resultado de mais de 200 experiencias foi, que se o acido carbonico, e a agua são produzidos por

combustão durante a respiração, não póde provir daqui mais que 0,7 a 0,9 de calor real, e por consequencia ainda vem a faltar 0,1 a 0,3 para a temperatura, que apresenta em excesso o sangue arterial em relação ao venoso; investigações analogas provaram a *Dulong*, que a formação do acido carbonico na respiração d'animaes carnivoros não produz mais do que 0,49 a 0,57 de calor e 0,65 a 0,75 nos herbivoros; e posto que se lhe ajunte a formação d'agua, não produz a respiração mais do que 0,69 a 0,80 de calor animal: ora se mesmo quando fosse certo, que no acto da respiração tivesse logar uma combustão, era produzida uma tão insignificante temperatura, aonde a temperatura necessaria para a combinação do oxygeneo, e hydrogeneo? Era um circulo vicioso; a temperatura necessaria para ter logar a união do oxygeneo, e hydrogeneo, e que devia de existir no acto da respiração, era aquella mesma, que os chimicos faziam provir da mesma respiração! De sorte, que no instante, em que esta se fazia, já existia o calor, que elles davam produzido depois da combustão ou respiração; além d'isso quando fazemos a experienciã da combinação d'estes dois gazes no ludiometro d'agua, ou de mercurio, no momento, em que elles se combinam é tal o despego de calorico e luz, é tão alta a temperatura, que então se desinvolve, que a agua formada se gazefica, e sua condensação subita determina um abalo mui sensivel; e por ventura observa-se algum d'estes phenomenos na respiração? E se tivessem logar não se queimaria o pulmão, ou não se desorganisaria completamente?

Por consequencia a theoria chimica deixa excentrico, e por explicar o apparecimento do vapor aquoso nos productos da respiração; mas não é mais affortunada quando se esforça por explicar a presença do gaz acido carbonico nos productos.

Com quanto as experiencias feitas sobre a expiração no homem devam variar muito segundo se expira lenta ou rapidamente o producto da respiração, por isso que se carregã mais ou menos de acido carbonico segundo sua demora nos pulmões, e segundo que provém da trachea e seus ramos, e não de sua profundidade; todavia ainda assim mesmo as experiencias nos mostram bem qual seja a quantidade d'acido carbonico, que se expira num tempo dado.

Humphry Davy habituando-se a respirar

tão livremente no seu aparelho como no ar livre, achou em mais de 20 experiencias, que sua expiração natural dava 12, 75 de pollegada cubica d'ar contendo 1,2 de polleg. cubica de gaz acido carbonico: ora como se achava já na mesma quantidade d'ar inspirado $0,0078 = 0,1$ de polleg. cub. d'este gaz, os orgãos respiratorios tinham ajunctado 1,1 de polleg. cub., o que com o habito, que *Davy* tinha de respirar 26 a 27 vezes por minuto, daria pouco mais, ou menos no mesmo tempo 29 pollegadas cubicas; fazendo maiores esforços ainda expirou 139 polleg. cub. d'ar, contendo 6 de gaz acido carbonico, cinco das quaes provinham dos orgãos respiratorios, por isso que o ar inspirado já levava uma; finalmente quando elle tinha expirado durante um meio minuto pelo nariz, e expirado 14 a 15 vezes pela bocca em o seu recipiente, nelle achava 171 pollegadas cubicas d'ar, contendo 14 d'acido carbonico por forma, que se elevava a uma pollegada por cada respiração, e a 28 por minuto.

Nysten achou, que um homem robusto expirava em um minuto 16,264 de polleg. cub., um homem fraco 13,330, e uma mulher 12,678; segundo *Alen*, e *Pepys* um homem expirou em 11 minutos, e em 38 fortes respirações 3460 polleg. cub. d'ar atmosferico, e expirou 3437 polleg. cub. d'ar, contendo 292,145 de polleg. cub. d'acido carbonico, elevando-se por consequencia a 26,558 de polleg. cub. por minuto; e segundo elles esta experiencia dá a proporção normal; porque o seu resultado concorda com o das experiencias de *Davy* pouco mais, ou menos; o mesmo homem expirou uma outra vez mais rapidamente em 24 minutos, e meio 789,66 de polleg. cub. d'acido carbonico = 32 por minuto; um outro expirou em 5 minutos e meio 3311 polleg. cub. d'ar com 281,45 d'acido carbonico, cuja quantidade era igual a 51 por minuto; e depois d'uma inspiração natural, expirou-se com muito esforço em uma só vez 204 polleg. cub. d'ar, contendo 19,38 d'acido carbonico.

Finalmente a quantidade d'acido carbonico expirada no espaço de 24 horas tem sido avaliada por *Lavoisier*, e *Seguin* primeiramente em duas libras, cinco onças, e quatro oitavas; depois em 14930 polleg. cub. contendo 2820 graus francezes de carbone; por *Bostock* segundo *Davy* em 31680 polleg. cub.; por *Alen*, e *Pepys* em

39534 polleg. cub. contendo 5363 gr. inglezes de carbone, etc. etc.: de todas estas experiencias podemos nós concluir, que a media da quantidade d'acido carbonico exhalado em cada respiração é 1,4 de polleg. cub. prussiana, o que dá por minuto, sendo 20 as respirações, 28 pollegadas cubicas, por hora 1680, e por 24 horas 40320 polleg. cub., contendo 6483 gr. de carbone: ora com quanto *Rumford* nos diga, que o carvão póde formar gaz acido carbonico em uma temperatura muito mais baixa do que a necessaria para dar uma combustão visivel; todavia este phenomeno não tem logar senão com uma lentidão extrema, e por um modo insensivel; logo não póde admittir-se, que em uma temperatura tão baixa, como a da respiração, e em tão pouco tempo, e em um liquido se produza pela combustão tão grande quantidade d'acido carbonico, como vimos, que se produz em cada respiração, e em cada minuto nas experiencias precedentes; nem quantidade alguma d'este acido por pequena que seja; porque o acto da respiração é instantaneo, e por sua temperatura é muito mais inferior do que aquella, em que sua formação póde ter logar; por consequencia pela theoria chimica é impossivel explicar a presença do gaz acido carbonico na expiração; mas vimos que o mesmo accoecia em quanto á agua em vapor, logo falha ella na explicação dos phenomenos principaes da respiração.

(Continúa).

MAXIMAS MORAES.

Não há corpo fraco, onde o coração é forte.

A virtude sempre teve contradicções; e o illustre nome nunca se alcançou sem trabalhos.

Heitor Pinto.

ADVERTENCIA.

Para melhor intelligencia da poesia, impressa a paginas 208 d'este numero, remetemos os nossos leitores ao numero 3 da *Harpa do Mondego*, aonde vem publicada uma outra composição poetica do Sr. *T. A. Ribeiro* escripta no mesmo Album, com que esta tem toda a ligação.

1701
1702
1703

1701
1702
1703

1701
1702
1703

1701
1702
1703

Preço da assignatura.

Por 1 anno	1:200 réis
Por 6 mezes.	600 »
Avulso	160 »

Pode-se assignar remettendo directamente a importancia da assignatura ao Redactor principal da REVISTA ACADEMICA, Alexandre Meyrelles, rua do Corpo de Deos n.º 34, em Coimbra. Toda a correspondencia deve ser franca de porte.

Subscreve-se para a REVISTA ACADEMICA—em Lisboa, na loja do Sr. Lavado, *Rua Augusta* n.º 8; no Porto, Braga e Guimarães, na loja do Sr. Moré; em S. Miguel, em casa do Sr. Manoel Cardoso d'Albergaria e Valle; na Terceira, em casa do Sr. José Bensabat; no Fayal, em casa do Sr. Rodrigo Alves Guerra.

REVISTA ACADEMICA

JORNAL MENSAL.

N.º 12—NOVEMBRO DE 1854.

INDICE DOS ARTIGOS

Srs.		Pag.
J. A. Santos e Silva . . .	Correspondencia.....	221
Alexandre Meyrelles . . .	Correspondencia.....	230
T. A. Ribeiro	Saudades a Coimbra (<i>poesia</i>).....	231
Ernesto Marecos	Despedida aos meus amigos (<i>poesia</i>).....	234
Manoel Alves Guerra . . .	Reflexões sobre o theatro allemão.....	235
Manoel Maria Barbas . . .	Dissertação physiologica.....	236
	Manuscripto.....	239

Coimbra

IMPRESSA DA UNIVERSIDADE
1855.

Sala 10
Gab. 7
Est. 7
Tab. 14
N.º 14

6A

REVISTA ACADEMICA

JOURNAL MENSAL

V. 12 - N. 1 - MARÇO DE 1924

IMPRESSÃO DO AUTOR

1. A. Santos e Silva	1
Alexandre de Gusmão	15
T. A. Ribeiro	31
Ernesto de Azevedo	47
Manoel Alves Guerra	63
Manoel de Araújo	79

Colônia

EDITADO E IMPRESSO EM COLÔNIA

1924

Ao meu amigo Alexandre Meyrelles.

I.

Dignastes-vos, meu amigo, responder á minha carta: quizestes sobre ella fazer algumas reflexões. Um traço da vossa penna revela sempre o vosso character. Uma phrase vossa é sempre uma epopéa, que, sem vós quererdes, deixa perceber aos outros todo o cortejo das eximias qualidades moraes, que ornão o vosso espirito.

Sois sempre o cavalleiro da idade media, educado em pleno seculo XIX. Sois o homem crente, firme, leal, que vestis a vossa armadura, ajustaes ás mãos os vossos guantes, enristaes a lança, e ides por esse mundo em buscã d'aventuras, prestes a sacrificar a vida pela honra de donosa donzella offendida, ou em prol do fraco, atrozmente ludibriado pela brutal prepotencia d'outro homem. Mas em vez da sêde de sangue, que caracterisava esses heroes d'antigas eras, vós tendes a docilidade, a brandura, a suave e exquisita sensibilidade dos novos apóstolos da regeneração social.

Agradeço-vos, meu joven amigo, as palavras d'uncção, com que quizestes fortificar o meu espirito. Vistes-me juncto d'um despeñhadeiro; imaginastes-me tombado no abysmo tremendo do scepticismo, e quizestes ser o anjo da minha guarda, velando pela pureza das minhas crenças. Fostes revolver o passado. Puzestes face a face com a nossa sociedade dous vultos historicos do seculo XVIII. Compulsastes os fastos eternamente gloriosos de 1789, e forte com a vossa consciencia, fizestes uma appellação solemne a todos os homens, que ainda se não deixaram inquinár pela sordida voracidade do egoismo.

Agradecendo-vos cordealmente a justiça, que me fizestes, não posso deixar de declinar a honra de me alistardes no numero d'aquelles coripheus, que devem de tomar a iniciativa na grande obra da regeneração social. A iniciativa que me pertence, é a de combater, *ainda uma vez*, nas rasas fileiras populares, quando a honra e o dever de novo me chamarem. O pantheon, que me pertence, é a valla obscura do soldado plebeu, que nem a modesta cruz de madeira tem sobre o seu jazigo.

Creio em uma nova revolução social, meu caro amigo; e creio tanto mais na hora proxima da sua apparição, quanto mais se vai adiantando a quadra da dissolução.

VOL. II.

O progresso é eterno como Deus, de quem dimana. Transformam-se as sociedades; abatem-se monumentos seculares; expiram crenças, selladas pelo lento volver dos tempos; mas a humanidade caminha sempre. Os grandes cataclysmos sociaes, que as intelligencias timidias e meticulosas transformam sempre em nenias de declamações sentimentaes, são explosões naturaes, que servem para mostrar a harmonia e unidade, que prendem no mesmo plano providencial as leis da natureza physica e da ordem moral.

Quando um principio robustece na consciencia dos povos; quando uma idéa, formulada em necessidade social, se arraiga nas geraes convicções; — tende a patentear-se exteriormente, a ir buscar a luz, o ar, o calor, e todas as condições da sua existencia, e da vida para que fôra destinada; tende naturalmente a traduzir-se em facto permanente, a materialisar-se, a transformar-se em instituição, a regular a vida exterior da humanidade, a cumprir finalmente a sua missão.

Querer oppôr um obstaculo á tendencia natural, com que a providencia sellou o nascimento e desinvolvimento d'um principio, é dizer á semente lançada na terra, que não germine; é dizer á árvore que não cresça; é cortar a passagem ás torrentes do rio, que trsborda de seu leito; é pretender nesciamente contrariar a natureza.

Cada epocha canonisa uma idéa. Cada sociedade, que vai desmoronar-se, gera primeiro um precursor, que retempere nas aguas do Jordão, sempre perenne, o divino arauto, a quem coube a solemne missão de sellar com um novo verbo o livro variado da historia da humanidade.

Tudo no mundo é transitorio. As transformações são o grande principio, são a lei eterna da natureza physica e moral.

Na ordem physica a materia é indestructivel — não morre; porque a materia com as suas propriedades, porque a materia com as suas forças, e com as leis que lhe regem o movimento, é a propria natureza. Os elementos organicos, as moleculas, os atomos; as combinações binarias e ternarias; todo esse viver intimo da materia, que a natureza tem revelado ao genio incançavel da sciencia, desarranjam-se, desequilibram-se, e transtornam-se hoje, voltam ao seio commum donde sahiram, e nessa rapida e momentanea passagem, já vão pactuando novas combinações, para gerarem amanhã um novo ser.

NOVEMBRO — 1854

NUM. 12.

Na ordem moral a humanidade nunca morre. O que se desarranja, o que se transtorna, o que se desequilibra, são as individualidades moraes, são as instituições, são as idéas, são os principios, são todos os elementos da vida social, que entram tambem em novas combinações, para produzirem á manhã uma nova ordem de séres.

II.

Ha na historia da humanidade, entre outros, trez grandes factos, que revelam o poder magnetico, e a influencia prodigiosa, que um principio, que uma idéa exerce no espirito convicto dos seus adeptos. Fallo de JESUS CHRISTO, do seculo XV e XVI, da revolução franceza de 1789.

Si quis vult post me venire, abneget semetipsum et tollat crucem suam, et sequatur me (S. MATTHEUS c. 26). Se ha ahi alguém que queira seguir-me, tenha uma verdadeira abnegação de si mesmo, tome a sua cruz, e acompanhe-me.

Eis ahi as palavras, que o unigido do Senhor proclamou aos povos da terra, quando soou a hora solemne, que o supremo Creador do mundo marcára na sua mente sempiterna, para purificar, com a cruz e com o martyrio do filho unigenito, a humanidade, que se houvera inquinado no crime e na idolatria, nòs erros e na immoralidade. Nestas sanctas e sublimes palavras, que Christo dirigiu a todos aquelles, que a majestade de sua augusta pessoa attrahia em torno de si, não se vêem promessas mundanas d'ouro e de riquezas, nem gozos materiaes, nem nenhum d'esses luxuosos prazeres, que tanto sorri á sensualidade dos homens. É a perseguição, são os rudes trabalhos, é a espinhosa missão do apostolado, são os tormentos, é o ferro e o fogo dos inimigos de JESUS CHRISTO, é o martyrio, é a cruz, que em singelas e intelligiveis palavras se offerecem para coroa immarcescível de todos, que quizerem seguir o grande doutor das gentes.

Eis ahi consubstanciada a longa e sanguinosa historia dos filhos dilectos de JESUS CHRISTO. Abri as paginas do martyrologio christão; soletrae algumas linhas da vida de cada um d'esses soldados, que a Igreja todos os dias honra em seus canticos festivos: haveis d'encontrar em cada pagina um martyrio, em cada linha uma affrontosa condemnação.

Mas d'esses rastos de sangue que vos fa-

zem arripiar as carnes, e eriçar os cabellos, vereis sobresahir, como cedro secular no meio d'humilde relva, a coragem evangelica, a resignação apostolica, a heroicidade sobrenatural, as convicções inabalaveis, a consciencia do justo, que se fina no leito da morte, a paz no meio do tormento, o riso innocente no meio das grosseiras invectivas, a firmeza no meio das contrariedades tempestuosas da vida, a majestosa dignidade no meio das torpes alliciações, finalmente o sopro da Divindade bafejando docemente essas almas privilegiadas, que a mão de Deus fadou no céu, para que fossem pregociras na terra dos mysterios insondaveis da sua infinita omnipotencia.

Aquelle que a um aceno da sua vontade creára o céu e a terra; separára a luz das trevas; illuminára os globos celestes, com essas luzes immorredouras, que são outros tantos testemunhos da sua infinita omnipotencia; aquelle que se dignára apparecer em toda a majestade da sua augusta pessoa ao seu servo escolhido, e revelar-lhe no monte Sinai a lei das doze Taboas, com que lhe aprouve que fosse regido Israel até á vinda do Messias promettido; aquelle que liberalisára o dom dos milagres a muitos dos seus eleitos, alavanca poderosa com que derrocaram pela base o paganismo e a idolatria, a blasphemia e a heresia; não devera ter escolhido homens d'outra tempera, que auxiliassem, em uma dolorosa propaganda, o grande Tribuno da Palestina.

III.

Quando o verbo de Deus desceu á terra; quando JESUS CHRISTO appareceu entre os homens, uma grande parte do universo obedecia ao poder colossal do imperio romano. As provincias as mais affastadas do centro do imperio eram governadas por magistrados romanos, ou por principes da nação vencida, que a republica deixava reinar, mas com uma auctoridade subordinada á sua, e sob a rigorosa necessidade d'esses principes reconhecerem, que a sua corôa e toda a sua majestade não provinham senão da liberdade de seus vencedores.

Todas as partes d'aquelle grande todo, todas aquellas provincias e nações, tanto orientaes, como septemtrionaes, jaziam mergulhadas na mais horrorosa superstição. A idéa do ser supremo não estava, é verdade, inteiramente extincta no espirito dos homens;

porque do meio do monstruoso quadro da idolatria, sobressahiam, aqui e acolá, sombras indecisas, vestígios semi-delidos d'uma crença na existencia d'um poder regulador, que dirigia lá de cima o viver das sociedades. Cada povo reconhecia uma multidão de potencias superiores, a que davam o nome de *deuses*, mas sempre subordinados a um poder mais perfeito, que era como o summo juiz e inspector, de quem todas as ordens emanavam. Todas estas divindades improvisadas, todos estes ridiculos objectos da grosseira veneração dos povos da antiguidade eram, ou heroes affamados pelos seus feitos guerreiros e sanguinarios, ou reis e generaes fundadores d'imperios, ou mulheres e homens celebres por acções extraordinarias e uteis descubertas.

O mundo physico fornecêra tambem a algumas nações uma outra especie de divindades. O sol, a lua, as estrellas, que sobressahiam, em todo o seu fulgor e brilhantismo, aos outros objectos naturaes, attrahiram o respeito e a admiração da parte do gentilismo, tão ignorante quanto supersticioso. A tendencia para objectos grosseiros e materiaes tornou-se de tal modo predominante em alguns povos, que se chegou a adorar montanhas e ribeiras, arvores e plantas, os ventos, a terra, e o mar. Houve mesmo quem erigisse altares aos vicios e ás virtudes, á saude e ás molestias.

A superficie do globo cubrira-se quasi toda d'altares. Por toda a parte a materia endeusada governava como soberana os destinos da humanidade. Os ritos e as cerimoniaes, a religião e os mysterios — tudo era absurdo e ridiculo, cruel e obsceno. Aqui se offereciam animaes; acolá eram victimas humanas as destinadas a socegar a cholera dos altos dignatarios do olympo. Em uma parte glorificava-se fogosamente toda a casta de lascivia opposta á natureza; proclamava-se com descaro a excessiva liberdade do divorcio, a necessidade de engeitar os filhos, e de promover os abortos. Em outras partes consagravam-se publicamente casas á devassidão, e festejavam-se certas divindades, que eram as protectoras natas das scenas voluptuosas e dos escandalos repugnantes. Finalmente a escravidão do homem pelo homem, e a degradação da mulher, eram arvoradas em principios de direito e de moral.

D'este muito resumido quadro, que eu acabo de vos traçar; d'este viver materialisado pela corrupção, em que se revolvía ver-

gonhosamente a humanidade, salta como cousa de primeira instituição, a necessidade imperiosa d'um tribuno divino, que instruisse os homens nos verdadeiros principios da religião e da virtude, e trouxesse o seu espirito desvairado á comprehensão dos faéis theoremas do direito e da moral.

Trez annos passara o Christo no meio das mais afflictivas provações, annunciando aos homens a vontade de seu augusto pae: sua vida foi sempre um exercicio continuo de pureza e de virtude. Nunca a mais leve sombra offuscou o brilho d'aquella celeste majestade. Todos os seus actos estiveram sempre sobranceiros aos ataques da calumnia, e ás insinuações da perfidia. Com o magico poder da sua palavra sujeitou a si povos e reis, sabios e ignorantes.

Depois da morte do divino mestre a Egreja continuou a ser alvo das sanguinarias perseguições de todos os adoradores fanaticos, que o interesse ou a cegueira não poderam desligar dos velhos absurdos.

É impossivel traçar em um pequeno quadro as infamias e os horrores dos Neros, dos Domicianos dos Marco-Antoninos, dos Severos, e de milhares de verdugos, que ensanguentaram a terra com o sangue dos corajosos adeptos da doutrina do Evangelho.

Transportae-vos aos começos do seculo IV da Egreja christã, quando o imperio romano foi partilhado entre os quatro imperadores, Diocleciano, Maximiano Herculeo, Constancio Chloro, e Maximino Galero. Bonançoso começara o governo d'estes quatro homens. A egreja como que gosava d'uma feliz tranquillidade. A perseguição como que se tinha cançado de descarregar golpes despidosos, e como que tinha embotado o fio da sua espada. Mas esta paz era toda apparente. Era o relampago brilhando nas trevas, para transportar logo a traz de si as descargas de materia electrica, que inflamam os ares, e extinguem, rapidas e fulminantes, todo o vicio da natureza. Era a luz, que brilha um momento com mais vigor, quando está proxima d'apagar-se.

Diocleciano, homem supersticioso e grosseiro, deixara-se finalmente ganhar pelas insinuações dos sacerdotes pagãos, e pelas súplicas de sua mãe. Em um edicto do anno 303, e em outros, que após este se seguiram, teve elle a louca pretensão d'extinguir para sempre o christianismo, como se a vontade de Deus podesse, nem um momento, ser contrariada pelos maiores poderes da terra.

Todas as especies de tormentos foram inventadas para compellir os proselitos do christianismo a rasgarem as bandeiras, sob cujas pregas uma vez se tinham abrigado. Houve, é verdade, tímidos, mercenários, e traidores; mas a grande maioria dos varões distinctos pela sua piedade e sabedoria preferiu antes o martyrio, que torcer a consciencia perante a ignominia, e a infamia. Quem não succumbia no meio das praças, em pleno dia, aos golpes tremendos dos canibaeos do paganismo, lá ia homisiar-se nos subterraneos das montanhas, e embrenhar-se nas vastas solidões do deserto, entoando hymnos ao supremo regulador do universo, e adorando o seu poder na immensidade dos espaços, objectos exclusivos, que se offereciam á contemplação dos seus sentidos.

Accontecia muitas vezes, que estes eremitas fossem surprehendidos nas suas grutas, e obrigados a largar a vida contemplativa e mystica, cujas horas dispendiam em ascetica devoção. Levados perante o tribunal, que lhes ía rasgar as carnes, e decepar as cabeças, era então que a resignação evangelica se mostrava em toda a sua altura e majestade no espirito impassivel d'estes heroicos soldados do martyrio. Ás ameaças e aos tormentos respondiam com a lei de JESUS CHRISTO, com o riso nos labios, e com a serenidade do espirito. Ás insinuações, ás promessas, aos affagos, respondiam com o desprezo, e com a dignidade propria das almas privilegiadas, que nunca se deixaram polluir com as immundicies da terra.

Que lhes importavam a elles, nobres estoicos, macerados pela rigida austeridade do asceticismo, os improperios e baldões, que as turbas, sempre avidas d'um escandalo, costumam arrojear sobre as victimas officiaes do despotismo da auctoridade, cuja sorte lhes devera antes despertar a compaixão?! Que importavam os pentes de ferro, as fogueiras, o patibulo, áquelles homens, retemperados no baptismo do sacco, do cilicio, do jejum, e de todas as privações physicas??

É que naquelles homens havia a fé, a firmeza, e a lealdade, virtudes indispensaveis, como vós muito bem dizeis, meu caro redactor, para se poder trajar as insignias de verdadeiro crente. É que o *credo* d'aquelles homens, mote grandioso, e rasgadamente regenerador, se infiltrara no seu espirito, identificara-se com elles, fazia a parte essencial da sua vida, era o seu movimento.

IV.

Nihil sub sole novum, dizia Salomão. É talvez na ordem moral, que a historia, em cada uma das suas paginas, nos esteja todos os dias mostrando a verdade d'esta asserção sentenciosa. Fallo de muitas das idéas, que fizeram parte do programma revolucionario, religioso, politico, e social do seculo XVI.

Já no começo do seculo V, Pelagio, monge da Gram-Bretanha, desenrolára o estandarte do livre arbitrio, e da inutilidade da graça. No seu livro — *de divitiis* — o celebre apostolo do asceticismo proscreeva d'um modo peremptorio as riquezas e o juramento. Tomando ao pé da lettra certas passagens do evangelho, e proclamandó o principio soberanamente ascetico e irrealisavel da egualdade material na pobreza o heroe do mysticismo, dos extasis, e das visões, involucra no seu *credo*, essencialmente subversivo da ordem social, e em visivel relutancia com o progressivo desinvolvimento da natureza humana, um fulminante anathema ás orthodoxas doutrinas da Igreja de JESUS CHRISTO. O homem, dizia Pelagio, póde por seus unicos esforços, e sem alguns soccorros sobrenaturaes, elevar-se á alta perfeição moral, e subtrahir-se ao imperio do peccado.

Debalde S. Agostinho, na sua epistola *ad Hilarium*, provára por exemplos tirados da Escriptura a legitimidade da posse das riquezas. Distinguindo no evangelho as prescripções obligatorias e os simples conselhos, e explicando o verdadeiro sentido da lei das renúncias, essencialmente relativo ao fôro interior, e não podendo extender-se até a suppressão das condições necessarias da vida individual, e da conservação da sociedade, o nobre escriptor do catholicismo fôra impotente para extinguir uma doutrina, que passando por successivos remodelamentos, tinha de representar na sociedade um transcendente papel. Das cinzas dos Pelagianos nasceram os Vildenses e os Albigenses.

Não é intenção minha historiar todas as seitas, que fizeram nutar nos seus cimentos o orbe catholico, até á grande revolução do seculo XVI. Os docitas, e as multiplices seitas dos manicheos, as heresias de Pedro Brueys, Henrique, Arnaldo de Brescia, e Esperão, condemnados ao fogo como here-siarcas, são outros tantos protestos energicos contra a corrupção, o luxo, a excessiva dominação do clero, e o despotismo desas-

trado dos papas. Roma, a Babylonia impura, a grande prostituta do Apocalypse, como a alcunhavam os revolucionarios d'aquella epocha, era o alvo, contra o qual se disparavam todos os tiros d'uma guerra, notavel pelo indomito fanatismo de seus soldados.

Desgraçadamente a Igreja divorciara-se completamente com todas as boas regras de pureza e simplicidade. Assentando o seu dominio sobre o polytheismo expirante, e relanceando um olhar cupido e mundano sobre o poder temporal dos reis, e as crenças grosseiramente religiosas dos povos escravizados, começou immediatamente de traficar com a timida consciencia d'uns, e com a ignorancia e fanatismo d'outros. Já no fim do XIV seculo, o prefeito Pretextus symbolizava nestas notaveis palavras o luxo desenfreado dos bispos metropolitanos. « Fazei-me bispo de Roma, dizia elle ao papa Damasio, e eu me farei christão. » Na mesma epocha S. Jeronymo lastimava amargamente a cubiça do clero, herdeiro dos escandalos de Roma, e habilmente iniciado na arte de captar as successões, e de illudir por meio de fraudulentos fidei-commissos as leis, pelas quaes, os monarchas christãos se oppunham á sua illimitada avareza. Estes padres, de chistosa memoria, vendiam a phisionomia severa e respeitavel do seu myster divino, pelas truanices degradantes, e mimicos galanteios, que lhes facilitavam feliz accesso juncto d'uma mulher.

A invasão dos barbaros fizera substituir os mais grosseiros vicios á corrupção dos romanos. Os bispos e abbades, introduzindo-se subrepticamente no animo dos selvagens conquistadores, e atrelando-os ao carro papal, com os grilhões da religião, acabaram por se transformar em nobres castelões, jungindo o poder politico á auctoridade espiritual. Possuidores d'uma grande parte do solo, percebiam de mais a mais o imposto vexativo dos dizimos. Pela sua parte a cõrte de Roma não descurava a salvaguarda de seus filhos, absorvendo-lhes, a titulo d'annatas, indulgencias, e esmolos, uma grande parte do producto de seu trabalho. É então que se vêem papas adulados por uma cõrte de prostitutas, outras tantas messalinas, empenhadas á porfia em accender em corações, que só deviam arder no fogo da caridade, da religião, e da pureza, as chamas da devassidão, e dos prazeres infernaes. É então que se vêem bispos assassinos, padres simoniacos, e alardeando publicamente

os escandalos da concubinação; frades peralvilhos, vadios, e preguiçosos, passando o tempo a cassar, nas orgias, e a jogar, introduzindo concubinas nos claustros, e batendo-se por questões de seus filhos illegitimos.

Tal é o estado lastimoso do christianismo, que tocou o seu apogeu no X seculo, que Baronio, escriptor dedicado ao papado, e por isso mesmo insuspeito, chama o seculo de ferro da Igreja.

De todas as seitas, que acima mencionamos, e a que deram nascimento a voracidade e a dissolução, que deixamos registradas, a mais importante é a seita dos Albigenses e Valdenses. Forte pelo numero de seus adherentes, robustecida por uma longa vida, fanatisada e tremenda pelas terriveis perseguições dos seus inimigos, atravessou com denodo muitos seculos, vulgarizou por toda a parte os seus principios, e deu no papado golpes profundos, que nunca poderam cicatrizar. Os Albigenses doutrinavam, que o character sacerdotal se perdia pela indignidade, resultante do peccado e do crime; que os sacramentos não tem valor senão quando são offerecidos por pastores recommendaveis por suas virtudes. Negavam a desigualdade espiritual do clerigo e do leigo, condemnavam o culto da virgem, dos sanctos, das reliquias, os falsos milagres, as piás fraudes, as indulgencias, a confissão auricular, e a absolvição dos peccados. Condemnavam a multiplicação dos sacramentos, e das cerimoniaes, como rede lançada pelo clero sobre a bolsa dos fieis. Repudiavam os votos monasticos, o juramento, e a barbaridade dos supplicios. Traduziam e estudavam o antigo e novo Testamento; pretendiam, que o culto se celebrasse em lingua vulgar, e que se recitassem só as preces, que CHRISTO nos ensinou. Negavam a transsubstanciação na eucharistia, e tinham horror á missa, como invenção diabolica, e mais propria da nigromancia, que d'uma religião, toda simplicidade, pureza, e verdade.

Ahi deixámos sem commentarios o *credo* d'esses homens rigidos e austeros, cuja pureza de costumes o proprio S. Bernardo foi obrigado a confessar. Protegidos por Pedro, rei d'Aragão, pelos condes de Toulouse, viscondes de Beziers, Narbonne, e Carcassone, os Albigenses tinham circumscripto a sua revolução dentro de limites puramente religiosos sem alcançarem as consequencias, que

deviam um dia ser tiradas dos principios, que atrevidamente proclamaram. Na *nobla leiczon* poema datado do anno 1100 se compendia toda a doutrina d'estes escrupulosos respeitadores da propriedade leiga feudal, que atacavam todavia com furor monomaniaco a propriedade clerical, a propriedade de mão morta, apanagio das altas funções sacerdotaes. Esta guerra aos bens do clero não podia deixar de convir á aristocracia nobiliaria, chamada naturalmente a recolher os despojos dos sacrificados. É esta mira nos bens alheios, é este ardor cupido, que devorava as entranhas dos nobres castelões, que explica a benevolencia e protecção, que grande parte d'estes homéns inimigos, como o clero, da egualdade e fraternidade, prestavam aos reformadores puramente religiosos.

Vencidos e perseguidos por toda a parte, a pesar da valiosa protecção, em que se esteiaram, os Albigenes deixaram pela Europa o germen da revolta contra a Igreja. Nem a barbaridade dos soldados de Montfort, nem os rigores da inquisição foram capazes d'aniquilar as convicções, que as suas doutrinas arraigaram no espirito dos povos, que habitavam metade da Europa.

Walter Lollard, Wiclef, e João Huss, são os trez vultos historicos, que se apresentam como instrumentos providenciaes, para jurarem, sobre os tumulos dos Albigenes, immolados ao furor papal, uma guerra de morte ao despotismo de Roma.

Walter, bardo ou ministro dos albigenes, dogmatizando em 1315 á frente d'oitenta mil discipulos, revolucionou toda a Allemanha, e esteve a ponto de conseguir um triumpho, que a providencia houvera destinado para o monge obscuro de Witemberg. Preso e queimado em Cologne com uma grande parte de seus discipulos, mostrou-se firme, como as suas convicções; nem o terror nem o arrependimento fizeram dobrar o coração impassivel d'aquelle heroico soldado da reforma.

Wiclef, protegido d'Eduardo III., rei d'Inglaterra, foi um inimigo furioso dos papas. Tomando a peito a causa do seu protector em uma controversia, suscitada entre elle e o papa, passou depois a atacar o poder temporal e espirital de Roma, e a proclamar a sujeição da Igreja ao estado. Collocando a revolução sob a egide da auctoridade temporal, este homem foi mesquinho e inconsequente na sua doutrina, como os

seus predecessores. No despotismo dos reis nada havia para elles que reformar! Estes insultos á boa logica, ao senso commum, á moralidade e á liberdade dos povos, acharam finalmente nobres vingadores em Wat Tyler, John Ball, e Jack Straw.

Proclamando a abolição da escravidão; a liberdade plena de comprar e vender; a supressão de todos os direitos feudaes e vexatorios; a substituição d'uma renda fundada sobre o producto das terras, em lugar das corvéas e servidões pessoas, a redução das rendas das terras, que os senhores extorquiam aos colonos; estes homens fizeram tremor a Inglaterra com cem mil revoltosos. John Ball e Wat Tyler iam ainda um pouco mais adiante, pedindo a extincção das hierarquias nobiliarias, e uma justa repartição da propriedade, accumulada nas mãos da aristocracia feudal. A pesar da justiça d'um programma tão sympathico, o movimento britânico foi suffocado em 1381 por meios traiçoeiros e infames. Concessões feitas, e retractadas depois da dispersão dos insurgentes; a amnistia violada; Wat Tyler assassinado; Tressilian passeando forcas por toda a Inglaterra, e suppliciando milhares de revolucionarios, que tinham deposto as armas em face d'uma amnistia regiamente garantida; foram os meios com que a aristocracia normanda affogou por um momento a insurreição.

Dos escriptos de Wiclef nasceram as predicas de João Huss. As doutrinas d'este martyr religioso apresentam a mesma physionomia que as de seu mestre: são um vehemente protesto contra a auctoridade dos papas, as desordens da Igreja, as riquezas do clero, e os abusos das ordens monasticas. O reformador nem foi hostil aos nobres, nem aos ricos; pelo contrario abrigou-se sempre sob o escudo da aristocracia secular. Professor de theologia na Universidade de Praga, confessor de Sophia, rainha de Baviera, deveu a sua condemnação no concilio de Constança ao odio que lhe votavam os frades, cujos vicios deplorara. João Huss estava além d'isto indisposto com muitos dos seus antigos collegas da Universidade, que se sentavam no Concilio. Defensor das prerogativas da Universidade de Praga, que pretendia subtrahir á jurisdicção de Gregorio XII, que seus collegas servilmente adulavam, dissentindo d'elles em muitos pontos das subtilidades dogmaticas, controversias religiosas, em que mais duma vez a

perseguição, a intriga, e o cadafalso substituíram as armas da discussão e da logica; *João Huss* foi a victima expiatoria, sacrificada aos rancôres mal disfarçados d'um Concilio, que se dizia infallivel e impeccavel. Condemnado ao fogo, com seu amigo *Jeronymo de Praga*, *João Huss* teve uma morte digna da firmeza das suas crenças. Inflexivel diante das chammas, como o fora diante do Concilio, o illustre martyr da Bohemia não quiz confessar-se culpado, sem que primeiro o tribunal de sangue, que lhe tinha lavrado a sentença do mais affrontoso passamento, o convencesse logicamente dos seus erros. Bem previra elle a impotencia moral d'aquelles homens, que em vez de discutirem placidamente, e abraçarem os pontos da reforma, que o senso commum aconselhava, foram para um Concilio gladiar-se, e rasgar uma por uma as paginas da fraternidade evangelica.

V.

Era o anno de 1517, quando *Martinho Lutero*, nascido em Eissében na Saxonia, religioso da ordem dos eremitas mendicantes de S. Agostinho, e professor de theologia na Universidade de Wittemberg, surgiu das cinzas ainda quentes dos Hussitas, armado do livre exame, e d'uma temivel erudição. Leão X sentava-se então na cadeira de S. Pedro. Maximiliano I, principe da casa d'Austria era rei dos romanos, e imperador d'Allemanha; e Frederico o *sabio* era o eleitor de Saxonia.

Felizes foram os presagios, que precederam a entrada d'aquelle homem no grande drama revolucionario, que imprimiu no espirito humano uma violenta e duradoura commoção. Os turcos assenhoreando-se de Constantinopola em 1453; as letras gregas espalhadas na Europa pelos fugitivos do baixo imperio; *João de Guttemberg* inventando a imprensa, em Mayença, em 1440; um mundo novo descoberto e conquistado por Colombo, e Cabral; o Concilio de Constança apeando do throno pontificio os trez ambiciosos Innocencio VII, Bento XIII, e Alexandre V; que se inculcavam ao mesmo tempo como os legitimos e infalliveis successores de S. Pedro; o Concilio de Bale proclamando a superioridade dos concilios sobre o papa, e cortando pela raiz antigas controversias, que por muito tempo obscureceram o horisonte religioso d'uma theologia turbulenta: — tal fôra o brilhante cor-

tejo de prodromos, que annunciaram a vinda d'esse frade exterminador, que a pezar do seu genio audacioso não deixou de peccar por mesquinho e inconsequente, como todos os revolucionarios, exclusivamente religiosos.

O monge de Wittemberg atacando de frente a supremacia papal, e proclamando a emancipação religiosa do homem, prégava ao mesmo tempo a obediencia passiva ao poder temporal, e endeusava o despotismo dos reis, sanctificando a doutrina do direito divino. Desgraçada contradicção! inexplicavel obcecção! Uma vez preconisado o direito de resistencia e do livre exame, uma vez proclamado o direito d'insurreicção contra o absolutismo atrophiante dos pontifices, era necessario, para honra da intelligencia humana, que a logica popular fosse discutir em frente dos thronos os actos da realeza, e pedir contas aos reis das humiliações e vexames, em que tinham agrilhoadas as populações escravizadas.

Tudo era extraordinario em Lutero: talento superior, genio elevado, memoria immensa, paciencia a toda a prova, coragem acima de todas as vicissitudes humanas. Como theologo seguia S. Agostinho, mas preferia sempre as decisões litteraes da escriptura ás interpretações da razão humana, muitas vezes desviadas da verdade, por sophisticas subtilizas.

Já vacillante pelas guerras do seculo XV, e pelos escandalos de Rodrigo Borgia, que foi entre os papas, o que Nero foi entre os imperadores romanos, a cadeira de S. Pedro nutava de novo nos seus cimentos, pelo trafico desenfreado das indulgencias, destinadas a esteiar os esplendores de Leão X. João Fetzel prégando em Allemanha as famosas indulgencias, que perdoavam, a quem as comprasse, todos os peccados, passados, presentes e futuros, de qualquer ordem que fossem, accendeu no peito de Lutero uma nobre indignação contra o vil impostor, que assim ridiculisava o mais augusto privilegio do divino redemptor da christandade. A maior parte d'Allemanha submete-se com entusiasmo á palavra eloquente do ousado reformador. A Suissa abraça a reforma pela propaganda de Zwingle; e na Suecia Gustavo Vaza, o principe valente, e generoso patriota, e na Dinamarca Christiano II, ambos abraçam convictos as novas idéas, que os subtrahiam victoriosamente á ferrea pressão dos sanctos padres. Na França Margarida rainha de Navarra, e irinã do infeliz Fran-

cisco I, na Grã-Bretanha Henrique VIII, cada um por motivos peculiares, se esforçam por derrocar a auctoridade do pontifice faustoso.

Entretanto Leão X, ao principio entorpecido pelos prazeres enervantes da sua Capua prostituida, acorda finalmente aos plangentes gemidos dos poucos cortezaões, que tinham previsto todo o alcance das predicas incendiarias de Lutherero. Publicando um edicto particular, em que mandava reconhecer o poder que tinha de perdoar todas as especies de penas, devidas a peccados, qualquer que fosse a sua natureza, o papa confiara plenamente na arma infernal da excommunhão, para conter na obediencia os desordeiros. Porém o tempo do terror era passado, e Lutherero, zombando das iras do vaticano, appella do papa para um concilio. Não obstante a sua heroica resolução, Lutherero esteve pouco depois prestes a conciliar-se com Leão X, pela tactica cortez de Miltitz, habil agente da cõrte romana. E se não fossem as disputas imprudentes de Eckius sobre o livre arbitrio, que contrariavam e insultavam as fundas convicções do professor de Wittemberg, talvez que a reforma tivesse então sido suffocada, e que o intrepido revolucionario d'Allemanha trocasse o glorioso papel de tribuno por alguma elevada gradação, na hierarquia pomposa da cõrte pontificia.

Eckius, despeitado pelos triumphos, que Lutherero obtivera sobre elle em públicas discussões, obteve finalmente, ajudado pelos frades, uma bulla, datada de 15 de Junho de 1520, que declarava hereticas 41 proposições das obras do reformador, condemnava ao fogo seus escriptos, e intimava-o, sob pena d'excommunhão, a retractar-se em 60 dias, e a render-se á clemencia do papa. Foi então que Lutherero se elevou a toda a altura da sua coragem audaciosa. A 10 de Dezembro de 1520 fez accender, fóra de Wittemberg, e em presença do povo reunido, uma fogueira, em que queimou a bulla, as decretaes e os canones, que definiam a supremacia papal; declarando solemnemente, que não se reconhecia por subdito de Roma, e que era superflua a excommunhão, que todos os dias se esperava; porque quem lança publicamente ao fogo o codigo, que encerra as leis de seu soberano, prova que se não submete a elle; e quem se retira voluntariamente d'uma sociedade, não tem necessidade de ser d'ella expulsado. Leão X res-

pondeu á logica severa e turbulenta do reformador com uma bulla, datada de 6 de Janeiro de 1521, que lhe infligia a pena d'excommunhão, por ter insultado a majestade do papa, e negado a sua supremacia.

Luthero até então só se separara da Igreja, no ponto em que ella julgava o papa infallivel; e de nenhum modo da Igreja universal, a cujas decisões se curvaria, logo que fosse legalmente representada em um concilio geral, livre e legitimamente reunido. Mas o orgulho de Leão X e o zelo desastrado de seus agentes decidiram-no a uma completa separação. Lançando os alicerces da igreja Lutherana, com principios oppostos aos de Roma, e com uma disciplina mais conforme ao espirito e preceitos do evangelho, Lutherero foi principalmente coadjuvado por Melancton, caracter nobre, e sabio consummado. O nome de protestante, que ainda hoje conserva esta seita poderosa, veio-lhe d'um protesto, que lavrou contra as decisões da dieta da Spira, e em que apelava para um concilio, e para Carlos V, rei d'Hespanha, e imperador d'Allemanha.

Depois de trinta annos d'intrigas e guerras de religião, depois de muito sangue derramado, e de muita victima immolada aos rancores do papado, e ao fanatismo vandálico dos revoltosos, concluiu-se em Augsburg a famosa paz da religião, a 25 de Setembro de 1555, e nove annos depois da morte de Lutherero. Garantiu-se aos protestantes o livre exercicio da sua religião, a emancipação da jurisdicção papal e episcopal, e liberdade completa de religião e culto externo para todos os subditos allemães. Esta paz é memoravel não só pelo triumpho completo do protestantismo, mas tambem porque poz termo a 30 annos de disputas religiosas entre o poderoso Carlos V. e varios principes d'Allemanha, que seguiam as partes da reforma: litigios desastrosos, que affligiram por muito tempo a Igreja e o imperio e que quasi fizeram soçobrar a nau da religião pela impericia, ambição, e despotismo de Leão X, e de seus predecessores.

VI.

Ao lado da revolução religiosa surgira o tremendo spectro da revolução social. Nem a palavra auctorizada de Lutherero, que deixara furtivamente o seu mysterioso captivo de Wartbourg, que allegoricamente designava a sua ilha de Patmos; nem a deser-

ção do veneravel Carlostadt e do generoso Melancton, que acolheram ao principio com sympathia a doutrina dos communistas, foram capazes d'atrophiar o movimento insurreccional dos anabaptistas. Thomaz Munzer, discipulo de Nicolau Stork, deduzira da egualdade dos fieis diante de Deus, do principio da paternidade christã, a egualdade politica absoluta, a abolição rapida de toda a auctoridade temporal, a espoliação geral, e a communidade dos bens. Ardente, entusiasta, e intractavel, como todos os fanaticos, que não transigem, Thomaz Munzer assassinou por suas mãos a mais generosa das revoluções, porque não soube adaptar ao espirito do seu seculo sómente aquellas idéas que se podiam realisar. « Nós somos todos irmãos, dizia o eloquente tribuno, e não temos senão um pae commum em Adão. Donde procede por conseguinte a differença de hierarquia e de fortuna, que a tyrannia poz de permeio entre o povo e os grandes do mundo?! Porque gemeremos nós na pobreza, e seremos opprimidos pelos trabalhos, em quanto que elles nadam na abundancia! Não temos por ventura direito á egualdade dos bens, que devem naturalmente ser repartidos sem distincção entre todos os homens? A terra é uma herança commum, onde temos uma parte, que nos roubaram. Que nos mostrem, se são capazes, o contracto, em que fizemos a cessão da parte, que nos pertence na herança paterna. Restituinos, ricos do seculo, avaros usurpadores, os bens de que injustamente nos espoliastes! Não é só como homens, que temos direito a uma egual distribuição, é também como christãos »

Foram estas deploraveis exagerações, que fizeram abortar a celebre *guerra dos paisanos*. Thomaz Munzer foi o infeliz precursor das utopias communistas do seculo XIX. O martyr do communismo do seculo XVI deveria ter-se contentado com as pretensões razoaveis dos paisanos, que, em numero de 40 mil, estiveram a ponto de radicar triumphantemente as suas doutrinas em toda a Allemanha. O direito de escolher os seus pastores entre os pregadores do evangelho; a redução dos dizimos, e a sua applicação ao sustento dos ministros da religião, ao pagamento dos subsidios communs, e ao allivio dos pobres; a extincção da servidão, fundada na redempção de todos os homens pelo sangue de JESU CHRISTO: o direito de caça e de pesca, consequencia do imperio, que

Deus deu ao homem, sobre todos os animaes; a moderação das corveas; o direito de possuir terras, e de as arrendar por condições razoaveis; a redução dos impostos, muitas vezes superiores aos productos; a justiça e equidade nos tribunaes, substituidas ao favor; a restitução de pastagens e logradouros communs, usurpados pela nobreza; a suppressão dos tributos pagos ao senhor pela viuva e orphão, quando tinha logar a morte do pae de familia: taes eram os artigos principaes, que compunham o programma dos paisanos.

A derrota de Munzer em Frankenhausen foi seguida de desastres continuados, em que succumbiram mais de cem mil paisanos, immolados, em terriveis represalias, ao furor indomito da aristocracia victoriosa. Os esforços posteriores de Mathias, Melchior Hoffman, e João de Leyde, continuadores desgraçados das theorias subversivas de Thomaz Munzer, não foram mais que pretextos da parte da nobreza rancorosa, para involver no mesmo anathema o communismo exagerado e as reformas politicas e sociaes, que a razão e a justiça aconselhavam. Se o programma, que acima transcrevemos, houvera triumphado na Allemanha, o seculo XVI teria aptecipado a gloriosa revolução de 1789; e talvez, que o espirito público, meditando e modificando as doutrinas de Thomaz Munzer, já hoje tivesse resolvido os dois mais momentosos problemas, que agitam o seculo XIX: fallo da reorganisação da propriedade, sem extinguir o direito absoluto, e da abolição da auctoridade, pela simplificação lenta e gradual dos poderes do estado, e pela descentralisação, tanto administrativa, como politica.

VII.

Quizera ainda, meu caro redactor, fallarvos da revolução franceza de 1789; quizera fazer-vos palpitar o coração d'enthusiasmo, e encher-vos de respeitosa admiração pelos nomes venerandos de Mirabeau, Camillo Desmoulius, Girondinos, Danton, Robespierre, e Convenção. Quizera, que me visseis avaliar o quadro terrivel, e ao mesmo tempo glorioso da democracia, os seus feitos heroicos, o tempo do terror, da coragem civica e militar, da abnegação individual, do fanatismo politico, e das paixões revolucionarias. Mas esta epocha da historia da humanidade é sobremoda conhecido, e diffe-

rentemente avaliada; e não são de certo as paginas do vosso jornal, exclusivamente litterario, as que devam comportar a sua analyse, que se ha de resentir d'uma opinião individual.

Crêde, meu bom amigo, que as minhas convicções estão tão firmes e inabalaveis, como na hora em que o estudo e a reflexão pela primeira vez as enraizaram. Lamento as deserções deshonrosas, que os transfugas mercenarios todos os dias estão fazendo para o campo das ignobeis especulações. Lamento as opposições acintosas e pessoaes, com que o jornalismo portuguez desacredita a causa do progresso, desconhecendo a verdadeira missão d'uma propaganda evangelizadora. Lamento o moral entorpecimento, que invadiu o organismo d'uma sociedade sceptica, e que só tende a materialisar-se. Lamento o desamor pela instrucção, e o menosprêzo pela iniciativa popular. Lamento finalmente, que a mocidade esperançosa se vá tomando da lepra, com que os velhos desmoralizados nos querem corroer as entranhas. Ha ainda nobres caracteres em Portugal; mas uma parte é impotente, e vive da beatifica contemplação dos seus passados feitos; outros, desesperando do futuro, transigiram com o ocio, que os annos e os trabalhos necessitam.

Entretanto, meu redactor, não deveis suppôr, que descreio do futuro. A Providencia vela pela humanidade, e os tribunos nunca faltaram, quando o imperio das circumstancias os reclama. Mas o que é facto, é que as revoluções só são duradouras, quando o espirito público está d'antemão preparado. Ora é a esses trabalhos preparatorios, que eu quizera ver votados todos os que se dizem religionarios da nobre causa do progresso.

É tempo de pôr termo á minha carta. Desejo-vos, meu redactor, uma feliz terminação da vossa carreira academica. Como é provavel, que uma longa distancia nos separe para sempre, peço que conserveis sempre uma benevola recordação do vosso camarada nas armas, companheiro nas letras, correligionario nas crenças, e amigo dedicado.

Castello de Vide, Junho de 1855.

J. A. Sanctos e Silva.

Meu Caro Amigo e Collega.

Quizera responder-vos largamente, como exigia a natureza do importante trabalho,

que tivestes a bondade de me offerecer; quizera acompanhar-vos nessa magnifica ascensão pelo tempo e no espaço através dos grandes feitos da historia; mas nem o tempo me sobeja, nem ha já logar para mim nas columnas d'este jornal, que com este numero acaba o seu tyrocínio d'este anno.

O tempo, meu caro collega, que não deixou, que consummassem a sua missão na terra esses grandes vultos historicos, que vós fostes desenterrar do fundo do sepulcro, para os levantardes diante de mim, em todo o esplendor da resurreição, arrebatá-nos, tambem a nós, filhos perdidos d'este seculo, para outros destinos, e quem sabe se para outras regiões.

Para onde vamos e quando havemos de repousar d'esse arrojado vôo pelos dominios da vida e da intelligencia? Problema insolúvel, que tem feito, e ha de fazer sempre o tormento das gerações!

A historia foi sempre para mim um grande e sublime mysterio. Em cada uma de suas paginas julgo ver uma revelação da luz divina. Em cada ferida, que goteja do corpo do martyr uma aureola brilhante d'um melhor futuro; em cada rasto de sangue um rasto luminoso por onde se ha de chegar um dia á terra da Promissão.

Terra invejada de nossos paes quando has de surgir do meio das nuvens, que te cercam?

Sonho dourado dos prophetas e dos heroes, quando has de ser uma realidade? Sahe-o só aquelle, *que accendeu essas immortedoras luzes, que são outros tantos testemunhos da sua infinita omnipotencia*; é um trecho da vossa penna que acabo de citar; fallando de Deus sabeis sempre elevar-vos a toda a altura d'esta sublime criação da intelligencia.

Mas a humanidade caminha sempre; vós não sois d'esses, que renegam do futuro, dos que dormem um placido somno no meio dos abysmos, que os cercam, vós, meu nobre amigo, velaes no remanso da noite, e no meio das ardentes occupações do dia; porque sois ao mesmo tempo medico do corpo e da alma; e com a mão sempre no punho da vossa espada, como quem adivinha um grande cataclysmo, e uma nova era de transformação, aguardaes a hora terrivel do combate.

Para que é pois declinar o logar, que vos pertence á frente da nova cruzada, que se vae lentamente organisando, em despeito

dos ambiciosos, dos intrigantes e dos corruptos?

Quando o navio do estado vae desgarrado e perdido no meio das ondas, a Próvidencia confia sempre ás arrojadas concepções do genio, o arrancar o navio do meio dos escolhos.

Vós todos, que vos sentís animados de fé, de coragem, e de constancia, não esperéis, que vos levantem sobre o pedestal, e que vos cinjam os rins com as vestes do martyrio; não hesiteis um só momento em vos apoderar, mesmo sem mandato, d'esse poder que se debate nas convulsões da agonia, e em dizer a esse corpo social quasi inanimado o que o CHRISTO dizia ao Lazaro; « levanta-te. »

As nações são como os individuos; precisam d'estimulos fortes, energeticos, poderosos; senão, morrem d'inanição como morreram os grandes povos da antiguidade.

Agradeço-vos, meu caro amigo, o juizo, que formaes do meu character e das minhas intenções; aprecio tanto mais este vosso juizo, quanto sei, que não sois prodigo em manifestações d'affectio; com tudo é possível, que os meus inimigos me accussem de saltar por cima dos limites da modestia, publicando essas linhas com que vos approuve patentear-me a vossa estima; pensei nisto antes de me resolver a publicar a vossa carta, mas vós recommendaveis-me com tanta instancia que a publicasse sem lhe *eliminar uma só palavra*, que puz de parte os meus escrúpulos, para satisfazer o desejo de vos obedecer.

A vossa carta, veiu fechar com chave d'oiro o ultimo numero da REVISTA; o público deve apreciar-a, porque ella o merece.

Reservo-me para o 3.º volume da REVISTA, o responder-vos mais extensamente analysando, como vós o fazeis á luz da philosophia da historia e das minhas convicções os grandes factos sociaes de que vos occupaes; póde ser que então me desvie um pouco do trilho, que seguistes, e que na apreciação dos nobres caracteres, que desenrolastes deante de mim, com todos os seus crimes e perfeições, eu seja menos severo do que vós o fostes.

Adeus, meu caro amigo, d'essa amizade nobre e franca contra a qual serão sempre impotentes todos os favores da fortuna, todos os rigores da adversidade.

Vosso camarada, collega e amigo.
Coimbra, 11 de Junho de 1855.

Alexandre Meyrelles.

SAUDADES A COIMBRA.

Sou quasi teu filho, amei-te
Da vida no alvorecer;
De Minerva o sacro leite
Por tuas mãos vim beber.

J. DE LEMOS.

I.

Sumiu-se o dia derradeiro e sancto,
Era que almo incanto, que eu amei,—perdi;
De negras nuvens assomou vestida
Noite da vida, que a gozar vivi.

Eis ermo! Eis nada, o meu jardim d'enganos,
Que o sol dos annos resequiui, —desfez!
Toldou os astros do meu Céu formoso,
Crepe luctuoso de feral viuvêz.

Ebrio de encantos, mocidade e amores,
Só vendo flores d'eternal jardim,
Quem póde louco levantando a fronte
Ver o horisonte nem sonhar um fim?

Vogava manso sobre mansas aguas;
Riso sem maguas em divino ermar,
Sorrindo ás margens, namorando as faias...
Não vendo praias, nem sentindo o mar.

Eis-me entre as ondas sem pharol, sem norte,
É lei da sorte, que não cede aos ais!
Chorai meus cantos, não deixéis no olvido
O Eden perdido para nunca mais.

II.

Medonha vai a noite; o vento em furia
Na quebrada do monte ao pé do rio
Canta dorfidos ais nas rochas concavas,
Treme nos salgueirais, geme nos robles,
Açoita as aguas, e agglomera nuvens.
As horas do silencio, as horas mortas,
São da saudade amigas; porque o vento
Impõe aos tectos luctuosos prantos,
Pede á cidade angustiosas queixas,
Não hei-de dar-lhe o meu adeus de filho?
E não são vossa imagem, vosso espelho,
Tempestades d'est'alma, o vento e as trevas?

Vamos — os ais da noite tempestuosa
São hymnos meus; quero de perto ouvil-os.
Vamos — you ver em face o negro abutre,
Que, ao saccudir humedecidas azas,

Arroja á terra innundações frementes,
E quando entre-abre as resequidas fauces
Respira furacões, vomita incendios.

III.

Sahi, — que cerrado escuro!!
Torce-se o vento arquejante!
Com passo incerto, inseguro,
Sondo as trevas, sigo ávante:
Como por divino encanto
Delgaça-se o escuro manto,
Volve o azul de novo ao Céu,
D'astros o Céu se allumia,
E eu... já tinha companhia,
Era a minha sombra, — e eu.

Olho o infindo espaço aéreo,
Todo luz o ethereo assento!
Desaba a tormenta, o imperio,
Eo vento?... sumiu-se o vento! —
Cantam aves nas balseiras,
Desdobra a flor nas rozeiras,
E o rio em luz se accendeu;
Segue o incenso as harmonias,
Terra e Céu canta alegrias,
Tristeza e lucto — só eu.

Não vê a terra allumiada
Dos astros do firmamento,
Quem leva a mente abrasada
Nas chamas d'um pensamento.
Dormia inteira a cidade,
Ao *Penedo da Saudade*
Levou-me o destino meu;
Tudo era melancholia,
Vall'!! — perfumes! — harmonia!
Aves, flores, prado, e Céu.

Olhei esse Eden para mim perdido,
Jardim florido de saudade e amor!...
Era a sahida do paiz do encanto!!
Não tive pranto, que afogasse a dôr!!

Em cada roble, que povôa o monte,
Na flor, na fonte, no luar, no Céu,
Reli as folhas de truncada historia,
Triste memoria do que já foi meu.

Adeus, ó templo de perennes prantos,
Que tens por cantos lacrimosos ais,
Vim tantas vezes suspirar contigo!...
Ai vall'amigo! — para nunca mais!

Sumiu-se o astro radiante,
Eis morta da vida a flor!

Como é curto, é nada o instante
Do rir, que precede a dôr!
Vou ao paiz da orphandade!
Adeus luz de liberdade,
Vida de eterna saudade,
Nascida d'um longo amôr!

Oh! vamos! vai alta a noite,
E os astros brilham nos Céus,
Não silva do vento o açoite,
São livres os prantos meus:
Quero a cada monumento
Pedir em luctuoso accento,
Trova que seja um lamento,
Notas d'um sentido adeus.

IV.

Dorme a risonha Coimbra.
Quem ha, que tenha sônhado
Paiz formoso encantado,
Que o não encontrasse aqui,
Nesta cidade indolente,
Que aos raios do sol nascente
Acorda, mira-se, e ri?
Neste paiz de verdores,
Onde os sonhos são — delirios!
Quaesquer sorrisos, — amores;
E quaesquer dores, — martyrios.
Tudo extremo e nobre e grande,
Que o genio, que aqui se expande
Tem de correr todo o espaço
No tempo minguado, escasso,
Que tem de vida a vivêr;
E, ou ha-de em fogo expandir-se,
Ou confrangir-se e morrer.

V.

Corri longamente nos campos, nos bosques,
Nas margens do rio, que argenteo corria;
Nas ruas desertas, viuvas de vida,
Como eu, de ventura, — como eu, d'alegria!

Em cada vetusto, rugoso moimento
Quiz lêr uma historia de nobre poesia:
Toldavam-se os olhos, truncavam-se as letras,
Só lia saudades d'um bem, que perdia.

Vaguei longo tempo, a lua
Foi-me á tristeza fiel,
Cubrindo em pallido manto
O triste vario painel;
Amei o quadro tristonho,
Com toda a illusão d'um sonho,
Com todo o ardor da verdade,

Todo o pungir da saudade;
Que a mente tudo abraçava,
E o coração todo amava.

VI.

Vejo além na encosta, ao longe
A pobre cella do monge
Do *ermo dos Oliveas*;
Morou dentro a penitencia,
O cilicio, a oração;
Tinham por jardins e prados
Fundos abysmos cavados
Do *Vall' da meditação*.

Aqui... do antigo *castello*
Nem as ruinas se encontram...
E tem um nome na historia!
— D'um passado grande e nobre,
Um nome terreno e pobre!
Eis o que resta da gloria!

Eis o augusto *capitolio*,
Da sciencia templo e solio,
D'onde *Minerva* nos chama;
Aqui, — sem sangue, nem dores,
Sancto imperio, sem clamores
Se conquista, se proclama;
Aqui a vigilia, o estudo,
Trabalho e livros, (*) eis tudo
Que ha, por armas, e broqueis,
E nesta liça das almas

Se ganham virentes palmas,
E sempre verdes laureis.
Aqui de terras distantes
A buscar dom divinal,
Mandam seus botões fragrantos
Os rosaes de Portugal.
E aqui alto genio impera!
Que neste jardim sagrado,
Entram, — flor de primavera,
Saem, — fructo sazornado.

Além *sancta* a caridade
Abriu *asylo á orphanidade*,
Deu pais a quem os perdeu;
Sem terem na vida um porto,
Morriam ao desconforto,
Acharam na terra um Céu.

Alli no velho mosteiro
Jaz a funerea morada,
Aonde *Affonso primeiro*

(*) *Ductores liberi; miles et arma, labor.*

Tem por guarda e companheiro
Do *filho* a sombra mirrada!

Alem a *Rainha Sancta*,
Que viu entre as mãos formosas:
As cruces do ouro, viçosas,
Pão de tantas infelizes,
Desdobrou-se o ouro em rosas
E aroma teve, e matizes!...
.....
Vêde que em premio descança
Neste vergel dos amores,
Onde eterna a primavera
A cerca de eternas flores!

Aqui, do *Mondego* as aguas
Tristes da lua ao palôr!...
Se tendes um pranto, ó maguas,
Pagai-lhe um feudo d'amor!...
— Como correm indolentes
Priguiçosas, namoradas
Das alamedas virentes,
De choupos e salgueirais!
E da *fonte dos amores*
E da *lapa dos esteios*,
Dos robles, do Céu, das flores
E dos argenteos areaes...
.....
Terra dos meus devaneios
Não te heide ver nunca mais?

VII.

Adeus aura embalsamada!
Beijas-me a fronte abrasada
Agora a ultima vez;
Adeus mocidade, e ardores!
Adeus *Mondego*, adeus flores,
Adeus ó fonte d'Ignêz!

Meus mestres sempre lembrados
Por vós me foram guiados
Os deveis passos primeiros!
— Primogenitos da sciencia!
— Amigos e companheiros,
Dou-vos da vida as saudades,
Meus fulgores derradeiros.

Um ai por ti, templo idolatra,
Onde nós fieis amigos
Fingimos venturas, p'rigos,
E extremos d'intenso amor;
Onde após mentidos odios,
Mentimos um dó profundo,
E sempre alheios do mundo,
Calcamos, sorrindo, a dôr! —

Quem vem sentar-se por mim
No meu logar ao festim?
Onde as mais fragrantas *rosas*
Formam grinaldas formosas,
Sempre... e talvez mais viçosas,
Que aqui mesmo é seu jardim!

Coimbra, que o Ceu benigno
Esmalte de eterno riso
Dos anjos a côrte esplendida,
Que formam teu paraíso.
Sego ás tuas meigas flores
Saudades — ventura — amores.

VIII.

Meus chorados companheiros!
Os accordes derradeiros
Das harmonias da vida,
Ja se perderam no ar.
Eu sonhava acalentado
Por hymno augusto, sagrado;
Foi a mudez do silencio,
Que me veiu despertar.
Vejo entre as sombras do ermo
Assomar em raio inferno,
Dubia luz, d'aurora incerta,
Da vida, que vai raiar.
Esse clarão anuviado,
É do futuro, — é sagrado.

T. A. Ribeiro.

DESPEDIDA

AOS MEUS AMIGOS.

I.

No alvorecer da vida — inda na infancia
Sonhei mil sonhos de visões formosas,
Sonhei que se alastrava entre perfumes,
Da vida a estrada com jasmims e rosas.

Sonhei que nos jardins d'esta existencia
Nunca o martyrio colheria aqui,
Nem a penosa c'rôa dos espinhos,
Que um dia á frente a enlaçar-se eu vi!

E nas lides do estudo, e nas da gloria
Sonhei ganhára verdejante a palma:
Na gloria acreditei — na do talento
Que as pulsações lhe presentia n'alma!

Sonhei amores, castos uns... tão puros...
Que eram imagem d'um amor do Céu!
Outros na mente estuando em vivas chammass
Febrís... immensos... desenhei-os eu!

Em sonhos no banquete da alegria
Sentei-me — e a esperanza se assentou comigo
Cada labio alli falla d'amizade,
Cada conviva estende a mão d'amigo!

Sonhei — o sonho extingue a realidade,
As folhas leva o turbilhão á flôr,
O dia apaga o brilho das estrellas,
Succumbe a crença sobre o altar da dôr!

II.

É a vida triste e curta,
E as horas rapidas vão,
E cada hora passa e furta
Uma crença, uma illusão!
Da vida fatal problema
Em que hoje soffre e blasfema
O que hontem riu e cantou;
Em que o côro d'uma orgia
Entre os brados da agonia
Ao mesmo espaço voou!

Ai! meus dias d'innocencia,
Ai! meus sonhos que perdi!
Não pagam ouro, nem sciencia
Gozos que nelles bebi;
Cada dia é mais um laço
Que se parte — e a cada passo
Ha na vida a decepção;
É martyrio o sentimento,
A intelligencia um tormento,
Um inferno o coração!

Um inferno!? — e não — quem sabe!?
É d'esta dôr o pungir,
Que no peito não me cabe,
Vem dos labios a sahir.
É — que o sonho, o só... tão querido
Em que acordado hei vivido
Morre nesta hora fatal!
Era o culto da amizade,
De que só fica a saudade
Por padrão e por fanal!

Amigos — sonhado havia,
Achei-os, — perco-os em fim...
Prender-nos a sympathia,
E vel-os partir assim!
E dias tão bem vividos,
E mil gozos compartidos,

De que amigos vos lembraes,
E esse tempo tão saudoso,
Esse passado ditoso
Não reviver nunca mais!

É triste, meu Deus, e custa
Tanto esta dôr a soffrer;
Que se a affeição é robusta
Ai, que mais custa a perder!
Coragem — seguís o trilho
D'estrada d'immenso brilho,
A gloria espera por vós;
E devêra do futuro
Que tendes radiante e puro
Fallar-vos só esta voz!

Meus irmãos, partís — qu'importa
Se era fatal o partir?!
Mas não fique a esperança morta
De mais risonho porvir!
Comigo fica a lembrança
D'um affecto, que não cança;
Levae comvosco essa flôr —
É triste, mas tem encanto,
Porque é bem doce este pranto,
Porque ha prazer nesta dôr!

Ernesto Marecos.

REFLEXÕES SOBRE O THEATRO ALLEMÃO.

Continuado de pag. 151.

Uma outra suppressão mais importante, a que tive de sujeitar-me, foi a de diversas scenas aonde *Schiller* apresentava simples soldados, uns no meio da revolta, e que *Wallstein* fazia por ligar ao seu partido, outros, a quem um general, subornado pela côrte, induzia a que assassinassem *Wallstein*. São notaveis pelo seu laconismo e energia, as scenas dos assassinos de Banco no *Macbeth*; as dos assassinos de *W.* tem um outro genero de merecimento. A maneira por que *Schiller* desinvolve as razões, que se lhes offerecem, e gradua o effeito, que sobre elles produzem estas razões; a lucta que se trava em almas implacaveis na affeição e na cubiça; a finura com que proporciona os seus argumentos aquelle que abusando da sua intelligencia, não cultivada, lhes faz vêr no crime um dever, e no reconhecimento um crime; o empenho que têm de se apoderar de tudo quanto pôde desculpá-os a seus proprios olhos, uma vez determinados a der-

ramar o sangue do seu general; a necessidade que sentem estes corações corrompidos de se illudirem a si mesmos, e de enganar a sua propria consciencia dando ao attentado que vão commetter uma côr de justiça; finalmente o raciocinio que os decide, e que decide, em differentes situações, tantos homens que se julgam honestos, a practicarem acções que um sentimento superior condemna, tudo isto é d'um effeito admiravel, tanto moral como dramatico. A linguagem porém d'estes assassinos é vulgar, como é o seu estado e sentimentos. Seria faltar á verdade dos caracteres, o attribuir-lhes expressões elevadas e neste caso a nobreza do dialogo tornar-se-ia indecorosa. Esforcei-me por converter em narração o que *Schiller* poz em acção, e principalmente por fazer sobresahir a idéa principal, que impõe silencio a todas as objecções e escrúpulos. A obrigação de narrar o que, noutros theatros, se poderia pôr em acção, é um perigoso barranco para os tragicos francezes. Taes narrações raras vezes são empregadas com propriedade. O que narra não o faz como lhe cumpria pela sua situação ou interesse. O poeta, por outro lado, acha-se invencivelmente arrastado a indagar de particularidades tanto menos dramaticas, quanto pomposas. Tem-se mil vezes notado a desconveniencia da soberba narração de *Theramem* em *Phédro*. *Racine* não podendo, como *Euripides*, apresentar aos expectadores, *Hippolyto* despedaçado, ensanguentado, lacerado pela quêda, e nas convulsões da dôr e d'agonia, viu-se obrigado a fazer narrar a sua morte; e esta necessidade levou-o a prejudicar não só o verosimil mas tambem a natureza, por uma profusão de rodeios poeticos, nos quaes se não pôde alargar um amigo, nem um pôde ouvir um pae. Os côrtes de que acabo de fallar, uma multidão d'outros, cuja indicação seria demasiado longa, diversas addições, que me pareceram necessarias, fazem com que a obra, que apresento ao publico deixe de ser uma traducção. Não ha uma scena só nas trez tragedias de *Schiller*, qua eu não tenha alterado. Ha mesmo na minha peça algumas scenas cuja idéa não existe em *Schiller*. Ha quarenta e oito actores no original allemão, na minha obra ha apenas doze. A unidade de tempo e de logar, que procurei guardar, obrigou-me a tudo alterar e a refundir, posto, que *Schiller*, conformando-se com o uso do seu paiz, se tenha affastado d'ella.

Eu não quero entrar aqui n'um exame profundo da regra das unidades. Têm ellas na verdade alguns dos inconvenientes, que lhes arguem as nações estranhas. Circumscvem as tragedias, principalmente as historicas, num espaço, que lhe torna mui difficil a composição. Forçam muitas vezes o poeta a desprezar a verdade da gradação, a delicadeza dos matizes, nos successos e caracterés; predomina este defeito em quasi todas as tragedias de *Voltaire*; porque o genio inimitavel de *Racine* venceu esta, como outras tantas difficuldades. Na representação porém das peças de *Voltaire*, percebem-se frequentemente lacunas, transições demasiado repentinas. Conhece-se, que não é d'aquelle modo, que a natureza obra; não caminha com um passo tão rapido; não passa por sobre os intermediarios de tal modo.

Todavia, a pezar das faltas a que podem dar origem, as unidades parecem-me uma lei prudente. As mudanças de logar, por melhor, que sejam feitas, obrigam o expectador a dar-se conta da transposição da scena, e desviam d'este modo uma parte da sua attenção do interesse principal: apóz cada nova decoração, é obrigado a restituir-se á illusão de que o tinham feito sahir. O mesmo acontece quando se lhe faz ver o tempo, que decorreu d'um a outro acto. Nos dois casos, o poeta reaparece, por assim dizer, adiante dos personagens, e ha uma especie de prologo ou prefacio sub-entendido, que prejudica a continuidade da impressão.

Conformando-me com as regras do nosso theatro no que toca ás unidades, estylo tragico, e dignidade da tragedia, quiz permanecer fiel ao systema allemão num artigo mais essencial.

Os Francezes, mesmo naquellas de suas tragedias, que se fundam na tradição ou na historia, pintam apenas um facto ou uma paixão. Os Allemães, nas suas, pintam um caracter completo e uma vida inteira.

Quando digo que pintam uma vida inteira, não quero dizer, que elles comprehendam nas suas peças a vida toda de seus heroes; não omittem porém acontecimento algum importante, e a reunião do que se passa na scena e do que o expectador toma conhecimento por meio de narrações ou allusões, forma um quadro completo d'uma exactidão rigorosa.

No que toca ao caracter o mesmo pôde dizer-se. Os Allemães conservam no de seus

personagens tudo o que constitua a sua individualidade. Elles nol-os apresentam com suas fraquezas, contradicções, e essa mobilidade, que é inherente á natureza humana e que forma os seres reaes.

Os Francezes têm uma tal necessidade d'unidade, que lhe faz seguir um outro caminho.

(Traduc.).

Manoel Alves Guerra.

DISSERTAÇÃO PHYSIOLOGICA.

Continuado de pag. 200.

Além d'isso dos principios d'esta theoria seguir-se-ia, que, na respiração incompleta, em logar de gaz acido carbonico deveria de formar-se gaz oxydo de carbone, e tal cousa não acontece; de mais se o hydrogeneo e carbone do sangue se oxygenassem pelo contacto da atmosphaera, acidificar-se-iam o seu enxofre, e o seu azote, e teriamos formados gaz acido sulphuroso, e gaz nitroso; e se o hydrogeneo se podia combinar com o oxygeneo do ar, porque tambem se não combinaria tambem com o seu azote formando ammonia; mas em nenhuma circumstancia apparece algum d'estes gazes no ar expirado, e sómente acido carbonico, e agua; logo não podem admittir-se principios, cujas consequencias se não harmonisam com os factos; tambem d'elles se deveria seguir, que não passa oxygeneo algum para o sangue das veias pulmonares; e todavia pelas investigações de *Michaëlis* o sangue arterial tem 0,23744, e o venoso 0,23405; e segundo *Macareo*, e *Marcet* tem o primeiro 0,263, e o segundo 0,217; por consequencia tendo mais oxygeneo o arterial, que o venoso, passa aquella gaz para o sangue das veias pulmonares; se a agua se formasse no acto da respiração, e sahisse no ar expirado, não conteria o sangue em si mesmo 0,7 d'agua, e não tomaria elle um caracter mais aquoso pela extirpação, ou pela diminuição da secreção renal, ou cutanea; e não perderia pelo contrario mais agua tornando-se mais espesso, quando evacuações aquosas se tornam mais copiosas do que de ordinario, por exemplo depois de abundantes suores, na diarrhea, e cholera, ou quando diminue a nutrição, como nas febres inflammatorias, etc.

Até aqui as lacunas, que deixa a theoria

chimica e as inexactidões, e absurdos, que podem deduzir-se de seus principios; cumpre provar directamente, que as cousas se não passam no acto da respiração como reclamavam as exigencias, e pretensões d'esta theoria.

O sangue venoso contém acido carbonico; mas não se forma elle no acto da respiração; por que já vem elle formado no sangue venoso; *Parent* observou, que na sua coagulação pullulavam bolhas d'ar, que *Brande* reconheceu serem d'acido carbonico, por que perturbava a agua de cal; do mesmo se hão convencido *Humphry Davy*, *Scudamore*, *Krimer*, *Berthold*, *Reidclany*, *Vogel*, *Hunefeld*, *Nasse*, *Hoffmann*, e *Hornbeek*; e se *Stromeyer*, *Muller*, *Mitscherlich*, *Tiedmann*, e *Gmelin* não acharam, que elle se levantasse aquecendo o sangue, ou pondo-o debaixo do recipiente da machina pneumatica, provém esse phenomeno unicamente de que os gazes lhe adherem fortemente, como o demonstrou *Hoffmann*, e outros; porque lançando um acido forte no sangue, como o fazia *Hunefeld*, e *Mitscherlich*; ou agitando este ultimo com hydrogeneo, como o praticaram *Nasse*, e *Hoffmann*, era posto em liberdade o gaz acido carbonico: ora a adhesão d'este acido ao sangue é vencida durante a respiração; porque segundo *Nysten* (*Recherch. physiol. et chimic. pathol. p. 149, 160*) gazes introduzidos no sangue são expirados mesmo quando sua quantidade é pequena, por exemplo ar atmosferico, hydrogeneo, e gaz sulphurico; a agua e a camphora injectadas nas veias escapam-se pela perspiração pulmonar segundo *Magendie*; a mesma coisa acontece com o ether, e assafetida segundo *Breschet*, e *Edwards*; *Segalas* assegura, que o alcool injectado pelas veias apparece na expiração, e o mercurio, que *Gaspard* tinha feito passar para as veias, foi encontrado na trachea, e suas divisões: *Nysten* tambem observou, que o ar expirado por animaes, a quem elle tinha feito respirar o gaz azote, continha 0,01 d'hydrogeneo, ou 0,08 d'e oxygeneo, ou 0,14 d'acido carbonico segundo, que elle tinha injectado um, ou outro d'estes gazes.

O sangue venoso, como já tivemos occasião de provar, contém mais agua, que o sangue arterial; porqué a nutrição tem tirado a este as partes solidas; mas o arterial contém menos acido carbonico do que o venoso, como nos mostrou a analyse de *Michaelis*, *Macareo*, e *Marcet*; logo é mister,

que este acido tenha sido eliminado nos pulmões.

A quantidade d'agua, e de gaz acido carbonico expirados não se acha em relação invariavel com o consummo do oxygeneo do ar atmosferico; porque por exemplo augmenta ella no ar rarefeito, e quente, que contém menos oxigeneo; e quando se respira este gaz puro, expira-se ordinariamente menos gaz acido carbonico; tambem se exhala agua, e gaz acido carbonico em espaços fechados aonde o oxygeneo atmosferico não póde penetrar; sempre que a respiração é constrangida longo tempo, principalmente quando os bronchios são obstruidos por muco, pus, ou concreções, distendem-se as vesiculas pulmonares a ponto de formarem o volume de caroços de cereja; porque o gaz acido carbonico exhalado dentro d'ellas não acha sahida; e como se formou este acido carbonico pela theoria em questão?

Finalmente numerosas experiencias provam evidentemente, que o acido carbonico é expirado em gazes, em que não ha oxygeneo, como no azote, e hydrogeneo puros, e tal não devêra acontecer, se algum vislumbre de exactidão possuíssem as proposições, a que pretendeu chegar a theoria chimica: foi *Spalanzani* quem primeiro observou em vermes, e caracoes, que se exhalava gaz acido carbonico no azote puro; *Humbold*, e *Provençal* fizeram a mesma observação nos peixes; *Contanceau* e *Nysten*, depois de terem feito uma expiração profunda, inspiraram azote contido n'uma bexiga, e o expiraram pelo nariz; depois de 4 respirações semelhantes, cada uma de 50 polleg. cub., julgaram ter expellido todo o acido carbonico, que podesse ter ficado nos pulmões por effeito da respiração anterior; inspiraram então uma quinta vez na bexiga, e na expiração seguinte acharam 3 e meia a 4 polleg. cub. de gaz carbonico; e como obtivessem o mesmo resultado cada vez, que repetiam a experiencia, ficaram intimamente convencidos, que a inspiração do gaz azote augmenta antes do que diminue a secreção do acido carbonico nos pulmões; o mesmo resultado acharam *Spalanzani*, *Nysten*, e *Collard de Martigny* em caracoes, cães, e rãs.

Spalanzani, *Provençal*, e *Humbold* observaram tambem, que a inspiração do gaz hydrogeneo puro é seguida por uma expiração de gaz acido carbonico; nas experiencias de *Davy*, que tinha consummido 142 poleg.

cub. de hydrogêneo em duas Inspirações profundas, cada expiração deu 1,50 de polleg. cub. de gaz acido carbonico; *Allen*, e *Pepys*, *Nysten*, e *Edwards* chegaram ao mesmo resultado em porcos da India, cães e rãs: ora este gaz acido carbonico não poderia provir do oxygêneo precedentemente inspirado, e que ficasse nos pulmões; porque mesmo depois de ter sido expellido do pulmão com todo o cuidado todo o gaz, ainda continua de exhalar-se, e prolongando a experiencia foi em tão grande quantidade, que excedeu o volume dos pulmões, e do animal inteiro.

Quando nos precede prova amplamente, que o gaz acido carbonico, que apresenta a expiração não é formado pelo oxygêneo atmospherico no acto da hematose; e que o excedente do oxygêneo, que deveria de resultar da formação do acido carbonico, não é empregado na formação da agua, como o comportava a theoria chimica, cujos principios bem longe de satisfazer suas exigencias, implicam inexactidões, e manifesta opposição com os factos, e numerosas experiencias directas.

A theoria chimica ainda tem uma variante, que tinha por fim salvar uma das grandes difficuldades, que apresentava a de *Lavoisier*, e *Laplace*; seus auctores foram *Lagrange*, e *Crawford*, que tão convencidos se achavam da elevada temperatura, que era mister tivesse logar na combustão do oxygêneo atmospherico com o hydrogêneo, e carbone do sangue, que a suppunham capaz de queimar o pulmão; e como este não apresentava uma temperatura mais elevada, que algumas outras partes, deixaram de o considerar como séde da combustão, e entenderam achal-a nas mesmas vias de circulação; pensou *Lagrange* então, que o oxygêneo fracamente unido ao sangue nos pulmões, contrahia pouco e pouco uma combinação mais intima com elle durante a circulação, queimando durante ella o carbone, e o hydrogêneo e dando em producto a agua, e gaz acido carbonico, que vinham depois exhalar-se no pulmão: fundava-se elle em que o sangue arterial, que se encerra em tubos de vidro hermeticamente fechados, toma por si mesmo uma côr mais carregada no fim d'algum tempo; e que tractado do mesmo modo o sangue venoso, depois de o ter tornado vermelho pelo contacto do gaz oxygêneo, tornã igualmente a tomar pouco e pouco uma côr mais carregada.

Todavia invalidados ficam taes argumentos, se reflectirmos, que o sangue arterial não se faz negro fóra do corpo vivo, senão quando a putrefacção começa a apoderar-se d'elle; que até então o coagulo, a que elle tem da do origem, fica vermelho não só em sua superficie em contacto com o ár; mas tambem em toda a massa; e que a côr vermelha, e rutilante communicada pelo ár ao sangue venoso, dura assás longo tempo; porque persiste alguns dias na face do coagulo voltado primeiramente para cima, e depois para baixo; mas o que refuta completamente a conclusão, a que tinha chegado *Lagrange*, é que o sangue não se torna venoso senão atravessando os capillares: quando se praticam viviseccões os mais delicados ramusculos do systema aortico dão sangue vermelho, e negro os da veia cava; e aonde a transparencia dos vasos o permite observa-se a differença de côr no sangue, que os percorre; além d'isso admittindo esta combustão progressiva, seus productos excrecionaes ficariam misturados com o sangue até chegarem ao pulmão, e por consequencia nunca elle chegaria puro ao ponto onde se fizessem as secreções e nutrições; e finalmente prejudicada fica esta variante da theoria chimica pelas observações e experiencias, que provam que a obra da hematose se faz exclusivamente na capillaride pulmonar; e se d'argumentos carecesse a refutação de todas as theorias chemicas physicas, ou dynamicas, inconcussos foram aquelles, que se deduzem immediatamente da circumstancia de que a hematose se altera, modifica, ou se interrompe completamente conforme é lesada mais ou menos, ou exaurida a vitalidade do pulmão; pois que no cadaver dão-se todas as condições chemicas, ou podem dar-se artificialmente, e a hematose não tem logar; corta-se no vivo o preeumogastico em um, ou ambos os lados, e a hematose, ou se altera, e faz por algum tempo com summa difficuldade, ou se interrompe inteiramente, e nada d'isto devêra de acontecer se as cousas se passassem como os chemicos têm querido.

E aqui pórei um termo ás considerações, com que pensei satisfazer á epigraphie da presente dissertação, confiando, que as faltas, que nella possam deparar-se serão relevadas pela bondade do digno lente de quem muito se presa poder assignar-se

Discipulo m.^{to} affett.^o e o mais obrigd.^o

Manoel Maria Barbas.

MANUSCRIPTO

Vindo de Sancta Helena.

Continuado de pag. 217.

Eu julgava que os realistas eram homens de bem, porque elles nos accusavam de o não sermos. E particularmente cuidava, que elles eram incapazes da audacia e perversidade, que indicava um tal projecto: mas isto foi unicamente obra d'alguns ladrões d'estrada, especie d'individuos muito gabados, ainda que assim mesmo mal vistos entre os do seu mesmo partido.

Os realistas, que estavam absolutamente esquecidos desde a pacificação da *Vendée*, começavam então a apparecer sobre o horizonte politico. Era uma consequencia natural dos progressos da minha auctoridade. Eu restabelecia o reinado, e era o mesmo que pôr-me a caçar dentro das suas terras.

Elles conheciam mui bem, que a minha monarchia não tinha relação alguma com a sua. A minha estava toda fundada em factos, a sua em direitos. A sua só estava fundada em habitos, a minha não fazia caso d'elles; a minha marchava em linha com o genio do seculo, a sua trabalhava por fazel-o parar.

Os republicanos assustavam-se com ver que as circumstancias me levavam tão alto, e receavam-se do uso, que eu fazia de tamanho poder. Temiam, que eu reorganisas-se um velho reinado com o apoio do meu exercito; e os realistas fomentavam estes boatos, querendo-me fazer passar no publico por um verdadeiro imitador dos antigos monarchas. Outros realistas porém, mais expertos, espalhavam como em segredo, que eu pertendia representar a figura de Monck, e que só procurava restaurar a monarchia para fazer d'ella presente aos *Bourbons*, quando chegasse a occasião de lh'a offercer.

As cabeças fracas, que não conheciam minhas forças, davam ouvidos a estes boatos. Acreditavam no partido realista, e descreditando-me para com o povo e o exercito, começavam a desconfiar da minha adhesão á sua causa. Eu não podia deixar correr taes opiniões, porque ellas tendiam a desunir-nos.

Era preciso, portanto, desenganar a todo o custo a França, e os realistas da Eu-

ropa, a fim de que todos soubessem o que podiam esperar de mim. Pequenas perseguições contra as palavras nunca produzem senão maus effectos, porque por este modo nunca tambem se attaca o mal na sua raiz. Além d'isto, este expediente era impossivel em um seculo d'empenhos e de solicitações, e em que o desterro d'uma só mulher pôz em agitação toda a França.

Desgraçadamente para mim, offereceu-se-me nesse momento decisivo uma d'essas circumstancias do acaso, que transtornam as melhores resoluções. A policia descobriu pequenas intrigas realistas, que tinham o seu fóco da outra parte do Rheno. Uma augusta personagem se achava implicada nellas. Todas as circumstancias d'este successo quadravam excellentemente com as que me induziam a tentar um golpe d'Estado. A perda do duque d'*Enghien* decidia a questão, que agitava a França. Ella tambem aclarava amplamente as minhas intenções, assim eu a ordenei.

Um homem de muito espirito, e que podia ser aqui bom juiz, disse, fallando d'este attentado, que nelle houvera alguma cousa mais do que um crime, — houvera um erro. Mas, com o perdão d'esta personagem, eu digo, que elle foi um crime, mas não um erro. Eu conheço mui bem o valor das palavras. O delicto d'este principe infeliz limitava-se a miseraveis intrigas com algumas velhas baronezas de *Strasbourg*. Estas intrigas andavam muito bem vigiadas, e não eram perigosas nem para a França nem para mim. Elle morreu victima da politica, e d'um concurso inaudito de circumstancias.

A sua morte não foi pois um erro, porque todas as consequencias, que eu previ, aconteceram.

A guerra havia começado de novo com Inglaterra, porque lhe não é possivel conservar-se por muito tempo em paz. O territorio d'Inglaterra é já hoje mui pequeno para a sua povoação, e por isso lhe é preciso viver do monopolio das quatro partes do mundo. A guerra sómente dá este monopolio aos inglezes, porque lhes dá o direito de destruirer tudo no mar. É a sua unica segurança.

Esta guerra era vagarosa, por falta de campos de batalha. A Inglaterra via-se obrigada a alugar o continente, mas para isso era-lhe preciso tempo, sem o qual não ha colheitas. A Austria tinha levado lições tão crueis, que os ministros, por maior vontade

que tivessem de ganhar dinheiro, não ousavam propôr logo a guerra. A Prussia engodava com a sua neutralidade, e a Russia tinha feito na Suissa uma fatal experiencia da guerra. A Italia e a Hespanha, com bem poucas excepções, tinham adoptado o meu systema. O continente havia feito alto.

Nestas circumstancias julguei que o projecto d'um desembarque em Inglaterra, era o melhor expediente a que então podia recorrer; mas sem tenção alguma de o realisar, por saber, que não podia deixar de ser desgraçado: a empresa do desembarque era mui possivel, mas não o era a retirada. Não haveria um só inglez, que se não armasse para salvar a honra da sua patria; e como o exercito francez não podia receber socorro, vendo-se reduzido á sua primeira força, havia de por fim aniquilar-se ou verse obrigado a capitular. Eu tinha effectuado um desembarque no Egypto; mas um desembarque em Londres era muito mais ariscado.

Como as ameaças me não custavam nada, e não tinha então aonde empregar as minhas tropas, julguei, que tanto importava tel-as em guarnição nas costas como em outras partes. Bastou este apparatus para obrigar Inglaterra a recorrer a armamentos, e meios de defesa que a arruinavam. Nisto mesmo consegui alguma vantagem.

Em desforra, organisou-se uma conspiração contra mim, que eu attribuí aos principes emigrados; porque era verdadeiramente real. Puzeram para este fim em acção milhares de conspiradores; o que correu para que chegasse mais depressa ao meu conhecimento: os meus espias eram tão vigilantes, que me informaram de tudo dentro de vinte e quatro horas.

Como eu queria punir os individuos, que contra as leis divinas e humanas maquinavam a ruina do estado, fui obrigado a suspender a sua prisão até ajunctar contra elles uma somma de provas de que se não podesse duvidar.

Pichegru era o principal chefe d'esta conspiração: este homem, que tinha mais valor do que talentos, queria representar o papel de *Monck*; este papel era proprio para a sua estatura.

Estes projectos não me deram cuidado, não só porque conhecia até onde podiam chegar; mas porque sabia, que eram contrarios á opinião pública. Ainda que os realistas tivessem conseguido o projecto de me

assassinar, não adiantavam com isso nada. As cousas não estavam ainda maduras para elles.

Eu soube logo que *Moreau* estava complicado nesta conspiração; o que me parecia um pouco mais serio; porque elle tinha immensa popularidade. Lembrei-me de o atrahir ao meu partido, porém a sua reputação era tão grande, que não poderíamos viver em harmonia. Eu não podia ser tudo não sendo elle nada. Era necessario recorrer a algum meio de nos separarmos: elle o achou.

Disse-se geralmente, que eu tinha ciumes d'elle: eu tinha poucos; porém elle tinha bastantes de mim, e com bem fundados motivos. Eu estimava-o, porque elle era um bom militar; porém como tinha por amigos todos os que me aborreciam, que eram innumeraveis, haviam d'admiral-o como um heroê se fosse executado, e eu queria que o conhecessem pelo que elle era na realidade, quero dizer, por um homem nullo.

Os outros culpados exigiam menos precauções. Todos elles eram conspiradores por costume, de que me pareceu necessario purgar a França; o que com effeito consegui, pondo d'este modo termo ás conspirações.

Todas as pessoas de Paris, que tinham algum valimento, tomaram tanto interesse pelos culpados, que me vi importunado de todos os lados com solicitações a pedir-me o perdão de todos. Eu tive a fraqueza de mandar alguns para as prisões d'estado em vez de os abandonar á execução da justiça.

Confesso que ainda hoje me arrependo d'esta especie d'indulgencia, porque é uma fraqueza reprehensivel no Soberano; o seu unico dever para com o estado é o de fazer observar as leis. Toda a transacção com o crime se torna criminoso no imperante. O direito de perdoar não deve exercer-se com os criminosos; deve reservar-se para os casos desgraçados, que a consciencia absolve quando a lei os condemna.

Pichegru appareceu estrangullado na cama, e disse-se, que por ordem minha, sem embargo de que não tive a menor parte neste acontecimento extraordinario; nem havia motivo algum para que eu subtrahisse este criminoso á execução da justiça. Elle não era melhor do que os outros, e eu tinha um tribunal para o julgar, e soldados para o arcabusarem. Não fiz nunca cousa alguma inutil na minha vida.

(Continúa).

EXPEDIENTE.

Com este numero fica completado o 2.º volume da REVISTA, que haviamos promet-
tido; mas como nos cresceu a materia, e muitos dos nossos leitores nos pediam que não
deixassemos por concluir o Manuscrito de Sancta Helena, resolvemo-nos, ainda que com
grande sacrificio, a publicar a parte que faltava, n'um supplemento ao numero 12, que
os Srs. assignantes, querendo, poderão comprar nas respectivas lojas, Lisboa, Coimbra e
Porto.



Preço da assignatura.

Por 1 anno	1:200 réis
Por 6 mezes.	600 »
Avulso	160 »

(Com este numero ha completado o 2.º volume da Revista, que ha bem promettido; mas como nos cresceu a materia, e muitos dos nossos leitores nos pediram que não deixassem por concluir o Manuscrito de Santa Helena, resolvemos-nos, ainda que com grande sacrificio, a publicar a parte que faltava, e um supplemento ao numero 12, que os Sr. assignantes, querendo, poderão comprar nas respectivas lojas, Lisboa, Coimbra e

Pode-se assignar remettendo directamente a importancia da assignatura ao Redactor principal da REVISTA ACADEMICA, Alexandre Meyrelles, rua do Corpo de Deos n.º 34, em Coimbra. Toda a correspondencia deve ser franca de porte.



Subscreve-se para a REVISTA ACADEMICA—em Lisboa, na loja do Sr. Lavado, *Rua Augusta n.º 8*; no Porto, Braga e Guimarães, na loja do Sr. Moré; em S. Miguel, em casa do Sr. Manoel Cardoso d'Albergaria e Valle; na Terceira, em casa do Sr. José Bensabat; no Fayal, em casa do Sr. Rodrigo Alves Guerra.



SUPPLEMENTO

AO N.º 12

DA

REVISTA ACADEMICA

INDICE DOS ARTIGOS.

Srs.		Pag.
	Manuscripto	241
Vicente da Silveira	Correspondencia	264
J. M. Velloso	Poesia recitada no Theatro da Villa do Cartaxo	265
Alexandre Meyrelles	Correspondencia	ib.
J. C. A'Neil de Medeiros	Demonstração geral da regra de Cramer	268
	Exhortação	271

Coimbra

IMPRESSA DA UNIVERSIDADE

1855.

Sala 10
Gab. 7
Est. 7
Tab. 14
N.º 64

APPENDICE

NO. 12

RELAZIONE

DELLA

Commissione

per l'ordinamento

degli

SUPPLEMENTO

AO N.º 12

DA REVISTA ACADEMICA.

MANUSCRITO

Vindo de Sancta Helena.

Continuado de pag. 240.

A minha auctoridade cresceu por causa das conspirações, que a ameaçavam. Não havia nada prompto em França para uma contra-revolução. Conhecendo que as machinacões dos realistas tendiam a involvel-a na anarchia e em uma guerra civil, a França punha todas as suas esperanças em mim, como no unico homem capaz de a salvar d'estes flagellos, que ella olhava com horror. Ella queria dormir á sombra da minha espada. O voto público (a historia não me ha de desmentir) chamava-me para reinar sobre ella.

A forma republicana não podia durar, porque se não formam republicas de monarchias decrepitas. O que queria a França era a sua grandeza. Para sustentar o edificio d'esta grandeza era preciso aniquilar as facções, consolidar a obra da revolução, e fixar para sempre os limites do estado. Eu era o unico que promettia á França de satisfazer estas condições: a França queria que eu reinasse sobre ella.

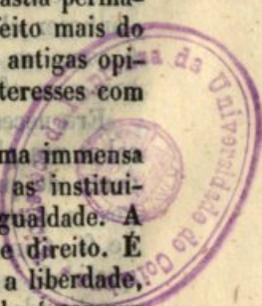
Eu não devia tomar o titulo de rei, porque era um titulo mui commum, e ligado a

idéas conhecidas. O meu titulo devia ser novo, como a natureza do meu poder. Como eu não era herdeiro dos *Boubons*, era preciso ser muito mais do que elles para me assentar sobre o seu throno. Eu tomei o nome d'Imperador, porque era maior e mais decisivo.

Nunca se viu uma revolução tão socegada como a que transtornou esta republica, que tinha feito derramar tanto sangue. Como se conservava a cousa mudando-lhe sómente o nome, os republicanos não se assustaram de a ver transformar em Imperio. As revoluções que não attacam os interesses e as fortunas dos individuos são sempre suaves.

A revolução já terminada, consolidava-se com firmeza debaixo d'uma dynastia permanente. A republica não tinha feito mais do que substituir opiniões novas ás antigas opiniões; o Imperio garantia os interesses com as opiniões.

Estes interesses eram os d'uma immensa maioridade, sobre tudo porque as instituições do Imperio garantiam a egualdade. A democracia existia de facto e de direito. É certo que se tinha restringido a liberdade, e devia restringir-se porque ella é sempre funesta nos tempos de crise. Demais a liberdade não serve senão para a classe illustrada da nação, entre tanto que a egualdade é util a todo o mundo. Ei aqui porque o meu poder conservou sempre o carácter de



popular ainda no tempo dos revêzes que affligiram a França.

A minha auctoridade não repousava, como a das antigas monarchias, sobre uma gradação monstruosa de castas, e de corpos intermediarios. Esta auctoridade era immediata, e sustentava-se unicamente em si mesma: porque não havia no Imperio distincção entre mim e a nação, na qual todos eram igualmente chamados ao emprego das funcções públicas. O ponto da partida não era um obstaculo para ninguem; o merecimento d'accessão era universal no estado. Este movimento constituiu a minha força.

Este systema não é d'invenção minha; sahii das ruinas da Bastilha. É uma consequencia necessaria da civilisação e dos costumes, que o tempo tem dado á Europa. Este systema por mais que se trabalhe para o destruir, ha de sustentar-se pela força das cousas; porque o facto acaba sempre por occupar o logar da força. É indubitavel que a força não existia já na nobreza, desde que esta tinha consentido que o terceiro estado pegasse em armas, e desde que não tinha querido ser a unica milicia do Estado.

A força não existia já no clero, desde que a gente menós dominada por idéas religiosas principiava a discorrer. A força não existia nos governos; porque a nobreza e o clero não estavam em circumstancias de preencher as funcções de sustentar o throno. A força não existia em preoccupações, e usos antigos, desde que se tinha mostrado aos povos a futilidade d'estas preoccupações e d'estes usos.

A dissolução existia no corpo social muito tempo antes da revolução; porque já não havia relação alguma entre as palavras, e as cousas.

O desabuso das preoccupações, tinha feito conhecer claramente a origem dos poderes; e como se descobriu a sua fraqueza, cahiram com effeito ao primeiro ataque.

Era necessario restabelecer a auctoridade sobre um plano inteiramente novo, independente de preoccupações, de costumes antigos, e d'essa cegueira a que se dá o nome de fé. Como não tinha herdado direitos de qualidade alguma, devia ser toda de facto, constituida unicamente na força.

Eu não subia ao throno, como o faria um herdeiro das antigas dynastias, para o occupar mollemente, sustentado pelo prestigio d'illusões, e prácticas antigas; mas para estabelecer solidamente as instituições,

que o povo desejava; para pôr as leis em harmonia com os costumes, e para fazer a França temivel, a fim de sustentar a sua independencia.

Não passou muito tempo sem que me dessem motivos para realizar os meus projectos. Inglaterra cansada de ver as minhas tropas estendidas pelas costas, e querendo a todo custo ver-se livre d'este incommodo, buscava alliados no continente á força de dinheiro.

As antigas dynastias estavam atterradas de me ver no throno. Sem embargo de nos tractarmos com alguma civilidade, conheciam bem que eu não era do numero dos seus; e que reinava unicamente em virtude d'um systema que destruia o altar, que o tempo lhes tinha levantado. Eu equivalia a uma revolução. O Imperio ameaçava-a do mesmo modo, que a republica, com a unica differença, que temiam mais o Imperio porque era mais robusto.

A politica pedia que me attacassem com a maior brevidade possivel, antes que eu tivesse adquirido todas as minhas forças.

As probabilidades da luta, que se hia empenhar, eram do maior interesse para mim; porque além de me darem a medida do odio que me tinham os soberanos, ensinavam-me a distinguir os que se decidissem por temor a assossiar-se ao systema do Imperio, dos que preferiam a morte a esta assossiação.

Esta luta devia produzir novas combinações politicas na Europa. Eu devia succumbir, ou ser o arbitro das nações. Eu acabava de reunir o Piemonte á França, porque queria que o Imperio apoiasse a Lombardia. Tractaram-me d'ambicioso, armando-se logo para o combate, á que esta união serviu de signal.

A batalha devia ser sanguinolenta. Os austriacos ajunctaram todas as suas forças, e os russos estavam decididos a reunir-se com elles.

O joven *Alexandre* acabava de subir ao throno e como os filhos gostam de fazer o contrario do que fizeram seus paes, declarou-me a guerra porque seu pae tinha feito a paz. O meu designio não era de fazer então a guerra á Russia, porque ainda não tinha chegado a sua vez; mas as mulheres, e os cortesãos decidiram o Imperador a que m'a declarasse elle a mim. Elles suppunham, que não tinham conseguido senão uma cousa que todos approvavam, porque o meu nome

era detestado em todas as sociedades, e começavam, sem o saberem, o systema ao qual a Russia devéra a sua grandeza.

A coalisão não abriu nunca a campanha tão loucamente. Os austriacos imaginaram, que me surprehendam, mas acharam-se enganados.

Elles invadiram a Baviera sem esperar a chegada dos russos; dirigiram-se a marchas forçadas sobre o Rheno. As minhas columnas levantaram o campo de Bolonha, atravessaram a França, e passaram o Rheno em Strasburgo. A minha vanguarda encontrou os austriacos em Ulm, aonde os rechasou. Eu marchei rapidamente sobre Vienna, aonde entrei sem obstaculo. O general austriaco esqueceu-se de quebrar as pontes do Danubio em que eu passei este rio. Eu o teria igualmente passado; mas não havia de chegar tão depressa á Moravia.

Os restos do exercito austriaco foram refugiar-se debaixo das bandeiras dos russos, que principiavam então a apparecer. O inimigo quiz sustentar-se em Austerlitz; mas foi batido. Os russos retiraram-se em boa ordem, deixando-me senhor da Austria.

O imperador *Francisco* pediu-me uma entrevista, que eu lhe concedi em uma colva. Pediu-me a paz, e concedi-lh'a, por não saber para que me podia servir o seu paiz, visto não estar ainda maduro para uma revolução. Para diminuir as suas forças, pedi Veneza para a Lombardia e o Tyrol para a Baviera, a fim de reforçar ao menos os meus amigos á custa dos meus inimigos. Que menos se podia pedir?

Não achando a conjunctura propria para disputar, julguei conveniente assignar a paz. Eu a fiz propôr ao mesmo tempo aos russos; porém o Imperador *Alexandre* a recusou.

Esta firmeza era nobre; porque accetando a paz tomava parte na humilhação dos austriacos.

Recusando-a mostrou constancia nos révezes, e confiança na fortuna. Eu conclui da sua firmeza que a sorte do mundo dependia de nós ambos.

A campanha tornou a principiar. Eu segui a retirada dos russos, e cheguei á Polonia, aonde se abriu um novo theatro ás nossas armas. Eu a ver esta antiga terra da anarchia, e da liberdade curvada debaixo d'um jugo estrangeiro: os Polacos esperavam a minha chegada para a sacudir.

Confesso que me não soube aproveitar

das vantagens, que podia tirar dos Polacos; esta negligencia foi o maior erro do meu reinado. Eu sabia mui bem que era essencial organizar este paiz para oppor uma barreira á Russia, e um contrapeso á Austria; mas as circumstancias nesta epocha, não eram proprias para realisar este plano.

Por outra parte, não julguei os Polacos capazes de desempenharem os meus planos. É uma nação apaixonada e inconsistente, que faz tudo por fantasia, e nada por systema; o seu enthusiasmo, posto que violento, não é duravel. O caracter d'esta nação deve necessariamente causar a sua ruina.

Talvez que dando aos polacos um plano, um systema, e um ponto d'appoió, formassem com o tempo uma nação respeitavel.

Posto que o meu caracter me não determinasse nunca a deixar as cousas por acabar, abandonei a organização da Polonia, antes de lhe dar a consistencia de que precisava; o que com effeito me causou bastante damno. Marchei no rigor do inverno para as regiões do norte; os soldados mostravam as melhores disposições, sem darem o menor signal de temerem a aspereza do clima. Eu tinha de combater contra um exercito, senhor do seu terreno, e habituado ao seu clima, que me esperava nas fronteiras da Russia. Tomei a resolução de o ir atacar, por preferir este expediente ao de deixar amollecere as minhas tropas em maus acantonamentos. Encontrei o inimigo em Eylau: a batalha foi sanguinolenta e indecisa.

Se os Russos nos tivessem atacado no dia seguinte, sem duvida nos teriam battido; mas felizmente os seus generaes não são proprios para resoluções de semelhante natureza. Deram-me tempo para os atacar em Friedland, aonde a victoria foi menos duvidosa. O Imperador *Alexandre* propoz-me a paz depois de se ter defendido com intrepidez; e como era honrosa para as duas nações, porque ambas tinham combatido com equal valor, foi assignada em Tilsit, e foi assignada de boa fé, como o póde attestar o mesmo Czar.

Tal foi o resultado dos primeiros esforços da coalisão contra o Imperio, que eu acabava de fundar. As minhas armas adquiriram um novo grau de gloria, mas a questão ficou indecisa entre mim, e a Europa; por que os meus inimigos, posto que humilhados, não estavam destruidos, nem desistiam de proseguir nos seus projectos.

Achando-me com pouca differença nas

mesmas circumstancias, assignei a paz prevendo a guerra. Ella era indubitavel em quanto a sorte das armas não produzisse novas combinações, e em quanto Inglaterra tivesse um interesse pessoal em a prolongar.

Julguei que me devia aproveitar do repouso, que eu acabava de dar ao continente, consolidando a base do Imperio, a fim de lhe dar mais consistencia, para melhor sustentar os futuros ataques. O throno era hereditario na minha familia, a qual começava assim uma dynastia nova, que o tempo devia consagrar, como tem legitimado todas as outras. Nenhuma corôa tinha sido dada depois da de *Carlos Magno*, com tanta solemnidade: porque a recebi do voto dos povos, e da sancção da Egreja. Seria uma grande inconsequencia, que a minha familia chamada para reinar, se confundisse com as outras classes da sociedade.

Eu era rico em conquistas, e devia ligar intimamente estes estados ao systema do Imperio, a fim de lhe dar maior preponderancia; porque não ha outros vinculos entre povos, senão os d'interesses communs. Era consequentemente indispensavel estabelecer uma inteira comunidade entre o meu Imperio e os estados conquistados. Não se tractava para isso, senão de mudar a sua antiga ordem social, dando-lhe a do meu Imperio, e pondo á frente d'estas novas Instituições soberanos interessados em as sustentar.

Eu preenchia estas condições, pondo a minha familia nos thronos que se achavam vagos.

A Lombardia era o mais essencial d'estes Estados (*), porque devia estar continuamente exposto ás saudades da casa d'Austria. Assim não lhe quiz dar o gosto de ver um de meus irmãos sobre aquelle throno; só eu era capaz de sustentar a corôa de ferro, e por isso a puz sobre a minha cabeça.

Com isto excitei muito maior confiança nos Lombardos, porque associei meus destinos com os seus.

Este novo estado tomou o nome de reino d'Italia, porque este titulo era mais pomposo, e satisfazia melhor a imaginação dos Italianos.

O throno de Napoles tambem estava vago. A Rainha Carolina, depois d'haver inun-

(*) Em que haviam thronos vagos, como elle disse antecedentemente. — *Os Redactores.*

gado de sangue as ruas de Napoles, e entregar seu reino aos Inglezes, havia sido expulsa de novo. Este desgraçado paiz precisava d'um Soberano para o livrar da anarquia e das vinganças. Um de meus irmãos occupou este throno.

A Hollanda já havia muito tempo que tinha perdido a energia que constitue as republicas, e já não tinha força para representar esta figura: d'isso tinha dado uma grande prova no desembarque de 99. Tambem não me podia persuadir que ella tivesse saudades da familia d'Orange pelo modo com que esta a tinha tractado. Parecia logo que a Hollanda necessitava de um Soberano: dei-lhe outro de meus irmãos.

O mais moço ainda era mui rapaz, e podia esperar: o quarto não gostava de reinar, e fugiu para se livrar d'esta honra.

Conservei só uma republica que foi a dos Suissos, e não havia interesse algum em mudar as formas, a que elles estavam acostumados. Minha auctoridade neste paiz unicamente se limitava a impedir que elles se não degolassem uns aos outros. A pezar d'isso, nunca se me mostraram muito agradecidos.

Dando esta forma aos Estados alliados da França e dependentes do Imperio, eu devia, ao mesmo tempo, reunir á mãe patria outras porções de territorios a fim de conservar o equilibrio em todo o systema.

Foi com estas vistas que reuni o Piemonte á França, e não á Italia. Da mesma forma lhe reuni Genova e Parma. Estas aggregações não valiam nada em si mesmas, porque eu poderia ter feito todos estes povos bons Italianos, e nunca os pude fazer senão mediocres Francezes. Mas o imperio não só se compunha da França, mas dos estados de familia e dos alliados estrangeiros. Era essencial conservar proporção entre estes trez elementos: Cada uma das novas alianças trazia consigo uma nova reunião, e o público sempre gritava em cada uma d'ellas contra a minha ambição. Mas a minha ambição nunca consistiu em ter algumas leguas quadradas de mais ou de menos, porém só em fazer triumphar a minha causa.

Ora esta causa não consistia unicamente nas opiniões, mas no peso que cada um dos partidos podia lançar na balança; e as leguas quadradas pêsam muito nella, porque o mundo não se compõe d'outra cousa.

Assim eu augmentava a massa das forças que fazia mover. Para operar estas mudanças não era preciso nem talento nem esper-

teza, bastava um só acto da minha vontade, porque todos estes paizes eram mui pequenos para ter uma contraria á minha. Dependiam todos do movimento dado á totalidade do systema Imperial: o centro d'este systema estava em França.

Era preciso logo consolidar a minha obra dando á França instituições conforme a nova ordem social, que ella tinha adoptado. Era preciso crear o meu seculo para mim, assim como eu tinha sido creado para elle.

Era preciso ser legislador depois de haver sido soldado.

Não era possivel fazer retrogradar a revolução, porque isto seria submeter de novo os fortes aos fracos, o que é contra a natureza. Era necessario pois conservar-lhe o espirito, e accomodar-lhe depois um systema analogo de legislação. Eu creio que o consegui. Este systema me sobreviverá; e eu deixei á Europa uma herança que ella nunca poderá repudiar.

No Estado não havia realmente senão uma vasta democracia dirigida por uma dictadura. Esta especie de governo é commoda para a execução, mas é de natureza temporaria, porque só dura tanto como a vida do dictador. Eu devia tornal-a perpétua, fazendo instituições duradouras, e instituindo corporações permanentes, a fim de as collocar entre o throno e a democracia. Mas nada podia já operar por meio dos habitos e das illusões: fui obrigado a crear tudo com realidade.

Foi preciso tambem fundar a minha legislação sobre os interesses immediatos da maioria, e crear corporações que tivessem interesses, porque os interesses são a cousa que tem mais realidade no mundo.

Fiz por tanto leis que tinham uma acção immensa porém uniforme. Tinham por principio a conservação da egualdade, e esta vê-se tão fortemente gravada nos meus codigos que elles serão sufficientes para a conservar.

Institui uma casta intermediaria. Era democratica, porque todos e em todos os tempos podiam entrar nella; era monarchica, porque não podia morrer.

Esta corporação era destinada para substituir em o novo regimen o serviço que a nobreza estava destinada a fazer no antigo: isto é, apoiar o throno. Mas entre ellas não havia similhaça. A nobreza velha só existia em virtude de suas prerogativas; a minha só tinha poder. A nobreza velha não tinha outro merecimento senão o de ser exclusiva.

Todos os que se distinguiam entravam de direito em a nova: não era outra cousa mais do que uma corôa civica. O povo não lhe ligava outra idéa. Cada um a tinha merecido por suas obras; todos a podiam obter pelo mesmo preço: assim não offendia ninguém.

O espirito do imperio tinha um movimento ascendente: é o caracter das revoluções. Este espirito animava toda a nação, e toda ella se agitava para erguer-se. No mais alto d'este movimento colloquei grandes recompensas, que nunca foram dadas senão em virtude do reconhecimento público. Estas altas dignidades eram ainda conformes com o espirito da egualdade, porque o ultimo soldado as podia ganhar por brilhantes acções.

Depois da desordem da revolução era necessario restabelecer a ordem, porque esta só é o symptoma da força e duração.

Os administradores e juizes eram essenciaes ao Estado, pois que d'elles só dependia a ordem pública, isto é, a execução das leis. Eu os associei ao movimento que animava o povo e o exercito, associando-lhes as mesmas recompensas. Creei uma ordem, que honrava os administradores, porque ella havia recebido dos soldados a sua patente d'honra. Fiz com que fosse commum a todos os que serviam o Estado, porque a primeira das virtudes é servir bem a patria.

Dei por esta forma e com esta grande mola uma união geral ao imperio. Por ella se ligavam os interesses de todas as classes da nação, porque nenhuma era inferior ou excluida. Formava-se em torno de mim um corpo intermediario, escolhido do melhor que tinha a nação, e que se ligava ao systema imperial por sua vocação, interesses, e opiniões. Este corpo numeroso, ainda que revestido do poder civil e militar, era aprovado pelo povo, porque se escolhia á sorte em todas as classes. O povo tinha nelle confiança, porque seus interesses eram communs. Este corpo não *dizimava*, nem era exclusivo. Não era na realidade mais do que uma magistratura,

O imperio descansava sobre uma organização forte. O exercito tinha-se formado na escola da guerra, e nella tinha aprendido a combater e a soffrer.

Os funcionarios publicos acostumavam-se a fazer executar estrictamente as leis, porque eu não queria nem arbitrariedades nem interpretações. Assim iam ganhando habito e promptidão. A todas as cousas tinha

eu dado uma impulsão uniforme; no Império já não era preciso senão uma palavra, — ordenar. Assim tudo se movia dentro d'esta maquina, mas o seu movimento só se operava dentro dos limites que lhe havia traçado.

Acabei com todas as delapidações públicas, dando um único centró a toda a maquina fiscal. Nesta parte não deixei cousa alguma que fosse arbitraria, porque em materias de dinheiro toda a exactidão é pouca. Particularmente não deixei nada disponível nas mãos d'essas meias responsabilidades provinciaes, porque a experiencia me havia ensinado, que este abandono não serve senão para enriquecer meia duzia de pequenos delapidadores á custa do Erário, do povo, e da causa pública.

Dei credito ao Estado, não me servindo do credito,

Substitui ao systema dos empréstimos, que tinha arruinado a França, o systema dos tributos que a corroborou.

Organizei a conscripção, — lei rigorosa, porém grande, e a unica que deve ter o povo que ama a sua gloria e a sua liberdade, porque de ninguem deve confiar a sua defeza senão de si.

Abri novas communicações ao commercio. Liguei a Italia com a França, rasgando os Alpes por quatro differentes estradas. Emprehendi nesta parte o que parecia quasi impossivel.

Fiz prosperar a agricultura, respeitando e mantendo as leis protectoras da propriedade, e repartindo igualmente os tributos.

Accrescentei grandes monumentos aos que já tinha a França, para que attestassem a sua gloria. Persuadia-me que elles elevariam a alma dos nossos descendentes. Os povos ganham amor por estas nobres imagens da sua historia.

O meu throno só brilhava pelo esplendor das armas. Os Francezes gostam até do exterior da grandeza, e eu cuidei em ornar os palacios, e em ter uma côrte numerosa. Dei-lhe um character austero, porque outro qualquer não lhe convinha. Nella não haviam divertimentos, e por isso as mulheres faziam uma figura mui mesquinha nesta côrte, em que tudo era dedicado á grandeza do Estado. Por isso ellas me detestaram sempre: Luiz XV convinha-lhes muito melhor.

A minha obra estava apenas começada, quando um novo inimigo se apresentou inopinadamente em campo.

Havia dez annos que a Prussia se conservava em paz. A França se lhe tinha mostrado agradecida, e os alliados lhe queriam por isso muito mal. Injuriavam-na, mas ella prosperava.

Sua neutralidade tinha-me sido essencialmente proveitosa na ultima campanha. Para estar seguro d'ella, insinuei-lhe a cessão do Hanover em seu beneficio. Assim julguei que uma tal confidencia desculpava mui bem a pequena violação de territorio que lhe fiz para accelerar a marcha d'uma divisão que eu precisava ter promptamente no Danubio.

Como Inglaterra rejeitasse as proposições de paz que, segundo o costume, lhe fizemos depois do tractado de Tilsit, a Prussia pediu então que se realizasse a cessão do Hanover.

Eu nada desejava tanto como fazer-lhe este presente, mas pareceu-me tambem que era já tempo que esta côrte se declarasse francamente por nós, e entrasse de boa mente em o nosso systema. Não se podia conquistar tudo á ponta da espada; a politica tambem nos devia dar alguns alliados, e a occasião parecia excellente.

Deseohei porém que a Prussia tinha outras vistas, e que julgava ter-me amplamente pago com a sua neutralidade. Neste caso era já ridiculo engrandecer um paiz sobre que eu não podia contar. Zanguiei-me com isto, e não calculei que dando este terreno á Prussia mais a compromettia, isto é mais a punha da minha parte. Recusei tudo o que me pedia, e o Hanover teve outro destino.

Os Prussianos gritaram altamente porque eu não lhes quiz dar o alheio, e a pár d'isso se queixaram da minha pequena violação do anno antecedente. Lembraram-se em um momento de que eram os depositarios da gloria do Grande Frederico; esquentaram-se-lhes as cabeças; uma especie de movimento nacional agitou a nobreza Prussiana; a Inglaterra acudiu-lhes logo com dinheiro; e este movimento tomou consistencia.

Se os Prussianos me tivessem atacado quando eu andava occupado com os Russos podiam ter-me feito de certo muito mal; mas era tão absurdo vir fóra de tempo declarar-nos uma guerra, que tinha todo o ar de rapaziada, que eu por muito tempo não o acreditei. Com tudo, era isto mais que verdade, e foi preciso entrar em campanha.

Eu esperava bater sem dúvida nenhuma os Prussianos, mas cuidava que esta operação me levaria mais tempo. Tomei as mi-

nhas medidas contra todas as aggressões que se me podiam suscitar e de que eu desconfiava, porém ellas não foram precisas.

Por um azar bem extraordinario os Prussianos não resistiram duas horas; e por outro azar ainda mais notavel seus generaes não se resolveram a defender as praças que me levariam trez mezes a tomar. Assim dentro d'alguns dias conquistei todo o paiz.

A brevidade d'esta conquista me fez ver que esta guerra não era popular na Prussia. Esta descoberta devia ter feito com que eu organisasse a Prussia ao nosso modo, mas desgraçadamente não me soube aproveitar d'esta boa occasião.

O imperio tinha adquirido uma preponderancia immensa com a batalha de Jena. O publico começava a olhar a minha causa como ganhada, e bem o conheci pelo modo com que entrei a ser tractado. Eu tambem acreditei facilmente o mesmo, e esta boa opinião me fez commetter muitos erros.

O systema, sobre que eu tinha fundado o Imperio, era inimigo nato das antigas dynastias. Eu sabia que entre mim e ellas devia haver uma guerra mortal; e por isso era preciso empregar meios vigorosos para lhes dar a menor duração possível, a fim de poupar o soffrimento dos povos e dos Reis.

Em consequencia d'isto deveria ter mudado, por uma parte, a forma e os individuos de todos os Estados, que a guerra ia depositando em minhas mãos; porque não se podem fazer revoluções, conservando os mesmos homens e as mesmas cousas. Devia pois estar certo de que, conservando os mesmos governos, os teria sempre contra mim: eram inimigos que eu resuscitava.

Se, por outra parte, eu queria conservar os antigos governos, por não poder fazer cousa melhor, deveria então tornal-os cúmplices da minha grandeza, fazendo-lhes aceitar com a minha alliança territorios e titulos.

Se tivesse seguido um ou outro d'estes planos, segundo as circumstancias, teria estendido rapidamente as fronteiras da revolução. Nossas allianças haveriam sido mais solidas, porque teriam sido feitas com os povos. Eu lhes haveria dado vantagens com os principios da revolução; haveria arredado d'elles o flagello da guerra, com que eram atormentados por espaço de vinte annos, e que em fim os revoltou a todos contra nós.

É bem de crer que a maior parte das nações do continente teria accedido esta gran-

de alliança, e que a Europa se refundiria de baixo d'um novo plano analogo ao seu estado de civilisação.

Eu raciocinei bem, mas obrei mal. Em vez de mudar a dynastia Prussiana, como eu a tinha ameaçado, restitui-lhe seus estados depois de os haver mutilado. A Polonia não gostou de que eu só desse liberdade á porção de territorio que possuia a Prussia; o reino de Westphalia ficou descontente por não obter mais; e a Prussia, furiosa pelo que eu lhe havia tirado, jurou-me um odio eterno.

Imaginei, não sei porque, que os soberanos desthronisados pelo direito de conquista poderiam ficar-me ainda agradecidos pela parte que lhes tornava a dar. Imaginei que ainda poderiam, depois de tantos revézes, unir-se de boa fé connosco, porque este era o partido mais seguro. Imaginei poder tambem estender por este modo as allianças do imperio, sem fazer recahir sobre mim o odio que as revoluções trazem consigo. Imaginei em fim, que era uma grande cousa tirar e dar cordas. Deixei-me illudir, enganei-me; e os erros nunca se perdoam.

Eu quiz emendar, ao menós, o que tinha feito na Prussia, organisando a confederação do Rheno, porque esperava assim conter uns por meio dos outros. Para formar esta confederação, augmentei os estados d'alguns soberanos á custa d'uma chusma de pequenos Principes, que não sabiam senão comer o dinheiro de seus vassallos, sem lhes dar o mais pequeno proveito. Assim liguei á minha causa os soberanos que tinha engrandecido pelos mesmos interesses do seu engrandecimento. A seu pezar, os fiz conquistadores, e a final elles gostaram do officio. Fizeram de boa vontade causa commum comigo, e foram fieis a esta causa em quanto poderam.

O continente achou-se em paz pela quarta vez. Eu tinha estendido a superficie e a preponderancia do imperio. Meu poder immediato se dilatava desde o Adriatico até as boccas do Weser; meu poder d'opinião estendia-se sobre toda a Europa.

Mas a Europa sentia, como eu, que esta pacificação apenas era uma obra provisoria, porque nella haviam muitos elementos de resistencia, e porque, querendo eu capitular com estas resistencias, no que muito mal fiz, só tinha feito recuar as difficuldades.

O principio vital d'estas resistencias estava em Inglaterra. Eu não tinha meio algum

para a atacar directamente, e estava certo, que a guerra se renovaria no continente em quanto o ministerio inglez tivesse dinheiro para pagal-a. A cousa podia assim durar muito tempo, porque os beneficios da guerra alimentavam a guerra. Era um circulo vicioso, cujo resultado era a ruina do continente. Precisava-se pois achar um meio para destruir os beneficios que a guerra maritima causava á Inglaterra, para com elle arruinar o credito do ministerio. Propóz-se-me para este fim o systema continental. Pareceu-me bom, e adoptei-o. Poucas pessoas comprehenderam bem este systema. Obstinadamente não quizeram ver nelle senão o fim de encarecer o caffè. Mas elle devia produzir ainda outras consequencias bem diversas.

Devia arruinar o commercio Inglez. É verdade que nesta parte não fez o que se esperava, porque produziu, como todas as prohibições, a carestia, que é sempre em beneficio do commercio; e não pôde ser completamente estabelecido para se aniquilar o contrabando.

Mas o systema continental devia servir ainda para distinguir claramente nossos amigos dos nossos inimigos. Com elle não nos podiamos enganar: a adopção do systema continental mostrava fidelidade á nossa causa, porque era a sua insignia e o seu Palladium.

Este systema, tão debatido, era indispensavel no momento em que o estabeleci; porque é preciso que um grande imperio tenha não sómente uma tendencia geral para dirigir a sua politica, mas a sua economia deve ter a mesma tendencia. É preciso abrir um caminho á industria, como a todas as cousas, para haver movimento, e correr-se para diante. Ora a França não tinha esta estrada aberta quando lh'a eu abri, dando-lhe o systema continental.

A economia de França dirigia-se, antes da revolução, para as colonias, e para um commercio de méra troca: era esta então a moda do tempo. Tinha tido um bom successo, é verdade, mas a pezar d'isso, e do muito que tem sido elogiado, os seus resultados foram — a ruina das finanças do estado, — a perda do seu credito, — a destruição do seu systema militar, — a perda da sua consideração externa, — e o abatimento de sua agricultura. Estes acontecimentos a levaram a final ao termo d'assignar um tractado de commercio, que deu aos Ingle-

zes o direito de a supprir de tudo quanto precisava.

A França tinha com effeito excellentes portos de mar, e alguns negociantes com fortunas immensas. Mas a guerra havia completamente destruido o systema maritimo. Os portos de mar estavam arruinados, e nenhuma força humana já lhes podia dar o que a revolução tinha aniquilado. Era logo necessario dar outra impulsão ao espirito mercantil para ressuscitar a industria da França. Não havia outro meio para o conseguir senão tirar aos Inglezes o monopolio da industria manufactôra para com esta industria dar uma tendencia geral á economia do Estado. Era necessario, numa palavra, crear o systema continental.

Só este systema e nenhum outro se fazia necessario, porque era preciso dar um auxilio enorme ás fabricas, para obrigar o commercio a contribuir externamente com os adiantamentos que exige o estabelecimento d'uma geral industria fabricadora.

Os factos mostraram, que eu tinha razão, porque forcei a industria insular a passar os mares, e a vir para o continente. E tamanhos são os progressos, que ella tem feito no seu novo domicilio, que já não tem que temer nenhuma concorrência. Se a França quer prosperar, conserve o meu systema mudando-lhe o nome. Se quer arruinar-se, dê-se de novo a empresas maritimas, porque os Inglezes lhe darão cabo d'ellas na primeira guerra que tiverem. Eu fui forçado a levar o systema continental ao extremo, porque elle tinha por fim não só fazer todo o bem possivel á França, mas todo o mal á Inglaterra. Nós não recebiamos os productos coloniaes senão por sua via, qualquer que fosse a bandeira que elles tomassem para navegar; assim era preciso comprar a menor quantidade possivel. Para isto não havia melhor meio do que pôr-lhes preços enormes. O fim politico estava preenchido, as finanças do estado prosperavam mas algumas boas mulheres se desesperavam com estas prohibições, e ellas se vingaram. A experiencia diaria mostrava que o systema continental era bom, porque o estado prosperava, a pezar do pezo da guerra. Os tributos cobravam-se regularmente, e o credito andava a par com os juros do dinheiro. O espirito de melhoramento tanto se mostrava na agricultura como nas fabricas. Edificavam-se novas cidades assim como novas ruas se abriam em Paris. As estradas e canaes facilitavam o

movimento interior. Todas as semanas havia algum aperfeiçoamento: eu mandava fazer assucar de nabos, e a sôda do sal. O desinvolvimento das sciencias marchava a par do da industria.

Eu passaria conseguintemente por louco se deixasse um systema na propria occasião em que elle entrava a dar fuctos. Era preciso, pelo contrario, fortifica-lo para dar maiores estimulos e emulação.

Esta necessidade influïu sobre a politica da Europa, fazendo com que a Inglaterra se visse tambem na necessidade de proseguir na guerra. Desde este momento tambem a guerra tomou em Inglaterra um caracter mais serio. Agora já se tractava da sua fortuna pública, isto é, da sua existencia; e por isso a guerra se popularizou. Os Ingleses deixaram de confiar a sua protecção a meros auxiliares; appareceram elles mesmos em campo, e em volumosas massas. A lucta só então começou a ser perigosa. Eu o conheci mui bem quando assignei o decreto. Vi que já não podia ter descanço, e que toda a minha vida se passaria em combater resistencias, que o público não via, porém que eu bem conhecia, porque sempre tenho sido o unico homem a quem as apparencias nunca enganaram. Lisongeava-me dentro do coração de que poderia governar sempre o futuro por meio do exercito, que eu tinha creado, e que tantos successos haviam tornado invencivel. O mesmo exercito não duvidava nem da sua força, nem da sua fortuna: seus movimentos eram faceis, porque tinhamos largado o systema dos acampamentos e dos armazens. Podia-se transporta-lo em um instante para todas as partes e para todas ia elle com a consciencia da sua superioridade. Com taes soldados qual é o general que não gosta da guerra? Eu gostava d'ella, e o confesso; e a pesar d'isso depois da jornada de Jéna, nunca mais tornei a sentir em mim essa plenitude de confiança, e esse desprezo do futuro, a que devi meus primeiros successos. Já desconfiava de mim, e esta desconfiança produzia incerteza nas minhas resoluções: meus humores estavam alterados, meu caracter tinha degenerado. É verdade, que me sabia governar, porém o que não é natural nunca pôde ser perfeito.

O systema continental decidiu os Ingleses a fazer-nos uma guerra de morte. O norte estava submisso, e socegado por meio das minhas guarnições. Os ingleses já não ti-

nham com elle outras relações senão as do contrabandô. Tinham porém Portugal, e eu sabia que Hespanha lhes favorecia o commercio á sômbra da sua neutralidade.

Para que o systema continental podesse produzir algum proveito era preciso, que fosse completo. Elle o era, pouco mais ou menos, em o norte: fazia-se necessario que tambem o fosse no meio dia. Eu pedi á Hespanha dêsse passagem a um corpo de exercito, que destinava para Portugal: foi-me concedida. Ao chegarem as minhas tropas, a côrte de Lisboa embarcou para o Brasil, e deixou-me o reino. Foi-me preciso estabelecer, ao travéz da Hespanha, uma estrada militar para communicar com Portugal. Esta estrada nos deu conhecimento d'Hespanha: até então eu não tinha dado attenção áquelle paiz, em razão da sua nullidade.

O estado politico d'Hespanha andava nesse tempo em summa perturbação: ella era governada pelo mais incapaz dos soberanos; bom e digno homem, que limitava toda a sua energia a obedecer a um valido. Este valido, sem caracter e sem talentos, só tinha energia para pedir incessantemente riquezas e honras.

O valido tinha-se mostrado sempre meu affeçoado, porque via que era facil governar á sômbra da minha alliança. Porém cuidava tão mal dos negocios, que tinha perdido todo o seu credito em Hespanha. Já não podia ser obedecido, e neste caso a sua amizade já me era inutil.

As opiniões tinham marchado em Hespanha no caminho inverso do restante da Europa. O povo, que por toda a parte tinha subido até ás altas idéas da revolução, achava-se allí mui abaixo d'ellas, as luzes não tinham ainda penetrado até á segunda camada da nação; haviam parado na superficie, isto é, nas altas classes. Estas sentiam o aviltamento da sua patria, e envergonhavam-se d'obedecer a um governo, que lhe arruinava a patria. Os individuos d'estas classes eram denominados pelo titulo de *Liberales*.

Por isso se vê que os revolucionarios em Hespanha eram os que tinham que perder com a revolução, e que os que deviam ganhar com ella eram seus inimigos. A mesma contradicção se viu em Napoles. Eu, que não tinha a chave d'estes segredos, devia necessariamente commetter muitos erros.

A presença das minhas tropas em Hespanha produziu um notavel acontecimento; e

cada um o interpretou a seu modo. Todos entraram a fallar d'elle, e a fermentação principiou. Eu fui informado d'isto. Os *Liberales*, sensíveis á humilhação do seu paiz, persuadiram-se que preveniam a sua ruina por meio d'uma conjuração. Esta teve effeito, e limitou-se a fazer abdicar o velho rei, e maltractar com pancadas o seu valido. A Hespanha não ganhava essencialmente com esta mudança, porque o filho, que se collocava no throno, não era melhor que seu pae. Nesta parte sei eu mui bem o que digo.

Apenas a conjuração produziu seu effeito, immediatamente os conjurados se assustaram da sua propria ousadia; tiveram medo de si, de mim, e de todo o mundo. Os frades não approvaram a violencia commettida contra o seu velho Rei, porque era illegitima; eu tambem a desapprovei por outros motivos. A nova corte assustou-se, o povo se revoltou, e houve anarchia no estado.

A força das circumstancias tinha assim produzido uma mudança em Hespanha, pois que já havia de facto uma revolução começada. Mas esta revolução não podia ser como a Franceza, porque os elementos eram differentes. Até áquellè ponto não tinha ella direcção, porque não tinha chefe, nem plano meditado d'ante-mão. Era simplesmente uma suspensão de auctoridade, uma subversão de poder, e uma desordem: eis-aqui tudo.

A respeito da sorte de Hespanha não se podia prever outra coisa senão que esta revolução, feita com um povo ignorante e feroz, não acabaria sem rios de sangue, e longas calamidades.

Que desejavam porém os homens que queriam uma mudança em Hespanha? Não era uma revolução como a nossa: era um governo capaz, e uma auctoridade propria para limpar a ferrugem que cobria todo o paiz, a fim de lhe dar consideração externa, e civilisação interna.

Ambas estas cousas lhe podia eu dar, apoderando-me da revolução no ponto a que a tinham levado. Tractava-se de dar á Hespanha uma dynastia que fosse forte, porque seria nova, e que fosse illustrada, porque não teria prejuizos. A minha tinha estas duas qualidades. Cuidei pois em lhe dar um throno de mais.

Para isto o mais difficil já estava feito, que era estar livre da antiga dynastia, porque os Hespanhoes tinham consentido na abdicção do seu velho Rei, e não queriam

reconhecer o novo. Tudo parecia logo indicar que a Hespanha, para evitar a anarchia, accitaria o Soberano, que se lhe apresentasse armado com uma força prodigiosa. Por este modo entraria, sem nada soffrer, no circulo do systema Imperial; e por mais deploravel, que fosse o estado social da Hespanha, não convinha desprezar esta conquista.

Mas, como para julgar bem das cousas é preciso vê-las, parti para Bayona, para onde convidei a velha corte de Hespanha. Como esta já não tinha nada que fazer accitou o meu convite. Convidei egualmente a nova, e não esperava, que ella o accitasse, porque nisso faria muito melhor.

Persuadi-me, que *Fernando*, para se não ver na minha presença e na de seu pae, ou tomaria o partido da revolta, ou iria para America. Elle não tomou nem um nem outro: veio a Bayona com seu mestre e seus confidentes, e largou Hespanha ao primeiro que a quizesse occupar.

Este passo só me deu a conhecer o que era esta corte. Assim que tive as primeiras conferencias com os chefes dos conjurados, logo vi a ignorancia em que estavam da sua propria situação. Não tinham plano algum, não previam nada, e a sua politica não passava de meros camaristas d'uma cidade. Apenas vi o Soberano, que elles haviam posto sobre o throno, fiquei logo convencido: que a Hespanha não devia ficar em taes mãos.

Decidi-me então a receber a abdicção d'esta familia, e a collocar um de meus irmãos sobre um throno, que seus soberanos tinham abandonado. Como elles tinham descido tão facilmente assentei que eu podia tambem subir da mesma maneira.

Nada com effeito parecia oppôr-se a isto; a juncta de Bayona tinha-o reconhecido; nenhuma auctoridade legal havia em Hespanha capaz de rejeitar esta mudança de reinado; o velho Rei mostrava-se agradecido por eu ter desthronisado seu filho; e tinha ido descansar para Compiègne. Seu filho foi conduzido para o palacio de Valençay, aonde se tinham feito os preparos necessarios.

Os Hespanhoes sabiam com que podiam contar com o seu velho Rei, e por isso não deixou nem saudades nem lembranças; seu filho porém era moço, e o seu reinado dava esperanças. Era infeliz, fizeram-no um heroe, e as imaginações se pozeram da sua parte. Os *Liberales*, fizeram resoar a palavra — *independencia nacional*; e os frades — a *ille-*

gitimidade: a nação toda se armou debaixo d'estas duas bandeiras:

Confesso que fiz mal em encerrar o joven Rei dentro de Valençay. Deveria antes deixal-o apparecer diante do mundo, porque então facilmente se desenganariam todos os que se interessavam por elle.

Fiz ainda maior mal em não deixar ficar sobre o throno. As cousas teriam hido de mal a peor em Hespanha; e eu teria ganhado o titulo de protector do velho Rei, dando-lhe um Azylllo. O novo governo ter-se-hia compromettido com os Inglezes; e eu lhe teria declarado a guerra tanto em meu nome, como procurador do velho Rei. A Hespanha teria confiado ao seu exercito a sorte d'esta guerra, e assim que elle fosse batido, a nação se teria submettido ao direito da conquista. Não ousaria neste caso murmurar, porque quem dispõe d'um paiz conquistado obra sempre segundo os usos recebidos.

Se eu tivesse mais paciencia teria seguido esta marcha. Com tudo, persuadi-me que, com eguaes resultados, os Hespanhoes acceitariam *a priori* uma mudança de dynastia que as circumstancias dos negocios faziam inevitavel. Errei nesta empreza, porque, supprimindo as gradações, quiz leva-la de salto. Assim eu desapossei a antiga dynastia por um modo offensivo para os Hespanhoes; e estes offendidos no seu orgulho não quizeram reconhecer a nova que lhe substitui. Resultou d'aqui que em nenhuma parte houve auctoridade, isto é, que ella se espalhou indefinidamente. A nação em massa arrogou a si a defeza do estado, pois que não havia exercito ou auctoridade alguma a quem se podesse confiar esta defeza: cada um se julgou responsavel nesta causa. Eu criei a anarchia, e achei por consequencia armados contra mim todos os recursos que ella dá. A nação inteira foi contra mim.

Esta nação, só conhecida na historia por sua avareza e ferocidade, era bem pouco temivel diante do inimigo, e fugia sempre assim que avistava nossos soldado; mas assassinava-os pelas costas. Mas como elles tinham as armas na mão, vingavam-se. De vinganças em vinganças esta guerra passou a ser um theatro de atrocidades.

Eu senti mui bem que esta guerra imprimia um caracter de violencia no meio reinado, e que ella era d'um perigoso exemplo para os povos, e funesta para o exercito, porque consumia muitos homens e fatigava

os outros. Senti tambem que tinha sido mal principiada, mas uma vez que se havia entrado nella era preciso acabal-a, porque o mais pequeno revêz inchava meus inimigos, e punha outra vez toda a Europa em armas. Via-me, por tanto, obrigado a ser sempre victoriosô. Em bem pouco tempo tive uma prova d'isto.

Eu tinha ido à Hespanha a fim d'acelerar os successos, e conhecer o terreno em que deixava meu irmão. Tinha occupado Madrid, e destruido o exercito Inglez que ia soccorel-a. Minha fortuna foi rapida, o terror foi geral, e a resistencia ia de todo acabar: não havia um momento para perder e com effeito nem um só se perdeu. O ministerio inglez armou a Austria, porque sempre foi tão activo em me suscitar inimigos, como eu em derrôtal-os. O projecto da Austria foi desta vez habilmente traçado; eu fui surprehendido: é preciso fazer justiça a quem a merece.

Meus exercitos estavam espalhados por Napoles, Madrid, e Hamburgo: eu mesmo estava em Hespanha. Era provavel que os Austriacos podessem ter vantagens no principio, e após estas vantagens podiam haver outras: neste genero de cousas só o primeiro passo é que custa. Podia-se ainda tentar a Prussia e a Russia, reanimar a coragem dos Hespanhoes, e dar popularidade ao ministerio inglez.

A corte de Vienna tem uma politica tenaz que os acontecimentos nunca transtornam. Eu andei muito tempo sem achar a razão d'isto. A final, porém tarde, conheci que este estado não tinha tão profundas raizes senão porque a extrema bondade do governo o tinha deixado degenerar em uma oligarchia. O estado é unicamente dirigido por uma centena de nobres, que possuem territorios, deitaram mão das finanças e da politica, e da guerra; por meio do que são senhores de tudo, e não deixam a corte senão a assignatura.

Ora as oligarchias nunca mudam d'opinões, porque seus interessês são sempre invariaveis. É verdade que executam mal tudo quanto fazem, mas obram sempre, porque nunca morrem. Não ganham nunca grandes vantagens, mas soffrem admiravelmente os revêzes; porque os soffrem em commum.

A Austria deveu quatro vezes a sua salvação a esta forma de governo; ella tambem decidiu a guerra que então se me declarou.

Eu não tinha um só instante que perder:

parti rapidamente d'Hespanha, e corri para o Rheno. Junctei as primeiras tropas que encontrei na passagem, e mandei reforços ao principe *Eugenio*, que já se tinha deixado bater na Italia. Os reis de Suabia e Baviera deram-me as suas tropas, e com ellas fui bater os Austriacos em Ratisbonna, e marchei para Vienna.

Segui a marchas forçadas a margem direita do Danubio, e contava com as vantagens do Vice-Rei para operar a nossa junção. Pertiendi chegar a Vienna primeiro do que os Austriacos, passar ali o Danubio, e collocar-me em posição de receber o Archiduque.

Este plano era bem concebido, mas era imprudente, porque eu tinha diante de mim um homem habil, e não tinha tropas bastantes. Porém a fortuna andava então comigo.

O Archiduque desforrou-se com uma bellissima marcha: advinhou o meu projecto, e tomou-me a dianteira. Dirigiu-se rapidamente a Vienna pela margem esquerda do Danubio, e tomou posição ao mesmo tempo que eu. É esta, segundo me lembro, a unica bella manobra, que os Austriacos têm feito.

O meu plano de campanha tinha falhado, e eu me achava á vista d'um exercito formidavel, que dominava meus movimentos, e me forçava á inação. Sómente uma grande batalha podia terminar a guerra. Eu era quem devia atacar, porque o Archiduque me reservou a representação d'esta figura. Não era ella com tudo mui facil de representar, porque o Archiduque estava em posição de bem me receber.

Por uma felicidade inesperada, o Archiduque *João*, em vez de ter mão no Vice-Rei, custasse o que custasse, deixou-se bater. O exercito d'Italia o arrojou para além do Danubio, e nós ficámos de posse de toda a sua margem direita.

Mas como não podiamos ficar allí toda a vida, foi preciso recorrer a uma decisão. Mandei lançar pontes, e o exercito se pôz em movimento. O corpo do marechal *Masena* foi o primeiro que passou. Já tinha começado o seu fogo quando um accidente quebrou as pontes. Era impossivel concertal-as em um momento para o ir socorrer. Elle viu-se atacado por todo o exercito inimigo. A tropa defendeu-se com um valor heroico, porque estava sem esperanças. Faltaram as munições, todos iam morrer, quando os Austriacos cessaram com o seu fogo,

assentando que para cada dia bastava a sua pena. Tornaram a tomar a sua posição no momento mais critico, e com isso me tiraram d'uma cruel agonia.

Mas nem por isso tinhamos deixado de ter um revez: eu bem lo conheci pelo estado da opinião. Já se publicava a minha derrota, annunciava-se a minha retirada, até se davam já d'ella as particularidades, e previa-se a minha perda. Os Tirolianos revoltaram-se, e foi preciso mandar contra elles o exercito de Baviera. Partidas armadas se tinham organizado na Prussia e Westphalia, e já corriam d'uma parte a outra, excitando insurreições. Os Inglezes tambem tentaram uma expedição contra Antuerpia, que teria tido muito bom effeito sem a sua inepecia. A minha posição ia diariamente de mal a peor.

Em fim pude tornar a lançar pontes sobre o Danubio. O exercito passou o rio em uma noite tempestuosissima. Eu mesmo assisti á passagem, porque ella me dava cuidado. Foi com effeito bem succedida, e as nossas columnas tiveram tempo para formar-se: este grande dia amanheceu debaixo de mui felizes auspicios.

A batalha foi bella, porque foi disputada. Os generaes não tiveram, com tudo, necessidade de fazer grandes esforços d'imaginação, porque commandavam grandes massas sobre uma planicie. O terreno foi por muito tempo disputado; mas a intrepidez das nossas tropas, e uma ousada manobra de *Macdonal* decidiram d'este dia.

O exercito Austriaco, vendo-se forçado, desfilou em desordem por uma longa planicie, aonde perdeu muita gente. Eu o perseguí vivamente, porque era preciso concluir a campanha. Batido na Moravia, não teve outro partido senão de pedir paz: eu lh'a concedi pela quarta vez.

Bem esperava eu que seria duravel, porque a gente se enfastia de ser batida assim como de qualquer outra cousa. Além d'isto, havia em Vienna um grande partido que era a favor de uma alliança final com o Imperio.

(Eu desejava a paz, porque via a necessidade de dar algum descanso aos povos: em vez de terem gozado das vantagens da revolução, elles não tinham visto até esta epocha senão as suas calamidades. Nós já não eramos seus protectores como haviamos sido no principio da guerra; e para acostumar a opinião da Europa á natureza do meu poder

era preciso não lho mostrar sempre debaixo d'um aspecto hostil.

O partido inimigo dizia por sua parte á multidão, que elle não pegava em armas senão para libertal-a do flagello da guerra, e para diminuir o preço das fazendas inglezas.

Estas insinuações faziam prosélitos, e a guerra tornava cada vez menos popular a revolução. É por isto que eu desejava a paz; mas não a podia haver sem o consentimento dos Inglezes, e a Austria se incumbiu de o pedir. Foi porém recusado.

Esta recusação inquietou-me. Vi que Inglaterra se sentia com forças que eu não lhe conhecia: procurei descobri-las, e não o pude conseguir.

Em vez de depôr as armas fui forçado a conservar-me em estado de guerra, e a fatigar a Europa. Isto me desagradava, porque ainda que eu gozasse dos fructos da victoria toda a honra do combate era sempre dada aos alliados. Estes tinham esse ar innocente que dá a defeza das cousas que se chamam legítimas, porque são velhas. Eu, pelo contrario, tinha o ar d'aggressor, porque combatia para as destruir, e substituir-lhe outras novas. Assim, sobre mim só recahia todo o peso da accusação. E todavia a guerra da revolução não foi mais do que o resultado da posição da Europa. Era uma crise que mudava seus costumes, e era a consequencia inevitavel da passagem d'um systema social para outro. Se eu houvesse sido o inventor d'este systema, poderia ser arguido pelos males que elle fez; mas o certo é que ninguem o inventou, e que foi só o producto da marcha do tempo. O tempo preparou lentamente a revolução Franceza como já antes tinha preparado a do Protestantismo com todas as desgraças que a acompanharam. A guerra não dependeu mais de mim do que dos alliados: dependeu unicamente do modo porque foi creado e existe o genero humano.

Inglaterra continuou a guerra sem auxiliares, mas não sem alliados, porque contava como taes a todos os inimigos da revolução. Nós tinhamos largo campo de batalha em Hespanha, e para lá mandei as minhas tropas; mas não tornei eu mesmo, e nisso fiz mal, porque só cada um sabe tractar bem os seus negocios. Mas eu já andava fatigado dos grandes barulhos, e além d'isto meditava um projecto, que devia dar ao meu reinado um novo caracter.

Antes d'isto se me suscitou um embarço,

de que eu não me tinha lembrado. O norte estava occupado por minhas tropas, e os Inglezes não tinham forças bastantes para me atacar neste ponto: era só no Mediterraneo que a sua marinha os tornava superiores, porque possuíam Malta, gozavam da Sicilia, e das costas d'Hespanha, d'Africa e da Grecia. Quizeram portanto aproveitar-se de tamanhas vantagens.

Procuraram excitar um movimento de reacção em Italia, para d'ella fazerem uma nova Hespanha, se isso fosse possivel. Em toda a parte haviam descontentes, porque eu não podia agradar a todo o mundo, e por conseguinte os havia tambem na Italia como nos outros paizes. O clero não gostava de mim, porque o meu reinado destruia o seu; e os devotos, seguindo seu exemplo, tambem me detestavam. O povo baixo tinha estes mesmos sentimentos, porque o clero influe ainda muito nelle na Italia. O quartel-general d'esta opposição estava em Roma, como a unica cidade d'Italia que cuidava estar menos ao alcance da minha vigilancia. Assim Roma communicava com os Inglezes, provocava a revolta, insultava-me com escriptos clandestinos, e espalhava falsos boatos. Recrutava gente para os Inglezes, pagava os bandos do cardeal *Ruffo* para assassinarem os Francezes, e procurava deitar pelos ares o palacio do ministro da policia em Napoles. Era manifesto que os Inglezes tinham algum projecto sobre a Italia, e que allí fomentavam as desordens.

Eu não devia permittir tal, nem devia soffrer que se insultassem e se assassinassem os Francezes. Contentei-me com queixar-me por diversas vezes á Sancta Sé; mas só recebi respostas mui civis, convidando-me a soffrer este mal com paciencia. Mas eu, que por character nunca fui soffredor, vi logo que havia contra nós uma má vontade decidida, e que era preciso anticipar-me para impedir a explosão. Em consequencia d'isto, mandei occupar Roma pelas minhas tropas.

Esta medida, um pouco violenta, em vez de diminuir a effervescencia, irritou os espiritos. Manteve, comtudo, o sócego da Italia, e transtornou os planos de lord *Bentinck*, ainda que todos os devotos entraram logo occultamente a tramar contra mim tudo, quanto o odio e o espirito da Igreja podem suggerir.

Este centro d'intrigas tinha ramificações em França e na Suissa. O clero, os descontentes, e os partidistas do antigo regimem

(porque ainda os havia) andavam todos associados para formar intrigas contra a minha auctoridade, e fazer-me o maior mal que podessem. Mas não appareciam nunca como conjurados; tinham arvorado as bandeiras da Egreja, e atacavam-me com excomuniões, e não com artilheria. Até tinham seu sancto, e sua sênha: em uma palavra, formavam uma maçonaria orthodoxa, que eu não podia destruir porque era universal.

Era egualmente difficil atacar individualmente esta especie de gente, porque um tal ataque teria o ar de perseguição, que é sempre a arma dos fracos e nunca dos fortes. Julguei pois que poderia dissipar este partido, mettendo-lhe medo com um grande rasgo d'auctoridade. Queria mostrar-lhe a minha resolução, para lhe dar a conhecer, que estava determinado a manter o respeito da ordem e da auctoridade, e que para isto nenhum obstaculo teria.

Eu sabia que o modo de atacar mais seguramente este partido era separal-o do chefe da Egreja. Passou-se com tudo muito tempo antes que me determinasse a tomar esta resolução, porque ella me repugnava; mas esta minha demora exigia por isso mesmo uma prompta decisão. Lembrava-mé que Carlos V, que era mais devoto e menos poderoso do que eu, tinha feito prisioneiro um Papa, e não se tinha achado mal com isto; e por conseguinte, tambem eu podia fazer o mesmo. O Papa foi tirado de Roma, e conduzido para Savona. Roma foi reunida á França.

Bastou este acto politico para destruir todos os projectos do inimigo. A Italia conservou-se socegada e fiel até o dia em que acabou o Imperio. Mas a guerra da Egreja continuou com a mesma obstinação: o zelo dos devotos reanimou-se. Era uma acção pouco estróndosa, mas venenosa, que operava sempre contra mim. Por maiores cautelas que tomei, os devotos conseguiram ter communicação com Savona, e receber de lá as suas instrucções. Os Trappistas de Fribourg eram o canal d'esta correspondencia, que elles imprimiam, e faziam circular de cura em cura por todo o Imperio. Fui obrigado a transferir o Sancto Padre para Fontainebleau, e a expulsar os Trappistas para romper estas communicações. Mas creio que nunca o consegui.

Esta pequena guerra teve um mau effeito, por que não a pude despir do caracter de perseguição. Era-me impossivel deixar de

punir pessoas desarmadas, e com isto fazia, a meu pezar, muitas victimas. Estes desgraçados negocios da Egreja produziram talvez 500 prisioneiros d'Estado, quando os da politica não tinham produzido 50. Em tudo isto não ardei eu como devia, porque era assás forte para não temer os fracos; e assim fiz muito mal só por querer prevenil-o.

Um grande projecto occupava então o Estado, e com elle parecia que o meu reinado se consolidaria, pondo-me em novas relações com Europa. Eu esperava d'elle grandes resultados.

O meu poder estava já reconhecido, mas faltava ainda dar-lhe o caracter de perpetuidade, o que não podia adquirir sem eu ter um herdeiro. Sem elle, a minha morte podia tambem ser a da minha dynastia, por que nenhuma póde ser perpetua, sem que a auctoridade tenha já d'ante mão certas epochas marcadas.

Eu vi a necessidade de separar-me d'uma mulher de quem não podia ter posteridade, mas isto ao mesmo tempo me custava, porque me era doloroso o separar-me da pessoa a quem mais amei. Estive por muito tempo sem poder tomar uma resolução; mas minha mulher foi a primeira que francamente se resignou por effeito da grande amizade que sempre me teve. Eu accetei seu sacrificio, porque elle era indispensavel. A politica a mais simples me indicava a alliança da casa d'Austria. A corte de Vienna já estava fatigada de tantos revézes, e unindo-se para sempre comigo, fazia-me garante da sua segurança. Por esta alliança tornava-se cúmplice de minha grandeza; e desde então eu ficava com tanto interesse em protegel-a quanto havia tido até alli em arruinal-a. Por esta alliança formavamos uma massa de poder a mais formidavel que tem existido. Íamos ainda além do Imperio Romano. Esta alliança se contractou.

Depois d'isto, não houve em todo o continente, fóra da nossa massa, se não a Russia, e as ruínas da Prússia; tudo o mais nos obedecia. Uma preponderancia tamanha devia desanimar todos os nossos inimigos; e sem muita prevenção cheguei a persuadir-me que a minha obra estava acabada, e que já tinha posto o meu throno ao abrigo de todas as tempestades.

O meu calculo era justo, mas as paixões não calculam. A apparencia era comtudo em meu favor. O continente estava socegado, e ia-se acostumando a ver-me reinar.

Pelo menos, mui bem o mostrava pelas genuflexões que me fazia. Ellas eram tão profundas, que ainda um homem mais habil do que eu se teria enganado. O respeito, que havia para com o sangue da família d'Austria, legitimava o meu reinado perante os soberanos. A minha dynastia consolidava-se na Europa, e via já que se não disputava o throno ao filho que a Imperatriz acabava de dar á luz.

Só em Hespanha não havia socego, aonde os Inglezes operavam com grandes forças. Mas esta guerra não me inquietava, porque eu estava resolvido a ser ainda mais teimoso do que os Hespanhoes, e via que com o tempo tudo se acaba (*).

O Imperio era assás forte para sustentar esta guerra sem prejuizo; e ella nem impedia os estabelecimentos com que decorava a França, nem as emprezas uteis que esta exigia. A administração ia cada vez a melhor. Eu organisava instituições proprias para manter a força do Imperio, creando uma nova geração que fosse capaz de o defender.

A obrigação de sustentar o systema continental produzia só algumas difficuldades nos governos que tinham littoraes próprios para facilitar os contrabandos. De todos estes Estados a Russia era aquelle que se achava em maiores embaraços: a sua civilisação ainda não estava bastantemente adiantada para poder passar sem os productos d'Inglaterra. Eu, a pezar d'isso, exigi que elles fossem prohibidos: era com effeito um absurdo, mas absurdo indispensavel para completar o systema prohibitivo. Havia contrabando, e eu o tinha previsto, porque a Russia vigia mal o seu paiz. Mas como entra sempre menos com portas fechadas do que com ellas abertas, o contrabando tambem sempre introduz menor quantidade de fazendas do que a livre admissão. Assim, eu preenchia dois terços do meu plano, e com tudo nem por isso deixei de queixar-me fortemente. Houveram justificações, continuaram as queixas, e nós entrámos a irritar-nos. Isto não podia durar sempre d'este modo.

Com effeito, depois da alliança que eu havia contractado com a Austria, era impossivel não ter desavenças com a Russia. Esta conhecia que nós não podiamos já ter outro inimigo se não ella, porque estavamos

(*) Não viu porém, que com o tempo tambem podia acabar o seu poder. — Os Redactores.

senhores de tudo o mais. Tornava-se portanto necessario, ou que a Russia se reduzisse a uma officiosa nullidade, ou que procurasse resistir-nos, e manter a sua dignidade. Ella era muito forte para consentir em não ser cousa nenhuma, e era muito fraca para nos poder resistir; mas nesta alternativa era melhor mostrar-se sem medo do que dar-se logo por vencida. Este ultimo partido é sempre o peor. A Russia adoptou o primeiro.

Depois d'isto, entrei logo a achar inopinadamente muita altivez nas communicações que tinha com Petersburgo. Recusarem-me confiscar os contrabandos, e até se queixaram de eu ter mandado occupar o paiz d'Oldenbourg. Eu respondi no mesmo tom, e já se via mui bem que fomos desavir-nos, porque nem um nem outro eramos soffredores, e ambos tinhamos força bastante para entrar em combate.

Eu confiava muito no bom resultado d'esta guerra, porque tinha concebido um plano, por meio do qual esperava terminar para sempre a longa lucta em que tinha gastado toda a minha vida. Parecia-me, além d'isto, que depois de haver chegado ao ponto da nossa historia em que já estavamos, os soberanos da Europa tambem já não deviam tomar parte alguma directa neste conflicto, porque nossos interesses se haviam tornado communs. A politica dos principes devia agora inclinar-se a meu favor, porque tudo quanto eu fazia já não era para destruir os thronos porém para os consolidar. Eu tinha dado novamente ao reinado um ar formidavel, e fazendo isto tinha trabalhado para elles, que estavam seguros de reinar á sombra da minha alliança, e ao abrigo da guerra e das revoluções.

Esta politica era tão palpavel que julguei que os soberanos tinham bastante sizo para adoptal-a. Assim, não desconfiei d'elles. E quem poderia, com effeito, advinhar que, seduzidos pelo odio que me tinham, abandassem o partido do throno, e chamassem elles mesmos para dentro de seus estados as revoluções, de que mais cedo ou mais tarde devem ser victimas?

Tinha calculado que a Russia tinha enorme volume para poder entrar no systema Europeu que eu acabava d'organisar, e de que a França era o centro. Era preciso logo fazel-a recuar para fóra da Europa a fim de que ella não transtornasse a unidade d'este systema. Era preciso dar a esta nova demar-

cação politica fronteiras bem solidas para resistir ao pezo de toda a Russia; e era preciso obrigar por força este estado a ir tomar o logar que occupava ha cem annos.

Só a massa do meu Imperio era bastante vigorosa para tentar um egual acto de violencia politica. Eu o julgava possível, e persuadia-me que só este era o unico meio de pôr o mundo a salvó dos Cossacos.

Para realisar este plano era preciso reorganisar, a Polonia sobre uma base segura, e bater os Russos para os obrigar a aceitar as fronteiras, que se lhe iam marcar com a ponta da espada. A Russia poderia então assignar sem vergonha a paz que lhe determinasse essas fronteiras, porque nisso não havia acto algum indecoroso para ella, mas antes um reconhecimento público da sua força, e do medo que tinhamos d'ella.

Situada assim, por minhas precauções, fóra do raio da economia Europea; separada d'esta mesma economia pelo meio de trezentas mil guardas, a Russia tornaria a ligar-se com Inglaterra, conservaria sua independencia politica, e sua existencia em toda a sua integridade; mas seria tão estranha para nós como o reino do Thibet.

Só este plano era rasoavel; e mais cedo ou mais tarde se virá a sentir a sua ruina; porque a Europa, organisada assim debaixo d'um unico systema por um mutuo consentimento, e refundida segundo um modelo proprio das disposições do seculo, teria dado o maior espectáculo que a historia nos offerece. Porém muitas prevenções obscureceram a vista dos soberanos, e não viram o perigo aonde elle estava realmente. Cuidaram que elle estava aonde exactamente só existia o remedio.

Parti para Dresda. Esta guerra ja decidir para sempre a questão que se debatia, havia vinte annos; pois que esta guerra devia ser a ultima e porque além da Russia, está o fim do mundo. Os nossos inimigos já não tinham se não este momento, e por isso cuidaram em aproveitá-lo. A córte d'Austria foi quem primeiro desarranjou meus planos sobre a Polonia, recusando restituir o que d'ella possuia. Julguei dever ter contemplanções com ella, e esta só fraqueza arruinou os meus negocios; porque assim que cedi sobre este ponto, logo me foi impossivel tractar francamente a questão da independencia da Polonia. Fui obrigado a mutilar o paiz sobre que devia fundar-se a segurança da Europa. Por minha fraqueza

causei descontentamento, e o que mais é, desconfiança nos Polacos, porque viram que eu os sacrificava ás minhas conveniencias. Eu conheci o meu erro, e envergonhei-me d'elle. Não quiz portanto ir a Varsóvia, porque não tinha lá nada que fazer naquella occasião; e o partido que tomei foi confiar ás victorias futuras a sorte d'esta nação.

Sabia muito bem, que a temeridade produz muitas vezes excellentes effeitos, e nesse caso julguei possível concluir em uma campanha o que tinha premeditado fazer em duas. Gostava d'esta promptidão, porque o futuro já me inquietava. Além d'isso, estava á frente d'um exercito, que não tinha outros sentimentos senão os da gloria, e outra patria, senão os campos de batalha. Assim, em vez de me segurar bem no terreno que pisava, e d'ir passo a passo, atravessei a Polonia, e passei o Niemen. Derrotei os exercitos que se me apresentaram diante, marchei sem descansar, e entrei em Moskow. Este foi o termo da minha fortuna, e deveria ter sido tambem o da minha vida.

Senhor d'uma capital, que os Russos me entregaram reduzida a cinzas, acreditei que este Imperio já se dava por vencido, e que não teria difficuldade em aceitar as bellas condições de paz, que lhe mandei propor. Mas foi então que a fortuna abandonou a nossa causa. Inglaterra concluiu um tractado entre a Russia e a Porta, que deu á primeira mais um exercito. Um francez, que por azar cahira sobre o throno da Suecia, trahiou os interesses da sua patria, e ligou-se com seus inimigos, só com a esperanza de trocar a Finlandia pela Noruega.

Elle mesmo traçou o plano da defeza da Russia, e Inglaterra impedio que elle accettesse a paz. Fiquei pasmado com as demoras que tinha a sua conclusão, e o inverno se aproximava; vi muito bem que não queriam a paz. Assim que tive esta certeza, ordenei a retirada. Os elementos a tornaram severa. Os francezes adquiriram nella muita honra pela firmeza com que suportaram este revéz. Nunca lhes faltou o animo, senão quando lhes faltaram as vidas.

Eu mesmo não pude ver sem commoção este desastre, e precisei roborar-me com a reflexão de que um Soberano nunca deve abater-se, nem enternecer-se.

A Europa ficou ainda mais aturdida com os meus revézes do que antes o tinha sido com as minhas victorias. Mas eu não me devia fiar neste seu momentaneo estupor,

porque acabava de perder ametade d'aquelle exercito, que tinha produzido todo o seu terror. Ella já podia esperar de vencer os restos, porque a proporção das forças tambem já estava mudada. Devia, por conseguinte, prever, que passado o primeiro momento de pasmo eu ia ter contra mim a eterna coalição de que já estava ouvindo os gritos d'alegria.

A occasião d'uma derrota é bem má para fazer pazes. Todavia, a Austria, que se consolava de me ver abatido, pois que assim a parte que tinha em nossa alliança se tornava melhor, quiz incumbir-se de propôr a paz. Offereceu para ella a sua medeação, que ninguem quiz aceitar, porque tinha perdido todo o seu credito.

Era logo preciso tornar a vencer, e persuadir-me que seria capaz d'isso, quando vi que a França era da minha opinião. A historia não mostra um povo tão grande como ella. Afflicta com as suas perdas, só cuidou em reparal-as, e em trez mezes o conseguui. Este só facto basta para responder aos sophismas d'esses homens que só sabem triumphar por meio dos desastres da sua patria.

A França me deve talvez em parte a posição que conservou na hora da infelicidade; e se na carreira da minha vida ha um momento, que mereça a estimação da posteridade, deve elle ser este, porque mui penoso me foi o passal-o.

Appareci com effeito, na abertura da campanha, tão formidavel como antes. O inimigo ficou admirado de ver tão cedo as nossas aguias. O exercito que eu mandava era mais bellicoso do que aguerrido, mas tinha comsigo a herança d'uma longa gloria, e eu o conduzi ao inimigo com toda a confiança. Eu tinha, na verdade, muito que fazer, porque me era preciso resuscitar o nosso credito militar, e renovar a lucta, que tinha estado quasi acabada. Conservava ainda a Italia, a Hollanda, e a maior parte das praças d'Alemanha. Mui pouco terreno ainda tinha perdido, mas Inglaterra duplicava seus esforços. A Prussia fazia-nos a guerra com insurreições, e os principes da confederação iam-se apromptando para se bandearem com o mais forte: como eu o era ainda, iam seguindo as minhas bandeiras, porém de vagar. A Austria procurava conservar a dignidade dos neutros, em quanto o facho da insurreição corria toda a Alemanha para armar os povos contra nós. Todo o meu systema estava abalado.

A sorte do mundo dependia d'um azar, porque em nenhuma parte havia ainda plano organizado. Dependia d'uma batalha; e a Russia devia decidir a questão, porque se batia com grandes forças, e com sinceridade.

Eu ataquei o exercito Russo e Prussiano, e o derrotei trez vezes.

Como estes successos desarranjavam os planos dos amigos d'Inglaterra, fingiram abandonar todos os projectos hostis, e incumbiram a Austria de me propôr a paz.

As condições eram supportaveis em apparencia, e muita gente as teria accettato se estivesse em meu logar. Porque não se exigia de mim senão que restituísse as provincias Illyrias, e as cidades Anseaticas; a nomeação de soberanos independentes para os reinos d'Italia e da Hollanda; a retirada das tropas d'Hespanha; e a volta do Papa para Roma.

Com effeito eu tinha já descido bem na opinião do mundo, quando depois de trez victorias ainda ousavam exigir de mim que abandonasse estados que os alliados ainda se não atreviam a atacar.

Se eu tivesse consentido nesta paz, o Imperio teria cahido mais de pressa do que se tinha elevado. Em virtude d'este tractado eu ainda ficava poderoso sobre o mappa, mas já não o era de facto. A Austria, elevando-se a fazer a figura de medeadora, rompia a nossa alliança, e se handeava com o inimigo. Se restituísse as cidades Anseaticas, mostrava que já podia restituir, e neste caso todo o mundo quereria tornar á sua independencia. Creava assim a insurreição em todos os paizes reunidos. Se abandonasse a Hespanha, animava todas as resistencias; e se depozesse a corôa de ferro, compromettia a do Imperio. Os azares da paz eram todos funestos para mim, os da guerra podiam-me ainda salvar.

É preciso confessar que grandes successos, e revêses ainda maiores tinham marcado a minha historia, e por isso eu não podia já deixar a decisão de meus destinos para o dia de amanhã. Convinha ou acabar logo d'uma vez, e para sempre a grande revolução do seculo dezenove, ou fazer com que ella ficasse suffocada debaixo d'um montão de cadaveres. O mundo inteiro estava todo em armas para decidir a questão. Se eu tivesse assignado a paz de Dresda, deixava-a indecisa, e mais cedo ou mais tarde me seria necessario tornar a agital-a. Ver-me-ia

nas circumstancias de tornar a principiar a longa carreira de successos que eu já tinha corrido, e isso quando eu já não fosse môço, e me achasse com um Imperio fatigado, a quem tinha promettido a paz, e que me accusaria de a não ter acceitado.

Era, portanto, muito melhor aproveitar o unico momento em que o destino do mundo só dependia d'uma unica batalha, porque, uma vez que eu a ganhasse, elle ficaria em minhas mãos.

Assim recusei a paz. E como cada um só vê com seus proprios olhos, a Austria só viu no meu comportamento muita imprudencia, e por isso julgou a occasião mui favoravel para se bandear com os meus inimigos. Não me convenci porém d'esta deserção senão no ultimo momento; mas eu estava em circumstancias de poder com ella. Meu plano de campanha já estava feito, e devia produzir um resultado decisivo.

O inconveniente que tem os grandes exercitos é que o general nunca pôde estar em toda a parte. As minhas manobras, foram, segundo me parece, as melhores que eu tenho combinado; porém o general Vandamme desamparou a sua posição, e deixou-se agarrar. Cuidando que ia ser marechal do Imperio, Macdonald esteve quasi a ponto de morrer afogado; e o marechal Ney deixou-se livremente bater: assim, dentro d'algumas horas todo o meu plano ficou transtornado.

Achava-me batido, e por tanto ordenei a retirada: apezar d'isso, eu ainda estava bem forte para tomar a offensiva, mudando de terreno. Não quiz tambem perder a vantagem das praças que eu occupava, por que se ganhasse uma só victoria ficava senhor de todo o norte até Dantzick. Reforcei, pelo contrario, minhas guarnições, e lhes ordenei de resistirem até á ultima extremidade. Nesta parte executaram ellas mui bem as minhas ordens.

Retirava-me lentamente com uma massa respeitavel; porém retirava-me, e os inimigos me iam seguindo, crescendo cada vez mais, por que nada engrossa tanto os batalhões como a boa fortuna das batalhas. Toda a inimidade, que o tempo tinha accumulado, apparecia agora a um tempo. Os Allemães queriam vingar-se dos males da guerra, e o momento era propicio, porque eu me achava batido. Bem como eu o tinha previsto, meus inimigos rebentavam da terra. Esperei por elles em Leipsick, nessas

mesmas planicies em que pouco antes tinham sido derrotados.

A nossa posição não era boa, porque eramos atacados em meio circulo: a mesma victoria não podia dar-nos grandes resultados. Tivemos com effeito boa fortuna no primeiro dia, sem contudo podermos tomar a offensiva: foi portanto uma batalha nulla, que foi preciso tornar a começar. O exercito combatia muito bem, apezar das suas fadigas; mas então, por um acto que a posteridade designará como bem lhe parecer, os alliados, que combatiam em nossas fileiras, voltaram inopinadamente as armas contra nós, e fomos vencidos.

Tomámos o caminho de França; mas tão longa retirada não se podia fazer sem desordem. A fadiga e a fome mataram muita gente. Os Bávaros, depois de haverem desertado de nossas bandeiras, ainda quizeram cortar-nos o caminho para França: os Francezes marcharam sobre seus cadaveres, e entraram em Moguncia. Esta retirada custou tanta gente como a retirada da Russia.

Nossas perdas eram tamanhas, que eu mesmo fiquei consternado. A nação cahiu em abatimento, e se os inimigos tivessem continuado sua marcha, poderião ter entrado com a nossa retaguarda em Paris. Mas o aspecto da França os intimidou: por muito tempo ficaram olhando para as nossas fronteiras sem ousarem passal-as.

Já se não tractava de gloria mas da honra da França; e é por isso que eu ainda muito contava com os Francezes. Porém eu já não era feliz, e fui muito mal servido. Não accuso porém esse povo, sempre prompto a derramar seu sangue pela patria; tambem não accuso ninguem de traição, porque ser verdadeiro traidor é mais difficil do que se pensa; accuso sómente essa falta de animo que é o fructo ordinario das desgraças. Eu mesmo senti este effeito. O homem desanimado fica indeciso, porque não vê diante de si senão maus aspectos; e o peor de tudo em todos os negocios é a indecisão.

Eu devia ter desconfiado d'este abatimento geral, e providenciar tudo por mim mesmo; mas confiei em um ministerio assustado, e tudo se executou mal. As praças fortes não estavam nem reparadas nem fornecidas, porque havia mais de vinte annos que não tinham sido ameaçadas. O zelo dos paisanos suppriu tudo, porém a maior parte dos commandantes eram velhos doentes,

que só tinham sido nomeados para nellas descançar. Quasi todos os meus prefeitos eram tímidos, e só cuidavam em ganhar tempo e não em defender-se. Eu deveria tel-os mudado com tempo para só ter na primeira linha homens intrepidos, se com tudo é possível achal-os entre aquelles que têm muito que perder.

Não tinhamos ainda nada prompto para a defeza, quando os Suissos abriram aos alliados a passagem do Rheno. A pezar de suas victorias os inimigos não ousaram arrostal-o em frente, e só avançaram a passos de lobo, isto é, com cautela. Receavam poder marchar sem obstaculo por uma terra, que suppunham estar coberta de bayonetas. Todavia não encontraram nossas vanguardas senão em Langres. Alli começou essa campanha, muito conhecida para que eu precise descrevel-a, mas que conservará um nome immortal a esse punhado de homens valentes que nunca desconfiaram da salvação da França. Tamanho valor me restituiu a confiança, e por trez vezes julguei que com taes soldados nenhuma cousa era já impossivel. Eu tinha ainda um exercito na Italia, e fortes guarnições em o norte; mas não tinha tempo para os chamar em meu socorro: era preciso vencer no lugar em que me achava. A sorte da Europa só dependia de mim; nenhum ponto era importante senão o que eu pisava.

Os alliados offerciam-me a paz, tanto é que ainda se receavam de mim. Mas eu a tinha recusado em Dresda, e já não podia acceital-a em Chatillon. Para fazer a paz era preciso salvar a França, e tornar a arvorar as aguias sobre o Rheno.

Depois d'uma tal experiencia, as nossas armas deviam ser reputadas invenciveis, e nossos inimigos teriam tremido á vista d'essa fatalidade que me dava a victoria. Ainda senhor do meio dia e do norte por meio das minhas guarnições, podia com uma só batalha recobrar o meu ascendente. E nesse caso teria a gloria dos revêzes assim como a das victorias.

Este resultado estava a ponto de realisarse, porque as minhas manobras tinham sido bem succedidas. Uma insurreição geral ia dar cabo de tudo, e para ella só faltava um instante. Mas a minha perda estava decidida. Um correio, que eu imprudentemente mandei á Imperatriz, foi agarrado pelos alliados, e por elle viram que estavam perdidos. Então um côrso, que era um de seus

conselheiros, lhes mostrou que a prudencia era mais perigosa do que a audacia; e elles tomaram o unico partido que eu não tinha previsto, porque era o unico bem que tinham. Ganharam-me a dianteira, e marcharam para Paris.

Tinha-se-lhes promettido uma facil entrada; mas esta promessa teria sido illusoria, se eu tivesse depositado em melhores mãos a defeza de Paris. Tinha confiado muito na honra da nação, e loucamente deixei em liberdade individuos que eu conhecia por faltos de todos os sentimentos honrados. Cheguei mui tarde para poder soccorrel-a; e essa cidade, que não soube defender seus soberanos nem seus muros, já tinha aberto as portas aos estrangeiros.

Eu accusei o general *Marmont* de me ter atraçoado: hoje me desdigo, e lhe faço a justiça que merece. Não houve um só soldado que trahisse a fidelidade que devia á sua patria: os traidores foram d'outra classe. Mas não pude conter-me no primeiro momento da minha dor, vendo a capitulação de Paris assignada pelo meu mais antigo companheiro d'armas.

A causa da revolução ficou perdida assim que eu fui vencido. Mas não foram os realistas, nem os cobardes, nem os descontentes que me destruíram: foram os exercitos inimigos. Os alliados eram senhores do mundo, porque eu já lhes não podia disputar esse imperio.

Achei-me em Fontainebleau rodeado de tropa fiel, mas pouco numerosa. Ainda com ella podia tentar a sorte dos combates, por que sei era capaz de todas as acções heroicas; porém á França teria custado bem caro o prazer d'esta vingança. Ella mui justamente me poderia então accusar de seus males, e eu quero que só me accuse da muita gloria que dei ao seu nome. Em tal caso resignei-me.

Vieram-me propôr que abdicasse. Eu achei ridicula tal proposição; porque a minha abdicção já datava do dia em que tinha sido vencido. Comtudo, como esta formula podia ser ainda d'alguma utilidade para meu filho, não duvidei assignal-a.

Um partido numeroso desejava muito que meu filho subisse ao throno para conservar a revolução com a minha dynastia; porém isto era impossivel. Os alliados já nem mesmo podiam escolher: eram forçados a chamar os *Bourbons*. Cada um tem querido gloriar-se de haver cooperado para a sua

volta, mas ella foi forçada; porque era a consequencia immediata dos principios por que se andava em guerra ha vinte annos. Quando eu cingi a corôa roubei o throno aos povos, e dando-o agora aos *Bourbons*, era o mesmo que roubal-o tambem aos soldados felizes. Este era pois o unico meio de apagar para sempre o fogo revolucionario. Qualquer outro soberano que se chamasse para o throno de França sancionaria solememente a revolução; e seria um acto insensato da parte dos soberanos.

Ainda direi mais: a volta dos *Bourbons* era uma felicidade para a França. Salvava-a da anarchia, e lhe promettia descanso por que lhe segurava a paz. Esta era forçada entre os alliados e os *Bourbons*, porque uns eram mutuamente garantes dos outros. A França não era cumplice nesta paz, porque ella não se fazia em seu favor, mas só a beneficio da familia que aos alliados convinha pôr sobre o throno. Era um tractado com que se pertendia agradar a todo mundo; e por isso era tambem o melhor modo que a França podia ter de sahir menos mal da maior derrota que tem tido uma nação militar.

Achei-me prisioneiro, e esperava ser tractado como tal. Porém quer fosse por essa especie de respeito que sempre inspira um velho soldado, quer por esse espirito de generosidade que dirigiu esta revolução deixaram-me escolher um asylo. Os alliados cederam-me uma ilha e um titulo, que consideraram como insignificantes; e me permittiram além d'isto (generosidade de certo mui nôbre) de levar comigo um pequeno numero de velhos soldados, com os quaes tinha corrido tantos azares. E ainda mais, permittiram-me levar comigo alguns d'esses homens a quem a desgraça nunca desanima.

Separado de minha mulher e meu filho, contra todas as leis divinas e humanas, retirei-me para a ilha d'Elba, sem nenhuns projectos futuros. Eu não era mais do que um dos espectadores do seculo. Mas ninguem melhor do que eu conhecia em que mãos ia cahir a Europa: sabia mui bem que seria governada ao acaso, e que os azares d'este mesmo acaso podiam ainda obrigar-me a figurar no mundo. Todavia, vendo-me impossibilitado de contribuir para elles não formava planôes alguns, e vivia como homem estranho para historia do tempo. Porém a marcha dos successos apressava-se mais do que eu tinha imaginado, e

fui por assim dizer, surpreendido por elles no interior do meu retiro.

Lia as gazetas, e por ellas sabia em summa quanto se passava. Procurei por tanto conhecer o espirito das cousas a travéz de todas as mentiras que se publicavam. Pareceu-me evidente que ElRei Luiz XVIII tinha entrado no segredo do seu seculo, e conhecia que a maioria da França queria a revolução. Elle sabia, por vinte annos de experiencia, que o seu partido era mui fraco para resistir a esta maioria, assim como que o maior numero sempre a final domina o menor. Era-lhe preciso logo, para reinar, bandear-se com esta maioria, isto é, com a revolução. Mas, para não parecer revolucionario, era preciso que ElRei organisasse de novo a revolução, em virtude d'esse direito divino que lhe coubera em sorte.

Esta idéa era engenhosa, porque fazia com que os *Bourbons* fossem revolucionarios sem escrupulo de consciencia, e tornava realistas os mesmos revolucionarios, mantendo seus interesses e suas opiniões. Não devia, por consequencia, haver mais do que um coração e um espirito em toda a nação; e é isto o que se dizia, ainda que não era com effeito verdade.

Esta combinação era com tudo tão feliz, que a França, assim dirigida, viria a ser em bem poucos annos mui florescente. El Rei, por este meio, teria resolvido com um só rasgo de penna o difficil problema porque eu guerreei por espaço de vinte annos; pois que assim estabelecia uma nova economia politica em França, e a fazia reconhecer, sem contradicção, por toda a Europa. Para isto nada mais precisava do que saber governar em sua casa.

Para operar esta grande obra, ElRei tinha dado uma charta, fabricada como todas as chartas. Ella era excellente, porque todas o são quando as fazem observar. Mas como as chartas não são mais do que folhas de papel, nunca tem outro valor além d'aquelle que lhes dá a auctoridade incumbida de as defender. Com tudo, esta auctoridade nunca existiu, e em vez de ser depositada nas unicas mãos que eram responsaveis, ElRei permittiu que se dividisse por todos os partidos que arvoravam seu nome. Em vez d'elle ser o unico chefe do Estado, consentiu em fazer-se chefe de partido. Assim em França tudo tomou a côr de facção, e anarchia só dominou.

Desde então não se viu mais que incon-

sequencia e contradicção no systema da côrte. As palavras não correspondiam com as obras, porque no fundo do coração não se gostava das cousas que existiam.

ElRei havia dado charta para que não lha dessem; mas é evidente que, depois do primeiro momento, logo os realistas esperaram de a ir rasgando folha a folha, porque de facto ella não lhes servia.

Para o edificio do governo apenas se tinham junctado os materiaes. Tinha-se reorganizado a nobreza, mas não se lhe deram prerogativas nem poder. Não era democratica, porque era exclusiva; não era aristocratica, porque de nada figurava no Estado. Era portanto um bem mau serviço o que se havia feito á nobreza, creando-a por esta maneira. Estava como em estado de guerra, porque offendia as mais classes, e não se lhe haviam dado meios alguns de defeza. Era, com effeito, uma verdadeira contradicção, de que deviam originar-se continuos debates.

Tambem quizeram reorganizar o clero; e escolheram para levantar o throno e o altar um bispo que abjurou o episcopado.

Pretendia-se lançar um véu sobre toda a revolução; e desenterraram-se seus cadaveres.

Tentou-se fazer marchar a revolução de 89 por meio de realistas, e a contra-revolução de 31 de Março por meio de ex-convençionaes. Ambos elles não fizeram o que deviam, porque as revoluções só podem ser dirigidas por homens que nasceram com ellas. ElRei não deveria ter empregado senão homens de vinte annos.

Procurava-se manter a revolução, e desacreditavam-se suas instituições. Com isto se descontentou a totalidade da nação, que havia sido educada com ellas, e estava acostuada a respeitá-las.

Conservaram meus soldados, porque tinham medo d'elles; porém mandava-se-lhes passar revista por homens, que lhe fallavam de gloria, cortejando os Cosacos.

Ninguem tinha confiança nas cousas existentes, porque não se lhes via alicerce. Não o havia nos interesses reciprocos, porque todos estavam abalados; não o havia nas opiniões, porque todas eram inimigas umas das outras; e não o havia finalmente na força, porque á frente do governo não haviam braços nem vontade.

Eu estava bem informado de quanto se passava no congresso de Vienna, que se en-

tretinha a imitar-me. Assim soube a tempo que os ministros de França tinham persuadido o congresso a que eu fosse tirado da ilha d'Elba para me desterrarem para Sancta Helena. Custou-me, com effeito, a crer que o Imperador da Russia se resolvesse a quebrar tão cedo a fé dos tractados; porque eu sempre fiz muito bom conceito do seu character: com tudo tive esta certeza, e meditei no modo de me livrar da sorte que me destinavam.

Meus pequenos meios de defeza não podiam durar muito; e neste caso procurei crear outros maiores, para me pôr em estado de apparecer outra vez temivel diante de meus inimigos.

A França não tinha confiança em seu governo, nem este tambem a tinha na França. A nação havia percebido que seus interesses não eram os do throno, e que os do throno não eram os seus: era uma traição mutua, que devia perder a ambos. Era pois tempo de a prevenir; e então concebi um projecto que parecerá atrevido na historia, mas que na realidade era muito racional.

Pensei em tornar a sentar-me sobre o throno de França. Por fracas que fossem minhas forças, ellas eram ainda maiores, que as dos realistas; porque eu tinha por alliado a honra da França, que nunca morre em coração dos Francezes.

Confiei pois tudo d'esta alliança. Passei revista á minha pouca tropa, para quem destinava empreza tamanha. Os soldados estavam rôtos, porque nunca tive com que os vestir de novo, mas para supprir esta falta tinham corações intrepidos.

Não gastei muito tempo em preparar-me, porque não levei senão armas. Pensei que os Francezes nos dariam tudo. O coronel inglez, que estava destinado para vigiar-me, tinha ido divertir-se para Liorne, e eu dei á vella com muito bom vento.

A nossa pequena frotilha não soffreu nada, e nós fizemos a passagem em cinco dias. Avistei em fim as costas de França, perto d'aquelle mesmo logar, em que eu havia desembarcado quinze annos antes da minha volta do Egypto. A fortuna parecia favorecer-me como então; e como então eu voltava á mesma terra de gloria, para reanimar suas aguias, e restituir-lhe a independencia.

Desembarquei sem obstaculo, e achei-me em França; mas eu agora era infeliz. Meu cortejo não se compunha senão d'um punhado de amigos e companheiros d'armas,

que tinham querido participar comigo da felicidade e da desgraça. Mas esta mesma circumstancia servia para excitar o respeito e o amor dos Francezes.

Não tinha plano algum determinado, porque conhecia vagamente o que se passava: as minhas decisões dependiam dos successos. Havia unicamente tomado certas resoluções para casos prováveis.

Eu só tinha um caminho que podesse tomar, porque necessitava d'um ponto de apoio; e Grenoble era a unica praça forte mais visinha. Marchei, portanto, rapidamente para Grenoble, a fim de conhecer o que podia esperar da minha empreza. O bom acolhimento que alli tive foi superior ao que eu esperava, e me confirmou no meu projecto. Vi que a porção do povo, que não estava corrompida pelas paixões nem pelos interesses, conservava um character energico, que se envergonhava da humilhação que soffria.

Descobri em fim as primeiras tropas que se mandaram marchar contra mim, e que se compunham dos meus proprios soldados. Fui-me direito a ellas sem medo, tão certo eu estava que não ousariam atirar-me. E como o fariam, vendo o seu Imperador, que marchava á frente d'esses velhos mestres da guerra, que lhes haviam por tantas vezes ensinado o caminho das batalhas? Eu era ainda o mesmo homem, pois que vinha restituir-lhes a independencia com as minhas aguias.

Assim, quem poderia crer que soldados Francezes por um momento hesitassem entre juramentos de formula, dados debaixo de bandeiras estrangeiras, e a fé que tinham jurado áquelle que vinha libertar-lhes a patria?

O povo e os soldados receberam-me com as mesmas demonstrações de alegria. Estas demonstrações e estes vivas eram o meu unico cortejo, mas equivaliam bem a todas as pompas, porque me promettiam o throno.

Esperava achar tal ou qual resistencia nos realistas, porém enganai-me: não me fizeram nenhuma, e entrei em Paris sem os ver, excepto ás janellas. Nunca houve empreza, por mais temeraria que pareça, que menos custasse a effectuar-se: mas a razão é porque ella era do gosto do povo, e que tudo é facil quando se segue a opinião.

A revolução terminou-se em vinte dias sem ter custado uma só gota de sangue. A França mudou de figura, e os realistas cor-

reram a pedir soccorro aos alliados. A nação, restituída ao que era, recobrou sua altivez. Ella era livre, porque tornando-me a pôr sobre o throno, acabava de fazer o maior acto de espontaneidade que compete ás nações. Sim, eu não entrei em Paris senão por sua expressa vontade, porque era impossivel poder lá entrar por força, só com os meus 600 soldados. Vê-se pois, que ella não me temia como Principe, e que me amava como seu salvador. A grandeza de minha empreza fez esquecer meus revêzes, e me restituiu a confiança dos Francezes. Eu era de novo o homem da sua escolha.

Nunca a totalidade de nação alguma se expôz, como a franceza, a uma tão perigosa situação, com tanta boa vontade e intrepidez; porque não olhou para o perigo nem para as consequencias. O amor da independencia inflammou aquelle povo, que a historia collocará acima de todos.

Eu tinha recusado a paz que se me offerceu em Chatillon, porque era então Imperador dos Francezes, e por ella era forçado a descer muito. Mas nesta occasião já podia accetar a mesma que se concedeu aos *Bourbons*, porque vinha da ilha d'Elba, e o homem pôde sempre parar quando sobe, porém nunca quando desce.

Persuadi-me que a Europa, aturdida com a minha volta, e com a energia do povo francez, recearia renovar a guerra com uma nação, cuja temeridade estava vendo, e com um homem que só por si tinha um character mais forte de que todos os seus exercitos.

Assim teria acontecido se o congresso se dissolvesse, e podessemos ter tractado separadamente com os soberanos. Mas o amor proprio os estimulou, porque estavam todos junctos; e meus esforços para manter a paz nada poderam conseguir.

Deveria ter previsto este resultado, e aproveitar-me immediatamente do primeiro entusiasmo do povo, para mostrar ao mundo quanto ainda eramos temiveis; porque o inimigo teria então desanimado vendo a nossa ousadia. Porém elle não viu senão fraqueza e indecisão em todos os meus passos, e viu bem; por que eu já não obrava segundo o meu character.

Meu ar pacifico adormeceu a nação, porque lhe dei a entender que a paz era possivel. Desde esse momento todo o meu systema de defeza se perdeu, porque os meios de resistencia ficaram sendo inferiores ao perigo,

Era preciso começar de novo outra revolução para poder ter todos os recursos que ella dá: era preciso exaltar todas as paixões para aproveitar de sua cegueira: sem isto, eu não podia salvar a França.

Eu poderia ainda depois conter esta segunda revolução, como fiz na primeira, porém nunca gostei das tempestades populares, porque nunca ha força bastante para as dirigir. E pensando assim enganei-me, persuadido de que a pezar d'isto, ainda poderia defender as Thermopylas, carregando as armas em doze tempos.

Pretendi, todavia, sempre operar uma parte d'esta revolução, como se já estivesse esquecido de que todas as meias-medidas não prestam para nada. Offereci á nação a liberdade, porque ella se queixava de que eu não lha tinha dado no meu primeiro reinado. Esta liberdade produziu o seu effeito ordinario; fallou muito, e nada fez. Além d'isto, a classe Imperial desgostou-se, por que eu arruinava o systema, de que dependiam seus interesses; a totalidade da nação não fez caso d'isso, porque pouco lhe importa a liberdade; e os republicanos desconfiaram do meu proceder, porque não era conforme ao meu character.

Fui, portanto, eu mesmo aquelle que desuni o Estado. Isto vi eu logo, mas contava com restituir-lhe a união por meio da guerra. A França acabava de erguer-se com tamanha altivez, tinha mostrado tamanho desprezo pelo futuro, e a sua causa era tão justa, (pois que dimanava do direito sagrado de todas as nações) que esperei ver todo o povo correr ás armas assim que ouvisse as vozes da honra e da indignação. Mas já era tarde; a occasião tinha fugido.

Conheci então todo o perigo da minha posição: medi o ataque com a defeza, e vi que não estavam em proporção. Entrei a desconfiar de meus meios, porém era já tarde para o dizer. Por uma triste fatalidade ainda, senti-me doente nas vespervas da crise, e achei-me com um espirito abatido dentro d'um corpo enfermo. Os exercitos se avançavam. No meu havia, da parte dos soldados, muita determinação e enthusiasmo, porém não succedia o mesmo com os chefes. Estes já estavam cansados, já não eram moços, já tinham guerreado por muitos annos, já tinham terras e palacios, e ElRei lhes tinha conservado seus bens e suas dignidades. Íam agora, como aventureiros, arriscar tudo comigo. Tornavam a começar a

carreira; porém por mais que se goste da vida, pouca gente haverá que queira passar a mesma duas vezes: assim era exigir muito da natureza humana.

Parti finalmente para o quartel-general, eu só contra o mundo inteiro. Procurei combater-o, e a victoria nos foi fiel no primeiro dia, mas desamparou-nos no segundo. Ficamos vencidos, e a gloria de nossas armas morreu nos mesmos campos em que havia nascido vinte e trez annos antes.

Ainda poderia defender-me, porque meus soldados nunca me haviam de desamparar; porém a guerra só era feita contra mim. Pediram aos Francezes que me entregassem a meus inimigos, mas exigindo d'elles tal baixez era forçal-os a não largarem as armas. Eu não merecia tamanho sacrificio; abdi-quei. Nem eu em tal caso já podia escolher: decidido a entregar-me aos inimigos, esperava que se contentassem com o refens que se ía metter em suas mãos, e que dessem a corôa a meu filho. Era impossivel dar-lhe o throno em 1814, mas não o era já em 1815. Eu não digo as razões; mas a posteridade talvez as dirá.

Não sahi de França senão no momento em que o inimigo já se approximava do meu retiro. Em quanto vi Francezes á roda de mim, quiz estar no meio d'elles, só e sem armas: era a ultima prova de confiança e d'amor que lhes podia dar. Era a declaração grande e solemne que eu fazia de sua lealdade á face do mundo.

A França respeitou em mim a desgraça até o momento em que eu deixei para sempre o seu terreno. Poderia ter ido para a America, e dar o espectáculo da minha queda ao novo mundo; porém depois de haver reinado em França, não me convinha aviltar seu throno, correndo após d'outra gloria.

Agora prisioneiro noutra hemispherio, só tenho que defender a reputação que a historia me prepara. Ella dirá, — que um homem, por quem um povo inteiro se sacrificou, não podia ter tão pouco merecimento como seus contemporaneos affirmam.

Publicando a correspondencia, que nos dirigiu o Sr. Vicente da Silveira, tencionavamos commental-a, e manifestar nossa opinião a respeito do plano de reforma nella apresentado, para levantar a sociedade Philantropico-Academica do abatimento, em que

jaz mas não o podendo agora fazer por falta d'espaco, limitamo-nos sómente em o recomendar ao zelo e caridade da Direcção da Sociedade, não podendo deixar por esta occasião de louvar as vistas philantropicas e humanitarias, que inspiraram a seu auctor a idéa d'estabelecer uma loteria em ponto pequeno, com o fim de augmentar o pequeno capital de caridade.

Alexandre Meyrelles.

Rogamos ao nosso amigo e Senhor Meyrelles o favor de publicar na sua *Revista Academica* o seguinte artigo, que escrevemos com muito bons desejos de que elle possa chamar a attenção d'alguem sobre o seu objecto, que nos parece importante e muito digno de ser tractado depois com mais alguma elasticidade, o que nesta occasião não podemos fazer, visto ser o ultimo n.º da *Revista*, que ha a publicar neste anno, e haverem já outras materias de não pouca importancia, que pela sua antiguidade devem occupar nelle o primeiro logar.

Vamos fallar da *Sociedade Philantropico-Academica*, d'essa mãe de tantos infelizes, que dotados de talentos, de resignação e de força para alcançarem a posição que lhes parece predestinada na Sociedade, que devem elevar e libertar da ignorancia, não têm comtudo noutra parte os meios pecuniarios, que os deve aproximar do seu generoso fim.

A *Sociedade Philantropica* existe ha annos; e graças aos esforços de todas as Direcções, que a têm representado, ella tem conseguido educar alguns jovens sem fortuna, mas animados da melhor vontade de se instruirem e de serem uteis á sua patria, partilhando com ella esse fructo espeical, que receberam de Deus e que cultivaram depois com ardor para com elle alimentar os seus semelhantes.

Ninguem aqui duvida de que a maior parte dos bons estudantes sahem sempre do numero dos que menos fortuna possuem. Não queremos dizer com isto que o talento existe onde está a pobreza: o que queremos fazer sentir é que ordinariamente quem tem menos é que mais trabalha, e que se alguem se dedica a esta vida sendo pobre — é porque sente uma vocação muito pronunciada pela sciencia. — Poderámos citar muitos exemplos; mas escrevemos em Coimbra e para quem sabe isto tão bem como nós.

Entretanto a *Sociedade Philantropico-Academica* definha-se de dia para dia. Emvão se procura fazer conhecer a verdade do que acabamos de escrever e de invocar a compaixão do rico em favor d'homens, que não nasceram para viver na obscuridade, mas sim para iustruir. A *Sociedade* apenas pôde proteger cinco ou seis jovens, mas de sorte que difficilmente lhes mata a fome concedendo-lhes uma moeda mensal!

Os fundos da *Philantropica* provém principalmente d'uma subscrição entre estudantes, bachareis e lentes. A sua cobrança não se pôde fazer regularmente: a inefficacidade dos esforços, que se empregaram para o conseguir o tem assás provado. Depois — a sua organização parece-nos defeituosa; e é talvez a ella, exclusivamente a ella que devemos attribuir a falta de socios, a repugnancia dos poucos que ainda contribuem, e outros motivos de desgosto para cada uma das *Direcções*.

Conhecidas as vantagens da existencia de uma *sociedade* que tenha por fim a educação de jovens talentosos, e que nada podem por si mesmos — porque nasceram pobres; — considerando que sem produzir uma differença sensivel nos haveres de cada um dos contribuintes se pôde conseguir o fim da *Philantropica*, e que sendo já um axioma que a felicidade d'um povo depende intimamente da sua maior instrucção — ¿ porquê havemos de ficar calados e não levantaremos a nossa voz em favor d'uma associação, que tem em vista tornar-nos felizes em troco d'uma contribuição tão excessivamente mesquinha? Na verdade não provaríamos com isto senão que desejamos viver na ignorancia, na estupidez, — e que o rico quer sempre *a todo custo* ser superior ao pobre.

A *Philantropica* não tem meios — não pôde nem poderá nunca soccorrer mais de cinco ou seis infelizes, se continuar havendo os seus recursos pelas mesmas vias que tem seguido até hoje. Porque senão tracta de procurar-lhe outros recursos? Não seria bom que buscássemos na *loteria* um meio effiz e seguro para que a *sociedade* pudesse sustentar-se e prosperar? Por ventura encontraríamos nós opposição no governo se tentássemos a sua organização? Não seria o seu producto tão bem applicado como o é o da *loteria da Misericordia*? Porque não havíamos de considerar estas loterias bem como duas irmãs trabalhando ambas em favor dos desvalidos, da virtude e do merito? Julgar-

se-ia que senão poderiam distribuir por todo Portugal, e entre socios, mais uns dois mil e tantos bilhetes sem atacar os interesses da Misericordia? Rir-nos-hiamos se alguém nos apresentasse esta objecção.

Por agora ficamos aqui, porque nos falta o espaço.

Vicente da Silveira.

POESIA

RECITADA

THEATRO DA VILLA DO CARTAXO

PELA OCCASIAO DO BENEFICIO

INUNDADOS DO RIBATEJO.

Quem ha que no mundo descrente sorria,
Desdenhe, conteste de Deus o poder?
Quem cheio d'orgulho os olhos desvia
Do pó de que veiu, e a que hade volver?

Quem é que do luxo, do fausto e riqueza,
Seduz e deslumbra seu falso luzir?
E louco e vaidoso da sua grandeza
A fome, a miseria contempla a sorrir?

Quem é que no ouro se engolfa, se enleva,
Que o pobre em trabalho e fadigas lhe deu?
E o pobre despreza que a prece lhe leva,
Pedindo uma esmola—d'aquillo que é seu?—

Riqueza o que vale, se dura um instante?
Orgulho e soberba, que podem, que são?
A planta rasteira e o cedro gigante
Um sôpro de Deus nivela-os no chão.

Pompeia, Herculanium, cidades famosas,
Lá jazem submersas, envoltas no pó!
Imperios, cidades, campinas formosas
A mão do destino esmaga sem dó.

De Deus aos decretos a fronte curvemos...
Arcanos do Eterno quem ousa sondar?
Se o pranto inda corre do mal que soffremos,
Do Céu doce esperança nos vem animar.

Arroja-se o Tejo por sobre a ramagem
Das verdes campinas já quasi a florir,
E alaga e destroe na horrenda voragem
As galas que a terra começa a vestir.

Recresce a corrente, e a messe tenrinha
D'envolta com as aguas se perde, se vai;
Ao choço abraçada singela florinha
Resiste, mas cede— no abysmo descai.

Vetusto arvoredado se acurva, se dobra,
Estala em pedaços na lucta por fim:
Indomita a furia do Tejo redobra,
Que nunca tão forte se viu outra assim.

Do rico a herdade no chão abatida
Ao lado da choça do pobre zagal!...
Às vezes o Eterno nos trances da vida
Ensina aos humanos a lei fraternal.

Por sobre ruinas as aguas crescendo
Sepultam do pobre e do rico o haver:
Aquillo que os homens separam, podendo,
Unido lá fica no lodo a jazer!

De Deus aos decretos a fronte curvemos...
Arcanos do Eterno quem ousa sondar!
Se o pranto inda corre do mal que soffremos,
Do Céu doce esperança nos vem animar.

Os povos dispersos, sem pão nem abrigo,
Em pranto e gemidos supplicam perdão:
E Deus que dos homens é sempre o amigo,
Aos homens estende benefica mão.

Centelha divina, do Céu pura essencia,
Na terra se espalha com vivo fulgor,
E o fogo sagrado da BENEFICENCIA
Se accende no peito de servo, e senhor.

Bem hajam aquelles que vem caridosos
Ao pobre que geme soccorro offertar!
Bem hajam aquelles que vem pressurosos
Ao triste que chora seu pranto enxugar!

J. M. VELLOSO.

Abaixo publicamos um importante trabalho, producto das lucubrações d'um compatriota nosso, o Sr. J. C. A'Nell de Medeiros, que honra sobremaneira seu auctor, segundo nos têm informado pessoas competentemente habilitadas, e que nos arrojados calculos do nosso joven Mathematico e na

exactidão e precisão com que os expõe, divisam uma d'essas naturezas ferteis d'invenção a cuja tenacidade as sciencias devem o seu progresso e desinvolvimento.

A *Revista* folga de ter mais um Açoreanos em o numero de seus redactores.

Pena é que tão útil como honrosa coadjuvação viesse tão tarde; mas a culpa não foi nossa, mas da modestia do Sr. Medeiros, que possuindo alguns trabalhos d'este genero não se lembrou, que o homem não só pertence a si, mas á sociedade, e que não só no mundo physico, mas no mundo moral, há thesouros que escondel-os é um crime.

Ouvimos com prazer, que o Sr. Medeiros possuia uma natural propensão para as Mathematicas, e que o sabio professor de Mathematica o Sr. Rufino tencionava condecoral-o este anno com o premio devido ao seu trabalho e talento; e o nosso prazer foi tanto maior por ser o Sr. Medeiros natural d'uma ilha dos Açores, do Fayal.

Os premios, quando recahem sobre capacidades como a do Sr. Medeiros honram não só os discipulos, que o recebem, como os mestres, que os liberalisam; são alem d'isso um poderoso estímulo para infundir na juventude o amor da sciencia; do contrario constituem uma moeda depreciada, aviltam aquelles que os dão e aquelles que os recebem, e produzem um effeito desastroso em muitos corações generosos, que não vendo premio nem o trabalho, nem o talento, deduzem a consequencia que o pedantismo e a corrupção são os unicos degraus para ganhar as coroas da sciencia.

Se o tempo e o espaço nos não faltassem haviamos d'expôr mais extensamente as nossas idéas a tal respeito, e fal-o-iamos tanto mais desassombrados, quanto não nos poderiam accusar de abrigarmos a tal respeito o mais pequeno interesse.

Enchemo-nos sempre de tanta satisfacção quando temos de louvar uma acção nobre ou de prestar culto ao talento, que com a mão sobre o coração podemos aqui dizel-o neste jornal, redigido por Academicos, e lido principalmente por Academicos, que uma accusação de tal natureza nos faria, quando muito, rir de compaixão.

O trabalho do Sr. Medeiros versa sobre uma demonstração da regra de Cramer.

Esta demonstração a pesar de não differir essencialmente da que se encontra na 2.^a traducção da Algebra Elementar de Fran-

coeur (pag. 180 nota) differe com tudo muito sensivelmente em que os principios, que lhe servem de base são deduzidos do texto por inducção, em quanto que aqui estão demonstrados em toda a sua generalidade: colhemos esta informação de pessoa que nos merece todo o credito, e por isso folgamos de lhe darmos publicidade.

Com estes trabalhos a mocidade Academica honra-se a si e á patria.

Ha mezes um jornal de S. Miguel transcrevendo um artigo do nosso presado collega e amigo Manoel Alves Guerra, felicitava-se por se acharem á frente da *Revista* dous Açoreanos; este jornal teria agora de accrescenter mais um, o Sr. Medeiros.

A *Revista Academica* no seu ultimo dia d'este anno regista os seus nomes com saudade e agradece-lhes o nunca terem duvidado da sua existencia.

Quando este anno todos a criam morta, um brado d'enthusiasmo proferido por um mancebo dos Açores protestava, que ella havia de viver ainda, para morrer com honra, se a morte fosse inevitavel. É excusado dizer quem defendeu primeiro a honra do jornal e baste-nos só dizer, que foi aquelle a quem competia, mais do que a ninguém, o defendel-a.

Mas de pouco ou nada valeriam seus esforços, se não fossem soccorridos por outros de igual ou maior força.

Para que é tornar a repetir aqui, o que noutra parte já affirmámos, a respeito d'um dos nossos mais distinctos collegas na redacção d'este jornal, o Sr. Santos e Silva?

Sentimos porém ter de lamentar a falta de continuacção d'um bello e eloquente artigo do nosso amigo Sebastião de Carvalho sobre liberdade de commercio; bem como outro sobre areostação do nosso amigo o Sr. Albino Giraldes, com quanto das poucas paginas, que elle escreveu na *Revista* sobre tal objecto, se possa tirar ampla colheita de conhecimentos. Os afazeres porém do Sr. Giraldes, e o pouco tempo, que lhe resta dos seus estudos sobre Medecina servem-lhe de desculpa.

A traducção do nosso amigo Manoel Alves Guerra, que vem publicada sob o titulo de *Reflexões sobre o theatro Allemão*, que dizem ser de Benjamin Constant, é um trabalho digno de ser lido; e confiamos, que o Sr. Guerra, não deixará por concluida a elegante traducção que principiou.

Não nos lembra, que ficasse mais algum

artigo por concluir, a não ser o do Sr. Queiroz, sobre instituições de credito, artigo profundamente elaborado e que promettia muito. Ha tambem a Zoleida do Sr. Marrecos; mas o seu autor desculpa-se mui bem com o titulo que adoptou para o seu romance — *Canto que não teve principio, nem ha de ter fim.*

Faltou tambem ao Sr. Harcourt o concluir a sua introdução nos Estudos Historicos. Talvez que o Sr. Harcourt desfallecesse deante dos graves e importantes problemas da philosophia da historia.

Nem todos têm a poderosa e fecunda natureza de Robertson, de Cantu, de Thierry e d'Alexandre Herculano para abordar as regiões da historia.

Sem querermos dar a este artigo as proporções de critica litteraria, diriamos, que o estylo de que ordinariamente se serve o Sr. Harcourt é tão declamatorio, tão diffuso, e tão abundante de adjectivos, que nunca pôde ser esse o estylo de que deve usar o historiador philosopho.

O Sr. Harcourt muitas vezes parece esquecer-se, que escrever é exprimir o seu character e o seu pensamento.

O estylo litterario pelo contrario é para elle, um tecido artificial, como lhe chamava o nosso espirituoso amigo Santos e Silva, nas nossas palestras litterarias, um não sei que de estranho á alma, que se faz com a penna, como se faz com os dedos uma obra mechanica.

Na verdade o Sr. Harcourt possui no mais alto grau o segredo de desinvolver, de commentar, d'inchar, para assim me exprimir, uma idéa, mas em toda essa pompa de palavras, em todo esse mixtiforio d'idéas, onde está o ser real, que uma expressão verdadeira faria desaparecer como um sonho?

Resta-nos agora dizer duas palavras sobre um pequeno escripto, que principiamos, e que não pudemos levar ao cabo este anno, como haviamos promettido — *Paginas de vida intima*; os motivos vamos expol-os francamente aos nossos leitores; foram primeiramente esta natural repugnancia, que se tem sempre, quando o heroe do romance é o proprio individuo que escreve. Ha segredos, que devem ficar no fundo do coração; revelal-os é profanal-os.

O mundo d'hoje não merece, que lhe abramos os braços e o coração; é como a serpente enregelada, que depois d'aquecida rasgava as entranhas do seu bemfeitor.

Se lhe pintais os vossos affectos d'infancia, as caricias de vossa saneta mãe, e as doces virtudes de vossa irmã, clama que não sentis o que affirmaes, porque para elle nada disso existe; se julgando que elle vos ha de ouvir com bondade e indulgencia lhe revelais todos os erros, que a vossa inexperiencia vos fez praticar, todos os desvarios, que as vossas paixões vos fizeram commetter, julga-vos ainda mais corrupto, e inflamado d'um zelo hypocrita, da vossa ingenua confissão deduz as mais revoltantes consequencias.

Depois, quando empreehendemos este trabalho, tencionavamos limital-o sómente a dous a trez capitulos, e nuaca dar-lhe as proporções de *memorias*; alguém houve depois que nos estimulou a continuar. Na verdade pouco é o que temos escripto, mas sempre mais do que haviamos tencionado escrever.

O segundo motivo foi tambem a necessidade de dar cabimento em nossas columnas a outros artigos, que nos pareciam ser de maior interesse.

Ora eis aqui as razões em que nos estribamos para nos defendermos de não ter continuado, estas, se assim se podem chamar, pequenas *memorias* da nossa vida.

Deviamos ás nossas amáveis leitoras, que por vezes se hão dignado perguntar-nos pela continuação das *Paginas de vida intima*, esta explicação.

Comtudo, como infelizmente as havemos principiado, é força que um dia lhe demos remate; mais alguns annos de leitura e d'experiencia deverão dar-lhe um valor, que ellas, bem o sei, não possuem hoje, por isso que são escriptas por um mancebo, que muitas vezes tem o defeito de julgar os outros por si.

E como os acontecimentos da nossa vida occorridos em Coimbra tem a vantagem de serem de data mui recente, e como taes, mais presentes á nossa memoria, tencionamos publicar para o anno esta parte primeiro ainda que a segunda, a qual envolve o periodo todo da revolução de 1846 e 1847 em que tivemos a honra de nos alistarmos como voluntario. Reservamos assim para mais tarde a apreciação d'aquella gloriosa lucta, e dos characteres, que nella figuraram; porque essa historia precisa de ser meditada e reflectida.

Já não é assim a da nossa vida academica.

Promettemos ser francos não só no juizo litterario, que formarmos dos membros do Professorado, mas sobre a necessidade de reformar a velha legislação Academica. Queremos que um dia o Academico de Coimbra abrindo as paginas escriptas por um camarada, que, sempre que pôde, defendeu, nos limites traçados pela razão e pela justiça, a nobre causa da mocidade Academica, diga de nós estas palavras, que unicamente ambicionamos: «este bem mereceu de seus irmãos da Academia, este sempre que foi preciso levantar a voz contra a injustiça e oppressão, fel-o sem medo e com a mão sobre o coração.»

Se o destino permittir, que um dia, cansados de luctas e fadigas, venhamos repousar á sombra d'este antigo e glorioso edificio das letras, ser-nos-ha doce o folhear as paginas da nossa vida academica e repetir os nomes dos nossos camaradas e amigos.

Alexandre Meyrelles.

Demonstração geral da regra de Cramer.

1. Para formar todas as permutações, de que um numero qualquer n de letras é susceptivel, tomem-se duas primeiramente e permutem-se; no que não ha difficuldade. Para mais facil execução nas operações e mais symetria nos resultados, convém começar pelas primeiras duas, ou pelas ultimas duas letras.

Optando agora pelo primeiro methodo, eis o resultado:

$ab, ba.$

Á direita de cada uma d'estas permutações escreva-se a letra c fazendo-a percorrer successivamente os outros dois logares, a partir para a esquerda; por este processo se obterão todas as permutações das primeiras tres letras na forma seguinte:

$abc, acb, cab, bac, bca, cba.$

Á direita de cada um d'estes termos escreva-se a quarta letra d e percorram-se com ella todos os logares, como se fez precedentemente; acham-se por este processo todas as permutações das primeiras quatro letras a, b, c, d , como se segue:

$abcd, abdc, adbc, dacb, acbd, acdb,$

$adcb, dacb, cabd, cadb, cdab, dcab,$

$bacd, badc, bdac, dbac, bcad, bcda,$

$bdca, dbca, cbad, cbda, cdba, dcba.$

Procedendo successivamente do mesmo modo com as letras restantes, se vão formando todas as permutações de 5, 6, 7, ... até chegar ao numero n das letras, cujas permutações se pretendem.

É muito facil reconhecer o numero total das permutações, que se podem fazer com duas, tres, quatro e mais letras; mas isto não basta: é necessario saber determiná-lo *a priori* a respeito de qualquer numero n de letras.

Supponhamos pois, que é conhecido o numero total de permutações das $n-1$ letras, o qual designaremos por $P_{(n-1)}$: para obter todas as permutações das n letras a regra manda, que se faça percorrer á ultima letra todos os n logares de cada uma das $P_{(n-1)}$ permutações de $n-1$ letras; logo, o numero das permutações das n letras é:

$$P_{(n-1)} \times n.$$

Seja $n=2$: $P_{(n-1)}$ é igual a 1; e portanto, o numero de permutações de duas letras é: 1×2 . Seja $n=3$: o numero que se pertende, é $P_{(2)} \times 3 = 1 \times 2 \times 3$. Seja ainda $n=4$: o numero pedido será

$$P_{(3)} \times 4 = 1 \times 2 \times 3 \times 4.$$

Em geral: para um numero qualquer n de letras o numero total de permutações é: $1 \times 2 \times 3 \times 4 \times \dots \times n$.

Isto pôde servir para verificar, se o numero das permutações achadas pelo processo indicado está ou não completo.

Se houver excesso, o que mui difficilmente acontecerá, é porque se repetiu alguma permutação, que é preciso eliminar; mas, se houver defeito, cumpre, primeiro que tudo, verificar se se omittiu ou não algum dos logares, que a ultima letra devia percorrer; e, se com effeito não houve ommissão, o erro vem de mais longe, e é necessario ir corrigil-o aonde se encontrar. É evidente, que em qualquer dos casos o erro não está na regra do processo; mas no modo de proceder.

2. *Todas as permutações de n letras podem tomar-se duas a duas, que differam entre si sómente pela inversão de duas letras podendo estas ser quaesquer.*

Verifica-se este theorema nas permutações de duas letras *ab*, *ba*, e também nas de trez, escrevendo d'um lado as que se fazem com *ab* e do outro as que se fazem com *ba* d'este modo:

<i>abc</i>	<i>bac</i>
<i>acb</i>	<i>bca</i>
<i>cab</i>	<i>cba</i>

e praticando do mesmo modo a respeito das permutações restantes, não ha difficuldade em crer, que do mesmo modo se obtêm todos os termos, dois a dois, differindo tão sómente pela inversão das duas letras *a* e *b*; mas o principio é geral, e não se refere só á inversão das letras *a* e *b*. Em consequencia, vamos demonstrar, que, se elle é verdadeiro para os termos permutados de *m* letras, também o será para os termos de *m* + 1 letras das permutações immediatas; e assim concluiremos, que elle é verdadeiro em toda a sua generalidade; porque, tendo-o sido para os termos permutados de duas let-

$$\left(\frac{1 \times 2 \times 3 \times \dots \times m}{2} + \frac{1 \times 2 \times 3 \times \dots \times m}{2} \right) (m+1) = 1 \times 2 \times 3 \times \dots \times m \times (m+1)$$

me este numero estará completo; mas, pelo modo, porque effectuámos estas permutações, em nada se alterou a ordem primitiva das *m* letras, e, como a letra, que se introduziu novamente, não percorreu os *m* + 1 logares de *AαIεC* sem que n-uma ordem identica percorresse também os *m* + 1 logares de *AεIαC*, segue-se, que as letras antecedentes, intermedias e consequentes a respeito de *α* e *ε* conservam n-este resultado a mesma relação, em que estavam primitivamente; mas d'esta relação é que dependia differirem as permutações de *m* letras, duas a duas, sómente pela inversão de *α* e *ε*; logo, as permutações das *m* + 1 letras só differem, duas a duas, pela inversão de *α* e *ε*, como se pertendia demônstrar.

3. Supponhamos, que se separam as permutações pelos signaes + e —, passando d'um para o outro por cada logar, que uma letra percorre successivamente para formar uma permutação: digo, que os resultados terão o mesmo ou differente signal, confor-

tras, sêl-o-á para os que contiverem trez; e, sendo-o para estes, será também verdadeiro para os de quatro letras, e assim por diante.

Designemos por *α* e *ε* quaesquer duas letras; por *AαIεC* a expressão geral de todos os termos permutados de *m* letras, em que *α* e *ε* guardam esta mesma ordem, e por *AεIαC* a expressão geral de todos os termos permutados, em numero igual ao primeiro, das mesmas *m* letras, em que *α* e *ε* guardam a ordem inversa.

As letras *A*, *I*, *C* exprimem respectivamente as letras antecedentes, intermedias, e consequentes a respeito de *α* e *ε*, identicamente eguaes, no mesmo numero e na mesma ordem em ambas as expressões.

A somma das permutações das *m* letras é da forma:

$$\Sigma (A\alpha I\epsilon C, A\epsilon I\alpha C).$$

Introduzindo uma nova letra, de modo que ella percorra d'um e d'outro lado successiva e simultaneamente todos os *m* + 1 logares das permutações propostas, o numero das novas permutações será:

me este numero de logares for par ou impar.

Com effeito, se por um numero qualquer *n* de logares, que uma letra percorreu, se fez preceder o resultado de um dos signaes ±, á (*n* + 1)^a mudança immediata de logar se escreverá, por hypothese, o signal contrario; mas, se *n* é par ou impar, *n* + 1 será impar ou par; logo, se por todas as mudanças pares de logar se escreve o signal ±, por todas as mudanças impares se deverá escrever o signal contrario. Por tanto, dois termos quaesquer serão affectados dos mesmos signaes ou de signaes contrarios, conforme o numero de logares percorridos for em ambos par ou impar, ou em um d'elles for par ou impar e no outro impar ou par.

4. Dois termos, que só differirem entre si pela inversão de duas letras, serão affectados de signaes contrarios.

Como neste caso as letras antecedentes, intermedias, e consequentes correram o mesmo numero de logares, façamos abstracção

d'ellas, e para mais generalidade, imaginemos, que duas letras occupam duas posições entre as quaes medeia certo numero de logares, que as mesmas letras tem de percorrer para se collocarem inversamente. Em quanto nenhuma d'ellas se muda, o numero de logares percorridos é zero, e zero deve-se considerar como par, porque 0 ± 1 é impar. Ora, como as duas letras não podem occupar ao mesmo tempo o mesmo logar, segue-se, que, em quanto uma percorre n logares, a outra não póde percorrer senão $n - 1$; logo, a somma dos logares, que ambas percorrem para se inverterem, é $2n - 1$; mas, $2n - 1$ só póde representar um numero impar, sendo, como deve ser, n numero inteiro; logo, aonde houver inversão de duas letras ha numero impar de mudanças; logo, haverá mudança de signal (n.º 3).

5. Se todos os termos permutados d'um resultado forem alternadamente precedidos dos signaes + e -, é evidente, que o seu valor será perfeitamente nullo. Mas, se quizermos, que elle tenha um valor real, basta convencionar, que uma mesma letra accentuada de diferentes modos tenha diferentes valores.

Por conseguinte, se, depois de formadas todas as permutações de um numero qualquer de letras, accentuarmos todas estas em cada uma d'aquellas com os accentos ' " " " etc., escrevendo o accento ' sobre a segunda letra, o accento " sobre a terceira, e assim por diante, o resultado vem a compor-se de termos, nos quaes os mesmos accentos estão postos sobre letras diferentes, e portanto, são todos desiguaes; mas, sendo desiguaes, podem-se fazer preceder alternadamente dos signaes + e - sem que o polynomio se reduza a zero.

Ora, do que fica demonstrado (n.ºs 2 e 4) deduz-se, que um tal polynomio é da forma:

$$\left. \begin{aligned} ax + by + cz + \dots + r &= 0 \\ a'x + b'y + c'z + \dots + r' &= 0 \\ a''x + b''y + c''z + \dots + r'' &= 0 \\ \dots &\dots \\ a^{(n-1)}x + b^{(n-1)}y + c^{(n-1)}z + \dots + r^{(n-1)} &= 0 \end{aligned} \right\} \dots (1)$$

Tomemos a somma das permutações das $n - 1$ letras b, c, d, \dots até r exclusiva-

$$\Sigma (b'c'd'' \dots) = P_{(n-1)}, \quad \Sigma (bc'd''' \dots) = P_{(n-1)}, \quad \Sigma (bc'd'''' \dots) = P_{(n-1)} \dots$$

$$\Sigma (\pm (AaI\epsilon C - A\epsilon I\alpha C),$$

onde a mudança de α em ϵ dá:

$$\Sigma (\pm (A\epsilon I\epsilon C - A\epsilon I\epsilon C) = 0.$$

Portanto, se no polynomio, de que se tracta, for mudada uma letra em outra, o resultado será nullo.

6. Como um polynomio de n letras se forma do polynomio de $n - 1$, e como cada uma das n letras tem de passar por todos os accentos desde zero até $(n - 1)$ inclusive, e como finalmente por cada passagem se opera uma mudança de signal, podemos formar o polynomio de n letras, distribuindo por todas as letras de cada um dos termos do polynomio de $n - 1$ letras: 1.º todos os $n - 1$ accentos ' " " " \dots $(n - 1)$; 2.º todos os $n - 1$ accentos, excepto ' ; 3.º os $n - 1$ accentos, menos " \dots e finalmente os mesmos $n - 1$ accentos, excepto o ultimo $(n - 1)$; dando depois por factor commum a todos os diferentes termos d'estes polynomios, respectivamente, a letra que se quer introduzir 1.º com o signal + e sem accento; 2.º com o signal - e accento ' ; 3.º com o signal + e accento " ; \dots e finalmente com o signal \pm e o accento $(n - 1)$.

Note-se, que por este processo escreve-se o polynomio n vezes; e como de cada uma se multiplica pela nova letra, o resultado vem a ser precisamente $P_{(n-1)} \times n$; isto é: todas as $1 \times 2 \times 3 \times \dots \times (n - 1) \times n$ permutações de n letras; advertindo ainda, que o factor commum está acompanhado de quanto basta para indicar o logar, que deve occupar em cada uma das permutações com as respectivas mudanças de signal.

7. Sejam as n equações lineares;

mente, fazendo pela regra do n.º precedente os resultados:

Multipliquemos respectivamente as equações (1) por

$$\begin{array}{l}
 P_{(n-1)} - P'_{(n-1)}, P''_{(n-1)}, \dots, \pm P^{(n-1)}_{(n-1)} \\
 \left. \begin{array}{l}
 aP_{(n-1)} \\
 -a'P'_{(n-1)} \\
 u''P''_{(n-1)} \\
 \dots \\
 \pm a^{(n-1)}P_{(n-1)}
 \end{array} \right\} x + \left. \begin{array}{l}
 bP_{(n-1)} \\
 -b'P'_{(n-1)} \\
 +b''P''_{(n-1)} \\
 \dots \\
 \pm b^{(n-1)}P_{(n-1)}
 \end{array} \right\} y + \dots + rP_{(n-1)}
 \end{array}$$

(conforme for n impar ou par), e sommos os productos; teremos:

$$\left. \begin{array}{l}
 \dots + rP_{(n-1)} \\
 r'P'_{(n-1)} \\
 r''P''_{(n-1)} \\
 \dots \\
 \pm r^{(n-1)}P_{(n-1)}
 \end{array} \right\} = 0 \dots \dots (2)$$

É evidente, que pela introdução d'estes factores ficam ambos os membros em cada equação multiplicados pela mesma quantidade, e assim nenhuma d'ellas se altera. Mas, a multiplicação de $P_{(n-1)}$ por a , de $-P'_{(n-1)}$ por a' , de $P''_{(n-1)}$ por a'' , ... equivale á introdução da letra a no 1.º, 2.º, 3.º, ... logar de cada permutação das $n - 1$ letras b, c, d, \dots mudando alternadamente os signaes; logo, o coefficiente de x na equação

(2) é a somma das permutações das n letras a, b, c, \dots formadas pelo processo do n.º 1, e em perfeita conformidade com a hypothese do n.º 3 e com a convenção do n.º 5.

Ora, os coefficientes de y, z, \dots não são mais do que o mesmo coefficiente de x mudando a letra a em alguma das $n - 1$ letras b, c, d, \dots ; logo, são nullos (n.º 5). Por outro lado é claro, que a somma dos productos

$$rP_{(n-1)} - r'P'_{(n-1)} + r''P''_{(n-1)} - \dots \pm r^{(n-1)}P_{(n-1)}$$

a qual tambem não é mais do que o mesmo coefficiente de x com a mudança de a em r , não é nulla; porque r não entra na somma das permutações das n letras a, b, c, \dots ; portanto, chamando K ao coefficiente de x , a equação (2) fica reduzida a:

$$Kx + {}^aK_r = 0$$

designando aK_r o polynomio em que se con-

verte K depois que n -este se muda a em r ; e temos por consequencia final:

$$x = \frac{{}^aK_r}{K}$$

expressão formada segundo a regra de Cramer.

J. C. A'Nell de Medeiros.

Exhortação que fez a seus discipulos o professor da 3.ª cadeira do Lyceo Nacional d'Angra do Heroismo, no fim do exercicio público que fizeram nas disciplinas que haviam estudado, no anno de 1847.

Senhores, tendes concluido a recordação geral das doutrinas, que foram objecto das vossas lições, nos ultimos tempos do presente anno lectivo. A arena, que se offereceu ao desinvolvimento do vosso talento e applicação for certamente mui curta, mas o acahnado periodo de dous mezes não nos per-

mittiu fazer mais. Estas disciplinas são geralmente sabidas na prática; mas as suas demonstrações e principios fundamentaes, em que vos instruístes, são tão necessarios e importantes, que sem o seu perfeito conhecimento não se póde fazer progresso no estudo das outras disciplinas que são objecto d'esta aula.

Continuae pois na carreira dos estudos, como da estrada real, que conduz o homem á verdadeira felicidade. « As letras dizia o grande orador romano, amigas inseparaveis do homem, nunca lhe são molestas na car-

reira da vida. Formam na infancia; alentam na juventude; deleitam na velhice. Na desgraça animam e consolam; na prosperidade dão maior brilho ao esplendor da fortuna; entretêm de dia e de noite; servem de passatempo no labyrintho das cidades, de occupação nos campos, e de repouso e recreio nas fadigas das viagens. São o unico remedio poderoso contra esse achaque funesto, chamado aborrecimento, que devora o coração do homem ainda no meio das maiores riquezas e dignidades da terra. »

Plinio pensava do mesmo modo. Elle considerava o estudo como o unico preservativo efficaz e consolador de todos os males moraes. Mas talvez vos pareça encarecido e exagerado este elogio das letras, considerando no estudo dos elementos de quaesquer sciencias certa difficuldade e displicencia, que o fazem parecer ao principio fastidioso e amargo; mas se reflectirdes seriamente, achareis, que a docilidade e paciencia do discipulo juncta aos cuidados e desvelos do mestre aplanam o caminho e levam a mocidade a colher as rosas da sabedoria sem os espinhos que as cercam.

Horacio certamente não cogitou das doçuras do estudo, quando na sua carta aos Pisões nos pinta a vida do estudante como uma vida de martyr. Todas essas longas vigílias, todos esses frios e suores, e continuadas lucubrações são as maiores delicias e encantos da mocidade estudiosa.

E quaes são os officios e occupações do homem, que tambem se nos não figurem ao principio penosos e difficeis? Nossos antepassados ao abrirem a seus filhos as portas do mundo, apresentavam-lhes duas veredas, como unicas que conduziam á grandeza e á gloria—ou armas ou letras—era o passaporte que lhes davam para entrarem na vida social. Mas quão differentes são estes dous caminhos de grandeza e de gloria? O primeiro apresenta-se-nos todo juncado de flores, gozando quem por elle passa de todos os encantos e delicias da paz: o segundo um vasto campo de ruinas todo ensopado de sangue e alastrado de mortos, por onde o ceminhante a cada momento é sobresaltado e estrugido pelo continuo trovejar de instrumentos de guerra e de morte. Oh! que differença? A gloria das armas é com effeito brilhante, mas a das letras é mil vezes mais doce e preciosa. Não está sujeita como aquella ás vicissitudes da occasião e do tempo, nem como ella depende de tantos auxilios

estranhos. Nasce comnosco, é toda nossa. A superioridade que dá ao homem, está muito acima da que podem dar, o nascimento, a riqueza, e as honras; porque estas fontes de grandeza estão fóra da nós, ao passo que o espirito é propriedade nossa, constitue nossa essencia, é nós mesmos. Os louros do sabio não são como os do heroe manchados de sangue.

Segui pois, senhores, a carreira das letras que se vos abre neste Lyceu Nacional; empregae no estudo todo o vigor da vossa idade e talento esperançoso, para que depois sejais cidadãos sabios e virtuosos.

Um dos quadros mais primorosos que sahio da habil penna de *Tacito*, foi sem duvida o retrato que nos fez de *Helvidio Prisco*, senador romano. « Ainda mui moço, diz o annalista, já era conhecido pelo seu grande talento. Applicou-se com todo o ardor da sua idade aos estudos sublimes; não como a maior parte dos outros mancebos, para encobrir com um titulo pomposo a sua vida inutil e ociosa, mas para adquirir os conhecimentos necessarios para entrar no serviço público, e arrostar com firmeza e resolução as vicissitudes do tempo. Estes estudos lhe ensinaram a não conhecer outro bem e outro mal, senão a virtude e o vicio, e a ter como indifferente tudo o mais que fosse estranho á nossa alma. Foi bom filho, bom esposo, bom pae, bom amigo, bom senador, bom cidadão, 'numa palavra perfeito em todos os deveres da vida social. Intrepido e tenaz em deffender a sua opinião, quando a julgava justa e razoavel, desprezava igualmente as riquezas e a morte. Aborrecia tanto a tyrannia, que ameaçando-o um dia com a morte o imperador *Vespasiano*, que lhe não podia soffrer animo tão exempto e indomavel, lhe tornou: pódes matar-me, obrando assim, obras como é proprio de ti; e eu morrendo, farei o que é proprio de mim. »

Imitae, senhores, o exemplo de *Helvidio Prisco*. Vós estais na primavera da vida, dotados como elle, d'um talento todo florido de esperanças; applicae-vos aos estudos sublimes; colhei as luzes necessarias para bem servirdes quaesquer empregos ou occupações a que vos destineis; porque então sabios e virtuosos, como o senador romano, sereis bons filhos, bons esposos, bons paes, bons cidadãos, emfim as delicias e a gloria da vossa patria

56

17

Prço d'este Sapeleiro

Este Sapeleiro
do Sapeleiro
do Sapeleiro
do Sapeleiro

Sapeleiro
do Sapeleiro
do Sapeleiro
do Sapeleiro



Preço d'este Supplemento 400 réis.

Póde-se assignar remettendo directamente a importancia da assignatura ao Bedactor principal da REVISTA ACADEMICA, Alexandre Meyrelles, rua do Corpo de Deus n.º 34, em Coimbra. Toda a correspondencia deve ser franca de porte.

Subscreve-se para a REVISTA ACADEMICA—em Lisboa, na loja do Sr. Lavado, *Rua Augusta n.º 8*; no Porto, Braga e Guimarães, na loja do Sr. Moré; em S. Miguel, em casa do Sr. Manoel Cardoso d'Albergaria e Valle; na Terceira, em casa do Sr. José Bensabat; no Fayal, em casa do Sr. Rodrigo Alves Guerra.

